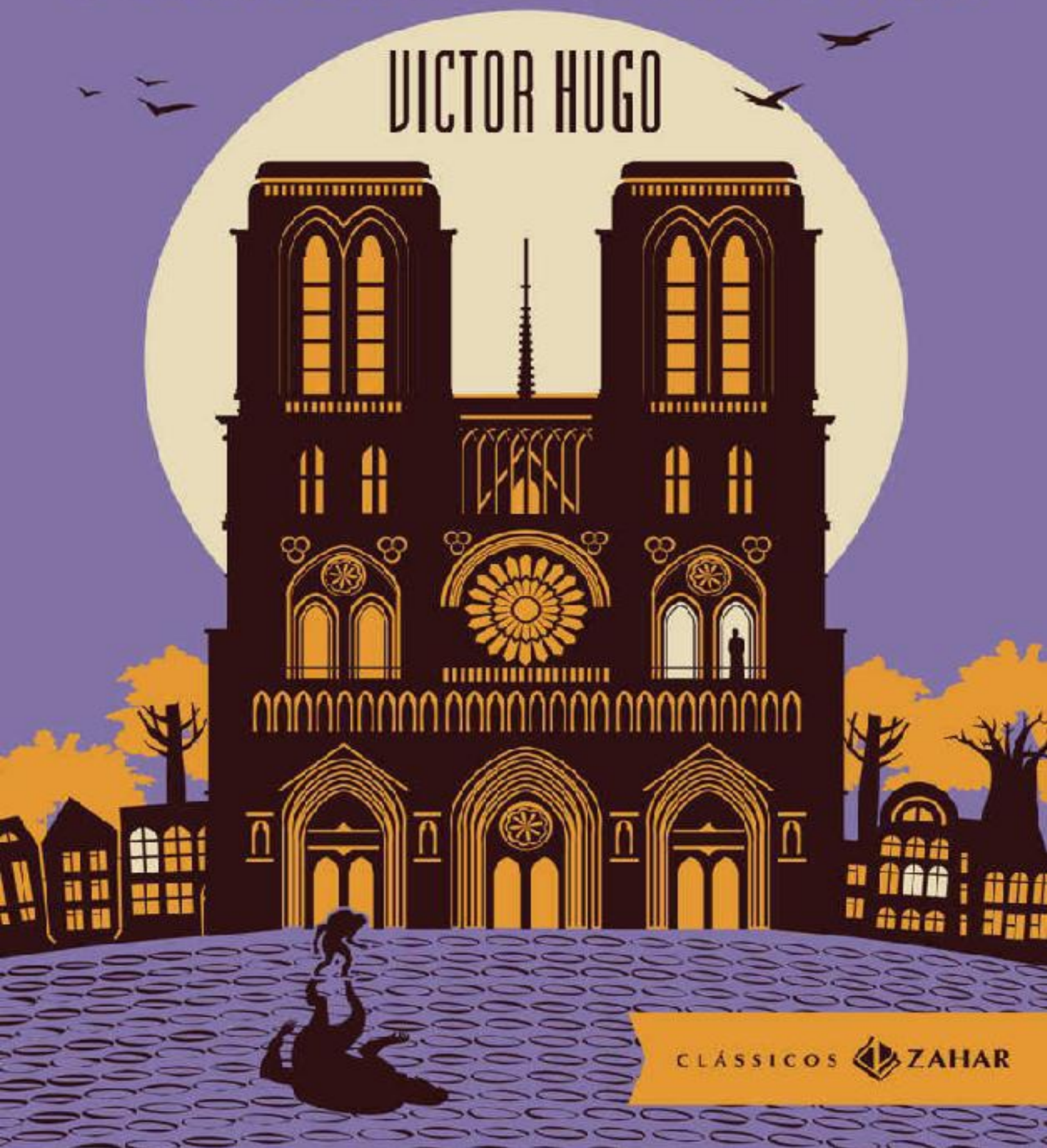


O CORCUNDA DE NOTRE DAME

VICTOR HUGO



CLÁSSICOS  ZAHAR



Victor Hugo

O CORCUNDA DE NOTRE DAME

Tradução:
Jorge Bastos



SUMÁRIO

Apresentação, por Jorge Bastos

Introdução

Nota de Victor Hugo à 8ª edição, de 1832

LIVRO UM

1. O grande salão
2. Pierre Gringoire
3. O sr. cardeal
4. Mestre Jacques Coppenole
5. Quasímodo
6. Esmeralda

LIVRO DOIS

1. De Caríbdes a Cila
2. A praça da Grève
3. *Besos para golpes*
4. Os inconvenientes de seguir uma mulher bonita à noite pelas ruas
5. Prolongam-se os inconvenientes
6. A moringa quebrada
7. Uma noite de núpcias

LIVRO TRÊS

1. Notre Dame
2. Paris num sobrevoo

LIVRO QUATRO

1. As boas almas
2. Claude Frollo

3. *Immanis pecoris custos, immanior ipse*
4. O cão e seu dono
5. Continuação de “Claude Frollo”
6. Impopularidade

LIVRO CINCO

1. Abbas beati Martini
2. Isto matará aquilo

LIVRO SEIS

1. Olhadela imparcial na antiga magistratura
2. O Buraco dos Ratos
3. História de um bolo com fermento de milho
4. Uma lágrima por uma gota d’água
5. Fim da história do bolo

LIVRO SETE

1. Sobre o perigo de confiar segredos a uma cabra
2. Não são o mesmo um padre e um filósofo
3. Os sinos
4. ‘ANÁΓKH
5. Os dois homens vestidos de preto
6. Efeito que sete imprecações ao ar livre podem produzir
7. O monge-papão
8. Utilidade das janelas que dão para o rio

LIVRO OITO

1. O escudo que virou folha seca
2. Continuação de “O escudo que virou folha seca”
3. Fim de “O escudo que virou folha seca”
4. *Lasciate ogni speranza*

5. A mãe
6. Três corações de homem diferentemente feitos

LIVRO NOVE

1. Febre
2. Corcunda, zarolho, manco
3. Surdo
4. Arenito e cristal
5. A chave da porta Vermelha
6. Continuação de “A chave da porta Vermelha”

LIVRO DEZ

1. Gringoire tem uma série de boas ideias, andando pela rua des Bernardins
2. Torne-se bandido
3. Viva a alegria!
4. Um amigo desastrado
5. O retiro em que o sr. Luís da França reza seu livro de horas
6. Navalha vadia
7. Châteaupers em socorro!

LIVRO ONZE

1. O sapatinho
2. *La creatura bella bianco vestita*
3. Casamento de Phoebus
4. Casamento de Quasímodo

APRESENTAÇÃO

Victor Marie Hugo nasceu em Besançon, França, em 26 de fevereiro de 1802. Filho caçula de Joseph Léopold Sigisbert Hugo e Sophie Trébuchet, viveu durante a infância entre Paris e Nápoles, e depois Espanha (1811-12). Desde cedo voltado para as letras, na adolescência concorreu em um concurso de poesia da Academia Francesa de Letras (que teria vencido, não fosse sua idade), participou da fundação da revista literária *Le Conservateur* e teve duas odes premiadas nos Jogos Florais de Toulouse. Em 1830, aos 28 anos, Victor Hugo já se impunha como poeta plenamente reconhecido e dramaturgo. Convicto de seu valor e almejando sempre a glória, sua prolífica obra, construída ao longo de cerca de sessenta anos, inclui dezenas de poemas, romances e peças.

Monarquista ultraconservador e católico na juventude, tornou-se, na idade madura e na velhice, o símbolo vivo de um republicanismo anticlerical. Em 1848 elegeu-se deputado pelo partido conservador, mas já no ano seguinte suas posições o faziam frequentemente ser vaiado por sua própria bancada e aplaudido pelos socialistas, ao fazer campanha contra a miséria e ao defender a obrigatoriedade do ensino público e laico. Era ainda pública e notória sua oposição à pena de morte.

Victor Hugo faleceu em 1885. Velado sob o Arco do Triunfo, calcula-se que um milhão de pessoas viram passar o “caixão dos pobres”, conforme desejo expresso em testamento, indo dos ChampsÉlysées à rua Soufflot, passando pelos bulevares Saint-Germain e Saint-Michel, até o Panteão nacional, onde seus restos mortais repousam até hoje.

Publicado em 1831, *Notre Dame de Paris, 1482*, título inicial do livro, fora encomendado um ano antes e foi escrito em pouquíssimos meses, a partir de volumosas anotações e leituras, para evitar pesadas multas por cada semana de atraso. A pressão gerou mágoas e não foi exatamente por falta de tempo

que as sete primeiras edições foram a público com três capítulos a menos do que a oitava e “definitiva” edição de 1832, já comercializada por outro editor. O imenso sucesso do romance garantiu a Victor Hugo uma glória literária – apesar de as críticas publicadas à época serem predominantemente negativas – que não pararia de crescer.

O que importa no romance é a evocação visual do cenário urbano de uma Paris ainda gótica, em que os personagens, porém, já estão distantes do estado de espírito que havia construído tantos edifícios monumentais. É a caracterização de uma época em que, graças à invenção de Gutenberg, o pensamento humano deixava uma forma de expressão para assumir outra, como tão magistralmente é desenvolvido no capítulo “Isto matará aquilo”, que traça um panorama da arquitetura através dos séculos e das civilizações.

Na composição do romance, Hugo utiliza com visível prazer nomes próprios e vocabulário diretamente extraídos das suas fontes históricas, mas sem abuso e sem querer criar um “estilo neogótico”, buscando “algo semelhante à vida, em que o bonito e o feio, o bem e o mal se misturam”. A ficção restaura a cidade e a catedral num momento – os seis primeiros meses do ano de 1482 – que nunca existiu propriamente, a não ser na trama de Hugo, para descrever o período social em que “a grande obra da humanidade não mais será construída, será impressa”. E Notre Dame, como edifício de transição de estilos, se apresenta “entre as velhas igrejas de Paris, uma espécie de quimera: tem a cabeça de uma, os membros de outra, otraseiro de uma terceira – e algo de todas”. É uma monstruosidade, mas exprime uma nuance da arte que, sem isso, se perderia.

Esse senso de monstruosidade, em que o feio e o sublime se misturam, está encarnado no sineiro da catedral, o corcunda Quasímodo. Entre os personagens, o arquidiácono Claude Frollo, a cigana Esmeralda, o poeta Pierre Gringoire e o capitão de Châteaupers simbolicamente têm tanta importância quanto Quasímodo, mas a monstruosidade faz dele um elemento tão medieval (como a cabra Djali) quanto a própria catedral, da qual ele “havia assumido a sua forma, como o caramujo toma a forma da concha”.

Dentre os aspectos de rigor científico e erudição do romance, chamam atenção as referências arquitetônicas e, mais ainda, as alquímicas, que vão além do simples colorido pitoresco e guiam toda a trama, marcada pela fatalidade.

Trata-se, enfim, de um grande romance da “idade heroica” dos grandes romances, entre o clássico e o folhetim, quando as regras da arte estavam sendo ainda estabelecidas. E Victor Hugo, junto com Balzac, Dumas e alguns outros, foi um dos seus mais importantes construtores.

Esta é uma versão reduzida da apresentação de Jorge Bastos para *O corcunda de Notre Dame: edição comentada e ilustrada*, publicado pela Zahar em 2013.

INTRODUÇÃO

Ao visitar, ou melhor, ao vasculhar a igreja de Notre Dame há alguns anos, o autor deste livro encontrou, num recanto obscuro de uma das torres, essa palavra gravada à mão numa parede:

‘ANÁΓKH¹

Essas maiúsculas gregas, negras de tão vetustas e profundamente entranhadas na pedra com não sei quais indícios particulares da caligrafia gótica em suas formas e maneiras, deixavam claro que fora mão da Idade Média a escrevê-las, mas foi sobretudo seu sentido lúgubre e fatal que causou grande impressão no autor.

Ele tentou imaginar ou adivinhar a alma aflita que não quisera deixar o mundo sem antes imprimir esse estigma de crime ou infelicidade no corpo da velha igreja.

Depois disso a parede foi caiada ou raspada (não sei mais), e a inscrição desapareceu. Pois é o que se faz há quase duzentos anos com as maravilhosas igrejas da Idade Média. São mutilações que vêm tanto de dentro quanto de fora. O padre pinta, o arquiteto raspa e depois vem o povo e as destrói.

Assim sendo, além dessa frágil lembrança do autor deste livro, nada mais resta da misteriosa palavra gravada na escura torre de Notre Dame e nada se sabe do destino que ela tão melancolicamente resumia. O homem que escreveu aquelas letras na parede há vários séculos desapareceu nas sucessivas gerações, como a palavra desapareceu da parede da igreja e a própria igreja talvez também desapareça.

Foi a partir dessa palavra que se escreveu este livro.

1. Ou *anankê*, em caracteres latinos, “necessidade” ou “fatalidade”.

NOTA DE VICTOR HUGO à 8ª EDIÇÃO, DE 1832

Foi um erro anunciar esta edição acrescida de capítulos *novos*. O correto seria dizer *inéditos*, pois se entendermos “novos” como “recentemente feitos”, os capítulos acrescentados não são novos. Foram escritos ao mesmo tempo que o restante da obra, datam da mesma época e se originaram no mesmo pensamento, ou seja, sempre fizeram parte do manuscrito de *O corcunda de Notre Dame*. Mas não se trata somente disso, e o autor não aceitaria que se acrescentassem a posteriori novos desenvolvimentos a uma obra desse tipo. Não é assim que se faz. Para o autor, um romance nasce por necessidade, de certa maneira, com todos os seus capítulos, como um drama nasce com todos os seus atos. Não creiam ser arbitrário o número de partes que compõe o todo, nesse misterioso microcosmo que chamamos drama ou romance. O enxerto ou o acréscimo não vinga em obras dessa natureza, que devem brotar de uma só vez e permanecer tais quais. Feita a coisa, não se volta atrás nem se remenda. Uma vez publicado o livro, uma vez reconhecido e proclamado o sexo da obra — viril ou não — e tendo a criança dado o seu primeiro grito, tendo nascido, a sorte está lançada, sem que o pai nem a mãe possam fazer mais nada. Deixem que viva ou morra como puder; ela pertence ao ar e ao sol. O livro se apresenta malogrado? Que seja. Não tente acrescentar capítulos a um livro que não deu certo. Parece incompleto? Durante a gestação é que deveria ter se completado. Não se endireitam árvores que crescem tortas. O romance é tísico? Inviável? Não se conseguirá dar a ele o oxigênio de que precisa. O drama nasceu capenga? Por favor, não lhe aplique uma perna de pau.

Assim sendo, é importante para o autor que o público saiba que os capítulos acrescentados não foram expressamente feitos para a presente edição. Só não apareceram nas precedentes tiragens do livro por um motivo bem simples: na época em que *O corcunda de Notre Dame* estava sendo impresso pela primeira vez, a pasta em que se encontravam esses três

capítulos extraviou-se. Era preciso reescrevê-los ou desistir deles. O autor considerou que os dois capítulos que tinham importância por seu alcance eram capítulos de arte e história, cuja ausência não comprometeria a essência do drama e do romance. O público não perceberia o desaparecimento daquelas páginas e ele, o autor, seria o único a ter conhecimento do segredo dessa lacuna. Decidiu, então, seguir adiante. Além disso, deve-se dizer, a preguiça o afastou da empreitada de reescrever três capítulos perdidos. Seria mais fácil compor um novo romance.

Agora, porém, os capítulos perdidos foram encontrados e aproveitou-se a primeira ocasião para que retomassem seu devido lugar.

Temos então a obra na íntegra, tal como sonhada pelo autor, tal como foi executada — boa ou má, perene ou frágil, mas como ele a imaginou.

Provavelmente esses capítulos recuperados apresentarão pouco interesse para as pessoas que, judiciosamente, só buscaram em *O corcunda de Notre Dame* o drama, o romance. Mas outros leitores talvez não achem inútil estudar o raciocínio estético e filosófico escondido no livro e apreciem, lendo-o, descobrir sob o romance algo além do romance, seguindo, que nos perdoem a expressão um tanto ambiciosa, a concepção histórica e a intenção do artista dentro da criação, como se faz com o poeta.

Para esses últimos leitores, principalmente, os capítulos acrescentados à presente edição haverão de completar *O corcunda de Notre Dame*, admitindo-se que valha a pena ser completado.

O autor exprime e desenvolve num desses capítulos — sobre a decadência atual da arquitetura e sobre a morte, segundo ele praticamente inevitável, dessa arte soberana — uma opinião infelizmente bem arraigada nele e bem meditada. Mas gostaria também de exprimir o quanto deseja que o futuro o desminta. Ele tem consciência de que a arte, sob todas as suas formas, pode confiar nas novas gerações, das quais se ouve pulsar, em nossos ateliês, o gênio ainda embrionário. A semente está em terra arada e a colheita com certeza será boa. Seu único receio, cujo motivo se explicita no segundo tomo desta edição, é que a seiva tenha já se retirado do velho solo da arquitetura que, por tantos séculos, foi o melhor chão para a arte.

No entanto, há hoje na juventude artística tanta vivacidade, força e, por assim dizer, predestinação que, nesse momento, mesmo em nossas escolas de arquitetura, detestáveis professores formam, contra a própria vontade, alunos

excelentes. Ao contrário do ceramista de que fala Horácio, que pensava ânforas e produzia moringas. *Currit rota, urceus exit.*

Em todo caso, qualquer que seja o futuro da arquitetura e a maneira como nossos jovens arquitetos, na expectativa dos novos monumentos, venham a resolver a questão dessa arte, conservemos os monumentos antigos. Inspiremos, se for possível, à nação o amor pela arquitetura nacional. É esta, declara o autor, uma das metas principais deste livro, uma das metas principais da sua vida.

O corcunda de Notre Dame talvez tenha aberto algumas perspectivas verdadeiras com relação à arte da Idade Média, essa arte maravilhosa até agora desconhecida por muitos ou, o que é ainda pior, equivocadamente conhecida por outros. Mas o autor está longe de considerar terminada a tarefa que voluntariamente se impôs. Em várias ocasiões ele já defendeu a causa da nossa velha arquitetura, já denunciou em voz alta profanações, demolições, impiedades. Não desanimará. Afirmou que muitas vezes voltaria a esse tema e assim haverá de fazer. Será tão incansável em defender nossos edifícios históricos quanto teimam em atacá-los os iconoclastas das escolas e academias. Pois é desolador ver em que mãos caiu a arquitetura da Idade Média e a maneira como os estucadores hoje tratam a ruína dessa grande arte. É inclusive vergonhoso para nós, homens inteligentes que os vemos agir e nos limitamos a vaiar. E não nos referimos apenas ao que acontece no interior do país, mas também ao que se faz em Paris, à nossa porta, debaixo das nossas janelas, na cidade grande, na cidade letrada, na cidade da imprensa, da palavra, do pensamento. Não podemos resistir à necessidade de apontar, para terminar essa nota, alguns atos de vandalismo diariamente projetados, debatidos, começados, continuados e tranquilamente levados adiante sob nossas vistas, sob as vistas do público culto de Paris, desafiando a crítica com desconcertante audácia. Acabam de demolir o arcebispado; o mal não é enorme, pois o edifício era de gosto duvidoso. Porém, junto com o arcebispado, demoliu-se o bispado, raro vestígio do século XIV que o arquiteto demolidor não soube distinguir do restante. Arrancou-se a espiga de trigo junto com o joio, sem distinção. Fala-se em derrubar a admirável capela de Vincennes, para utilizar as pedras em não sei qual fortificação, que não pareceu indispensável a Daumesnil. Enquanto se restaura a custos altíssimos o palácio Bourbon, de pouca valia, deixam que desabem sob o vento do

equinócio os magníficos vitrais da Sainte-Chapelle. Há alguns dias veem-se andaimes na torre de Saint-Jacques-de-la-Boucherie, e numa manhã dessas a picareta vai entrar em ação. Algum pedreiro construiu uma casinhola branca entre as veneráveis torres do Palácio da Justiça. Outro castrou Saint-Germain-des-Prés, a feudal abadia dos três campanários. Certamente outro haverá de derrubar Saint-Germain-l'Auxerrois, não tenham dúvida. São todos pedreiros que se dizem arquitetos, pagos pela prefeitura ou por outras fontes e que usam fardões verdes. Fazem todo mal de que é capaz o falso bom gosto contra o verdadeiro bom gosto. No momento em que escrevemos — espetáculo deplorável! —, um deles se apossou das Tuileries e golpeia a bela face de Philibert Delorme. Não é pequeno o escândalo da desfaçatez com que a pesada arquitetura desse referido senhor se intromete numa das mais delicadas fachadas do Renascimento!

PARIS, 20 DE OUTUBRO DE 1832

LIVRO UM

1. O grande salão

Faz hoje trezentos e quarenta e oito anos, seis meses e dezenove dias que os parisienses foram acordados ao som de todos os sinos, a plenas badaladas, na área que compreendia a Cité, a Universidade e a Cidade.

Aquele 6 de janeiro de 1482 não foi, porém, um dia do qual os historiadores tenham guardado qualquer recordação. Nada havia de notável no acontecimento que daquele jeito e já pela manhã agitava os sinos e os burgueses de Paris. Não se tratava de nenhum assalto armado de homens da Picardia ou da Borgonha, nem de qualquer relicário levado em procissão ou de alguma revolta estudantil no vinhedo de Laas. Menos ainda de um passeio do *nosso assim dito muito temido senhor, nosso rei*, ou sequer do enforcamento de algum malfeitor ou malfeitora pela Justiça de Paris. Nada a ver também com a chegada, tão frequente no século XV, de alguma embaixada extravagante e empenachada. Fazia apenas dois dias que o último desfile desse tipo, dos emissários flamengos encarregados de concluir os acertos para o casamento do delfim com Margarida de Flandres, tinha entrado em Paris, para infelicidade do sr. cardeal de Bourbon. Este, para não desagradar ao rei, precisou recepcionar todo aquele rústico tumulto de burgomestres flamengos e ainda homenageá-los, em seu palácio de Bourbon, com uma *mui bela moralidade, sotie e farsa*, enquanto uma chuva constante inundava à sua porta suas magníficas tapeçarias.

Naquele 6 de janeiro, o que agitava toda a população de Paris, como disse Jean de Troyes, era a dupla comemoração, coincidente desde tempos imemoriais, do dia de reis e da festa dos bufos.

Nesse dia, haveria fogueira comemorativa na Grève, plantação de maio na capela de Braque e mistério no Palácio da Justiça. O aviso havia circulado na véspera, ao som de trombeta, nos cruzamentos das ruas, por meio de enviados do sr. preboste, com belos trajes roxos de *camelot*, enfeitados por grandes cruzes brancas no peito.

Desde cedo e vinda de todo lugar, a multidão de burgueses e burguesas, deixando fechados lares e comércios, se encaminhava então a um dos três

locais designados, cada qual se decidindo pela fogueira comemorativa, pela árvore de maio ou pelo mistério. Louvando o velho bom senso da gente miúda de Paris, diga-se que a maior parte da multidão se dirigia à fogueira comemorativa, muito adequada ao inverno, ou ao mistério, que se representaria no grande salão bem protegido e fechado do palácio. Todos pareciam concordar que se deixasse a pobre árvore de maio pouco florida a bater os dentes sozinha, no cemitério da capela de Braque, sob o céu de janeiro.

O povo afluía sobretudo pelas avenidas do Palácio da Justiça, pois espalhara-se a notícia de que os embaixadores flamengos, chegados na antevéspera, assistiriam à representação do mistério e à eleição do papa dos bufos, que igualmente aconteceria no salão.

Não era coisa simples penetrar naquele dia no salão, conhecido, entretanto, como o maior recinto coberto do mundo (é verdade que Sauval não havia ainda medido o grande salão do castelo de Montargis). A praça do palácio, abarrotada de gente, oferecia aos curiosos às janelas o aspecto de um mar, no qual cinco ou seis ruas desembocavam como se fossem rios, vertendo constantes e renovados fluxos de cabeças. Vagas dessa multidão, incessantemente avolumadas, iam de encontro às casas, cujas esquinas se projetavam aqui e acolá como promontórios, na bacia irregular da praça. No centro da alta fachada gótica² do palácio, a grande escadaria se apresentava continuamente percorrida por uma dupla corrente nos dois sentidos, mas se quebrando no patamar intermediário e se espalhando em ondas mais largas pelas duas vertentes laterais. O fluxo dessa grande escadaria desaguava ininterruptamente, então, na praça, como uma cascata num lago. Gritos, risos, desordem de mil pés criavam enorme tumulto e imenso clamor.

De vez em quando essa vozeria e confusão redobravam, a corrente que empurrava toda aquela gente na direção da grande escadaria mudava de rumo, alvoroçava-se, turbilhonava. Era em protesto à grosseria de algum arqueiro ou cavaleiro da guarda do preboste, tentando restabelecer a ordem, numa admirável tradição que o preboste legou ao condestável, o condestável ao marechalato e o marechalato à nossa gendarmaria de Paris.

Portas, janelas, lucarnas e telhados formigavam com milhares de bons, calmos e honestos burgueses olhando o palácio, olhando o populacho e já se sentindo satisfeitos, pois muita gente em Paris se contenta com o espetáculo

dos espectadores ou considera coisa já bem curiosa uma parede atrás da qual se passa algum evento. Se fosse dado a nós, homens de 1830, nos projetarmos em pensamento até aqueles parisienses do século XV e entrarmos com eles aos empurrões, trancos e cotoveladas no imenso salão do palácio, tão estreito naquele 6 de janeiro de 1482, o espetáculo não deixaria de apresentar interesse e encanto, e teríamos à nossa volta coisas tão antigas que elas nos pareceriam novíssimas.

Se assim permitir o leitor, vamos tentar recuperar em pensamento a impressão que então experimentaríamos, atravessando a soleira daquele grande salão, no meio da multidão que vestia tabardo, túnica e vasquinha.

Para começar, murmurinho nos ouvidos, deslumbramento para os olhos. Acima de nossas cabeças, uma dupla abóbada em ogiva, revestida de lambris de madeira esculpida, pintada de azul, com flores de lis em douraduras. Sob nossos pés, um piso alternando mármore pretos e brancos. A poucos passos de nós, uma enorme coluna, depois outra e mais outra. Ao todo, sete colunas ao longo da sala, sustentando, a partir do meio da sua altura, as bases da dupla abóbada. Ao redor das quatro primeiras colunas, tendas de comerciantes, repletas de objetos reluzentes e brilhosos. Em torno das três outras, bancos de carvalho gastos e polidos pelos calções dos pleiteantes e pelas togas dos procuradores. Em volta da sala, em toda a extensão das grossas paredes, entre as portas, entre todas as quinas, entre as colunas, a interminável sequência de estátuas de todos os reis da França, desde Faramundo. Os reis que pouco fizeram têm os braços descansados e o olhar baixo, enquanto os reis valorosos e batalhadores são representados de cabeça e mãos corajosamente erguidas para o céu. Em seguida, nas compridas janelas ogivais, vitrais de mil cores. Nas amplas saídas do salão, ricas portas finamente esculpidas. De cima a baixo, o conjunto — com abóbadas, colunas, grossas paredes, alizares, lambris, portas, estátuas — é recoberto por esplêndida iluminura azul e dourada que, já um pouco gasta nessa época em que a admiramos, havia quase totalmente desaparecido sob a poeira e as teias de aranha no ano da graça de 1549, quando Du Breul a contemplou, por respeito à tradição.

Imaginemos agora esse imenso salão oblongo, sob a frouxa claridade de um dia do mês de janeiro, invadido por uma multidão colorida e barulhenta que deambula junto às paredes e contorna as sete colunas, e começaremos a

ter uma ideia geral ainda confusa de toda a cena, da qual vamos tentar indicar mais precisamente alguns detalhes curiosos.

É certo que se Ravailac não tivesse assassinado Henrique IV, não haveria processo Ravailac no arquivo do Palácio da Justiça, não haveria cúmplices interessados em fazer desaparecer peças desse processo e, portanto, não haveria incendiários, à falta de melhor alternativa, obrigados a queimar o arquivo para queimar as peças, e a queimar o Palácio da Justiça para queimar o arquivo; ou seja, resumindo, não haveria o incêndio de 1618. O velho palácio estaria ainda de pé, com seu velho grande salão, e eu poderia simplesmente dizer ao leitor: vá visitá-lo. Com isso estaríamos ambos liberados, eu de fazer e ele de ler toda essa descrição. São fatos que só comprovam essa verdade nova: os grandes acontecimentos têm consequências incalculáveis.

É muito possível, porém, que Ravailac não tivesse cúmplices ou que seus cúmplices, caso os houvesse, nada tivessem a ver com o incêndio de 1618. Existem duas outras explicações muito plausíveis. A primeira, a grande estrela de fogo, com um pé de largura e um côvado de altura, que caiu do céu, como todos sabem, bem em cima do palácio, em 7 de março, depois da meia-noite. A segunda se ilustra com a quadra de Théophile:

*Certes, ce fut un triste jeu
Quand à Paris dame Justice,
Pour avoir mangé trop d'épice,
Se mit tout le palais en feu.*³

O que quer que se pense dessa tripla explicação política, física ou poética para o incêndio de 1618 do Palácio da Justiça, o único fato infelizmente certo é o incêndio. Hoje em dia resta muito pouco do antigo edifício, devido a essa catástrofe e, ainda mais, às diversas e sucessivas restaurações que terminaram com o que o incêndio havia poupado. Resta muito pouco daquela primeira moradia dos reis da França, daquele palácio anterior ao Louvre, já tão velho no tempo de Filipe o Belo que nele se procuravam traços dos magníficos edifícios levantados pelo rei Roberto e descritos por Helgaldus. Quase tudo desapareceu. O que houve com o quarto da chancelaria, onde são Luís consumou seu matrimônio? E com o jardim em que ele dispensava justiça,

“vestindo uma cota de *camelot*, um tabardo de tiritana sem mangas e um manto de cendal escuro, estendido em tapetes, na companhia de Joinville”? Onde está o quarto do imperador Sigismundo? O de Carlos IV? O de João sem Terra? Onde está a escadaria em que Carlos VI promulgou seu édito de clemência? E a laje em que Marcel degolou, na presença do delfim, Robert de Clermont e o marechal de Champagne? O postigo através do qual foram rasgadas as bulas do antipapa Bento e de onde voltaram os que as haviam trazido, com capa e mitra de zombaria, obrigados a assim desfilar por toda Paris? E o grande salão com sua douradura, seu azul, suas ogivas, suas estátuas, colunas e imensa abóbada inteiramente esculpida? E o quarto dourado? E o leão de pedra que vigiava à porta, agachado, de cabeça baixa e o rabo entre as pernas, como os leões do trono de Salomão, em atitude de humildade, como deve a força se colocar diante da justiça? E as belas portas? Os belos vitrais? As fechaduras cinzeladas que tanto custaram a Biscornette? E a delicada marcenaria de Du Hancy?... O que fez o tempo, o que fizeram os homens de todas essas maravilhas? O que nos deram no lugar de tudo isso, de toda essa história gaulesa, de toda essa arte gótica? No tocante à arte, os pesados sarapanéis do sr. De Brosse, o bisonho arquiteto do portal Saint-Gervais, e, no referente à história, tagarelices na coluna central, vibrando ainda com o falatório dos símiles de Patru.

Não chega a ser muito. Voltemos ao verdadeiro grande salão do verdadeiro antigo palácio.

As duas extremidades daquele gigantesco paralelogramo eram ocupadas, uma pela famosa mesa de mármore, comprida, larga e espessa como nunca se viu *semelhante fatia no mundo*, segundo os velhos documentos de contas feudais, num estilo de abrir o apetite de Gargântua; outra pela capela em que Luís XI mandou que fizessem uma escultura sua, ajoelhado diante da Virgem, e para onde havia transportado, sem se preocupar com os dois nichos vazios que deixava na fileira das estátuas reais, as estátuas de Carlos Magno e são Luís, dois santos que ele achava terem muito crédito no céu, como reis da França. Essa capela, ainda recente, construída há apenas seis anos, era toda naquele gosto encantador de arquitetura delicada, de escultura maravilhosa, de fina e profunda cinzeladura em seus pormenores, que marca entre nós o final da era gótica e se perpetua até a metade do século XVI, nas feéricas fantasias do Renascimento. A pequena rosácea recortada, aberta acima do

portal, era uma particular obra-prima de leveza e graça, uma estrela de rendas, podia-se dizer.

No centro da sala, de frente para a porta principal, fora erguido um estrado coberto de brocado de ouro, encostado à parede, e nela um acesso particular, por meio de uma abertura no corredor do quarto dourado, que serviria para os enviados flamengos e outros personagens importantes convidados à representação do mistério.

Em cima da mesa de mármore é que, segundo a tradição, devia-se representar o mistério. Tinha sido preparada desde cedo. O rico tampo de mármore, todo riscado pelos saltos dos sapatos da gente do tribunal, suportava uma caixa de madeira de altura considerável, cuja superfície superior, visível para toda a sala, devia servir de teatro e o interior, oculto por cortinas, fazia as vezes de vestiário para os atores. Uma escada, ingenuamente apoiada do lado de fora, estabelecia a comunicação entre o palco e o vestiário, emprestando seus íngremes degraus para as entradas e saídas. Não havia personagem, por mais imprevisto, nem peripécia ou *coup de théâtre* que não tivesse que passar por essa escada. Inocente e venerável infância da arte e dos maquinismos!

Quatro guardas do bailio do palácio, guardiões obrigatórios de todas as alegrias do povo em dias de festa ou de execução, mantinham-se de pé, nos quatro cantos da mesa de mármore.

Somente ao soar a décima segunda pancada do grande relógio do palácio a peça teria início. Era sem dúvida tarde para uma apresentação teatral, mas fora preciso levar em consideração a disponibilidade dos embaixadores.

No entanto, a multidão ali presente aguardava desde cedo. Muitos daqueles honestos curiosos tremiam de frio já ao amanhecer, diante do grande degrau do palácio. Alguns inclusive diziam ter passado a noite diante do portão, para estar entre os primeiros a entrar. A multidão crescia a cada instante e, como água que transborda, começava a escorrer junto às paredes, a se acumular em torno dos pilares, a se esparramar pelos entablamentos, pelas cornijas, pelos apoios das janelas, por todas as saliências da arquitetura e todos os relevos da escultura. Também pelo incômodo, impaciência, tédio e descontração de um dia de ousadas e loucuras, brigas explodiam a qualquer pretexto, por um cotovelo mais pontudo, um sapato com chapa de ferro, pelo cansaço da longa espera; tudo isso já emprestava, bem antes da hora em que

os embaixadores deviam chegar, um tom áspero e amargo ao clamor daquela gente ali apertada, enclaustrada, pisoteada, abafada. Ouviam-se muitas queixas e imprecações contra os flamengos, assim como contra o preboste dos comerciantes, o cardeal de Bourbon, o bailio do palácio, dona Margarida da Áustria, os guardas com chibata, o frio, o calor, o mau tempo, o bispo de Paris, o papa dos bufos, as colunas, as estátuas, a porta fechada e a janela aberta. Tudo isso para a grande diversão de bandos de estudantes e serviçais dispersos na massa, misturando a todo aquele descontentamento mil zombarias e astúcias, alfinetando, por assim dizer, o mau humor geral.

Chamavam a atenção uns alegres endiabrados que, depois de forçar o vidro de uma janela, estavam tranquilamente sentados no entablamento e dali alternavam olhares e zombarias entre o interior e o exterior, entre a multidão da sala e a multidão da praça. Pelas imitações que faziam, pelos risos altos, pelos gritos debochados que trocavam com os colegas de um extremo a outro do salão, era fácil imaginar que aqueles jovens não sentiam o mesmo tédio e cansaço do resto dos espectadores e perfeitamente extraíam, do que tinham em volta, um espetáculo que os permitia esperar com paciência pelo outro.

— Por minha alma, é você, *Joannes Frollo de Molendino*! — gritou um deles a uma espécie de azougue de bonita e animada aparência, agarrado nos acantos de um capitel. — Tem mesmo um nome bem escolhido, Jehan du Moulin, pois seus braços e pernas mais parecem quatro pás batendo ao vento. Desde quando está aqui?

— Pela misericórdia do diabo — respondeu Joannes Frollo —, há mais de quatro horas, e espero que me sejam descontadas do tempo que eu for passar no purgatório. Cheguei a ouvir os oito chantres do rei da Sicília entoando o primeiro verseto da grande missa das sete horas na Sainte-Chapelle.

— Bons chantres — acrescentou o outro —, e com voz ainda mais afiada do que a ponta do boné que usam! Em vez de instituir uma missa para o venerável são João, o rei deveria ter se informado se ao venerável são João agrada o latim salmodiado com sotaque provençal.

— Foi para dar emprego a esses malditos chantres do rei da Sicília que se inventou isso! — gritou asperamente uma velha na multidão sob a janela. — Vejam só! Mil libras parisis por missa! E tiradas dos vendedores de peixes de água salgada do Halles de Paris, ainda por cima!



— *Por minha alma, é você, Joannes Frollo de Molendino!*

— Paz, velha! — emendou um gordo e careca personagem que tapava o nariz ao lado da vendedora de peixe. — Era preciso criar uma missa. Queria que nosso rei voltasse a ficar doente?

— Muito bem lembrado, dom Gilles Lecornu, mestre peleiro das roupas do rei! — gritou o estudante de cima do capitel.

Uma onda de riso de todos os colegas acompanhou o anúncio do nome infeliz do pobre peleiro das roupas do rei.

— Lecornu! Gilles Lecornu! — repetiam uns.

— *Cornutus et hirsutus* — acrescentou um outro.⁴

— Isso mesmo! É bem possível — continuou o demônio do capitel. — De que estão rindo? Honorável sr. Gilles Lecornu, irmão de mestre Jehan Lecornu, preboste da residência real, filho de mestre Mahiet Lecornu, principal porteiro do bosque de Vincennes, todos bons burgueses de Paris, todos casados, de geração em geração!

A alegria geral só fez aumentar. O gordo peleiro, sem nada dizer, tentava escapar dos olhares que vinham de todos os cantos, pregados nele, mas suava e se esbaforia em vão. Como uma cunha se enfiando na madeira, os esforços que fazia fixavam ainda mais, nas impressões de todos ao redor, seu rosto largo e apoplético, roxo de indignação e raiva.

Por fim, uma dessas pessoas, alguém como ele gordo, atarracado e venerável, quis ajudar.

— Abominação! Estudantes falando dessa maneira a um burguês! No meu tempo, seriam vergastados com varas que serviriam em seguida para queimá-los.

O bando inteiro se animou.

— Eieiei! Quem está cantando agora? Quem é essa coruja da desgraça?

— Ah! Eu sei — disse alguém. — É mestre Andry Musnier.

— É um dos quatro livreiros juramentados da Universidade! — disse outro.

— Tudo funciona por quatro nesse negócio — gritou um terceiro. — Quatro nações, quatro faculdades, quatro festas, quatro procuradores, quatro eleitores, quatro livreiros.

— Muito bem — disse Jehan Frollo —, vamos acrescentar o diabo ao quádruplo.

— Musnier, vamos queimar seus livros.

— Musnier, vamos espancar seu criado.

— Musnier, vamos cuidar da sua mulher.

— A boa e gorda sra. Oudarde.

— Que é viçosa e alegre como se viúva fosse.

— Que o diabo os carregue! — resmungou mestre Andry Musnier.

— Mestre Andry — voltou Jehan, ainda dependurado no capitel —, se não se calar, caio em cima da sua cabeça.

Mestre Andry ergueu os olhos, pareceu por um momento medir a altura da coluna, o peso gravitacional do engraçadinho, multiplicou mentalmente esse peso pelo quadrado da velocidade e preferiu se calar.

Jehan, sentindo-se dono do campo de batalha, continuou, em triunfo:

— Pois posso muito bem fazer isso, apesar de irmão de um arqui-diácono!

— Belos senhores esses da nossa Universidade! Nem respeitam nossos privilégios num dia como o de hoje! Temos árvore de maio e fogueira festiva na Cidade, mistério, papa dos bufos e embaixadores flamengos na Cité; e nada na Universidade!

— E olha que a praça Maubert é bem grande! — retomou um dos estudantes, com lugar no peitoril da janela.

— Abaixo o reitor, os eleitores e os procuradores! — gritou Joannes.

— Vamos fazer uma fogueira essa noite no Champ-Gaillard — continuou um colega — com os livros do mestre Andry.

— E as escrivatinhas dos copistas! — disse quem estava ao lado.

— E as vergastas dos bedéis!

— E as escarradeiras dos decanos!

— E as mesas em que comem os procuradores!

— E as despensas dos eleitores!

— E os escabelos do reitor!

— Abaixo! — insistiu Jehan em falsete. — Abaixo mestre Andry, os bedéis e os copistas. Abaixo os teólogos, os médicos e os fazedores de decretos, os procuradores, os eleitores e o reitor!

— É o fim do mundo! — murmurou mestre Andry, tapando os ouvidos.

— E, aliás, por falar no reitor! Vejam quem está passando ali na praça — gritou um dos que se sentavam à janela.

Quem pôde olhou para a praça.

— Será realmente nosso venerando reitor, mestre Thibaut? — perguntou Jehan Frollo du Moulin que, agarrado a um pilar do interior, não podia ver o que se passava fora.

— É ele sim — responderam os demais —, é ele, em pessoa, mestre Thibaut, o reitor.

De fato, era o reitor e todos os dignitários da Universidade que se dirigiam em procissão ao encontro da embaixada e, naquele momento, o grupo

atravessava a praça do Palácio. Os estudantes, grudados à janela, os aclamaram com sarcasmos e aplausos irônicos. O reitor, à frente da comitiva, foi quem recebeu o primeiro ataque, que foi rude.

— Bom dia, sr. reitor! Eieiei! Bom dia!

— Por que esse velho jogador está aqui? Deixou a mesa de dados?

— E que trote tem a sua mula! Mas as orelhas são menos compridas do que as dele.

— Eieiei! Bom dia, sr. reitor Thibaut! *Tybalde aleator!*⁵ Velho imbecil! Velho jogador!

— Que Deus o proteja! Fez muitos duplos-seis essa noite?

— Ah! Caduca figura, arrasada, repuxada e batida pelo amor do jogo e dos dados!

— Aonde vai assim, Thibaut, *Tybalde ad dados*,⁶ virando as costas à Universidade e correndo à Cidade?

— Provavelmente procurar uma casa na rua Thibautodé — gritou Jehan du Moulin.

Todo o bando repetiu a troça com voz de trovão e furiosas batidas de mãos.

— Vai procurar casa na rua Thibautodé, não é sr. reitor, jogador da partida do diabo?

E foi a vez dos demais dignitários.

— Abaixo os bedéis! Abaixo os meirinhos!

— Diga aí, Robin Poussepain, e aquele ali, quem é?

— É Gilbert de Suilly, *Gilbertus de Soliaco*, o chanceler do colégio de Autun.

— Tome, pegue meu sapato; está em melhor posição do que eu, tente acertar nele.

— *Saturnalitias mittimus ecce nuces.*⁷

— Abaixo os seis teólogos com suas sobrepelizes brancas!

— São teólogos? Achei que eram os seis gansos brancos que santa Genoveva deu à cidade, pelo feudo de Roogny.

— Abaixo os médicos!

— Abaixo as disputas cardeais e quodlibetárias!

— Fique com meu barrete, chanceler de Sainte-Geneviève! Já que me

preteriu. É verdade! Deu meu lugar na nação de Normandia ao pequeno Ascanio Falzaspada, que é da província de Burges, já que é italiano.

— É uma injustiça — concordaram todos os estudantes. — Abaixo o chanceler de Sainte-Geneviève.

— Uuh! Mestre Joachim de Ladehors! Uuh! Louis Dahuille! Uuh! Lambert Hoctement!

— Que o diabo sufoque o procurador da nação da Alemanha!

— E os capelães da Sainte-Chapelle, com seus gorros cinzentos; *cum tunicis grisis!*⁸

— *Seu de pellibus grisis fourratis!*⁹

— Eieiei! Mestres nas artes! Todas essas belas capas pretas! Todas essas belas capas vermelhas!

— Formam um belo rabo para o reitor.

— É como um duque de Veneza indo se casar com o mar.

— Diga aí, Jehan! Os cônegos de Sainte-Geneviève!

— Aos diabos os cônegos!

— Abade Claude Choart! Doutor Claude Choart! Está procurando Marie la Giffarde?

— Está na rua de Glatigny.

— Faz a cama do rei dos libidinosos.

— Paga seus quatro denários; *quatuor denarios...*

— *Aut unum bombum.*¹⁰

— Ela paga ao seu nariz?

— Colegas! Mestre Simon Sanguin, o eleitor de Picardia, com sua mulher na garupa.

— *Post equitem sedet atra cura.*¹¹

— Valoroso mestre Simon!

— Bom dia, sr. eleitor!

— Boa noite, sra. eleitora!

— Felizes que são de assistir a tudo isso — dizia, entre suspiros, Joannes de Molendino, ainda trepado nas folhas de seu capitel.

Nesse ínterim, o livreiro juramentado da Universidade, mestre Andry Musnier, se aproximou do ouvido do peleiro das roupas do rei, mestre Gilles Lecornu:

— Repito, cavalheiro, é o fim do mundo. Jamais se viram semelhantes extravagâncias da estudantada. São as malditas invenções do século que põem tudo a perder. A artilharia, o cão dos arcabuzes, as bombardas e, principalmente, a impressão, essa outra peste da Alemanha. É o fim dos manuscritos, dos livros! A impressão destrói o livro. É o fim do mundo que se aproxima.

— Percebo o mesmo pelos progressos das estolas de veludo — disse o negociante de peles.

Soou meio-dia, nesse momento.

— Aaaah! — exclamou a multidão em uníssono.

Os estudantes se calaram. Seguiu-se uma grande agitação, uma grande movimentação de pés e cabeças, uma explosão geral de tosses e de lenços. Cada um se ajeitava, se posicionava, se endireitava, se agrupava. Depois, um grande silêncio. Todos os pescoços se esticaram, todas as bocas se abriram, todos os olhares voltados para a mesa de mármore. Nada apareceu. Os quatro guardas do bailio continuavam a postos, empertigados e imóveis como quatro estátuas pintadas. Todos os rostos se viraram para o estrado reservado aos enviados flamengos. A porta continuava fechada e o estrado vazio. Desde a manhã a multidão esperava três coisas: que soasse meio-dia, que chegasse a embaixada de Flandres, que começasse o mistério. Apenas o meio-dia havia chegado à hora certa.

Ou seja, era um abuso!

Esperaram-se um, dois, três, cinco minutos, um quarto de hora... e nada aconteceu. O estrado permanecia vazio, o teatro mudo. Assim sendo, à impaciência sucedeu a cólera. Palavras de irritação começaram a circular, é verdade que ainda a voz baixa.

— O mistério! O mistério! — murmurava-se surdamente.

As cabeças fervilhavam. Uma tempestade, que por enquanto apenas se preparava, pairava sobre a multidão. Foi Jehan du Moulin a provocar a primeira faísca.

— O mistério! Que se danem os flamengos! — gritou ele com toda a força de seus pulmões, enroscando-se como uma serpente em torno do capitel.

A multidão bateu palmas.

— O mistério! — repetiram. — E Flandres aos diabos!

— Queremos o mistério agora — retomou o estudante —, ou sugiro que

se enforque o bailio do palácio, à guisa de comédia e de moralidade.

— Muito bem! — exclamou o povo — E vamos começar enforcando os seus guardas.

Uma grande aclamação acompanhou a sugestão. Os quatro pobres-diabos, já ficando pálidos, se entreolharam. As pessoas se movimentavam na direção deles, que viam a frágil balaustrada de madeira que os separava se inclinar, já prestes a ceder, sob a pressão da turba.

O momento era crítico.

— Ao ataque! Ao ataque! — gritavam de todo lugar.

Nesse instante, a cortina do vestiário que descrevemos anteriormente se ergueu, dando passagem a um personagem cuja presença bastou para que a multidão bruscamente se acalmasse, com a cólera se transformando, como por encanto, em curiosidade.

— Silêncio! Silêncio! — gritava-se de todos os lados.

O personagem, hesitante e trêmulo dos pés à cabeça, avançou até a beirada da mesa de mármore, exagerando as reverências que, na medida em que se aproximava, pareciam cada vez mais genuflexões.

No entanto, a calma pouco a pouco se estabelecera. Restava apenas aquele ligeiro rumor que sempre escapa do silêncio da multidão.

— Srs. burgueses — disse ele — e srtas. burguesas, teremos a honra de declamar e representar diante de Sua Eminência, o sr. cardeal, uma mui bela moralidade chamada: *O bom discernimento da senhora Virgem Maria*. Representarei Júpiter. Sua Eminência acompanha, nesse momento, a honorabilíssima embaixada do sr. duque da Áustria que, a esta hora, está ainda a ouvir a arenga do sr. reitor da Universidade de Paris, à porta Baudets. Assim que o eminentíssimo cardeal chegar, daremos início ao espetáculo.

Com certeza foi necessária a intervenção de ninguém menos que Júpiter para salvar os quatro infelizes guardas do bailio do palácio. Se tivéssemos a felicidade de ter inventado essa tão verídica história e, conseqüentemente, recaísse sobre nossos ombros, perante a sagrada Crítica, tal responsabilidade, não se poderia contra nós evocar o preceito clássico: *Nec deus intersit*.¹² Além disso, os trajes do sr. Júpiter eram muito bonitos e muito contribuíram para acalmar a multidão, atraindo toda atenção. Júpiter estava vestindo uma espécie de couraça de veludo preto com tachas douradas, tinha na cabeça um gorro de feltro com botões de metal dourado e, não fosse o tom vermelho e a

barba espessa que cobriam as duas metades do seu rosto, não fosse o cilindro de papelão dourado que trazia nas mãos, no qual os observadores mais experientes podiam reconhecer o raio, pois todo enfeitado com fitas brilhantes, não fossem seus pés de pele clara e amarrados com tiras à moda grega, Júpiter seria facilmente comparável, pela severidade da impressão causada, a um arqueiro bretão da tropa do sr. de Berry.

-
2. A palavra “gótico”, no sentido que em geral se emprega, é perfeitamente imprópria, mas perfeitamente consagrada. Nós a aceitamos assim e a adotamos, como todo mundo, para caracterizar a arquitetura da segunda metade da Idade Média, que tem na ogiva o seu princípio e sucede à arquitetura do primeiro período, que tem no pleno cimbrio seu motivo gerador. (Nota do autor)
 3. Literalmente: “Verdade, foi um triste jogo/ Quando dama Justiça em Paris/ Por ter comido temperos mis/ Pôs todo o palácio em fogo.”
 4. “Cornudo e hirsuto”, em latim no original.
 5. “Thibaut, jogador de dados!”, em latim no original.
 6. “Thibaut dos dados”, em latim no original.
 7. “Aqui vão as nozes que mandamos por suas Saturnais” (Marcial, “Para Juvenal” VII, 91), em latim no original.
 8. “Com suas túnicas cinza!”, em latim no original.
 9. “Ou forradas de pele cinza!”, em latim no original.
 10. “Quatro denários/ ou um pum”, em latim no original.
 11. “Atrás do cavaleiro vem a negra preocupação” (Horácio, *Odes*, III, I), em latim no original.
 12. “Nada de intervenção divina” (Horácio, *Arte poética*, 191), em latim no original.

2. Pierre Gringoire

Porém, enquanto ele discursava, a satisfação e a admiração unanimemente provocadas pelo figurino se dissiparam. E quando o ator chegou a essa inábil conclusão — “Assim que o eminentíssimo cardeal chegar, começaremos” —, sua voz foi tragada por uma trovoadade de vaias.

— Comecem agora mesmo! O mistério! O mistério imediatamente! — gritava o povaréu e podia-se ouvir, acima de todas as vozes, a de Johannes de Molendino, que percorria o rumor como o pífaro num charivari da cidade de Nîmes.

— Comecem agora mesmo! — urrava o estudante.

— Abaixo Júpiter e o cardeal de Bourbon — vociferaram Robin Poussepain e outros empoleirados à sacada da janela.

— Queremos a moralidade! — repetia a multidão. — Agora mesmo! Com urgência! Saco na cabeça e corda no pescoço para os atores e para o cardeal!

O pobre Júpiter, apavorado, desnortado, pálido sob a maquiagem vermelha, deixou cair o raio, pegou na mão o gorro e fez uma reverência, trêmulo, balbuciando:

— Sua Eminência... os embaixadores... a sra. Margarida de Flandres...
— Não sabia mais o que dizer.

No fundo, tinha medo de ser enforcado. Enforcado pelo populacho por causa da espera e enforcado pelo cardeal por não ter esperado. Nas duas opções via apenas abismo, melhor dizendo, patíbulo.

Felizmente, alguém veio tirá-lo daquela situação e assumir a responsabilidade. Um indivíduo que estava além da balaustrada, no espaço deixado livre ao redor da mesa de mármore, e que ninguém havia até então notado, de tal forma sua comprida e fina pessoa se abrigava de todo ângulo de visão atrás da coluna em que estava encostado. Esse indivíduo, dizíamos, grande, magro, pálido, louro, ainda jovem, apesar de já enrugado na testa e nas faces, de olhos brilhantes e boca sorridente, vestido com sarja preta, gasta e lustrosa de velha, aproximou-se da mesa de mármore e fez sinal ao pobre

ator. Mas este, de tão assustado, não o viu.



Um indivíduo que ninguém havia notado se abrigava atrás da coluna.

O recém-surgido deu mais um passo:

— Júpiter! — disse. — Júpiter querido!

Júpiter não ouvia.

O louro, enfim, perdendo a paciência, gritou, já quase em cima dele:

— Michel Giborne!

— Quem me chama? — perguntou ele, num susto.

— Eu — respondeu o personagem vestido de preto.

— Ah! — disse Júpiter.

— Comece logo — voltou o outro. — Satisfaça o povo e eu me encarrego de acalmar o sr. bailio, que acalmará o sr. cardeal.

Júpiter respirou.

— Srs. burgueses — gritou então, com toda força dos pulmões, à multidão que continuava a vaiar —, começaremos imediatamente.

— *Evoe, Juppiter! Plaudite, cives!* — gritaram os estudantes.¹³

— Aleluia! Aleluia! — gritou o povo.

Seguiu-se um ensurdecedor bater de palmas e Júpiter enfiou-se por trás da cortina, com a sala trepidando ainda com tantas aclamações.

Enquanto isso, o personagem desconhecido e que tão magicamente havia transformado *a tempestade em bonança*, como disse nosso velho e querido Corneille, modestamente voltou à penumbra da sua pilastra e nela provavelmente continuaria invisível, imóvel e mudo como antes, se dali não fosse arrancado por duas mocinhas que, na primeira fileira de espectadores, tinham notado o colóquio com Michel Giborne/Júpiter.

— Mestre — chamou uma delas, fazendo sinal para que se aproximasse...

— Não continue, Liénarde querida — disse a amiga, que era mais bonita, jovial e parecia muito satisfeita, de tão endomingada que estava. — Não é um clérigo, é um leigo; não se deve chamar *mestre*, e sim *senhor*.

— Senhor — corrigiu então Liénarde.

O desconhecido aproximou-se da balaustrada.

— Que desejam de mim, senhoritas? — respondeu ele, cheio de atenção.

— Ah! Nada demais — disse Liénarde toda confusa —, minha amiga Gisquette la Gencienne é que gostaria de perguntar uma coisa.

— Eu não! — emendou Gisquette, ruborizando. — Liénarde é que o chamou mestre e eu disse que se deve dizer senhor.

As duas jovens baixaram os olhos. Ele, que estava gostando de conversar, sorriu.

— Nada têm então a me dizer, senhoritas?

— É, nada! — respondeu Gisquette.

— Nada — confirmou Liénarde.

O jovem louro fez então menção de se retirar, mas as duas curiosas não queriam desistir.

— Senhor — disse vivamente Gisquette, com o ímpeto de uma comporta que se abre ou de uma mulher que decide o que realmente quer —, conhece o soldado que vai representar o papel da senhora Virgem no mistério?

— A senhorita quer dizer o papel de Júpiter? — voltou o desconhecido.

— É isso! — atalhou Liénarde. — Como é boba! Conhece Júpiter?

— Michel Giborne? — respondeu o desconhecido. — Conheço sim.

— Tem uma impressionante barba! — disse Liénarde.

— Vai ser bonito o que vão dizer ali em cima? — perguntou timidamente Gisquette.

— Muito bonito, senhorita — respondeu o desconhecido, sem a menor hesitação.

— O que vai ser? — perguntou Liénarde.

— *O bom discernimento da senhora Virgem*, uma moralidade, nada menos, senhorita.

— Ah! É diferente — respondeu Liénarde.

Houve um pequeno silêncio, rompido pelo rapaz:

— É uma moralidade bem recente, que não se viu ainda.

— Então não é a mesma — concluiu Gisquette — que apresentaram há dois anos, no dia de entrada do sr. legado papal, com três bonitas moças fazendo personagens...

— De sereias — completou Liénarde.

— E inteiramente nuas — acrescentou o rapaz.

Liénarde baixou pudicamente os olhos. Gisquette olhou para ela e fez o mesmo. Ele continuou, com um sorriso:

— Foi bem agradável de ver. Mas a de hoje é uma moralidade feita especificamente para a srta. de Flandres.

— Vão cantar pastoris? — perguntou Gisquette.

— Não! — exclamou o desconhecido. — Numa moralidade? Não se devem confundir os gêneros. Fosse uma *sottie*, seria possível.

— Que pena! — lamentou Gisquette. — Daquela vez havia, na fonte do Ponceau, homens e mulheres selvagens que combatiam em várias situações, cantando pequenos motetes e pastoris.

— Nem tudo que convém a um legado — disse quase ríspidamente o desconhecido — convém a uma princesa.

— Perto deles — voltou Liénarde — misturavam-se vários instrumentos de sonoridade grave, que produziam belas melodias.

— E para refrescar quem passava — continuou Gisquette — a fonte despejava por três bocas vinho, leite e hipocraz, podendo beber quem quisesse.

— E um pouco abaixo do Ponceau — continuou Liénarde —, na Trinité, havia uma paixão com personagens e sem fala.

— É verdade, eu me lembro! — exclamou Gisquette. — Deus na cruz e os dois ladrões à direita e à esquerda!

Animadas com a lembrança da entrada em Paris do sr. legado, as duas tagarelas começaram a falar ao mesmo tempo.

— E mais adiante, na porta aux-Peintres, havia outras pessoas vestidas muito luxuosamente.

— E na fonte Saint-Innocent, o caçador que perseguia uma corça, no meio da barulheira dos cães e das trompas de caça!

— E no açougue de Paris, os cadafalsos que representavam a bastilha de Dieppe!

— E quando o legado passou, se lembra, Gisquette? Deu-se o assalto e todos os ingleses foram degolados.

— E na porta do Châtelet tinha personagens muito bonitos!

— E na ponte-au-Change, que estava toda enfeitada.

— E quando o legado passou, soltaram por cima da ponte mais de duzentas dúzias de pássaros de todo tipo. Foi muito bonito, Liénarde.

— Vai ser ainda mais bonito hoje — voltou, enfim, o interlocutor, que parecia ouvir com impaciência.

— Promete que vai ser bonito esse mistério? — quis saber Gisquette.

— Certamente — respondeu ele, acrescentando com certa ênfase —, sou eu o autor, senhoritas.

— Verdade? — espantaram-se as duas.

— Verdade! — respondeu o poeta, inflando-se ligeiramente. — Quer dizer, somos dois: Jehan Marchand, que serrou as tábuas, ergueu a estrutura do teatro, fez toda a marcenaria, e eu, que escrevi a peça. Chamo-me Pierre Gringoire.

O autor de *El Cid* não diria com maior orgulho: *Chamo-me Pierre*

Corneille.

Nossos leitores devem ter observado que provavelmente certo tempo se passou entre o momento em que Júpiter voltou para trás da cortina e o instante em que o autor da moralidade nova tão bruscamente se revelou à ingênua admiração de Gisquette e Liénarde. Coisa notável: toda aquela multidão, poucos minutos antes tão tumultuada, agora aguardava com mansidão, acreditando na palavra do ator. O que vem a provar essa verdade eterna e diariamente confirmada ainda hoje em nossos teatros, de que a melhor maneira de fazer o público pacientemente esperar é afirmando que a peça vai imediatamente ter início.

Só que o estudante Joannes não estava dormindo.

— Eieiei! — ele gritou de repente, no meio da tranquila espera que sucedera ao rebuliço. — Júpiter, dona Virgem, saltimbancos dos diabos! Estão de brincadeira? A peça! A peça! Comecem! Ou recomeçamos nós!

Mais não foi preciso.

Música para instrumentos graves e altos soou do interior da estrutura montada. A cortina foi suspensa. Quatro personagens enfeitados e maquiados saíram, subiram a escada quase vertical do teatro e, já na plataforma superior, puseram-se lado a lado diante do público, cumprimentando-o solenemente. A sinfonia então se calou. Era o mistério que começava.

Os quatro personagens, depois de receberem demorados aplausos em troca das reverências feitas, deram início, em meio a um silêncio religioso, a um prólogo do qual vamos poupar o leitor. Além disso, como ainda nos dias de hoje, o público se preocupava, nesse início, mais com os trajes que usavam do que com o papel que representavam; o que, na verdade, era justo. Estavam os quatro vestidos com roupas metade brancas, metade amarelas, que só se distinguiam umas das outras pelo tipo de estola: a primeira era em brocado de ouro e prata, a segunda de seda, a terceira de lã e a quarta de lona. O primeiro personagem tinha à mão direita uma espada, o segundo duas chaves de ouro, o terceiro uma balança e o quarto uma enxada. Para ajudar as inteligências mais preguiçosas, que não tivessem percebido com clareza o significado pela transparência desses atributos, podia-se ler, em letras graúdas e negras, sempre bordadas nas barras das roupas: na de brocado, meu nome é nobreza; na de seda, meu nome é clero; na roupa de lã, meu nome é mercadoria; na de lona, meu nome é lavoura. O sexo masculino de duas das alegorias era

claramente indicado, a qualquer espectador judicioso, pelo fato das vestes serem menos compridas e pela *cramignole* que usavam na cabeça, enquanto as duas alegorias femininas, com vestes menos curtas, usavam uma pequena capa com capucho.

Só mesmo com muita má vontade não se compreenderia, pela poesia do prólogo, que Lavoura fazia par com Mercadoria, e Clero com Nobreza. Os dois felizes casais tinham em comum um magnífico delfim de ouro, que estavam decididos a só entregar à mais bela pretendente. Percorreram então o mundo todo, procurando tal beldade, e depois de sucessivamente rejeitarem a rainha de Golconda, a princesa de Trebizonda, a filha do grande khan da Tartária etc. etc., Lavoura e Clero, Nobreza e Mercadoria descansavam em cima da mesa de mármore do Palácio da Justiça, despejando no honesto público sentenças e máximas, no mesmo ritmo em que eram ouvidas na Faculdade das Artes, em exames, sofismas, *determinances*, figuras retóricas e atos com que os mestres conseguiam suas toucas de licenciatura.

Tudo isso, de fato, era muito bonito.

No entanto, em toda aquela multidão sobre a qual as quatro alegorias lançavam avalanches de metáforas, não havia ouvido mais atento, coração mais palpitante, olho mais desvairado, pescoço mais esticado do que o olho, o ouvido, o pescoço e o coração do autor, do poeta, do bravo Pierre Gringoire, que não pudera resistir, momentos antes, à alegria de dizer seu nome às duas graciosas moçoilas. Ele se afastara alguns passos delas, voltando para trás de sua coluna, e dali ouvia, olhava, saboreava. Os calorosos aplausos que haviam acolhido o início do prólogo soavam ainda em suas entranhas e ele se sentia completamente absorvido nessa espécie de contemplação extática em que o autor vê suas ideias saírem, uma a uma, da boca dos atores, no silêncio de um vasto auditório. Digno Pierre Gringoire!

É pena dizer, mas esse primeiro êxtase rapidamente foi interrompido. Mal Gringoire aproximou os lábios da embriagante taça de alegria e triunfo, uma gota de amargor se misturou a eles.

Um mendigo esfarrapado, que não traria público a teatro algum, perdido que estava no meio da multidão e que provavelmente não tinha encontrado suficiente estofo nos bolsos das pessoas ao redor, imaginou se alçar a algum ponto em evidência, para atrair olhares e esmolas. Tinha-se então empoleirado, já nos primeiros versos do prólogo, usando os pilares do estrado

reservado, na cornija que acompanhava a balaustrada, num nível mais alto. Ali se sentou, pedindo a atenção e a piedade do povaréu, com seus farrapos e uma ferida horrível no braço direito. Afora isso, não dizia uma palavra.

Tal comportamento permitiu que o prólogo prosseguisse sem problema, e nenhuma desordem maior teria acontecido se a má sorte não tivesse feito o estudante Joannes, do alto do seu próprio pilar, avistar o mendigo e seus trejeitos de pedinte. Um riso incontrollável tomou conta do rapaz que, sem se incomodar em interromper o espetáculo e perturbar o universal recolhimento, gritou em tom alegre:

— Vejam só! Esse farsante que pede esmola!

Quem quer que já tenha lançado uma pedra num laguinho com rãs ou dado um tiro de fuzil numa revoada de pássaros pode ter ideia do efeito que essas palavras impróprias produziram. Gringoire estremeceu como se recebesse uma descarga elétrica. O prólogo ficou em suspenso e todos os rostos se voltaram em tumulto para o mendigo que, longe de ficar desconcertado, viu no incidente boa oportunidade de trabalho e começou a recitar de maneira dolente, semicerrando os olhos:

— Caridade, por favor!

— Mas por minha alma — retomou Joannes —, é Clopin Trouillefou. Eieiei, amigo! A ferida então incomodava na perna e preferiu passá-la para o braço?

Dizendo isso, jogou com a destreza de um macaco um níquel no chapéu amassado que o mendigo estendia com o braço enfermo. O pedinte recebeu sem pestanejar a esmola e o sarcasmo, continuando, com o mesmo tom lamentoso:

— Caridade, por favor!

O episódio distraiu consideravelmente o auditório, e um bom número de espectadores, seguindo Robin Poussepain e os universitários, aplaudiu alegremente o estranho dueto que, no meio do prólogo, acabava de oferecer um improviso: o estudante de voz estridente e o mendigo que salmodiava imperturbavelmente.

Gringoire só podia mesmo ficar muito descontente. Saindo da primeira reação estupefata, passou a gritar para os quatro personagens no palco:

— Continuem! Que diabo, continuem! — sem sequer lançar um olhar de desdém aos dois importunos.

Nesse momento, sentiu que o puxavam pela ponta do sobretudo. Virou-se, não sem certa irritação, e teve muita dificuldade para sorrir. Mas foi preciso. Tratava-se do formoso braço de Gisquette la Gencienne que, passando pela balaustrada, pedia atenção.

— Senhor — disse a mocinha —, eles vão continuar?

— Claro que sim — respondeu Gringoire, até chocado com a pergunta.

— Nesse caso, senhor — prosseguiu ela —, teria a bondade de me explicar...

— O que vão dizer? — interrompeu Gringoire. — Muito bem, ouça!

— Não — disse Gisquette —, o que disseram até agora.

Gringoire teve um sobressalto, como qualquer pessoa quando lhe tocam numa ferida aberta.

— Praga de menina burra e ignorante! — disse entre os dentes.

A partir daquele momento, Gisquette deixou de lhe parecer minimamente interessante.

Mas os atores haviam obedecido à ordem e o público, vendo que voltavam a falar, também voltou a escutar, não sem ter perdido algumas pérolas, na espécie de junção que se fez entre as duas partes da peça tão bruscamente interrompida. Gringoire fazia baixinho uma amarga reflexão sobre tudo aquilo. Mas a tranquilidade pouco a pouco se restabeleceu, o estudante se calou, o mendigo contava algumas moedas caídas no chapéu e a peça voltou a ganhar importância.

Era, na verdade, uma bela obra, da qual creio que ainda hoje se poderia tirar bom partido, caso se fizessem alguns ajustes. A apresentação, um tanto longa e vazia, quer dizer, dentro das regras, era simples, e Gringoire, no cândido santuário do seu interior, admirava a clareza alcançada. Como se pode imaginar, os quatro personagens alegóricos estavam bastante cansados, depois de percorrerem as três partes do mundo sem conseguir se desfazer a contento do delfim de ouro. Nesse momento, inseria-se um elogio do maravilhoso peixe, com mil alusões delicadas ao jovem noivo de Margarida de Flandres, naquele momento tristemente enclausurado em Amboise, sem minimamente imaginar que Lavoura e Clero, Nobreza e Mercadoria acabavam de dar a volta ao mundo por se preocuparem com ele. O sobredito delfim, então, era jovem, era bonito, era forte e, sobretudo (magnífica origem de todas as virtudes reais!), era descendente do Leão da França. Acho

admirável, por sua ousadia, essa metáfora, e a história natural do teatro, passando por alegoria e epitalâmio real, em nada se apoquenta com um delfim que é filho de um leão. São justamente essas raras e pindáricas misturas que causam entusiasmo. Todavia, para me solidarizar à crítica, creio que o poeta poderia ter desenvolvido essa bela ideia em menos de duzentos versos. É bem verdade que o mistério devia durar de meio-dia às quatro horas, segundo o mandado do sr. preboste, e era preciso preencher esse espaço de tempo. Mas o público parecia ouvir com paciência.

De repente, no meio de uma querela entre srta. Mercadoria e sra. Nobreza, no momento em que mestre Lavoura pronunciava esse verso mirífico — nunca se viu nos bosques cabeça mais triunfante! — a porta do estrado reservado, que até então se mantivera tão despropositadamente fechada, se abriu, mais despropositadamente ainda, e a voz sonora do meirinho anunciou de súbito: *Sua Eminência, monsenhor cardeal de Bourbon*.

13. “Evoé, Júpiter! Aplaudam, cidadãos!”, em latim no original.

3. O sr. cardeal

Pobre Gringoire! O estrondo de todos os fogos de artifício de são João, a descarga de vinte bacamartes de tripé, a detonação do famoso cão de arcabuz de mecha da torre de Billy, que matou sete borguinhões de uma só vez durante o cerco de Paris, no domingo, 29 de setembro de 1465, ou a explosão de toda a pólvora de canhão armazenada na porta do Templo lhe teriam menos brutalmente dilacerado os ouvidos, naquele momento solene e dramático. Pois muito mais estrondosas pareceram as palavras escapadas da boca do meirinho: *Sua Eminência, monsenhor cardeal de Bourbon*.

Não que Pierre de Gringoire temesse o sr. cardeal ou o desdenhasse. Desconhecia tal fraqueza ou fatuidade. Verdadeiro eclético, como se diria hoje, Gringoire era um desses espíritos elevados e firmes, moderados e calmos, que sempre sabem como se posicionar no meio de tudo, *stare in dimido rerum*, cheios de razão e de liberal filosofia, sem, nem por isso, faltar com respeito aos cardeais. Raça preciosa e jamais interrompida de filósofos a quem a sabedoria, como outra Ariadne, houvesse dado um novelo de lã, que eles vão desbobinando desde o início do mundo, pelo labirinto das coisas humanas. Podem ser vistos em todos os tempos, sempre os mesmos, isto é, de acordo com cada época. E sem contar nosso Pierre Gringoire, que os representaria no século XV, se conseguíssemos dar a ele todo o lustre que merece. Certamente foi esse mesmo espírito que animou o reverendo Du Breul, ao escrever, no século XVI, essas palavras ingenuamente sublimes, dignas de todos os séculos: “*Je suis parisien de nation et parrhisian de parler, puisque parrhisia en grec signifie liberté de parler: de laquelle i’ai vsé mesme enuers messeigneurs les cardinaux, oncle et frère de monseigneur le prince de Conty: toutes fois avec respect de leur grandeur, et sans offenser personne de leur suite, qui est beaucoup.*”¹⁴

Não havia então ódio pelo cardeal nem desprezo por sua presença, na impressão desagradável que ela causou em Pierre Gringoire. Pelo contrário, nosso poeta tinha bom senso suficiente e roupas gastas demais para não dar importância ao fato de que pudessem, as alusões do seu prólogo e

particularmente a glorificação do delfim, filho do Leão da França, chegar a eminentíssimos ouvidos. Mas não é o interesse a dominante na nobre natureza dos poetas. Supondo que a entidade do poeta se represente pelo número dez, provavelmente um químico que a analisasse e farmacopolizasse, como dizia Rabelais, encontraria em sua composição uma parte de interesse para nove partes de amor-próprio. Ora, no momento em que a porta se abriu para o cardeal, as nove partes de amor-próprio de Gringoire, infladas e tumeficadas pelo sopro da admiração popular, estavam num prodigioso estado de crescimento, sob o qual desaparecia, como que abafada, a imperceptível molécula de interesse que ainda há pouco distinguíamos na constituição dos poetas — ingrediente precioso, aliás, contrapeso de realidade e de humanidade, sem o qual eles não desceriam à terra. Gringoire desfrutava, por assim dizer, da possibilidade de sentir, ver e tocar um público inteiro — de cretinos, é verdade, mas que importa? — estupidificado, petrificado e, de certa maneira, asfixiado pelas incomensuráveis tiradas que surgiam a cada instante, de todas as partes do seu epítalamo. Afirmo que ele próprio participava da beatitude geral e, ao contrário de La Fontaine, que assistindo à representação da sua comédia *Le florentin* perguntava: *Qual inapto cometeu essa rapsódia?*, Gringoire mais facilmente teria perguntado à pessoa ao lado: *De quem é essa obra-prima?* Com isso podemos agora imaginar o efeito nele produzido pela brusca e intempestiva chegada do cardeal.

Aconteceu o que ele mais temia. A entrada de Sua Eminência revirou por completo o auditório. Todos os rostos se voltaram para o estrado. Não se podia ouvir mais nada.

— O cardeal! O cardeal! — repetiam todos.

Pela segunda vez, o infeliz prólogo ficava no meio do caminho.

O cardeal parou por um momento à entrada do estrado. Enquanto lançava um olhar indiferente ao público, o tumulto crescia. Todos queriam vê-lo melhor, enfiando a cabeça por cima do ombro do vizinho.

Era, de fato, um alto personagem, cujo espetáculo valia qualquer outra comédia. Carlos, cardeal de Bourbon, arcebispo e conde de Lyon, primado da Gália, era aliado de Luís XI por parte do seu irmão Pierre, senhor de Beaujeu, casado com a filha mais velha do rei, e, simultaneamente, aliado de Carlos o Temerário por parte de sua mãe, Agnès de Borgonha. Ora, o traço dominante,

o traço característico e distintivo do caráter do primado da Gália era o espírito cortesão e a devoção aos poderes. Podem-se imaginar as inúmeras contrariedades causadas por esse duplo parentesco e todos os recifes temporais que a barca espiritual de Sua Eminência precisou driblar para não colidir com Luís nem com Carlos, esses Cila e Caríades que devoraram o duque de Nemours e o condestável de Saint-Pol. Graças ao céu, ele fez a travessia sem naufragar e acostou em Roma sem maiores problemas. Mesmo chegando ao porto — e precisamente por estar no porto — era sempre com preocupação que se lembrava das sortes diversas da sua vida política, por tanto tempo alarmada e laboriosa. Assim, costumava dizer que o ano de 1476 tinha sido, para ele, *negro e branco*, entendendo-se por isso que havia naqueles doze meses perdido a mãe, duquesa de Bourbonnais, e o primo, duque de Borgonha, com um luto a consolar o outro.

Contudo, era um bom homem. Levava a vida alegre de cardeal, deixando o bom vinho real de Challuau participar dessa alegria. Não detestava Richarde la Garmoise nem Thomasse la Saillarde, dava mais ajuda pecuniária às jovens bonitas do que às velhas devotas e, por todos esses motivos, era muito estimado *popularmente* em Paris. Andava sempre cercado de uma pequena corte de bispos e abades de alta linhagem, galantes, desenvoltos e dados a patuscadas, se fosse o caso. Mais de uma vez as boas carolas de Saint-Germain d'Auxerre, passando à noite diante das janelas iluminadas da morada de Bourbon, se escandalizaram ouvindo aquelas mesmas vozes, que haviam cantado vésperas no final do dia, salmodiarem ao som dos copos o provérbio báquico de Bento XII, o papa que acrescentou uma terceira coroa à tiara: *Bibamus papaliter*.¹⁵

Foi provavelmente tal popularidade, adquirida a tão justo título, que o preservou, ao entrar, de qualquer má recepção por parte da turba, visivelmente descontente momentos antes e muito pouco propensa a respeitar um cardeal no dia em que elegeria um papa. Mas os parisienses são pouco rancorosos. Além disso, tendo forçado o início da representação, os bons burgueses já se sentiam vitoriosos com relação ao cardeal e esse triunfo lhes bastava. Aliás, o sr. cardeal de Bourbon era homem galante e vestia uma bela batina vermelha, que lhe caía muito bem. Isso para dizer que tinha a seu favor todas as mulheres e, com isso, a melhor metade do auditório. Certamente seria injusto e de mau gosto vaiar um cardeal que chegava atrasado ao

espetáculo, sendo ele tão belo homem e tão bem trajado em sua batina vermelha.

Ele entrou, cumprimentou o público com o sorriso hereditário que os grandes dirigem ao povo e se encaminhou a passos lentos à sua poltrona de veludo escarlate, parecendo pensar em outra coisa. Seu cortejo, que hoje chamaríamos de seu Estado-maior, de bispos e abades, irrompeu logo a seguir no estrado, não sem redobrar o tumulto e a curiosidade da plebe. Cada um queria apontar, dizer o nome, mostrar conhecer pelo menos um deles: aquele, o sr. bispo de Marselha, Alaudet, se a memória não me falha; aquele, o primaz de Saint-Denis; e aquele, Robert de Lespinasse, abade de Saint-Germain-des-Prés, irmão libertino de uma amante de Luís XI. Tudo isso com muitos equívocos e muita cacofonia. Já os estudantes esbravejavam. Era o dia deles, da festa dos bufos, sua saturnal particular, a orgia anual da comunidade estudiosa e da escola. Não havia indecência a que não tivessem direito naquele dia, como coisa sagrada. Além disso, estavam presentes na multidão esfuziantes comadres, como Simone Quatrelièvres, Agnès la Gadine, Robine Piédebou. Esbravejar à vontade e praguejar um pouco em nome de Deus, em tão belo dia, na excelente companhia de gente da Igreja e de moçoilas alegres não era o mínimo que se podia fazer? Eles, então, participavam plenamente e, no meio do bruaá, formavam uma horrível balbúrdia de blasfêmias e absurdos, soltando toda uma linguagem fugidia, uma linguagem de esbirros e de estudantes, reprimida o ano inteiro pelo medo do ferro em brasa de são Luís. Pobre são Luís, que afronta não lhe faziam em seu próprio palácio da justiça! Cada um dos estudantes escolheu como alvo, entre os recém-chegados ao estrado, uma batina preta, cinza, branca ou roxa. Joannes Frollo de Molendino, na qualidade de irmão de um arqui-diácono, se interessou especificamente pela vermelha e cantava a plenos pulmões, fitando com olhos atrevidos o cardeal: *Cappa repleta mero!*¹⁶

Todos esses detalhes, expostos aqui para a edificação do leitor, estavam de tal forma encobertos pela algazarra geral que desapareciam antes mesmo de chegar ao estrado reservado. De qualquer forma, o cardeal pouco se importaria com tais permissividades naquele dia, mesmo que as ouvisse, pois constituíam um costume firmemente estabelecido. O cardeal tinha uma preocupação que o seguia de perto, estampada na expressão do seu rosto, e que adentrara quase ao mesmo tempo que ele no estrado. Era a embaixada de

Flandres.

Não que fosse um profundo político ou que desse importância às possíveis consequências do casamento da senhora sua prima, Marguerida de Borgonha, com o senhor seu primo, Carlos, delfim de Vienne. Quanto tempo duraria o bom entendimento armado entre o duque da Áustria e o rei da França, e como o rei da Inglaterra encararia o fato de sua filha ter sido desprezada, isso pouco o preocupava; e ele comemorava toda noite com o vinho das cepas reais de Chaillot, sem suspeitar que algumas garrafas desse mesmo vinho (um pouco modificado, é verdade, pelo médico Coictier), cordialmente oferecidas a Eduardo IV por Luís XI livrariam, certa manhã, Luís XI de Eduardo IV. A *mui honorável embaixada do sr. duque da Áustria* não provocava no cardeal nenhuma preocupação desse tipo, mas o importunava por outro motivo. Era, de fato, um tanto duro para ele, e já rapidamente mencionamos isso na segunda página deste livro, ser obrigado a festejar e recepcionar, sendo ele Carlos de Bourbon, um punhado de burgueses; sendo cardeal, tratar com conselheiros do tribunal; sendo francês e alegre conviva, estar na companhia de flamengos bebedores de cerveja... e tudo isso em público. Era, certamente, um dos mais fastidiosos rapapés que jamais fizera para agradar ao rei.

Ele então se virou para a porta, ostentando as melhores maneiras do mundo (de tanto que era esforçado nesse assunto), quando o meirinho anunciou em alto e bom som: *Os senhores enviados do sr. duque da Áustria*. Desnecessário dizer que a sala inteira fez o mesmo.

Adentraram então, em duplas, com uma gravidade que contrastava no meio do petulante cortejo eclesiástico de Carlos de Bourbon, os quarenta e oito embaixadores de Maximiliano da Áustria, tendo à frente o reverendo padre de Deus, Jehan, abade de Saint-Bertin, chanceler do Tosão de Ouro, e Jacques de Goy, sr. Dauby, alto magistrado de Gante. Um grande silêncio se fez na assistência, acompanhado de risos abafados, para ouvir todos os nomes extravagantes e todos os qualificativos burgueses que cada um dos personagens imperturbavelmente transmitia ao meirinho, que repassava em seguida nomes e qualidades, misturados e totalmente estropiados, à multidão. Mestre Loys Roelof, conselheiro da cidade de Louvais; sr. Clays d'Etuelde, conselheiro de Bruxelas; sr. Paul de Baeust, dignitário de Voirmizelle, presidente do conselho de Flandres; mestre Jehan Coleghens, burgomestre da

cidade de Antuérpia; mestre George de la Moere, primeiro conselheiro da assembleia de Gante; mestre Gheldolf van der Hage, primeiro conselheiro dos parceiros desta última cidade; e ainda o dignitário de Bierbecque, e Jehan Pinnock, e Jehan Dymaerzelle etc. etc. etc. Magistrados, conselheiros, burgomestres; burgomestres, conselheiros, magistrados; todos empertigados, inflados, engomados, endomingados de veludo e seda adamascada, encapuzados com *cramignoles* de veludo negro com grandes borlas feitas com fio de ouro de Chipre. Boas caras flamengas, no final das contas, figuras dignas e severas, da mesma cepa que Rembrandt tão bem retratou, com cores fortes e graves sobre fundo escuro em seu *Ronda noturna*. Eram personagens que unanimemente tinham escrito na testa que Maximiliano da Áustria tivera razão de *confiar plenamente*, como dizia seu manifesto, *no bom senso, coragem, experiência, lealdade e boa equidade* de que ali davam prova.

No entanto, uma exceção. Um rosto fino, inteligente, esperto, uma espécie de focinho de macaco e de diplomata, à frente de quem o cardeal deu três passos e fez marcada reverência. Estranhamente, o personagem foi apresentado apenas como *Guillaume Rym, conselheiro e pensionista da cidade de Gante*.

Poucas pessoas sabiam, então, quem era Guillaume Rym. Gênio raro que sobressairia com brilho dos acontecimentos em uma época de revolução, mas que, no século XV, estava reduzido às cavernosas intrigas e a *dedicar-se ao trabalho de solapa*, como disse o duque de Saint-Simon. Além disso, gozava do apreço do principal *solapador* da Europa — tramava familiarmente com Luís XI e tinha frequentemente acesso às manobras secretas do rei. Eram todas coisas ignoradas pela multidão, que se maravilhava com tanta cortesia por parte do cardeal diante daquela frágil figura de magistrado flamengo.

14. Em francês antigo: “Sou parisiense por nacionalidade e pela maneira de falar, pois *parrhisia*, em grego, significa liberdade de falar — que uso inclusive com relação aos senhores cardeais, com o tio e o irmão do monsenhor príncipe de Conty; mas respeitando suas respectivas grandezas e sem ofender ninguém dos seus séquitos, que são numerosos.”

15. “Bebamos ‘papalmente’”, em latim no original.

16. “Capa cheia de vinho!”, em latim no original.

4. Mestre Jacques Coppenole

Enquanto o pensionista de Gante e Sua Eminência trocavam reverências que iam até lá embaixo e algumas palavras em voz ainda mais baixa, um homem de grande estatura, rosto largo e ombros fortes se apresentou para entrar com Guillaume Rym. Juntos, eram como um dogue e uma raposa. Seu gorro de feltro e a veste de couro destoavam em meio ao veludo e à seda ao redor dele. Julgando-o um cavaliário perdido por ali, o meirinho mandou que parasse.

— Ei, amigo! Não pode passar.

O homem do casaco de couro empurrou-o com o ombro.

— O que está querendo esse sujeito? — perguntou com um estrondo de voz que chamou a atenção da sala inteira para o estranho colóquio. — Não vê quem sou?

— Seu nome? — perguntou o meirinho.

— Jacques Coppenole.

— Sua condição?

— Fabricante de meias sob a insígnia *Trois Chaînettes*, em Gante.

O meirinho recuou. Anunciar conselheiros e burgomestres era tolerável, mas um fabricante de meias já beirava o inaceitável. O cardeal estava indócil. O público inteiro ouvia e olhava. Há dois dias que Sua Eminência se desdobrava a dourar aqueles ursos flamengos para torná-los mais apresentáveis, mas aquela situação passava dos limites. Com seu sorriso fino, Guillaume Rym se aproximou do meirinho:

— Anuncie mestre Jacques Coppenole, escrivão dos conselheiros da cidade de Gante — disse-lhe em voz bem baixa.

— Meirinho — repetiu o cardeal em voz alta —, anuncie mestre Jacques Coppenole, escrivão dos conselheiros da ilustre cidade de Gante.

Foi um erro. Guillaume Rym sozinho teria driblado a dificuldade, mas Coppenole ouviu o cardeal.

— Não, cruz de Deus! — exclamou com sua voz de trovão. — Jacques Coppenole, fabricante de meias. Está ouvindo, meirinho? Nada mais, nada

menos. Cruz de Deus! Fabricante de meias é muito bom. O sr. arquiduque mais de uma vez foi buscar as dele comigo.

Explodiram risos e aplausos. Manifestações espontâneas desse tipo são muito respeitadas em Paris e, conseqüentemente, sempre aplaudidas.

Acrescente-se que Coppenole era do povo e o público que estava em volta era do povo. De forma que a comunicação foi imediata, elétrica e, por assim dizer, completa. A altiva reação do fabricante flamengo de meias, humilhando a gente da corte, despertou em todas as almas plebeias não sei qual sentimento de dignidade ainda vago e indistinto no século XV. Aquele fabricante de meias era igual a eles e acabava de contradizer o sr. cardeal! Era um pensamento bem agradável para pobres-diabos habituados a respeitar e a obedecer aos ajudantes dos guardas do bailio da abadia de Sainte-Geneviève, caudatária do cardeal.

Coppenole cumprimentou orgulhosamente Sua Eminência, que retribuiu a saudação ao todo-poderoso burguês temido por Luís XI. Em seguida, enquanto Guillaume Rym, *homem sábio e de muita malícia*, no dizer de Philippe de Comines, os observava com um sorriso irônico e superior, eles se dirigiram cada qual a seu lugar, com o cardeal bastante embaraçado, tenso, e Coppenole tranquilo e altivo, provavelmente achando que, afinal, seu título de fabricante de meias valia tanto quanto qualquer outro, e que Maria de Borgonha, mãe de Margarida, cujo casamento Coppenole negociava, temeria bem menos o cardeal do que o fabricante de meias. De fato, não foi um cardeal que amotinou o povo de Gante contra os emissários da filha de Carlos o Temerário. Não foi um cardeal que, com uma palavra, fortaleceu a multidão, contra suas lágrimas e súplicas, quando a donzela de Flandres implorou a seu povo clemência para eles, até o pé do cadafalso, enquanto o fabricante de meias só precisou erguer o braço vestido de couro para fazer rolares duas cabeças, dos ilustríssimos srs. Guy d'Hymbercourt e chanceler Guillaume Hugonet!

Nem tudo, porém, tinha se acomodado para o pobre cardeal, que teria de beber até a borra do cálice, por andar em tão má companhia.

O leitor talvez não tenha se esquecido do impudente mendigo que se aboletara, desde o início do prólogo, nas proximidades do estrado pontifical. A chegada dos ilustres convidados não o havia absolutamente afastado, e enquanto prelados e embaixadores se apertavam, como bons arenques

flamengos, nos assentos da tribuna, ele se pôs bem à vontade de pernas cruzadas, sentado na viga mestra do salão. Era rara insolência e ninguém, num primeiro momento, deu-se conta, estando toda atenção voltada para quem chegava. Ele, por sua vez, não se interessava por grandes coisas ao redor. Balançava a cabeça com a indolência de um napolitano, repetindo de vez em quando, no burburinho geral, seu maquinal: “Caridade, por favor!”

Provavelmente era o único ali a não ter se dado ao trabalho de mover a cabeça na direção da altercação entre Coppenole e o meirinho. No entanto, quis o acaso que o mestre fabricante de meias de Gante, com quem o povo já tão declaradamente simpatizava e de quem não despregava a vista, se sentasse precisamente à primeira fila do estrado, quase junto ao mendigo. E ninguém se espantou muito ao ver o embaixador flamengo, depois de observar a figura que tinha ao lado, bater amigavelmente no ombro coberto de molambos. O mendigo se virou. Houve surpresa, reconhecimento, satisfação nos dois rostos etc. Depois, sem se preocupar minimamente com os espectadores, o fabricante de meias e o esfarrapado começaram a conversar em voz baixa, bem próximos um do outro, com os trapos de Clopin Trouillefou ofendendo o pano dourado que cobria o estrado, como a lagarta ultraja uma laranja.

A estranheza da cena singular causou tal rumor de loucura e de excitação na sala que o cardeal não demorou a perceber. Inclinou-se um pouco e não podendo, de onde estava, senão muito imperfeitamente ver a casaca ignominiosa de Trouillefou, com toda naturalidade imaginou que o mendigo pedisse esmola e, revoltado com a audácia, exclamou:

— Sr. bailio do palácio, mande jogar esse desocupado no rio.

— Cruz de Deus!, monsenhor cardeal — disse Coppenole sem largar a mão de Clopin —, é um amigo meu.

— Aleluia! Aleluia! — gritou a turba.

A partir daquele momento, mestre Coppenole teve em Paris, como já acontecia em Gante, *grande crédito com o povo; pois a gente desse nível assim age*, disse Philippe de Comines, *quando vê de tal forma invertida a ordem das coisas*.

O cardeal mordeu os lábios. Voltou-se para quem estava a seu lado, o abade de Sainte-Geneviève, e disse-lhe a meia-voz:

— Que finos embaixadores envia o sr. arquiduque para nos anunciar a sra.

Margarida!

— Vossa Eminência desperdiça delicadeza com esses chafurdadores flamengos. *Margaritas ante porcos* — respondeu o abade.

— Melhor dizendo: *Porcos ante Margaritam* — devolveu o cardeal com um sorriso.

O séquito inteiro se extasiou com o jogo de palavras e o cardeal se sentiu um pouco melhor com relação a Coppenole, já que também foi aplaudido por seu rasgo espirituoso.

Que os leitores com capacidade para imaginar a cena — e a ideia geral, como se diz no estilo de hoje — nos permitam perguntar se claramente se dão conta do espetáculo que se oferecia, no momento em que interrompemos sua atenção, no vasto paralelogramo do grande salão do Palácio. No centro da sala, encostado na parede ocidental, um amplo e magnífico estrado, coberto com brocado de ouro, ao qual têm acesso em procissão, por uma portinha em ogiva, graves personagens sucessivamente anunciados pela voz estridente de um meirinho. Nos primeiros bancos, já muitas veneráveis figuras enfeitadas de arminho, veludo e escarlata. Abaixo, adiante e por todo lugar em volta do estrado, que permanece silencioso e digno, grande multidão e grande rebuliço. Mil olhares do povo para cada rosto no estrado, mil cochichos a cada nome. É claro, o espetáculo é curioso e merece mesmo a atenção dos espectadores. Porém, um pouco mais adiante, bem na ponta, que espécie de estrutura é aquela, com quatro fantoches enfeitados em cima e outros quatro embaixo? Quem, então, pode ser aquele homem, ao lado da estrutura, de roupa escura desgastada e rosto pálido? Infelizmente, caro leitor, é Pierre Gringoire e seu prólogo.

Completamente nos esquecemos dele.

E era exatamente o que ele temia.

Desde o momento em que o cardeal entrou, Gringoire não parou de agir, tentando salvar seu prólogo. Primeiro pediu aos atônitos atores que continuassem, em voz mais alta. Depois, vendo que ninguém ouvia, mandou que parassem. Quinze minutos depois, sem poder continuar a apresentação, não parou de bater o pé, gesticular, insistindo com Gisquette e Liénarde que incentivassem as pessoas a pedirem a continuação do prólogo. Tudo em vão. Ninguém despregava os olhos do cardeal, da embaixada e do estrado, centro único daquele vasto círculo de raios visuais. É possível também, lamentamos

dizer, que o prólogo começasse a ligeiramente entediar o auditório, no momento em que Sua Eminência chegou, distraindo daquela terrível maneira a atenção. Afinal, tanto no estrado quanto na mesa de mármore, o espetáculo era o mesmo: o conflito de Lavoura e Clero, de Nobreza e Mercadoria. E muita gente simplesmente preferia vê-los ao vivo — respirando, se mexendo, se esbarrando, em carne e osso, na embaixada flamenga, na corte episcopal, na batina do cardeal, na veste de Coppenole — do que maquiados, com alegorias, falando em versos e, por assim dizer, empalhados sob as túnicas amarelas e brancas do estranho figurino de Gringoire.

No entanto, vendo a calma mais ou menos se restabelecer, nosso poeta imaginou um estratagema que a tudo salvaria.

— Cavalheiro? — disse ele, virando-se para uma das pessoas ao lado, um bom e gordo sujeito com ares de paciência. — Que tal recomeçar?

— O quê? — perguntou o outro.

— O quê? O mistério! — disse Gringoire.

— Como queira — concordou o vizinho.

Essa meia-aprovação bastou para Gringoire que, assumindo seu próprio interesse, começou a gritar, misturando-se ao máximo à multidão:

— Que recomecem o mistério! Que recomecem!

— Diabos! — pensou Joannes de Molendino. — O que estão armando ali na ponta? — pois Gringoire fazia barulho por quatro. — O que está acontecendo, amigos, o mistério não acabou? Estão querendo recomeçar. Não é justo.

— Não! Não! — gritaram todos os estudantes. — Abaixo o mistério! Abaixo!

Mas Gringoire se desdobrava, gritando cada vez mais forte:

— Recomecem! Recomecem!

Os clamores chamaram a atenção do cardeal.

— Sr. bailio do palácio — disse ele a um sombrio personagem, a poucos passos dele —, por que se agitam como se ardessem no inferno esses brincalhões?

O bailio do palácio era uma espécie de funcionário polivalente, algo como um morcego da ordem judiciária, mistura de rato e pássaro, juiz e soldado. Ele se aproximou de Sua Eminência e, não sem temer muito seu

descontentamento, balbuciou uma explicação para a incongruência popular: meio-dia chegara antes de Sua Eminência e os atores foram obrigados a começar, sem esperar Sua Eminência.

O cardeal deu uma gargalhada.

— Por Deus, o sr. reitor da Universidade bem que poderia ter feito o mesmo. O que acha, mestre Guillaume Rym?

— Monsenhor — respondeu Guillaume Rym —, alegremo-nos de ter escapado de metade da comédia. Já é alguma coisa.

— Os saltimbancos podem continuar a farsa? — perguntou o bailio.

— Que continuem, continuem — disse o cardeal. — Para mim, tanto faz. Enquanto durar, leio meu breviário.

O bailio avançou até a beira do estrado e gritou, depois de conseguir silêncio com um gesto:

— Burgueses, artífices e moradores, para satisfazer aos que desejam o recomeço da peça e aos que querem o seu término, Sua Eminência ordena que continuemos.

Foi preciso que os dois lados se resinassem. Mas autor e público guardaram rancor contra o cardeal, por bom tempo.

Os personagens no palco retomaram então suas falas e Gringoire esperou que pelo menos o restante da obra fosse ouvido. Esperança que não demorou a desabar, como outras ilusões suas. O silêncio, de um jeito ou de outro, de fato se estabelecera no auditório, mas Gringoire não havia notado que, no momento em que o cardeal havia dado ordem para continuar o espetáculo, o estrado estava longe de ter lotação completa e que, depois dos enviados flamengos, novos personagens fazendo parte do cortejo chegavam, com nomes e atributos anunciados, em pleno diálogo, pelo grito intermitente do meirinho, produzindo consideráveis estragos. Que se imagine então, no meio de uma peça de teatro, o chiado de um meirinho a lançar, entre duas rimas e muitas vezes entre dois hemistíquios, parênteses como estes:

Mestre Jacques Charmoulue, procurador do rei no Tribunal da Igreja!

Jehan de Harlay, escudeiro, guarda do ofício de cavaleiro da vigília noturna da cidade de Paris!

Sr. Galiot de Genoilhac, cavaleiro, sr. de Brussac, mestre da artilharia do rei!

Mestre Dreux-Raguier, inspetor real de águas e florestas do rei, nas regiões de França, Champagne e Brie!

Sr. Louis de Graville, cavaleiro, conselheiro e camareiro do rei, almirante da França, administrador do Bosque de Vincennes!

Mestre Denis Le Mercier, guarda da casa dos Cegos de Paris!

Etc. etc. etc.

A coisa se tornava insuportável.

O estranho acompanhamento, que dificultava a continuação da peça, ainda mais indignava Gringoire por não haver como negar o interesse crescente pela obra, faltando-lhe apenas ser ouvida. Efetivamente, era difícil imaginar contexto mais engenhoso e dramático. Os quatro personagens do prólogo lamentavam seus mortais transtornos, quando Vênus em pessoa, *vera incessu patuit dea*,¹⁷ se apresentou a eles, trajando bonita vasquinha armoriada com o barco da cidade de Paris. Vinha exigir para si o delfim prometido à mais bela. Júpiter, de quem se ouvia retumbar o raio no vestiário, concordava e a deusa estava prestes a vencer, ou seja, literalmente, se casaria com o sr. delfim, quando uma criança, vestida de fino tecido branco e tendo na mão uma margarida (diáfana personificação da srta. de Flandres), entrou na disputa. *Coup de théâtre* e peripécia. Após controvérsia, Vênus, Margarida e demais personagens entraram em acordo para deixar a decisão à santa Virgem. Havia ainda um papel importante, o de Dom Pèdre, rei da Mesopotâmia. Porém, com tanta interrupção, era difícil saber para que ele servia exatamente. Todos tinham subido pela tal escadinha.

Tudo havia sido feito e nenhuma dessas belezas era sentida nem compreendida. A entrada do cardeal foi como um fio invisível e mágico que subitamente atraiu todos os olhares da mesa de mármore para o estrado, da extremidade meridional da sala à ocidental. Nada podia quebrar o feitiço que se abatera sobre o auditório. Todos os olhos estavam fixos naquele ponto, onde os que chegavam, com seus malditos nomes, rostos e roupas se transformavam em contínua atração. Era desolador. À exceção de Gisquette e Liénarde, que olhavam de vez em quando, porque Gringoire as puxava pela manga, à exceção do gordo e paciente vizinho, ninguém ouvia, ninguém olhava de frente a pobre moralidade abandonada. Gringoire tinha em seu campo de visão apenas perfis.

Com que amargor não via ele desabar, pedaço por pedaço, todos os seus

projetos de glória e poesia! E pensar que aquele povo estivera a ponto de se revoltar contra o sr. bailio, impaciente para ouvir a sua obra! Agora que podiam, não faziam caso. O mesmo espetáculo que tinha começado com tão unânime aclamação! Eterno fluxo e refluxo da atenção popular! Imaginar que quase enforcaram os guardas do bailio! O que não daria ele para voltar ainda àquele doce momento!

O brutal monólogo do meirinho, no entanto, parou. Todo mundo tinha chegado e Gringoire pôde respirar. Os atores bravamente haviam continuado. Mas eis que mestre Coppenole, o fabricante de meias, de repente se levanta e Gringoire o ouve pronunciar, no meio da atenção universal, essa abominável arenga:

— Srs. burgueses e pequenos fidalgos de Paris. Não sei, cruz de Deus!, o que fazemos aqui. Vejo naquele canto, sobre os cavaletes, gente que parece querer brigar. Ignoro se é o que chamam *mistério*, mas não me parece nada divertido. Querelam-se com a língua, nada mais. Há quinze minutos espero uma pancadaria. Nada. São uns covardes que se engalfinham apenas com injúrias. Deviam mandar vir lutadores de Londres ou de Roterdã, com urgência! Poderiam então ver socos que ouviriam de onde estão. Mas os que se apresentam para nós são de dar pena. Que ao menos proporcionassem uma dança mourisca ou momesca! Não corresponde ao que me disseram. Prometeram-me uma festa de bufos, com a eleição do papa. Também em Gante temos nosso papa dos bufos e nesse ponto não ficamos atrás, cruz de Deus! Mas vejam como fazemos. Juntamos uma turba, como aqui. Depois, cada um passa a cabeça por um buraco e faz uma careta para os outros. Quem fizer a mais feia, por aclamação de todos, é eleito papa. Só isso. É muito divertido. Não querem fazer o papa à moda do meu país? Será muito menos aborrecido do que ouvir esse falatório. Mas se os atores quiserem também fazer uma careta na tal abertura, podem participar. O que dizem, srs. burgueses? Temos aqui uma amostragem suficientemente grotesca dos dois sexos para que possamos rir à flamenga e somos feios o bastante para poder esperar belas caretas.

Gringoire quis responder. A estupefação, a raiva, a indignação o impediram. Além disso, a proposta do popular fabricante de meias foi recebida com tal entusiasmo pelos burgueses, contentes por terem sido chamado *pequenos fidalgos*, que qualquer resistência seria inútil. Pôde

apenas aceitar ser carregado pela torrente. Escondeu o rosto nas duas mãos, não tendo a felicidade de dispor de uma capa para cobrir a cabeça, como o Agamêmnon de Timantes.

17. “Verdadeira deusa, por seu andar, surgiu” (*Eneida*, I, 405), em latim no original.

5. Quasímodo

Num piscar de olhos, tudo se organizou para a execução da ideia de Coppenole. Burgueses, estudantes e funcionários do Palácio da Justiça puseram mãos à obra. A pequena capela em frente à mesa de mármore foi escolhida como palco para as caretas. Um vidro quebrado na bonita rosácea acima da porta abriu um círculo de pedra pelo qual se combinou que os competidores passariam a cabeça. Para alcançá-lo, era preciso subir em dois barris que apareceram não se sabe de onde e foram empilhados, um em cima do outro, também não se sabe como. Estipulou-se que cada candidato, homem ou mulher (pois poderia-se eleger uma papisa), cobriria o rosto e se manteria escondido na capela até o momento de sua aparição, para manter virgem e inteira a primeira impressão. Em pouquíssimo tempo a capela ficou cheia de concorrentes e a porta foi fechada.

Do lugar em que estava, Coppenole tudo ordenava, tudo dirigia, tudo improvisava. Durante a confusão, o cardeal, não menos desconcertado que Gringoire, a pretexto de algum negócio pessoal ou da hora das vésperas, se retirou com todo seu cortejo, sem que a multidão, que tanto se impressionara com sua chegada, minimamente se incomodasse com sua partida. Guillaume Rym foi o único a notar a debandada de Sua Eminência. A atenção popular, como o sol, seguia sua revolução e, partindo de uma ponta da sala, depois de se deter por algum tempo no meio, passara para o outro lado. A mesa de mármore e o estrado de brocado haviam tido o seu momento; era a vez da capela de Luís XI. O campo estava livre para todo tipo de loucura, restando no salão apenas flamengos e ralé.

A exibição de caretas teve início. A primeira figura a aparecer na abertura, com as pálpebras reviradas pelo avesso, bocarra escancarada e testa enrugada como nossas botas à hussarda, do período do Império, causou uma explosão de risos tão inextinguível que Homero tomaria aqueles grosseirões por deuses. É verdade que o grande salão não deixava de ser como um Olimpo e o pobre Júpiter de Gringoire sabia disso, melhor do que ninguém. Mais duas caretas se sucederam, depois outra e mais outra, sempre acompanhadas de

risos e trepidações de alegria que redobravam. Havia no espetáculo não sei qual vertigem particular, não sei qual força de embriaguez e fascínio, difíceis de transmitir aos leitores de hoje e aos nossos círculos literários. Que se imagine uma série de rostos apresentando sucessivamente todas as formas geométricas, do triângulo ao trapézio, do cone ao poliedro; todas as expressões humanas, da cólera à luxúria; todas as idades, das rugas do recém-nascido às rugas da velha moribunda; todas as fantasmagorias religiosas, do Fauno a Belzebu; todos os perfis animais, do focinho ao bico, das ventas à tromba. Que se imaginem todas as carrancas da ponte Neuf, esses pesadelos petrificados pelas mãos de Germain Pilon, ganhando vida e fôlego e vindo, uma de cada vez, nos olhar de frente, com uma expressão abrasadora; que se imaginem todas as máscaras do carnaval de Veneza a se sucederem diante de seu lornhão; que se imagine, resumindo, um caleidoscópio humano.

A orgia se tornava cada vez mais explosiva. Téniers conseguiria, no máximo, dar uma ideia imperfeita da cena. Que se imagine como uma bacanal a batalha pintada por Salvador Rosa. Não havia mais estudantada, nem embaixadores, nem burgueses, nem homens, nem mulheres; não havia mais Clopin Trouillefou, Gilles Lecornu, Marie Quatrelivres, Robin Poussepain. Tudo se apagava sob a licenciosidade comum. O grande salão se reduzia a uma vasta fornalha de atrevimentos e de jovialidade em que cada boca representava um grito, cada rosto uma careta, cada indivíduo uma postura. E tudo isso junto gritava e urrava. Os rostos estranhos, sucedendo-se a ranger os dentes na rosácea, eram como gravetos lançados num braseiro. E de toda essa multidão efervescente escapava, como o vapor de um forno, um rumor amargo, agudo, cortante, sibilino como as asas de um mosquito.

— Ai, ai! Maldição!

— Vejam só essa figura!

— Não vale nada.

— Outra!

— Guillemette Maugerepuis, veja só essa cara de touro, faltam só os chifres. Não é então o seu marido.

— Outra!

— Pela barriga do papa! Que careta é essa?

— Eieiei! Trapaça! Só se pode mostrar o rosto.

— Essa danada da Perrette Callebotte! É capaz de fazer isso.

— Aleluia! Aleluia!

— Estou sem ar!

— Esse aí não consegue fazer as orelhas passarem pelo buraco!

Etc. etc.

Justiça seja feita, no entanto, a nosso amigo Jehan. No meio de todo aquele tumulto, ele continuava no alto do seu pilar, como um grumete na gávea. Agitava-se com tremenda fúria. Tinha a boca escancarada e dela escapava um grito que não se ouvia, não porque encoberto pelo clamor geral, por mais intenso que fosse, mas por provavelmente atingir o limite dos sons agudos perceptíveis, as doze mil vibrações de Sauveur ou as oito mil de Biot.

Já Gringoire, passado o primeiro momento de abatimento, havia recuperado a presença de espírito. Endurecera contra a adversidade:

— Continuem! — disse pela terceira vez a seus atores, máquinas falantes.

Depois, andando a grandes passadas diante da mesa de mármore, foi tomado pela fantasia de ir também à rosácea aberta da capela, nem que fosse só pelo prazer de fazer uma careta àquele povo ingrato.

— Nada disso, não seria digno de nós; sem vinganças! Lutemos até o fim. O poder da poesia sobre o povo é grande; vou trazê-lo de volta. Veremos quem vencerá, se as caretas ou as belas-letras.

Infelizmente, era o único espectador remanescente de sua peça.

Viu-se em pior situação do que antes; em seu campo de visão, agora, tinha apenas costas.

Engano meu. O gordo e paciente sujeito já consultado num momento crítico se mantinha de frente para o teatro. Quanto a Gisquette e Liénarde, há muito já haviam desertado.

Gringoire se sentiu tocado no fundo do coração pela fidelidade daquele único espectador. Aproximou-se e dirigiu-se a ele, sacudindo com delicadeza o seu braço, pois o bravo homem estava encostado à balaustrada e dava um ligeiro cochilo.

— Senhor — disse Gringoire —, eu lhe agradeço.

— Senhor — respondeu o gordo bocejando —, por quê?

— Entendo o que o incomoda — retomou o poeta. — É todo esse barulho que o impede de ouvir melhor. Mas fique tranquilo! Seu nome passará à posteridade. Qual é o seu nome, por favor?

— Renault Château, guardião do sinete real no Châtelet de Paris, a seu dispor.

— O cavalheiro é aqui o único representante das musas — congratulou-o Gringoire.

— Muito honesto da sua parte, senhor — respondeu o guardião do sinete real no Châtelet.

— É o único — voltou Gringoire — a ter convenientemente ouvido a peça. O que acha dela?

— Ah! — respondeu o gordo magistrado ainda mal desperto. — Bastante alegre, deveras.

Gringoire teve que se contentar com apenas esse elogio, pois uma trovada de aplausos, misturados a uma prodigiosa aclamação, cortou a conversa. O papa dos bufos tinha sido eleito.

— Aleluia! Aleluia! Aleluia! — gritava o povo por todo lugar.

Era, de fato, uma careta maravilhosa que brilhava, naquele momento, no vão aberto na rosácea. Após tantas figuras pentagonais, hexagonais e heteróclitas sucedendo-se na abertura, sem realizar o ideal do grotesco que se formara nas imaginações exaltadas pela orgia, só mesmo, para arrebanhar os votos, aquela careta sublime que acabava de deslumbrar a plateia. O próprio mestre Coppenole aplaudiu e Clopin Trouillefou, que tinha concorrido (e Deus sabe a intensidade de feiura que seu rosto podia alcançar), declarou-se perdedor. Faremos o mesmo. Não vamos tentar dar ao leitor uma ideia do nariz tetraédrico, da boca em ferradura, do olho esquerdo minúsculo e obstruído por uma desgrenhada sobranceira ruiva, enquanto o direito desaparecia por completo sob uma imensa verruga, dos dentes desordenados, desfalcados, parecendo ameias de uma fortaleza, a beíçola calejada em que um daqueles dentes se posicionava como a presa de um elefante, o queixo bifurcado e, sobretudo, a fisionomia — uma mistura de malícia, espanto e tristeza. Que se tente imaginar, se possível for, tal conjunto.



Uma careta maravilhosa brilhava no vão aberto na rosácea.

A aclamação foi unânime. Todos correram à capela, aplaudindo em triunfo o bem-aventurado papa dos bufos. Mas foi quando chegaram ao cúmulo a surpresa e a admiração. A careta era o rosto, pura e simplesmente.

Ou melhor dizendo, sua pessoa inteira era uma careta só. Uma cabeçorra espetada de cabelos ruivos. Entre os dois ombros, uma enorme corcunda cujo peso se compensava à frente. Um sistema de coxas e pernas tão estranhamente disposto que elas só se encostavam à altura dos joelhos e, vistas de frente, pareciam dois arcos de foice que se juntassem pelo cabo. Pés grandes, mãos monstruosas e, completando toda essa deformidade, uma atitude de aterrorizantes vigor, agilidade e coragem. Era uma estranha exceção à regra que diz ser a força um resultado, assim como a beleza, da

harmonia. Assim era o papa que os bufos acabavam de proclamar.

Um gigante quebrado e mal colado.

Quando essa espécie de ciclope apareceu à entrada da capela, imóvel, atarracado e quase com a mesma largura que altura, *quadrado a partir da base*, como disse um grande homem, com um gibão bipartido vermelho e roxo, salpicado de sininhos prateados, e sobretudo pela perfeição da sua feiura o populacho o reconheceu imediatamente e exclamou em uníssono:

— É Quasímodo, o sineiro! É Quasímodo, o corcunda de Notre Dame! Quasímodo, o caolho! Quasímodo, o coxo! Aleluia! Aleluia!

O pobre-diabo tinha muitas designações a escolher.

— Que se cuidem as grávidas! — gritaram alguns estudantes.

— Ou as que quiserem engravidar — completou Joannes.

De fato, as mulheres escondiam o rosto para não ver.

— Ah! Que macaco horrível — dizia uma.

— Tão mau quanto feio — completava outra.

— É o diabo — acrescentou uma terceira.

— Tenho a infelicidade de morar perto de Notre Dame; toda noite ouço-o rondar pelas calhas.

— Com os gatos.

— Sempre pelos telhados.

— Lança maldições pelas chaminés das nossas casas.

— Outra noite, veio fazer uma careta na minha lucarna. Achei que era alguém. Morri de medo!

— Tenho certeza de que vai ao sabá. Uma vez, deixou uma vassoura na minha bacia de água suja.

— Ah! Carantonha horrível de corcunda!

— Ah! Alma ruim!

— Buuu!

Os homens, pelo contrário, estavam adorando e aplaudiam.

Quasímodo, objeto de todo aquele tumulto, continuava de pé à porta da capela, sombrio e grave, deixando que o admirassem.

Um estudante, acho que foi Robin Poussepain, veio rir bem debaixo do nariz dele, perto demais. Quasímodo se limitou a pegá-lo pela cintura e o lançou a dez passos, sobre a multidão. E tudo isso sem pronunciar uma

palavra.

Mestre Coppenole, maravilhado, aproximou-se.

— Cruz de Deus! Santo Pai! És a mais bela feiura que já vi na vida. Mereces o papado tanto de Roma quanto de Paris.

Dizendo isso, havia tranquilamente colocado a mão em seu ombro. Quasímodo não se mexeu. Coppenole continuou.

— És alguém que quero muito convidar para uma comilança, mesmo que isso me custe um bom dinheiro. O que acha?

Quasímodo não respondeu.

— Cruz de Deus! — exclamou o fabricante de meias. — És surdo?

De fato, era surdo.

E começava também a se impacientar com as maneiras de Coppenole. Virou-se bruscamente para ele com um ranger de dentes tão formidável que o gigante flamengo recuou, como um buldogue diante de um gato.

Em torno do estranho personagem criou-se um círculo de terror e respeito, em um raio de pelo menos quinze passos geométricos. Uma velha explicou a mestre Coppenole que Quasímodo era surdo.

— Surdo! — repetiu o fabricante de meias com sua risada flamenga. — Cruz de Deus! É um perfeito papa.

— Ei! Sei quem ele é — gritou Jehan que, finalmente, havia descido de seu capitel para ver Quasímodo de perto. — É quem bate os sinos do meu irmão arquidiácono.

— Bom dia, Quasímodo!

— Diabo de homem! — disse Robin Poussepain, ainda todo doído por causa da queda. — Quando se mostra, é corcunda. Andando, é manco. Quando olha, é vesgo. Você fala, ele é surdo. E o que faz esse Polifemo da língua que tem?

— Quando ele quer, ele fala — explicou a velha. — Ficou surdo por causa dos sinos. Mas não é mudo.

— Fica devendo isso — observou Jehan.

— E tem um olho supérfluo — acrescentou Robin Poussepain.

— Não — opinou judiciosamente Jehan. — Um caolho é bem mais incompleto do que um cego, pois sabe o que lhe falta.

Nesse meio-tempo, todos os mendigos, lacaios, batedores de carteiras,

junto com os estudantes, tinham ido em procissão buscar, no armário dos empregados do tribunal, a tiara de papelão e a samarra derrisória do papa dos bufos.

Quasímodo deixou que o vestissem sem reagir, com orgulhosa docilidade. Depois sentaram-no numa padiola enfeitada. Doze oficiais da confraria dos bufos o ergueram nos ombros. Uma espécie de amarga e desdenhosa satisfação se estampou na triste face do ciclope, vendo sob seus pés deformados todas aquelas cabeças de homens bonitos, eretos e bem-feitos. Em seguida, a tumultuosa e esfarrapada procissão se moveu para, segundo a tradição, dar a volta pelas galerias do palácio, antes de seguir por ruas e cruzamentos.

6. Esmeralda

Muito contentes estamos em poder dizer a nossos leitores que, durante toda a cena descrita, Gringoire e sua peça aguentaram firme. Os atores, instigados por ele, não pararam de declamar a comédia e o autor não interrompeu a escuta. Havia tomado o partido da disputa e estava determinado a ir até o fim, sem perder a esperança de recuperar a atenção do público. Essa tênue expectativa ganhou outro ânimo quando Quasímodo, Coppenole e o ensurdecedor cortejo do papa dos bufos saíram com grande espalhafato da sala. Avidamente a multidão os acompanhou.

— Ótimo — disse ele para si mesmo. — Todos os barulhentos se foram.

Infelizmente, o que fazia barulho era o público. Num piscar de olhos o grande salão ficou vazio.

Na verdade, restavam alguns espectadores, alguns espalhados, outros agrupados em volta dos pilares. Eram mulheres, velhos e crianças que haviam se cansado da confusão e do tumulto. Alguns estudantes continuavam a cavalo no peitoril das janelas e olhavam para a praça.

— Muito bem — pensou Gringoire —, temos ainda quem ouça o final do meu mistério. São poucos, mas formam um público de elite, um público letrado.

Após certo momento, Gringoire deu por falta da sinfonia que devia produzir grande efeito à entrada da santa Virgem. Só então percebeu que seus músicos tinham sido tragados pela procissão do papa dos bufos.

— Não são tão indispensáveis — pensou estoicamente.

Aproximou-se de um grupo de burgueses que dava a impressão de estar discutindo a sua peça. Transcrevo o excerto de conversa que ele ouviu:

— Lembra-se, mestre Cheneteau, da residência de Navarre, que pertencia ao sr. de Nemours?

— Com certeza, em frente da capela de Braque.

— Pois bem, o fisco acaba de alugá-la a Guillaume Alixandre, que é historiador, por seis libras e oito soldos parisis ao ano.

— Como os aluguéis encareceram!

— Não há de ser nada! — pensou Gringoire, com um suspiro. — Outros estão ouvindo.

— Amigos! — gritou de repente um dos rapazes à janela. — *É Esmeralda! Esmeralda está na praça!*

O aviso teve um efeito mágico. O que restava de público na sala se precipitou às janelas, subindo nos parapeitos para ver e repetindo: *Esmeralda! Esmeralda!*

Simultaneamente ouviram-se ruidosos aplausos do lado de fora.

— O que isso quer dizer? Esmeralda? — interrogou-se Gringoire, juntando as mãos desolado. — Ah! Meu Deus! Tudo indica que é a vez das janelas agora.

Virou-se para a mesa de mármore e constatou que a apresentação tinha sido interrompida. Era justamente o momento em que Júpiter devia aparecer com seu raio. Júpiter, no entanto, estava imóvel, ao pé do teatro.



— *É Esmeralda! Esmeralda está na praça!*

— Michel Giborne! — gritou o poeta irritado. — O que fazes aí? É este o teu papel? Sobe ao palco!

— Não tenho como, infelizmente — disse Júpiter — um estudante acaba de pegar a escada.

Gringoire olhou. A coisa não podia ser mais verdadeira. Toda comunicação se interrompera entre o clímax e o desfecho.

— Era só o que faltava! — murmurou ele. — E a troco de quê?

— Para ir ver Esmeralda — respondeu lamentosamente Júpiter. — Disse ele: Ah, uma escada que não serve para nada! E a pegou.

Foi o golpe de misericórdia. Gringoire recebeu-o com resignação.

— Que o diabo os carregue! — disse para os atores. — E se eu for pago,

vocês também serão.

Só então se retirou, cabisbaixo, mas foi o último, como um general que lutou o quanto pôde.

Já descendo a tortuosa escadaria do palácio, resmungou entre os dentes:

— Que belo bando de asnos e de grosseirões, esses parisienses! Vêm para ouvir um mistério e não ouvem nada! Interessaram-se por todo mundo, por Clopin Trouillefou, pelo cardeal, por Coppenole, por Quasímodo, pelo diabo! Mas pela senhora Virgem Maria, não. Se eu tivesse adivinhado, veriam as Virgens Maria que daria a esses cretinos! Eu que vim para ver rostos, só vi costas! Ser poeta e ter a sorte de um boticário! É bem verdade que Homero teve que mendigar por aldeias gregas e Naso morreu no exílio, entre os moscovitas. Mas quero que o diabo me esfole se entendo o que querem dizer com isso de Esmeralda! Que diabo de palavra é essa, afinal? É egípcio!

LIVRO DOIS

1. De Caríbdes a Cila

A noite cai cedo no mês de janeiro. As ruas já estavam às escuras quando Gringoire saiu do palácio, e isso o agradou: ansiava por alcançar alguma ruela obscura e deserta para meditar à vontade e para que o filósofo aplicasse um primeiro bálsamo na ferida do poeta. A filosofia, aliás, era seu único refúgio, pois não sabia para onde ir. Depois do estrepitante aborto daquela inaugural tentativa no teatro, não se animava a voltar ao lugar em que morava, na rua Grenier-sur-l'Eau, diante de Port-au-Foin, pois contava com o que o sr. preboste devia lhe dar por seu epitalâmio para pagar o mestre Guillaume Doulx-Sire, coletor da taxa sobre animais de Paris, pelos seis meses de aluguel devidos, isto é, doze soldos parisis; doze vezes o valor do que possuía no mundo, incluindo nesse patrimônio seus calções, a camisa e o chapéu. Depois de pensar por um momento, provisoriamente abrigado sob a guarita da prisão que servia à tesouraria da Sainte-Chapelle, onde se alojaria à noite, e tendo todas as ruas de Paris à disposição, lembrou-se de ter visto, na semana anterior, na rua de la Savaterie, diante da porta de um conselheiro do Parlamento, um degrau de apoio para se montar em mulas, e de naquela ocasião haver imaginado que a pedra daria excelente travesseiro para um mendigo ou um poeta. Agradeceu à providência o envio de tão boa lembrança. Porém, ao se preparar para atravessar a praça do Palácio rumo ao tortuoso labirinto da Cité, onde serpenteiam todas essas antigas irmãs que são as ruas de la Barillerie, de la Vieille-Draperie, de la Savaterie, de la Juiverie etc., ainda existentes hoje em dia, com suas construções de nove andares, ele viu a procissão do papa dos bufos que também saía do palácio e avançava pelo pátio com muitos gritos, intensa claridade de archotes e com os seus músicos, os mesmos que o haviam abandonado. A cena reavivou os arranhões no amor-próprio e ele fugiu. Na amargura da triste aventura dramática, tudo que lembrasse a festa daquele dia o abalava e fazia a ferida voltar a se abrir.

Quis tomar a ponte Saint-Michel; crianças corriam por lá, brincando com estalinhos e rojões.

— Malditos fogos de artifício! — praguejou Gringoire, tomando a direção da ponte au-Change.

Tinham fixado nas primeiras casas da ponte três bandeiras representando o rei, o delfim e Margarida de Flandres, e seis bandeirolas com os retratos do duque da Áustria, do cardeal de Bourbon, do sr. de Beaujeu, da sra. Joana de França, do sr. bastardo de Bourbon e de não sei mais quem, tudo iluminado por tochas. A turba as admirava.

— Feliz pintor Jehan Fourbault! — disse Gringoire com um profundo suspiro e virou as costas para bandeiras e bandeirolas.

Uma rua abria-se à frente. Pareceu-lhe tão escura e abandonada que esperou nela escapar de todos os sons, assim como de todas as luzes da festa. Tomou-a. Logo no início, seu pé tropeçou num obstáculo e ele caiu. Era um ramo de uma “árvore de maio” que pela manhã os funcionários do tribunal tinham posto à porta de um presidente do parlamento, festejando a solenidade do dia. Gringoire suportou heroicamente a nova provação. Levantou-se e dirigiu-se à beira do rio. Tendo deixado para trás as câmaras civil e criminal das torres do palácio e renteando em seguida o grande muro dos jardins do rei, pela margem não pavimentada em que a lama lhe chegava aos tornozelos, foi dar na ponta ocidental da Cité e considerou por algum tempo a ilhota do Atravessador de Vacas, que, de lá para cá, desapareceu sob o cavalo de bronze e da ponte Neuf.

A ilhota surgia na penumbra como uma massa escura, além do estreito braço d’água esbranquiçada que a separava. Mal se distinguia, pelo brilho de uma luzinha fraca, a espécie de barraco em forma de colmeia que servia de abrigo ao barqueiro que atravessava o gado de uma margem a outra.

— Feliz atravessador de vacas! — pensou Gringoire. — Não sonhas com glória nem escreves epitalâmios! Que importância têm para ti reis que se casam e duquesas de Borgonha? Não conheces outras margaridas além daquelas que a relva de abril dá a ruminar às tuas vacas! E eu, poeta, sou vaiado e bato os dentes e devo doze soldos e minha sola está tão transparente que serviria de vidro para tua lanterna. Obrigado, atravessador de vacas! Tua cabana descansa minha vista e me faz esquecer Paris!

Foi despertado desse êxtase quase lírico por um estrepitoso rojão duplo de são João que bruscamente irrompia da bem-aventurada cabana. Era o atravessador de vacas que tomava parte nos folguedos do dia e fazia

pipocarem seus fogos de artifício.

O estouro causou arrepios em Gringoire.

— Maldita festa! — exclamou. — Vai me perseguir por toda parte? Ah, meu Deus! Até mesmo o atravessador de vacas!

Em seguida, olhou para o Sena a seus pés e foi tomado por horrível tentação:

— Ah! — disse ele. — Tranquilamente me afogaria, se a água não estivesse tão fria!

Uma decisão desesperada então o assaltou. Já que não podia escapar do papa dos bufos, das bandeirolas de Jehan Fourbault, dos ramos da árvore de maio, dos foguetes e dos rojões, mergulharia resolutamente no coração mesmo da festa e iria à praça da Grève.

— Pelo menos lá — pensou — posso conseguir um tição da fogueira para me aquecer e comer alguma migalha dos três grandes brasões reais de açúcar que a mesa pública da cidade deve ter disponível.

2. A praça da Grève

Quase não se veem hoje em dia vestígios do que foi a praça da Grève de então. Há a encantadora pequena torre que ocupa o ângulo norte da praça e que, já encoberta por ignóbil argamassa que aplanas as vivas arestas das suas esculturas, talvez acabe desaparecendo, submersa pela torrente de casas novas que tão rapidamente devora todas as antigas fachadas de Paris.

As pessoas que, como nós, sempre passam pela praça da Grève e olham com pena e simpatia a pobre torrezinha sufocada entre duas casas vetustas da época de Luís XV podem facilmente reconstituir pela imaginação o conjunto de edifícios a que ela pertencia e ter uma plena ideia da velha praça gótica do século XV.

Como hoje ainda, a praça formava um trapézio irregular, tendo de um lado o cais e dos três outros uma série de casas altas, estreitas e sombrias. De dia, podia-se admirar a variedade dessas construções, todas esculpidas em pedra ou em madeira, numa completa amostragem das diversas arquiteturas domésticas da Idade Média, do século XV ao XI, desde o arco cruzeiro, que começava a destronar a ogiva, até o pleno cimbrio românico, suplantado pela ogiva e que se via ainda, sob o primeiro andar da antiga casa da torre Roland, no ângulo da praça que dava para o Sena, junto à rua de la Tannerie. À noite, só se distinguia dessa massa de prédios o escuro recorte dentado dos telhados, correndo em volta da praça, numa cadeia de ângulos agudos. Pois é essa uma das diferenças radicais entre as cidades de então e as cidades do presente: são hoje as fachadas que dão para as praças e ruas, enquanto antigamente eram as paredes cegas. Nos dois últimos séculos, as casas viraram de lado.

No centro do lado oriental da praça erguia-se uma pesada e híbrida construção formada por três moradas justapostas. Eram conhecidas por três nomes que explicam suas história, destinação e arquitetura: a casa do Delfim, por ter sido habitada por Carlos V, antes de se tornar rei; a Mercadoria, por ter servido de prefeitura; e a casa dos Pilares (*domus ad piloria*), por possuir uma série de sólidas colunas que sustentavam seus três andares. A cidade tinha ali tudo de que precisa uma boa cidade como Paris: uma capela, para

orações a Deus; um *tribunal* de defesa contra, se necessário, a administração do rei; e, no sótão, um *arsenal* de artilharia. Pois os burgueses de Paris sabem não bastar, em qualquer conjuntura, rezar e pleitear as franquias da cidadania, mantendo sempre em reserva, num sótão da câmara municipal, bom estoque de velhos arcabuzes.

Já então, a Grève tinha esse aspecto sinistro, mantido ainda hoje pela ideia execrável que ela desperta e pelo sombrio prédio municipal de Dominique Boccador, que substituiu a casa dos Pilares. Deve-se lembrar que uma força e um pelourinho permanentes — a justiça e a escada, como se dizia então —, lado a lado, cumpriam seu papel, fazendo com que os olhos se desviassem daquela praça fatal, onde tantos seres cheios de vida e de saúde agonizaram. E onde também teria origem, cinquenta anos depois, a *febre de Saint-Vallier*, causada pelo terror do patíbulo, a mais monstruosa de todas as doenças, já que não enviada por Deus, mas imposta pelos homens.

Devemos lembrar que a pena de morte — com suas rodas de ferro, patíbulos de pedra e toda uma parafernália permanente e fixa de instrumentos de suplício — há apenas trezentos anos atravancava ainda o calçamento da praça da Grève, do Halles, da praça Dauphine, da Croix du Trahoir, do mercado dos porcos, do pavoroso Montfaucon, da *barrière* des Sergents, da praça dos Gatos, da porta Saint-Denis, de Champeaux, da porta Baudets, da porta Saint-Jacques, sem contar as inúmeras “escadas” dos prebostes, do bispo, do cabido, dos abades, dos priores com direito de “justiça”, e sem contar também os afogamentos legais no rio Sena. É consolador que hoje, tendo perdido sucessivamente todas as peças da sua armadura, seu aparato de suplícios, suas penalidades imaginosas e criativas, sua tortura, da qual ela a cada cinco anos renovava a aparelhagem no Grande Châtelet, essa velha soberana da sociedade feudal, quase banida das nossas leis e das nossas cidades, de Código em Código acuada, expulsa de praça em praça, tenha apenas, em nossa imensa Paris, um último refúgio infame na Grève, com aquela miserável guilhotina furtiva, inquieta, envergonhada, parecendo sempre temer ser pega em flagrante delito, tanto que rapidamente desaparece, logo depois de dar seu espetáculo!

3. *Besos para golpes*¹⁸

Ao chegar à praça da Grève, Pierre Gringoire estava transido de frio. Tinha pegado a ponte aux-Meuniers para evitar a confusão na ponte au-Change e as bandeiras de Jehan Fourbault, mas os moinhos do bispo haviam molhado a sua roupa miserável. E ele tinha também a impressão de que o fiasco da sua peça o deixava mais friorento ainda. De forma que se apressou para ir à fogueira que magnificamente ardia no meio da praça. Uma multidão considerável formava um círculo ao redor.

— Desgraçados parisienses! — disse para si mesmo, pois Gringoire, como autêntico poeta dramático, era dado a monólogos. — Impedem-me o fogo! No entanto, preciso muito de um calor. Meus sapatos estão ensopados e todos aqueles malditos moinhos choraram em cima de mim! Diabo de bispo de Paris com seus moinhos! Bem que eu gostaria de saber o que faz um bispo com um moinho! Será que pensa se tornar bispo-moleiro? Se, para tanto, precisar da minha maldição, pode contar com ela. Concedo-a e a estendo à catedral e aos moinhos! E esses desocupados que não me deixam passar, me pergunto o que fazem aqui! Querem calor, grande coisa! Olham queimar uma quantidade de lenha, grande espetáculo!

Chegando mais perto, percebeu que o círculo era bem maior do que o necessário para se aquecer à fogueira do rei e que a afluência de espectadores não tinha como única justificativa a beleza de braçadas de lenha miúda queimando.

Num vasto espaço deixado livre entre a multidão e o fogo, uma jovem dançava.

Se a jovem era um ser humano, uma fada ou um anjo foi algo que Gringoire, por mais filósofo cético, por mais poeta irônico que se considerasse, não conseguiu decidir de imediato, de tanto que a deslumbrante visão o fascinou.

Ela não era tão grande quanto a primeira impressão levava a crer por causa da fina cintura que afoitamente se retorcia. Era morena, mas podia-se imaginar que à luz do dia a pele devia ter o belo reflexo dourado das

andaluzas e romanas. O pezinho era também andaluz, pois se mostrava simultaneamente tolhido e à vontade na graciosa sapatilha. Dançava, piruetava, rodopiava em cima de um velho tapete persa, negligentemente estendido a seus pés, e toda vez que, a esvoaçar, o rosto da dançarina passava à frente de um espectador, seus grandes olhos negros relampejavam.

Ao redor, todas as atenções estavam fixas, todas as bocas abertas e, de fato, enquanto ela assim dançava — ao som do pandeiro que seus dois braços roliços e puros erguiam acima da cabeça delicada, frágil e viva como uma vespa, vestindo um corpete dourado sem qualquer dobradura, os ombros nus, a saia colorida que inflava e deixava às vezes que se vissem as pernas finas, os cabelos pretos, os olhos ardentes —, era uma criatura sobrenatural.

— Na verdade — pensou Gringoire — é uma salamandra, uma ninfa, uma deusa, é uma bacante do monte de Mênalo!

Nesse momento, uma das tranças presas à cabeça da “salamandra” se soltou e a peça de cobre amarelo que a prendia rolou por terra.

— Nada disso! É uma cigana.

Toda ilusão desapareceu.

Ela voltou a dançar. Pegou no chão duas espadas e apoiou suas pontas na própria testa, girando-as num sentido e rodopiando no outro. Era mesmo, simplesmente, uma cigana. Mas por mais desencantado que se sentisse Gringoire, a cena não deixava de apresentar enlevo e magia, iluminada pela luz crua e vermelha da fogueira que tremeluzia no rosto da multidão, na face morena da jovem e lançava no fundo da praça um pálido reflexo, que ia se misturar, vacilante, às sombras da velha fachada escura e fendida da casa dos Pilares, de um lado e, de outro, do braço de pedra do patíbulo.

Entre os mil rostos que os clarões tingiam de escarlate, havia um que parecia particularmente absorvido na contemplação da dançarina. Era uma austera, calma e sombria figura de homem. A multidão que o cercava não deixava que se vissem suas roupas e ele não parecia ter mais de trinta e cinco anos. No entanto, era calvo, restando apenas nas têmporas alguns cabelos escassos e já grisalhos. A testa ampla e alta começava a apresentar rugas, mas nos olhos fundos brilhava uma extraordinária juventude, uma vida ardente, uma paixão profunda. Ele os mantinha presos à cigana e enquanto a louca mocinha, com seus dezesseis anos, dançava e rodopiava para o prazer de todos, para ele, seu devaneio parecia se tornar cada vez mais sombrio. De vez

em quando, um sorriso e um suspiro se uniam em seus lábios, mas o sorriso era mais doloroso do que o suspiro.

A jovem, afogueada, finalmente parou, e o povo a aplaudiu com entusiasmo.

— Djali —¹⁹ chamou a cigana.

Gringoire viu então se aproximar uma bonita cabritinha branca, alerta, viva, brilhosa, de chifres dourados, patas douradas, coleira dourada e que ele não havia notado até então, em repouso num canto do tapete, assistindo à exibição da sua dona.

— Djali — repetiu a dançarina —, é a sua vez.

Sentando-se, graciosamente apresentou à cabra o pandeiro.

— Djali — continuou —, em que mês do ano estamos?

A cabra ergueu a pata dianteira e bateu uma vez no pandeiro. Era, de fato, o primeiro mês do ano. A multidão aplaudiu.

— Djali — voltou a jovem, virando o pandeiro para outro lado —, em que dia do mês estamos?

Djali ergueu a patinha dourada e deu seis pancadas no pandeiro.

— Djali — continuou a egípcia, sempre com novos volteios do instrumento —, que horas são?

Djali bateu sete vezes. No mesmo momento, o relógio da casa dos Pilares acusou as sete horas.

O povaréu estava maravilhado.

— Tem feitiçaria nisso — disse uma voz sinistra na multidão. Vinha do homem calvo que não tirava os olhos da cigana.

Ela estremeceu e se virou. Os aplausos, entretanto, cobriram a lúgubre exclamação.

Inclusive tão completamente a apagaram em seu espírito que ela continuou a fazer perguntas à cabra.

— Djali, como faz mestre Guichard Grand-Remy, capitão dos pistoleiros da cidade, na procissão da Candelária?

Djali se ergueu nas patas traseiras e começou a balir, caminhando com tanta graça e gravidade que o círculo inteiro de espectadores riu diante da paródia da devoção interessada do capitão dos pistoleiros.

— Djali — retomou a moça, incentivada pelo crescente sucesso —, como

reza mestre Jacques Charmolue, procurador do rei junto ao tribunal da Igreja?

A cabra se acomodou no próprio traseiro e baliu, agitando as patas dianteiras de maneira tão estranha que, exceto pelo mau francês e mau latim, Jacques Charmolue inteiro estava ali, com os mesmos gestos, tom e atitude.

A multidão redobrou os aplausos.

— Sacrilégio! Profanação! — ouviu-se novamente a voz do homem calvo.

A cigana se virou uma vez mais.

— Ah! — disse em voz baixa. — Vem dali o perigo!

Em seguida, com um trejeito que parecia ser habitual, passou o lábio inferior por cima do lábio superior, deu meia-volta e começou a recolher com o pandeiro as contribuições do público.

Choveram moedas de todo tipo. Quando passou à frente de Gringoire, ele tão desajeitadamente levou a mão ao bolso que a moça parou.

— Diabos! — disse o poeta, achando no fundo do bolso a realidade, isto é, o vazio.

A mocinha bonita no entanto estava ali, fitando-o com seus olhos grandes, estendendo o pandeiro e esperando. Pesadas gotas de suor se formaram pelo corpo de Gringoire. Caso tivesse as minas do Peru no bolso, com certeza as teria dado à dançarina, mas Gringoire não as tinha e, aliás, a América sequer tinha sido descoberta.

Felizmente, um incidente inesperado veio socorrê-lo.

— Não vai embora, gafanhoto do Egito? — gritou uma voz amarga, vinda do canto mais escuro da praça.

A jovem se virou assustada. Não era mais a voz do homem calvo e sim uma voz de mulher, uma voz beata e má.

Esse mesmo grito que assustou a cigana, entretanto, alegrou um bando de crianças que estava por ali.

— É a reclusa da torre Roland — gritaram entre risadas tumultuadas —, é a *sachette* ranzinza! Deve estar sem ter o que comer! Vamos dar o que sobrou da mesa da cidade!

Todas correram para a casa dos Pilares.

Gringoire aproveitou a confusão para desaparecer. Mas a gritaria das crianças o fez se lembrar de que ele também não havia comido. Correu então para a mesa. Só que os pirralhos tinham melhores pernas. Quando chegou, já

tinham levado tudo. Não restava nem mesmo um mísero doce seco de cinco soldos a dúzia. Viam-se apenas, na parede, as esbeltas flores-de-lis, misturadas a roseiras, pintadas em 1434 por Mathieu Biterne. Não alimentavam muito.

É coisa desagradável se deitar de barriga vazia; pior ainda estar de barriga vazia e nem saber onde se deitar. Era o ponto em que se encontrava Gringoire. Sem pão, sem cama. Via-se por todo lado aflito pela necessidade e considerava brutal a necessidade. Há muito tempo descobrira a verdade: Júpiter criou os seres humanos num acesso de misantropia e, por isso, os homens porventura mais sábios têm como destino o eterno estado de sítio da sua filosofia. Em seu caso particular, Gringoire nunca tinha visto tal bloqueio se mostrar tão completo; ouvia o estômago passar por maus bocados e achava extremamente fora de propósito o fato de o mau destino lhe dobrar a filosofia pela fome.

Esse melancólico devaneio o absorvia cada vez mais, quando uma estranha melodia, ainda que suave, bruscamente o despertou. Era a jovem egípcia que cantava.

Sua voz transmitia a mesma sensação que sua dança e sua beleza. Era indefinível e encantadora. Algo, por assim dizer, puro, sonoro, aéreo, alado. Eram contínuos desabrochares, melodias, cadências inesperadas, frases simples, semeadas de notas afiadas e cortantes, com saltos na escala que deixariam tonto um rouxinol, mas em que a harmonia se mantinha sempre, com suaves ondulações de oitavas a subirem e descerem, acompanhando o peito da jovem cantora. Seu belo rosto seguia com singular mobilidade todos os caprichos da canção, desde a inspiração mais afoita à mais casta dignidade. Ouvindo-a, podia-se pensar se tratar de uma louca, mas também de uma rainha.

As palavras que cantava eram numa língua que Gringoire desconhecia, e que ela também parecia desconhecer, de tanto que a expressão da melodia pouco se importava com o sentido das palavras. Por exemplo, esses quatro versos em sua boca tinham insana alegria:

*Un cofre de gran riqueza
Hallaron dentro un pilar,
Dentro del, nuevas banderas*

Con figuras de espantar.

Como também, logo depois, o tom que emprestava a essa estrofe:

*Alarabes de cavallo
Sin poderse menear,
Con espadas, y los cuellos,
Ballestas de buen echar.*²⁰

Gringoire sentia as lágrimas virem aos olhos. No entanto, era alegria que se pressentia naquela celebração, e ela parecia cantar como um passarinho, pela serenidade e indolência.

A canção da cigana havia perturbado o devaneio de Gringoire, mas como à água perturba o cisne. Ele ouvia com uma espécie de enlevo e abandono de tudo. Era o primeiro momento, nas últimas horas, em que sentia não sofrer.

Foi um momento curto.

A mesma voz de mulher que interrompera a dança da cigana interrompeu o seu canto:

— Não vai se calar, cigarra do inferno? — gritou ela, sempre do mesmo recanto escuro da praça.

A pobre *cigarra* parou instantaneamente. Gringoire tapou os ouvidos.

— Ah! — exclamou. — Maldita serra mal afiada que vem partir a lira!

Outros espectadores igualmente murmuravam como ele:

— Ao diabo a *sachette*! — clamaram muitos ao redor.

E a estraga-prazeres invisível se arrependeria do ataque contra a cigana se não chamasse a atenção de todos, naquele instante, a procissão do papa dos bufos, que depois de percorrer uma quantidade de ruas e cruzamentos desembocava na praça da Grève, com todas as suas luzes e algazarra.

Essa procissão, que nossos leitores viram partir do palácio, tinha se organizado pelo caminho e recrutado tudo que havia em Paris de canalha, ladrões desocupados e vagabundos disponíveis; de forma que apresentava um aspecto dos mais respeitáveis ao chegar à Grève.

À frente, marchava o Egito. O duque do Egito encabeçava a cavalo, com seus condes a segurar-lhe, a pé, as rédeas e os estribos. Vinham atrás egípcios e egípcias em tumulto, muitos com filhos a gritar nos seus ombros; todos,

duques, condes e arraia-miúda, em farrapos e bugigangas brilhosas. Seguia-se o reino da Gíria, ou seja, todos os ladrões da França, seguindo ordem hierárquica, com os menores à frente. Desfilavam quatro a quatro, obedecendo às diversas insígnias do seu status naquela estranha faculdade, havendo uma maioria de estropiados, pernetas, manetas, empregados larápios, salafrários diversos, mordidos por cães raivosos, miseráveis, olheiros, falsos enfermos, debochados, lamuriosos, traidores, débeis, falsos atingidos por raio, contrabandistas, camelôs, velhacos, órfãos, doutores em malandragem, ladrões independentes; era um rol de entediar Homero. No centro do conclave dos doutores em malandragem e dos ladrões independentes, mal se conseguia distinguir o rei da Gíria, o maioral dos rotos, agachado numa pequena charrete puxada por dois cachorros grandes. Depois do reino da Gíria, vinha o império de Galileu. Guillaume Rousseau, então imperador, caminhava majestosamente com suas vestes púrpura manchadas de vinho, tendo direito a um abre-alas de saltimbancos que esbarravam uns nos outros numa dança pírrica, cercados de pregoeiros, de sequazes, de ajudantes da Câmara de Contas. Fechava o cortejo, enfim, a ralé dos tribunais, com coroas primaveris de flores, togas negras, música digna de sabás e compridas velas de cera amarela. No centro de toda essa multidão, os grandes oficiais da confraria dos bufos transportavam nos ombros uma padiola mais sobrecarregada de círios do que o relicário de santa Genoveva em época de peste. E sobre essa padiola resplandia, de báculo, capa e mitra, o novo papa dos bufos, o sineiro de Notre Dame, Quasímodo o corcunda.

Cada seção dessa grotesca procissão tinha sua música particular. Os egípcios faziam soar marimbas e tamborins da África. O reino da Gíria, de gente muito pouco musical, limitava-se à viola, à buzina feita de chifre e à gótica violeta de duas cordas do século XII. O império de Galileu não ia muito além disso e mal se distinguia, na música que faziam, alguma miserável viola de três cordas, da infância da arte, ainda presa ao *ré, lá, mi*. Entretanto, era em volta do papa dos bufos que se concentravam, em magnífica cacofonia, todas as riquezas musicais da época. Ouviam-se altos de viola, contraltos de viola, baixos de viola, sem falar das flautas e dos metais. Infelizmente, como devem lembrar os leitores, eram os instrumentistas da orquestra de Gringoire.

É difícil dar uma ideia do grau de orgulhosa e bem-aventurada satisfação

que tinham as tristes e horríveis feições de Quasímodo, no trajeto entre o palácio e a Grève. Era o primeiro prazer por que jamais passara seu amor-próprio. Ele só havia, até então, conhecido o aviltamento, com desdém por sua condição e asco por sua pessoa. Assim, por mais surdo que fosse, saboreava como verdadeiro papa as aclamações da multidão que ele, por se sentir odiado, odiava. Que os seus súditos fossem um amontoado de doidos, de mentecaptos, ladrões e de mendigos, qual a importância? Eram, mesmo assim, súditos e ele soberano. Levava então a sério todos aqueles aplausos irônicos, todas aquelas deferências derrisórias às quais, diga-se, misturava-se também, na confusão, um medo bem real. Pois o corcunda era robusto, o manco era ágil, o surdo podia ser cruel: três qualidades que temperam o ridículo.

Na verdade, porém, estamos longe de acreditar que o novo papa dos bufos se desse conta dos próprios sentimentos e dos sentimentos que inspirava. O espírito alojado naquele corpo falho necessariamente tinha também características incompletas e surdas. De forma que o que Quasímodo sentia naquele momento era para ele absolutamente vago, indistinto e confuso. À tona, vinha somente a alegria, e o orgulho era a dominante. Ao redor dessa sombria e triste figura, tudo resplandecia. Não foi então sem surpresa e sem horror que de repente se viu, no momento em que, nessa semiembriaguez, Quasímodo passava triunfalmente diante da casa dos Pilares, um homem se lançar da multidão e arrancar-lhe das mãos, num gesto de raiva, o báculo de madeira dourada, insígnia do seu papado bufão.

O temerário em questão era o personagem calvo que, instantes antes, misturado ao grupo que assistia à dança da cigana, tinha causado calafrios à pobre moça, com palavras de ameaça e ódio. Vestia trajes eclesiásticos. No momento em que saiu da multidão, Gringoire, que não havia até então reparado nele, o reconheceu:

— Veja só! — disse para si mesmo, com um grito de espanto. — É meu mestre em Hermes, dom Claude Frollo, o arquidiácono! Que diabo pode querer com o horrível caolho? Vai ser triturado.

Um grito de terror, de fato, ergueu-se. O formidável Quasímodo se lançara fora da padiola e as mulheres desviavam o rosto para não vê-lo dilacerar o arquidiácono. Ele deu um salto até o padre, reconheceu-o e caiu de joelhos.

O padre arrancou a tiara da cabeça dele, quebrou o báculo, rasgou a capa

brilhosa.

Quasímodo, que continuava de joelhos, inclinou a nuca e juntou as mãos.

Estabeleceu-se entre eles um estranho diálogo de sinais e gestos, pois nenhum dos dois falava. O padre, de pé, irritado, ameaçador, imperioso, e Quasímodo prosternado, humilde, suplicante. No entanto, era patente que Quasímodo podia esmagar o religioso com um único polegar.

O arqui-diácono, enfim, sacudindo rudemente o poderoso ombro do corcunda, fez sinal para que se levantasse e viesse com ele.

Quasímodo levantou-se.

Passado o primeiro estupor, a confraria dos bufos quis defender o papa tão bruscamente destronado. Os egípcios, o povo da Gíria e toda a ralé se juntaram, rosnando, ameaçadores, ao redor do padre.

Quasímodo se postou à frente, mostrou os músculos dos punhos atléticos e olhou para os atrevidos com um ranger de dentes de tigre enraivecido.

O padre recuperou sua sombria gravidade, fez sinal a Quasímodo e os dois se retiraram em silêncio.

Quasímodo ia à frente dele, abrindo caminho na multidão.

Depois que atravessaram o mar de gente e a praça, uma nuvem de curiosos e de desocupados quis segui-los. Quasímodo passou então para trás do arqui-diácono, cobrindo-lhe as costas, atarracado, feroz, monstruoso, arisco, articulando os membros, lambendo suas presas de javali, rugindo como fera selvagem e causando imensas idas e vindas na multidão com um simples gesto ou um olhar.

O povaréu permitiu que os dois se enfiassem por uma ruela estreita e tenebrosa, em que ninguém se arriscou a segui-los, de tanto que a simples quimera de Quasímodo rangendo os dentes barrava a entrada.

— Tudo isso foi espetacular — disse Gringoire —, mas onde, diabos, vou conseguir comer alguma coisa?

18. “Beijos para pancadas”, num espanhol não muito ortodoxo no original.

19. “Em tártaro, *Djali* significa *cachorro*”, assinalou Victor Hugo em suas anotações para o romance.

20. Literalmente: “Um cofre de grande riqueza/ Encontraram dentro de um pilar,/ Dentro dele, bandeiras novas/ Com figuras de espantar.” e “Árabes a cavalo/ Sem

poderem se mover/ Com espadas e, a tiracolo,/ Balestras de bom alcance”, *Canción de Mio Cid*, em espanhol no original.

4. Os inconvenientes de seguir uma mulher bonita à noite pelas ruas

Sem saber o que fazer, Gringoire seguiu a cigana. Viu-a tomar com a cabra a rua de la Coutellerie e tomou, então, a rua de la Coutellerie.

— Por que não? — perguntou-se.

Gringoire, filósofo prático das ruas de Paris, já havia observado que nada é mais propício ao devaneio do que seguir uma bonita mulher sem saber aonde ela vai. Há, nessa abdicação voluntária do livre-arbítrio, nessa fantasia que se submete a outra fantasia, que a desconhece, uma mistura de independência extravagante e obediência cega, algo entre a escravidão e a liberdade, que muito agradava a Gringoire, espírito essencialmente misto, indeciso e complexo, adaptado a todos os extremos, incessantemente suspenso entre todas as propensões humanas e usando uma para neutralizar outra. Ele gostava de se comparar ao túmulo de Maomé, atraído em sentidos inversos por dois ímãs e eternamente oscilante entre o alto e o baixo, entre a abóbada e o chão, entre a queda e a ascensão, entre o zênite e o nadir.

Se Gringoire vivesse nos nossos dias, como se manteria bem entre o clássico e o romântico!

Mas não era primitivo o suficiente para viver por trezentos anos, o que é pena. Sua ausência é um vazio que se faz muito sentir nos dias de hoje.

Aliás, para seguir de tal forma os transeuntes (sobretudo as transeuntes), algo que Gringoire fazia de bom grado, nada melhor do que não saber onde dormir.

Ele caminhava, então, pensativo, atrás da mocinha que apertava o passo, fazendo trotar a cabra, vendo irem embora os burgueses e se fecharem as tabernas, único comércio a se manter aberto em dias como aquele.

— Afinal de contas — era o que ele mais ou menos pensava — ela tem que morar em algum lugar. As ciganas têm bom coração. Quem sabe?...

E havia, nas reticências com que ele fazia acompanhar essas hesitações do seu espírito, não sei quais ideias bastante graciosas.

De vez em quando, porém, passando pelos últimos grupos de burgueses que fechavam suas portas, ele pegava aqui e ali restos de conversas que rompiam o encanto das suas otimistas hipóteses.

Podiam ser dois velhos que se cumprimentavam:

— Mestre Thibaut Fernicle, sabe que está fazendo frio?

(Pessoalmente, Gringoire sabia disso desde o início do inverno.)

— Como não, mestre Boniface Disome? Será que vamos ter um inverno como o de três anos atrás, em 80, quando a lenha chegou a quatro soldos o estéreo?

— Isso não é nada, mestre Thibaut!, em comparação com o inverno de 1407, que foi gelado da são Martinho à festa da Candelária! Com tanta fúria que a pena do escrivão do Parlamento congelava, na sala principal, a cada três palavras! E isso acabou interrompendo o registro da justiça.

Mais adiante, viam-se vizinhas à janela, com velas que a bruma fazia crepitar.

— Seu marido lhe contou a desgraça, sra. La Boudraque?

— Não. O que foi, sra. Turquant?

— O cavalo do sr. Gilles Godin, o notário do Châtelet, que se assustou com os flamengos e a procissão deles, derrubando mestre Philippot Avrillot, oblato dos celestinos.

— Verdade?

— Plena.

— Um cavalo burguês! Que coisa! Se fosse ainda um cavalo de cavalaria, até se poderia entender.

E as janelas se fechavam. Gringoire, entretanto, perdera o fio dos seus pensamentos.

Felizmente, logo voltou a encontrá-los e os reorganizou sem dificuldade, graças à cigana e graças a Djali, pois continuavam ambas andando à sua frente. Duas finas, delicadas e encantadoras criaturas das quais ele admirava os pezinhos, as bonitas formas, as graciosas maneiras, quase confundindo as duas na contemplação. Pela inteligência e boa amizade, eram duas mocinhas; pela leveza, agilidade, destreza no andar, duas cabritas.

As ruas, no entanto, foram ficando cada vez mais escuras e desertas. O toque de recolher já havia soado há muito e começavam a só encontrar um

transeunte ou outro pelo caminho, poucas luzes às janelas, com Gringoire tendo penetrado, atrás da egípcia, no inextricável dédalo de ruelas, cruzamentos e becos sem saída que formam o ambiente do antigo sepulcro de Saints-Innocents e que mais parecem um novelo de lã embaraçado por um gato.

— São ruas com muito pouca lógica! — dizia Gringoire, perdido naqueles mil circuitos que o tempo todo pareciam voltar ao mesmo, mas no qual a moça seguia um caminho que ela parecia conhecer bem, sem hesitação e com um passo cada vez mais rápido. Já ele, ignoraria perfeitamente onde se encontrava se não houvesse de passagem percebido, cruzando uma rua, a massa octogonal do pelourinho do Halles, cujo topo descoberto realçava vivamente seu recorte escuro, sobre o fundo de uma janela ainda iluminada da rua Verdelet.

Já há alguns instantes, a moça notara a sua presença e várias vezes havia olhado para trás, preocupada. Uma vez inclusive parou, aproveitando-se de um raio de luz que escapava de uma padaria entreaberta para olhá-lo fixamente, de cima a baixo. Nesse momento, Gringoire viu-a repetir o tique que já havia notado antes e depois ela seguiu em frente.

Aquele pequeno trejeito fez Gringoire pensar. Havia certamente desdém e zombaria no gracioso gesto. De forma que começou a andar de cabeça baixa, como se contasse as pedras da pavimentação, e a seguir mais de longe a moça até que, antes de chegar a uma esquina que o fazia perdê-la de vista, ouviu um grito estridente.

Apertou o passo.

A rua estava em plena escuridão. Mas uma estopa embebida em óleo e que queimava num recipiente de ferro aos pés da Santa Virgem, no canto da rua, permitiu que Gringoire percebesse a cigana se debatendo nos braços de dois homens que tentavam abafar seus gritos. A pobre cabritinha, assustada, baixava os chifres e balia.

— Cuidem-se, srs. assaltantes! — gritou Gringoire, que avançou com bravura.

Um dos homens que seguravam a moça se virou para ele. Era a formidável figura de Quasímodo. Gringoire não fugiu, mas também não avançou.

Quasímodo se aproximou, lançou-o a quatro passos de distância com uma

pancada das costas da mão e rapidamente se enfiou na penumbra, levando a jovem, dobrada num dos braços como uma echarpe de seda. Seu companheiro o seguia e a assustada cabrita corria atrás deles todos, com um balir desesperado.

— Assassinos! Assassinos! — gritava a infeliz cigana.

— Parem, miseráveis, e larguem a mulher! — ouviu-se a voz de trovão de um cavaleiro que surgiu inopinadamente de uma esquina.

Era um capitão dos arqueiros da ordenança do rei, armado dos pés à cabeça e de espada em punho.

Arrancou a cigana dos braços do estupefato Quasímodo, colocou-a atravessada sobre a sela e, no momento em que o temível corcunda, refeito da surpresa, se lançou sobre ele para retomar a presa, quinze ou dezesseis arqueiros, que seguiam de perto o capitão, apareceram de gládio em riste. Era uma esquadra da ordenança real de apoio à vigilância, às ordens do sr. Robert d'Estouteville, oficial do prebostado de Paris.



Quasímodo foi cercado, preso e amarrado.

Quasímodo foi cercado, preso e amarrado. Rugia, espumaava, mordida e, houvesse a luz do dia, provavelmente o rosto dele, ainda mais deformado pela raiva, já bastaria para fazer fugir toda a esquadra. Sendo noite, porém, não contava com a mais temível arma de que dispunha, a feiura.

Seu companheiro havia desaparecido durante a luta.

A cigana se endireitou graciosamente na sela do oficial, apoiou as duas mãos nos dois ombros dele, olhou-o fixamente por alguns segundos, encantada com sua boa aparência e com o socorro que ele acabava de prestar. Depois, rompendo o silêncio, perguntou, tornando ainda mais suave a sua voz suave:

— Como se chama, sr. gendarme?

— Capitão Phoebus de Châteaupers, para servi-la, minha bela!

— Obrigada — disse ela.

E enquanto o capitão Phoebus retorcia seu bigode borguinhão, ela escorregou do cavalo como uma flecha que cai no chão e fugiu.

Um relâmpago levaria mais tempo para desaparecer.

— Pelo umbigo do papa! — exclamou o capitão, controlando as correias que prendiam Quasímodo. — Melhor seria ter guardado a mulher.

— O que vai querer, capitão? — brincou um gendarme. — A toutinegra escapou, ficou o morcego.

5. Prolongam-se os inconvenientes

Abalado com a queda que sofrera, Gringoire continuava no chão, bem em frente à boa Virgem da esquina da rua. Pouco a pouco, recuperou os sentidos; ficou por uns minutos flutuando numa espécie de sonho, semissonolento, que não deixava de ser agradável, e contrabalançava, com fluidas imagens da cigana e da cabra, o peso da mão de Quasímodo. Durou pouco esse estado. Uma viva sensação de frio na parte do seu corpo que estava em contato com o chão o despertou repentinamente e trouxe de volta à superfície o seu espírito.

— De onde vem essa friagem? — perguntou-se de repente.

Percebeu que estava mais ou menos atravessado em cima da valeta de escoamento de esgoto.

— Diabo de ciclope corcunda! — resmungou entre os dentes, tentando se levantar.

Estava, porém, ainda zozzo e todo dolorido. Foi obrigado a continuar sem se mover muito. Tinha, aliás, a mão totalmente livre e tapou então o nariz, resignado.

— A lama de Paris — pensou (“e o que fazer nesse caso, senão sonhar?”), pois já acreditava piamente que seria a vala o seu abrigo da noite). — A lama de Paris é particularmente fedorenta. Deve conter muito sal volátil e nitroso. Em todo caso, é a opinião do mestre Nicolas Flamel e dos herméticos...

A menção ao *hermetismo* trouxe subitamente a lembrança do arqui-diácono Claude Frollo a seu espírito. Recordou a cena violenta a que acabava de assistir, com a cigana que se debatia entre dois homens. Quasímodo tinha um companheiro e a lúgubre, altiva, figura do arqui-diácono confusamente passou por sua mente.

— Seria bem estranho! — pensou.

E começou a armar andaimes, com esse dado e a partir dessa base, no imaginoso edifício das hipóteses, esse castelo de cartas dos filósofos. Em seguida, voltou mais uma vez à realidade:

— Droga! Estou congelando! — exclamou.

A situação naquele lugar, de fato, mostrava-se de minuto a minuto menos sustentável. Cada molécula d'água do esgoto roubava uma molécula de calórico fulgurando na altura dos rins de Gringoire, e o equilíbrio entre a temperatura do corpo e a temperatura da valeta começava a se estabelecer de maneira rude.

Um inconveniente de natureza bem diversa bruscamente o assaltou.

Um grupo de crianças, pequenos bárbaros descalços que desde sempre infestaram as ruas de Paris com o nome de *pivetes* e que, quando éramos nós mesmos crianças, nos jogavam pedra quando saíamos da escola no fim da tarde só porque não tínhamos calças rasgadas, um enxame desses malandrinhos vinha às carreiras para a esquina em que jazia Gringoire, com risos e gritos que mostravam como pouco se preocupavam com o sono da vizinhança. Arrastavam não sei qual espécie de saco informe e bastaria o barulho dos tamancos grosseiros que alguns usavam para despertar um morto. Gringoire, que morto não estava ainda completamente, ergueu-se um pouco.

— Ei, Hennequin Dandèche! Ei, Jehan Pincebourde! — gritavam os meninos aos berros. — O velho Eustache Moubon, da ferraria, acaba de morrer. Pegamos o colchão dele e vamos acender um fogo. Em homenagem aos flamengos!

E jogaram o colchão exatamente em cima de Gringoire, a quem não tinham visto. Ao mesmo tempo, um deles pegou um punhado de palha, que foi aceso no pavier aos pés da Virgem.

— Pela morte de Cristo! — praguejou Gringoire. — Será que vou sentir calor demais agora?

O momento era crítico. Estava encurralado entre o fogo e a água. Fez então um esforço sobrenatural, um esforço de moedeiro falso que vai ser esquentado e trata de escapar. Pôs-se de pé, jogou o colchão de volta nos pirralhos e fugiu.

— Santa Virgem! — gritaram as crianças. — O velho da ferraria voltou! E fugiram também.

O colchão ficou senhor absoluto do campo de batalha. Belleforêt, o velho Le Juge e Corrozet afirmam que, no dia seguinte, ele foi recolhido com grande pompa pelo clero do bairro e levado para o tesouro da igreja Sainte-Opportune, cuja sacristia conseguiu boas rendas, até 1789, com o famoso

milagre da estátua da Virgem da esquina da rua Mauconseil que, apenas com sua presença, na noite memorável de 6 para 7 de janeiro de 1482, exorcizou o defunto Eustache Moubon. Este, para enganar o diabo, sutilmente escondera, ao morrer, a alma dentro de um colchão.

6. A moringa quebrada

Depois de correr o quanto pôde, sem saber em qual direção ia, esbarrando em uma quantidade de esquinas, pulando por cima de uma quantidade de línguas de esgoto, atravessando uma quantidade de ruelas, uma quantidade de becos sem saída, uma quantidade de cruzamentos, procurando saída e passagem por todos os meandros do velho chão do Halles, explorando com medo pânico aquilo que o belo latim dos mapas denomina *tota via, cheminum et viaria*,²¹ nosso poeta de repente parou, primeiro por estar sem fôlego e depois por, de certa maneira, ser pego pelo colarinho, por um dilema que acabava de surgir em seu espírito.

— Tenho a impressão, mestre Pierre Gringoire — disse ele a si mesmo, apoiando um dedo à testa —, que estás correndo como um desmiolado. Aqueles diabinhos tiveram tanto medo de ti quanto tiveste deles. Parece-me, insisto, ter ouvido a cavalgada dos tamancos que fugiam em direção meridional, enquanto escolheste a setentrional. Então, das duas uma: ou eles fugiram e, nesse caso, o colchão que, apavorados, abandonaram pode precisamente ser a cama hospitaleira atrás da qual corres desde cedo pela manhã, miraculosamente enviada pela senhora Virgem como recompensa pela moralidade, acompanhada de triunfos e brincadeiras, com que a homenageaste; ou as crianças não fugiram e, nesse caso, atearam fogo à palha. Nessa última hipótese, dispões exatamente do excelente calor de que necessitas para te alegrares, secares e aqueceres. Em ambos os casos, seja por bom fogo ou boa cama, o colchão é uma dádiva dos céus. A bendita virgem Maria da esquina da rua Mauconseil talvez tenha, com esse intuito, feito Eustache Moubon morrer, sendo loucura então fugir assim tresloucado, como um picardo diante de um francês, deixando para trás o que querias ter pela frente; ou seja, és um tonto!

Voltou então atrás, procurando se orientar e tudo esquadrinhar, com o faro atento e as orelhas de pé, tentando encontrar o bendito colchão. Em vão. Eram só interseções de casas, becos, encruzilhadas entre as quais hesitava, sentia-se incerto, mais atrapalhado e desnorteado naquela confusão de ruelas

escuras do que estaria no próprio dédalo do palácio de Tournelles. Acabou perdendo a paciência e exclamou solenemente:

— Malditos sejam os cruzamentos de ruas! O diabo os criou à imagem do seu forçado.

A exclamação lhe causou algum alívio, mas sobretudo uma espécie de reflexo avermelhado, que ele naquele momento percebeu no final de uma comprida e estreita ruazinha, ainda mais lhe levantou o ânimo.

— Louvado seja Deus! — disse. — Lá está ele! Meu colchão que arde.

E, comparando-se ao navegante que erra na noite, acrescentou piamente:

— *Ave, ave, maris stella!*²²

O fragmento de litania dirigia-se à santa Virgem ou ao colchão? É o que perfeitamente ignoramos.

Mal havia dado alguns passos na longa ruela, que era enladeirada, não pavimentada e cada vez mais lamacenta e abrupta, começou a notar algo bastante singular. Ela não era deserta. Aqui e ali, se arrastavam não sei quais massas vagas e informes, dirigindo-se todas à claridade que vacilava no final da rua, como pesados insetos que vagueiam à noite, de raminho em raminho da relva, até a fogueira de algum pastor.

Nada nos deixa mais aventureiros do que não sentir o lugar do bolsinho de níqueis. Gringoire continuou a avançar e logo chegou a uma daquelas espécies de larva que se arrastava de maneira mais preguiçosa do que as outras. Aproximando-se, viu se tratar apenas de um miserável homem-tronco que se apoiava nas duas mãos para saltitar, como uma aranha ferida a que restassem apenas duas patas. No momento em que passou pelo inseto com cara humana, ouviu se erguer uma voz lamentosa:

— *La buona mancia, signor! La buona mancia!* ²³

— Que o diabo o carregue — disse Gringoire — e que me leve junto, se sei o que está dizendo!

E continuou em frente.

Chegou a outra daquelas massas ambulantes e a examinou. Era um estropiado, ao mesmo tempo sem uma perna e um braço, mas tão manco e maneta que o complicado sistema de muletas e perna de pau que o sustentava mais parecia um andaime de pedreiro podendo se movimentar. Gringoire, que era dado a comparações nobres e clássicas, comparou-o em pensamento ao tripé vivo de Vulcano.

O tripé vivo o cumprimentou ao passar, mas parou o chapéu à altura do queixo de Gringoire, como uma bacia de barbear, gritando aos seus ouvidos:

— *Señor caballero, para comprar un pedaso de pan!*²⁴

— Tudo indica — pensou Gringoire — que esse aí também fala, mas numa língua rude. É mais feliz do que eu, caso a entenda.

Depois, batendo na testa como por súbita transição de ideia:

— A propósito, que diabos queriam dizer pela manhã com *Esmeralda*? Pensou em avançar mais rápido; pela terceira vez, porém, algo barrou o caminho. Esse algo, ou melhor, alguém, era um cego, um ceguinho de rosto judeu e barbudo que, batendo no espaço em volta com uma bengala e rebocado por um cachorro grande, disse com voz anasalada e sotaque húngaro:

— *Facitote caritatem!*²⁵

— Até que enfim! — disse Pierre Gringoire. — Finalmente um que fala língua cristã. Devo parecer bem generoso para que me peçam dessa forma caridade, no estado de penúria da minha bolsa. — Meu amigo — disse virando-se para o cego —, vendi semana passada minha última camisa. Ou melhor, já que entende a língua de Cícero: *Vendidi hebdomade nuper transita meam ultimam chemisam.*

Dito isso, virou as costas ao cego e continuou em frente. Mas o cego apertou o passo ao mesmo tempo e então o aleijado e também o homem-tronco se aproximaram às pressas acompanhados pelos barulhos da gamela e das muletas no chão. Os três, atropelando-se no encalço do pobre Gringoire, retomaram suas ladainhas:

— *Caritatem!* — cantava o cego.

— *La buona mancia!* — cantava o homem-tronco.

E o manco seguia a mesma melodia, repetindo:

— *Un pedaso de pan!*

Gringoire tapou os ouvidos, exclamando:

— Ah, que torre de Babel!

Pôs-se a correr. O cego correu. O manco correu. O homem-tronco correu.

Em seguida, à medida que penetrava mais profundamente na rua, homens-tronco, cegos e mancos pululavam ao redor. Manetas, zarolhos, leprosos com feridas abertas, alguns saindo das casas, alguns de ruazinhas adjacentes,

alguns de respiradouros de subsolos. Berrando, mugindo, uivando, todos capengando, aos trancos e barrancos, rumo à luz e chafurdando no lodo como lesmas depois da chuva.

Ainda com seus três perseguidores à cola e sem saber muito bem em que tudo aquilo ia dar, Gringoire avançava inquieto por toda aquela multidão, ultrapassando mancos, passando por cima de homens-tronco, com os pés atolados no formigueiro de estropiados, como o capitão inglês que naufragou em meio a um bando de caranguejos.

Ficou tentado de voltar atrás, mas era tarde. Toda aquela legião fechava o caminho, com os três mendigos à frente. Continuou então, levado pelo fluxo irresistível, pelo medo e por uma vertigem que tornava tudo aquilo uma espécie de sonho pavoroso.

Finalmente, chegou à extremidade da rua, que desembocava numa praça imensa, onde mil luzes esparsas vacilavam na bruma indistinta da noite. Gringoire se lançou nela, esperando escapar, com a velocidade das pernas, dos três espectros enfermos que o agarravam.

— *Onde vas, hombre?* — gritou o aleijado, largando as muletas e correndo atrás dele com as duas pernas mais sadias que jamais percorreram um passo geométrico no chão de Paris.

O homem-tronco, bem apoiado nos próprios pés, pôs em Gringoire, como um chapéu, sua pesada gamela de metal, e o cego o olhou de frente com expressão flamejante.

— Onde estou? — perguntou o poeta, aterrorizado.

— No Pátio dos Milagres — respondeu um quarto espectro que tinha se juntado a eles.

— Pela minha alma — retomou Gringoire —, cegos veem e pernetas correm, mas onde está o Salvador?

Teve como resposta estrepitosos risos sinistros.

O pobre poeta olhou em volta. Estava, de fato, no temível Pátio dos Milagres — onde jamais homem honesto algum havia entrado em semelhante horário —, círculo mágico em que os guardas do Châtelet e os agentes do prebostado que porventura nele se aventurassem desapareciam aos pedaços. Cidade dos ladrões, horrível verruga na face de Paris; esgoto do qual escapava toda manhã, e tornava a se estagnar toda noite, um córrego de vícios, de mendicância e vagabundagem que sempre transvasa pelas ruas de

todas as capitais; colmeia monstruosa a que voltam à noite, com sua colheita, todos os zangões da ordem social. Era o asilo enganoso em que se refugiavam o cigano, o monge renegado, o estudante perdido, os velhacos de todas as nações — espanhóis, italianos, alemães — e de todas as religiões — judeus, cristãos, maometanos, idólatras —, cobertos de ferimentos falsos, mendigos durante o dia e facínoras à noite. Imenso vestiário, resumindo, onde se vestiam e se despiam, naquela época, todos os atores dessa eterna comédia que o roubo, a prostituição e o assassinio representam pelas ruas de Paris.

Era uma praça ampla, irregular e mal pavimentada, como todas as praças da Paris de então. Fogueiras, em torno das quais fervilhavam grupos estranhos, brilhavam em alguns pontos. O conjunto inteiro ia e vinha ruidosamente. Ouviam-se risos agudos, vagidos de crianças, vozes de mulheres. Escuras, as mãos e cabeças da multidão se recortavam contra o fundo luminoso, com gestos estranhos. Às vezes, no chão, onde tremelicava a claridade das fogueiras, misturada a grandes sombras indefinidas, podia-se ver passar algum cachorro que parecia um homem, ou algum homem que parecia um cachorro. Era como se os limites das raças e das espécies se apagassem naquela cidade, como num pandemônio. Homens, mulheres, bichos, idade, sexo, saúde, doença, tudo parecia ser compartilhado naquele povo, tudo se fazia junto, misturado, confundido, superposto, com cada um participando do todo.

O fulgor hesitante e pobre das fogueiras permitia que Gringoire distinguisse, ao redor da imensa praça, um pavoroso enquadramento de casas velhas, apresentando fachadas decrépitas, rachadas, esmirradas, com uma ou duas lucarnas acesas em cada qual e que na sombra lhe pareciam, em sua perturbação, enormes cabeças senis fazendo roda, monstruosas e rabugentas, piscando os olhos para assistir ao sabá.

Era um novo mundo, desconhecido, inaudito, disforme, réptil, pululante, fantástico.

Cada vez mais assustado e preso pelos três mendigos como por três tenazes, ensurdecido por uma multidão de outros rostos em rebanho e uivando a seu redor, nosso infeliz Gringoire tentava recuperar sua presença de espírito, procurando se lembrar se era um sábado aquele dia. Mas os esforços se mostraram inúteis, o fio da memória e do pensamento tinha se

rompido. Duvidando de tudo, indo do que via ao que sentia, arraigava-se apenas nessa insolúvel pergunta:

— Se existo, isso existe? Se isso existe, existo eu?

Nessa hora, um grito distinto se levantou na turba sibilante à sua volta:

— Levemos ele ao rei! Levemos ao rei!

— Santa Virgem! — murmurou Gringoire. — O rei desse lugar deve ser o bode-preto.

— Ao rei! Ao rei! — repetiram todas as vozes.

Foi carregado. Todos queriam pôr as garras em cima dele. Mas os três mendigos não o largavam e afastavam os demais, gritando: ele é nosso!

O gibão já desgastado do poeta deu seu último suspiro nessa luta.

Atravessando a horrível praça, a vertigem se dissipou. Com alguns passos, o sentimento de realidade foi voltando. Ele começava a se adaptar à atmosfera do lugar. Nos primeiros instantes, da sua cabeça de poeta ou talvez, mais simples e mais prosaicamente, do seu estômago vazio, elevava-se uma fumaça, um vapor, por assim dizer, que, se espalhando entre os objetos e ele, só os deixava serem vistos envoltos pela bruma incoerente do pesadelo, nas trevas dos sonhos que fazem tremer todos os contornos, vacilar todas as formas, agrupando tudo em grupos desmedidos, dilatando as coisas em quimeras e os homens em fantasmas. Pouco a pouco, a essa alucinação se sobrepôs um olhar menos perdido e menos exagerado. O real se aclarou a seu redor, atropelando a visão, batendo-lhe aos pés e demolindo, pedaço a pedaço, toda a apavorante poesia que ele de início acreditou ter à sua volta. Foi preciso se dar conta de que não caminhava no Estige e sim na lama, não estava sendo carregado por demônios e sim por ladrões, a sua alma não se encontrava em perigo e sim a sua vida (uma vez que faltava o precioso conciliador que se interpõe entre o bandido e o homem honesto: a bolsa). Enfim, examinando a orgia mais de perto e com maior sangue-frio, o ambiente estava mais para o cabaré do que para o sabá.

O Pátio dos Milagres não passava, efetivamente, de um cabaré, mas um cabaré de bandidos, vermelho de sangue e de vinho.

O espetáculo que se ofereceu aos olhos de Gringoire, quando a escolta esfarrapada finalmente o deixou no final do trajeto, não era dos melhores para levá-lo de volta à poesia, a não ser que fosse para uma poesia do inferno. Mais do que nunca, apresentava-se a prosaica e brutal realidade da taberna.

Se não estivéssemos no século XV, diríamos que Gringoire descia de Michelangelo a Callot.

Ao redor de uma grande fogueira, ardendo sobre uma vasta laje redonda e lambendo com suas chamas as hastes vermelhas de um tripé — que, pelo momento, se encontrava vazio —, algumas mesas capengas se espalhavam ao acaso, sem que ninguém, com preocupações mínimas de geometria, tivesse pensado em lhes dar qualquer alinhamento, para que pelo menos não se interpusessem com angulações tão pouco prováveis. Sobre essas mesas reluziam algumas jarras de vinho e de cerveja e, em torno delas, agrupavam-se rostos báquicos, avermelhados pelo fogo e pelo álcool. Um homem de barriga proeminente e figura jovial beijava espalhafatosamente uma moça forte e carnuda. Uma espécie de falso soldado, um finório, como se dizia por ali, assobiava, desfazendo as bandagens do falso ferimento, deixando respirar o joelho sadio e vigoroso, amarrado desde cedo por mil ataduras. Em seguida, via-se um magricela que preparava com quelidônia e sangue de boi a mutilação da sua perna para o dia seguinte. Duas mesas adiante, um salafrário com trajes completos de peregrino recitava a canção de santa Reine, sem esquecer de salmodiar e nasalar. Mais além, um falso mordido por cão raivoso, ainda jovem, tinha aulas de epilepsia com um velho miserável que ensinava a arte de espumar, mastigando um pedaço de sabão. Ao lado, um hidrópico se esvaziava, fazendo com que tivessem que tapar o nariz quatro ou cinco ladras que, na mesma mesa, disputavam uma criança roubada naquela tarde. Todas circunstâncias que, dois séculos depois, *pareceram tão ridículas à corte*, como diz Sauval, *que serviram de passatempo ao rei e de preliminar para o balé real de A noite, dividido em quatro partes e dançado no teatro do Petit-Bourbon*. “Jamais as súbitas metamorfoses do Pátio dos Milagres foram tão bem apresentadas. Benserade nos preparou com versos muito galantes”, acrescentou uma testemunha ocular de 1653.

Gargalhadas se faziam ouvir por todo lugar, assim como canções obscenas. Cada um tomava iniciativa, glosando e praguejando sem ouvir quem estava ao lado. Brindes eram erguidos com as próprias jarras, o choque causava brigas e aquelas porventura rachadas tornavam ainda mais esfarrapados os molambos.

Um cachorro grandalhão, sentado sobre o rabo, olhava o fogo. Algumas crianças tinham se misturado à orgia. A que tinha sido roubada há poucas

horas chorava e gritava. Um menino de quatro anos, sentado com as pernas dependuradas num banco alto demais para ele e com a mesa à altura do queixo, não dizia uma palavra. Uma terceira criança, da maneira mais circunspecta, espalhava com o dedo a cera da vela derretida à sua frente. A última delas, miúda e encolhida na lama, parecia se perder dentro de um caldeirão que ela raspava com um pedaço de telha, tirando disso um som capaz de fazer Stradivarius perder os sentidos.

Um tonel estava perto do fogo e, em cima dele, um mendigo. Era o rei em seu trono.

Os três que detinham Gringoire o levaram até o tonel e a bacanal inteira passou por um momento de silêncio, exceto no concernente ao caldeirão habitado pela criança.

Gringoire não se atrevia a suspirar nem a erguer os olhos.

— *Hombre, quita tu sombrero*²⁶ — disse um dos seus três donos e, antes que ele entendesse o que isso queria dizer, outro já lhe havia arrancado o chapéu. De miserável modelo, é verdade, mas servindo ainda para um dia de sol ou um dia de chuva. Gringoire suspirou.

O rei, no entanto, do alto da sua pipa dirigiu-lhe a palavra.

— Quem é o patife?

Gringoire estremeceu. Aquela voz, apesar de acentuada pelo tom ameaçador, lembrava-lhe uma outra que, naquela mesma manhã, havia aplicado o primeiro golpe em seu mistério, fingindo-se fanha, no meio do auditório: *Caridade, por favor!* Ele ergueu então a cabeça. Não havia dúvida, era Clopin Trouillefou.

Clopin Trouillefou, ostentando insígnias reais, não tinha um farrapo a mais nem a menos. O ferimento no braço já havia desaparecido. Tinha na mão um desses chicotes com tiras de couro claro, a que chamavam *boullayes*, de que se serviam na época os guardas, como vergasta para controlar a multidão. Na cabeça, usava uma espécie de cobertura em círculo e fechada em cima, difícil de identificar como um barrete de criança ou uma coroa de rei, de tanto que os dois se parecem.

Mesmo assim, sem saber bem por quê, Gringoire se sentiu mais confiante ao reconhecer no rei do Pátio dos Milagres o maldito mendigo do salão.

— Mestre... — balbuciou. — Monsenhor... *Sire*... Como devo chamá-lo? — disse enfim, chegando ao máximo da sua escala hierárquica e não

sabendo mais como subir nem descer.

— Monsenhor, Sua Majestade ou camarada, chame como quiser. Mas seja rápido. Qual a sua defesa?

— *Sua defesa!* — pensou Gringoire, isso não é bom. E recomeçou, então, gaguejando:

— Sou quem, hoje de manhã...

— Pelas unhas do diabo! — interrompeu Clopin. — Seu nome, patife, nada mais. Ouça. Tem à frente três poderosos soberanos: eu, Clopin Trouillefou, rei de Thunes, da linhagem dos grandes velhacos, soberano supremo do reino da Gíria; Mathias Hungadi Spicali, duque do Egito e da Boêmia, aquele velho amarelado que pode ser visto ali com um pano na cabeça; e Guillaume Rousseau, imperador de Galileu, esse gordo que não nos ouve, às voltas com aquela vigarista. Somos os seus juízes. Entrou no reino da Gíria sem ser da Gíria, violou os privilégios da nossa cidade. Deve ser punido, a menos que seja traidor, falso enfermo ou falso atingido por raio, isto é, na fala da gente honesta, ladrão, mendigo ou vagabundo. Por acaso é algo assim? Justifique-se. Decline suas qualidades.

— Infelizmente — disse Gringoire —, não tenho essa honra. Sou o autor...

— Basta! — voltou Trouillefou, sem deixar que continuasse. — Será enforcado. É coisa muito simples, srs. honestos burgueses! Da mesma maneira como nos tratam em seus domínios, nós os tratamos aqui. A lei que aplicam aos bandidos, aplicamos aos senhores. Pode parecer dura, mas não por culpa nossa. Precisamos também, de vez em quando, ver a cara de horror de um homem honesto com um colar de corda; é o que torna honroso tudo isso. Vamos, amigo, divida com alegria seus andrajos com essas moças. Vou enforcá-lo para distrair os bandidos, dê a eles sua bolsa para que bebam. Se tiver alguma beatice a dizer, temos ali no canto um bom nicho de pedra, roubado de Saint-Pierre-aux-Boeufs. Concedo quatro minutos para que encomende sua alma.

A arenga era formidável.

— Por Deus! Falou muito bem! Clopin Trouillefou prega como o santo pai, o papa — exclamou o imperador de Galileu, quebrando sua jarra para escorar com um caco a mesa em que estava.

— Srs. imperadores e reis — disse Gringoire com sangue-frio (pois, não

sei como, havia recuperado a firmeza e se exprimiu com determinação). — Não sabem disso, mas me chamo Pierre Gringoire e sou o poeta de quem apresentaram pela manhã uma moralidade no grande salão do palácio.

— Ah! É você, mestre! — disse Clopin. — Eu estava lá, pela cabeça de Deus! Muito bem, camarada, acha que ter nos enchido a paciência pela manhã seja bom motivo para não ser enforcado à noite?

“Vai ser difícil me safar”, pensou Gringoire, mas fez mais uma tentativa:

— Não vejo por que — afirmou — os poetas não seriam classificados entre os bandidos. Vagabundo, Esopo foi; mendigo, Homero foi; ladrão, Mercurius era...

Clopin interrompeu:

— Acho que quer nos matagrabolizar com essa lenga-lenga estranha. Para que isso?! Seja enforcado sem inventar novidades!

— Queira desculpar, monsenhor rei de Thunes — replicou Gringoire, disputando palmo a palmo o terreno —, mas creio que vale a pena... um momento!... Ouçam... não vão me condenar sem ouvir...

Sua desditosa voz estava efetivamente sendo encoberta pelo tumulto reinante ao redor. O menininho raspava o caldeirão com mais entusiasmo do que nunca e, para piorar as coisas, uma velha acabava de colocar no tripé ardente uma frigideira cheia de gordura, provocando um barulho igual ao de um bando de crianças brincando atrás de um encapuzado.

Clopin Trouillefou, no entanto, resolveu confabular um momento com o duque do Egito e o imperador de Galileu, estando este último completamente bêbado. Em seguida, gritou asperamente: façam silêncio! Como, porém, o caldeirão e a frigideira não o ouviam e continuaram seu duo interminável, ele saltou do tonel, deu um chute no caldeirão, que rolou a dez passos com a criança dentro, deu outro chute na frigideira, fazendo toda a banha entornar no fogo, e subiu de volta ao trono, com toda gravidade, sem se preocupar com o choro abafado da criança nem com os resmungos da velha, cuja janta produzia belas chamas brancas.

Trouillefou fez um sinal e o duque, o imperador, os doutores em malandragem e ladrões independentes se organizaram em torno dele em U, tendo Gringoire, com o corpo ainda rudemente seguro, no centro. Era um semicírculo de trapos, farrapos, falso brilho, forcados, machados, pernas inchadas pelo vinho, braços nus, figuras sórdidas, apagadas e estupidificadas.

No meio dessa mesa-redonda da velhacaria, Clopin Trouillefou, como doge daquele senado, como rei daquela parceria, como papa daquele conclave, dominava, primeiro do alto do tonel e depois com não sei qual ar altivo, feroz e formidável que fazia brilhar sua pupila e realçava no selvagem perfil as bestiais marcas da raça malfeitora. Era como uma cabeça de javali entre cabeças de porcos.

— Ouça — disse ele a Gringoire, alisando o queixo disforme com a mão calosa. — Não vejo por que não enforcá-lo. É verdade que parece não gostar da ideia e isso se compreende, já que vocês, burgueses, não estão acostumados a isso. Mas está superestimando a coisa. No final das contas, não lhe queremos mal. Digo então como sobreviver por agora: quer ser um dos nossos?

Pode-se imaginar o efeito que a proposta provocou em Gringoire, que via a vida lhe escapar das mãos e já começava a se resignar. Agarrou-se então energicamente à oportunidade que se abria.

— Quero sim, com certeza, muito — disse.

— Aceita — retomou Clopin — se engajar com a gente da navalha?

— Da navalha. Exatamente — respondeu Gringoire.

— Reconhece-se membro da franca burguesia? — retomou o rei de Thunes.

— Da franca burguesia.

— Súdito do reino da Gíria?

— Do reino da Gíria.

— Bandido?

— Bandido.

— Com toda alma?

— Toda alma.

— Lembro — voltou o rei — que nem por isso você deixará de ser enforcado.

— Diabos! — lamentou o poeta.

— Apenas — continuou Clopin, imperturbável — será enforcado mais tarde, com maior cerimônia, à custa da boa cidade de Paris, num belo patíbulo de pedra e cercado de pessoas honestas. É um consolo.

— Concordo — respondeu Gringoire.

— Há outras vantagens. Na condição de franco-burguês, não terá que pagar pela lama, pelos pobres, pelos lampiões, como são obrigados os burgueses de Paris.

— Que assim seja — disse o poeta. — Concordo. Sou bandido, da Gíria, franco-burguês, navalha, tudo que quiser. E já era tudo isso antes, sr. rei de Thunes, pois sou filósofo; *et omnia in philosophia omnes in philosopho continentur*,²⁷ como sabe.

O rei de Thunes franziu o cenho.

— Com quem acha que está falando, amigo? Que jargão de judeu da Hungria está cantarolando aí? Não sei hebraico. Para ser bandido não é preciso ser judeu. Pessoalmente, nem roubo mais, estou acima disso, eu mato. Corta-gargantas sim, corta-bolsas não.

Gringoire tratou de fazer com que alguma desculpa conseguisse se interpor àquelas palavras quase soletradas pela raiva.

— Peço desculpas, senhor. Não é hebraico, mas latim.

— Estou dizendo — retomou Clopin se exaltando —, não sou judeu e vou fazer com que o enforcem, seu barriga de sinagoga! Assim como a esse mercadorzinho da Judeia a seu lado, que espero ver um dia preso a um balcão, como moeda falsa que é!

Dizendo isso, apontou para o pequeno judeu húngaro barbudo, que havia abordado Gringoire com seu *facitote caritatem* e que, sem compreender outra língua, assistia com surpresa ao mau humor do rei de Thunes, que parecia a ele se dirigir.

— Patife! — disse, voltando a atenção a nosso poeta. — Quer então ser bandido?

— Com certeza — respondeu o poeta.

— Querer não basta — insistiu Clopin. — A boa vontade não coloca uma cebola a mais na sopa e serve apenas para nos levar ao paraíso. No entanto, o paraíso e a Gíria são coisas bem distintas. Se quiser ser aceito aqui, precisa servir para alguma coisa e provar isso, apalpando um manequim.

— Apalpo — disse Gringoire — tudo que quiser.

Clopin fez um sinal. Alguns comparsas saíram do círculo e voltaram pouco depois. Trouxeram dois postes que terminavam, na extremidade inferior, por duas bases achatadas, permitindo que facilmente ficassem de pé. Na extremidade superior dos dois postes, adaptou-se uma trave transversal,

com o conjunto formando uma bonita força portátil, que Gringoire teve a satisfação de ver se armar num piscar de olhos. Nada faltava, nem mesmo a corda, balançando graciosamente sob a viga atravessada.

“Aonde querem chegar?”, era o que se perguntava Gringoire, com certa inquietação. Um barulho de guizos, que ao mesmo tempo se ouviu, satisfez a curiosidade. Era um manequim que os bandidos dependuravam na corda pelo pescoço, uma espécie de espantalho contra pássaros, vestido de vermelho e tão carregado de guizos e sininhos que eles bastariam para paramentar trinta mulas castelhanas. Os mil sininhos e guizos continuaram soando pelas oscilações da corda, foram se acalmando pouco a pouco e enfim se calaram quando o manequim voltou à imobilidade, pela lei do pêndulo que destronou a clepsidra e a ampulheta.

Clopin indicou a Gringoire um banquinho velho e cambaio, deixado sob o manequim:

— Suba.

— Morte-diabo! — contrariou-se Gringoire. — Vou quebrar o pescoço. Esse seu banco é mais capenga do que um dístico de Marcial; tem um pé hexâmetro e um pé pentâmetro.

— Suba — repetiu Clopin.

Gringoire subiu no banquinho e conseguiu, não sem algumas oscilações da cabeça e dos braços, recuperar seu centro de gravidade.

— Agora — prosseguiu o rei de Thunes — gire o pé direito em volta da perna esquerda e fique na ponta do pé esquerdo.

— Monsenhor — disse Gringoire. — Quer mesmo tanto assim que eu quebre algum membro?

Clopin balançou a cabeça.

— Ouça, amigo, você fala demais, explico em duas palavras do que se trata. Vai ficar na ponta dos pés, como eu disse; dessa maneira, poderá alcançar o bolso do manequim. Procure, vai encontrar uma bolsa que está lá. Se fizer tudo isso sem que se ouça o barulho de um guizo, melhor. Vai poder ser bandido e vamos ter que espancá-lo por oito dias.

— Barriga-de-Deus! Não é o que quero — disse Gringoire. — E se os guizos balançarem?

— Será enforcado. Deu para entender?

— Não entendo coisa alguma — respondeu Gringoire.

— Ouça mais uma vez. Vai apalpar o manequim e pegar a bolsa. Se um guizo fizer barulho durante a operação, será enforcado. Compreende?

— Está bem — disse Gringoire —, compreendo. E depois?

— Se conseguir pegar a bolsa sem que se ouçam os guizos, será considerado bandido e vai ser espancado por oito dias consecutivos. Já deu para compreender?

— Não, monsenhor, continuo sem compreender. Que vantagem tenho? Enforcado num caso, espancado noutro...

— E ser bandido? — voltou Clopin. — Ser bandido não representa nada? É para o seu bem que vai levar pancadas, para se endurecer.

— Muitíssimo obrigado — respondeu o poeta.

— Vamos lá — disse o rei, batendo com o pé no tonel que ressoou como um bumbo. — Vasculhe o manequim para que acabemos logo com isso. Lembro pela última vez que se eu ouvir um guizo, você assumirá o lugar do manequim.

O bando da Gíria aplaudiu as palavras de Clopin e se colocou circularmente em volta da forca, com risadas tão impiedosas que Gringoire até achou que, por diverti-los tanto, talvez não precisasse temer de imediato o pior. Mas não restava mais esperança alguma senão aquela tênue possibilidade de sucesso na temível operação imposta. Resolveu então tentar, não sem antes dirigir fervente oração ao manequim que ele devia gatunar, mas que parecia mais insensível do que os bandidos. A miríade de sininhos com suas linguetas de cobre era como um igual número de víboras prontas a morder e a picar.

— Ah! — dizia baixinho. — Como é possível que minha vida dependa da menor vibração do menor desses sininhos? Ah! — acrescentou de mãos juntas. — Sininhos, não soem! Badalinhos, não badalem! Guizinhos, não guizalhem!

Fez ainda um derradeiro esforço junto a Trouillefou.

— E se soprar um vento? — perguntou.

— Será enforcado — respondeu o outro sem hesitar.

Vendo não haver desaforo, alívio, nem saída possível, ele bravamente assumiu a tarefa. Girou o pé direito em volta do pé esquerdo, empinou-se no

pé esquerdo e estendeu o braço. No momento, porém, em que tocou no manequim, seu corpo de um pé só vacilou em cima do banquinho que tinha apenas três. Instintivamente, procurou se apoiar no manequim, perdeu o equilíbrio e caiu com todo peso no chão, ensurdecido pela fatal vibração dos mil sininhos. O espantalho, cedendo ao impulso, primeiro descreveu uma rotação e depois balançou de um lado para outro entre os dois postes.

— Maldição! — gritou se estatelando e ficou como se morto estivesse, de cara na terra.

No entanto, ouvia o terrível repique acima da sua cabeça, os risos diabólicos dos bandidos e a voz de Trouillefou dizer:

— Levantem esse estabanado e o enforcem sem dó nem piedade.

Ele se levantou. Já haviam retirado o manequim que lhe cederia o lugar. Fizeram-no subir no banquinho. Clopin se aproximou, passou-lhe a corda pelo pescoço e se despediu com um tapinha no ombro:

— Adeus, amigo! Não pode mais escapar, mesmo que tivesse na barriga os intestinos do papa.

A palavra *clemência* passou vagamente pelos lábios de Gringoire. Seus olhos correram pelas pessoas em volta. Não havia esperança alguma, todos riam.

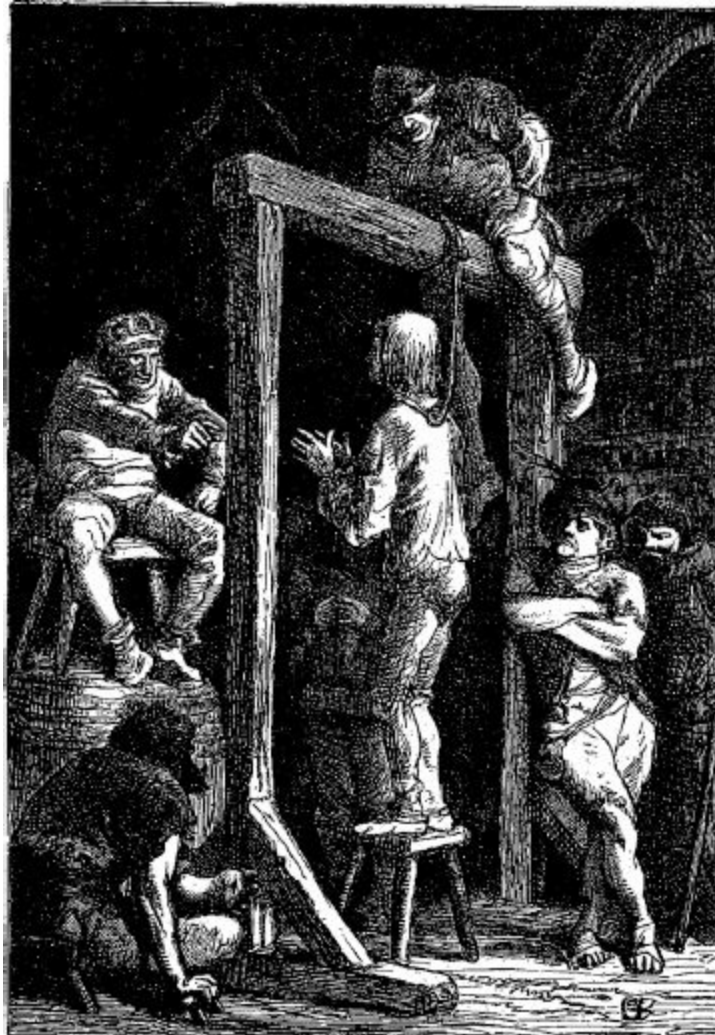
— Bellevigne de l'Étoile — chamou o rei de Thunes, e um enorme facínora saiu do círculo, dirigindo-se à viga transversal.

Bellevigne de l'Étoile subiu com agilidade ao travessão e, em poucos instantes, o aterrorizado Gringoire, erguendo os olhos, pôde vê-lo agarrado ao pau, acima da sua cabeça.

— Agora — retomou Clopin Trouillefou —, assim que eu bater as mãos, Andry le Rouge vai derrubar o banco com um joelhaço. François Chante-Prune se agarra aos pés do patife, e você, Bellevigne, se joga nos ombros dele. Tudo ao mesmo tempo, entenderam?

Gringoire estremeceu.

— Preparados? — perguntou Clopin Trouillefou aos três sequazes, prontos a se precipitar sobre Gringoire como três aranhas sobre uma mosca. A pobre vítima teve um momento de horrível expectativa, enquanto Clopin, demonstrando toda tranquilidade, empurrava com a ponta do pé alguns gravetos que não tinham sido devorados pelas chamas.



Um segundo mais e tudo estaria concluído.

— Preparados? — repetiu e afastou as mãos para batê-las.

Um segundo mais e tudo estaria concluído.

Mas ele parou, parecendo tomado por súbita inspiração.

— Esperem um pouco! — disse. — Ia esquecendo!... Reza a tradição que não se enforque um homem sem perguntar se alguma mulher o quer. Camarada, é a sua última oportunidade. Deve se casar com uma das nossas. Isso ou a corda.

Essa lei boêmia, por mais estranha que possa parecer ao leitor, até hoje se mantém inscrita na velha legislação inglesa. Basta consultar *Burington's Observations*.

Gringoire respirou fundo. Em meia hora, era a segunda vez que voltava à

vida. De forma que também não se sentiu tão confiante.

— Olá! — gritou Clopin, de volta ao alto do barril. — Ouçam! Mulheres, fêmeas, alguma entre as senhoras, desde a bruxa até a sua gata, alguma vigarista se interessa por esse patife? Prestem atenção, Colette la Charonne! Elisabeth Trouvain! Simone Jodouyne! Marie Piédebou! Thonne la Longue! Bérarde Fanouel! Michelle Genaille! Claude Ronge-Oreille! Mathurine Girorou! O que diz, Isabeau la Thierrye? Aproximem-se e examinem! Um homem de graça! Quem vai querer?

No miserável estado em que se encontrava, Gringoire parecia pouco interessante. As bandidas não se entusiasmaram muito. O coitado as ouviu responder:

— Não! Obrigada! Que seja enforcado, com isso o prazer será geral.

Mesmo assim, três delas saíram do grupo e vieram ver de perto. A primeira era uma gorda de rosto quadrado. Examinou com atenção o deplorável gibão do filósofo. Andrajos gastos e mais furados do que uma placa de torrar castanhas. Fez uma careta:

— Mercadoria ruim! — resmungou e, dirigindo-se a Gringoire: — Deixe ver sua capa!

— Perdi no caminho.

— O chapéu?

— Foi pego.

— Os sapatos?

— Começam a não ter mais sola.

— Bolsa?

— Nenhuma! — gaguejou Gringoire. — Não tenho mais um níquel.

— Deixe que o enforcuem e sintam-se grato por isso! — replicou a bandida, virando as costas.

A segunda era velha, negra, enrugada, pavorosa, com feiura de chamar atenção, mesmo no Pátio dos Milagres. Girou em volta de Gringoire. Ele quase temia que o pretendesse, mas a velha disse entre os dentes:

— É magro demais — e se afastou.

A terceira tinha ainda um frescor jovem e não era feia demais.

— Salve-me! — pediu em voz baixa o miserável.

Ela o considerou por um momento com piedade, baixou os olhos, fez uma

dobra na saia e se manteve indecisa. Ele seguia com os olhos todos os seus movimentos; era o último relampejar da esperança.

— Não — disse então a jovem. — Não! Guillaume Longuejoue bateria em mim.

E voltou à multidão.

— Camarada — concluiu Clopin, dirigindo-se a ele. — Falta-lhe sorte.

Em seguida, ficando de pé no tonel:

— Ninguém o quer? — gritou, imitando o tom de um leiloeiro, para grande alegria de todos. — Ninguém o quer? Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três!

E, virando para a força com um meneio de cabeça:

— Vendido!

Bellevigne de l'Étoile, Andry le Rouge e François Chante-Prune se puseram a postos.

Nesse momento, um rumor se ergueu por toda a súa:

— *Esmeralda! Esmeralda!*

Gringoire estremeceu, virando-se para a direção de onde vinha o clamor. A multidão se abriu, dando passagem a uma pura e deslumbrante figura.

Era a cigana.

— Esmeralda! — disse Gringoire estupefato, em plena emoção pela brusca maneira como essa palavra mágica fazia a ligação de todas as suas lembranças daquele dia.

A rara criatura parecia exercer, inclusive no Pátio dos Milagres, o império do seu encanto e beleza. Homens e mulheres da Gíria naturalmente se comprimiam à sua passagem e aquelas brutais figuras pareciam resplandecer ao vê-la. Ela se aproximou da vítima com seu passinho flutuante. A doce Djali a acompanhava. Gringoire estava mais morto do que vivo. Ela o considerou por um momento em silêncio.

— Estão querendo enforcar esse homem? — perguntou gravemente a Clopin.

— Estamos, irmã — respondeu o rei de Thunes. — A menos que o queira como marido.

Ela repetiu o lindo trejeito com o lábio inferior.

— Quero — disse.

Nesse momento, Gringoire firmemente acreditou que sonhava desde cedo pela manhã e que continuava sonhando.

A peripécia, de fato, apesar de graciosa, era violenta.

Retirou-se a corda e desceram o poeta do banquinho. Ele foi obrigado a se sentar, de tão emocionado que estava.

O duque do Egito, sem nada dizer, trouxe uma moringa de barro. A cigana apresentou-a a Gringoire.

— Jogue-a no chão — disse a ele.

A moringa se quebrou em quatro.

— Irmão — disse então o duque do Egito, impondo ao casal as mãos em ambas as testas —, ela é sua mulher. Irmã, ele é seu marido. Por quatro anos. Podem ir.

21. “Todas as vias, caminhos e passagens”, em latim no original.

22. “Ave, ave, estrela do mar!”, em latim no original.

23. “Uma boa esmola, senhor! Uma boa esmola!”, em italiano no original.

24. “Senhor cavalheiro, para comprar um pedaço de pão!”, em espanhol no original.

25. “Faça caridade!”, em latim vulgar no original.

26. “Homem, tira teu sombrero”, em espanhol no original.

27. “E todas as coisas estão contidas na filosofia e todos os homens nos filósofos”, em latim no original.

7. Uma noite de núpcias

Instantes depois, nosso poeta se viu num pequeno recinto abobadado em ogiva, isolado, quentinho, sentado diante de uma mesa que parecia muito convidativa às virtualhas de um guarda-mantimentos suspenso bem ao lado, tendo uma cama acolhedora em perspectiva e tudo isso a sós na companhia de uma bela jovem. A aventura tinha toda a aparência de mágica. Gringoire começava seriamente a se imaginar personagem de um conto de fadas. De quando em quando, lançava um olhar furtivo para ver se o carro de fogo atrelado a duas quimeras aladas, único a poder tê-lo transportado tão rapidamente do tártaro ao paraíso, não estava por ali. Às vezes, também, fixava obstinadamente o olhar nos buracos das roupas gastas que vestia, para se ancorar na realidade e não perder completamente o rumo. A razão, jogada de um lado para outro em espaços imaginários, estava presa apenas por um fio.

A moça não parecia prestar a menor atenção nele. Ia e vinha, mudava algum banquinho de lugar, conversava com a cabra e, vez por outra, fazia o trejeito com seus lábios. Sentou-se finalmente junto à mesa e Gringoire pôde considerá-la à vontade.

Você, leitor, já foi criança — e talvez tenha ainda a felicidade de o ser. Por isso, em mais de uma ocasião (no que me concerne, assim passei dias inteiros, que foram os mais úteis da minha vida), seguiu de moita em moita, à beira de um curso d'água, num dia de sol, alguma bela libélula verde ou azul, quebrando seu voo com ângulos bruscos e delicadamente tocando a ponta de todos os raminhos da vegetação. Deve se lembrar da curiosidade apaixonada com que o seu pensamento e olhar se prendiam àquele pequeno turbilhão de asas púrpura e azul, que assobiava e zumbia, e entre as quais flutuava uma forma inapreensível, sob o véu do rapidíssimo movimento. O ser aéreo que confusamente se esboçava através do bater de asas parecia quimérico, imaginário, impossível de se tocar, impossível de se ver. Mas quando, finalmente, a libélula pousava na ponta de um junco e você, prendendo a respiração, examinava as longas asas de gaze, o longo corpo esmaltado, os

dois globos de cristal, que espanto não experimentava e que medo de que novamente a forma se fosse como sombra e não passasse de quimera! Recorde essas impressões e facilmente poderá se dar conta do que sentia Gringoire contemplando, sob sua forma visível e palpável, Esmeralda, que ele até então só havia entrevisto por trás de um turbilhão de dança, canto e tumulto.

Mergulhado cada vez mais em seu devaneio, ele a si mesmo perguntava, seguindo-a vagamente com os olhos: “Será isso, então, *Esmeralda*? Uma celeste criatura! Uma dançarina de rua! Tanto e tão pouco! Foi ela quem deu o golpe de misericórdia no meu mistério pela manhã e ela quem salvou minha vida à noite. Meu gênio cruel! Meu anjo do bem! Com certeza, uma linda mocinha! E que deve loucamente me amar, para ter me escolhido dessa maneira.” “Aliás”, continuou ele, dizendo a si mesmo, com a sensação de verdade que era o fundo da sua personalidade e da sua filosofia, “não sei muito bem como, mas sou o seu marido!”

Com essa ideia na cabeça e nos olhos, ele se aproximou da jovem de maneira tão militar e tão galante que a fez recuar.

— O que está querendo? — ela perguntou.

— Pode mesmo perguntar isso, adorável *Esmeralda*? — respondeu Gringoire, com um tom tão apaixonado que ele próprio se surpreendeu ao ouvir.

A egípcia arregalou os olhos.

— Não sei o que está dizendo.

— Ora! — respondeu Gringoire, cada vez mais entusiasmado e achando, afinal, se tratar apenas de um falso pudor do gênero “Pátio dos Milagres”. — Não sou seu, doce amiga, sendo então, você, minha?

Simploriamente, tentou pegá-la pela cintura. O colete da cigana escapou das suas mãos como o couro de uma enguia. Ela saltou de uma ponta a outra do quarto, se agachou e se reergueu já segurando um pequeno punhal — antes que Gringoire sequer pudesse saber de onde o tal punhal tinha saído —, irritada e orgulhosa, os lábios inflados, as narinas abertas, as faces vermelhas como maçãs e as pupilas dardejando raios. Ao mesmo tempo, a cabritinha branca se colocou à frente dela e apresentou a Gringoire a primeira linha de batalha, armada com dois bonitos chifres dourados e bem pontudos. E tudo isso num piscar de olhos.

A libélula se transformara em vespa, mais do que disposta a picar.

Nosso filósofo estava paralisado, lançando sucessivamente à cabra e à jovem olhares bestificados.

— Santa Virgem! — murmurou, enfim, quando a surpresa permitiu que dissesse alguma coisa. — São duas leoas!

A cigana também rompeu o silêncio.

— É um tolo bem atrevido!

— Desculpe, senhorita — disse Gringoire sorrindo. — Por que então me tomou como marido?

— Devia deixar que o enforcassem?

— Então — quis saber o poeta, um pouco desapontado em seus projetos amorosos — casou-se apenas para me salvar da forca?

— E por que mais seria?

Gringoire mordeu os lábios.

— Bom... posso não ser ainda um Cupido tão triunfante quanto imaginei, mas por que, então, ter quebrado a pobre moringa?

O punhal de Esmeralda e os chifres da cabra continuavam em riste.

— Srta. Esmeralda — propôs o poeta —, façamos a paz. Não sou escriturário no Châtelet e não vou questionar o fato de carregar dessa maneira uma adaga dentro de Paris, apesar das ordenações e proibições do sr. preboste. Mas não deve ignorar que, há oito dias, Noël Lescrivain foi condenado a pagar dez soldos parisis por portar um bacamarte. Não insisto e passo ao que interessa. Por minha vaga no paraíso, juro não me aproximar sem sua licença e permissão; mas dê-me algo a comer.

No fundo, Gringoire era “bem pouco voluptuoso”, como se descreveu o sr. Despréaux. Não era dessa espécie de cavaleiro e mosqueteiro que toma as jovens de assalto. Em matéria de amor, como nos demais assuntos, preferia as contemporizações e os meios-termos. Uma boa e cordial refeição a dois lhe parecia, principalmente estando com fome, um excelente entreato sobrepondo-se ao prólogo e antes do desfecho de uma aventura amorosa.

A egípcia não respondeu. Fez seu gesto labial de desdém, ergueu a cabeça como um passarinho e deu uma gargalhada. O pequeno punhal desapareceu como havia surgido, sem que Gringoire pudesse ver onde a abelha escondia o ferrão.

Rapidamente, surgiu em cima da mesa um pão de centeio, um pedaço de toicinho, algumas maçãs maduras e um jarro de cerveja. Gringoire se pôs a comer com entusiasmo. A se ouvir o estalar furioso do garfo de ferro no prato de louça, podia-se achar que todo o amor de que dispunha tinha se transformado em apetite.

Sentada à sua frente, a jovem o olhava comer em silêncio, visivelmente preocupada com outra ideia, que a fazia sorrir de vez em quando, com a mão macia acariciando a cabeça inteligente da cabra, preguiçosamente encostada a seus joelhos.

Uma vela de cera amarela iluminava essa cena de voracidade e devaneio.

Apaziguados, porém, os primeiros balidos do estômago, Gringoire fingiu se envergonhar, vendo restar apenas a maçã.

— Não vai comer, srta. Esmeralda?

Ela respondeu com um sinal negativo da cabeça e o olhar pensativo foi se fixar na abóbada da cela.

“Em que ela tanto pensa?”, perguntava-se Gringoire. Procurando na direção em que ela olhava, continuou: “Não é possível que seja a carantonha daquele anão de pedra esculpido no fecho da abóbada que absorva tanto assim sua atenção. Que diabo! Com ele, posso enfrentar qualquer comparação!”

Aumentou a voz:

— Senhorita!

Ela parecia não ouvir.

Insistiu então, mais alto:

— Srta. Esmeralda!

Nada feito. O espírito da jovem estava alhures e a voz de Gringoire não tinha o poder de trazê-lo de volta. Felizmente a cabra ajudou. Começou a ternamente puxar sua dona pela manga:

— O que quer, Djali? — perguntou com vivacidade a egípcia, despertando assustada.

— Está com fome — disse Gringoire, feliz de poder entabular uma conversa.

Esmeralda começou a esfarelar pão, que Djali graciosamente comia em sua mão.

De qualquer maneira, Gringoire não deu tempo para que ela voltasse aos devaneios. Arriscou abordar uma questão delicada.

— Então não quer saber de mim como marido?

A jovem olhou atentamente para ele e disse:

— Não.

— Como amante? — insistiu.

Ela fez o trejeito labial e respondeu:

— Não.

— Como amigo?

Esmeralda voltou a olhá-lo fixamente e disse, após um momento de reflexão:

— Talvez.

O *talvez*, tão caro aos filósofos — empolgou-se Gringoire.

— Sabe o que é a amizade? — perguntou ainda.

— Sei — respondeu a egípcia. — É ser irmão e irmã, duas almas que se tocam sem se confundir, os dois dedos da mão.

— E o amor? — continuou ele.

— Ah! O amor! — sua voz tremeu e o olho resplendeu. — É ser dois, sendo um só. Um homem e uma mulher que se fundem como anjo. É o céu.

Falando daquela maneira, a dançarina de rua tinha uma beleza que singularmente afetava Gringoire e parecia em perfeita relação com a exaltação quase oriental das suas palavras. Os lábios cor-de-rosa e puros ligeiramente sorriam, a fronte cândida e serena se perturbava, às vezes, por algum pensamento, como um espelho que o ar exalado da boca embaça. Dos longos cílios negros baixados escapava uma espécie de luz inefável que emprestava ao perfil aquela suavidade ideal que Rafael depois encontrou no ponto de interseção místico entre a virgindade, a maternidade e a divindade.

Gringoire, mesmo assim, continuou.

— O que se deve fazer, então, para agradá-la?

— Ser homem.

— E eu, o que sou?

— Um homem tem elmo na cabeça, espada na mão e esporas douradas nos pés.

— Entendo — disse Gringoire. — Sem cavalo não há homem. Ama

alguém?

— De amor?

— De amor.

Ela permaneceu pensativa por um momento e acabou dizendo, com uma expressão particular:

— Logo saberei.

— Por que não imediatamente? — retomou com candura o poeta. — Por que não a mim?

Ela o olhou com gravidade.

— Só conseguiria amar um homem que possa me proteger.

Gringoire ficou ruborizado e preferiu não insistir. Era evidente que a moça aludia a seu escasso auxílio na circunstância crítica em que ela se encontrava duas horas antes. A lembrança, apagada pelas demais aventuras da noite, retornou. Ele bateu na testa.

— É verdade, senhorita, deveria ter começado por aí. Desculpe minhas doidas divagações. Como fez para escapar das garras de Quasímodo?

A pergunta causou um estremecimento na cigana.

— Ah! O corcunda horrível! — disse ela, escondendo o rosto nas mãos e tremendo como subitamente tomada por um frio intenso.

— Horrível mesmo! — concordou Gringoire, sem abandonar de todo o que tinha em mente. — Mas como conseguiu escapar?

Esmeralda sorriu, suspirou e se manteve em silêncio.

— Sabe por que ele a seguiu? — retomou Gringoire, tentando um desvio para voltar ao que o interessava.

— Não sei — respondeu a moça. E acrescentou rapidamente: — Mas você também me seguia, por quê?

— Com toda boa-fé — respondeu Gringoire —, também não sei.

Houve um silêncio. Gringoire fazia pequenos entalhes na mesa com a faca. A jovem sorria e parecia ver alguma coisa através da parede. De repente começou a cantar, com uma voz que mal se articulava:

Quando las pintadas aves

*Mudas están, y la tierra...*²⁸

Interrompeu-se bruscamente e passou a mão carinhosa pela cabeça de Djali.

— É um bonito animal — disse Gringoire.

— É minha irmã.

— Por que seu nome é *Esmeralda*? — perguntou o poeta.

— Não sei.

— A troco de nada?

Ela tirou da blusa uma espécie de saquinho oblongo pendurado no pescoço com uma correntinha de grãos de falso-plátano. O saquinho exalava forte odor de cânfora. Era coberto de seda verde, tendo ao centro miçangas da mesma cor, imitando esmeralda.

— Talvez por causa disso — ela respondeu.

Gringoire quis pegar o saquinho. Ela recuou.

— Não toque nele! É um amuleto. Poderia quebrar o encanto, ou o encanto fazer mal a você.

A curiosidade do poeta ficou ainda mais atizada.

— Quem lhe deu?

Ela encostou um dedo nos lábios dele e escondeu o amuleto no seio. Gringoire tentou fazer mais perguntas, que ficaram praticamente sem resposta.

— O que quer dizer *Esmeralda*?

— Não sei.

— É em que língua?

— Acho que egípcia.

— Era de se imaginar. Você não é da França?

— Não sei.

— Tem pais?

Ela começou a cantar, a partir de uma antiga melodia:

Mon père est oiseau.

Ma mère est oiselle.

Je passe l'eau sans nacelle.

Je passe l'eau sans bateau.

Ma mère est oiselle.

*Mon père est oiseau.*²⁹

— Não insisto mais — disse Gringoire. — Com que idade veio para a França?

— Bem pequena.

— Paris?

— No ano passado. No momento em que entrávamos pela porta Papal, vi fugir para o céu uma toutinegra do pântano. Era final de agosto e previ: o inverno vai ser duro.

— E foi mesmo — concordou Gringoire, achando que davam início a uma conversa. — Passei-o tendo que soprar nos meus dedos para aquecê-los. Tem o dom da profecia?

Ela voltou a ser lacônica.

— Não.

— O homem a quem chamavam duque do Egito é o chefe da sua tribo?

— É.

— Foi quem nos casou — observou timidamente o poeta.

Ela fez o bonito tique habitual.

— Nem sei o seu nome — disse ela.

— Meu nome? Se quiser: Pierre Gringoire.

— Conheço outros mais bonitos.

— Malvada! — reagiu o poeta. — Não faz mal, não vai conseguir me irritar. Quem sabe venha a gostar de mim, me conhecendo melhor. Contou-me sua história com tanta confiança que lhe devo também um pouco da minha. Saiba então que me chamo Pierre Gringoire e sou filho do arrendatário do notariado de Gonesse. Meu pai foi enforcado pelos borguinhões e minha mãe estripada pelos picardos, durante o sítio de Paris, há vinte anos. Aos seis, então, fiquei órfão, tendo como sola para os pés apenas o chão de Paris. Não sei como cheguei até os dezesseis. Graças, às vezes, a uma vendedora de frutas que me dava uma ameixa, ou a um padeiro que me deixava alguma migalha. À noite, era recolhido pela polícia que me jogava na prisão, onde conseguia uma palha para dormir. Nada disso impediu que crescesse, mas também emagrecesse, como pode ver. No inverno, me aquecia ao sol, sob o pórtico do palácio de Sens, achando ridículo que as

fogueiras de são João ardam no verão. Aos dezesseis anos, quis ter uma situação. Sucessivamente, tentei de tudo. Fui soldado, mas não era bravo o bastante. Fui monge, mas não era devoto o bastante. Além disso, não sou de beber. Por desespero, tornei-me aprendiz de carpinteiro, mas não era forte o bastante. Tinha mais inclinação para mestre-escola, mas, é verdade, não sabia ler. Não que isso seja um empecilho. No final de certo tempo, percebi que, para todo tipo de coisa, algo me faltava e, vendo que para nada servia, resolvi ser poeta e compositor de frases ritmadas. É uma situação sempre possível para um vagabundo, melhor do que roubar, como aconselhavam alguns amigos jovens e gatunos. Por felicidade, encontrei um dia dom Claude Frollo, o reverendo arqui-diácono de Notre Dame. Interessou-se por mim e é a quem devo eu ser hoje um verdadeiro letrado, sabendo latim desde o *Livro dos Ofícios* de Cícero até o *Necrológio* dos padres celestinos, sem ser nenhum bárbaro em escolástica, em poética, em rítmica e sequer em hermética, essa *sofia* das *sofias*.³⁰ Sou o autor do mistério apresentado hoje, com grande pompa e participação popular, em pleno salão principal do palácio. Escrevi também um livro que terá seiscentas páginas, sobre o prodigioso cometa de 1465, que fez um homem ficar louco. E tive outros sucessos. Sendo um pouco marceneiro e artilheiro, trabalhei na grande bombarda de Jean Maugue que, como deve saber, estourou na ponte de Charenton, no dia em que foi testada, matando vinte e quatro curiosos. Como vê, não sou tão mau partido matrimonial. Conheço truques interessantíssimos que posso ensinar à sua cabra. Por exemplo, a imitar o bispo de Paris, esse maldito fariseu com moinhos que respingam em todo mundo que passa pela ponte aux-Meuniers. Além disso, meu mistério vai me dar muito dinheiro em espécie, se eu for pago. Resumindo, ponho-me às suas ordens: eu, meu espírito, minha ciência e minhas letras, disposto a viver com a senhora da maneira que escolher, casta ou alegremente, como marido e mulher, se quiser, como irmão e irmã, se preferir.

Gringoire se calou, aguardando o efeito de sua arenga sobre a jovem. Ela tinha os olhos pregados no chão.

— *Phoebus* — disse ela, em voz baixa e, em seguida, virando-se para o poeta: — *Phoebus* quer dizer o quê?

Gringoire, sem compreender muito bem o que podia ter a pergunta a ver com a sua alocução, gostou da oportunidade de dar mostras de erudição e

respondeu, se estufando:

— É uma palavra latina que quer dizer *sol*.

— Sol! — ela repetiu.

— É o nome de um arqueiro que era muito bonito, um deus — acrescentou Gringoire.

— Deus! — repetiu a egípcia.

E havia algo de pensativo e apaixonado no tom com que a repetiu.

Nesse momento, um dos seus braceletes se desprende e caiu. Gringoire se abaixou, prestativo, para pegar. Quando se ergueu, a jovem e a cabra haviam desaparecido. Ouviu o ruído de uma tranca. Era uma pequena porta, dando provavelmente para um quarto vizinho, que se fechava pelo outro lado.

— Será que pelo menos me deixou uma cama? — preocupou-se nosso filósofo.

Deu a volta pelo cômodo. De móvel que se adequasse para o sono havia apenas uma arca de madeira suficientemente comprida, mas com a tampa esculpida, o que causou a Gringoire, ao se deitar, mais ou menos a mesma sensação que experimentaria Micromégas deitando-se sobre os Alpes.

— Bom! — disse, e tentou se acomodar da melhor maneira. — Devo me dar por satisfeito, mas é uma estranha noite de núpcias. Que pena. Havia nesse casamento de moringa quebrada um toque de ingenuidade e de antediluvianismo que me agradava.

28. Ainda trecho de *Canción de Mio Cid*. Literalmente: “Quando as galinhas-d’angola/ Mudas estão, e a terra...”

29. Literalmente: “Meu pai é passarinho,/ Minha mãe é passarinha./ Atravesso a água sem nacela,/ Atravesso a água sem barca,/ Minha mãe é passarinha,/ Meu pai é passarinho.”

30. “Sabedoria das sabedorias”, em grego no original.

LIVRO TRÊS

1. Notre Dame

Sem dúvida ainda hoje é um edifício sublime, a igreja de Notre Dame de Paris. Porém, por mais bela que se conserve na velhice, é difícil não suspirar, não se indignar diante das degradações e inúmeras mutilações pelas quais simultaneamente o tempo e os homens fizeram o venerando monumento passar, sem respeitar Carlos Magno, que assentou a primeira pedra, nem Filipe Augusto, que assentou a última.

Na face dessa velha rainha das nossas catedrais, ao lado de uma ruga encontra-se sempre uma cicatriz. *Tempus edax, homo edacior*.³¹ Sentença que gostaria de traduzir como: o tempo é cego, o homem estúpido.

Se tivéssemos o ensejo de examinar com o leitor cada uma das diversas marcas de destruição impressas na antiga igreja, veríamos que a interferência do tempo foi bem menor que a dos homens. Sobretudo a dos homens de arte. Devo sublinhar *homens de arte*, uma vez que alguns dos causadores dos estragos, nos dois últimos séculos, assumiam a função de arquiteto.

Para começar — e citando apenas alguns exemplos capitais —, poucas páginas arquiteturais apresentam fachada mais bela do que essa em que, sucessiva e simultaneamente, os três portais abertos em ogiva, a fieira rendada e chanfrada de vinte e oito nichos, a imensa rosácea central ladeada por duas janelas laterais como diácono e subdiácono, a alta e frágil galeria de arcadas a trevo, suportando uma pesada plataforma sobre finas colunetas e, enfim, as duas negras e maciças torres com seus telheiros de ardósia, partes harmoniosas de um conjunto magnífico, superpostas em cinco andares gigantescos, desdobram-se diante dos olhos, em profusão e sem discórdia, com seus inúmeros detalhes de estatuária, de escultura e de cinzelamento, em harmonia com a grandeza do conjunto. Vasta sinfonia de pedra, por assim dizer, obra colossal de um homem e de um povo, ao mesmo tempo una e complexa como as *ilíadas* e os *romances*, dos quais ela é irmã, resultado prodigioso da união de todas as forças de uma época. Sobre cada pedra, de cem maneiras se vê brotar a fantasia do artesão disciplinado pelo gênio do artista. Resumindo, é uma criação humana poderosa e fecunda como a

criação divina, da qual parece ter copiado a dupla característica: a variedade e a eternidade.

O que dizemos da fachada, deve-se dizer da igreja inteira, e o que dizemos da igreja catedral de Paris, deve-se dizer de todas as igrejas da cristandade medieval. Tudo se sustenta nessa arte que vem de si mesma, lógica e bem-proporcionada. Medir o dedão do pé é medir o gigante.

Voltemos à fachada da Notre Dame, tal como a vemos no presente, quando devotadamente admiramos a grave e poderosa catedral que, no dizer dos seus historiógrafos, aterroriza: *quae mole sua terrorem incutit spectantibus*.³²

Três coisas importantes faltam hoje à fachada. A primeira delas, a altura de onze degraus que antigamente a distanciava do chão; em seguida, a série inferior de estátuas que ocupava os nichos dos três portais; e, enfim, a série superior que guarnecia a galeria do primeiro andar, com os vinte e oito mais antigos reis da França, desde Childeberto até Filipe Augusto, tendo na mão “a maçã imperial”.

A escada foi tragada pelo tempo, que elevou em irresistível e lenta progressão o nível do piso da Cité. Mesmo com essa elevação tendo engolido um a um os onze degraus que alteavam a imponência do edifício, o tempo talvez tenha beneficiado mais do que prejudicado a igreja, pois foi ele que espalhou pela fachada a sombria cor dos séculos que torna a velhice dos monumentos a sua idade de maior beleza.

Mas quem pôs abaixo as duas fileiras de estátuas? Quem deixou vazios os nichos? Quem entalhou, bem no meio do portal central, uma ogiva nova e bastarda? Quem ousou nele enquadrar essa impessoal e pesada porta de madeira esculpida à Luís XV ao lado dos arabescos de Biscornette? Os homens, os arquitetos, os artistas dos dias de hoje.

E, no interior do edifício, quem derrubou o colossal são Cristóvão, que estava para as estátuas como o Grande Salão para os demais salões do Palácio da Justiça e como a flecha da catedral de Strasbourg está para os campanários? E a miríade de estátuas que povoavam todo o entrecolunamento da nave e do coro — de joelhos, de pé, equestres, homens, mulheres, crianças, reis, bispos, heróis, de pedra, de mármore, de ouro, de prata, de cobre, até de cera —, quem brutalmente as varreu dali? Não foi o tempo.

E quem trocou o antigo altar gótico, esplendidamente recoberto de cofres e de relicários, por esse pesado sarcófago de mármore com cabeças de anjos e nuvens, parecendo uma amostra deslocada do Val-de-Grâce ou do Invalides? Quem estupidamente impôs esse pesado anacronismo de pedra sobre o piso carlovingiano de Hercandus? Não foi Luís XIV, atendendo a um pedido de Luís XIII?

E quem colocou frios vidros brancos no lugar dos vitrais “muito coloridos” que faziam o olhar maravilhado dos nossos pais hesitar entre a rosácea do grande portal e as ogivas da abside? E o que diria um chantre do século XVI vendo a bela pintura amarela com que nossos bispos vândalos lambuzaram a catedral? Provavelmente lembraria ser essa a cor usada pelo carrasco para assinalar os imóveis *celerados*. Lembrar-se-ia do palácio do Petit-Bourbon, também grosseiramente pintado de amarelo pela traição do condestável, “amarelo afinal de contas de tão boa qualidade e tão bem encomendado que, mais de um século depois, não perdeu ainda sua cor”, escreveu Sauval. O chantre acharia que o santo lugar se tornara infame e fugiria.

Enfocando o alto da catedral, sem atentar às mil barbaridades de todo gênero, o que foi feito do encantador pequeno campanário que se apoiava no ponto de interseção do cruzeiro e que, não menos frágil nem menos audacioso que a flecha vizinha (também destruída) da Sainte-Chapelle, se lançava ao céu, mais alto do que as torres, elegante, agudo e sonoro, recortando-se contra a luz do dia? Um arquiteto de bom gosto (1787) o amputou e achou que bastaria, para esconder a ferida, esse largo aplique de chumbo que mais parece a tampa de um caldeirão.

Foi como se tratou a arte maravilhosa da Idade Média em quase todos os países e sobretudo na França. Podem-se distinguir sobre essa ruína três tipos de lesões, cada uma se aplicando em diferente nível de profundidade. O tempo, para começar, que insensivelmente aqui e ali deteriorou e por todo lugar enferrujou sua superfície. Em seguida, as revoluções políticas e religiosas que, cegas e coléricas por natureza, se lançaram em tumulto sobre ela, rasgando a rica roupagem de esculturas e cinzeladuras, arrombando também as rosáceas, quebrando o colar de arabescos e de figuras, derrubando as estátuas, ora por causa da mitra, ora por causa da coroa. E, enfim, as modas que se sucederam, cada vez mais grotescas e estúpidas, desde as

anarquias e esplêndidos desvios do Renascimento, na inexorável decadência da arquitetura. As modas causaram mais estragos do que as revoluções. Foram diretamente ao cerne, atacaram a estrutura óssea da arte, cortaram, talharam, desorganizaram, mataram o edifício, tanto na forma quanto na simbologia, tanto na lógica quanto na beleza. Depois, elas o refizeram, pretensão que, pelo menos, nem o tempo nem as revoluções tiveram. Impudentemente adaptaram, com *bom gosto*, sobre as feridas abertas na arquitetura gótica, suas miseráveis bugigangas do dia, faixas de mármore, pompons de metal, verdadeira lepra de óvalos, volutas, enquadramentos, drapeados, guirlandas, franjas, flamas de pedra, nuvens de bronze, amores gorduchos e querubins balofos que começaram a devorar a face da arte no oratório de Catarina de Médicis e a fizeram expirar, dois séculos depois, atormentada e convulsiva, no *boudoir* da Dubarry.

Assim, para resumir os pontos que acabamos de indicar, três tipos de devastação desfiguram hoje em dia a arquitetura gótica. Vincos e verrugas na epiderme são obra do tempo. Afrontas, brutalidades, contusões e fraturas são obra das revoluções, desde Lutero até Mirabeau. Mutilações, amputações, deslocamentos de membros, *restaurações* decorrem do trabalho grego, romano e bárbaro dos professores, segundo Vitrúvio e Vignola. A arte magnífica que os vândalos haviam produzido foi destruída pelas academias. Aos séculos, às revoluções que pelo menos arrasam com imparcialidade e grandeza, acrescentou-se a revoada de arquitetos de escola — patenteados, juramentados e diplomados —, degradando com discernimento e escolhendo infalivelmente opções de mau gosto, preferindo as chicórias de Luís XV às rendas góticas, para maior glória do Parthenon. É o pontapé do asno no leão moribundo. É o velho carvalho que começa a secar pela copa e que, para piorar, é atacado, mordido e dilacerado por lagartas.

Que distância da época em que Robert Cenalis, comparando Notre Dame de Paris ao famoso templo de Diana, em Éfeso, *tão celebrado pelos antigos pagãos* e que imortalizou Heróstrato, achava a catedral gaulesa “mais excelente em comprimento, largura, altura e estrutura”.³³

Notre Dame de Paris, aliás, não é o que se poderia chamar um monumento completo, definido, classificado. Não é mais uma igreja românica e não é ainda uma igreja gótica. Não é um edifício-modelo. Notre Dame de Paris não tem, como a abadia de Tournus, a grave e maciça estrutura, a redonda e

ampla abóbada, a nudez glacial, a majestosa simplicidade dos edifícios que têm o pleno cimbrio como referência. Não é, como a catedral de Bourges, o produto magnífico, leve, multiforme, repleto, sobrecarregado e eflorescente da ogiva. Não pode ser classificada na antiga família das igrejas sombrias, misteriosas, baixas, como que esmagadas pelo pleno cimbrio, quase egípcias se excetuarmos o teto; todas hieroglíficas, todas sacerdotais, todas simbólicas, mais carregadas, nos seus ornamentos, de losangos e de ziguezagues do que de flores, de flores do que de animais, de animais do que de homens; obra de arquiteto, menos do que de bispo, primeira transformação da arte, toda impregnada de disciplina teocrática e militar, enraizada no baixo-império e terminando com Guilherme o Conquistador. Não se pode situar nossa catedral nessa outra família de igrejas altas, aéreas, ricas em vitrais e esculturas, com formas agudas e atitudes audaciosas, igrejas comunais e burguesas como símbolos políticos, livres, caprichosas e imoderadas como obra de arte. Segunda transformação da arquitetura, não mais hieroglífica, imutável e sacerdotal, mas artística, progressiva e popular, que começa na volta das cruzadas e acaba em Luís XI. Notre Dame de Paris não é de pura raça românica, como as primeiras, nem de pura raça árabe, como as segundas.

É um edifício da transição. O arquiteto saxão acabava de erguer os primeiros pilares da nave, quando a ogiva, que chegava com a cruzada, se implantou triunfantemente sobre os largos capitéis românicos que deviam sustentar apenas arcos de pleno cimbrio. A ogiva, vitoriosa desde então, construiu o restante da igreja. Inexperiente e tímida no início, foi se ampliando, se alargando, mas contida ainda, sem se atrever a se lançar em flechas e lancetas, como fez mais tarde em tantas catedrais maravilhosas. É como se sofresse a influência das pesadas pilastras românicas.

Aliás, esses edifícios da transição do românico para o gótico não são menos preciosos de se estudar que os de estilo puro. Expressam uma nuance da arte que, sem eles, se perderia. Representam o enxerto da ogiva no pleno cimbrio.

Notre Dame de Paris, em particular, é uma curiosa amostra dessa variedade. Cada face, cada pedra do venerável monumento é uma página não somente da história do país, mas também da história da ciência e da arte. Por exemplo, indicando apenas os principais detalhes, enquanto a pequena porta Vermelha chega quase aos limites da delicadeza gótica do século XV, as

pilastras da nave, pelo volume e gravidade, recuam até a abadia carlovingiana de Saint-Germain-des-Prés. É como se seis séculos separassem a porta das pilastras. Nem mesmo os herméticos deixam de encontrar, nos símbolos do grande portal, um resumo satisfatório da ciência alquímica, da qual Saint-Jacques-de-la-Boucherie era um completo hieróglifo. Dessa forma, a abadia românica, a igreja filosofal, a arte gótica, a arte saxã, o pesado pilar redondo que lembra Gregório VII, o simbolismo hermético pelo qual Nicolas Flamel preludiava Lutero, a unidade papal, o cisma, Saint-Germain-des-Prés, Saint-Jacques-de-la-Boucherie, tudo se funde em combinação, amalgamado em Notre Dame. Essa igreja central e geradora é, entre as velhas igrejas de Paris, uma espécie de quimera: tem a cabeça de uma, os membros de outra, o traseiro de uma terceira — e algo de todas.

Repetimos, essas construções híbridas não são as menos interessantes para o artista nem para o antiquário nem para o historiador. Fazem-nos sentir o quanto a arquitetura é algo primitivo, pois demonstram — como os vestígios ciclópicos, as pirâmides do Egito, os gigantescos pagodes hindus — que os maiores feitos da arquitetura não são tanto obras individuais e sim obras sociais; são antes a concepção trabalhada de um povo e não inspiração de um homem de gênio; são o legado de uma nação; os acervos produzidos pelos séculos; o resíduo das transformações sucessivas da sociedade humana; ou, resumindo, são formações, por assim dizer. Cada fluxo do tempo superpõe sua camada no monumento, cada geração acrescenta a sua pedra. É como fazem os castores, é como fazem as abelhas, é como fazem os homens. O grande símbolo da arquitetura, Babel, é uma colmeia.



Notre Dame é, entre as velhas igrejas de Paris, uma espécie de quimera.

Os grandes edifícios, como as grandes montanhas, são obra dos séculos. Inúmeras vezes a arte se transforma enquanto eles estão ainda em processo: *pendente opera interrupta*,³⁴ e tranquilamente a obra continua segundo a arte transformada. A arte nova se apossa do monumento tal como ele se encontra, incrusta-se nele, assimila-o, desenvolvendo-o à sua maneira própria e o conclui, se possível for. A coisa se realiza sem problema, sem esforço, sem reação, segundo uma lei natural e tranquila. É um enxerto que acontece, a seiva que circula, a vegetação que se recobra. Evidentemente, há nessa fusão

sucessiva de várias artes, em vários níveis, num mesmo monumento, matéria para livros inteiros e, muitas vezes, temos ali a história universal da humanidade. O homem, o artista e o indivíduo se apagam nessas grandes construções sem nome de autor; a inteligência humana nelas se resume e se totaliza. O tempo é o arquiteto, o povo é o pedreiro.

Limitando-nos aqui à arquitetura europeia cristã, essa irmã mais nova das grandes alvenarias do Oriente, ela se mostra aos olhos como uma imensa formação dividida em três zonas bem demarcadas que se superpõem: a zona românica,³⁵ a zona gótica e a zona da renascença, que poderíamos dizer greco-romana. A camada românica, que é a mais antiga e mais profunda, é dominada pelo pleno cimbrio, que reaparece, sustentado pela coluna grega, na camada moderna e superior do Renascimento. A ogiva se situa entre as duas. Os edifícios que pertencem exclusivamente a uma dessas três camadas são perfeitamente distintos, unos e completos. Por exemplo, a abadia de Jumièges, a catedral de Reims, a Sainte-Croix de Orléans. Mas as três zonas se mesclam e se amalgamam em seus limites, como as cores no espectro solar. Donde resultam os monumentos complexos e edifícios de nuance e de transição. Um é românico nos pés, gótico pelo meio, greco-romano no topo. Pois a construção podia se prolongar por seiscentos anos. Essa variedade é rara. O torreão de Étampes serve de exemplo. Mas os monumentos com duas formações são mais frequentes. Assim é Notre Dame de Paris, edifício ogival que tem seus primeiros pilares fincados na zona românica em que estão o portal de Saint-Denis e a nave de Saint-Germain-des-Prés. Assim também a encantadora sala capitular semigótica de Bochartville, na qual a camada românica vai até a metade do corpo. E ainda a catedral de Rouen, que seria inteiramente gótica se não entrasse, pela extremidade da flecha central, na zona da renascença.³⁶

Todas essas nuances, porém, e todas essas diferenças afetam apenas a superfície dos edifícios. A arte é que mudou de pele. A constituição propriamente da igreja cristã não foi atacada. Mantém-se a mesma estrutura interna, o mesmo dispositivo lógico das partes. Qualquer que seja o invólucro esculpido e ornado de uma catedral, encontra-se sempre por base, pelo menos em estado embrionário e rudimentar, a basílica romana, que eternamente se desenvolve na planta, segundo a mesma lei. São, imperturbavelmente, duas naves que se cortam em cruz e cuja extremidade superior, arredondada em

abside, forma o coro. São sempre as colaterais para as procissões internas, para as capelas, espécie de passeios laterais em que a nave principal se desfoga pelos entrecolunamentos. Isso feito, o número de capelas, portais, campanários e pináculos se modifica ao infinito, seguindo a fantasia do século, do povo, da arte. Uma vez estabelecido e garantido o serviço do culto, a arquitetura faz o que bem entende. Combina estátuas, vitrais, rosáceas, arabescos, dentilhões, capitéis, baixos-relevos, todas essas ideias, segundo o logaritmo que melhor lhe convier. Daí a prodigiosa variedade exterior desses edifícios, no fundo dos quais residem tanta ordem e unidade. O tronco da árvore é imutável, a ramagem segue caprichos próprios.

-
31. “O tempo devora, o homem mais ainda” (Ovídio, *Metamorfoses*, XV, 234), em latim no original.
32. “Sua massa enche de terror quem a contempla”, em latim no original.
33. *Histoire gallicane*, Livro II, período III, fº 130, p.I. (Nota do autor)
34. “Obras interrompidas permanecem pendentes” (Virgílio, *Eneida*, IV, 88), em latim no original.
35. É a mesma que também se chama — segundo os lugares, climas e espécies — lombarda, saxã ou bizantina. São arquiteturas irmãs e paralelas, tendo, cada uma, sua característica particular, mas derivando do mesmo princípio, o pleno cimbrio. *Facies non omnibus una, Non diversa tamen, qualem* etc. (Nota do autor)
36. Essa parte da flecha, que era de madeira, foi precisamente a que o fogo do céu destruiu, em 1823. (Nota do autor)

2. Paris num sobrevoo

Tentamos restaurar para o leitor a admirável igreja de Notre Dame de Paris. Indicamos sumariamente a maior parte das belezas, hoje desaparecidas, que ela apresentava no século XV, mas omitimos a principal delas: a vista de Paris que se descortinava do alto de suas torres.

Efetivamente, depois de se tatear pela longa e tenebrosa espiral que atravessa perpendicularmente a espessa muralha dos campanários e de se alcançar enfim, abruptamente, uma das altas plataformas inundadas pelo ar e a luz do dia, era um belo panorama que, de todos os lados, se desdobrava diante dos olhos. Um espetáculo sui generis, do qual facilmente podem ter uma ideia os leitores que porventura tiveram a felicidade de ver uma cidade gótica inteira. Restam ainda algumas — completas, homogêneas — como Nuremberg, na Baviera, Vitoria, na Espanha, ou mesmo, em menor escala, mas ainda bem conservadas, Vitré, na Bretanha, e Nordhause, na Prússia.

A Paris de trezentos e cinquenta anos atrás, a Paris do século XV, já era uma cidade gigantesca. Nós, os parisienses, em geral nos enganamos quanto ao terreno que acreditamos ter ganhado desde então. A partir de Luís XI, Paris não cresceu mais de uma terça parte. E verdade é que mais perdeu em beleza do que ganhou em grandeza.

Paris nasceu, como se sabe, na velha ilha de la Cité, que tem a forma de um berço. A praia dessa ilha foi seu primeiro muro protetor e o Sena o seu primeiro fosso. Paris permaneceu por vários séculos na condição de ilha, com duas pontes, uma ao norte e outra ao sul, tendo nelas seus dois acessos, suas portas e fortalezas, o Grande Châtelet, na margem direita, e o Pequeno Châtelet, na margem esquerda. Depois, desde os reis da primeira estirpe, por estar apertada demais na sua ilha e quase sem poder se mexer, Paris atravessou o rio. Nesse momento, para além do Grande e para além do Pequeno Châtelet, uma primeira cercadura de muros e torres começou a invadir o campo, dos dois lados do Sena. Dessa antiga muralha restavam ainda, no século passado, alguns vestígios. Hoje temos apenas a sua lembrança e, em alguns lugares, alguma tradição, como a porta Baudets ou

Baudoyer, a *porta Bagauda*. Pouco a pouco, o fluxo das casas, sempre partindo do coração da cidade para o exterior, transbordou, corroeu, desgastou e apagou aquela primeira linha murada. Filipe Augusto levantou um novo dique. Aprisionou Paris numa cadeia circular de grandes torres, altas e sólidas. Por mais de um século, as casas se comprimiram, se acumularam e cresceram em altura dentro dessa bacia, como a água num reservatório. Começaram a se altear, a sobrepor andar em cima de andar, a montar umas nas outras, subindo impetuosas como toda seiva comprimida, e com cada um querendo colocar a própria cabeça mais acima do que a do vizinho, para ter mais ar. A rua cada vez mais se escavou e se estreitou, com todo espaço livre se preenchendo e desaparecendo. As casas finalmente saltaram por cima do muro de Filipe Augusto, se espalharam às soltas pelo campo, em desordem e livres. Tornaram-se mais amplas, abrindo jardins no campo, à vontade. Em 1367, a cidade tinha se alastrado tanto pelos arrabaldes que se tornou necessária nova cercadura, sobretudo à margem direita. Carlos V levantou-a. Mas uma cidade como Paris está em perpétua cheia. Apenas cidades assim se tornam capitais. Nelas se afunilam todas as vertentes geográficas, políticas, morais, intelectuais de um país, todas as inclinações naturais de um povo. Poços de civilização, por assim dizer, e também de esgotos, onde comércio, indústria, inteligência, população, toda a seiva, toda a vida, tudo que forma a alma de uma nação é filtrado e se junta incessantemente, gota a gota, século a século. A muralha de Carlos V teve, então, o mesmo destino que a de Filipe Augusto. Já no final do século XV, foi ultrapassada, atravessada e o subúrbio expandiu-se para mais adiante. No século XVI parecia que ela, a olhos vistos, adentrava aos poucos na cidade velha, de tanto que se avolumava, mais além, uma cidade nova. Assim sendo, para nos fixarmos no século XV, Paris desde então já havia gastado três círculos concêntricos de muralhas que, à época de Juliano o Apóstata, estavam, por assim dizer, em germe no Grande Châtelet e no Pequeno Châtelet. A portentosa cidade sucessivamente arrebatara suas quatro cinturas de muros, como uma criança que cresce e estoura as costuras de suas roupas do ano anterior. Sob Luís XI, viam-se, em alguns pontos daquele mar de casas, grupos de torres das antigas muralhas em ruína, como o pico de colinas numa inundação, como arquipélagos da velha Paris submergida pela nova.

Desde então, Paris se transformou ainda mais, infelizmente, a nosso ver, mas ultrapassou apenas outra muralha, a de Luís XV, um miserável muro de lama e de cuspe, digno do rei que o construiu, digno do poeta que o cantou:

*Le mur murant Paris rend Paris murmurant.*³⁷

No século XV, Paris estava ainda dividida em três cidades, totalmente distintas e separadas, tendo cada uma sua fisionomia própria, com funções, costumes, modas, privilégios e história particulares: a Cité, a Universidade, a Cidade. A Cité, que ocupava a ilha, era a mais antiga, a menor e a mãe das duas outras, apertada entre elas — que nos permitam a comparação — como uma velhinha entre suas duas grandes e bonitas filhas. A Universidade cobria a margem esquerda do Sena, desde a Tournelle até a torre de Nesle, pontos que correspondem, na Paris de hoje, respectivamente, ao mercado dos vinhos e à Casa da Moeda. Sua cercadura entrava bem amplamente pelos campos em que Juliano havia construído suas termas. O monte de Sainte-Geneviève ficava inteiro do lado de dentro. O ponto culminante dessa curva de muralhas era a porta Papal, na localização, mais ou menos, do atual Panthéon. A Cidade, que era a maior das três porções de Paris, ocupava a margem direita. Seu cais, não contínuo e interrompido em vários pontos, seguia ao longo do Sena, da torre de Billy até a torre du Bois, isto é, do local onde hoje se encontra o Celeiro da Abundância até a atual Tuileries. Esses quatro pontos em que o Sena cortava a cercadura da capital, a Tournelle e a torre de Nesle, à esquerda, a torre de Billy e a torre du Bois, à direita, chamavam-se, por excelência, *as quatro torres de Paris*. A Cidade invadia as terras de forma ainda mais profunda que a Universidade. O ponto culminante da muralha da Cidade (ainda a de Carlos V) eram as portas Saint-Denis e Saint-Martin, cujas localizações não mudaram.

Como acabamos de dizer, cada uma dessas três grandes divisões de Paris era uma cidade, mas uma cidade especial demais para ser completa, uma cidade que não podia deixar de contar com as duas outras. Tinham também três aspectos perfeitamente distintos. Na Cité, abundavam igrejas, na Cidade, palácios, na Universidade, colégios. Para não insistir aqui nas originalidades secundárias da velha Paris e nos caprichos do direito de construção e de urbanismo, diríamos, de um ponto de vista mais geral, tomando apenas os

conjuntos e massas dentro do caos das jurisdições comunais, que a ilha pertencia ao bispo, a margem direita ao preboste dos comerciantes, a margem esquerda ao reitor. O preboste de Paris, que era um oficial real e não municipal, tinha ascendência sobre os três. A Cité tinha Notre Dame; a Cidade, o Louvre e o Hôtel de Ville; a Universidade tinha a Sorbonne. A Cidade tinha o Halles, a Cité o Hôtel-Dieu, a Universidade o Pré-aux-Clercs. Os delitos que os estudantes cometiam à margem esquerda, no Pré-aux-Clercs, eram julgados na ilha, no Palácio da Justiça, e punidos à margem direita, em Montfaucon. A menos que o reitor, sentindo a Universidade forte e o rei fraco, interviesse, pois era um privilégio dos estudantes serem enforcados em seu próprio território.

(A maioria desses privilégios, diga-se de passagem — e havia outros, ainda melhores —, tinham sido extorquidos do poder real por revoltas e motins. É a progressão imemorial. O rei só cede quando o povo arranca. Um velho documento diz isso ingenuamente, referindo-se à fidelidade: *Civibus fidelitas in reges, quae tamen aliquotes seditionibus interrupta, multa peperit privilegia.*)³⁸

No século XV, o Sena banhava cinco ilhas dentro dos muros de Paris: a ilha Louviers, onde ainda havia árvores e onde hoje resta apenas lenha; a ilha das Vacas e a ilha Notre Dame, desertas as duas, a não ser por uns poucos casebres, e ambas vinculadas ao bispado (no século XVII, das duas ilhas se fez uma só, que foi urbanizada e que chamamos ilha Saint-Louis); e, finalmente, a Cité, tendo à ponta a ilhota do Atravessador de Vacas que, depois disso, com as obras da ponte Neuf, se integrou à ilha. A Cité tinha então cinco pontes: três à direita, que eram a ponte Notre Dame e a ponte au-Change, de pedra, e a ponte aux-Meuniers, de madeira; e duas à esquerda, a Petit-Pont, de pedra, e a ponte Saint-Michel, de madeira. Todas tinham casas em cima. O território da Universidade contava com seis portas, construídas sob Filipe Augusto: a partir da Tournelle, sucediam-se a porta Saint-Victor, a porta Bordelle, a porta Papal, a porta Saint-Jacques, a porta Saint-Michel, a porta Saint-Germain. A Cidade contava com seis portas, construídas sob Carlos V: eram, a partir da torre de Billy, a porta Saint-Antoine, a porta do Temple, a porta Saint-Martin, a porta Saint-Denis, a porta Montmartre, a porta Saint-Honoré. Todas eram fortes e belas, pois uma coisa não impede a outra. Um fosso largo, profundo, com viva correnteza nas cheias de inverno,

lavava a base das muralhas ao redor de Paris, com água fornecida pelo Sena. À noite, fechavam-se as portas e interditava-se o rio com grossas correntes de ferro, nos dois extremos da cidade, para que Paris dormisse tranquila.

Vistos num sobrevoo, esses três burgos, a Cité, a Universidade e a Cidade, apresentavam cada qual uma malha inextricável de ruas estranhamente misturadas. Logo de início, porém, percebia-se que os três fragmentos urbanos formavam um só corpo. Viam-se de imediato dois eixos paralelos, sem ruptura, sem perturbação, quase em linha reta, que atravessavam simultaneamente as três cidades de uma ponta à outra, do sul ao norte, na perpendicular do Sena, fazendo a ligação, a mistura, a infusão, vertendo, trasvazando sem parar a população de uma para a outra. Os três burgos eram uma só cidade. O primeiro desses dois eixos ia da porta Saint-Jacques à porta Saint-Martin, chamando-se rua Saint-Jacques, no lado da Universidade, rua da Juiverie, na Cité, e rua Saint-Martin, na Cidade; atravessava o rio duas vezes, com os nomes Petit-Pont e ponte Notre Dame. O segundo, que se chamava rua de la Harpe à margem esquerda, rua de la Barillerie na ilha, rua Saint-Denis à margem direita, ponte Saint-Michel sobre um braço do Sena, ponte au-Change sobre o outro, ia da porta Saint-Michel, na Universidade, à porta Saint-Denis, na Cidade. Apesar de tantos nomes diversos, eram apenas duas ruas, mas as duas ruas-mães, as duas ruas geradoras, as duas artérias de Paris. Todas as demais veias da tripla cidade delas afluíam ou nelas desembocavam.

Independentemente dessas duas ruas principais, diametrais, atravessando Paris de ponta a ponta em sua largura, comuns à capital inteira, a Cidade e a Universidade tinham, cada qual, seu grande eixo particular, correndo no sentido longitudinal, paralelos ao Sena e, cruzando, cortavam em ângulo reto os dois eixos *arteriais*. Assim, na Cidade, podia-se ir em linha reta da porta Saint-Antoine à porta Saint-Honoré e, na Universidade, da porta Saint-Victor à porta Saint-Germain. Essas duas grandes vias, atravessando as duas primeiras, formavam o pano de fundo sobre o qual repousava, amarrada e estreitada em todas as direções, a rede labiríntica das ruas de Paris. No desenho ininteligível dessa rede distinguiam-se também, quando se examinava com atenção, algo como dois feixes alargados, um na Universidade e outro na Cidade, dois conjuntos de grandes ruas que iam se ampliando a partir das pontes rumo às portas.

Algo desse plano geometral subsiste ainda hoje.

E que aspecto tinha esse conjunto, visto do alto das torres de Notre Dame, em 1482? É o que vamos tentar dizer.

Para o espectador que chegava resfolegante àquelas alturas, era, de início, um deslumbramento de telhados, chaminés, ruas, pontes, praças, pináculos, campanários. Tudo invadia a visão ao mesmo tempo: a empena cortante, a cobertura aguda, a torrezinha suspensa nos ângulos das paredes, a pirâmide de pedra do século XI, o obelisco de ardósia do XV, o torreão redondo e nu, a torre quadrada e bordada da igreja, o grande, o pequeno, o maciço, o aéreo. O olhar se perdia por muito tempo nas profundezas desse labirinto em que nada havia que não tivesse sua originalidade, sua motivação, seu gênio, sua beleza, nada que não viesse da arte, desde a mais simples casa de fachada pintada e esculpida, com travejamento exposto, porta rebaixada, andares sobrepostos, até o real Louvre, que tinha, à época, uma enfiada de torres. Mas assim que a vista começava a se acostumar ao tumulto de edifícios, as massas principais se distinguiam.

Primeiro, a Cité. A ilha de la Cité, como disse Sauval, no seu emaranhado de palavras que, às vezes, apresenta bom estilo: *a ilha de la Cité parece um grande navio atolado no lodo e encalhado ao rés da água, no meio do Sena*. Acabamos de dizer que, no século XV, esse navio estava amarrado às duas margens do rio por cinco pontes. Essa forma naval chamara também a atenção dos escribas heráldicos, pois veio dela, e não do assédio normando, segundo Favyn e Pasquier, o navio que brasona o velho escudo de armas de Paris. Para quem sabe decifrar, o brasão é uma álgebra, uma linguagem. A história inteira da segunda parte da Idade Média foi escrita em brasões, assim como a da primeira parte se inscreveu no simbolismo das igrejas românicas. São os hieróglifos do feudalismo, depois dos da teocracia.

A Cité, então, era o que primeiro se oferecia aos olhos, com a popa voltada para o levante e a proa para o poente. Olhando nessa última direção, descortinava-se adiante um inumerável conglomerado de velhos telhados acima dos quais se arredondava amplamente a cobertura de chumbo do coro da Sainte-Chapelle, como um costado de elefante com uma torre em cima. Só que, no caso, a torre era o pináculo mais audacioso, mais trabalhado, mais esculpido, mais dilacerado que já entrecortou o céu com seu cone rendado. À frente de Notre Dame, bem perto, três ruas desembocavam no adro — uma

bela praça com um velho casario. No lado sul dessa praça, inclinava-se a fachada enrugada e mal-humorada do Hôtel-Dieu, com seu telhado que parece coberto de pústulas e verrugas. Em seguida, à direita, à esquerda, a leste e a oeste, nesse entorno tão estreito da Cité, erguiam-se os campanários das vinte e uma igrejas, de todas as datas, todas as formas, todos os tamanhos, desde a baixa e corroída campânula românica de Saint-Denis-du-Pas, *carcer Glaucini*, até os finos pináculos de Saint-Pierre-aux-Boeufs e Saint-Landry. Atrás da Notre Dame, situava-se, ao norte, o claustro, com suas galerias góticas; ao sul, o palácio semirromânico do bispo, e a leste, a ponta deserta do Terreno. Nesse amontoamento de casas, a vista podia ainda distinguir, por suas altas mitras de pedra que então coroavam o topo das janelas mais altas dos palácios, a residência oferecida pela cidade, na época de Carlos VI, a Juvénal des Ursins. Um pouco mais adiante, viam-se as barracas cobertas de piche do mercado Palus e, mais além ainda, a abside nova de Saint-Germain-le-Vieux, encomprida em 1458 por um pedaço da rua aux Febves. Espalhados aqui e ali, podiam ainda ser vistos algum cruzamento apinhado de gente, um pelourinho erguido numa esquina e um belo trecho da pavimentação de Filipe Augusto — magnífico lajeamento estriado para as patas dos cavalos, no meio da via, e tão erradamente substituído, no século XVI, pelas miseráveis pedras chamadas *pavimentação da Liga*. Um pouco mais adiante, estendia-se uma espécie de quintal deserto, com uma dessas diáfanas torrezinhas com escadas, características do século XV, como ainda se vê na rua des Bourdonnais. Por fim, à direita da Sainte-Chapelle, na direção oeste, o Palácio da Justiça assentava à beira d'água seu grupo de torres. O bosque dos jardins do rei, que cobria a ponta ocidental da Cité, ocultava a ilhota do Atravessador de Vacas. O rio, propriamente, não era visto do alto das torres de Notre Dame, em nenhum dos dois lados da Cité; o Sena desaparecia sob as pontes e as pontes sob as casas.

E quando o olhar cruzava essas pontes, cujos telhados iam ficando cada vez mais esverdeados, prematuramente mofados pela proximidade da água, dirigindo-se à esquerda, na direção da Universidade, o primeiro edifício a impressionar apresentava um espesso e baixo feixe de torres. Era o Pequeno Châtelet, cujo pórtico escancarado devorava a ponta da Petit-Pont. Depois, caso a vista continuasse a seguir a margem do levante ao poente, da Tournelle à torre de Nesle, se emendava uma comprida enfiada de casas com

vigamento esculpido, vidraças coloridas, erguendo de andar em andar, acima do piso, um interminável zigue-zague de empenas burguesas. Essa linha quebrada era frequentemente interrompida pela saída de uma rua e, de vez em quando, também pela fachada ou quina de uma grande residência de pedra que tranquilamente se impunha — com pátio e jardim, alas e sede — no meio da multidão de casas, congestionada e comprimida, como um grande senhor no meio dos seus aldeões. Havia cinco ou seis desses palacetes no cais, desde a residência de Lorraine, que dividia com os cistercienses o grande recinto ao lado da Tournelle, até o palácio de Nesle, cuja torre principal servia de limite para a cidade e cujos telhados pontudos por três meses ao ano podiam recortar, com seus triângulos escuros, o disco escarlate do sol poente.

Esse lado do Sena, aliás, era o de menor atividade comercial. Os estudantes faziam mais barulho e tumulto do que os artesãos e só havia cais, que assim se pudesse chamar, da ponte Saint-Michel à torre de Nesle. O restante da margem era às vezes uma praia nua, como para além dos cistercienses, outras vezes um amontoamento de casas que tinham o pé na água, como entre as duas pontes. Havia grande vozerio de lavadeiras que gritavam, falavam e cantavam da manhã à noite, ao longo da margem, e batiam com força as roupas, como ainda fazem. Era um dos pontos mais alegres de Paris.

Vista de longe, a Universidade formava um bloco. De uma ponta à outra, era um conjunto homogêneo e compacto. Seus mil telhados firmes, angulosos, unidos, compostos quase todos pelo mesmo elemento geométrico, ofereciam, vistos de cima, o aspecto de uma cristalização da mesma substância. A caprichosa ravina das ruas não chegava a cortar, em partes demasiadamente desproporcionais, a massa de casas. Seus quarenta e dois colégios por ali se espalhavam de maneira equilibrada, por todo lado. As cumeeiras variadas e divertidas desses belos edifícios eram resultantes da mesma arte que produzia os simples telhados que elas superavam em altura, e tudo não passava, em definitivo, de uma multiplicação ao quadrado ou ao cubo da mesma figura geométrica, complicando então o conjunto sem perturbá-lo, completando-o sem sobrecarregar. A geometria é harmônica. Alguns belos prédios, num ponto ou noutro, também sobressaíam magnificamente, acima das águas-furtadas pitorescas da margem esquerda, como a residência de Nevers, a residência de Roma, a residência de Reims,

que, sem exceção, desapareceram. O palacete de Cluny subsiste ainda, para consolo do artista, mas há poucos anos estupidamente permitiram que perdesse o coroamento da torre. Perto de Cluny, o palácio romano com belos arcos abobadados abrigava as termas de Juliano. Mas havia ainda muitas abadias de beleza mais devota, de grandeza mais sóbria do que aqueles edifícios, e não menos bonitas nem menores. As que logo chamavam a atenção eram a dos cistercienses seguidores de são Bernardo, com seus três campanários; Sainte-Geneviève, com sua torre quadrada que ainda existe e nos faz lamentar pelo restante; a Sorbonne, meio colégio, meio monastério e da qual sobrevive ainda uma admirável nave; e o belo claustro quadrilateral dos trinitários de Saint-Mathurin; o claustro vizinho de Saint-Benoît, entre cujos muros improvisou-se um teatro, entre a sétima e a oitava edição deste livro; Cordeliers, com suas três enormes empenas justapostas; Augustins, cujo gracioso pináculo compunha, com o da torre de Nesle, o segundo contorno rendilhado daquele lado de Paris, a partir do oeste. Os colégios — que, na prática, são o elo intermediário entre o claustro e o mundo — ocupavam também o meio-termo na série monumental entre edifícios suntuosos e abadias, com uma sobriedade cheia de elegância, esculturas menos vaporosas do que as dos palacetes, arquitetura menos circunspecta que a dos conventos. Infelizmente, quase nada restou desses monumentos em que a arte gótica, com tanta precisão, misturava riqueza e economia. As igrejas — que eram numerosas e esplêndidas na Universidade, distribuindo-se, também ali, por toda uma série de etapas da arquitetura, desde o pleno cimbrio de Saint-Julien até as ogivas de Saint-Séverin — dominavam o todo, e, como uma harmonia a mais nessa massa de harmonias, atravessavam, a cada instante, o recorte múltiplo dos frechais de pináculos afiados, de campanários abertos e de agulhas elegantes, cujas linhas eram uma magnífica extrapolação do ângulo agudo dos telhados.

O terreno da Universidade era acidentado. O monte Sainte-Geneviève constituía, no lado sudeste, uma enorme bolha, e chamava a atenção, do alto da Notre Dame, aquela quantidade de ruas estreitas e tortuosas (hoje *a terra latina*), com penhas de casas que, espalhadas para todos os lados desse cimo, precipitavam-se em desordem e quase a pique pelas vertentes até a beira d'água, dando a impressão, umas de despencar e outras de escalar, com todas se agarrando solidariamente. Um fluxo contínuo de mil pontos negros, que se

entrecruzavam na pavimentação, fazia tudo parecer se agitar; era o povo, visto do alto e de longe.

Finalmente, nos intervalos dos telhados, das flechas, da irregularidade dos inumeráveis edifícios que dobravam, torciam e denteavam de maneira tão extravagante a linha extrema da Universidade, entrevia-se, espaçadamente, um pedaço grande de muralha coberta de musgo, uma volumosa torre redonda, um pórtico da cidade com ameias, dando a impressão de uma fortaleza: era a cercadura de Filipe Augusto. Para além, verdejavam campos e, sempre mais além, corriam estradas, ao longo das quais perduravam ainda algumas casas de arrabalde, cada vez mais raras à medida que se afastavam. Alguns desses subúrbios tinham importância. O primeiro, a partir da Tournelle, era o burgo Saint-Victor, com sua ponte de um só arco sobre o Bièvre, sua abadia, na qual se podia ler o epitáfio de Luís o Gordo, *epitaphium Ludovici Grossi*, e sua igreja de campanário octogonal, ornamentado com quatro torrinhas do século XI (pode-se ver uma semelhante em Étampes, que não foi ainda derrubada). Vinha, em seguida, o burgo Saint-Marceau, que já então tinha três igrejas e um convento. Depois, deixando à esquerda o moinho de Gobelins e seus quatro muros brancos, vinha o *faubourg* Saint-Jacques, com uma bela cruz esculpida num cruzamento, e a igreja de Saint-Jacques du Haut-Pas, que então era gótica, pontuda e encantadora. Em seguida, Saint-Magloire, com uma bela nave do século XIV e que Napoleão transformou em celeiro para feno, e Notre-Dame-des-Champs, que possuía mosaicos bizantinos. Para terminar, depois de deixar para trás o monastério dos cartuxos, rico edifício contemporâneo do Palácio da Justiça, com seus jardimzinhos compartimentados e as ruínas mal-assombradas de Vauvert, viam-se a oeste os três pináculos românicos de Saint-Germain-des-Prés. O burgo Saint-Germain, já uma comuna bastante movimentada, contava com quinze ou vinte ruas. O campanário pontiagudo de Saint-Sulpice marcava um dos seus extremos. Bem ao lado, distinguia-se o quadrilátero da feira de Saint-Germain — onde hoje se situa o mercado —, depois o pelourinho do abade, uma bonita torrezinha encimada por um cone de chumbo. A olaria ficava mais adiante, assim como a rua du Four, que conduzia ao forno banal, e o moinho, sobre um outeiro, e o leprosário, uma casinha isolada e malvista. Porém o que mais chamava a atenção e prendia demoradamente o olhar era a própria abadia. O monastério, imponente tanto

como igreja quanto como monumento senhorial, era o palácio abacial em que os bispos de Paris ficavam contentes de pernoitar por pelo menos uma noite. Possuía um refeitório a que o arquiteto emprestara a aparência, a beleza e a esplêndida rosácea de uma catedral. Contava também com a elegante capela da Virgem, um dormitório monumental, vastos jardins, a ponte levadiça, a grade de defesa, a cercadura de ameias recortando a verdura dos campos em torno, e os pátios em que brilhavam homens de armas misturados às capas com douraduras. Tudo isso — agrupado e reunido em volta das três altas flechas de pleno cimbrio, bem apoiadas numa abside gótica — produzia magnífica impressão no horizonte.

Quando, enfim, depois de pausadamente considerar a Universidade, o observador se voltava para a margem direita, para a Cidade, o espetáculo bruscamente mudava de aspecto. De fato, a Cidade, bem maior do que a Universidade, parecia menos cidade. À primeira vista, dividia-se em várias massas singularmente distintas. A leste, na parte que até hoje tem o nome do pântano em que Camulogène fez César atolar, havia um amontoamento de moradias senhoriais. Esse aglomerado vinha até a beira da água. Quatro palacetes quase juntos, Jouy, Sens, Barbeau e o da Rainha, refletiam no Sena os seus cimos de ardósia entrecortados por esbeltas torrezinhas. Essas quatro construções preenchiam o espaço entre a rua des Nonaindières e a abadia dos celestinos, cujo pináculo graciosamente realçava aquela linha de frontões e ameias. Os casebres esverdeados que se debruçavam sobre a água não impediam que se vissem as belas fachadas das suntuosas moradias nem as amplas janelas quadradas com peitoril de pedra, os pórticos em ogiva sobrecarregados de estátuas, as quinas aguçadas das paredes, sempre vigorosamente talhadas, e todos aqueles encantadores acasos arquitetônicos que fazem com que a arte gótica pareça renovar suas combinações a cada monumento. Por trás desses palacetes, seguia em todas as direções, ora reforçada em paliçada e ameada como uma cidadela, ora escondida por grandes árvores como uma cartuxa, a cercadura imensa e multiforme do miraculoso palácio Saint-Pol, onde o rei da França tinha como hospedar soberbamente vinte e dois príncipes do quilate do delfim e do duque de Borgonha, com seus criados e séquitos, sem contar os grandes senhores e o próprio imperador, quando vinha visitar Paris, e os leões, que tinham um palácio à parte dentro do palácio real. Lembremos que um apartamento de

príncipe se compunha de não menos que onze cômodos, desde o quarto de dormir, aberto aos convidados, até o oratório, além das galerias, banhos, estufas e demais “lugares supérfluos” com que cada apartamento podia contar. E sem falar dos jardins particulares para cada hóspede do rei, das cozinhas, adegas, despensas, refeitórios gerais da propriedade. Os quintais contavam com vinte e duas dependências para diferentes usos, do almoxarifado às reservas de vinho. Terrenos para mil tipos de jogos, como os de choca, de pela e de malho a cavalo. Viveiros para todo tipo de galináceos, tanques para peixes, jaulas para animais exóticos, estrebarias e estábulos, assim como bibliotecas, arsenais e fundições. Era o que compunha uma morada de rei, um Louvre, um palácio Saint-Pol. Uma cidade dentro da cidade.

Da torre em que estamos, o palácio Saint-Pol, mesmo semioculto pelas quatro grandes moradias a que antes nos referimos, era considerável e maravilhoso de se ver. Distinguiam-se perfeitamente, apesar de habilmente ligados ao prédio principal por longas galerias com vitrais e colunetas, os três palacetes que Carlos V havia amalgamado ao seu palácio: o *hôtel* du Petit-Muce, com balaustrada rendada a graciosamente cercar o telhado; o *hôtel* do abade de Saint-Maur, com ares de castelo-forte, dotado de pesada torre, machicólis, seteiras, torrezinhas de ferro e, acima de um amplo portão saxão, o escudo do abade, entre os dois mecanismos da ponte levadiça; e o *hôtel* do conde d’Étampes, com o torreão em ruínas no alto, arredondando-se à vista, empertigado como uma crista de galo. Num ou noutro ponto, três ou quatro velhos carvalhos formavam juntos um só tufo, como enormes couves-flores, protegendo os cisnes que flutuavam nas águas claras de um viveiro, salpicadas de sombras e de luz. Eram locais de recreio, repletos de aspectos pitorescos, a exemplo do parque dos leões, com suas ogivas baixas em cima de curtas pilastras saxãs, grades de ferro, de onde se ouviam perpétuos rugidos. Sobrepondo-se a todo esse conjunto, viam-se a flecha com cobertura em escamas da Ave Maria e, à esquerda, a morada do preboste de Paris, ladeada por quatro torrezinhas escavadas. No meio e ao fundo, o palácio Saint-Pol propriamente dito, com suas múltiplas fachadas, seus sucessivos acréscimos que vinham desde Carlos V, excrescências híbridas que a fantasia dos arquitetos há dois séculos sobrecarregava com tantas absides de capelas, tantos frontões de galerias, mil cata-ventos giratórios e as duas altas torres

contíguas, de telhado cônico, cercado de ameias na base, parecendo uns chapéus pontudos de aba levantada.

No chão, se continuarmos a subir os andares desse anfiteatro de palácios que se estendia à distância — e só nos limitamos aos monumentos principais —, depois de atravessarmos a ravina profunda que a rua Saint-Antoine abria através dos telhados da Cidade, a visão alcançava a habitação de Angoulême, vasta construção de várias épocas, com partes bem recentes e muito brancas, que não se assimilavam melhor ao conjunto do que um remendo vermelho num pano azul. No entanto, o telhado singularmente pontiagudo e alto do palácio moderno, espetado de gárgulas cinzeladas, coberto de lâminas de chumbo e no qual corriam, com mil arabescos fantasiosos, faiscantes incrustações de cobre dourado, esse mesmo telhado tão curiosamente damasquinado se lançava com graça no meio das acastanhadas ruínas do edifício antigo, cujas pesadas torres, inchadas pela idade como barris, atarracavam-se de vetustez e se dilaceravam da cabeça aos pés, parecendo barrigas gordas em camisas desabotoadas. Mais atrás, erguia-se a floresta de pináculos do palácio de Tournelles. Não há no mundo, nem em Chambord nem na Alhambra, visão mais mágica, mais aérea, mais prestigiosa do que foi aquele bosque de flechas, de pequenos campanários, chaminés, cata-ventos espiralados e contorcidos, de lanternas atravessadas pela luz, mais parecendo vazadas, de bandeiras, torrezinhas espetadas ou, como se dizia à época, *tournelles*, todas diversas em forma, altura e atitude. Era como um gigantesco tabuleiro de pedra.

À direita de Tournelles, via-se um feixe de enormes torres negras como tinta, penetrando umas nas outras e amarradas, por assim dizer, por um fosso circular, com o torreão muito mais atravessado de seteiras do que de janelas, com a ponte levadiça sempre recolhida e a grade sempre abaixada. Era a Bastilha. Bicos escuros, que avançavam entre as ameias e poderiam de longe se confundir com calhas, eram os canhões.

Ao alcance deles, ao pé do formidável edifício, estava a porta Saint-Antoine, enfiada entre suas duas torres.

Para além de Tournelles, indo até a muralha de Carlos V, estendia-se, com ricos compartimentos de folhagens e de flores, um tapete aveludado de áreas verdes e de parques reais, no meio dos quais se podia reconhecer, pelo labirinto de árvores e aleias, o famoso jardim Dedalus, presente de Luís XI a

Coictier. O observatório do médico se erguia acima do dédalo, como uma consistente coluna isolada, tendo uma casinha à guisa de capitel, e nessa oficina urdiam-se terríveis astrologias.

É onde hoje se situa a praça Royale.

Como acabamos de dizer, a área de palácios de que tentamos dar uma ideia ao leitor, mesmo que indicando apenas os pontos altos, preenchia o ângulo que a muralha de Carlos V formava com o Sena, a leste. O centro da Cidade era ocupado por um amontoado de casas populares. Era onde, de fato, desembocavam as três pontes da Cidade, à margem direita, e as pontes levantam casas antes de levantar palácios. Essa confusão de habitações burguesas, apertadas como alvéolos numa colmeia, tinha sua beleza própria. Os telhados de uma capital são como as ondas do mar, algo grandioso. Primeiramente as ruas, cruzadas e confusas, criando no conjunto cem figuras divertidas. Em torno do Halles, abria-se uma espécie de estrela de mil pontas. As ruas Saint-Denis e Saint-Martin, com suas inúmeras ramificações, subiam, uma ao lado da outra, como duas árvores grandes misturam seus ramos. Depois, viam-se linhas tortuosas, com as ruas de la Plâtrerie, de la Verrerie, de la Tixenranderie etc., serpenteando sobre o conjunto. Havia também belos edifícios que sobressaíam na ondulação petrificada desse mar de frontões. À entrada da ponte dos cambistas, atrás da qual se via o Sena espumar sob as rodas do moinho da ponte dos moleiros, erguia-se o Châtelet, não mais torre romana, como sob Juliano o Apóstata, mas torre feudal do século XIII e feita com pedra tão dura que uma picareta, em três horas, mal abriria nela buraco suficiente para passar um punho fechado. Havia o rico campanário quadrado de Saint-Jacques-de-la-Boucherie, com seus ângulos abarrotados de esculturas, já admirável, mesmo que não estivesse concluído no século XV. Faltavam-lhe ainda principalmente os quatro monstros que, ainda hoje, debruçados nos esconsos do topo, têm ares de quatro esfinges, apresentando à nova Paris o enigma da antiga. Rault, o escultor, só os colocou em 1526, e recebeu vinte francos pelo trabalho. Havia a casa dos Pilares, erguida na praça da Grève e da qual já demos uma ideia ao leitor. Havia Saint-Gervais, que um pórtico *de bom gosto* mais tarde perverteu. E Saint-Méry, cujas velhas ogivas eram quase plenos cimbres ainda, e Saint-Jean, com uma magnífica agulha a que sempre se fazia referência. Eram vinte outros monumentos que não menosprezavam a ideia de mergulhar suas maravilhas

no caos de ruas escuras, estreitas e profundas. Acrescentem-se as cruzes de pedra esculpida, mais frequentes ainda nas esquinas do que os patíbulo. E o cemitério dos Innocents, do qual se percebia ao longe, para além dos telhados, o recinto arquitetônico. E o pelourinho do Halles, cujo topo se via entre duas chaminés da rua de la Cossonnerie, assim como a escada da Croix du Trahoir, numa esquina sempre apinhada de gente. Distinguiam-se ainda os casebres circulares do mercado do trigo; alguns restos da antiga muralha de Filipe Augusto, que se percebia aqui e ali, misturados às casas, com torres devoradas pela hera, portas em ruína, pedaços inteiros do muro deformados e despencando; e, em seguida, o cais do Sena com seus mil pequenos comércio e curtumes sanguinolentos, com o rio repleto de embarcações, desde o porto au-Foin até For-l'Évêque. Juntando tudo isso, podemos imaginar um esboço do que era, em 1482, o trapézio central da Cidade.

Com esses dois bairros, um de palacetes e outro de casas, o terceiro elemento visual que a Cidade oferecia era uma comprida área de abadias que a margeava por quase toda a volta, do levante ao poente e, por trás das fortificações que fechavam Paris, acrescentavam-lhe uma segunda cercadura interna de conventos e capelas. Desse modo, imediatamente ao lado do parque de Tournelles, entre a rua Saint-Antoine e a velha rua du Temple, havia Sainte-Catherine, com sua imensa área cultivada, limitada apenas pela muralha de Paris. Entre a velha e a nova rua du Temple, situava-se o Templo, sinistro feixe de torres, alto, aprumado e isolado, dentro de um vasto recinto ameadado. Entre a rua Neuve-du-Temple e a rua Saint-Martin, erguia-se a abadia de Saint-Martin, no meio dos seus jardins, magnífica igreja fortificada, cujas cintura de torres e tiara de campanários só eram superadas, em força e esplendor, por Saint-Germain-des-Prés. Entre as ruas Saint-Martin e Saint-Denis, estendia-se o recinto murado da Trinité. E por último, entre a rua Saint-Denis e a rua Montorgueil, o Filles-Dieu. Ao lado, distinguiam-se ainda os telhados podres e a área sem pavimentação do Pátio dos Milagres. Era o único elo profano a se infiltrar na devota cadeia de conventos.

Mas havia ainda uma quarta área que se destacava soberana na aglomeração de telhados da margem direita, ocupando o ângulo ocidental de toda essa área e a borda rio abaixo — era um novo aglomerado de palácios e palacetes comprimidos junto ao Louvre. O velho Louvre de Filipe Augusto, esse edifício desmedido com uma torre principal e vinte e três torres-mestras

a seu redor, sem contar as torrezinhas, e que de longe parecia incrustado nos cumes góticos das residências d'Alençon e do Petit-Bourbon. Essa hidra de torres, gigantesca guardiã de Paris, com suas vinte e quatro cabeças sempre atentas, seus monstruosos costados de chumbo ou escamados de ardósia, com fulgentes reflexos metálicos, arrematava, de maneira surpreendente, a configuração ocidental da Cidade.

Era, então, um imenso conjunto, como a que os romanos chamavam *insula*, de casas burguesas, ladeado à direita e à esquerda por dois blocos de palácios coroados, o Louvre e o Tournelles, margeado ao norte por um cinturão de abadias e terrenos cultivados, que se avistava como uma massa amalgamada e fundida. Sobre esses mil edifícios, cujos telhados de cerâmica e de ardósia mutuamente se entrecortavam em estranhas cadeias, sobressaíam os campanários tatuados, marcados a ferro em brasa e lavorados, das quarenta e quatro igrejas da margem direita. Miríades de ruas entrecruzadas, tendo como limite, de um lado, um cerco de altas muralhas com torres quadradas (as da Universidade tinham torres redondas) e, de outro, o Sena, atravessado por pontes e navegado por uma quantidade de embarcações: assim era a Cidade, no século XV.

Para além das muralhas, alguns subúrbios se amontoavam às portas, mas em menor número e mais esparsos do que os da Universidade. Havia, por trás da Bastilha, vinte casebres emaranhados em torno das curiosas esculturas da cruz Faubin e dos arcobotantes da abadia Saint-Antoine des Champs. Em seguida, Popincourt, perdido nos trigais, e Courtille, alegre vilarejo de cabarés. E o burgo Saint-Laurent, com sua igreja cujo campanário, de longe, parecia se acrescentar às torres pontudas da porta Saint-Martin. E o subúrbio Saint-Denis, com a vasta área fechada de Saint-Ladre. E ainda, externa à porta Montmartre, a granja Batelière, cercada de muros brancos e, mais atrás, com suas encostas de giz, Montmartre, que, à época, tinha quase tantas igrejas quanto moinhos, tendo-se preservado apenas os moinhos, uma vez que a sociedade de hoje espera apenas o pão que alimenta o corpo. Concluindo, para além do Louvre, prolongava-se, nas terras do *faubourg* Saint-Honoré, já então bastante considerável, a verdejante Pequena Bretanha, onde se estendia o mercado dos porcos, no centro do qual se arredondava o horrível forno para o suplício dos moedeiros falsos. Entre Courtille e Saint-Laurent, o observador logo podia notar, no topo de uma elevação assentada

sobre uma planura deserta, uma espécie de construção que, de longe, parecia uma colunata em ruínas, de pé num envasamento ao rés do chão. Não era nenhum Parthenon nem um templo para Júpiter Olímpico. Era Montfaucon.

Agora, se a enumeração de tantos edifícios, por mais que tenhamos procurado manter sumária, não houver pulverizado, no espírito do leitor, a imagem geral da velha Paris, vamos resumir tudo isso em poucas palavras. No centro, a ilha de la Cité, parecendo, por sua forma, uma enorme tartaruga que põe para fora, como patas, pontes escamadas de telhas. À esquerda, o trapézio monolítico, firme, denso, cerrado, sobrecarregado, da Universidade. À direita, o vasto semicírculo da Cidade, com uma mistura bem maior de jardins e monumentos. Os três blocos — Cité, Universidade e Cidade — raiados de ruas incontáveis. De través, o Sena, “o nutriz Sena”, como diz o velho Du Breul, atravancado de ilhas, pontes, embarcações. Em volta, uma imensa planície, remendada por mil diferentes campos cultivados, entremeada de belos vilarejos. À esquerda, Issy, Vanvres, Vaugirard, Montrouge, Gentilly com sua torre redonda e sua torre quadrada etc. À direita, vinte outros, desde Conflans até Ville-l’Évêque. Na linha do horizonte, uma bainha de colinas dispostas em círculo como à bacia parisiense. Por fim, mais adiante ainda, a leste, Vincennes e suas sete torres quadrangulares; ao sul, Bicêtre e suas torrezinhas pontudas; ao norte, Saint-Denis e seu pináculo; a oeste, Saint-Cloud e seu torreão. Era esta a Paris que viam, do alto das torres de Notre Dame, os corvos que viviam em 1482.

No entanto, era esta mesma cidade que Voltaire dizia *não possuir, antes de Luís XIV, senão quatro belos monumentos*: a cúpula da Sorbonne, o Val-de-Grâce, o Louvre moderno e não sei mais qual era o quarto, o Luxembourg, talvez. Felizmente, Voltaire nem por isso deixou de escrever *Candide*, como não deixou de ser, na longa série de grandes personalidades da humanidade, quem melhor se serviu do riso diabólico. O que prova, aliás, ser possível um belíssimo gênio nada compreender de uma arte que não é a sua. Molière não achava estar homenageando Rafael e Michelangelo ao declará-los os *Mignards da época deles*?

Mas voltemos a Paris e ao século XV.

Não era então apenas uma bela cidade, era uma cidade homogênea, um produto arquitetônico e histórico da Idade Média, uma crônica de pedra. Era um centro formado por apenas duas camadas, a camada românica e a camada

gótica, pois a camada romana já havia há muito desaparecido, com exceção das termas de Juliano, onde ela ainda atravessava a crosta espessa da Idade Média. Já da camada céltica, não se encontravam amostras nem mesmo quando se cavavam poços.

Cinquenta anos depois, quando o Renascimento misturou a essa unidade tão severa — e, no entanto, tão variada — o luxo fulgurante das suas fantasias e dos seus sistemas, suas orgias de plenos cimbres romanos, de colunas gregas e arcos abatidos góticos, sua escultura tão sensível e ideal, seu gosto particular por arabescos e acantos, seu paganismo arquitetônico contemporâneo de Lutero, Paris talvez tenha se tornado ainda mais bela, apesar de menos harmoniosa à vista e ao pensamento. Mas esse esplêndido momento teve curta duração. O Renascimento não foi imparcial. Não se limitou a construir, quis também demolir. É verdade que precisava de espaço. Também só por um minuto foi completa a Paris gótica. Mal se concluía Saint-Jacques-de-la-Boucherie, começava a demolição do velho Louvre.

Desde então, a grande cidade se deformou a cada dia. A Paris gótica, sob a qual se apagava a Paris românica, por sua vez se apagou. Mas pode-se dizer qual Paris a substituiu?

Há a Paris de Catarina de Médici, na Tuileries,³⁹ a Paris de Henrique II, no Hôtel de Ville, dois edifícios ainda de grande estilo. E a Paris de Henrique IV, na praça Royale: fachadas de tijolos com quinas de pedra e telhados de ardósia, em casas tricolores; a Paris de Luís XIII, no Val-de-Grâce: uma arquitetura esmagada e atarracada, com arcos de abóbada parecendo alças de cesto, com algo meio pançudo na coluna e corcunda na cúpula; a Paris de Luís XIV, no Invalides: grande, rico, dourado e frio; a Paris de Luís XV, em Saint-Sulpice: volutas, ornamentos em forma de lacinhos, de nuvens, de cabelinhos de anjos e de florzinhas, tudo de pedra; a Paris de Luís XVI, no Panthéon: São Pedro de Roma mal copiada (o edifício se empilhou desajeitadamente, o que não o ajudou em termos de elegância); a Paris da República, na Escola de Medicina: um estilo grego e romano amesquinhado, chamado em arquitetura *estilo messidor*, tão próximo do Coliseu ou do Parthenon quanto a Constituição do ano III com relação às leis de Minos; a Paris de Napoleão, na praça Vendôme: é sublime, uma coluna de bronze, feita de canhões; a Paris da Restauração, na Bolsa: uma colunata bem branca sustentando um friso bem liso, tudo bem quadrado e tendo custado vinte

milhões.

A cada um desses monumentos está ligada, por semelhança de gosto, de maneira e de atitude, certa quantidade de casas esparsas, nos diversos bairros, cujas datas o olhar habituado facilmente distingue. Quem sabe observar pode identificar o espírito de um século e a fisionomia de um rei, até mesmo numa aldrava de porta.

A Paris atual não tem, então, fisionomia geral alguma. É uma coleção de amostras de diversos séculos, e as mais belas desapareceram. A capital cresce apenas em números de casas, e que casas! Nesse ritmo, a cidade deve se renovar a cada cinquenta anos. E a significação histórica da sua arquitetura igualmente se apaga a cada dia. Os monumentos se tornam mais raros e tem-se a impressão de que pouco a pouco são tragados, mergulhados entre as casas. Nossos pais tinham uma Paris de pedra; nossos filhos terão uma Paris de gesso.

Dos monumentos modernos da Paris nova, não nos daremos ao trabalho de falar. E não por não os admirarmos como se deve. A Sainte-Geneviève do sr. Soufflot é certamente o mais belo bolo saboiano que jamais se fez de pedra. O palácio da Legião de Honra é também uma eminente amostra de pâtisserie. A cúpula do mercado do trigo é um boné de jóquei inglês em grande escala. As torres de Saint-Sulpice são duas enormes clarinetas, numa forma como outra qualquer e com a antena torta e desconjuntada do telégrafo em cima do telhado, como se fosse coisa normal. Saint-Roch tem um portal só comparável, pela magnificência, ao da igreja de Saint-Thomas d'Aquin. Há também um calvário em relevo ronde-bosse num subsolo e um sol de madeira dourada. São coisas maravilhosas. A luminária do labirinto do Jardim das Plantas é também muito engenhosa. Quanto ao Palácio da Bolsa, que é grego pela colunata, romano pelo pleno cimbrio das portas e das janelas, renascentista pela grande abóbada de berço; é indubitavelmente um correto e puríssimo monumento. Prova disso é ele ser coroado por um ático como nunca se viu igual em Atenas, uma bela linha reta, graciosamente cortada num ponto ou noutro pelas tubulações do aquecimento. Acrescentemos que, sendo regra da arquitetura que uma construção se adapte à sua finalidade de maneira a que esta se revele por si mesma já na aparência do edifício, nunca nos maravilharemos o suficiente com esse monumento que pode servir de palácio real, câmara legislativa, prefeitura, colégio, escola de equitação,

academia, depósito, tribunal, museu, quartel, sepulcro, templo, teatro. Mas é uma Bolsa. Espera-se de um monumento, além disso, que seja apropriado ao clima. E este foi evidente e expressamente construído para o nosso céu frio e chuvoso. Tem um telhado como os do Oriente, o que faz com que, no inverno, quando neva, seja preciso varrê-lo — e sabemos que telhados são feitos para serem varridos! Quanto à destinação de que falávamos há pouco, o edifício a preenche perfeitamente: é a Bolsa da França como teria sido templo na Grécia. É verdade que o arquiteto penou para esconder o relógio que teria destruído a pureza das belas linhas da fachada; em contrapartida, porém, temos a colunata que circunda o monumento, sob a qual, nos grandes dias de solenidade religiosa, majestosamente se exerce a profissão dos cambistas e corretores de comércio.

São, sem dúvida, magnificentíssimos monumentos. Juntemos a eles uma quantidade de belas ruas, divertidas e variadas como a de Rivoli, e não perco a esperança de que Paris, vista de um balão, um dia apresente a riqueza de linhas, a opulência de detalhes, a diversidade de aspectos, esse não sei quê da grandiosidade do simples e do inesperado, semelhante à beleza que tem um tabuleiro de damas.

No entanto, por mais admirável que pareça a Paris do presente, imaginem a Paris do século XV, reconstruam-na em pensamento, observem o céu através daquela aleia surpreendente de pináculos, de torres e de campanários, circulem pela imensa cidade, pela ponta das ilhas, acompanhem os arcos das pontes do Sena, sobrepondo-se às águas que tomam cores ora esverdeadas, ora amareladas, mais cambiante do que uma pele de serpente; recortem claramente sobre o horizonte azul o contorno gótico daquela velha Paris; façam-no flutuar na névoa de inverno que se agarrava às suas inúmeras chaminés; mergulhem-no numa noite profunda e reparem o estranho jogo de trevas e luzes no sombrio labirinto de edifícios; acrescentem um raio de lua que vagamente o desenha e deixem escapar da bruma os grandes picos das torres; ou retomem essa negra silhueta, reavivando com sombra os mil ângulos agudos das flechas e dos frontões e deixem que ela se realce, mais denteada que a mandíbula de um tubarão, contra o céu de cobre do poente. Em seguida, comparem.

E se quiserem ter da cidade antiga uma impressão que a moderna não pode mais oferecer, subam, numa manhã de grande festa, num amanhecer de

Páscoa ou de Pentecostes, subam a algum ponto elevado de onde se domine a capital inteira e assistam ao despertar dos carrilhões. Vejam, a partir de um sinal do céu, pois que é dado pelo sol, essas mil igrejas estremecerem ao mesmo tempo. Primeiro, tinidos esparsos, indo de uma igreja a outra, como quando os músicos previnem uns aos outros que o concerto vai começar. Depois, de súbito, vejam — pois parece que em certos momentos o ouvido também enxerga —, vejam se erguer no mesmo instante, de cada campanário, algo como uma coluna de som, como uma fumaça de harmonia. De início, a vibração de cada sino sobe direta, pura e, por assim dizer, isolada das demais, no céu esplêndido da manhã. Em seguida, pouco a pouco, aumentando, todas se fundem, se misturam, se apagam uma na outra, se amalgamam num magnífico concerto. Tornam-se apenas uma massa de vibrações sonoras que brota incessantemente dos inúmeros campanários, que flutua, ondula, avança, rodopia sobre a cidade e prolonga, para muito além do horizonte, o círculo ensurdecido das suas oscilações. Esse mar de harmonia, entretanto, de jeito nenhum é caótico. Por maior e mais profundo que seja, não perde absolutamente sua transparência. Pode-se ver serpentear à parte cada grupo de notas que escapa das batidas; pode-se acompanhar o diálogo, sucessivamente grave e esganiçado, matraca e fabordão; podem-se ver as oitavas saltarem de um campanário a outro. Vejam-nas se lançar aladas, leves e sibilantes do sino de prata, caírem abafadas e surdas do sino de madeira. Admirem, no meio delas, a rica escala que desce e volta a subir nos sete sinos de Saint-Eustache; verão correr ao longo dela notas claras e rápidas, com três ou quatro ziguezagues luminosos que desaparecem em seguida como relâmpagos. Lá adiante, está a abadia Saint-Martin, cantante, mordente e fendida; ali, a voz sinistra e rude da Bastilha; na outra ponta, a gorda torre do Louvre, com seu baixo-barítono. O real carrilhão do palácio emite incansável, por todos os lados, trilos esplendorosos em cima dos quais caem, com tempos regulares, as pesadas pancadas do campanário de Notre Dame, com faíscas iguais às que tira o martelo da bigorna. A intervalos vemos passar os sons diversos vindos do triplo repique de Saint-Germain-des-Prés. Depois ainda, de vez em quando, essa massa de barulhos sublimes se entreabre e cede passagem ao *stretto* da Ave-Maria, que explode e cintila como um penacho de estrelas. Abaixo, no mais profundo do concerto, confusamente se distingue o canto interior das igrejas, que transpira pelos poros vibrantes das abóbadas. Com certeza é uma ópera que vale ser ouvida. Em geral, o rumor que Paris

emite, durante o dia, é o da cidade que fala; à noite, é o da cidade que respira; aqui, é a cidade que canta. Que se preste atenção ao *tutti* dos campanários e que se acrescente a tudo isso o murmúrio de meio milhão de pessoas, o perpétuo lamento do rio, os sopros infinitos do vento, o quarteto grave e distante das quatro florestas dispostas nas colinas do horizonte, como imensas consolas de órgão. Que se apague, como numa meia-penumbra, tudo que o carrilhão central tenha de rouco demais ou de agudo demais, e digam se conhecem no mundo algo mais rico, mais alegre, mais brilhante, mais deslumbrante do que esse tumulto de dobres e repiques, do que essa fornalha de música, do que essas dez mil vozes de bronze cantando ao mesmo tempo nas flautas de pedra de trezentos pés de altura, do que essa cidade se tornando uma orquestra única, do que essa sinfonia que tem o fragor de uma tempestade.

37. “O muro murando Paris faz Paris murmurar”, verso anônimo.

38. “A fidelidade aos reis foi interrompida às vezes por sedições, que garantiram aos cidadãos muitos dos seus privilégios”, em latim no original.

39. Vimos com dor, a que se mistura a indignação, que se planeja aumentar, agrupar, reformar — isto é, destruir — esse admirável palácio. Os arquitetos de hoje têm mão pesada demais para tocar nessas delicadas obras do Renascimento. Esperamos que não se ouse fazer tal coisa. Aliás, a demolição de Tuileries, nesse momento, não seria apenas um acinte cuja brutalidade faria ruborizar um vândalo bêbado, seria um ato de traição. Tuileries não é apenas uma obra-prima da arte do séc.XVI, é uma página da história do séc.XIX. O palácio não pertence mais ao rei, mas ao povo. Deixemos que permaneça tal qual. Nossa revolução o marcou duas vezes na frente. Numa das fachadas, veem-se as balas de 10 de agosto, em outra, as balas de 29 de julho. É um edifício sagrado. Paris, 7 de abril de 1831. (Nota do autor, acrescentada à 5ª edição)

LIVRO QUATRO

1. As boas almas

Há dezesseis anos da época em que se passa essa história, numa bela manhã do domingo de quasímodo, uma criatura viva foi deixada depois da missa na igreja de Notre Dame, no estrado de madeira à esquerda do adro, diante da *grande imagem* de são Cristóvão, que a estátua de pedra do sr. cavaleiro Antoine des Essarts fitava, ajoelhada, desde 1413, até que se resolvesse pôr abaixo tanto o santo quanto o devoto. Nesse estrado de madeira é que se criara o hábito de expor crianças abandonadas à caridade pública. Podiam ali ser adotadas por quem quisesse. Junto ao estrado de madeira ficava uma bacia de cobre para esmolas.

A espécie de ser vivo que jazia na tábua dura, naquela manhã de quasímodo do ano do Senhor de 1467, parecia instigar no mais alto grau a curiosidade do grupo considerável que se juntara em torno da armação de madeira. O grupo se compunha em boa parte de pessoas do sexo frágil; quase exclusivamente mulheres velhas.

Na primeira fila, e mais debruçadas sobre o expositor, viam-se quatro delas que, pela cogula cinza, semelhante a uma batina, deviam pertencer a alguma confraria devota. Não vejo por que a história não transmitiria à posteridade os nomes dessas quatro discretas e veneráveis senhoras. Eram Agnès la Herme, Jehanne de la Tarme, Henriette la Gaultière e Gauchère la Violette, todas as quatro viúvas e ligadas à capela Étienne-Haudry, mas haviam deixado a sede para ir ouvir o sermão, com permissão da superiora e em conformidade com os estatutos de Pierre d'Ailly.



Num domingo de quasímodo, uma criatura viva foi deixada na igreja de Notre Dame.

As bravas *haudriettes*, mesmo observando piamente os estatutos de Pierre d'Ailly, certamente violavam, em contrapartida, os de Michel de Brache e do cardeal de Pisa que, muito inumanamente, prescreviam o silêncio.

— O que pode ser isso, minha irmã? — perguntou Agnès Gauchère, considerando a pequena criatura exposta que gania e se contorcia no estrado de madeira, assustada com todos aqueles olhares.

— O que será de nós — alarmou-se Jehanne — se for assim que se fazem crianças agora?

— Não entendo muito de crianças — voltou Agnès —, mas deve ser pecado olhar para esta.

— Não é uma criança, Agnès.

— É um macaco que não deu certo — observou Gauchère.

— Um milagre — opinou Henriette la Gaultière.

— Se de fato for — observou Agnès —, é o terceiro, desde o domingo de *Laetare*, pois não faz oito dias que tivemos o milagre divino da punição, por Nossa Senhora de Aubervilliers, de quem zombava dos peregrinos. E já era o segundo milagre do mês.

— É um verdadeiro monstro, uma abominação, essa coisa que finge ser uma criança abandonada — insistiu Jehanne.

— Berra de deixar surdo um chantre — continuou Gauchère. — Pare com isso, filhote de cabra!

— E pensar que foi o senhor de Reims que enviou essa enormidade ao senhor de Paris! — acrescentou a Gaultière, juntando as mãos.

— Imagino — disse Agnès la Herme — que seja um bicho, um animal, o produto de um judeu com uma porca; qualquer coisa não cristã, enfim, e que deve ser lançada à água ou ao fogo.

— Espero — voltou a Gaultière — que ninguém vá querê-la.

— Ai, meu Deus! — exclamou Agnès. — Pobres amas de leite que ficam ali na casa das crianças abandonadas, embaixo da ruela que desce ao rio, bem ao lado do sr. bispo, se lhes entregarem esse monstrinho para amamentar! Fosse eu, preferiria dar de mamar a um vampiro.

— Como é ingênua essa pobre Herme! — cortou Jehanne. — Então não vê, irmã, que o monstrinho tem pelo menos quatro anos e preferiria um assado, em vez do seu peito?

De fato, não era nenhum recém-nascido o tal “monstrinho”. (Nós mesmos não teríamos como qualificar de outra forma.) Tratava-se de um pequeno volume bastante anguloso e agitado, enfiado num saco de lona endereçado ao sr. Guillaume Chartier, então bispo de Paris, com somente a cabeça de fora. E essa cabeça era algo disforme. Viam-se apenas uma floresta de cabelos ruivos, um olho, uma boca e dentes. O olho chorava, a boca gritava e os dentes não pareciam desejar outra coisa senão morder. Tudo isso junto se agitava no saco, para grande espanto da multidão que aumentava e incessantemente se renovava em volta.

A sra. Aloïse de Gondelaurier, dama rica e nobre, segurando pela mão sua bonita filhinha de mais ou menos seis anos de idade e arrastando um comprido véu preso com fecho de ouro à touca, parou ao passar pelo local e considerou por um instante a infeliz criatura, enquanto sua encantadora filha, Fleur-de-Lys de Gondelaurier, toda vestida de seda e veludo, soletrava com o

dedinho delicado o cartaz permanente, preso à armação de madeira: CRIANÇAS ABANDONADAS.

— Vejam só! — disse a senhora, virando-se com repugnância. — Achei que aqui só se expunham crianças.

Virou as costas, jogando na bacia um florim de prata que tiniu entre as moedas de cobre e fez arregalarem os olhos as pobres velhas da capela Étienne-Haudry.

Pouco depois, o sábio e erudito Robert Mistricolle, protonotário do rei, passou com um enorme missal sob um braço e a esposa sob o outro (sra. Guillemette la Mairesse), tendo com isso à mão seus dois controles pessoais, o espiritual e o temporal.

— Criança abandonada! — disse ele, tendo examinado o embrulho. — Foi provavelmente encontrada à beira do Flegeto!

— Vê-se apenas um olho — observou a esposa Guillemette. — No lugar do outro, uma verruga.

— Não é uma verruga — retomou mestre Robert Mistricolle. — É um ovo tendo dentro outro demônio igual, que terá, no mesmo lugar, outro ovinho, com outro diabo dentro e assim por diante.

— Como sabe? — perguntou Guillemette la Mairesse.

— Pertinentemente sei — respondeu o protonotário.

— Sr. protonotário — perguntou Gauchère —, o que pode prognosticar a partir dessa falsa criança abandonada?

— As maiores desgraças — respondeu Mistricolle.

— Ai, meu Deus! — assustou-se outra velha que estava por ali. — Já houve a considerável pestilência do ano passado e dizem que os ingleses vão desembarcar em quantidade em Harefleu.

— Que isso não impeça a rainha de vir a Paris no mês de setembro — lembrou outra. — Os negócios já vão tão mal!

— Minha opinião — exclamou Jehanne de la Tarme — é que a melhor coisa para a gente de Paris é que esse bruxinho seja deitado em cima de uns gravetos e não numa tábua.

— Gravetos que deem bom fogo! — acrescentou a velha de antes.

— Seria o mais prudente — concordou Mistricolle.

Um jovem padre já há algum tempo ouvia o que diziam as *haudriettes*,

assim como as afirmações do protonotário. Era uma figura severa, de testa larga e olhar profundo. Ele afastou silenciosamente a multidão, examinou o *bruxinho* e estendeu a mão por cima dele. Bem a tempo, pois todas as devotas já se lambiam os beiços à ideia dos *gravetos que deem bom fogo*.

— Fico com a criança — disse o padre.

Pegou-a nos panos da batina e levou-a. O público o acompanhou com assombro. Pouco depois, ele desapareceu pela porta Vermelha que, à época, levava da igreja ao claustro.

Passado o primeiro momento de surpresa, Jehanne de la Tarme se debruçou ao ouvido da Gaultière:

— Eu já tinha dito, irmã, esse jovem padre, sr. Claude Frollo, é um bruxo.

2. Claude Frollo

De fato, Claude Frollo não era um personagem banal. Pertencia a uma dessas famílias médias que a linguagem impertinente do século passado indiferentemente denominava alta burguesia ou baixa nobreza. E essa família havia herdado dos irmãos Paclet o feudo de Tirechappe, com vinte e uma casas vinculadas ao bispado de Paris e tendo sido objeto, no século XIII, de frequentes disputas judiciais diante da magistratura eclesiástica. Dono desse feudo, Claude Frollo era um dos 7×21 senhores legatários, nas circunscrições de Paris e arrabaldes. Por muito tempo seu nome se estampou, inscrito como tal, entre o palacete de Tancarville, propriedade de mestre François Le Rez, e o colégio de Tours, no cartulário registrado em Saint-Martin des Champs.

Desde a infância, os pais de Claude Frollo o destinaram à carreira religiosa. Foi em latim que ele aprendeu a ler. Foi educado a baixar os olhos e a falar em voz baixa. Ainda criança, o pai o internou no colégio Torchi, na Universidade. Foi onde ele cresceu, entre o missal e o léxico.

De qualquer forma, era um menino triste, grave e sério, que estudava com afinco e aprendia rápido. Não gritava muito no recreio, pouco se envolvia nos tumultos da rua du Fouarre, desconhecia *dare alapas et capillos laniare*⁴⁰ e não havia absolutamente participado das agitações de 1463, que os analistas registraram gravemente sob o título de: “sexta perturbação da Universidade”. Raramente zombava dos estudantes pobres de Montaigu, chamados *cappettes*, nem dos bolsistas do colégio de Dormans, de tonsura rasa e traje tripartite de pano garço, azul e roxo, *azurini coloris et bruni*, como diz o documento do cardeal de Quatre-Couronnes.

Por outro lado, era frequentador assíduo das grandes e pequenas escolas da rua Saint-Jean-de-Beauvais. E o primeiro aluno que o abade de Saint-Pierre de Val avistava, ao começar a leitura de direito canônico, era Claude Frollo, encostado num pilar, diante da cátedra da escola Saint-Vendregesile, armado de sua prancheta de chifre, mordiscando a pena, escrevendo em cima das pernas da roupa gasta e, no inverno, soprando os dedos para aquecê-los.

O primeiro ouvinte que o sr. Miles d'Isliers, doutor em decreto, via chegar toda segunda-feira pela manhã, resfolegante, ao se abrirem as portas da escola do Chef-Saint-Denis, era também Claude Frollo. De forma que, aos dezesseis anos, o jovem seminarista pôde enfrentar um padre de igreja, em teologia mística; um padre de concílios, em teologia canônica; e um doutor da Sorbonne, em teologia escolástica.

Superada a teologia, Claude Frollo mergulhou em Decreto. Saiu de *Mestre das sentenças* e caiu em *Capitulares de Carlos Magno*. Sucessivamente devorou, com o apetite que tinha pelas ciências, decretais sobre decretais, as de Théodore, bispo de Hispalle, as de Bouchard, bispo de Worms, as de Yves, bispo de Chartres. Em seguida, o decreto de Graciano, que sucedeu às *Capitulares de Carlos Magno*; depois a coletânea de Gregório IX e então a epístola *Super specula* de Honório III. Tornou clara, tornou familiar essa vasta e tumultuada etapa do direito civil e do direito canônico, em luta e em ação no caos da Idade Média, período inaugurado em 618 pelo bispo Teodoro e encerrado em 1227 pelo papa Gregório.

Digerido o Decreto, ele se lançou em medicina e artes liberais. Estudou a ciência das ervas e a ciência dos unguentos. Tornou-se perito em febres e contusões, ferimentos e abcessos. Jacques d'Espars o licenciou médico fisicista, Richard Hellain, médico cirurgião. Ele igualmente percorreu todos os graus de licenciatura, mestrado e doutoramento em artes. Estudou as línguas, isto é, o latim, o grego, o hebraico, triplo santuário muito pouco frequentado então. Uma verdadeira febre de aquisição e de armazenamento das coisas da ciência o consumia. Aos dezoito anos, as quatro faculdades já haviam ficado para trás. Para o jovem Claude Frollo, a vida parecia ter uma só finalidade: o saber.

Foi mais ou menos por essa época da sua vida que o verão excessivo de 1466 fez estourar a grande peste, que matou mais de quarenta mil criaturas no viscondado de Paris. Entre as vítimas, disse Jean de Troyes, “mestre Arnoul, astrólogo do rei, que era homem de bem, sábio e agradável”. Pela Universidade se espalhou a notícia de que a rua Tirechappe estava sendo particularmente devastada pela doença. Era onde habitavam, no feudo familiar, os pais de Claude. Muito alarmado, o jovem estudante correu à residência paterna. Ao entrar, descobriu os corpos do pai e da mãe, mortos na véspera. Um irmãozinho, entretanto, ainda a usar camisola, estava vivo e aos

berros, abandonado no berço. Era tudo o que restava a Claude de sua família. Ele pegou a criança nos braços e saiu pensativo. Até então, ele havia vivido apenas para a ciência, mas começava ali a viver para a vida.

Essa catástrofe foi um divisor de águas na existência de Claude. Órfão, primogênito, chefe de família aos dezenove anos, ele se sentiu bruscamente arrancado dos devaneios da escola para as realidades do mundo. Comovido por pio sentimento, foi tomado de paixão e devoção por aquela criança, seu irmão. Tal afeição humana revelou-se algo estranho e suave para Claude, que até então só havia amado os livros.

E esse sentimento se desenvolveu até um ponto singular. Em alma tão nova, foi como um primeiro amor. Pois o rapaz mal conhecera os pais, separado deles desde a infância, enclausurado e, de certa maneira, amuralhado pelos livros. Ávido, antes de tudo, de estudar e aprender, exclusivamente atento à própria inteligência, que se dilatava na ciência, e à imaginação, que se expandia nas letras, o pobre estudante não tivera ainda tempo de descobrir o lugar do coração. O jovem irmão sem pai nem mãe, aquela criança que caía bruscamente do céu nos seus braços, fez dele um novo homem. Claude percebeu haver no mundo outra coisa além das especulações da Sorbonne e dos versos de Homero. Percebeu que o homem precisa de afeto, que a vida sem ternura e sem amor não passa de árida, rangente e dilacerante engrenagem. Só que, ao mesmo tempo, achou — pois estava na idade em que as ilusões só são substituídas por outras ilusões — que as afeições de sangue e de família eram as únicas necessárias e que um irmãozinho a amar bastava para preencher toda uma existência.

Lançou-se então no amor pelo pequeno Jehan, com o ímpeto de uma personalidade já intensa, ardente, concentrada. A pobre e frágil criatura — formosa, loura, rosada e cacheada —, o órfão sem outro apoio além do irmão igualmente órfão, o comovia no mais profundo das entranhas. Grave pensador que era, Claude passou a ponderar sobre o irmão com infinita misericórdia. Cuidou, e se preocupou, como de algo muito frágil e recomendado. Foi para o menino mais do que um irmão, tornou-se uma mãe.

O pequeno Jehan perdera a mãe quando ainda mamava. Claude colocou-o então com uma ama de leite. Além do feudo de Tirechappe, ele recebera como herança do pai o feudo de Moulin, ligado à torre quadrada de Gentilly. Era um moinho em cima de uma colina, perto do castelo de Winchestre

(Bicêtre). Havia lá uma moleira que amamentava uma saudável criança; não ficava tão longe da Universidade. Claude levou pessoalmente para ela o pequeno Jehan.

A partir daí, sentindo a carga que lhe pesava nos ombros, ele encarou a vida de forma ainda mais séria. O cuidado com o irmãozinho se tornou não só a recreação, como também a finalidade dos seus estudos. Resolveu se dedicar por inteiro àquilo por que ele responderia perante Deus, sem procurar esposa nem outra criança, voltado apenas à felicidade e à fortuna de seu irmão. Voltou-se então mais intensamente à vocação clerical. O mérito, a ciência adquirida, sua qualidade de súdito imediato do bispo de Paris amplamente lhe abriram as portas da Igreja. Com vinte anos, por concessão especial do Santo Pontifício, ele se sagrou padre e passou a officiar, como o mais jovem dos capelães de Notre Dame, no altar denominado, pela missa tardia ali celebrada, *altare pigrorum*.⁴¹

Mais do que nunca mergulhado em seus queridos livros, que só eram abandonados para uma rápida visita ao feudo de Moulin, a mistura de saber e austeridade, tão rara àquela idade, prontamente garantiu a Claude Frollo o respeito e a admiração do claustro. Do claustro, sua reputação de erudito chegou ao povo, transformando-se pouco a pouco, coisa então frequente, em fama de bruxo.

Foi depois de celebrar, no dia de quasímodo, sua missa dos preguiçosos no altar a eles dedicado, ao lado da porta do coro que dava para a nave, à direita, perto da imagem da Virgem, que o grupo de velhas faladeiras havia chamado a sua atenção, diante do estrado das crianças abandonadas.

Quando se aproximou da infeliz pequena criatura, tão odiada e ameaçada, e viu todo aquele desespero, aquela deformidade, todo aquele abandono, Claude pensou no irmão, sendo de repente tomado pela quimera de que, caso morresse, o querido Jehanzinho poderia também ser miseravelmente deixado na prancha das crianças abandonadas. Tudo isso lhe veio ao coração ao mesmo tempo, uma grande piedade o impeliu, e ele pegou a criança.

Ao tirá-la do saco em que estava enfiada, viu que, de fato, era bem disforme. O pobre diabinho tinha uma verruga no olho esquerdo, a cabeça socada entre os ombros, a coluna vertebral arqueada, o esterno proeminente, as pernas tortas. Mas parecia vivaz e, apesar da impossibilidade de se discernir em que língua berrava, os gritos anunciavam ser uma criança forte e

saudável. A compaixão de Claude aumentou diante de tanta feiura e ele fez o voto em seu coração de criar a criança pelo amor que devotava ao irmão. Desse modo, quaisquer que fossem no futuro os pecadilhos do pequeno Jehan, ele teria a seu favor essa caridade feita em sua intenção. Era uma espécie de investimento em boas ações que ele garantia para o irmão menor, uma bagagem de mercês, reservada de antemão, caso o danadinho se visse um dia carente desse tipo de moeda, a única aceita no pedágio do Paraíso.

Batizou o filho adotivo e deu-lhe o nome de Quasímodo, por querer lembrar o dia em que fora encontrado, ou por querer caracterizar com esse nome o quanto a pobre pequena criatura era incompleta e malfeita. Quasímodo, de fato, caolho, corcunda e capenga, não passava de um quase.

40. “Dar bofetadas e puxar cabelos”, em latim no original.

41. “Altar dos preguiçosos”, em latim no original.

3. *Immanis pecoris custos, immanior ipse*⁴²

Em 1482, Quasímodo havia crescido. Há vários anos, era quem tocava os sinos de Notre Dame, graças a seu pai adotivo, Claude Frollo, que se tornara arquidiácono de Josas graças a seu protetor, sr. Louis de Beaumont, que se tornara bispo de Paris em 1472, sucedendo Guillaume Chartier, graças a seu mestre Olivier le Daim, barbeiro do rei Luís XI, pela graça de Deus.

Quasímodo era então o carrilhador de Notre Dame.

Com o tempo, não sei qual laço íntimo se formara entre o sineiro e a igreja. Separado para sempre do mundo pela dupla fatalidade do nascimento desconhecido e da natureza disforme, preso desde a infância nessa dupla barreira intransponível, o pobre infeliz se acostumara a não ver nada no mundo que se estendia para além das religiosas muralhas que o abrigavam em suas sombras. Notre Dame sucessivamente fora, conforme ele crescia e se desenvolvia, o ovo, o ninho, a casa, a pátria, o universo.

E com certeza havia uma espécie de misteriosa e preexistente harmonia entre essa criatura e esse edifício. Quando, ainda bem pequeno, ele tortuosamente e aos trancos se arrastava pelas trevas das abóbadas, mais parecia, com sua face humana e membros bestiais, algum réptil natural daquelas lajes úmidas e escuras sobre as quais a sombra dos capitéis românicos projetava tantas formas estranhas.

Mais tarde, quando pela primeira vez ele se dependurou brincando na corda do campanário e movimentou o sino, o gesto causou em Claude, seu pai adotivo, o mesmo efeito que quando a língua de uma criança desata e ela começa a falar.

Foi assim que, pouco a pouco, crescendo sempre junto à catedral, vivendo e dormindo nela sem quase nunca sair, absorvendo a cada hora sua influência misteriosa, o menino acabou se assemelhando, se incrustando, se tornando, por assim dizer, parte integrante dela. Seus ângulos salientes se encaixavam, que nos perdoem a imagem, nas reentrâncias do edifício, fazendo com que Quasímodo parecesse não somente o morador, mas o conteúdo natural do templo. Quase se poderia dizer que havia assumido a sua forma, como o

caramujo toma a forma da concha. Era a sua moradia, seu buraco, seu invólucro. Entre a velha igreja e ele instaurou-se uma simpatia instintiva tão profunda, com tantas afinidades magnéticas, tantas afinidades materiais, que ele aderiu a ela, digamos, como a tartaruga ao casco. A rugosa catedral era a sua carapaça.

Creio ser desnecessário lembrar que o leitor não deve tomar ao pé da letra as imagens que somos obrigados a empregar para exprimir esse acasalamento singular, simétrico, imediato, quase consubstancial entre um ser humano e um edifício. Igualmente inútil dizer o quanto toda a catedral se tornara familiar, após tão longa e íntima coabitação. Era a sua moradia. Não havia profundidade em que Quasímodo não tivesse mergulhado nem altura que não tivesse escalado. Muitas vezes subira vários níveis da fachada servindo-se exclusivamente das rugosidades da escultura. As torres, na superfície exterior das quais ele podia ser visto agarrado à parede como um lagarto num muro vertical, essas duas gêmeas gigantescas tão altas, tão ameaçadoras, tão temíveis, não lhe despertavam nem vertigem, nem terror, nem atordoamento. Vistas daquela maneira, tão dóceis sob suas mãos, tão fáceis de escalar, podia-se achar que ele as domesticara. De tanto saltar, trepar, arriscar-se entre os abismos da gigantesca catedral, ele, de certa forma, tinha se tornado macaco e camurça, como aqueles meninos da Calábria que aprendem a nadar antes de andar, brincando, bem pequenos, no mar.

De resto, não apenas o corpo parecia ter se moldado segundo a catedral, mas também o espírito. Em qual estado se encontrava aquela alma? Que marcas adquirira, qual forma tomara sob a nodosa aparência, naquela vida selvagem, era algo difícil de determinar.

Quasímodo nascera caolho, corcunda e manco. Foi com muita dificuldade e muita paciência que Claude Frollo conseguiu que aprendesse a falar. Mas uma fatalidade se acrescentou à vida da pobre criança abandonada. Sineiro de Notre Dame aos quatorze anos, uma nova enfermidade o completou: os sinos arrebataram-lhe o tímpano e ele ficou surdo.

A única porta para o mundo que a natureza lhe havia deixado aberta bruscamente se fechou para sempre. Com isso, expulsou o único raio de alegria e de luz que ainda penetrava na alma de Quasímodo, que caiu em profunda escuridão. A melancolia do miserável se tornou incurável e completa, como sua deformidade. Acrescente-se que a surdez, de certa forma,

o deixou mudo. Pois para não dar motivo à chacota das pessoas, no momento em que se viu surdo, ele decididamente se trancou num mutismo que só interrompia quando estava só. Voluntariamente, enterrou a língua que Claude Frollo tivera tanto trabalho de fazer brotar. E quando a necessidade o fazia falar, o órgão entorpecido se mostrava totalmente incapaz, como uma porta cujos gonzos enferrujaram.

Se tentássemos agora penetrar na alma de Quasímodo, atravessando essa carapaça espessa e dura, se pudéssemos sondar as profundezas dessa organização disforme, se nos fosse dado olhar com um fecho de luz além do seu organismo opaco, explorar o interior tenebroso dessa criatura sem brilho, elucidar os recantos obscuros, os impasses absurdos, lançando de repente alguma claridade nesse psiquismo encerrado no fundo desse antro, provavelmente encontraríamos o infeliz numa atitude pobre, encolhida e raquítica, como os prisioneiros dos chumbos de Veneza, que envelheciam dobrados ao meio numa cavidade de pedra muito baixa e curta.

O espírito, com certeza, se atrofia num corpo malogrado, e Quasímodo mal sentia cegamente se mover dentro dele uma alma feita à sua imagem. As impressões dos objetos passavam por considerável refração até chegar ao pensamento. Seu cérebro produzia então uma filtragem particular e as ideias que o atravessavam saíam completamente tronchas. Necessariamente, a reflexão que brotava dessa refração era divergente e extraviada.

Tudo isso resultava em mil ilusões de ótica, mil aberrações de juízo, mil desvios por onde seu pensamento, ora louco ora idiota, divagava.

O primeiro efeito dessa fatal organização consistia em perturbar a visão das coisas. Quasímodo não recebia quase que percepção alguma imediata. O mundo externo lhe parecia bem mais distante do que para nós.

O segundo efeito de tanta infelicidade é a maldade.

De fato, ele era mau, por ser selvagem. E era selvagem por ser feio; havia uma lógica pessoal em sua natureza, assim como na de todos nós.

A força, tão extraordinariamente desenvolvida em seu corpo, era uma causa a mais de maldade. *Malus puer robustus*, dizia Hobbes.⁴³

Aliás, justiça seja feita, tanta maldade talvez não fosse inata. Desde os seus primeiros passos entre as pessoas, ele se viu e se sentiu conspurcado, machucado, rejeitado. A palavra humana, para Quasímodo, sempre fora de deboche ou de maldição. À medida que crescia, ele encontrava apenas ódio à

sua volta. E acabou por aceitá-lo. Adquiriu a maldade ambiente. Apossou-se da arma com que o feriam.

Somente a contragosto, então, ele voltava o rosto na direção das pessoas. Bastava-lhe a catedral. Ela era povoada de figuras de mármore, reis, santos e bispos que, pelo menos, não riam dele, mantendo apenas um olhar tranquilo e amigável. As demais estátuas, de monstros e demônios, também não demonstravam ódio. Pareciam-se demais com ele para isso. Elas zombavam preferencialmente dos outros homens. Os santos eram amigos e o abençoavam, os monstros eram amigos e o protegiam. Normal então que passasse longos momentos nessas companhias; às vezes horas inteiras, agachado diante de uma das estátuas, em conversas solitárias. Caso chegasse alguém, ele fugia como o amante pego de surpresa a fazer uma serenata.

E a catedral, para ele, não representava somente a sociedade, mas também o universo e toda a natureza. Ele não almejava outro respaldo além dos vitrais sempre em flor, outra sombra além das folhas pétreas que verdejavam nos tufo cheios de passarinhos dos capitéis saxões da nave, outras montanhas além das torres colossais da igreja, outro oceano além de Paris a murmurar a seus pés.

O que ele mais apreciava no edifício maternal, despertando sua alma que abria então as pobres asas, tão miseramente encolhidas nessa caverna, o que podia ainda trazer a ele alguma felicidade, eram os sinos. Amava-os, acarinhava-os, falava-lhes e os compreendia. Desde o carrilhão da agulha do transepto até o sino maior do pórtico, tinha grande ternura por todos eles. O campanário do transepto e as duas torres eram como três gaiolas grandes com pássaros dos quais ele cuidava e que só para ele cantavam. No entanto, tinham-no deixado surdo, mas, é verdade, as mães frequentemente preferem os filhos que mais as fizeram sofrer.

E eram as únicas vozes que ele ainda podia ouvir. Nesse sentido, o sino maior era o favorito, o seu preferido naquela família de filhos barulhentos, que vibrava ao redor nos dias de festa. Esse maior de todos se chamava Marie. Era o único na torre meridional, com sua irmã Jacqueline, sino de menor tamanho, fechada numa gaiola menor, ao lado. Jacqueline tinha esse nome por ser como se chamava a mulher de Jean de Montagu, que o havia doado à igreja, o que não o impediu de ser decapitado em Montfaucon. A segunda torre comportava seis outros sinos e havia ainda os menores de toda

a coleção, também em número de seis e que habitavam o campanário do transepto com o sino de madeira. Este último só se ouvia a partir da hora do jantar da quinta-feira santa, até a manhã da véspera da Páscoa. Eram então quinze sinos no serralho de Quasímodo, mas Marie era o favorito.

Não se pode imaginar a alegria do sineiro nos dias de pleno repique. No momento em que o arquidiácono o liberava, dizendo: “pode ir!”, ele subia o caracol do campanário em tempo mais curto do que qualquer pessoa levaria para descer. Entrava sem fôlego no alto compartimento do sino maior, considerava-o por um momento com recolhimento e amor, ternamente lhe dirigia a palavra, alisava-o como se fosse um bom cavalo, prestes a se lançar numa árdua cavalgada. Sensibilizava-se pelo esforço a se realizar. Depois desses carinhos iniciais, gritava aos ajudantes, no andar abaixo, para que dessem início. Eles se dependuravam nos cabos, o cabrestante gemia e a enorme cápsula de metal lentamente começava a se mover. Agitado, Quasímodo seguia com o olhar toda a operação. O primeiro choque do badalo contra a parede de bronze fazia tremer a viga em que ele se aboletava. O corcunda vibrava junto com o instrumento.

— Vá! — gritava ele, com um riso alucinado.

A movimentação do sino principal se acelerava e, à medida que assumia um ângulo mais aberto, o olho de Quasímodo também se arregalava, cada vez mais fosfóreo e brilhante. O grande repique enfim começava, a torre inteira tremia, vigas, chumbos, pedras de alvenaria, tudo ribombava ao mesmo tempo, desde as pilastras da fundação até os trevos da coroa. Quasímodo espumava de excitação. Ia e vinha, tremia junto com toda a torre, da cabeça aos pés. O sino, desencadeado em fúria, alternadamente apresentava sua bocarra de bronze às duas paredes da torre, deixando escapar o sopro tempestuoso que se podia ouvir a quatro léguas. Quasímodo se punha diante da abertura escancarada, se agachava e se erguia, acompanhando as idas e vindas do instrumento, aspirava o sopro violento e consecutivamente olhava, duzentos pés abaixo, a praça profunda que fervilhava e a enorme língua de cobre que, de segundo em segundo, trovejava no seu ouvido. Era a única palavra que podia ouvir, a única a perturbar o silêncio universal. Estufava-se como um pássaro ao sol. De repente, o frenesi do sino o invadia, seu olhar desvairava. Espreitava a passagem de Marie como a aranha espreita a mosca e então, bruscamente, se lançava. Suspenso sobre o abismo, projetado no

balanço formidável do instrumento, ele agarrava o monstro de bronze pelas duas abas salientes, apertava-o entre os joelhos, esporeava com os calcanhares e redobrava, com o choque e com o peso do seu corpo, a fúria do repique. Sentindo a torre inteira vacilar, o carrilhador gritava e rangia os dentes, com os cabelos ruivos eriçados, o peito fazendo o barulho de um fole de forja, o olho dardejando chamas e o sino monstruoso a relinchar resfolegante. Não se tratava mais do sino de Notre Dame nem de Quasímodo, mas de um sonho, um turbilhão, uma tempestade. A vertigem a galopar o trovão, um espírito agarrado a uma garupa voadora, um estranho centauro meio homem, meio sino, uma espécie de Astolfo horrível, carregado por um prodigioso hipogrifo de bronze vivo.

A presença desse ser extraordinário fazia circular por toda a catedral não sei qual sopro de vida. Parecia escapar dele, pelo menos no dizer das crescentes superstições ao redor, uma emanção misteriosa que animava todas as pedras de Notre Dame e fazia palpitar as profundas entranhas da velha igreja. Bastava saber que ele estava ali para que se acreditasse ver as mil estátuas das galerias e dos pórticos ganhar vida e se mover. De fato, a catedral se tornava uma criatura dócil e obediente a seu comando, esperando aquela inspiração para erguer a voz potente, parecendo possuída e plena de Quasímodo como de um gênio familiar. Havia quem achasse que ele fazia respirar o imenso edifício. Realmente, o sineiro estava por todo lugar, desdobrava-se por todos os pontos do monumento. Às vezes, causando pavor, via-se nas maiores alturas de uma das torres um anão estranho que subia, serpenteava, arrastava-se de quatro, descia pelo lado externo do abismo, pulava de ressalto em ressalto, até chegar ao ventre de alguma górgone esculpida. Era Quasímodo, procurando desentocar corvos. Outras vezes, em algum esconderijo obscuro da igreja, esbarrava-se numa espécie de quimera viva, encolhida e carrancuda: era Quasímodo meditativo. Ou via-se, debaixo de um sino, uma cabeça enorme e um pacote de membros desordenados, balançando-se com furor na ponta de uma corda: era Quasímodo tocando as vésperas ou o ângelus. À noite, frequentemente flagrava-se uma forma horrorosa a errar sobre a frágil balaustrada recortada como renda que coroa as torres e acompanha o redor da abside: mais uma vez, era o corcunda de Notre Dame. Nessas ocasiões, diziam as vizinhas, a igreja inteira ganhava algo fantástico, sobrenatural, horrível. Olhos e bocas se abriam num lugar ou

noutro ouvia-se o uivo de cães, dragões e tarascas de pedra que velavam dia e noite, de pescoço esticado e boca escancarada, em torno da monstruosa catedral. Caso fosse a noite de Natal, enquanto o sino principal chamava, ameaçador, os fiéis para a missa ardente de meia-noite, o ambiente que se espalhava pela sombria fachada era tal que a multidão de pessoas parecia estar sendo devorada pelo grande portal, observado pela rosácea. E todos esses fenômenos vinham de Quasímodo. O Egito veria nele o deus daquele templo; a Idade Média acreditou estar lá o demônio. Ele era, em todo caso, a sua alma.



Suspenso sobre o abismo, ele agarrava o monstro de bronze, apertava-o entre os joelhos, esporeava com os calcanhares e redobrava a fúria do repique.

A tal ponto que, para quem teve conhecimento da existência de Quasímodo, Notre Dame se mostra hoje deserta, inanimada, morta. Sente-se que algo desapareceu. Aquele corpo imenso está vazio, é um esqueleto; o

espírito a deixou e o que se vê ali é apenas o edifício, nada mais. É como um crânio que apresentasse ainda buracos para os olhos sem, no entanto, olhar algum.

42. “Guardador de um rebanho de monstros, ele próprio mais monstruoso ainda”, em latim no original, conforme tradução do próprio Victor Hugo em suas anotações para o romance.

43. "A criança robusta e má", em latim no original.

4. O cão e seu dono

Havia, no entanto, uma criatura humana que Quasímodo excluía da maldade e do ódio que tinha contra todos. Amava-a tanto ou talvez até mais do que à catedral. Era Claude Frollo.

A situação era simples. Claude Frollo o havia aceitado, adotado, alimentado e criado. Quando pequeno, foi junto a Claude Frollo que ele se acostumou a procurar abrigo todas as vezes que cachorros e crianças o perseguiam aos uivos. Claude Frollo lhe ensinara a falar, ler e escrever. E Claude Frollo fizera dele o carrilhador de Notre Dame. Dar a Quasímodo o sino principal foi como dar Julieta em casamento a Romeu.

De forma que a gratidão de Quasímodo era profunda, apaixonada, sem limites. E mesmo que o semblante do pai adotivo se mostrasse frequentemente fechado e severo, mesmo que suas palavras fossem em geral breves, duras e imperiosas, nunca tal gratidão se contradisse uma só vez. O arqui-diácono tinha em Quasímodo o mais submisso escravo, o mais dócil criado, o mais vigilante cão. Quando o pobre sineiro ficou surdo, estabeleceu-se entre ele e Claude Frollo uma linguagem de sinais misteriosa e que somente os dois entendiam. De forma que o arqui-diácono era o único ser humano com que Quasímodo mantinha comunicação. Suas relações neste mundo se limitavam a Notre Dame e a Claude Frollo.

Nada se comparava à autoridade do arqui-diácono sobre o sineiro e à submissão do sineiro ao arqui-diácono. Um simples gesto de Claude e a perspectiva de lhe agradar bastaria para que Quasímodo se precipitasse do alto das torres de Notre Dame. Era algo notável que tanta força física, concentrada no corcunda de forma tão extraordinária, fosse cegamente posta à disposição de outra pessoa. Havia nisso provavelmente devoção filial e dependência doméstica, mas também fascínio de um espírito por outro espírito. Tratava-se de uma pobre, desajeitada e inábil organização, cabisbaixa e súplice, diante de uma inteligência ativa e profunda, poderosa e superior. Para terminar, havia a gratidão, acima de tudo. Gratidão tão extremada que não há com que comparar. Tal virtude não está entre aquelas

que tenham seus mais belos exemplos entre os homens. Diríamos então que Quasímodo amava o arquidiácono como jamais cachorro algum, cavalo algum, elefante algum amou seu amo.

5. Continuação de “Claude Frollo”

Em 1482, Quasímodo tinha cerca de vinte anos, e Claude Frollo cerca de trinta e seis: um havia crescido, o outro envelhecido.

Claude Frollo não era mais o simples estudante do colégio Torchi, o afetuoso protetor de um irmãozinho pequeno, o jovem e sonhador filósofo que sabia muita coisa e ignorava muitas. Era um padre austero, grave, sombrio, responsável por inúmeras almas. Era o sr. arqui-diácono de Josas, segundo acólito do bispo, encarregado dos decanatos de Montlhéry, de Châteaufort e de cento e setenta e quatro vigários rurais. Era um personagem imponente e sombrio, diante do qual tremiam coroinhas de talar e avental, coristas, confrades de Saint-Augustin e também os clérigos encarregados das matinas em Notre Dame, vendo-o lentamente passar sob as altas ogivas do coro; majestoso, pensativo, de braços cruzados e a cabeça tão caída sobre o peito que só se via do rosto a ampla testa que se prolongava na calvície.

Dom Claude Frollo, aliás, não havia abandonado a ciência e nem a educação do irmão menor, que eram as duas ocupações da sua vida. Com o tempo, porém, a amargura se misturou àquelas tão doces atividades. Com o tempo, diz Paul Diacre, até o melhor toicinho fica rançoso. O pequeno Jehan, apelidado *du Moulin* por causa do lugar em que fora amamentado, não avançou na direção que Claude gostaria. O irmão mais velho esperava um aluno piedoso, dócil, douto, honorável. O caçula, porém, como essas árvores ainda jovens que driblam o esforço do jardineiro e teimosamente se viram para o lado de onde vêm o ar e o sol, o irmãozinho só fazia crescerem e se multiplicarem as boas ramagens, espessas e luxuriantes, para o lado da preguiça, da ignorância e da orgia. Era um verdadeiro diabo, bem tumultuoso — o que levava dom Claude a franzir o cenho —, mas muito engraçado e sutil, o que acabava fazendo o irmão sorrir. Claude o havia confiado àquele mesmo colégio Torchi, onde ele próprio passara os seus primeiros anos de estudo e recolhimento, sendo então uma dor perceber que o santuário outrora edificado com o nome Frollo, com ele hoje se escandalizasse. Fazia então a Jehan severos e longuíssimos sermões, que o rapaz intrepidamente suportava.

Afinal, o jovem vigarista tinha bom coração, como é comum em todas as comédias. Passado o sermão, entretanto, com igual tranquilidade ele retomava a rotina das suas sedições e enormidades. Podia ser algum *béjaune* (como eram chamados os calouros recém-admitidos na Universidade) que ele houvesse atormentado para dar boas-vindas, preciosa tradição que escrupulosamente se perpetuou até os dias de hoje. Ou podia, Jehan, ter encabeçado um bando de estudantes que classicamente se lançara a um cabaré, *quase classico excitati*, espancando em seguida o taberneiro “com porretes ofensivos”, saqueando festivamente a taberna e até assaltando os estoques de vinho na cave. Depois disso, vinha sempre um belo relatório em latim, que o submonitor de Torchi trazia cabisbaixo a dom Claude, com esse doloroso assinalamento: *Rixa; prima causa vinum optimum potatum*.⁴⁴ Dizia-se ainda — coisa horrível num menino de dezesseis anos — que as traquinices se estendiam muitas vezes até a rua de Glatigny.

Por tudo isso, contrito e desanimado com as inclinações humanas, Claude se lançou com ainda maior ímpeto nos braços da ciência, essa irmã que, pelo menos, não nos ri na cara e sempre retribui, mesmo que em moeda às vezes um tanto insípida, os cuidados com que a tratamos. Tornou-se então cada vez mais sábio e, simultaneamente, por consequência natural, cada vez mais rígido enquanto padre e cada vez mais triste enquanto homem. Para todos nós, há certos paralelismos entre nossa inteligência, os costumes e a personalidade que se desenvolvem sem descontinuar e só se rompem por motivo de grandes perturbações na vida.

Desde moço, ele havia percorrido o círculo quase inteiro dos conhecimentos humanos positivos, externos e lícitos, sentindo-se então forçado, a menos que fosse impedido *ubi defuit orbis*,⁴⁵ a seguir adiante e buscar outros alimentos para a insaciável atividade da sua inteligência. O antigo símbolo da serpente que morde o próprio rabo perfeitamente convém à ciência e tudo indica ter servido também a Claude Frollo. Várias pessoas graves afirmaram que, depois de esgotar o *fas* do saber humano, ele quisera penetrar no *nefas*. Sucessivamente, comentava-se, ele havia provado de todas as maçãs da árvore da inteligência e, por fome ou desgosto, acabara mordendo a fruta proibida. Havia frequentado, como nossos leitores puderam ver, conferências de teólogos na Sorbonne, assembleias de belas-artes junto à estátua de santo Hilário, disputas de direito junto à estátua de são Martinho e

congregações médicas junto ao batistério de Notre Dame, *ad cupam Nostrae Dominae*. Os pratos permitidos e aprovados que essas quatro grandes cozinhas, as chamadas quatro faculdades, podiam preparar e servir a uma inteligência tinham sido devorados, trazendo saciedade sem acalmar a fome. Ele continuou então a cavar mais adiante e mais fundo, abaixo de toda essa ciência finita, material, limitada. Arriscando talvez a alma, sentou-se à mesa misteriosa dos alquimistas, dos astrólogos, dos herméticos, a cuja cabeceira, na Idade Média, estavam Averróis, Guillaume de Paris e Nicolas Flamel, com extensões no Oriente, à luz do candelabro de sete braços, indo até Salomão, Pitágoras e Zoroastro.

Pelo menos era o que, com ou sem razão, se imaginava.

Certo é que o arqui-diácono visitava com frequência o cemitério dos Saints-Innocents, onde, é verdade, os pais estavam enterrados, junto de outras vítimas da peste de 1466. Entretanto, parecia sempre bem menos devotado à cruz do fosso familiar do que às figuras estranhas que sobrecarregavam o túmulo vizinho de Nicolas Flamel e Claude Pernelle.

Certo é que foi frequentemente visto a percorrer a rua des Lombards, entrando furtivamente numa pequena casa no cruzamento da rua des Écrivains com a rua Marivaux: a casa que Nicolas Flamel havia construído e onde morreu, por volta de 1417, e que, deserta desde então, já começava a cair em ruínas, de tanto que herméticos e “sopradores” de todos os países haviam gastado as paredes só de gravar nelas os seus nomes. Alguns vizinhos inclusive afirmavam ter visto uma vez, por um respiradouro, o arqui-diácono Claude escavando, revirando e revolvendo a terra nos dois subsolos, cujos pilares de sustentação foram cobertos de versos e hieróglifos inumeráveis pelo próprio Nicolas Flamel. Achava-se que ele podia ter enterrado a pedra filosófica naqueles subsolos, e os alquimistas, por dois séculos, desde Magistri até o padre Pacifique, só deram descanso àquele chão quando a casa, tão cruelmente esquadrihada e revirada, acabou se desmanchando em pó.

Sabe-se também que o arqui-diácono sofria de singular paixão pelo portal simbólico de Notre Dame, essa página de magia, escrita na pedra pelo bispo Guillaume de Paris, que provavelmente caiu em danação por ter permitido tão infernal frontispício no santo poema que o restante do edifício declama à eternidade. O arqui-diácono Claude igualmente estava sempre a sondar o colosso de São Cristóvão e a comprida estátua enigmática que se erguia à

entrada do adro e que o povo, em sua irreverência, chamava *sr. Legris*. Mas o que todo mundo podia notar eram as intermináveis horas por ele frequentemente gastas, sentado na mureta da praça, contemplando as esculturas do pórtico, examinando ora as virgens loucas, com suas lamparinas reviradas, ora as virgens sábias, com as lamparinas de pé. Outras vezes, era visto calculando o ângulo de visão do corvo do pórtico da esquerda, a fitar na igreja um ponto misterioso onde provavelmente se escondia a pedra filosofal, caso não estivesse no subsolo de Nicolas Flamel. Diga-se de passagem, era um singular destino para a igreja de Notre Dame, àquela época, este de ser apreciada em dois planos diferentes e tão apaixonadamente por dois seres tão pouco semelhantes quanto Claude e Quasímodo. Um deles, uma espécie de semi-homem, instintivo e selvagem, a apreciava pela beleza, estatura e magnífico conjunto; o outro, de imaginação erudita e ardente, por sua significação e mito, pelo sentido nela embutido e pela simbologia espalhada nas esculturas da fachada, como um primeiro texto sob o segundo, num palimpsesto, ou seja, pelo enigma que a catedral eternamente apresenta à inteligência.

Certo é, enfim, que o arqui-diácono tinha preparado para seu próprio uso, na torre dando de frente para a Grève, bem ao lado da gaiola dos sinos, um pequeno e secreto cômodo no qual, diziam, ninguém entrava sem sua permissão, nem mesmo o bispo. Essa cela fora outrora aberta quase no topo da torre, entre ninhos de corvos, pelo bispo Hugo de Besançon,⁴⁶ para seus sortilégios pessoais. O que a cela ocultava ninguém sabia, mas frequentemente se via, do chão arenoso do Terreno, à noite, por uma abertura na parte de trás da torre, aparecer, desaparecer e reaparecer, a curtos e regulares intervalos, uma claridade vermelha, intermitente, estranha, parecendo acompanhar as aspirações ofegantes de um fole e sugerindo mais vir de uma chama que de uma luz. No escuro, àquela altura, a visão causava um efeito singular e as comadres comentavam: “É o arqui-diácono que bufa, o inferno arde lá em cima.”

Na verdade, não havia nisso tudo provas concretas de feitiçaria, mas não deixava de ser uma fumaça mínima e necessária para que daí se imaginasse o fogo, e o arqui-diácono gozava de formidável notoriedade. Devemos dizer todavia que as ciências do Egito, a necromancia, a magia — inclusive a mais branca e mais inocente —, não tinham inimigo mais encarniçado nem

denunciador mais impiedoso, perante os srs. inquisidores de Notre Dame. Fosse por horror sincero ou dissimulação típica do gatuno que grita “ladrão!” para afastar suspeitas, de qualquer forma o arquidiácono era considerado pelas doudas inteligências do capítulo como alma que se aventurava pelos vestíbulos do inferno, perdida entre os meandros da cabala, a tatear nas trevas das ciências ocultas. O povo também não se deixava enganar, e para qualquer um com um mínimo de sagacidade, Quasímodo passava por demônio e Claude Frollo por feiticeiro. Era evidente que o sineiro devia servir ao arquidiácono durante certo tempo, no final do qual levaria a alma dele como pagamento. De forma que o arquidiácono, apesar da austeridade excessiva em que vivia, cheirava mal para as almas boas — e não havia nariz de carola, por mais inexperiente, que não farejasse nele um bruxo.

Se, na medida em que ele envelhecia, abismos se abriam na ciência, outros igualmente se escavavam em seu coração. Era pelo menos a crença que se estabelecera, ao contato com aquela figura da qual só se via reluzir a alma dentro de uma sombria nuvem. De onde vinham a precoce calvície, a cabeça sempre derreada, o peito sempre abalado por suspiros? Qual secreto pensamento o fazia sorrir com tanta amargura no instante em que suas sobrancelhas franzidas se aproximavam como dois touros que se preparam para a luta? Por que os fios de cabelo restantes já ficavam grisalhos? Que fogo interior era aquele que explodia às vezes nas faces, a ponto de fazer o olho parecer um buraco aberto na parede de um forno?

Todos esses sintomas de violenta preocupação moral tinham alcançado alto grau de intensidade na época em que se passa nossa história. Os coroinhas frequentemente fugiam assustados se o encontrassem sozinho na igreja, de tanto que o seu olhar era estranho e carregado. No coro, no momento da missa, seu vizinho de estala contou tê-lo várias vezes ouvido misturar no cantochão *ad omnem tonun*⁴⁷ parênteses ininteligíveis. Igualmente a lavadeira do Terreno, encarregada de “lavar o capítulo”, disse ter observado, horrorizada, marcas de unhas e de dedos crispados na batina do sr. arquidiácono de Josas.

Ele, por outro lado, mantinha severidade redobrada e comportamento exemplar. Pelo ofício e pela própria personalidade, Claude sempre se afastara das mulheres, mas parecia agora odiá-las como nunca. Bastava o farfalhar de uma vasquinha de seda para que o capuz lhe cobrisse os olhos. Com relação a

isso, era tão zeloso em austeridade e reserva que quando a senhora de Beaujeu, filha do rei, visitou o claustro da Notre Dame, em dezembro de 1481, ele gravemente se opôs, lembrando ao bispo o estatuto do Livro Negro, datado da vigília são Bartolomeu de 1334, que proibia o acesso ao claustro a qualquer mulher “velha ou jovem, ama ou criada”. Contra o que o bispo foi obrigado a citar as ordenações do legado Odo, abrindo exceção a certas grandes damas, *aliquae magnates mulieres, quae sine scandalo evitari non possunt*.⁴⁸ O arqui-diácono nem por isso deixou de protestar objetando que as ordenações do legado, de 1207, eram cento e vinte e sete anos anteriores ao Livro Negro, tendo sido, por conseguinte, revogadas. E recusou-se a aparecer pessoalmente diante da princesa.

Podia-se também notar que seu horror pelas egípcias e *zingari*⁴⁹ parecia redobrar nos últimos tempos. Inclusive dom Claude solicitara ao bispo um édito que expressamente proibisse às ciganas vir dançar e tocar pandeiro na praça du Parvis, e já há algum tempo consultava arquivos cobertos de mofo, procurando reunir casos de feiticeiros e feiticeiras condenados ao fogo ou à corda por cumplicidade de malefícios com bodes, porcas e cabras.

44. “Rixa; causa primeira: consumo de um excelente vinho”, em latim no original.

45. “Onde falha o círculo”, em latim no original.

46. Hugo II de Bisuncio (1326-32). (Nota do autor)

47. “Em todos os tons”, em latim no original.

48. “Algumas grandes damas que não poderiam ser afastadas sem criar escândalo”, em latim no original.

49. “Ciganas”, em italiano no original.

6. Impopularidade

O arquidiácono e o sineiro, como já foi dito, eram muito mediocrementemente apreciados pelo povo, tanto graúdo quanto miúdo, nas vizinhanças da catedral. Quando Claude e Quasímodo saíam juntos, o que frequentemente acontecia, e eram vistos a atravessar, criado atrás do amo, as ruas frescas, estreitas e sombrias da área da Notre Dame, não raros eram os acintes, não poucos os assobios irônicos, e muitas as brincadeiras insultuosas que os acompanhavam no trajeto, a menos que Claude Frollo — o que era raro — andasse de cabeça reta e erguida, mostrando a fronte severa e quase augusta aos trocistas assustados.

Os dois circulavam pelo bairro como os “poetas” de que fala Régnier:

Toutes sortes de gens vont après les poètes.

*Comme après les hiboux vont criant les fauvettes.*⁵⁰

Às vezes, podia ser um moleque sonso que arriscava a pele e os ossos pelo prazer inaudito de enfiar um alfinete na corcunda de Quasímodo. Quando não, alguma bela mocinha serelepe e mais atrevida do que devia, que passava rente à batina do padre, sussurrando a canção sarcástica: *niche, niche, le diable est pris*.⁵¹ Ou ainda um grupo sórdido de velhas, espalhadas e acoradas à sombra nos degraus de algum alpendre, e que ruidosamente resmungavam à passagem do arquidiácono e do carrilhoneiro, lançando entre os dentes essas encorajantes boas-vindas:

— Hum! Lá vão os dois, tendo um a alma como o outro tem o corpo!

Ou podia ser também algum bando de estudantes e soldados jogando amarelinha e que se levantava em peso para cumprimentá-los classicamente com algumas vaias em latim: *Eia! Eia! Claudius cum claudio!*⁵²

No mais das vezes, porém, a injúria passava despercebida do padre e do sineiro. Quasímodo era surdo demais para ouvir as chacotas e Claude, demasiado macambúzio.

50. “Todo tipo de gente segue atrás dos poetas,/ Como atrás dos mochos vão gritando as toutinegras.”

51. Tradução aproximada: “Festa, festa, o diabo foi pego.”

52. “Eia! Eia! Claude e o claudicante”, em latim no original.

LIVRO CINCO

1. *Abbas beati Martini*⁵³

A fama de dom Claude se espalhava. Por causa disso, mais ou menos à época em que ele se recusou a encontrar a sra. de Beaujeu, recebeu uma visita da qual por muito tempo guardou a lembrança.

Foi num início de noite. Ele acabava de se retirar, após o ofício, à cela canonical do claustro Notre Dame. O quartinho, à exceção de algumas provetas deixadas num canto e cheias de uma substância sólida bastante equívoca, que muito se parecia com pó de projeção, nada oferecia de estranho ou misterioso. Havia, num ou noutro ponto, algumas inscrições nas paredes, mas eram puras sentenças de ciência ou de devoção, extraídas de bons autores. O arqui-diácono acabava de se sentar à claridade de um lampião de três bicos em cobre, diante de um espaçoso móvel cheio de manuscritos. Apoiou o cotovelo no livro aberto de Honorius de Autun, *De praedestinatione et libero arbitrio*, e folheou em profunda reflexão um infólio que ele acabava de trazer, o único texto impresso que se via em sua cela. Em pleno devaneio, ouviu baterem à porta.

— Quem é? — perguntou o sábio, com o mesmo tom gracioso de um dogue faminto quando incomodado diante de um osso.

Uma voz respondeu:

— Seu amigo, Jacques Coictier.

O padre foi abrir e, de fato, era o médico do rei, homem de cerca de cinquenta anos, em quem a dureza da fisionomia só era quebrada pelo olhar malicioso. Outro indivíduo o acompanhava. Ambos usavam veste comprida, de cor ardósia, com detalhes em pelo de esquilo e amarrada na cintura, cobertos por capuzes do mesmo pano e da mesma cor. As mãos desapareciam por dentro das mangas, os pés debaixo do comprimento da veste e os olhos sob o capuz.

— Que Deus me acuda, senhores! — disse o arqui-diácono, fazendo-os entrar. — Não esperava tão honrosa visita a essa hora.

Com essas palavras de cordialidade, seu olhar preocupado e perscrutador

ia e vinha, do médico ao outro homem.

— Nunca é tarde demais para visitar um sábio tão considerável quanto dom Claude Frollo de Tirechappe — respondeu o doutor Coictier, com seu sotaque franco-condês, que arrastava todas as frases com a pompa de uma roupagem real.

Começou então, entre o médico e o arqui-diácono, um desses prólogos congratuladores que, pelos bons costumes da época, precedia qualquer conversa entre eruditos, o que não impedia que se detestassem da forma mais cordial do mundo. Aliás, o mesmo vale ainda hoje, e todo letrado que cumprimenta outro tem sempre na boca um acúmulo de fel adoçado com mel.

Os elogios de Claude Frollo a Jacques Coictier visaram então às inúmeras vantagens temporais que o digno médico soubera arrancar, no decorrer de carreira tão invejada, de cada doença do rei, em operação alquímica melhor e mais garantida do que a da busca da pedra filosofal.

— Aliás, sr. doutor Coictier, tive imensa alegria ao saber do bispado de seu sobrinho, meu reverendo sr. Pierre Versé. Não se tornou bispo de Amiens?

— É verdade, sr. arqui-diácono. Foi pela graça e misericórdia de Deus.

— Sabe que estava com ótima aparência, no dia de Natal, à frente de sua companhia do Tribunal de Contas, sr. presidente?

— Vice-presidente, dom Claude. Infelizmente! Nada mais.

— E sua soberba casa da rua Saint-André-des-Arcs? É um Louvre! Gosto muito do abricoteiro esculpido à porta, com esse jogo de palavras tão espirituoso: À L'ABRI-COTIER.

— Hélas!, mestre Claude, toda essa alvenaria me custa uma fortuna. Na medida em que a casa se edifica, eu próprio me arruíno.

— Como assim!? Não tem suas rendas da prisão e do bailio do palácio? E as de todas aquelas casas, botequins, vendas e quitandas da Barreira? São boas tetas a ordenhar.

— Minha alcaidaria de Poissy nada rendeu esse ano.

— Mas os pedágios de Triel, de Saint-James e de Saint-Germain-en-Laye continuam bons.

— Rendem cento e vinte libras, que nem são parisis.

— Mas conta ainda com o ofício de conselheiro do rei. É um fixo, não?

— Decerto, confrade Claude, mas essa maldita senhoria de Poligny, de que tanto falam, não rende mais do que sessenta escudos de ouro anuais, no máximo.

Havia, nos cumprimentos que dom Claude fazia a Jacques Coictier, esse tom sarcástico, amargo e surdamente irônico, acompanhado do sorriso cruel de quem se sente superior — mas infeliz — e, para se distrair, brinca por um momento com a grosseira prosperidade de um homem vulgar. O outro não se dava conta.

— Por minha alma — disse finalmente Claude, apertando-lhe a mão —, aprecio muito vê-lo em tão boa saúde.

— Obrigado, mestre Claude.

— Aliás — exclamou dom Claude —, como vai seu real paciente?

— Não paga suficientemente o médico que tem — respondeu o doutor, lançando um olhar a seu acompanhante.

— Acha mesmo, amigo Coictier? — espantou-se o homem.

A pergunta, em tom de surpresa e censura, levou o arqui-diácono a olhar diretamente para o personagem desconhecido, mas, na verdade, já o observava desde que entrara em sua cela. Precisara inclusive rememorar os mil motivos que tinha para não se indispor com o doutor Jacques Coictier, o todo-poderoso médico do rei Luís XI, para recebê-lo assim acompanhado. E a sua expressão não se mostrou mais cordial, ouvindo Jacques Coictier lhe dizer:

— A propósito, dom Claude, trouxe um confrade que quis conhecê-lo, dada a sua fama.

— O cavalheiro é da ciência? — perguntou o arqui-diácono, fixando no acompanhante de Coictier o olhar penetrante.

Não encontrou, sob as sobranceiras do desconhecido, olhar menos agudo e desafiador. Pelo que deixava entrever a fraca claridade da lamparina, era um velho de cerca de sessenta anos e estatura mediana, parecendo bastante doente e alquebrado. O perfil, apesar de apresentar linhas bem burguesas, tinha algo de poderoso e severo, com pupilas faiscantes sob a arcada do supercílio, profundas como uma luz no fundo de um antro. Sob o capuz caído até a altura do nariz, pareciam se agitar amplas ideias, numa cabeça inteligente.

O homem respondeu diretamente a pergunta.

— Reverendo mestre — disse, com voz grave —, seu renome chegou a mim e quis então consultá-lo. Sou apenas um fidalgo de província que se põe descalço para entrar na casa de um sábio. Digo-lhe meu nome. Chamo-me amigo Tourangeau.

“Curioso nome para um fidalgo!”, pensou o arqui-diácono.

Mas sentia ter pela frente alguém forte e sério. Sua alta inteligência o fazia intuir outra de não menor importância debaixo do capuz forrado do amigo Tourangeau. Considerando a sua grave figura, a ironia que a presença de Jacques Coictier havia feito surgir no seu rosto triste pouco a pouco desapareceu, como o crepúsculo num horizonte noturno. Voltou a se sentar na mesma poltrona grande, na mesma atitude triste e silenciosa, com o cotovelo plantado à mesa e a testa apoiada à mão. Após alguns momentos, fez sinal para que os dois visitantes se acomodassem e se dirigiu ao amigo Tourangeau.

— Veio me consultar, mestre, e sobre qual ciência?

— Reverendo — respondeu o homem. — Estou doente, muito doente. Dizem-no grande Esculápio e vim pedir um conselho de medicina.

— Medicina! — repetiu o arqui-diácono, balançando a cabeça.

Pareceu se recolher por um instante e retomou:

— Amigo Tourangeau, pois assim disse se chamar, vire o rosto. Verá minha resposta escrita na parede.

O visitante obedeceu e leu, acima da cabeça, essa inscrição gravada:

A medicina é filha dos sonhos. JÂMBLICO

Ouvir o pedido de consulta do seu acompanhante já havia sido frustrante para o doutor Jacques Coictier, e a resposta de dom Claude só fez aumentar essa sensação. Ele se inclinou ao ouvido de Tourangeau e sussurrou de maneira a que o arqui-diácono não escutasse:

— Eu bem que avisei, é um louco. E o senhor quis vê-lo!

— Mas pode ser que esse louco, doutor Jacques, tenha razão! — respondeu o outro, no mesmo tom e com um sorriso amargo.

— Como queira! — replicou Coictier de forma seca.

E depois, dirigindo-se ao arqui-diácono:

— Tem respostas expeditivas, dom Claude. Parece se preocupar com Hipócrates tanto quanto um macaco com uma amêndoa. A medicina, um sonho! Posso imaginar que boticários e médicos juntos o lapidariam, se ouvissem. Nega então a influência dos humores no sangue, dos unguentos na carne! Nega essa eterna farmácia das flores e dos metais, chamada mundo, expressamente fabricada para esse eterno doente que se chama homem!

— Não nego a farmácia nem o doente — disse friamente dom Claude. — Nego o médico.

— Não acha então — retomou o médico com fervor — que a gota seja um darto interior? Que se possa curar uma ferida de artilharia com a aplicação de um camundongo assado? Que um sangue jovem, convenientemente infundido, devolva a juventude a veias senis? Não acha que dois e dois somem quatro e que o emprostótono suceda ao opistótono?

Sem se perturbar, o arquidiácono respondeu:

— Há certas coisas que acho, mas à minha maneira pessoal.

Coictier ficou rubro de raiva.

— Vamos, vamos, meu bom Coictier, não se irrite — disse o amigo Tourangeau. — O sr. arquidiácono é nosso amigo.

Coictier se acalmou, resmungando a meia-voz:

— De fato, não passa de um louco!

— Pelos céus, mestre Claude — retomou o amigo Tourangeau, após um silêncio —, o senhor me deixa mal. Tinha duas consultas a fazer, uma referente à minha saúde, outra referente à minha estrela.

— Senhor — devolveu o arquidiácono —, se este é o seu pensamento, não deveria ter se dado ao trabalho de subir os degraus da minha escada. Não creio na medicina. Não creio na astrologia.

— Verdade? — exclamou o homem, surpreso.

Coictier ria de maneira forçada.

— Está vendo que é um louco — disse baixinho ao amigo Tourangeau. — Não crê em astrologia!

— Como imaginar — continuou dom Claude — que cada raio de estrela seja um fio se ligando à cabeça de um homem?

— E em que, então, acredita? — perguntou o amigo Tourangeau.

O arquidiácono permaneceu por um tempo indeciso, depois deixou

escapar um sorriso triste, que parecia desmentir a resposta:

— *Credo in Deum*.

— *Dominum nostrum* — acrescentou o amigo Tourangeau, com um sinal da cruz.

— *Amen* — completou Coictier.⁵⁴

— Reverendo mestre, fico com a alma grata, vendo-o em tão boa religião. Porém, de tão sábio que é, seria a ponto de não mais acreditar na ciência?

— Não — disse o arquidiácono, segurando o braço do amigo Tourangeau, que percebeu uma faísca de entusiasmo voltar a se acender naquela anuviada pupila. — De forma alguma nego a ciência. Não me arrastei por tanto tempo, com as unhas afundadas na terra, pelos inúmeros entroncamentos da caverna, sem perceber algo, sempre mais adiante, provavelmente o reflexo do fulgurante laboratório central em que os pacientes e os sábios podem surpreender Deus.

— Mas enfim — interrompeu Tourangeau —, alguma coisa lhe parece verdadeira e certa?

— A alquimia.

Coictier se assustou:

— Por Deus, dom Claude, a alquimia certamente tem suas razões próprias, mas por que blasfemar a medicina e a astrologia?

— Vazia é a sua ciência do homem! Vazia a sua ciência do céu! — disse o arquidiácono com autoridade.

— É desdenhar de Epidauro e da Caldeia — replicou o médico com sarcasmo.

— Ouça, sr. Jacques. O que digo é de boa-fé. Não sou médico do rei e não foi a mim que Sua Majestade deu o Jardim Dédalo para observar as constelações. Não se zangue e ouça. Quais verdades extraiu, não digo da medicina, que é coisa insana demais, mas da astrologia? Cite-me as virtudes do bustrofédon vertical, as descobertas a partir do número ziruph e do número sephiroth.

— Pode negar — perguntou Coictier — a força simpática da clavícula, de que deriva a cabalística?

— Erro seu, sr. Jacques! Nenhuma das suas fórmulas se aproxima da realidade. Já a alquimia tem suas descobertas. Contestaria resultados como

estes? O gelo preso sob a terra por mil anos se transforma em cristal de rocha. O chumbo é o antepassado de todos os metais (pois o ouro não é um metal, o ouro é a luz). O chumbo precisa de quatro períodos de duzentos anos cada para passar, sucessivamente, do estado plúmbeo ao estado de arsênico vermelho, de arsênico vermelho a estanho, de estanho a prata. Não são fatos? Mas acreditar em clavícula, em linha plena e em estrelas é tão ridículo quanto acreditar, como os habitantes da Grande Catay, que o verdilhão se transforma em toupeira e os grãos de trigo em peixes ciprinoides!

— Estudei hermética — exclamou Coictier — e afirmo...

O impetuoso arquidiácono não o deixou concluir:

— E estudei eu medicina, astrologia e hermética. Apenas aqui se encontra a verdade — ele havia pego no móvel uma proveta cheia do pó a que nos referimos mais acima. — Apenas aqui se encontra a luz! Hipócrates é sonho, Urania é sonho, Hermes é um pensamento. O ouro é o sol, fabricar ouro é ser Deus. É esta a única ciência. Sondei a medicina e a astrologia, já disse. Vazias, vazias. O corpo humano é igual às trevas; os astros são iguais às trevas!

Dom Claude se sentou pesadamente na poltrona, em atitude forte e inspirada. O amigo Tourangeau o observava em silêncio. Coictier, tentando se manter irônico, sacudia imperceptivelmente os ombros e repetia em voz baixa: “Um louco!”

— Aliás — disse de repente Tourangeau —, a meta mirífica foi alcançada? Fabricou ouro?

— Se o tivesse fabricado — respondeu o arquidiácono, articulando lentamente as palavras como alguém que pensa —, o rei da França se chamaria Claude e não Luís.

O visitante franziu o cenho.

— O que eu disse? — retomou dom Claude, com um sorriso de desdém.
— Para que o trono da França, se poderia reerguer o Império do Oriente?

— Muito a propósito! — concordou o outro.

— Ah! O pobre doido! — murmurou Coictier.

O arquidiácono continuou, parecendo só responder aos próprios pensamentos:

— Não, ainda engatinho. Arranho o rosto e os joelhos na trilha subterrânea. Mal entrevejo, não contemplo! Mal soletro, não leio!

— E quando souber ler — perguntou o homem —, fará ouro?

— Quem duvida? — disse o arqui-diácono.

— Nesse caso, Nossa Senhora sabe que tenho grande necessidade de dinheiro e gostaria de aprender a ler nos seus livros. Diga, reverendo mestre, sua ciência é inimiga de Nossa Senhora ou a ela desagrada?

Diante da pergunta do amigo, dom Claude se limitou a responder, com tranqüila altivez:

— E de quem sou arqui-diácono?

— Isso é verdade, mestre. Pois muito bem! Aceitaria me iniciar? Permita-me soletrar com o senhor.

Claude assumiu a atitude majestosa e pontifical de um Samuel.

— São necessários mais anos do que lhe restam, velho, para essa viagem através das coisas misteriosas. Tem a cabeça já grisalha! Quem sai da caverna tem os cabelos brancos, mas quem entra deve tê-los escuros. A ciência sabe sozinha escavar, emaciar e secar as faces humanas, não precisa da velhice para enrugar os rostos. No entanto, se o desejo lhe vier de se curvar à disciplina na sua idade, para decifrar o temível alfabeto dos sábios, venha comigo, podemos tentar. Não vou sugerir a um pobre velho que visite as câmaras sepulcrais das pirâmides de que fala Heródoto o Ancião, nem a torre de tijolos da Babilônia, nem o imenso santuário de mármore branco do templo indiano de Eklingji. Como o senhor, também não vi as alvenarias caldaicas, construídas segundo a forma sagrada de Sikra, nem o templo de Salomão, destruído, nem as portas de pedra do sepulcro dos reis de Israel, postas abaixo. Vamos nos limitar a fragmentos do livro de Hermes, que temos aqui. Explicarei a estátua de São Cristóvão, o símbolo do Semeador e o dos dois anjos que se encontram no pórtico da Sainte-Chapelle, tendo um deles a mão num vaso e o outro numa nuvem...

Nesse momento, Jacques Coictier, que tinha se retraído diante das réplicas enérgicas do arqui-diácono, se recuperou e o interrompeu, com o tom triunfante de um especialista que corrige outro:

— *Erras, amice Claudii*. O símbolo não é o número. Está confundindo Hermes com Orfeu.⁵⁵

— O erro é seu — ripostou gravemente o arqui-diácono. — Dédalo é o envasamento, Orfeu é a muralha, Hermes é o edifício. Só isso.

E, virando-se para Tourangeau:

— Venha quando quiser. Mostrarei as partículas de ouro que ficaram no fundo do cadinho de Nicolas Flamel, que poderá comparar com o ouro de Guillaume de Paris. Ensinarei as virtudes secretas da palavra grega *peristera*.⁵⁶ Antes de tudo, porém, farei com que sucessivamente leia as letras de mármore do alfabeto, as páginas de granito do livro. Iremos do pórtico do bispo Guillaume e de Saint-Jean-le-Rond à Sainte-Chapelle, depois à casa de Nicolas Flamel, na rua Marivault, ao seu túmulo no Saints-Innocents e aos seus dois hospitais, na rua de Montmorency. Farei com que leia os hieróglifos que cobrem os quatro apoios de ferro do pórtico do hospital Saint-Gervais e da rua de la Ferronnerie. Decifraremos juntos as fachadas de Saint-Côme, de Sainte-Genevièvedes-Ardents, de Saint-Martin, de Saint-Jacques-de-la-Boucherie...

Há um bom tempo Tourangeau, por mais inteligente que fosse o seu olhar, parecia não compreender mais o que dizia dom Claude. De repente, então, o interrompeu.

— Pelos céus! Que livros são esses?

— Aqui temos um deles — disse o arqui-diácono.

Abrindo a janela da cela, ele apontou para a imensa igreja de Notre Dame que, recortada contra o céu estrelado com a silhueta das suas duas torres, as laterais de pedra e o dorso monstruoso, parecia uma enorme esfinge de duas cabeças, pousada no meio da cidade.

O arqui-diácono considerou em silêncio por algum tempo o gigantesco edifício e depois, estendendo com um suspiro a mão direita até o livro impresso aberto sobre sua mesa e a mão esquerda para a Notre Dame, lançou um triste olhar que foi do livro à igreja:

— Hélas! — disse. — Isto matará aquilo.

Coictier tinha se aproximado rapidamente do livro e não pôde deixar de exclamar:

— Ora! O que pode haver de tão terrível nisso? GLOSSA IN EPISTOLAS D. PAULI. *Norimbergae, Antonius Koburger, 1474*. Nada vejo demais. É um livro de Pierre Lombard, o Mestre das Sentenças. Só porque é impresso?

— Exatamente — respondeu Claude, que parecia absorto em profunda meditação e se mantinha de pé, apoiando o dedo indicador no in-fólio fabricado nas prensas famosas de Nuremberg.

Em seguida, acrescentou essas palavras misteriosas:

— Hélas! Hélas! As pequenas coisas acabam com as grandes. Um dente triunfa contra uma clava, o rato do Nilo mata o crocodilo, o peixe-espada mata a baleia, o livro matará o edifício!

O toque de recolher do claustro soou no momento em que o doutor Jacques repetia ao companheiro seu eterno refrão: *É um doido*. E o companheiro, dessa vez, respondeu:

— Também estou achando.

Nenhum estranho podia mais permanecer no claustro. Os dois visitantes se prepararam para se retirar.

— Mestre — disse o amigo Tourangeau, se despedindo do arqui-diácono —, aprecio os eruditos e os grandes espíritos e pelo senhor tenho particular estima. Venha amanhã ao palácio de Tournelles e peça para falar com o abade de Saint-Martin de Tours.

O arqui-diácono voltou para a cela estupefato, compreendendo enfim quem era o amigo Tourangeau e se lembrando dessa passagem do cartulário de Saint-Martin de Tours: *Abbas beati Martini, scilicet rex franciae, est canonicus de consuetudine et habet parvam praebendam quam habet sanctus Venantius et debet sedere in sede thesaurarii*.⁵⁷

Afirma-se que, desde então, o arqui-diácono passara a ter frequentes encontros com Luís XI, quando Sua Majestade se encontrava em Paris, e que a influência de dom Claude rivalizava com as de Olivier le Daim e Jacques Coictier, o qual, à sua maneira, disso se queixava muito ao rei.

53. “O abade do bem-aventurado Martinho”, em latim no original.

54. Sucessivamente: “Creio em Deus”, “Nosso Senhor”, “Amém”, em latim no original.

55. “Está errado, amigo Claude”, em latim no original.

56. “Pomba”, em grego, no original.

57. “O abade do bem-aventurado Martinho, isto é, o rei da França, é cônego por tradição e possui a pequena prebenda de Saint-Venant, devendo ocupar a cátedra de tesoureiro”, em latim no original.

2. Isto matará aquilo

Perdoem-nos nossas leitoras por interrompermos por um momento a trama para averiguar qual pensamento podia se ocultar sob as palavras enigmáticas do arqui-diácono: *Isto matará aquilo. O livro matará o edifício.*

A nosso ver, tal pensamento tinha duas faces. Antes de tudo, era um pensamento de padre, ou seja, o horror que tem o sacerdócio diante de qualquer elemento novo, como a imprensa. O pavor e o deslumbramento do homem da Igreja diante da tipografia luminosa de Gutenberg. A cátedra e o manuscrito, a palavra falada e a palavra escrita se alarmando com a palavra impressa. Algo próximo do estupor de um passarinho que visse o anjo Legião abrir seis milhões de asas. Era o grito do profeta a pressentir o ruído e o formigar da humanidade emancipada, que vê no futuro a inteligência minar a fé, o arbítrio destronar a crença, o mundo sacudir Roma. Prognóstico do filósofo que enxerga o pensamento humano, volatilizado pela imprensa, se evaporar do recipiente teocrático. Terror do soldado que examina o aríete e constata: a torre vai cair. Significava, enfim, que uma potência sucederia outra potência. Significava: a imprensa matará a igreja.

Mas por baixo desse pensamento, que provavelmente era o primeiro e mais simples, acreditamos haver outro, mais novo, corolário menos visível e mais fácil de contestar, uma visão igualmente filosófica, não mais exclusiva do padre, mas comum também ao estudioso e ao artista. Tratava-se do pressentimento de que o pensamento humano, mudando de forma, mudaria de modo de expressão; a ideia capital de cada geração não se escreveria mais no mesmo suporte nem da mesma maneira, e o livro de pedra, tão sólido e tão durável, cederia vez ao livro de papel, ainda mais sólido e mais durável. Assim sendo, a vaga fórmula do arqui-diácono escondia um segundo sentido; ela significava que uma arte destronaria outra. O que a frase queria dizer era: a imprensa matará a arquitetura.

De fato, desde a origem das coisas e até o século XV da era cristã, inclusive, a arquitetura foi o grande livro da humanidade, a principal expressão do homem em seus diversos estádios de desenvolvimento, tanto no

plano da força quanto no da inteligência.

Quando a memória das primeiras raças revelou-se sobrecarregada, quando a bagagem das lembranças do gênero humano ficou pesada e confusa a ponto de a palavra, nua e flutuante, correr o risco de se perder, essa palavra passou a se transcrever no chão da maneira mais visível, mais durável e também mais natural. A partir desse momento, cada tradição foi caracterizada por um monumento.

Os primeiros monumentos foram simples fachadas de rocha *intocada pelo buril*, como disse Moisés. A arquitetura começou como qualquer escrita. Foi primeiramente alfabeto. Plantava-se uma pedra de pé, e isto era uma letra; cada letra era um hieróglifo e em cada hieróglifo repousava um grupo de ideias, como o capitel sobre a coluna. Assim como fizeram as primeiras raças, em todos os lugares, no mesmo momento, na superfície do mundo inteiro. Encontra-se a *pedra erguida* dos celtas na Sibéria asiática e nos pampas da América.

Mais tarde, articularam-se palavras. Superpôs-se pedra sobre pedra, juntaram-se sílabas de granito e o verbo tentou algumas combinações. São palavras o dólmén e o cromelech celtas, o túmulo etrusco e o *galgal* hebreu. Algumas, como o túmulo, sobretudo, são nomes próprios. Às vezes, inclusive, caso houvesse bastante pedra e um vasto espaço, podia-se escrever uma frase. O imenso conjunto de Karnac já constituía uma sentença inteira.

E finalmente foram feitos os livros. As tradições haviam gerado símbolos, sob os quais elas desapareciam como o tronco da árvore sob a folhagem. Todos esses símbolos, nos quais a humanidade tinha fé, cresciam, se multiplicavam, se entrecruzavam, se complicavam cada vez mais. Os primeiros monumentos já não bastavam para contê-los. Eles trasvazavam por todo lado, e com dificuldade exprimia-se ainda a tradição primitiva: simples, nua e jazente ao chão, como eles próprios. O símbolo precisou se expandir no edifício. A arquitetura então se desenvolveu com o pensamento humano, tornou-se gigante de mil cabeças e mil braços, fixando sob forma eterna, visível, palpável, todo esse simbolismo flutuante. Enquanto Dédalo — que é a força — media; enquanto Orfeu — que é a inteligência — cantava; o pilar que a letra é, a arcada que a sílaba é, a pirâmide que a palavra é, postos simultaneamente em movimento por uma lei da geometria e por uma lei da poesia, se agruparam em combinações, se amalgamaram, ora descendo, ora

subindo, mas se justapondo no chão, se escalonando no céu até escrever, sob o ditado da ideia geral de cada época, esses livros maravilhosos que eram também maravilhosos edifícios: o pagode de Eklingji, o Ramesseum do Egito, o templo de Salomão.

A ideia-mãe, o verbo, não se limitava apenas ao fundo desses edifícios, mas penetrava também a forma. O templo de Salomão, por exemplo, de jeito nenhum se resumia a uma encadernação do Livro Santo; ele, literalmente, era o Livro Santo. Em cada um dos seus recintos concêntricos, os sacerdotes podiam ler o verbo traduzido e manifestado aos olhos, seguindo, desse modo, de santuário em santuário, suas transformações até a apreensão final, no último tabernáculo, em sua forma mais concreta e também arquitetônica: a arca. Tínhamos então o verbo encerrado dentro do edifício, mas sua imagem estava no invólucro, como a figura humana no caixão da múmia.

E não apenas a forma dos edifícios, mas também a situação geográfica escolhida, revelava o pensamento que representavam. De acordo com o símbolo a ser expresso, fosse gracioso ou sombrio, a Grécia coroava suas montanhas com um templo harmonioso e a Índia abria o ventre das suas para ali cinzelar aqueles disformes pagodes subterrâneos, suspensos por gigantescas filas de elefantes de granito.

Desse modo, durante os seis mil anos iniciais do mundo, desde o mais imemorial pagode do Hindustão até a catedral de Colônia, a arquitetura foi a grande forma de escrita do gênero humano. E isso é tão verdadeiro que não somente todo símbolo religioso, mas também todo o pensamento humano tem sua página nesse livro imenso e em seu monumento correspondente.

Todas as civilizações começam como teocracia e acabam como democracia. E essa lei da liberdade que sucede à unidade está inscrita na arquitetura. É preciso insistir nesse ponto, pois não se deve achar que a alvenaria seja forte apenas para a construção do templo, para exprimir o mito e o simbolismo sacerdotal, para transcrever em hieróglifos sobre suas páginas de pedra as tábuas misteriosas da lei. Se assim fosse, como acontece em toda sociedade humana no momento em que o símbolo sagrado se desgasta e se oblitera sob o livre-pensamento, quando o homem escapa do sacerdote e quando a excrescência das filosofias e dos sistemas rói a face da religião, a arquitetura não poderia reproduzir esse novo estado do espírito humano, e as suas páginas, com a frente preenchida, estariam vazias no verso — sua obra

se apresentaria truncada, seu livro incompleto. Porém, não é este o caso.

Tomemos como exemplo a Idade Média, na qual podemos enxergar melhor, já que cronologicamente é mais próxima de nós. Em seu primeiro período, enquanto a teocracia organiza a Europa, enquanto o Vaticano reúne e reclassifica a seu redor os elementos de uma Roma construída a partir da Roma que jaz desmantelada em torno do Capitólio, enquanto o cristianismo segue, nas ruínas da civilização anterior, em busca dos escalões da sociedade e reconstrói, com esses restos, um novo universo hierárquico, em que o arco de abóbada é o sacerdote, ouve-se um troar nesse caos e depois se percebe, pouco a pouco, sob o sopro do cristianismo, sob a mão dos bárbaros, surgir dos entulhos das arquiteturas mortas, grega e romana, essa misteriosa arquitetura românica, irmã das alvenarias teocráticas do Egito e da Índia, emblema inalterável do catolicismo puro, imutável hieróglifo da unidade papal. Todo o pensamento de então, de fato, foi escrito naquele sombrio estilo românico. Por todo lugar sente-se a autoridade, a unidade, o impenetrável, o absolutismo de Gregório VII; por todo lugar o padre, nunca o homem; por todo lugar a casta, nunca o povo. Mas vieram as cruzadas. É um grande movimento popular, e todo grande movimento popular, quaisquer que sejam a musa e a finalidade, sempre extrai da sua última formação o espírito de liberdade. Novidades vêm à tona. Abre-se o período tumultuoso das *jacqueries*, das *pragueries* e das *ligas*. A autoridade é sacudida, a unidade se bifurca. O feudalismo quer compartilhar com a teocracia, à espera do povo, que inevitavelmente há de vir e guardará para si, como sempre, a parte do leão. *Quia nominor leo*. O domínio senhorial surge então sob o sacerdócio, a comuna sob o domínio senhorial. A face da Europa se transformou. Pois bem, a face da arquitetura também. Assim como a civilização, ela vira a página e o espírito novo dos tempos a encontra pronta a escrever o seu ditado. Ela voltou das cruzadas com a ogiva, como as nações com a liberdade. Então, enquanto Roma pouco a pouco se desmembra, a arquitetura românica morre. O hieróglifo abandona a catedral e vai abrasonar os castelos fortes, acrescentando prestígio ao feudalismo. A catedral propriamente, esse edifício antes tão dogmático, invadido então pela burguesia, pela comuna, pela liberdade, escapa do padre e cai em poder do artista. O artista a constrói como bem entende. Adeus mistério, mito, lei. É hora de fantasia e capricho. O padre, tendo sua basílica e seu altar, não se incomoda. As quatro paredes

pertencem ao artista. O livro arquitetural não concerne mais ao sacerdócio, à religião, a Roma e passa à imaginação, à poesia, ao povo. Onde as transformações rápidas e inúmeras dessa arquitetura de apenas três séculos, transformações impressionantes, após a imobilidade estagnante da arquitetura românica que havia durado seis ou sete. A arte, no entanto, avança a passos de gigante. O gênio e a originalidade populares fazem o trabalho que faziam os bispos. De passagem, cada raça escreve sua linha no livro, rasura os velhos hieróglifos românicos no frontispício das catedrais e o máximo que se vê é o dogma emergir num ponto ou noutro, sob o novo símbolo assentado. A vestimenta popular mal deixa que se adivinhe a ossatura religiosa. É difícil ter ideia das liberdades que então se permitiram os arquitetos, inclusive com relação à Igreja. Onde os capitéis com monges e freiras escandalosamente acasalados, como na sala das Lareiras do Palácio da Justiça de Paris. Ou a aventura de Noé esculpida, *em todos os seus detalhes*, como no grande pórtico de Bourges. Ou também um monge báquico com orelhas de asno e um copo na mão rindo no nariz de toda a comunidade, como se vê sobre o lavatório da abadia de Bochartville. Havia, àquela época, no referente ao pensamento escrito na pedra, privilégios que em tudo podem se comparar à nossa atual liberdade de imprensa. Era a liberdade de arquitetura.

Trata-se de uma liberdade que vai longe demais. Às vezes um pórtico, uma fachada, uma igreja inteira apresentam sentidos simbólicos absolutamente estranhos ao culto ou até hostis à Igreja. Guillaume de Paris, no século XIII, e Nicolas Flamel, no XV, escreveram páginas assim, sediciosas. Saint-Jacques-de-la-Boucherie era, inteira, uma igreja de oposição.

O pensamento de então só era livre dessa maneira, de forma que somente nesses livros, chamados edifícios, ele se escrevia por inteiro. Sem essa configuração monumental, em sua configuração manuscrita, teria sido queimado em praça pública pelo carrasco, caso fosse imprudente o bastante para assumir esse risco; o pórtico de igreja, enquanto pensamento, assistiria ao suplício do livre-pensamento. Tendo apenas esse recurso — o da alvenaria — para vir à luz, foi essa a maneira que a reflexão utilizou por todo lugar. Daí a imensa quantidade de catedrais que cobriu a Europa, em número tão prodigioso que mal se acredita, mesmo após verificação. Todas as forças materiais, todas as forças intelectuais da sociedade convergiram para esse

mesmo ponto: a arquitetura. Dessa maneira, a pretexto de construir igrejas para Deus, a arte se desenvolveu em magníficas proporções.

Então, quem quer que nascesse poeta, fazia-se arquiteto. O gênio, disseminado entre as massas, pressionado de todos os lados no feudalismo como numa *testudo* de escudos de bronze, só enxergando escapatória pelo viés da arquitetura, voltava-se na direção dessa arte e suas ilíadas ganhavam a forma de catedrais. Todas as demais artes obedeciam e se punham a serviço da arquitetura. Eram os operários da grande obra. O arquiteto, o poeta, o mestre canalizavam para ela, a grande obra, a escultura que cinzelava as fachadas, a pintura que iluminava os vitrais, a música que movimentava seus sinos e fazia soar os órgãos. Inclusive a pobre poesia, propriamente dita, que se obstinava ainda a vegetar em manuscritos, se obrigava, para chegar a alguma coisa, a se encaixar no edifício, sob a forma de hino ou de *prosa* — o mesmo papel, afinal, representado pelas tragédias de Ésquilo nas festas sacerdotais da Grécia, e pelo *Gênese* no templo de Salomão.

Assim, até Gutenberg, a arquitetura foi a principal forma da escrita, a escrita universal. Desse livro granítico que começou no Oriente e continuou pelas Antiguidades grega e romana, a Idade Média escreveu a última página. No mais, esse fenômeno de uma arquitetura de povo sucedendo a uma arquitetura de casta, que acabamos de observar na Idade Média, se reproduziu, com toda movimentação análoga na inteligência humana, em outras grandes épocas da história. Assim ocorreu, enunciando aqui apenas sumariamente uma lei que demandaria volumes para ser desenvolvida, no Alto Oriente, berço dos tempos primitivos: depois da arquitetura hindu, a arquitetura fenícia, mãe opulenta da arquitetura árabe. Na Antiguidade, depois da arquitetura egípcia, da qual o estilo etrusco e os monumentos ciclópicos são uma variedade, a arquitetura grega, da qual o estilo romano não passa de prolongamento sobrecarregado com a cúpula cartaginesa. Nos tempos modernos, depois da arquitetura românica, a arquitetura gótica. Desdobrando-se essas três séries, encontram-se nas três irmãs mais velhas — a arquitetura hindu, a arquitetura egípcia e a arquitetura românica — o mesmo símbolo: a teocracia, a casta, a unidade, o dogma, o mito, Deus. No que concerne às três irmãs mais moças — a arquitetura fenícia, a arquitetura grega, a arquitetura gótica —, qualquer que seja a diversidade de forma inerente às suas naturezas, elas têm também o mesmo significado, isto é, a

liberdade, o povo, o homem.

Chame-se ele brâmane, mago ou papa, nas alvenarias hindu, egípcia ou românica, sente-se sempre a presença do sacerdote, apenas do sacerdote. O mesmo não acontece nas arquiteturas do povo, que são mais ricas e menos sagradas. Na fenícia, pressente-se o mercador, na grega, o republicano, e, na gótica, o burguês.

As características gerais de toda arquitetura teocrática estão na imutabilidade, no horror ao progresso, na conservação das linhas tradicionais, na consagração dos tipos primitivos, na constante submissão de todas as formas do homem e da natureza aos caprichos incompreensíveis do símbolo. São livros tenebrosos que apenas os iniciados sabem decifrar. Aliás, toda forma, toda deformação até, ganha um sentido que a torna inviolável. Que não se peça às alvenarias hindu, egípcia e românica que reformem o desenho próprio ou reformulem sua estatuária. Qualquer aperfeiçoamento representaria impiedade. Nessas arquiteturas, tem-se a impressão de que a rigidez do dogma se espalhou na pedra como segunda petrificação. Já as características gerais das alvenarias populares estão na variedade, no progresso, na originalidade, na opulência, na perpétua movimentação. Sentem-se já desvinculadas o bastante da religião para pensar na própria beleza, cuidar e incessantemente corrigir a ornamentação de estátuas e arabescos. São do século. Têm algo de humano que elas incessantemente misturam ao símbolo divino, sob o qual ainda se produzem. Por isso tantos edifícios penetráveis por qualquer alma, qualquer inteligência, qualquer imaginação, simbólicos ainda, mas de compreensão fácil, como a natureza. Entre a arquitetura teocrática e esta, há a mesma diferença que entre uma língua sagrada e uma língua vulgar, entre o hieróglifo e a arte, entre Salomão e Fídias.

Se quisermos, muito sumariamente, resumir o que dissemos até aqui, deixando de lado mil comprovações e também mil objeções de detalhe, chegamos ao seguinte: a arquitetura foi, até o século XV, o registro principal da humanidade, sem que nesse intervalo aparecesse no mundo um só pensamento mais complicado que não se tornasse edifício. Ou seja, toda ideia popular, assim como toda lei religiosa, teve seus monumentos e o gênero humano, enfim, nada pensou de importante que não fosse escrito na pedra. E por quê? Porque todo pensamento, tanto religioso quanto filosófico, quer se

perpetuar, porque a ideia que influenciou uma geração quer influenciar outras e deixar sua marca. E que imortalidade precária a do manuscrito! Um edifício é um livro bem mais sólido, durável e resistente! Para destruir a palavra escrita, bastam uma tocha e um turco. Para demolir a palavra construída, é preciso uma revolução social, uma revolução terrestre. Os bárbaros passaram pelo Coliseu, o dilúvio, talvez pelas pirâmides.

No século XV, tudo muda.

O pensamento humano descobre um meio de se perpetuar, não somente mais durável e mais resistente do que a arquitetura, mas também mais simples e mais fácil. A arquitetura perde o trono. Às letras de pedra de Orfeu sucedem as letras de chumbo de Gutenberg.

O livro mata o edifício.

A invenção da imprensa é o maior acontecimento da história. É a revolução-mãe. É o modo de expressão da humanidade que se renova totalmente, é o pensamento humano que se subtrai a uma forma e se investe em outra, é a completa e definitiva mudança de pele da serpente simbólica que, desde Adão, representa a inteligência.

Sob a forma impressa, o pensamento se torna imperecível como nunca; se torna volátil, impossível de se prender, indestrutível. Mistura-se ao ar. No tempo da arquitetura, ele era montanha e poderosamente se apossava de um século e de um lugar. No tempo da imprensa, se torna bando de pássaros, se espalha aos quatro ventos e ocupa, ao mesmo tempo, todos os pontos do ar e do espaço.

Insistimos: quem não vê que, dessa maneira, ele é bem mais indelével? De sólido que era, torna-se vivaz. Passa da duração à imortalidade. Pode-se demolir uma massa, mas como extirpar a ubiquidade? Sob um dilúvio, após algum tempo as montanhas submergem, mas os pássaros continuam a voar; uma só arca que flutue sobre o cataclismo e nela eles pousarão, sobreviverão e com ela assistirão à vazante das águas. E ao despertar, o novo mundo que advirá desse caos verá pairar acima, alado e vivo, o pensamento do mundo devastado.

E quando se observa que esse modo de expressão é não só o mais conservador, mas também o mais simples, o mais cômodo, o mais praticável por todos, pois não precisa carregar muita bagagem, não depende de grandes petrechos, quando comparamos aquele pensamento — que era forçado, para

se traduzir num edifício, a se utilizar de quatro ou cinco outras artes e de toneladas de ouro, de toda uma montanha de pedras, de uma floresta de vigas, de uma população de operários — ao pensamento feito em livro, ao qual basta um pouco de papel, um pouco de tinta e uma pena, como estranhar que a inteligência humana tenha trocado a arquitetura pela imprensa? Cortem bruscamente o leito primitivo de um rio, abrindo um canal num nível mais baixo, e o rio logo deixa o seu leito.

Da mesma maneira, vejam como, a partir da descoberta da imprensa, a arquitetura pouco a pouco murcha, se atrofia e se despe. Pode-se perfeitamente sentir que a água baixa, a seiva se perde, o pensamento dos tempos e dos povos se esvai! O resfriamento pouco se faz notar no século XV, pois a imprensa é ainda demasiado débil e, no máximo, extrai da poderosa arquitetura um excedente de vida. A partir do século XVI, porém, a doença da arquitetura se torna visível. Ela deixa de exprimir a sociedade em sua essência, se torna miseravelmente arte clássica. De gaulesa, europeia, nativa que era, torna-se grega e romana; de verdadeira e moderna, passa a pseudoantiga. É a essa decadência que chamam Renascimento. Decadência magnífica, é verdade, pois o velho gênio gótico, esse sol que se esconde atrás da gigantesca imprensa de Mainz, lança ainda por algum tempo seus últimos raios sobre o amontoamento híbrido de arcadas latinas e colunatas corintianas.

E é esse sol poente que chamamos aurora.

No entanto, a partir do momento em que a arquitetura passa a ser uma arte como outra qualquer, assim que deixa de ser a arte total, a arte soberana, a arte tirânica, perde também a força para abranger as outras artes. Que então se emancipam, quebram o jugo do arquiteto e partem, cada qual numa direção. Todas ganham com o divórcio. O isolamento engrandece tudo. A escultura se torna estatuária, a imagem se torna pintura, o cânone se torna música. É como um império que se desmembra à morte do seu Alexandre, com províncias se transformando em reinos.

Por isso Rafael, Michelangelo, Jean Goujon, Palestrina, esplendores do deslumbrante século XVI.

Ao mesmo tempo que as artes, o pensamento se emancipa por todos os lados. Os heresiarcas da Idade Média já haviam desferido alguns golpes contra o catolicismo. O século XVI quebra de vez a unidade religiosa. Sem a

imprensa, a Reforma não passaria de um cisma; a imprensa faz dela uma revolução. Tirem a imprensa, a heresia perde sua enervação. Fatal ou providencial, Gutenberg é o precursor de Lutero.

Assim, enquanto o sol da Idade Média se esconde por completo, quando o gênio gótico para sempre se apaga no horizonte da arte, a arquitetura esmorece, se descolore, cada vez mais se apaga. O livro impresso, esse verme roedor do edifício, suga-lhe o sangue e o devora. A arquitetura empalidece, esmorece a olhos vistos. Amesquinha-se, empobrece, anula-se. Ela nada mais exprime, sequer a lembrança da arte de outra época. Reduzida a si mesma, abandonada pelas coirmãs, já que abandonada pelo pensamento humano, ela abusa dos artifícios, por falta de artistas. O vidro substitui o vitral. O talhador de pedra sucede ao escultor. Adeus seiva, originalidade, vida, inteligência. Ela se arrasta, lamentável mendiga de ateliê, de cópia em cópia. Michelangelo, que provavelmente já pressentia essa morte no século XVI, teve uma última ideia, uma ideia de desespero. Esse titã da arte amontoou o Panteão no Parthenon e fez São Pedro de Roma. Grande obra que merecia se manter única, última originalidade da arquitetura, assinatura de um artista gigantesco, no canto inferior do colossal registro de pedra que se concluía. Morto Michelangelo, o que faz aquela miserável arquitetura que mal sobrevivia, sob forma de espectro e sombra? Decalca e parodia São Pedro de Roma. E isso se torna uma mania. É de dar pena. Cada século terá seu São Pedro de Roma: no XVII é o Val-de-Grâce, no XVIII, Sainte-Geneviève. Cada país tem seu São Pedro de Roma. Londres tem um. Petersburgo tem um. Paris tem dois ou três. Testamento insignificante, último desvario de uma grande arte que decai e volta à infância, antes de morrer.

Se, em vez de monumentos característicos, como estes de que acabamos de falar, examinarmos o aspecto geral da arte entre os séculos XVI e XVIII, observarmos os mesmos fenômenos de declínio e definhamento. A partir de Francisco II, a forma arquitetônica do edifício se apaga cada vez mais, realçando a forma geométrica, como se realça a estrutura óssea de um doente emagrecido. As belas linhas da arte cedem às frias e inexoráveis linhas do geômetra. O edifício deixa de ser um edifício, torna-se um poliedro. Mas a arquitetura faz de tudo para esconder essa nudez. O frontão grego se inscreve no frontão romano e vice-versa. Continua sendo o Panteão no Parthenon, São Pedro de Roma. Vejam as casas de tijolo e quinas de pedra, de Henrique IV:

a praça Royale e a praça Dauphine. E as igrejas de Luís XIII, pesadonas, atarracadas, de arco abatido, socadas, com cúpulas sobrepostas como uma corcunda. E a arquitetura do cardeal Mazarin, com seu mau *pasticcio* italiano, visto no Quatre-Nations. Ou os palácios de Luís XIV, compridos quartéis para cortesãos: rígidos, glaciais, tediosos. E, para concluir, Luís XV, com florezinhas e sinuosidades, verrugas e fungos que desfiguram a velha arquitetura caduca, desdentada e vaidosa. De Francisco II a Luís XV, a doença cresce em progressão geométrica. A arte se reduz à pele em cima dos ossos. Miseramente agoniza.

Enquanto isso, o que se passa com a imprensa? Toda essa vida que abandona a arquitetura se incrusta nela. À medida que a arquitetura decai, a imprensa infla e floresce. Esse capital de forças que o pensamento humano aplicava em edifícios passa a ser aplicado em livros. De forma que, a partir do século XVI, a imprensa, crescendo na medida em que a arquitetura definha, disputa a batalha e ganha. No século XVII, ela já está suficientemente soberana, triunfante e firme em sua vitória para oferecer ao mundo o espetáculo de um grande século literário. No XVIII, tendo passado muito tempo à sombra da corte de Luís XIV, ela retoma a velha espada de Lutero e arma Voltaire, correndo em seguida, amotinada, ao ataque da velha Europa, já eliminada a expressão arquitetural. No final do século XVIII, tudo tinha sido destruído. E tudo se reconstrói no XIX.

Agora perguntamos: qual das duas artes há três séculos representa realmente o pensamento humano? Qual o traduz? Qual exprime não só suas manias literárias e escolásticas, mas também seu vasto, profundo e universal movimento? Qual delas constantemente se superpõe, sem ruptura nem lacuna, ao gênero humano, como monstro de mil pés em marcha? A arquitetura ou a imprensa?

A imprensa. Que ninguém se engane, a arquitetura definitivamente está morta, morta pelo livro impresso, morta por durar menos, morta por custar mais. Toda catedral representa um bilhão. Que se imagine agora o investimento necessário para rescrever o livro arquitetônico, para fazer ferver de novo, no chão, milhares de edifícios, para voltar àquelas épocas em que a multidão de monumentos era tamanha que, segundo uma testemunha ocular, “era como se o mundo, se sacudindo, houvesse largado suas velhas roupas para se cobrir com uma branca vestimenta de igrejas”.

Erat enim ut si mundus, ipse excutiendo semet, rejecta vetustate, candidam ecclesiarum vestem indueret (Glaber Radulphus).

Um livro se faz tão rápido, custa tão pouco e pode ir tão longe! Como se espantar que o pensamento humano inteiro seguisse por essa vertente? O que não significa que a arquitetura não produza, num ou noutro lugar, um belo monumento, uma obra-prima isolada. Pode-se muito bem de vez em quando realizar, já sob o reinado da imprensa, imagino, uma coluna erguida por todo um exército com canhões amalgamados, como surgiram, no reino da arquitetura, *Ilíadas* e *Romanceros*, Mahabharata e Nibelungos, erguidos por todo um povo com rapsódias misturadas e fundidas. O grande advento de um arquiteto de gênio pode acontecer no século XX, como houve Dante no XIII. Mas a arquitetura não será mais a arte social, a arte coletiva, a arte dominante. O grande poema, o grande edifício, a grande obra da humanidade não mais será construída, será impressa. Então, mesmo que a arquitetura por acaso se erga, ela não mais será dominante. Estará sob a lei da literatura, que outrora esteve sob a sua lei. As respectivas posições das duas artes se inverteram. Na época arquitetônica, os poemas — raros, é verdade — se pareciam com os monumentos. Na Índia, Vyasa é denso, estranho, impenetrável como um pagode. No oriente egípcio, a poesia apresenta, como os edifícios, grandeza e tranquilidade em suas linhas. Na Grécia antiga, beleza, serenidade, calma; na Europa cristã, a imponência católica, a ingenuidade popular e a luxuriante vegetação de uma época de renovação. A Bíblia é como as pirâmides, a *Ilíada* como o Parthenon, Homero como Fídias. Dante é a última igreja românica no século XIII; Shakespeare, no XVI, a última catedral gótica. Assim, para resumir o que dissemos até aqui, de maneira necessariamente incompleta e truncada, o gênero humano tem dois livros, dois registros, dois testamentos: a alvenaria e a imprensa, a Bíblia de pedra e a Bíblia de papel. Sem dúvida, quando se contemplam essas duas Bíblias tão amplamente abertas ao longo dos séculos, pode-se lamentar a majestade visível da escrita de granito, com seus gigantescos alfabetos formulados em colunatas, em pilonos, em obeliscos, essas espécies de montanhas feitas pelo homem, que cobrem o mundo e o passado, desde a pirâmide até o campanário, de Quéops a Strasbourg. É preciso reler o passado nessas páginas de mármore. É preciso admirar e incessantemente folhear de novo o livro escrito pela arquitetura, mas sem negar a grandeza do edifício

que, por sua vez, a imprensa ergue.

É um edifício colossal. Não sei qual amator de estatísticas calculou que, sobrepostos todos os volumes impressos desde Gutenberg, poderíamos preencher o espaço entre a Terra e a Lua, mas não é desse tipo de grandeza que queremos falar. No entanto, quando tentamos captar por pensamento uma imagem total do conjunto dos produtos da imprensa até os dias de hoje, não se revela, essa imagem, como imensa construção, com apoios no mundo inteiro e na qual a humanidade trabalha sem descanso? Trata-se de uma figura cuja cabeça monstruosa se perde nas brumas profundas do futuro. É um formigueiro de inteligências. Uma colmeia à qual todas as imaginações — essas abelhas douradas — trazem o seu mel. Um edifício de mil andares. Num ponto ou noutro, desembocam em suas rampas as cavernas tenebrosas da ciência, que se entrecruzam em suas entranhas. Por toda a superfície desse edifício, a arte resplandece seus arabescos, rosáceas e rendados. Cada obra individual, por mais caprichosa e isolada que pareça, tem nele seu lugar e seu realce. A harmonia resulta do conjunto. Da catedral de Shakespeare à mesquita de Byron, mil torrezinhas ornamentais se atropelam em desordem nessa metrópole do pensamento universal. Em sua base, se reescreveram alguns antigos títulos da humanidade, que a arquitetura não havia registrado. À esquerda da entrada, incrustou-se o velho baixo-relevo em mármore branco de Homero, à direita, a Bíblia poliglota ergue suas sete cabeças. A hidra do *Romancero* se encrespa mais adiante, com algumas outras formas híbridas, os Vedas e os Nibelungos. Mas o prodigioso edifício permanece inacabado. A imprensa, essa máquina gigante que bombeia sem descanso toda a seiva intelectual da sociedade, vomita ininterruptamente novos materiais para a sua obra. O gênero humano inteiro comparece nos andaimes. Cada espírito é um pedreiro. Mesmo o mais humilde deles preenche a sua brecha ou coloca a sua pedra. Rétif de la Bretonne junta seu cesto de caliça. Diariamente um novo patamar se estabelece. Independentemente do acréscimo original e individual de cada escritor, há contingentes coletivos. O século XVIII traz a Enciclopédia, a Revolução acrescenta o Monitor. Com certeza trata-se ainda de uma construção que cresce e se amontoa em espirais intermináveis, apresentando também confusão de línguas, atividade incessante, trabalho infatigável, participação intensa da humanidade inteira, refúgio prometido à inteligência contra um novo dilúvio, contra uma submersão bárbara. É a

segunda torre de Babel do gênero humano.

LIVRO SEIS

1. Olhadela imparcial na antiga magistratura

Era um belíssimo personagem, no ano de graça de 1482, o nobre cavaleiro Robert d'Estouteville, sr. de Berne, barão d'Yvri e Saint-Andry en la Marche, conselheiro e camareiro do rei, respondendo pelo prebostado de Paris. Já há quase dezessete anos ele havia recebido do rei, em 7 de novembro de 1465 — o ano do cometa —,⁵⁸ esse belo cargo de preboste da cidade, com reputação de ser antes uma senhoria do que um ofício, *dignitas*, como disse Joannes Loemnoeus, *quae cum non exigua potestate politiam concernente, atque praerogativis multis et juribus conjuncta est*.⁵⁹ Era algo maravilhoso, em 1482, um fidalgo ser comissionado do rei com documentos de nomeação datando da época do casamento da filha natural de Luís XI com o sr. bastardo de Bourbon. No mesmo dia em que Robert d'Estouteville substituiu Jacques de Villiers à frente do prebostado de Paris, mestre Jean Dauvet substituiu o sr. Hélye de Thorrettes na primeira presidência do tribunal do Parlamento, Jean Jouvenel des Ursins suplantou Pierre de Morvilliers no ofício de chanceler da França e Regnault des Dormans deslocou Pierre Puy do cargo de mestre das petições ordinárias da residência do rei. No entanto, por quantas cabeças a presidência, a chancelaria e o almoxarifado real já não haviam passado, enquanto Robert d'Estouteville se mantinha preboste de Paris! E fora comissionado para *um mandato*, dizia a documentação oficial. É verdade que soube preservar tal incumbência. Agarrara-se, incorporara-se, identificara-se ao cargo. Tanto que conseguiu escapar do furor de mudanças que agitava Luís XI, um rei inquieto, implicante e trabalhador que procurava manter, com instituições e revogações frequentes, a elasticidade do seu poder. Mas não era só isso, pois o bravo cavaleiro obteve para o filho a manutenção do mandato, e já há dois anos o nome do nobre Jacques d'Estouteville, escudeiro, figurava ao lado do seu, no cabeçalho do registro ordinário do prebostado de Paris. Coisa deveras rara, e insigne favor! Mas Robert d'Estouteville foi sem dúvida bom soldado, havia lealmente erguido bandeira contra a *Liga do Bem Público* e oferecido à rainha um maravilhoso cervo confeitado, por ocasião da sua entrada em Paris, em 14... Tinha, além

de tudo, a boa amizade do sr. Tristan l’Hermite, preboste da guarda da residência real. Conseguira, então, suavíssima e agradável existência, o sr. Robert. Antes de tudo, contava com boa remuneração, à qual se vinculavam, pendentos como cachos adicionais em sua vinha, as rendas dos cartórios civil e criminal das ouvidorias de *Embas* do Châtelet, sem falar de pequenos pedágios nas pontes de Mantes e de Corbeil, assim como os lucros dos tributos sobre as “ervas e legumes amargos”, sobre o talhe de lenha e sobre o controle do sal, em Paris. Acrescente-se a isso o prazer de se exibir em cavalgadas pela cidade, deixando que sobressaíssem, sobre a veste bipartida vermelho e grená dos burgomestres e administradores de bairros, os belos adereços de guerra que podem ainda ser admirados na escultura sobre sua tumba, na abadia de Valmont, na Normandia, com o morrião apresentando as amassaduras de Montlhéry. Além do mais, seria pouca coisa ter poder de mando sobre a guarda milicianiana do prebostado, a portaria e a guarda do Châtelet, os dois auditores da fortaleza, *auditores Castelleti*, os dezesseis comissários dos dezesseis bairros, a carceragem do Châtelet, os quatro oficiais de feudos, os cento e vinte milicianos montados, os cento e vinte milicianos de vergasta, o cavaleiro da patrulha com toda a sua patrulha, subpatrulha, contrapatrulha e reserva-de-patrulha? E seria pouca coisa exercer alta e baixa justiça, controlar o direito de ir e vir, sem contar a jurisdição primária (*in prima instantia*), como dizem os documentos, sobre o viscondado de Paris, tão gloriosamente ornamentado com sete nobres circunscrições? Pode-se imaginar ocupação mais suave do que esta de prender e julgar, como fazia cotidianamente o sr. Robert d’Estouteville no Grande Châtelet, sob as vastas ogivas baixas de Filipe Augusto? E em seguida se retirar, como gostava de fazer toda noite, na graciosa casa da rua Galilée, na circunscrição do Palais-Royal, que lhe viera por dote da esposa, sra. Ambroise de Loré, para enfim descansar da fadiga de ter enviado algum pobre-diabo para passar a noite no “cubículo da rua de la Escorcherie, onde os prebostes e a magistratura de Paris mantinham prisão, contando a cela onze pés de comprimento, sete pés e quatro polegadas de largura e onze pés de altura”?⁶⁰

E não somente o sr. Robert d’Estouteville tinha sua justiça particular de preboste e visconde de Paris, mas também era parte atuante na grande justiça do rei, podendo assistir e influir. Não havia cabeça com algum poder que não

passasse por suas mãos antes de chegar às do carrasco. Foi ele que buscou na Bastilha Saint-Antoine e conduziu ao Halles o sr. de Nemours. E escoltou até a Grève o sr. de Saint-Pol, que gemia e se lamuriava — o que muito alegrou o sr. preboste, que não apreciava o sr. condestável.

Tudo isso, com certeza, já basta para tornar uma vida feliz e ilustre, assim como para merecer, um dia, uma página notável na interessante história dos prebostes de Paris, na qual se pode descobrir que Oudard de Villeneuve tinha moradia na rua des Boucheries, que Guillaume de Hangest comprou a grande e pequena Savoie, que Guillaume Thiboust deu às religiosas de Sainte-Geneviève suas casas da rua Clopin, que Hughes Aubriot habitava a residência do Porc-Épic, e outros fatos domésticos.

Apesar, então, de tantos motivos para levar a vida na calma e na alegria, o sr. d'Estouteville acordou, na manhã de 7 de janeiro de 1482, bastante desabrido e de massacrante humor. De onde viria esse estado de espírito? Ele próprio não saberia dizer. Só por estar feio o tempo? Pela fivela do seu velho boldrié de Montlhéry estar mal ajustada, dando uma impressão demasiadamente militar à postura de preboste? Por ter visto passar na rua, sob sua janela, um bando de quatro desocupados a gritar zombarias, de gibão sem camisa, chapéu de fundo aberto, sacola e garrafa ao lado? Seria por vagamente pressentir as 370 libras, dezesseis soldos e oito denários que o futuro rei Carlos VIII tiraria, no ano seguinte, dos recursos do prebostado? Que o leitor escolha o que preferir; quanto a nós, tendemos a acreditar que estava de mau humor simplesmente por estar de mau humor.

Aliás, o dia anterior fora de festa e isso sempre significa um dia seguinte ruim para todo mundo. Mais ainda para o magistrado encarregado de limpar a sujeira, tanto no sentido próprio quanto no figurado, que qualquer festejo em Paris inevitavelmente causa. Além disso, havia sessão no Châtelet e é fato notório que os juízes conseguem, em geral, fazer coincidir o dia de audiência com o seu dia de mau humor, para ter sempre em quem descarregar facilmente, em nome do rei, da lei e da justiça.

Mas a audiência tivera início sem a presença do preboste. Seus auxiliares no civil, no criminal e no particular faziam o necessário, seguindo a praxe e, desde as oito horas da manhã, algumas dezenas de burgueses e burguesas amontoados e empurrados para um canto escuro do auditório de *Embas* do Châtelet, entre uma forte barreira de carvalho e a parede, assistiam satisfeitos

ao variado e gratificante espetáculo da justiça civil e criminal, sob a judicatura bastante aleatória e atabalhoada de mestre Florian Barbedienne, auditor do Châtelet e auxiliar do sr. preboste.

A sala era pequena, baixa, abobadada. Via-se ao fundo uma mesa ornamentada com flores-de-lis, com uma grande poltrona esculpida em madeira de carvalho, reservada ao preboste, e um banco à esquerda, para o auditor, mestre Florian. Um pouco abaixo deles ficava o escrevão, que escrevinhava. À frente, o povo. Diante da porta e diante da mesa, havia um bom número de guardas do prebostado, com seus trajes roxos de *camelot* e grandes cruces brancas estampadas. Dois milicianos do Parlatório dos Burgueses, vestidos com suas jaquetas de Todos-os-Santos, bipartidas em vermelho e azul, faziam a guarda diante de uma porta baixa fechada, que se percebia ao fundo, atrás da mesa. Uma única janela em ogiva, estreitamente enquadrada na espessa parede, iluminava com apálida luz de janeiro duas grotescas figuras: o caprichoso demônio de pedra esculpido e incrustado no vértice do arco, e o juiz, sentado no fundo da sala, rodeado de flores-de-lis.

De fato, que se imagine o auditor do Châtelet à mesa prebostal. Entre dois amontoados de processos, apoiado nos cotovelos e pisando a barra da beca de pano marrom liso, mestre Florian Barbedienne tinha o rosto vermelho (em que as sobrancelhas pareciam se mover de forma independente) mergulhado numa lã branca de carneiro, semblante intratável, piscando muito os olhos, ostentando majestosamente gordas bochechas que se juntavam à papada.

O auditor, entretanto, era surdo. É um defeito sem gravidade num auditor. Mestre Florian julgava sem apelação e de forma muito congruente. Isso prova que, para um juiz, basta a impressão de ouvir, pois o venerável auditor, graças à própria surdez, podia preencher da melhor maneira a função mais essencial à boa justiça, uma vez que não tinha a atenção distraída por barulho algum.

E ele contava, naquela manhã, com um implacável controlador dos seus gestos e ações, ninguém menos do que o nosso amigo Jehan Frollo du Moulin, o pequeno estudante da véspera, o ocioso que se podia encontrar em qualquer lugar de Paris, exceto diante da cátedra dos professores.

— Veja só — disse Jehan baixinho a seu companheiro Robin Poussepain, que ria ao lado, com ele comentando as cenas ao redor —, é Jehanneton du Buisson! Aquela belezinha dos arredores do Marché-Neuf! Por minha alma!

O velho a está condenando! Não são só os ouvidos que faltam, também não enxerga. Quinze soldos e quatro denários por carregar dois rosários! É meio caro. *Lex duri carminis*.⁶¹ E quem é aquele ali? Robin Chief-de-Ville, fabricante de cotas e lorigões! Por ter passado nas provas e se tornado mestre nessa ocupação? É a taxa de entrada na profissão! Veja só! Dois fidalgos entre os pobres coitados! Aiglet de Soins e Hutin de Mailly, dois escudeiros, *corpus Christi*!⁶² Ah! Jogando dados. Quando veremos o nosso reitor por aqui? Cem libras parisis de multa a favor do rei! Barbedienne bate o martelo como surdo que é! Quero ser meu irmão arquidiácono se isso me fizer deixar de jogar, dia e noite. Viver no jogo, morrer no jogo e apostar minha alma, se tiver perdido a camisa! Santa Virgem, quantas moças! Venham a mim, ovelhinhas! Ambroise Lécuyère! Isabeau la Paynette! Bérarde Gironin! Conheço todas, por Deus! Multa para elas! Multa! Para que deixem de usar cintos dourados! Dez soldos parisis! Bandidas! Ah! O nariz do juiz, surdo e imbecil! Ah! Florian molengão! Ah! Barbedienne, ave do palude! Acha que está à mesa! Alimentase de demandas, de processos que ele come, mastiga, empanturra-se, enche a barriga. Multas, coimas, taxas, custos, despesas legais, salários, perdas e danos: geena, prisão, calabouço e cepo tarifados! Tudo isso para ele é iguaria de Natal, é maçapão de são João! Veja só, o porcalhão! E o que temos agora? Mais uma lânguida! Thibaud la Thibaude, nem mais nem menos! Por ter saído da rua Glatigny! E quem é o sujeito? Gieffroy Mabonne, miliciano besteiro. Praguejou em nome do Pai. Multa para Thibaude! Multa para Gieffroy! Multa para os dois! O velho surdo deve ter misturado os dois processos! Aposto dez contra um que está fazendo a moça pagar a imprecação e o policial o amor! Preste atenção, Robin Poussepain! O que estão trazendo? São guardas! Por Júpiter! Todos os galgos da matilha. Deve ser uma grande caçada. Um javali. E é mesmo, Robin! Dos graúdos! *Hercle*!⁶³ É o nosso príncipe de ontem, nosso papa dos bufos, o sineiro caolho, o corcunda careteiro! É Quasímodo!...

E era ele mesmo.

Quasímodo afivelado, cercado, amarrado, algemado e sob boa escolta. O esquadrão de guardas em volta vinha assistido pelo cavaleiro da vigilância em pessoa, trazendo em bordadura no peito as armas da França e, nas costas, as armas da cidade. Aliás, nada mais havia em Quasímodo, afora sua deformidade, que justificasse tantas alabardas e arcabuzes. Ele se mostrava

sombrio, silencioso e tranquilo. O olho único mal lançava, de vez em quando, um olhar dissimulado e raivoso para as correias que o prendiam.

Com o mesmo olhar, percorreu o ambiente em volta, mas de forma tão morna e dolente que as mulheres só o apontavam para rir.

Por um tempo, o auditor, mestre Florian, folheou com cuidado a queixa contra Quasímodo, apresentada pelo escrivão e, depois desse exame simples, pareceu se recolher por um instante. Graças à precaução que sempre tinha o cuidado de manter no momento de efetuar um interrogatório, ele antecipadamente sabia os nomes, as ocupações, os delitos do acusado, previa as réplicas para as respostas também previstas e conseguia se safar de todas as sinuosidades do interrogatório, sem externar demais a surdez. O dossiê do processo era para ele como o cão para o cego. Se porventura acontecesse de a deficiência se patentear num ou noutro momento por alguma palavra incoerente ou pergunta ininteligível, o deslize, para uns, passava como profundidade de espírito e, para outros, como imbecilidade. Nos dois casos, o brio da magistratura não sofria arranhão nenhum, pois mais vale um juiz com fama de imbecil ou profundo do que surdo. Florian cuidava, então, de dissimular a surdez aos olhos de todos e normalmente conseguia. A tal ponto que chegava a iludir a si mesmo. O que, na verdade, é mais fácil do que parece: todos os corcundas andam de cabeça erguida, os gagos peroram, os surdos sussurram. No caso em questão, nosso juiz achava no máximo ter os ouvidos meio rebeldes. Era a única concessão que fazia nesse sentido à opinião pública, em seus momentos de franqueza e exame de consciência.

Depois de bem ruminar o caso de Quasímodo, ele lançou a cabeça para trás e semicerrou os olhos, para um ganho de majestosa imparcialidade, apesar de, com isso, a cegueira se acrescentar à surdez. Mas é a dupla condição sem a qual ninguém pode ser um juiz perfeito. Nessa magistral atitude, começou o interrogatório.

— Seu nome?

O caso, porém, era um “não previsto pela lei”: o de um surdo interrogando outro surdo.

Quasímodo, a quem nada prevenira sobre a pergunta que lhe estava sendo feita, continuou a fixamente olhar o juiz, sem responder. Este último, surdo a quem nada prevenira sobre a surdez do acusado, achou ter obtido resposta, pois em geral todos os acusados respondem, e continuou com uma

autossuficiência mecânica e estúpida.

— Muito bem, sua idade?

Quasímodo também não respondeu a pergunta, que o juiz considerou satisfeita e prosseguiu.

— Ocupação?

Ainda o mesmo silêncio. O público, no entanto, começava a cochichar e a trocar olhares.

— Basta! — voltou o imperturbável auditor, supondo que o acusado havia dado a terceira resposta. — O senhor está sendo acusado, neste tribunal: *primo*, de perturbação noturna; *secondo*, de vias de fato desonestas contra uma mulher louca, *in praejudicium meretricis*;⁶⁴ *tertio*, de rebelião e deslealdade contra os arqueiros da ordenança do rei, nosso *sire*. Explique-se quanto a esses pontos. Escrevão, transcreveu o que o acusado disse até o presente?

Diante do despropósito da pergunta, uma gargalhada geral se levantou da tribuna à plateia, tão violenta, tão louca, tão contagiosa, tão universal que nem os dois surdos deixaram de perceber. Quasímodo se virou, erguendo a corcunda com desdém, enquanto mestre Florian, igualmente surpreso e achando que o riso dos ouvintes havia sido provocado por alguma réplica irreverente do acusado, dedutível pelo balanço dos ombros, o interpelou indignado.

— Sua resposta, indivíduo, já o faria merecer a corda! Sabe com quem está falando?

A observação não foi das melhores para interromper a explosão de hilaridade geral. Pareceu a todos tão heteróclita e despropositada que a gargalhada tomou conta inclusive dos guardas do Parlatório dos Burgueses, que eram como valetes de espadas, apresentando uniformidade na estupidez. Apenas Quasímodo se manteve sério, pela boa razão de nada compreender do que se passava ao redor. O juiz, cada vez mais irritado, achou ser preciso manter o mesmo tom, esperando com isso abalar o acusado com um terror que influenciaria o público e traria de volta o respeito.

— É preciso então que saiba, mestre em perversão e rapina, que se deu ao desplante de afrontar o auditor do Châtelet, o magistrado encarregado da justiça popular de Paris e de dar caça aos crimes, delitos e más ações, controlando todas as profissões e proibindo o monopólio. Incumbido também

de cuidar da pavimentação, de impedir o comércio fraudulento de aves galináceas e outras, aquáticas e silvestres, de mandar medir a lenha e outros tipos de lenho, de limpar a cidade das lamas e o ar das doenças contagiosas, ou seja, para resumir, alguém que continuamente trabalha em proveito do público. E sem benefícios nem esperanças de salário! Por acaso sabe que me chamo Florian Barbedienne, digno lugar-tenente do sr. preboste e, além disso, comissário, inquisidor, controlador e examinador com igual poder no prebostado, na circunscrição administrativa, na conservação e no presídio?...

Um surdo que fala a outro surdo não tem por que parar. Só Deus sabe onde e quando mestre Florian, assim lançado com todo ímpeto na alta eloquência, teria aterrissado, se a porta baixa do fundo não se tivesse de repente aberto, dando passagem ao sr. preboste em pessoa.

Mestre Florian não se deixou abalar e, dando meia-volta e dirigindo bruscamente ao preboste a arenga com que fulminava Quasímodo no momento anterior:

— Senhor — disse —, solicito a pena que lhe aprouver contra o acusado, aqui presente, por grave e mirífica falta diante da justiça.

E se sentou resfolegante, enxugando grossas gotas de suor que caíam da testa e encharcavam como se fossem lágrimas os pergaminhos abertos à frente dele. O sr. Robert d'Estouteville franziu o cenho e exprimiu, contra Quasímodo, um gesto tão imperioso e significativo que o surdo vagamente compreendeu.

O preboste lhe dirigiu a palavra de forma severa:

— O que andou fazendo para aqui se encontrar, patife?

O pobre-diabo, achando que o preboste perguntava o seu nome, rompeu o silêncio que normalmente guardava e respondeu com voz rouca e gutural:

— Quasímodo.

A resposta coincidia tão pouco com a pergunta que risadas desenfreadas voltaram a explodir e o sr. Robert exclamou, rubro de cólera:

— Zomba também de mim, criminoso recalcitrante?

— Sineiro de Notre Dame — respondeu Quasímodo, achando se tratar de explicar ao juiz quem ele era.

— Sineiro! — repetiu o preboste, que tinha acordado naquela manhã de péssimo humor, como já foi dito, e não precisava daquelas respostas estranhas para se enfurecer. — Sineiro! Vou imprimir nas suas costas um

carrilhão de vergastas nas esquinas de Paris. Ouviu bem, velhaco?

— Se for a minha idade que está querendo saber — disse Quasímodo —, acho que farei vinte anos no dia de são Martinho.

Isso realmente passava dos limites, o preboste não se controlava mais.

— Ah! O miserável zomba do prebostado! Srs. guardas de chibata, levem o trocista ao pelourinho da Grève, que sofra o castigo por uma hora. Ele vai pagar, nome de Deus! E quero que se apregoe o presente julgamento, com assistência de quatro trompetes juramentados, nas sete castelánias do viscondado de Paris.

O escrivão se pôs incontinenti a redigir o julgamento.

— Pela barriga de Deus! Isso é que é julgamento! — exclamou por sua vez o estudante Jehan Frollo du Moulin.

O preboste se virou e fixou de novo em Quasímodo olhos fulminantes.

— Acho que o pelintra disse *pela barriga de Deus*! Escrivão, acrescente doze denários parisis de multa por praguejamento e a administração de Saint-Eustache ficará com a metade. Tenho particular devoção por são Eustáquio.

Em poucos minutos, o julgamento foi assentado. O teor era simples e breve. Os costumes do prebostado e viscondado de Paris não tinham ainda sido elaborados pelo presidente de tribunal, Thibaut Baillet, e pelo advogado do rei, Roger Barmne. Não estavam ainda obstruídos por essa alta cortina de obstáculos e circunlóquios que esses dois jurisconsultos acrescentaram no início do século XVI. Tudo era claro, expeditivo, explícito. Ia-se direto à meta e imediatamente se percebia, atrás de cada meandro, sem disfarces, o suplício da roda, o cepo, o pelourinho. Pelo menos o réu sabia o que o esperava.

O escrivão apresentou a sentença ao preboste, que estampou o seu sinete e saiu para dar continuidade à visita pelos auditórios, num estado de espírito que deve ter levado, naquele dia, muitos infelizes aos calabouços de Paris. Jehan Frollo e Robin Poussepain riam à socapa. Quasímodo olhava tudo em volta com indiferença e espanto.

O escrivão, entretanto, no momento em que mestre Florian Barbedienne lia por sua vez o julgamento, para assinar, se comoveu e teve pena do pobre-diabo condenado. Esperando obter alguma diminuição do castigo, se aproximou o máximo que pôde do ouvido do auditor e disse, apontando para Quasímodo:

— Esse homem é surdo.

Achou que a enfermidade comum despertasse a sensibilidade de mestre Florian de modo favorável ao condenado. Porém, como já observamos, mestre Florian não se preocupava muito com o fato de que percebessem a surdez que o afligia. Além disso, na verdade ouvia tão mal que nada entendeu do que disse o escrivão, mas quis dar a impressão do contrário e respondeu:

— Ah! Isso muda as coisas. Não sabia. Nesse caso, uma hora de pelourinho a mais.

E assinou a sentença assim modificada.

— Bem-feito — disse Robin Poussepain, que guardara algum rancor de Quasímodo. — Vai aprender a não empurrar as pessoas daquele modo.

58. Esse cometa, contra o qual o papa Calixto, tio dos Bórgias, ordenou rezas públicas, é o mesmo que ressurgiu em 1835. (Nota do autor)

59. “Dignidade à qual estão vinculados um poder com poucos limites no que concerne ao policiamento e múltiplos direitos e prerrogativas”, em latim no original.

60. Dados da administração, 1383. (Nota do autor)

61. “A lei é dura em seu libelo”, em latim no original.

62. “Pelo corpo de Cristo!”, em latim no original.

63. “Por Hércules!”, em latim no original.

64. “Em prejuízo de uma prostituta”, em latim no original.

2. O Buraco dos Ratos

Que o leitor aceite que o levemos até a praça da Grève, que ontem deixamos com Gringoire, para seguir Esmeralda. São dez horas da manhã. Tudo ali faz lembrar a festa do dia anterior. O piso está coberto de resquícios, de fitas, panos, restos de penachos, gotas de cera de archotes, migalhas da comilança pública. Alguns burgueses *flanam*, como se diz, aqui e ali, remexendo com os pés os carvões apagados da fogueira, se extasiando diante da casa dos Pilares, pela lembrança das belas tapeçarias da véspera, mas olhando agora apenas os pregos da armação, último deleite. Vendedores de cidra e de cerveja rolam seus tonéis passando-os de grupo em grupo. Alguns transeuntes mais apressados seguem de um lado para outro. Comerciantes conversam e trocam cumprimentos nas portas de suas lojas. A festa, os embaixadores, Coppenole, o papa dos bufos estão em todas as bocas. Cada um quer falar mais do que o outro e provocar risadas. Entretanto, quatro guardas a cavalo se postaram nos quatro cantos do cadafalso e concentraram, com isso, boa parte da atenção do *popular* espalhado na praça, resignado à imobilidade e ao tédio na esperança de alguma execução.

Se agora o leitor, depois de contemplar essa cena viva e agitada que se desenrola em todos os pontos da praça, lançar seu olhar na direção da antiga construção meio gótica, meio românica, da torre Roland, na ponta do cais, ao poente, poderá notar no ângulo da fachada um breviário público de bom tamanho e com ricas iluminuras, protegido da chuva por um pequeno anteparo, e dos ladrões por uma grade que, no entanto, permite que o folheiem. Ao lado desse breviário vê-se uma estreita lucarna ogival, fechada por duas barras de ferro em cruz, dando para a praça, única abertura a deixar que entre um pouco de ar e claridade na pequena cela sem porta do andar térreo, escavada na própria parede da velha construção, repleta de paz ainda mais profunda e silêncio ainda mais triste, uma vez que se encontra na mais povoada e tumultuosa praça pública de Paris, efervescente e ruidosa.



Era célebre na cidade, aquela cela.

Era célebre na cidade aquela cela, pois há quase três séculos a sra. Rolande de la Tour-Roland, em luto por seu pai morto na cruzada, a mandara abrir na própria casa, ali se trancando para sempre, guardando do palácio apenas aquele cômodo de porta murada e lucarna aberta, inverno e verão, dando todo o restante do que tinha aos pobres e a Deus. A desolada donzela, é verdade, por vinte anos esperou a morte naquela antecipação de tumba, rezando noite e dia pela alma do pai, deitando-se nas cinzas, sem sequer uma pedra a servir de travesseiro, vestindo um saco preto e vivendo do que a piedade dos transeuntes deixasse de pão e água à beira da lucarna. Vivia, então, da caridade, depois de tê-la prodigado. Quando morreu, no momento de passar para o outro sepulcro, aquele primeiro foi legado às mulheres aflitas

— mães, viúvas ou moças — desejosas de se enterrar vivas, em grande dor ou grande penitência. Os pobres daquele tempo garantiram à sra. Rolande belo funeral, com lágrimas e bênçãos, mas, lastimavelmente, não obtiveram a santa canonização da piedosa senhora, que não gozava de proteções suficientes. Alguns mais ímpios esperaram que a coisa se fizesse no Paraíso, de maneira mais fácil do que em Roma, e simplesmente rezaram a Deus pela defunta, à falta do papa. A maior parte deles se contentou em guardar a memória de Rolande como santa, e trapos que recolheram como relíquias. A cidade, por sua vez, para homenageá-la, inaugurou o breviário público, trancado junto à lucarna da cela, para que os passantes eventualmente parassem, nem que fosse para rezar, e que a reza induzisse à lembrança da caridade. Dessa forma, as pobres reclusas, herdeiras do túmulo de dama Rolande, também não morreriam de fome, no esquecimento.

Aliás, não eram assim tão raras, nas cidades da Idade Média, essas espécies de tumbas. Frequentemente se encontravam, numa rua das mais movimentadas, na feira mais colorida e barulhenta, bem no meio, sob as patas dos cavalos, sob as rodas das carroças por assim dizer, um subsolo, um poço, um casebre murado e gradeado, no fundo do qual dia e noite rezava um ser humano, que voluntariamente se impusera algum lamento eterno, alguma grande expiação. E todas as reflexões que, hoje em dia, esse estranho espetáculo porventura provoque com aquela horrível cela — espécie de elo intermediário entre a casa e o túmulo, entre o cemitério e a cidade, com um ser vivo afastado da comunidade humana e contabilizado entre os mortos, lamparina consumindo sua última gota de óleo à sombra, resto de vida vacilante num fosso, esse sopro, voz, oração eterna numa caixa de pedra, face para sempre voltada para o além, olho já iluminado por outro sol, orelha colada à parede da tumba, alma prisioneira num corpo, corpo prisioneiro num calabouço, zumbido de uma alma sofredora, sob o duplo invólucro de carne e de granito —, na época não eram sequer concebidas pelo povaréu. A piedade pouco racional e pouco sutil daquele tempo não via tantas facetas num ato de religião. Tomava a coisa num só bloco e homenageava, venerava, se preciso fosse santificava o sacrifício, mas sem analisar os sofrimentos, apiedando-se muito pouco. Levava de vez em quando a ração diária ao miserável penitente, olhava pelo buraco para ver se continuava vivo, ignorava o seu nome, mas sabia há quantos anos começara a morrer e, ao forasteiro que perguntasse

sobre o esqueleto vivo que apodrecia naquela cela, os vizinhos respondiam simplesmente, fosse um homem: “é um recluso”; fosse uma mulher: “é uma reclusa”.

É como tudo era visto, naquela época: sem metafísica, sem exagero, sem lente de aumento, a olho nu. Não haviam ainda inventado o microscópio, nem para as coisas da matéria nem para as coisas do espírito.

Apesar de despertarem sempre pouco fascínio, os exemplos desse tipo de claustro em plena cidade, como dissemos, eram frequentes. Havia, em Paris, boa quantidade de celas do mesmo tipo, de oração a Deus e penitência, quase todas ocupadas. É verdade que o clero procurava não deixá-las vazias, pois seria sinal de pouco fervor por parte dos fiéis e, à falta de penitentes, colocavam-se leprosos. Além daquela pequena cela da Grève, havia uma em Montfaucon, outra no cemitério dos Innocents e outra ainda não sei mais onde, em Clichon, acho. E muitas mais em muitos outros lugares, com marcas que ficaram nas tradições, quando não nos monumentos. A Universidade também tinha a sua. No monte Sainte-Geneviève, uma espécie de Jó medieval cantou por trinta anos os sete salmos da penitência numa estrumeira, no fundo de uma cisterna, recomeçando sempre que acabava, salmodiando mais alto durante a noite, *magna voce per umbras*,⁶⁵ e ainda hoje diz-se que quem entra na rua du Puits-qui-parle ouve sua voz.

Voltando à cela da torre Roland, devemos dizer que nela nunca faltaram reclusas. Depois da morte de dama Rolande, o cubículo raramente ficou um ou dois anos vazio. Inúmeras mulheres se retiraram ali para, até morrer, chorar parentes, amantes, pecados. A malícia parisiense, que se infiltra em todos os assuntos, sobretudo naqueles que não lhe dizem respeito, reparava ter havido poucas viúvas.

Segundo a moda da época, uma lenda latina, inscrita na parede, indicava ao transeunte letrado a vocação piedosa da cela. Tal uso se conservou até a metade do século XVI, esse de explicar um edifício por uma breve divisa acima da porta. Por isso ainda se pode ler, em cima do guichê da prisão da residência senhorial de Tourville: *Sileto et spera*. Na Irlanda, sob o brasão que domina o portão do castelo de Fortescue, lê-se *Forte scutum, salus ducum*. Na Inglaterra, na entrada principal do alcácer hospitaleiro dos condes Cowper: *Tuum est*. E isso porque, até então, cada edifício era um pensamento.⁶⁶

Não havendo porta na cela da torre Roland, tinham sido gravadas com letras grandes românicas, acima da janela, essas duas palavras: tu, ora.⁶⁷

O que fez com que o povo — cujo bom senso não enxerga tanta fineza nas coisas e traduz de bom grado *Ludovico Magno* como “porta são Dênis” —⁶⁸ desse àquele antro escuro, triste e úmido, o nome de *Buraco dos Ratos*. O que pode até ser uma explicação menos sublime, mas, em contrapartida, é mais pitoresca.

65. “Com poderosa voz entre as sombras” (Virgílio, *Eneida*, VI, 618-619), em latim no original.

66. Respectivamente “Cale-se e espere”, “Forte escudo, salvação dos duques” e “É seu”, em latim no original.

67. “Você, reze”, em latim no original.

68. Em latim no original, “Para Luís o Grande”.

3. História de um bolo com fermento de milho

À época em que se passa essa história, a cela da torre Roland estava ocupada. Se o leitor quiser saber por quem, basta que ouça a conversa de três felizes comadres que, no momento em que chamamos a atenção para o Buraco dos Ratos, se dirigiam precisamente nessa direção, indo do Châtelet à Grève, pela beira do rio.

Duas delas estavam vestidas como boas burguesas de Paris. A fina *gorgerette* branca, a saia de *tiretaine* riscada de vermelho e azul, as meias brancas de tricô, com *coins* coloridos em bordadura, bem esticadas nas pernas, os sapatos quadrados de couro pardo e solas pretas, mas, principalmente, o chapéu, uma forma cônica brilhosa, sobrecarregada de fitas e rendas que as mulheres da Champagne ainda usam, concorrendo com os granadeiros da guarda imperial russa, tudo deixava claro pertencerem à classe de ricas comerciantes, precisamente situada entre o que os criados denominam *uma mulher* e *uma dama*. Não usavam anéis nem cruz de ouro, e podia-se notar não ser por pobreza, mas muito simplesmente por medo da multa. A terceira estava mais ou menos vestida da mesma maneira, mas havia no conjunto e nos seus modos algo que indicava provavelmente se tratar da esposa de um tabelião de província. Pela maneira como o cinto subia acima dos quadris, por exemplo, adivinhava-se que não estava há muito tempo em Paris. Acrescentem-se a *gorgerette* plissada, os nós de fitas nos sapatos, as riscas da saia serem horizontais e não verticais e mil outros detalhes que ofendiam o bom gosto.

As duas primeiras caminhavam com aquelas passadas particulares das parisienses que mostram Paris às provincianas. E a provinciana segurava pelo braço um menino desengonçado, que por sua vez segurava um bolo de bom tamanho.

Constrange-nos acrescentar ainda que, no rigor daquela estação do ano, o menino usava a língua como lenço. E era arrastado *non passibus aequis*,⁶⁹ como diz Virgílio, tropeçando com frequência, para grande desespero da mãe. É bem verdade que dava mais atenção ao bolo do que ao chão em que

pisava. Sem dúvida algum grave motivo o impedia de mordê-lo (ao bolo), pois ele se contentava com a simples observação amorosa, mas de tal modo que a mãe teve que também carregar o bolo. Era um suplício fazer da bochechuda criança um Tântalo.

As três *damoiselles* (pois “dama” era reservado à nobreza) falavam ao mesmo tempo.

— Vamos, *damoiselle* Mahiette — dizia à interiorana a mais moça das três, que era também a mais gorda. — Temo que cheguemos tarde demais. Disseram, no Châtelet, que ele seria imediatamente levado ao pelourinho.

— Ora! O que está dizendo, *damoiselle* Oudarde Musnier? — interpôs-se a outra parisiense. — Ele vai estar por duas horas no pelourinho. Temos tempo. Já viu *pelourinhar*, querida Mahiette?

— Já — respondeu a provinciana. — Em Reims.

— Ora! E como é esse seu pelourinho de Reims? Uma jaula sem graça onde são supliciados camponeses. Grandes coisas!

— Apenas camponeses? — ripostou Mahiette. — No Marché-aux-Draps de Reims? Tivemos belíssimos criminosos, que haviam matado pai e mãe! Camponeses! O que acha que somos, Gervaise?

A provinciana estava realmente a ponto de se zangar, pela honra do seu pelourinho. Felizmente a discreta *damoiselle* Oudarde Musnier mudou rapidamente de assunto.

— Aliás, *damoiselle* Mahiette, o que achou dos nossos embaixadores flamengos? Já viu tão bonitos em Reims?

— Devo admitir — respondeu Mahiette — que somente em Paris se veem flamengos assim.

— Notou na embaixada aquele grande embaixador que fabrica meias? — perguntou Oudarde.

— Notei — confirmou Mahiette. — Mais parecia um Saturno.

— E aquele gordo com uma cara igual a uma barriga nua? — perguntou Gervaise. — E um outro, pequeno, com os olhinhos em pálpebras vermelhas irrequietas e espevitadas como a ponta de um cardo ao vento?

— Os cavalos é que eram muito bonitos — disse Oudarde. — Vestidos à moda do país deles!

— Ah, querida! — interrompeu a provinciana Mahiette, aproveitando a

oportunidade de assumir, por sua vez, um ar superior. — E o que diria então se houvesse visto há dezoito anos, em 61, na coroação em Reims, os cavalos dos príncipes e da companhia do rei! Gualdrapas e jaezes de todo tipo. Uns em tecidos de Damasco, ou fino algodão de ouro e adornos com martas zibelinas, outros de veludo e caudas de arminho. E outros repletos de ourivesaria e campanas grandes de ouro e prata! Quanta finança tudo aquilo não custou! E as belas crianças a servirem de pajens montados!

— De qualquer forma — retrucou de maneira seca a sra. Oudarde — os flamengos têm cavalos muito bonitos e magnificamente se regalaram na residência do sr. preboste dos comerciantes, no Hôtel de Ville, onde foram servidos confeitos de amêndoa, hipocraz, especiarias e outras singularidades.

— O que está dizendo, vizinha? — exclamou Gervaise. — Foi na casa do sr. cardeal, no Petit-Bourbon, que os flamengos se regalaram.

— Nada disso, foi no Hôtel de Ville!

— Está errada. No Petit-Bourbon!

— Tanto foi no Hôtel de Ville — retomou Oudarde de maneira ácida — que o doutor Scourable fez uma arenga em latim, com que todos ficaram muito satisfeitos. Foi meu marido, que é livreiro-juramentado, que me disse.

— Pois tanto foi no Petit-Bourbon — respondeu Gervaise não menos ardentemente — que posso detalhar o que apresentou o procurador do sr. cardeal: doze duplos quartos de hipocraz branco, clarete e tinto, vinte e quatro caixas de maçapão duplo de Lyon, igual número de archotes de duas libras cada e seis tonéis de vinho da Beaune, branco e clarete, do melhor que se possa encontrar. Só espero que tudo isso seja positivo. Soube por meu marido, que é oficial de milícia no Parlatório dos Burgueses e comparava, hoje de manhã, os embaixadores flamengos com os do padre João e os do imperador da Trebizonda, que vieram da Mesopotâmia a Paris à época do último rei e tinham brincos nas orelhas.

— Tanto é verdade que se regalaram no Hôtel de Ville — replicou Oudarde, pouco impressionada com o que a amiga dizia — que nunca se viu semelhante triunfo de carnes e confeitos de amêndoas.

— Pois garanto que foram servidos por Le Sec, oficial da cidade, no palacete do Petit-Bourbon! É onde você se engana.

— No Hôtel de Ville, garanto!

— No Petit-Bourbon, querida! Tanto que iluminaram com vidros mágicos

a palavra *Espérance* escrita no portão principal.

— No Hôtel de Ville! No Hôtel de Ville! Inclusive Husson le Voir tocava flauta!

— Garanto que não!

— Garanto que sim!

— Garanto que não!

A boa e gorda Oudarde se preparava para nova réplica e a discussão talvez chegasse às vias de fato, se Mahiette não exclamasse de repente:

— Vejam as pessoas que se juntaram ali, ao final da ponte! Há no meio algo que todos olham.

— Na verdade — disse Gervaise — estou ouvindo um pandeiro. Deve ser a pequena Smeralda que faz cabriolas com sua cabra. Rápido, Mahiette! Aperte o passo e puxe o filho. Estão aqui para conhecer as curiosidades de Paris. Já viram ontem os flamengos, precisam ver hoje a egípcia.

— Egípcia! — exclamou Mahiette, parando bruscamente e apertando com força o braço do menino. — Deus me livre! Vai roubar meu filho! Vamos sair daqui, Eustache!

Pôs-se a correr pelo cais na direção da Grève, até deixar a ponte bem distante para trás. Aconteceu que o menino que ela puxava acabou caindo no chão de joelhos. Ela parou sem fôlego. Oudarde e Gervaise chegaram até onde eles estavam.

— A egípcia, roubar seu filho? — espantava-se Gervaise. — É uma ideia bem estranha.

Mahiette balançava a cabeça, pensativa.

— O que é estranho — observou Oudarde — é que a *sachette* tem a mesma ideia a respeito das egípcias.

— E o que é a *sachette*? — quis saber Mahiette.

— Ora! — respondeu Oudarde. — A irmã Gudule.

— E quem é — voltou Mahiette — a irmã Gudule?

— Só podia mesmo ser de Reims para não saber isso! — respondeu Oudarde. — É a reclusa do Buraco dos Ratos.

— Como assim? — estranhou Mahiette. — A pobre mulher para quem estamos levando esse bolo?

Oudarde confirmou com a cabeça.

— Exatamente. Vai vê-la daqui a pouco na sua lucarna que dá para a Grève. Ela tem a mesma ideia feita que a senhora sobre esses errantes do Egito que tamborinam e leem a sorte para as pessoas. Não sei de onde vem o horror dela pelos *zingari* e egípcios. Mas você, Mahiette, por que correr tanto, só de vê-los?

— Ah! — disse Mahiette, segurando com as duas mãos a cabeça do filho.
— Não quero que aconteça comigo o que aconteceu com Paquette la Chantefleurie.

— Ah! Não pode deixar de nos contar essa história, boa Mahiette — disse Gervaise, pegando-a pelo braço.

— Conto sim — respondeu Mahiette —, mas precisam realmente viver nessa Paris de vocês para não saber disso! Vou contar, então, mas não precisamos ficar aqui paradas. Paquette la Chantefleurie era uma bonita moça de dezoito anos, como eu à mesma época, isto é, há dezoito anos, sendo culpa dela própria não ser hoje, como eu, uma bem nutrida e satisfeita mãe de 36 anos, com um marido e um filho. Aliás, já aos quatorze anos ela não poderia mais! Era, em todo caso, filha de Guybertaut, menestrel a bordo de embarcações em Reims, o mesmo que cantou para Carlos VII, quando ele foi coroado rei e desceu o nosso rio de Vesle, de Sillery até Muison, tendo inclusive a sra. Donzela a bordo. Quando o velho pai morreu, Paquette era ainda bem pequena e restou então apenas a mãe, irmã do sr. Mathieu Pradon, mestre caldeireiro em Paris, à rua Parin-Garlin, e que morreu no ano passado. Como podem ver, era moça de família. A mãe era boa mulher e, infelizmente, nada ensinou a Paquette senão um pouco de passamanaria e fabricação de bibelôs, o que não a impediu de crescer normalmente muito forte e de continuar muito pobre. Residiram ambas em Reims, junto ao rio, na rua de Folle-Peine. Notem o seguinte, pois acho que foi o que desgraçou Paquette. Em 61, ano da coroação de nosso rei Luís XI, que Deus o tenha, Paquette era tão alegre e bonita que todo mundo a chamava Chantefleurie. Pobrezinha! Tinha belos dentes e gostava de rir para exhibi-los. E moça que gosta de rir logo se põe a chorar, os belos dentes levam à perdição os belos olhos. Assim, então, era a Chantefleurie. Ela e a mãe ganhavam duramente a vida. Haviam decaído muito, desde a morte do menestrel. A passamanaria não lhes dava mais do que seis denários por semana, o que não chega a duas moedas de cobre. Longe estava o tempo em que o pai Guybertaut ganhava doze soldos

parisis numa única coroação, com uma canção. No inverno, naquele mesmo ano de 61, com as duas sem ter lenha nem brasa, o frio intenso imprimiu cores tão vivas no rosto de Chantefleurie que os homens começaram a se interessar por ela. Muitos inclusive a chamavam Pâquerette! E ela se perdeu.

Mahiette interrompeu o que contava:

— Eustache! Eu que o veja morder esse bolo!

E emendou:

— Imediatamente percebemos que tinha se perdido, certo domingo, quando foi à igreja com uma cruz de ouro no pescoço. Aos quatorze anos, podem imaginar coisa assim? O primeiro foi o jovem visconde de Cormontreuil, que tem seu campanário a três quartos de légua de Reims. Depois o sr. Henri de Triancourt, mensageiro montado do rei. Em seguida, decaindo, Chiart de Beaulion, mestre de cerimônias. Descendo cada vez mais, Guery Aubergeon, que servia à mesa do rei; e então Macé de Frépus, barbeiro do sr. delfim; daí Thévenin le Moine, cozinheiro do rei. Entregou-se a homens cada vez menos jovens e menos nobres como Guillaume Racine, menestrel sanfoneiro, e Thierry de Mer, fabricante de lampiões. Depois disso, a pobre Chantefleurie foi de todos. Chegou ao último denário da sua moeda de ouro. O que posso dizer, minhas amigas? Na coroação, naquele mesmo ano de 61, foi quem fez a cama do rei dos libidinosos! No mesmo ano!

Mahiette suspirou e enxugou uma lágrima que descia dos olhos.

— A história nada tem de tão extraordinária — achou Gervaise. — E não vi nisso tudo egípcios nem crianças.

— Paciência! — retomou Mahiette. — Já verá uma criança. Em 66, há dezesseis anos, que se completarão este mês mesmo, no dia de santa Paula, Paquette deu à luz uma menina. Pobrezinha! Foi uma alegria imensa! Há muito tempo ela queria um filho. A mãe, a boa mulher que aceitara fechar os olhos a tudo aquilo, havia morrido. Paquette não tinha mais a quem amar no mundo e nem quem a amasse. Já há cinco anos se perdera; era uma pobre criatura a Chantefleurie. Estava só, só nessa vida, apontada pelas pessoas na rua, insultada, batida pelos guardas; meninos esfarrapados zombavam dela. Além disso, chegara aos vinte anos e os vinte anos são a velhice para as mulheres do amor. A farra começava a não render mais do que os bibelôs de antigamente. A cada ruga que ganhava perdia um trocado. O inverno voltou a ser duro, a lenha rareou, assim como o pão no guarda-comida. Não conseguia

mais trabalhar, pois se entregando à volúpia, ficara preguiçosa, e sofria muito mais, pois se tornando preguiçosa, ficara voluptuosa. Pelo menos é como o sr. cura de Saint-Remy explica por que mulheres assim têm mais frio e mais fome do que outras miseráveis, quando envelhecem.

— Pode ser — observou Gervaise. — E os egípcios?

— Espere um pouco, Gervaise! — disse Oudarde, que era menos impaciente. — O que haveria no final, se tudo fosse dito logo no início? Continue, Mahiette, por favor. Pobre Chantefleurie!

Mahiette continuou.

— Ela vivia, então, bem triste, bem miserável, com as faces escavadas de lágrimas. Mesmo na vergonha, na loucura e no abandono, ela achou que estaria menos envergonhada, menos louca e menos abandonada se tivesse algo no mundo, ou alguém, que pudesse amar e que a amasse. Precisaria ser uma criança, pois só uma criança é inocente a tal ponto. Percebera essa verdade depois de tentar amar um ladrão, o único homem capaz de querê-la, mas no final de certo tempo, se deu conta de que também o ladrão a desprezava. As mulheres do amor precisam de um amante ou de uma criança que lhes preencham o coração. Sem isso, se sentem muito infelizes. Não podendo ter um apaixonado, ela se concentrou inteira no desejo por um filho e, como não tinha abandonado a religião, fez sua oração de sempre a Deus. Deus apiedou-se e deu a ela uma filhinha. Foi uma alegria indescritível. Uma torrente de lágrimas, de carinhos e beijos. Amamentou ela mesma a criança, fez fraldas a partir do lençol, o único que tinha na cama, e nem por isso sentiu mais frio ou fome. Voltou a ficar bonita. Moça envelhecida, jovem mãe. O interesse por ela voltou, Chantefleurie voltou a ser procurada, havendo compradores para o que vendia e todo o horror da sua vida ela transformou em roupinhas, touquinhas e babadores de cetim, sem sequer pensar em comprar um cobertor.

Interrompeu-se:

— Sr. Eustache, já avisei que não coma esse bolo.

E voltou:

— Certo é que a pequena Agnès, pois era este o nome da criança, nome de batismo, pois nome de família há muito tempo Chantefleurie não tinha mais, certo é que a pequerrucha vivia mais agasalhada e embrulhada com fitinhas e bordados do que uma delfina do Delfinado! E tinha, entre outros pertences,

um par de sapatinhos! Provavelmente o rei Luís XI não teve nenhum parecido! A mãe os havia costurado e bordado ela própria, com todas as finezas de passamanaria de um vestido da Virgem. Eram certamente os dois sapatinhos rosa mais bonitos que alguém possa imaginar. Tinham no máximo o comprimento do meu polegar e era preciso ver sair os pezinhos da criança para acreditar que pudessem ter entrado ali. É bem verdade que os tais pezinhos eram tão pequeninhos, tão bonitinhos, tão rosados! Mais rosados do que o cetim dos sapatinhos!

Interrompendo-se mais uma vez:

— Quando tiver um filho, Oudarde, verá que nada é mais bonito do que os pezinhos e as mãozinhas.

— É tudo que peço — exclamou Oudarde, com um suspiro. — Mas espero também igual aspiração do sr. Andry Musnier.

— Aliás, voltou Mahiette, não eram só os pés que eram bonitinhos, na filha de Paquette. Vi-a quando tinha apenas quatro meses. Era um amorzinho! Os olhos eram maiores do que a boca. E lindos cabelos pretos fininhos, já cacheados. Que bela morena seria, aos dezesseis anos! A mãe a cada dia mais perdia a cabeça pela filha. Fazia carinhos e cócegas, beijava, lavava, enfeitava, dava-lhe mordidinhas! Estava louca pela criança e agradecia a Deus. Os pezinhos cor-de-rosa, sobretudo, causavam um encanto sem fim, um delírio de felicidade! Estava o tempo todo com os lábios colados neles, sem poder acreditar no quanto eram pequeninhos. Colocava-os nos sapatinhos, retirava, admirava, se encantava, olhava a contraluz, se comovia ao tentar fazê-los caminhar em cima da cama e de bom grado passaria a vida de joelhos, calçando e descalçando os pezinhos, como se fossem os do Menino Jesus.

— O conto todo é muito bonito — disse a meia-voz Gervaise —, mas e o Egito nisso tudo?

— Já verá — replicou Mahiette. — Chegaram um dia a Reims uns cavaleiros bem diferentes. Eram vagabundos e mequetrefes que perambulam por todo o país, dirigidos por seu duque e seus condes. A pele deles era morena, os cabelos crespos e usavam anéis prateados nas orelhas. As mulheres pareciam ainda mais feias do que os homens. Tinham o rosto escuro e sempre descoberto, blusas sujas no corpo, um pano velho e grosseiro amarrado por cima dos ombros e a cabeleira presa em rabo de cavalo. As

crianças que carregavam eram de dar medo aos macacos. Um bando de excomungados. O bando inteiro vinha do baixo Egito a Reims, passando pela Polônia. Ao que diziam, o papa os havia confessado e dado como penitência que percorressem o mundo por sete anos seguidos, sem dormir em camas. Por esse motivo também eram chamados penitentes e cheiravam mal. Parece que foram antes sarracenos e por isso acreditavam então em Júpiter, mas recebiam dez libras tournois de todos os arcebispos, bispos e abades de báculo e mitra. Uma bula papal garantia a eles tal privilégio. Vinham a Reims para ler a sorte, em nome do rei de Argel e do imperador da Alemanha. Como podem imaginar, mais não foi preciso para proibir que entrassem na cidade. Por isso, o bando inteiro acampou de graça junto à porta de Braine, na colina em que há um moinho, ao lado dos buracos das antigas crateras. De Reims, as pessoas iam vê-los. Eles sabiam olhar nas palmas das mãos e fazer profecias maravilhosas. Seriam capazes de prever a Judas que seria coroado papa. Corriam, no entanto, terríveis boatos a respeito deles, sobre crianças raptadas, bolsas roubadas e carne humana devorada. Os mais ajuizados diziam aos que eram menos: não vá, mas as pessoas iam, escondidas. Foi um acontecimento marcante. Fato é que diziam coisas de espantar um cardeal. As mães mostravam os filhos em triunfo, depois de terem tido as mãos lidas pelas egípcias, anunciando todo tipo de milagre, escrito em pagão e em turco. O rebento de uma seria imperador, o de outra, papa, e de outra mais, capitão. A pobre Chantefleurie foi vítima da curiosidade. Quis saber se a bela Agnès não seria um dia imperatriz da Armênia ou de outro lugar. Levou-a, então, até os egípcios e as egípcias admiraram a criança, trataram com meiguices, beijaram-na com aquelas bocas escuras e disseram maravilhas da infantil mãozinha. Para grande alegria da mãe, infelizmente! Encantaram-se, sobretudo, com os pezinhos e os lindos sapatinhos. A criança não tinha ainda um ano. Já tatibitateava, ria para a mãe por nada, era gordinha e rechonchuda, tinha mil pequenos gestos de anjo do Paraíso. Assustou-se com as egípcias e chorou. Mas a mãe cobriu-a de beijos e foi embora, satisfeita e feliz com a boa sorte que as adivinhas tinham previsto para a pequena Agnès. Seria uma beldade, seria virtuosa, uma rainha de verdade. Voltou então para o casebre da rua de Folle-Peine, orgulhosa por carregar nos braços uma rainha. No dia seguinte, aproveitou um momento em que a criança dormia na cama — pois deitavam-se sempre juntas —, deixou com cuidado a porta entreaberta e correu para contar a novidade a uma vizinha da rua de la Séchesserie, de que

viria o dia em que a sua filha Agnès seria servida à mesa pelo rei da Inglaterra e pelo arquiduque da Etiópia, além de cem outras surpresas. Quando voltou, não ouvindo choro ao subir a escada de casa, pensou: “que bom! Agnès nem acordou”. A porta, entretanto, estava mais aberta do que ela havia deixado. A pobre mãe correu até a cama... A criança não estava mais ali, o lugar se encontrava vazio. Nada restava da filhinha, a não ser um dos lindos sapatinhos. Ela se lançou para fora do quarto, desceu às pressas a escada e começou a bater com a cabeça nas paredes, gritando: “Minha filha! Quem está com a minha filha? Quem pegou minha filha?” A rua estava deserta, a casa era isolada, ninguém respondeu. Ela seguiu pela cidade, esmiuçou todas as ruas, o dia inteiro correu de uma para outra enlouquecida, desorientada, terrível, farejando portas e janelas como um animal atordoado que não encontra a sua ninhada. Esbaforida, descabelada, horrível de se ver, tinha nos olhos uma ardência que secava as lágrimas. Parava quem passasse por perto e gritava: “Minha filha! Minha filha! Minha linda filhinha! Que me guarde como criada quem me devolver minha filha, como criada do seu cachorro. Que devore meu coração, se assim quiser.” Em certo momento, encontrou o sr. cura de Saint-Remy e disse: “Sr. cura, lavrarei a terra com as mãos, mas faça com que devolvam minha criança!” Era dilacerante, Oudarde, e cheguei a ver um homem duro, mestre Ponce Lacabre, que é procurador, chorar: “Ah! Pobre mãe!” À noite, ela voltou para casa. Uma vizinha havia visto, enquanto ela estava fora, duas egípcias entrarem às escondidas com um embrulho nos braços e depois descerem, tendo fechado a porta, fugindo apressadas. E desde que elas foram embora, ouvia-se, na casa de Paquette, algo como um choro de criança. A mãe se alegrou enormemente, subiu a escada como se tivesse asas, empurrou a porta como se fosse uma bala de canhão e entrou... Uma coisa horrível, Oudarde! No lugar da doce pequena Agnès, tão rosada e fresca, que era um dom do Senhor, estava uma espécie de pequeno monstro infame, manco, caolho, malfeito, se arrastando aos pios pelo chão. Ela tapou os olhos com horror, exclamando: “Ah! Será que as bruxas transformaram minha filha nesse animal pavoroso?” Rapidamente os vizinhos a livraram do pequeno coxo. Ele a teria enlouquecido. Era a monstruosa criança de alguma egípcia ligada ao diabo. Parecia ter quatro anos, mais ou menos, e falava uma língua que de jeito nenhum era língua humana. Eram sons impronunciáveis. Chantefleurie se lançou sobre o sapatinho, tudo que lhe restava de tudo que havia amado. Permaneceu imóvel

por muito tempo, muda, sem fôlego, parecendo morta. De repente, seu corpo inteiro tremeu, ela cobriu aquela relíquia de beijos furiosos e se desmanchou em pranto, como se o coração acabasse de estourar. Posso garantir que todas nós também chorávamos. Ela dizia: “Ah! Minha filhinha! Minha linda filhinha! Onde estará?”, de uma forma que nos revirava as entranhas. Choro só de lembrar. Os filhos, para nós — percebe? —, são o tutano dos ossos. Meu pobre Eustache! Tão bonito! Se soubessem como ele é bonzinho! Ontem mesmo disse: quero ser militar quando crescer. Ah! Meu Eustache! Se eu o perdesse! Bem, Chantefleurie se levantou de repente e começou a correr por Reims inteira, gritando: “Ao acampamento dos egípcios! Ao acampamento dos egípcios! Guardas para queimar as bruxas!” Mas os egípcios tinham ido embora. Já era de noite, não puderam ir atrás deles. No dia seguinte, a duas léguas de Reims, num matagal entre Gueux e Tilloy, descobriram restos de uma grande fogueira, algumas fitas que tinham sido da filha de Paquette, gotas de sangue e cocô de bode. A noite fora justamente a de um sábado e ninguém teve dúvida: os egípcios fizeram o sabá naquele matagal e devoraram a criança, na companhia de Belzebu, como fazem os maometanos. Quando Chantefleurie soube dessas coisas horríveis, não chorou, movimentou os lábios como se fosse falar, mas não conseguiu. No dia seguinte, os cabelos dela tinham embranquecido. Dois dias depois, ela desapareceu.

— Realmente, uma história horrível — disse Oudarde. — Arrancaria lágrimas de um borguinhão!

— Não é de espantar — acrescentou Gervaise — que o horror pelos egípcios a tenha feito correr tanto!

— E fez bem — completou Oudarde — de fugir daquela maneira com Eustache, pois esses também são egípcios da Polônia.

— Não — disse Gervaise. — Soube que vêm da Espanha e da Catalunha.

— Catalunha? É bem possível — respondeu Oudarde. — Polônia, Catalunha, Valognes, sempre confundo esses três lugares. Mas certo é que todos são egípcios.

— E certamente têm dentes afiados o suficiente para comer criancinhas — acrescentou Gervaise. — E não me surpreenderia que a tal Smeralda também participe disso, mesmo com seus ares finos. Aquela cabrita branca faz coisas maliciosas demais para não haver alguma libertinagem nisso tudo.

Mahiette andava em silêncio. Estava absorta nessa espécie de devaneio que, de certa maneira, se segue a uma narrativa dolorosa e só termina depois de espalhar o sentimento, de vibração em vibração, até as últimas fibras do coração. Gervaise, no entanto, se dirigiu a ela:

— E não se soube mais o que aconteceu a Chantefleurie?

Mahiette não respondeu. Gervaise repetiu a pergunta, sacudindo-lhe o braço e chamando-a pelo nome. Ela pareceu enfim sair do torpor em que estava.

— O que aconteceu a Chantefleurie? — disse ela, repetindo maquinalmente as palavras que os ouvidos haviam registrado; e depois, se esforçando para prestar atenção ao sentido das palavras, respondeu vigorosamente: — Ah! Nunca se soube.

Após uma pausa, acrescentou:

— Uns disseram tê-la visto sair de Reims ao cair da noite, pela porta Fléchembault; outros, ao amanhecer, pela velha porta Basée. Um pobre encontrou a cruz de ouro que ela usava, pendurada na cruz de pedra, no campo em que se faz a feira. Era a joia que havia causado a sua perdição, em 61. Um presente do belo visconde de Cormontreuil, o primeiro amante. Paquette nunca aceitara se desfazer dela, por mais miserável que estivesse. Era apegada à joia como à própria vida. Assim, quando vimos que a havia abandonado, pensamos logo que estivesse morta. No entanto, gente do cabaré *Les Vantes* disse tê-la visto passar a caminho de Paris, andando de pés descalços nas pedras. Mas seria preciso que tivesse, então, saído pela porta de Vesle, o que seria improvável. Melhor dizendo, até acho que tenha mesmo saído pela porta de Vesle, mas já fora desse mundo.

— Não entendi — disse Gervaise.

— Vesle — respondeu Mahiette com um sorriso melancólico — é o nome do rio.

— Pobre Chantefleurie! — disse Oudarde com um arrepio. — Afogou-se!

— Afogou-se! — confirmou Mahiette. — E como o pai Guybertaut poderia imaginar, à época em que passava cantando em sua barca sob a ponte de Tingueux, que atravessa o rio, que um dia sua querida e pequena Paquette também por baixo da mesma ponte passaria, mas sem canção nem barca?

— E o sapatinho? — perguntou Gervaise.

— Desapareceu com a mãe — respondeu Mahiette.

— Pobre sapatinho! — lamentou Oudarde.

Oudarde, mulher gorda e sensível, bem que estaria satisfeita de apenas suspirar na companhia de Mahiette. Mas Gervaise, mais curiosa, ainda tinha perguntas a fazer.

— E o monstro? — perguntou de repente a Mahiette.

— Que monstro?

— O monstrinho egípcio deixado pelas bruxas na casa de Chantefleurie, no lugar da filha! O que fizeram dele? Espero que o tenham afogado também.

— Não foi o caso — respondeu Mahiette.

— Como não? Queimaram, então? Melhor, seria mais justo. Era um filho de bruxa!

— Nem uma coisa nem outra, Gervaise. O sr. arcebispo se interessou pela criança do Egito e a exorcizou, abençoou, expulsou com todo cuidado o diabo do corpo e a enviou a Paris, para ser exposta no estrado de madeira da igreja de Notre Dame, como criança abandonada.

— Esses bispos! — resmungou Gervaise. — Só por serem cultos, nada fazem como todo mundo. Veja só, Oudarde, pôr o diabo como criança abandonada! Pois é óbvio que o monstrinho era o diabo.

— Pois bem, Mahiette, e o que fizeram do menino em Paris? Imagino que pessoa caridosa alguma tenha querido.

— Não sei — respondeu a provinciana. — Justamente a essa época meu marido comprou o tabelionato de Beru, a duas léguas da cidade, e não demos mais atenção àquela história. Além do que, entre Beru e Reims há as duas colinas de Cernay que nos impedem de ver os campanários da catedral.

Sempre conversando, as três dignas burguesas chegaram à praça da Grève. Ocupadas demais, tinham passado sem parar diante do breviário público da torre Roland e, automaticamente, se dirigiram ao pelourinho, em volta do qual a multidão crescia a cada minuto. É provável que o espetáculo que naquele momento atraía todos os olhares as tivesse feito esquecer completamente o Buraco dos Ratos e a missão que tinham em mente, se o gorducho de seis anos que Mahiette puxava pela mão não as lembrasse bruscamente do objetivo:

— Mãe! — disse, como se algum instinto lhe avisasse que o Buraco dos Ratos já tinha ficado para trás. — Posso comer o bolo?

Se Eustache fosse um pouco mais esperto, quer dizer, menos guloso, teria esperado um pouco e somente na volta, já na Universidade, na casa de mestre Andry Musnier, na rua Madame-la-Valence, tendo já os dois braços do Sena e as cinco pontes da Cité entre o Buraco dos Ratos e o bolo, teria arriscado a tímida interrogação: “Mãe, posso comer o bolo?”

A pergunta, porém, imprudente no momento em que foi feita, chamou a atenção de Mahiette.

— É verdade — ela exclamou —, esquecemos da reclusa! Mostrem onde fica o Buraco dos Ratos para que eu leve o bolo.

— Agora mesmo — disse Oudarde. — É uma caridade.

Grande decepção de Eustache.

— Leve então o bolo! — disse ele, erguendo alternadamente os ombros até as duas orelhas, o que, num caso assim, é sinal de supremo descontentamento.

As três mulheres deram meia-volta e, chegando perto da casa da torre Roland, Oudarde disse às duas outras:

— Não devemos olhar ao mesmo tempo, podemos assustar a *sachette*. Façam como se estivessem lendo o *dominus* no breviário, enquanto dou uma espiada pela abertura. A *sachette* me conhece um pouco. Aviso quando puderem se aproximar.

Dirigiu-se sozinha ao Buraco. No momento em que olhou o interior, uma profunda piedade tomou todo o seu rosto. A alegre e franca fisionomia de até então mudou tão bruscamente de expressão e de cor quanto se houvesse passado de um raio de sol para um raio de lua. O olho se umedeceu, a boca se contraiu como prestes a chorar. Logo depois, ela pôs o dedo nos lábios, pedindo recolhimento, e fez sinal a Mahiette para que viesse ver.

Mahiette se aproximou emocionada, em silêncio e na ponta dos pés, como quem se dirige ao leito de um moribundo.

Era, de fato, um triste espetáculo o que tinham diante dos olhos as duas mulheres, olhando sem se mover nem respirar pela abertura gradeada do Buraco dos Ratos.

A cela era estreita, mais larga do que comprida, abobadada em ogiva e, vista daquela maneira, parecia mais o alvéolo de uma mitra de bispo, em tamanho grande. Na laje nua que servia de chão, num ângulo, uma mulher estava sentada, ou melhor, agachada. Tinha o queixo fincado nos joelhos, que

os dois braços cruzados apertavam forte contra o peito. Assim encolhida, vestida com um saco marrom que a cobria inteira com amplas dobras e os cabelos grisalhos caídos à frente do rosto ao longo das pernas, indo até os pés, a primeira impressão que dava era a de uma forma estranha, recortada no fundo tenebroso da cela, uma espécie de triângulo escuro, que o raio de luz que vinha da lucarna brutalmente dividia em duas metades, uma escura e outra clara. Era um daqueles espectros meio sombra e meio luz, como os que se veem em sonho ou na obra extraordinária de Goya: pálidos, imóveis, sinistros, agachados numa tumba ou encostados à grade de um calabouço. Não era mulher nem homem, não era um ser vivo nem tinha uma forma definida. Era uma figura, uma espécie de visão em que se sobrepunham o real e o fantástico, como sombra e luz. Mal se podia distinguir, por baixo dos cabelos soltos até o chão, um perfil magro e severo. O saco que a vestia deixava passar por uma extremidade um pé descalço, crispado na laje dura e gelada. A pouca forma humana que se pressupunha por baixo daquele invólucro de luto causava tremores.

A imagem, dando a impressão de estar incrustada no piso, parecia não ter movimento, nem pensamento, nem vida. Sob o fino saco de cânhamo, em pleno mês de janeiro, diretamente sobre o chão de granito, sem lume, no escuro de uma masmorra cujo respiro oblíquo só deixava entrar de fora o ar, nunca o sol, ela não parecia sofrer nem mesmo sentir o que fosse. Como se tivesse se tornado pedra, como a cela, e gelo, como o inverno. As mãos estavam juntas, os olhos fixos. À primeira vista, podia-se achar que era um espectro, à segunda, uma estátua.

No entanto, intermitentemente os lábios azulados se entreabriam num suspiro e tremiam, mas de maneira tão morta e maquinal quanto folhas balançadas ao vento.

Dos olhos apagados, no entanto, escapava um olhar, um olhar inaudito, um olhar profundo, lúgubre e imperturbável, implacavelmente fixado num ângulo da cela que não se via de fora. Um olhar que parecia transportar todos os pensamentos sombrios daquela alma em desespero para não sei qual objeto misterioso.

Era aquela a criatura que, pelo local em que morava, recebia o nome de *reclusa* e, pelo traje que usava, o de *sachette*.

As três mulheres — pois Gervaise tinha se juntado a Mahiette e Oudarde

— olhavam pela abertura. Suas cabeças diminuía ainda mais a pouca claridade que entrava no calabouço, sem que a miserável assim privada parecesse sequer percebê-las.

— Não vamos incomodá-la — disse Oudarde em voz baixa. — Está em êxtase, rezando.

Mahiette, porém, considerava com crescente aflição o rosto lívido, murcho, descabelado, com os olhos se enchendo de lágrimas.

— Seria algo bem estranho — murmurou e passou a cabeça entre as grades da janela, conseguindo ver o ângulo a que o olhar da infeliz se mantinha invariavelmente preso.

Ao retirar a cabeça, tinha o rosto inundado de lágrimas.

— Como dizem se chamar essa mulher? — perguntou a Oudarde. Oudarde respondeu:

— Nós a chamamos irmã Gudule.

— Pois eu — afirmou Mahiette — digo que se chama Paquette Chantefleurie.

Pondo um dedo sobre os lábios, fez sinal a Oudarde, estupefata, para que passasse a cabeça pela lucarna e visse.

Oudarde olhou e reconheceu, no ângulo que a reclusa tanto fitava, um sapatinho de cetim cor-de-rosa, bordado com mil passamanes dourados e prateados. Gervaise olhou por sua vez e as três mulheres, considerando a infeliz mãe, começaram a chorar.

Mas nem seus olhares, nem suas lágrimas distraíam a reclusa. As mãos permaneciam juntas, os lábios mudos, os olhos fixos e, para quem conhecia a história, aquele sapatinho admirado partia o coração. As três mulheres não haviam ainda proferido uma palavra, não ousavam falar, nem mesmo em voz baixa. Aquele profundo silêncio, aquela enorme dor, aquele grande esquecimento em que tudo havia desaparecido, à exceção de um único objeto, causava o mesmo efeito que um altar-mor de Páscoa ou de Natal. Permaneceram caladas, em recolhimento, a ponto de quase se porem de joelhos. Tinham a impressão de entrar numa igreja, no dia de Ofício das Trevas.

Até que Gervaise, a mais curiosa das três e, por isso mesmo, a menos sensível, tentou fazer com que a reclusa falasse:

— Irmã! Irmã Gudule!

Repetiu três vezes o chamado, aumentando sempre um pouco o tom da voz. A reclusa não se movia. Palavra alguma, nenhum olhar, nem mesmo um suspiro, um sinal de vida.

Foi a vez de Oudarde, com voz mais suave e amical:

— Irmã! Irmã santa Gudule!

Mesmo silêncio, mesma imobilidade.

— Estranha mulher! — exclamou Gervaise. — Não se moveria com a explosão de uma bomba!

— Talvez esteja surda — sugeriu Oudarde com um suspiro.

— Talvez cega — acrescentou Gervaise.

— Ou morta — assustou-se Mahiette.

A alma podia até não ter ainda abandonado aquele corpo inerte, adormecido, letárgico, mas havia, muito visivelmente, batido em retirada, escondendo-se em profundidades que as percepções dos órgãos externos não alcançavam mais.

— Vamos ter que deixar o bolo na janela — disse Oudarde. — Algum menino pode acabar pegando. O que fazer para despertá-la?

Eustache, que até então estava distraído com uma carrocinha que passava puxada por um cachorro enorme, se deu conta de repente de que suas três acompanhantes olhavam alguma coisa dentro da cela e, tomado também por curiosidade, subiu num marco de pedra, pôs-se na ponta dos pés e juntou seu largo rosto vermelho na abertura, gritando:

— Mãe, quero ver também!

Ao som da voz infantil clara, buliçosa, vibrante, a reclusa estremeceu. Girou a cabeça com o movimento seco e brusco de uma mola de metal. As duas mãos compridas e descarnadas afastaram os cabelos e ela cravou no menino olhos espantados, amargos, desesperados. Um olhar que foi como um relâmpago.

— Ai, meu Deus! — ela exclamou de repente, escondendo o rosto entre os joelhos e com uma voz rouca que parecia dilacerar o peito. — Pelo menos não me mostre os dos outros!

— Bom dia, senhora — disse o menino com gravidade.

Mas tudo isso havia, de certa maneira, despertado a reclusa. Um longo

tremor percorreu o seu corpo, da cabeça aos pés. Os dentes bateram, ela ergueu um pouco a cabeça e disse, apertando os cotovelos contra os quadris e segurando os pés como se quisesse aquecê-los.

— Ai, que frio!

— Pobre mulher — disse Oudarde com enorme pena. — Quer um pouco de fogo?

A mulher sacudiu a cabeça, recusando.

— Pois bem — insistiu Oudarde mostrando uma garrafinha. — Tem aqui hipocraz, que pode aquecê-la. Beba.

A reclusa de novo balançou a cabeça, olhou para Oudarde fixamente e respondeu:

— Água.

Oudarde insistiu.

— Não, irmã, não é o que se deve beber no inverno. Beba um pouco de hipocraz e coma esse bolo com fermento de milho que fizemos para a senhora.

Ela empurrou o bolo que Mahiette oferecia e disse:

— Pão preto.

— Por favor! — disse Gervaise, também comovida e tirando seu casaco de lã. — Fique com esse que é um pouco mais quente que o seu. Ponha por cima dos ombros.

A roupa foi recusada, assim como a garrafa e o bolo, com uma única resposta:

— Quero um saco.

— Precisa entender — insistiu ainda a boa Oudarde — que ontem foi dia de festa.

— Eu sei — disse a reclusa. — Há dois dias não tenho água no meu pote.

E acrescentou, após um silêncio:

— Quando é festa, esquecem-se de mim. E estão certos. Por que o mundo se lembraria de quem não se lembra do mundo? Para brasa apagada, cinza fria.

Ter falado tanto parecia tê-la extenuado e ela deixou a cabeça cair em cima dos joelhos. A simples e caridosa Oudarde acreditou, pelas últimas palavras que ouvira, que a irmã Gudule ainda se queixava do frio e respondeu

ingenuamente:

— Aceita então algum fogo?

— Fogo! — disse a *sachette* com estranha entonação. — Pode oferecer também à pobre criança que se encontra debaixo da terra há quinze anos?

Todos os seus membros tremeram, as palavras vibravam, os olhos brilhavam. Ela se levantou. Estendeu bruscamente a mão branca e magra para o menino que olhava para ela assustado:

— Levem daqui essa criança! — exclamou. — A egípcia vai passar!

Caiu então de cara no chão e a testa bateu na laje com o barulho surdo de uma pedra noutra pedra. As três mulheres acharam que tinha morrido. Pouco depois, entretanto, ela se mexeu e se arrastou com os joelhos e os cotovelos até o canto em que estava o sapatinho. As três não se atreveram a olhar, não podiam vê-la, mas ouviram mil beijos e mil suspiros, junto a gritos dilacerantes e pancadas surdas como as de uma cabeça que se choca contra um muro. Em seguida, após uma pancada particularmente violenta, que deixou as três amigas paralisadas, não se ouviu mais nada.

— Será que se matou? — disse Gervaise, tentando passar a cabeça pela abertura. — Irmã! Irmã Gudule!

— Irmã Gudule! — repetiu Oudarde.

— Ai meu Deus! Não se mexe mais! — continuou Gervaise. — Será que está morta? Gudule! Gudule!

Mahiette, sem conseguir mais respirar, a ponto de não poder falar, fez um esforço.

— Esperem — disse.

Debruçou-se na abertura:

— Paquette! — disse. — Paquette Chantefleurie!

Um menino que ingenuamente soprasse no pavio mal apagado de um rojão, que então estourasse no seu nariz, não se assustaria mais do que Mahiette, pelo efeito que o nome, repentinamente lançado, causou na cela da irmã Gudule.



— Ô, ô! *É a egípcia que me chama!*

O corpo inteiro da penitente estremeceu, ela se ergueu sobre os pés nus e saltou à lucarna, com olhos tão flamejantes que Mahiette, Oudarde, Gervaise e a criança recuaram até o parapeito do cais.

A sinistra imagem da reclusa apareceu colada à grade da abertura.

— Ô, ô! — gritou com um riso assustador. — *É a egípcia que me chama!*

No mesmo instante, uma cena que se passava no pelourinho atraiu seu olhar feroz. A testa se enrugou de terror, ela estendeu para fora da cela os dois braços esqueléticos e gritou, com uma voz que parecia um estertor:

— *É você ainda, filha do Egito! É você que me chama, ladra de crianças! Pois maldita seja! Maldita! Maldita! Maldita!*

69. “Com seus passos infantis” (*Eneida*, II, 724), em latim no original.

4. Uma lágrima por uma gota d'água

Essas palavras foram, por assim dizer, o ponto de união entre duas cenas que, até ali, se desenvolviam paralela e simultaneamente, cada qual em seu respectivo palco. Uma delas foi esta que acabamos de ler, passada no Buraco dos Ratos, e a outra a que vamos ler, ocorrida no pelourinho. A primeira teve o testemunho apenas das três mulheres com que o leitor travou conhecimento; a segunda contou com todo o público que vimos se juntar na praça da Grève, ao redor do pelourinho e do cepo.

A multidão, induzida pelos quatro guardas em sentinela desde as nove horas da manhã, nos quatro cantos do patíbulo, esperava uma execução à altura. Nenhum enforcamento, é provável, mas um chicote, um decepamento de orelhas, algo no gênero. A aglomeração crescera tão rapidamente que os quatro guardas, pressionados, mais de uma vez tiveram que *pôr ordem*, como se dizia, a enérgicos golpes de *boullaye*, do alto dos cavalos.

Mas o povaréu, disciplinado à espera das execuções públicas, não manifestava tanta impaciência. Distraía-se olhando o cadafalso, espécie de monumento bem simples, composto de um cubo de alvenaria de cerca de dez pés de altura, oco por dentro. Uma inclinação bem acentuada em pedra bruta, chamada por excelência *escada*, levava a uma plataforma superior, sobre a qual se podia ver uma roda horizontal em madeira de carvalho maciço. Amarrava-se a vítima nessa roda, de joelhos e com os braços presos às costas. Um eixo transversal, que movimentava um cabrestante oculto no interior da pequena construção, dava uma rotação à roda, sempre em plano horizontal, e com isso apresentava o rosto do supliciado a todos os pontos da praça, sucessivamente. É o que se chamava *girar* o criminoso.

Como se pode ver, o pelourinho da Grève estava longe de poder oferecer todas as diversões do pelourinho do Halles. Nada tinha de arquitetônico. Nada de monumental. Sem cruz de ferro, sem lampião octogonal, sem frágeis colunetas desabrochando à beira do telhado em capitéis de acantos e flores, sem gárgulas quiméricas e monstruosas, sem viga-mestra cinzelada. De modo algum se tratava de uma fina escultura profundamente escavada na pedra.

Deviam todos se contentar com as quatro faces de alvenaria, dois fundos de arenito e um tosco patíbulo de pedra, magro e nu, ao lado.

O prazer seria mínimo para amantes da arquitetura gótica. É bem verdade que ninguém tinha menos curiosidade com relação aos monumentos do que o bom populacho da Idade Média, que pouco se preocuparia com a beleza de um pelourinho.

O condenado finalmente chegou, preso no fundo de uma carroça, e foi içado à plataforma. Quando pôde ser visto, de todos os pontos da praça, amarrado por cordas e correias à roda do patíbulo, um prodigioso clamor, misturado a risos e aclamações, explodiu na praça. Havia reconhecido Quasímodo.

De fato, era ele. Um estranho retorno. No pelourinho da mesma praça em que, na véspera, o haviam homenageado, aclamado, conclamado papa e príncipe dos bufos, com cortejo do duque do Egito, do rei de Thunes e do imperador de Galileu. Mas certo é que não havia um só espírito naquela multidão, em que ele próprio se incluía — triunfante ou justicado —, que claramente percebesse essa aproximação em seu pensamento. Gringoire e sua filosofia faziam muita falta naquele espetáculo.

Rapidamente Michel Noiret, clarim juramentado do rei nosso senhor, impôs silêncio ao público e recitou a sentença, de acordo com a ordenança e comando do sr. preboste. Em seguida se retirou atrás da carroça, com seu séquito vestido de libré.

Impassível, Quasímodo não se mexia. Qualquer resistência seria inócua, dada a assim chamada, no estilo da chancelaria criminal, *veemência e firmeza das amarras*, significando que as cordas e cadeias provavelmente lhe penetravam na carne. É, aliás, uma tradição de calabouço e de galés que não se perdeu, e que a opressão ainda conserva preciosamente em nosso povo tão civilizado, doce e humano (com a masmorra e a guilhotina, lembremos).

Deixava que o levassem e empurrassem, carregassem, içassem, amarrassem e entravassem. Nada transparecia, na sua fisionomia, além do espanto selvagem ou idiota. Sabia-se que era surdo, parecia também cego.

Aceitou quando o colocaram de joelhos sobre a tábua circular. Tiraram-lhe o gibão e a camisa, ele deixou que o fizessem. Encabrestaram-no num novo sistema de correias e fuzilhões, e ele ainda aceitou ser afivelado e manietado. Somente de vez em quando bufava ruidosamente, como um

bezerro com a cabeça a balançar fora da carroça do açougueiro.

— O pobre imbecil! — disse Jehan Frollo du Moulin ao amigo Robin Poussepain (pois os dois estudantes evidentemente tinham seguido o condenado). — Está tão perdido quanto um besouro preso numa garrafa!

O riso foi geral na multidão quando se despiu a corcunda de Quasímodo, com o seu tronco de camelo, mostrando também os ombros calejados e peludos. No meio de toda essa alegria, um homem atarracado e forte, trajando a libré da cidade, subiu à plataforma e se colocou ao lado do preso. Seu nome rapidamente circulou por todo o público. Era mestre Pierrat Torterue, atormentador juramentado do Châtelet.

Começou colocando, numa das quinas do pelourinho, uma ampulheta preta, com o vaso superior cheio de areia vermelha, que passava para o recipiente inferior. Em seguida, tirou o gibão bipartido e tomou com a mão direita um chicote fino, com compridas tiras brancas, lustrosas, nodosas, trançadas, com pontas de metal. Com a mão esquerda, arregaçou displicentemente a manga direita da camisa até o alto.

Jehan Frollo começou a gritar, erguendo a cabeça loura e cacheada acima da multidão (tinha, para tanto, subido nos ombros de Robin Poussepain):

— Venham ver, senhores e senhoras! Será peremptoriamente flagelado mestre Quasímodo, o sineiro do meu irmão, o sr. arquidiácono de Josas. Mestre Quasímodo ostenta uma arquitetura oriental, com uma cúpula nas costas e colunas retorcidas nas pernas!

O povo todo riu, principalmente as crianças e as mocinhas. O atormentador finalmente fez sinal, batendo com o pé no chão. A roda começou a girar. Quasímodo se agitou nas amarras. O estupor que bruscamente se estampou no seu rosto disforme fez dobrar o clamor dos risos ao redor.

No momento em que, em sua rotação, a roda apresentou a mestre Pierrat as costas montanhosas de Quasímodo, o carrasco ergueu o braço, as finas tiras zumbiram acerbadas no ar como um punhado de serpentes e se abateram com fúria nos ombros do infeliz.

Quasímodo pulou como se acordasse sobressaltado. Só então começava a compreender. Contorceu-se nos liames. Uma violenta contração de surpresa e dor desfigurou os músculos do seu rosto, mas sem que se ouvisse um único suspiro. Ele apenas lançou a cabeça para trás, para a direita e depois para a

esquerda, balançando-a como faria um touro picado no flanco por um marimbondo.

Uma segunda lambada seguiu a primeira, depois uma terceira e mais outra, intermináveis. A roda não parava de girar e choviam chicotadas. O sangue brotou, viam-se mil filetes escorrerem pelos ombros escuros do corcunda, e as finas tiras do chicote, na rotação que rasgava o espaço, respingavam gotículas na multidão. Quasímodo tinha recuperado, pelo menos aparentemente, a impassibilidade inicial. Primeiro ele havia surdamente tentado, sem grandes demonstrações externas, romper os grilhões que o prendiam. O olho brilhou, a musculatura se contraiu, os membros se encolheram e as correias e amarras afrouxaram. O esforço era enorme, prodigioso, desesperado, mas as velhas peias do prebostado resistiram. No máximo estalaram um pouco. Quasímodo caiu extenuado. O estupor cedeu vez, na sua expressão, a um sentimento amargo, acompanhado de profundo desânimo. Ele fechou o olho único, deixou cair a cabeça no peito e se fez de morto.



As finas tiras zumbiram no ar como um punhado de serpentes e se abateram com fúria nos ombros do infeliz.

A partir de então, não se mexeu mais. Nada pôde arrancar dele a menor contração. Nem o sangue que não parava de escorrer, nem as chicotadas cada vez mais furiosas, nem a raiva do atormentador que se excedia e se embriagava com a execução, nem o barulho das horríveis tiras, mais afiadas e zumbindo mais do que as patas dos terríveis insetos tropicais.

Um funcionário do Châtelet, vestido de preto e montado num cavalo preto, parado junto à escada desde o início da execução, finalmente estendeu uma vareta de ébano na direção da ampulheta. O atormentador parou. A roda parou. O olho de Quasímodo lentamente voltou a se abrir.

A flagelação tinha chegado ao fim. Dois ajudantes do atormentador juramentado lavaram os ombros ensanguentados do padecente, passaram não sei qual unguento que imediatamente acalmou as feridas e jogaram por cima das costas dele uma espécie de pano amarelo cortado como casula. Pierrat Torterue, enquanto isso, lavou na rua as tiras do chicote, vermelhas e encharcadas de sangue.

Mas nem tudo estava terminado para Quasímodo. Teria ainda uma hora no pelourinho, pena que mestre Florian Barbedienne havia tão judiciosamente acrescentado à sentença do sr. Robert d'Estouteville, para maior glória do velho trocadilho fisiológico e psicológico de Jean de Cumène: *surdus absurdus*.⁷⁰

A ampulheta foi então virada novamente e o corcunda, deixado amarrado na tábua para que a justiça se cumprisse até o final. O povo, principalmente na Idade Média, se comportava em sociedade como a criança no seio da família. Nesse estado de ignorância básica, de menoridade moral e intelectual, podia-se dizer, como da criança: é uma idade sem dó nem pena.

Já deixamos claro que quase todos detestavam Quasímodo. E, é verdade, não faltavam motivos para isso. No máximo se encontraria, naquela multidão, um espectador que não tivesse ou não achasse ter motivo para se queixar do sinistro corcunda de Notre Dame. O contentamento então tinha sido geral quando ele apareceu no pelourinho, e a rude execução que acabava de sofrer, junto com o lamentável estado em que fora deixado, longe de apiedar o populacho, tornava a raiva ainda mais cruel, acrescida de uma ponta de alegria.

De forma que, satisfeita a *vindita pública*, como ainda hoje gostam de dizer os doutos em seu jargão próprio, foi a vez das mil vinganças particulares. Como já se tinha visto no salão do Palácio da Justiça, eram sobretudo as mulheres que exteriorizavam a raiva. Todas guardavam algum rancor, umas pela crueldade do corcunda, outras pela feiura. Estas últimas eram as mais furiosas.

— Ah! É a imagem do Anticristo! — dizia uma.

— Cavalgador de cabos de vassoura! — gritava outra.

— Que bela carranca trágica — berrava uma terceira. — Daria um bom papa dos bufos, se hoje fosse ontem!

— Está de bom tamanho como careta de pelourinho. Quando veremos a

da força? — acrescentava uma velha.

— Quando vai encontrar o seu sino, mas a cem pés debaixo da terra, sineiro maldito?

— E pensar que esse diabo toca o *ânelus*!

— Surdo! Caolho! Corcunda! Monstro!

— Pode fazer uma grávida abortar, é melhor do que qualquer medicina ou farmácia!

Os dois estudantes, Jehan du Moulin e Robin Poussepain, começaram a cantar a plenos pulmões esse velho refrão popular:

Une hart

Pour le pependard!

Un fagot

Pour le magot! ⁷¹

Ao mesmo tempo, choviam mil outras injúrias, vaias, imprecações e risos. Algumas pedradas também.

Quasímodo era surdo, mas enxergava perfeitamente bem e o furor público era tão explícito nos rostos quanto nos gritos. As pedradas, aliás, explicavam as gargalhadas.

De início, ele se manteve calmo. Pouco a pouco, porém, a mesma paciência que resistira ao chicote do atormentador fraquejou e passou a escoicear as picadas de insetos. O touro das Astúrias, que pouco se incomoda com os ataques do *picador*, se irrita com os cães e as bandarilhas.

Primeiro, Quasímodo deixou que um olhar ameaçador lentamente percorresse a plateia. No entanto, manietado como estava, o olhar não bastou para afastar as moscas que infestavam a ferida. Ele então se agitou nos entraves e os sacolejos furiosos fizeram ranger nos eixos a velha roda do pelourinho. Mas os deboches e as vaias, com isso, apenas aumentaram.

Sem conseguir romper a canga de animal selvagem, o miserável voltou então a se acalmar. Somente poucas vezes algum suspiro de raiva movimentava as cavidades do seu peito. Não se viam no rosto vergonha nem rubor. Ele estava afastado demais do estado social e próximo demais do estado natural para saber o que é a vergonha. A tal ponto de deformidade, aliás, seria a infâmia algo sensível? Mas a raiva, o ódio, o desespero

lentamente faziam descer sobre o rosto horrível uma nuvem cada vez mais sombria, cada vez mais carregada de eletricidade, que explodia em mil relâmpagos no olho do ciclope.

Essa nuvem, porém, se desfez por um instante, no momento em que uma mula abriu caminho entre a multidão. Ela carregava um padre. Ainda estavam longe quando o pobre supliciado os percebeu — mula e padre — e a expressão dele se suavizou. Um estranho sorriso, cheio de candor, mansuetude e inaudita ternura substituiu a fúria. À medida que o padre se aproximava, o sorriso se firmou mais distinto, mais radiante. Era como o advento de um salvador que o infeliz saudava. No momento, porém, em que a mula chegou perto o bastante do pelourinho para que o cavaleiro pudesse reconhecer o sentenciado, o padre baixou os olhos e, bruscamente, mudou de direção, apressando o passo da montaria como se tivesse pressa, querendo se livrar de reclamações humilhantes e pouco interessado em demonstrar que conhecia o pobre-diabo naquela situação.

Esse padre era o arquidiácono, dom Claude Frollo.

A nuvem voltou, ainda mais sombria, à expressão de Quasímodo. O sorriso continuou por alguns instantes ainda, porém amargo, desencorajado, profundamente triste.

O tempo passava. Já estava ali há, no mínimo, uma hora e meia; dilacerado, maltratado, no meio da incessante zombaria e quase dilapidado.

De repente, o corcunda novamente se agitou nas cadeias, com redobrado desespero, fazendo tremer toda a estrutura que o suportava. Rompendo o silêncio em que até então se obstinava, gritou com uma voz rouca e furiosa, que mais parecia um uivo do que uma exclamação humana, mas que encobria qualquer apuro.

— Água!

A exclamação desconsolada não comoveu e, pelo contrário, ainda mais divertiu o bom povo parisiense em torno da escada. Diga-se de passagem, esta que é a camada mais inferior da população, tomada em conjunto e como coletividade, não é menos cruel nem menos estúpida do que a horrível tribo dos bandidos que já descrevemos ao leitor. Voz nenhuma se ergueu por perto da infeliz vítima, a não ser para zombar da sua sede. Ele sem dúvida, naquele momento, se apresentava grotesco e repulsivo, mais do que passível de piedade, com o rosto avermelhado e molhado, o olho desvairado, a boca

espumando de raiva e de sofrimento, com a metade da língua de fora. Deve-se também lembrar que, caso se encontrasse naquela algazarra alguma boa alma caridosa de burguês ou de burguesa que pensasse em levar um copo d'água à miserável criatura aflita, reinava em torno dos degraus infames do pelourinho tamanha ideia preconcebida de vergonha e de ignomínia que já bastaria para afastar o bom samaritano.

Após alguns minutos, Quasímodo voltou a deixar que o mesmo olhar desesperado percorresse a multidão e repetiu, com voz ainda mais dilacerante:

— Água!

E todos riram.

— Beba isso! — gritou Robin Poussepain, jogando no rosto do supliciado uma esponja arrastada na sarjeta. — Fique com ela, surdo maldito! É o troco que lhe devia.

Uma mulher jogou uma pedra que acertou a cabeça de Quasímodo:

— Isso é por nos acordar à noite com seu sino do inferno.

— Tome isso, filho! — berrou um paralítico, tentando acertá-lo com a muleta. — Vai continuar ainda a nos amaldiçoar do alto das torres da igreja?

— Fique com essa tigela para beber! — gritou um outro, lançando no peito do infeliz uma bilha quebrada. — Foi você que, só de passar por perto, fez minha mulher dar à luz uma criança com duas cabeças!

— Mesma coisa com a minha gata, que pariu um filhote de seis patas! — gemeu uma velha, arremessando um pedaço de telha.

— Água! — repetiu pela terceira vez Quasímodo, já sem esperanças.

Nesse momento, ele viu o populacho abrir caminho. Uma mocinha estranhamente vestida se destacou da multidão. Vinha acompanhada de uma cabritinha branca de chifres dourados e tinha um pandeiro na mão.

O olho de Quasímodo faiscou. Era a cigana que ele havia tentado raptar na noite anterior, façanha que confusamente parecia estar na origem da punição sofrida naquele momento. Discernimento enganoso, pois, na verdade, estava sendo castigado apenas pela infelicidade de ser um surdo julgado por outro surdo. Não teve a menor dúvida de que a moça vinha também se vingar e chutá-lo, como todo mundo ali.

Viu-a de fato subir a escada com agilidade. A raiva e a frustração o

sufocavam. Bem que gostaria de poder demolir o pelourinho, e se o fulgor do seu olho fosse capaz também de lançar raios, a egípcia teria virado pó antes de alcançar a plataforma.

Enquanto ele se contorcia em vão para escapar, a jovem se aproximou sem uma palavra e, destapando um pequeno odre preso à cintura, levou-o até os lábios áridos do miserável.

Daquele olho, sempre tão seco e indiferente, viu-se então escorrer uma gorda lágrima que desceu lentamente pelo rosto disforme e contraído por longos desesperos. Era provavelmente a primeira vez que o desafortunado derramava uma.

Com isso, esqueceu de beber. A egípcia fez, impaciente, o pequeno gesto de sempre com os lábios e apoiou sorrindo o gargalo contra a boca dentada de Quasímodo.

Ele então ingurgitou grandes goles. A sede era ardente.

Ao terminar, o miserável estendeu os beiços escuros; devia querer beijar a bela mão que lhe prestava assistência. Mas a jovem tinha por que desconfiar e não se esquecera da violenta tentativa da noite anterior. Como uma criança assustada, com medo de ser mordida por um bicho, ela recolheu a mão.



Destapando um pequeno odre preso à cintura, levou-o até os lábios áridos do miserável.

O pobre surdo fixou nela então um olhar de censura e cheio de inexprimível tristeza.

O espetáculo da bela jovenzinha viçosa, pura, encantadora e vulnerável, socorrendo tão piedosamente a miséria, a aberração e a maldade, em qualquer lugar já seria comovente; num pelourinho, porém, era sublime.

O povo inteiro se deu conta e se pôs a bater palmas, gritando:

— Aleluia! Aleluia!

Foi nesse momento que a reclusa percebeu, da lucarna do seu covil, a

egípcia no pelourinho e lançou aquela sinistra imprecação:

— Maldita seja, filha do Egito! Maldita! Maldita!

70. “Surdo absurdo”, em latim no original.

71. “Uma corda/ Para o enforcado!/ Um feixe de lenha/ Para o macaco [ou homem muito feio]!”

5. Fim da história do bolo

Esmeralda ficou lívida e desceu do patíbulo aos tropeções. A voz da reclusa continuou a persegui-la:

— Desce! Desce! Ladra do Egito, ainda voltarás a subir!

— A *sachette* está nos seus delírios — se limitaram a comentar as pessoas. Pois esse tipo de mulher de fato inspira temor e isso as tornava sagradas, naquela época, sem que ninguém quisesse ir contra uma reclusa que rezava dia e noite.

Chegara a hora de levar Quasímodo. Ele foi desamarrado e a multidão se dispersou.

Perto da ponte Saint-Michel, Mahiette, que vinha com as duas amigas, bruscamente parou:

— E aliás, Eustache! O que fez do bolo?

— Mãe — disse o menino. — Enquanto falavam com aquela senhora que está no buraco, um cachorro grande deu uma mordida no bolo. E eu então comi o resto.

— Como assim, senhorzinho? — ela continuou. — Comeu tudo?

— Mãe, foi o cachorro. Briguei com ele, mas ele não me ouviu. Então também comi.

— Você é terrível! — disse a mãe, sorrindo e zangando ao mesmo tempo. — Está vendo, Oudarde, esse menino sozinho come toda a cerejeira que temos em Charlerange. O avô diz que ele será capitão. Eu que o pegue, sr. Eustache. Que leão!

LIVRO SETE

1. Sobre o perigo de confiar segredos a uma cabra

Várias semanas se passaram.

Estávamos nos primeiros dias de março. O sol, que Dubartas, esse clássico ancestral da perífrase, não tinha ainda denominado *o grão-duque dos círios*, nem por isso deixava de estar alegre e radiante. Era um daqueles dias de primavera com tanta suavidade e beleza que Paris inteira, espalhada em praças públicas e passeios, festeja como se domingo fosse. Nesses dias de claridade, de calor e serenidade, há uma hora precisa em que seria importante admirar o pórtico de Notre Dame. É no momento em que o sol, já descendo para o poente, olha quase de frente a catedral. Seus raios, cada vez mais horizontais, lentamente se retiram do chão da praça e sobem ao longo da fachada vertiginosa, realçando com suas sombras os mil relevos esculpidos, enquanto a grande rosácea central flameja como um olho de ciclope, inflamado pela reverberação da forja.

Era nessa hora que estávamos.

Diante da alta catedral avermelhada pelo poente, num balcão de pedra acima do alpendre de uma rica residência gótica na esquina da praça com a rua du Parvis, algumas belas mocinhas riam e conversavam com toda graça e espontaneidade.

Pelo comprimento dos véus que iam do alto das toucas pontudas, enfeitadas com pérolas e descendo até os calcanhares, pela finura das blusinhas bordadas que lhes cobriam os ombros deixando ver, segundo a envolvente moda de então, aqueles belos colos de virgens, pela opulência das saias que se sobpunham, mais preciosas ainda do que as vestes que as cobriam (maravilhoso efeito!), pela gaze, pela seda, pelo veludo que a tudo envolvia, mas, sobretudo, pela brancura das mãos, confirmando serem mãos inativas e preguiçosas, era fácil adivinhar que eram nobres e ricas herdeiras. E, de fato, eram as srtas. Fleur-de-Lys de Gondelaurier e suas amigas, Diane de Christeuil, Amelotte de Montmichel e Colombe de Gaillefontaine, assim como a pequena Champchevrier, todas filhas de boas casas, reunidas naquele momento aos cuidados da senhora viúva de Gondelaurier, por causa do

senhor de Beaujeu e da senhora sua esposa, que viriam no mês de abril a Paris escolher damas de honra para a sra. delfina Margarida, antes de viajarem para a Picardia, onde a receberiam das mãos dos flamengos. E toda a pequena nobreza provinciana, a até trinta léguas da capital, disputava tal honra para suas filhas, com bom número de famílias tendo-as então enviado a Paris. Essas aqui citadas tinham sido confiadas à sra. Aloïse de Gondelaurier, viúva de um mestre besteiro do rei e que vivia, com a filha única, na sua casa da praça de Notre Dame, em Paris.

O balcão em que estavam as jovens se abria para uma sala ricamente coberta de couro de Flandres, de cor ocre, com ornatos de ouro imitando folhas impressos. As vigas que paralelamente riscavam o teto distraíam o olhar com mil estranhas esculturas pintadas e douradas. Em cima de baús cinzelados, esplêndidos esmaltes brilhavam aqui e ali e uma cabeça de javali em faiança coroa um magnífico guarda-louça, do qual duas prateleiras deixavam perceber, pelos ornatos, que a dona da casa era mulher ou viúva de um cavaleiro que tinha a incumbência do estandarte, nas batalhas... No fundo, ao lado de uma alta lareira armoriada e abrasonada de cima a baixo, estava sentada, numa rica poltrona de veludo vermelho, a sra. de Gondelaurier, cujos cinquenta e cinco anos se confirmavam estampados tanto no vestido quanto no rosto. Junto dela, postava-se de pé um rapaz de altivo porte, mesmo que de aparência frívola e fanfarrona, um desses bonitos rapagões que todas as mulheres concordam em elogiar, mas que os homens mais graves e bons fisionomistas têm em pouca conta. O jovem fidalgo trajava o brilhante uniforme dos arqueiros da ordenança do rei, muito semelhante ao figurino de Júpiter, que já pudemos admirar no primeiro livro da presente história, sem precisar importunar o leitor com mais uma descrição.

As senhoritas estavam sentadas entre a sala e o balcão, umas nas almofadas de veludo de Utrecht com arremates dourados, outras em banquinhos de carvalho esculpidos com flores e figuras. Cada uma apoiava sobre os joelhos uma ponta da grande tapeçaria que bordavam em conjunto, e da qual um bom pedaço se arrastava sobre a esteira que cobria o assoalho.

Conversavam entre cochichos e risos abafados típicos de um conciliábulo de mocinhas quando têm por perto um rapaz. E este último, cuja presença tanto agitava o amor-próprio feminino, parecia, na verdade, bem pouco

preocupado com isso. Entre as beldades, porém, cada uma procurava mais chamar a atenção dele, que parecia interessado sobretudo em lustrar com a luva de pele de camurça a fivela do cinturão.

De vez em quando, a velha senhora se dirigia a ele em voz baixa, ao que ele respondia da melhor forma, com uma espécie de polidez desajeitada e constrangida. Pelos sorrisos, pelos pequenos sinais de cumplicidade da sra. Aloïse, pelas piscadas de olho que ela dirigia à filha Fleur-de-Lys, falando baixinho com o capitão, era fácil perceber se tratar de algum noivado consumado, de algum casamento em vista, provavelmente entre o rapaz e Fleur-de-Lys. E pela frieza contrafeita do oficial, era fácil ver também que, pelo menos para ele, não se tratava de amor. Toda a sua expressão estampava um embaraço e um tédio que nossos subtenentes de pelotão, hoje em dia, traduziriam como: que droga de castigo!

A boa senhora, exclusivamente voltada para a filha, como pobre mãe que era, não percebia o pouco entusiasmo do oficial e não parava de enumerar baixinho as perfeições infinitas com que Fleur-de-Lys espetava a agulha ou desfiava o novelo.

— Veja só, jovem primo — ela dizia, puxando-o pela manga para que aproximasse o ouvido. — Repare bem, agora que ela se abaixa.

— É verdade — respondia o rapaz, voltando em seguida ao silêncio distraído e glacial.

Pouco depois, era preciso novamente se inclinar, pois a sra. Aloïse dizia:

— Pode haver imagem mais terna e mais alegre do que a sua prometida? Mais alva e mais loura? Não tem mãos perfeitas? E o pescoço, não tem tudo, da maneira mais encantadora, dos movimentos de um cisne? Como às vezes o invejo! Que felicidade a sua, de ter nascido homem, libertinos que são! Não é verdade que minha Fleur-de-Lys é adorável e que o senhor está perdidamente apaixonado?

— Certamente — ele respondia, pensando em outra coisa.

— Fale com ela! — disse de repente a sra. Aloïse, empurrando-o pelo ombro. — Puxe conversa. Está sendo um tanto tímido.

Podemos afirmar aos leitores que a timidez não era uma virtude e nem sequer um defeito do capitão. Ele tentou, assim sendo, cumprir o que era pedido.

— Querida prima — disse então, aproximando-se de Fleur-de-Lys —,

qual o tema da tapeçaria que bordam?

— Querido primo — respondeu Fleur-de-Lys com um tom aborrecido —, já lhe disse três vezes. É a gruta de Netuno.

Ela, evidentemente, percebia com mais clareza do que a mãe as maneiras frias e distantes do capitão. Que se viu, no entanto, forçado a manter conversação.

— E para quem é todo esse netunismo? — perguntou.

— Para a abadia de Saint-Antoine des Champs — disse Fleur-de-Lys sem erguer os olhos.

O capitão levantou um canto da tapeçaria:

— E o que vem a ser, querida prima, esse homem gordo e armado que sopra com toda força numa trombeta?

— É Tritão — ela respondeu.

Continuava havendo uma entonação um pouco aborrecida nas breves palavras de Fleur-de-Lys. O rapaz entendeu ser indispensável dizer algo mais particular e, de preferência, segredado: alguma ninharia, uma galanteria, qualquer coisa. Debruçou-se então, mas nada encontrou na imaginação de mais carinhoso e íntimo do que:

— Por que a sua mãe usa sempre uma túnica armoriada como nossas avós do tempo de Carlos VII? Diga a ela, prima querida, não ser mais o que dita a elegância nos nossos dias, e que as armas bordadas como brasão no vestido fazem-na parecer um lintel ambulante de lareira. Na verdade, ninguém mais alardeia tanto o seu pendão, garanto.

Fleur-de-Lys ergueu finalmente os olhos, cheios de censura:

— É tudo o que encontra a dizer? — perguntou em voz baixa.

A boa sra. Aloïse, entretanto, satisfeita de vê-los daquela maneira próximos e cochichando, pensou, brincando com o fecho do livro de horas:

— Que linda cena amorosa!

O capitão, cada vez mais atrapalhado, preferiu voltar à tapeçaria:

— É realmente um lindo trabalho! — exclamou.

Aproveitando a deixa, Colombe de Gaillefontaine, outra bonita loura de pele clara, bem decotada num damasco azul, timidamente arriscou uma palavra, dirigindo-se a Fleur-de-Lys, mas esperando que fosse o belo capitão que respondesse:

— Querida Gondelaurier, chegou a ver as tapeçarias da residência da Roche-Guyon?

— Não é onde se encontra o Jardim da Lingère do Louvre? — perguntou rindo Diane de Christeuil, que tinha belos dentes e, por isso, ria a qualquer pretexto.

— E onde se ergue uma torre da antiga muralha de Paris — acrescentou Amelotte de Montmichel, uma bonita morena cacheada e jovial, que tinha o hábito de suspirar como a outra ria, sem saber por quê.

— Querida Colombe — retomou a sra. Aloïse —, refere-se à residência que pertencia ao sr. de Bacqueville, à época do rei Carlos VI? De fato tem tapeçarias suntuosas.

— Carlos VI! O rei Carlos VI! — resmungou o jovem capitão, torcendo os bigodes. — Meu Deus! Como a velha senhora se lembra de coisas velhas!

A sra. de Gondelaurier continuava:

— Belíssimas tapeçarias, é verdade. Um trabalho tão estimável que passa por singular!

Nesse momento, Bérangère de Champchevrier, buliçosa menininha de sete anos, que olhava a praça através dos trevos do balcão, exclamou:

— Ah! Veja, madrinha Fleur-de-Lys, a linda dançarina ali na praça, que bate tambor no meio dos burgueses tolos!

De fato, ouvia-se a sonoridade vibrante de um pandeiro.

— Alguma egípcia da Boêmia — disse Fleur-de-Lys, virando-se displicentemente para a praça.

— Vamos ver! Vamos ver! — exclamaram as alegres amigas e todas acorreram ao parapeito do balcão, enquanto Fleur-de-Lys, incomodada com a frieza do noivo, seguiu-as mais lentamente. Ele próprio, aliviado com o incidente que interrompia a conversa penosa, voltou ao fundo da sala com o ar satisfeito do soldado substituído na sentinela. Não se podia negar, no entanto, ser um agradável serviço, aquele junto da bela Fleur-de-Lys. Sempre assim lhe parecera, mas pouco a pouco ia perdendo a novidade, e a perspectiva de um próximo casamento a cada dia mais desanimava o capitão. Ele, diga-se, tinha um humor volúvel e — será preciso dizer? — o gosto um tanto vulgar. Apesar de nascido em berço nobre, tinha muitos hábitos de caserna, adquiridos com a soldadesca. Sentia-se bem em tabernas e com tudo o que isso subentende. Só se sentia à vontade na linguagem chula, nas

galanterias militares, entre as belezas fáceis e os fáceis sucessos. De fato havia recebido de sua família alguma educação e boas maneiras, mas cedo demais partiu em campanha, moço demais se alistou nas fileiras e, a cada dia, o verniz da fidalguia se apagava sob o rude contato do boldrié militar. Apesar de manter visitas esporádicas, por um resto de respeito social, ele se sentia duplamente incomodado na casa de Fleur-de-Lys. Primeiro porque, de tanto dispersar seu amor em todo tipo de lugar, sobrava muito pouco para ela. Em seguida porque, entre tantas belas senhoras rígidas, ajustadas e decentes, ele o tempo todo temia que a boca, habituada aos palavrões, inadvertidamente perdesse o freio e deixasse escapar palavreado de taberna. Pode-se perfeitamente imaginar o efeito que isso causaria!

E todo esse pano de fundo se misturava a grandes pretensões de elegância, de cuidados íntimos e de bela aparência. Que se imagine possível todo esse quadro. Sou apenas o seu historiador.

Ali estava ele, então, pensando ou não, apoiado em silêncio ao lintel esculpido da lareira, quando Fleur-de-Lys, virando-se de repente (pois a pobrezinha, afinal, somente por despeito se irritava), dirigiu-lhe a palavra:

— Querido primo, não nos falou de uma pequena egípcia a quem salvou há dois meses de uma dezena de ladrões, fazendo a ronda noturna?

— Creio que sim, querida prima — respondeu o capitão.

— Pois talvez seja essa mesma boêmia que dança na praça — disse ela. — Venha ver se a reconhece, querido primo Phoebus.

Ele adivinhou um secreto desejo de reconciliação no afetuoso convite, pois também se acrescentara o cuidado de pronunciar o seu nome. O capitão Phoebus de Châteaupers (pois é a quem o leitor acompanha, desde o início do presente capítulo) se aproximou lentamente do balcão.

— Veja — disse Fleur-de-Lys, colocando com ternura a mão no braço de Phoebus —, olhe a mocinha que dança no centro daquele círculo. Seria a sua boêmia?

— É sim, reconheço-a pela cabra.

— A bonita cabritinha, é verdade! — disse Amelotte, juntando as mãos com admiração.

— Os chifres são de ouro de verdade? — perguntou Bérangère.

Sem sair da sua poltrona, a sra. Aloïse tomou a palavra:

— Não seria uma daquelas boêmias que chegaram ano passado pela porta

Gibard?

— Sra. minha mãe — disse com brandura Fleur-de-Lys. — Essa porta hoje em dia se chama porta do Inferno.

A srta. de Gondelaurier sabia o quanto o capitão ficava chocado com os modos antiquados da mãe e, de fato, ele já zombava entredentes, repetindo:

— Porta Gibard! Porta Gibard! Deve ser para que passe o rei Carlos VI!

— Madrinha! — exclamou Bérangère, cujos olhos sempre em movimento tinham bruscamente se dirigido ao alto das torres de Notre Dame. — O que é aquele homem escuro lá em cima?

Todas as jovens ergueram os olhos. Um homem estava efetivamente apoiado na balaustrada mais alta da torre setentrional, do lado que dava para a Grève. Era um padre. Podia-se claramente distinguir a batina e o rosto apoiado nas mãos. Mas não se movia mais do que uma estátua. Tinha o olhar fixo na praça — algo da imobilidade de um falcão que acaba de descobrir um ninho de pardais e o espreita.

— É o sr. arquidiácono de Josas — disse Fleur-de-Lys.

— Tem bons olhos, se o reconhece daqui! — observou a jovem Gaillefontaine.

— Como ele olha para a pequena dançarina! — notou Diane de Christeuil.

— A egípcia que se cuide! — disse Fleur-de-Lys. — Pois ele não aprecia o Egito.

— É pena que esse homem a olhe assim — acrescentou Amelotte de Montmichel —, pois é linda a maneira como ela dança.

— Querido primo Phoebus — disse subitamente Fleur-de-Lys. — Já que conhece a pequena boêmia, faça-lhe sinal para que suba. Isso pode nos divertir.

— Seria ótimo! — exclamaram todas as jovens, batendo palmas.

— Seria uma maluquice, isso sim! — respondeu Phoebus. — Ela provavelmente já se esqueceu de mim e nem sei como se chama. Mas se assim querem as senhoritas, posso tentar.

Debruçando-se então na balaustrada do balcão, ele gritou:

— Mocinha!

A dançarina não tocava o pandeiro naquele instante e voltou o rosto para o ponto de onde vinha o chamado. Seu olhar brilhante se fixou em Phoebus e

ela instantaneamente parou.

— Mocinha! — repetiu o capitão, fazendo sinal com a mão para que subisse.

A jovem o olhou ainda e ficou ruborizada como se uma chama abrasasse o seu rosto. E, colocando o pandeiro sob o braço, ela se dirigiu então à porta da casa de onde Phoebus a chamava, a passos lentos entre os espectadores surpresos, vacilante e com o olhar abalado de um pássaro que cede ao fascínio da serpente.

Pouco depois, a cortina lavrada da sala se afastou e a boêmia apareceu à entrada, corada, assustada, sem fôlego, os grandes olhos abaixados, sem ousar um passo adiante.

Bérangère bateu palmas.

A dançarina, porém, permanecia imóvel à entrada. Sua aparição havia produzido no grupo de moças um efeito singular. Certo é que um vago e indistinto desejo de agradar ao belo oficial unanimemente as animava; o esplêndido uniforme era o alvo de todo aquele coquetismo e, desde o início, pairava entre as amigas certa rivalidade secreta, surda, que elas sequer confessavam a si mesmas, mas que não deixava de explodir a cada instante nos gestos e no que diziam. Todavia, como tinham, também unanimemente, o mesmo grau, mais ou menos, de beleza, lutavam em pé de igualdade, com cada qual podendo esperar vencer. Mas a recém-chegada bruscamente rompeu esse equilíbrio. Tinha uma beleza tão rara que, no momento em que surgiu à entrada da sala, foi como se refletisse no ar uma espécie de luz própria. Naquele ambiente estreito, em sombria atmosfera de estofos e madeiramentos, ela parecia incomparavelmente mais bela e resplandecente do que na praça pública. Era como uma tocha que se acendesse de repente na sombra. As nobres mocinhas inevitavelmente se sentiram ofuscadas. Cada uma se imaginou de certa maneira ofendida em sua beleza própria. De forma que o campo de batalha comum, se nos permitirem a expressão, instantaneamente mudou, sem que elas trocassem uma só palavra. Mas o entendimento se fez às maravilhas. Os instintos femininos se compreendem e se respondem mais rapidamente do que a inteligência masculina. Acabava de chegar uma inimiga: todas sentiram, todas se uniram. Basta uma gota de vinho para tingir um copo cheio d'água, e para espalhar certa predisposição num grupo de mulheres bonitas basta a chegada de uma mais bonita —

sobretudo havendo um só homem.

De forma que a recepção dada à boêmia foi maravilhosamente glacial. Consideraram-na de cima a baixo, se entreolharam e tudo já estava acertado. O entendimento se fizera. A jovem, no entanto, esperava que lhe dissessem alguma coisa, intimidada a ponto de não se atrever a levantar as pálpebras.

O capitão foi o primeiro a romper o silêncio.

— Por minha palavra! — disse com intrépida fatuidade. — Mas que encantadora criatura! O que acha, querida prima?

A observação, que um admirador mais delicado teria pelo menos feito em voz baixa, não era das melhores para dissipar os ciúmes femininos que se mantinham armados contra a boêmia.

Fleur-de-Lys respondeu com desdenhosa afetação:

— Bonita.

As amigas cochichavam.

Enfim, a sra. Aloïse, que não era a menos preocupada, pois se punha no lugar da filha, dirigiu-se à dançarina:

— Aproxime-se, minha jovem.

— Aproxime-se, minha jovem — repetiu com cômica dignidade Bérangère, que mal lhe chegava à cintura.

A egípcia foi até a nobre senhora.

— Bela criança! — disse Phoebus com ênfase, também avançando alguns passos. — Não sei se tenho a suprema felicidade de que me reconheça...

Ela o interrompeu, com um sorriso e um olhar cheios de infinita doçura:

— Reconheço sim!

— Tem boa memória — observou Fleur-de-Lys.

— Pois escapou bem ligeira naquela noite — retomou Phoebus. — Será que a assusto?

— Ah, de forma alguma! — respondeu a boêmia.

Havia, no tom com que esse *ah, de forma alguma!* foi pronunciado, logo a seguir do *reconheço sim!*, algo indizível que causou aflição em Fleur-de-Lys.

— E deixou no seu lugar, minha bela — continuou o capitão, cuja língua se destravara, falando com a moça da rua —, um estranho substituto, caolho e corcunda, o sineiro do bispo, pelo que soube. Contaram-me que é o bastardo de um arqui-diácono e diabo de nascença. Tem um nome engraçado, Quatro-

Estações, Domingo-de-Ramos, Terça-Feira-Gorda, não me lembro mais! Um nome de festa em que se tocam sinos, resumindo! Queria então sequestrá-la? Como se fosse feita para sineiros de igreja! É incrível. Que diabos pretendia aquela coruja? Tem alguma ideia?

— Não sei — ela respondeu.

— Quanta insolência! Um sineiro sequestrar uma jovem, como se fosse um visconde! Um camponês caçando na reserva de fidalgos! É coisa rara. Em todo caso, ele pagou caro. Mestre Pierrat Torterue é o mais rude domador a já ter esfolado um patife e, posso dizer, se isso porventura lhe agradar, que o couro do corcunda passou pelas suas mãos.

— Pobre homem! — disse a boêmia, a quem tudo aquilo trazia de volta a lembrança da cena no pelourinho.

O capitão deu uma gargalhada.

— Pelo chifre do boi! É uma misericórdia tão despropositada quanto uma pena na traseira de um porco! Quero ter a barriga de um papa, se...

Conteve-se.

— Desculpem, senhoras! Acho que ia soltar alguma besteira.

— Como pode, capitão? — exprimiu sua desaprovação Gaillefontaine.

— Fala a língua dessa criatura! — acrescentou a meia-voz Fleur-de-Lys, com uma frustração que crescia a cada instante.

E essa sensação só piorou, pois o oficial, encantado com a boêmia e mais ainda consigo mesmo, rodopiou num calcanhar e concluiu, em grosseira galanteria ingênua e soldadesca:

— Que bela moça, por minha alma!

— Bem barbaramente vestida — disse Diane de Christeuil, com seu riso de belos dentes.

A observação foi um raio de luz para as demais, pois denunciava o lado vulnerável da egípcia. Não podendo atacar a beleza, arremeteram contra os trajes.

— É bem verdade, mocinha — disse Montmichel. — Onde já se viu andar pelas ruas sem véu nem corselete?

— E essa saia é curta de causar arrepios — acrescentou Gaillefontaine.

— Querida — emendou num tom ácido Fleur-de-Lys. — Vai ser presa pela guarda do preboste, com essa cinta dourada.

— Mocinha, mocinha — retomou Christeuil com seu sorriso impecável —, se cobrisse o braço com uma simples manga comprida na blusa, ele estaria menos queimado de sol.

Era realmente algo digno de um espectador mais inteligente do que Phoebus assistir àquelas belas jovens com línguas viperinas e irritadas serpentear, escorregar e se contorcer em volta da dançarina de rua. Eram cruéis e graciosas. Passavam em revista e esmiuçavam com palavras maldosas o pobre e fantasioso traje de miçangas e lantejoulas. Seguiram-se risos, ironias e humilhações infinitas. Choviam sarcasmos contra a egípcia, partindo de uma altiva condescendência e olhares cruéis. Pareciam jovens damas romanas se divertindo a enfiar alfinetes de ouro no seio de uma bela escrava. Ou elegantes galgas, com as narinas dilatadas e os olhos ardentes, em torno de uma pobre corça silvestre que o olhar do caçador as proíbe de devorar.

O que podia representar, afinal, para aquelas filhas de importantes casas, uma miserável dançarina de praça pública? Não pareciam considerar a sua presença e falavam dela entre si ou diretamente a ela, em voz alta, como de algo sujo, abjeto, apesar de muito bonito.

A boêmia não se mostrava totalmente alheia às alfinetadas. De vez em quando, um rubor envergonhado ou um relâmpago de raiva inflamava seus olhos ou as faces. Uma palavra de desdém parecia hesitar em seus lábios ou era o pequeno muxoxo depreciativo que o leitor já conhece que se esboçava. Mas se calava. Paralisada, mantinha em Phoebus um olhar resignado, triste e delicado. E lia-se também felicidade e ternura nesse mesmo olhar. Parecia fazer um esforço para se controlar, temendo ser mandada embora.

Phoebus, por sua vez, achava tudo engraçado e tomava partido da boêmia, com uma mistura de impertinência e pena.

— Deixe que falem, menina! — repetia o capitão, fazendo soar as esporas de ouro. — É verdade, seus trajes são meio extravagantes e chamativos. Porém, bonita como é, que diferença faz?

— Meu Deus! — exclamou a loura Gaillefontaine, esticando seu pescoço de cisne com um sorriso amargo. — Vejo que os srs. arqueiros da ordenança do rei facilmente se incandescem diante de uns bonitos olhos egípcios.

— E por que seria de outro modo? — espantou-se Phoebus.

A resposta foi como uma pedra que se joga e nem se olha onde cai. E de

maneira tão espontânea que Colombe começou a rir, assim como Diane, Amelotte e até Fleur-de-Lys, em quem, ao mesmo tempo, uma lágrima brotou nos olhos.

A boêmia, que desde as palavras de Colombe de Gaillefontaine olhava fixamente o chão, voltou-se para Phoebus, resplandecente de alegria e orgulho. Estava muito bonita naquele momento.

A velha senhora, que observava a cena sem compreender, mas achando tudo aquilo insultuoso, de repente exclamou:

— Santa Virgem! O que é isso nas minhas pernas? Ah! Bicho horrível!

Era a cabra que acabava de chegar, procurando sua dona, e que precipitando-se em sua direção, enroscou seus chifres no amontoado de pano que as roupas da nobre senhora formavam a seus pés quando ela se sentava.

Foi uma diversão geral. A boêmia, sem nada dizer, ajudou-a a se desemaranhar.

— Ah! É a cabritinha de patas de ouro! — exclamou Bérangère, dando um salto de alegria.

A boêmia se ajoelhou e apoiou contra o seu rosto a cabeça carinhosa da cabra. Parecia pedir desculpas por tê-la abandonado daquele modo.

Diane, no entanto, se inclinava ao ouvido de Colombe.

— Meu Deus! Como não percebi? É a boêmia da cabra. Dizem que é feiticeira e a cabra executa truques bem miraculosos.

— Se é assim — disse Colombe —, que a cabra também nos divirta e faça um milagre.

Animadas, as duas se dirigiram à egípcia.

— Moça, faça a sua cabra nos mostrar um milagre.

— Não sei do que estão falando — respondeu a dançarina.

— Ora, um milagre, uma mágica, uma bruxaria!

— Não vejo como — e ela começou a fazer carinho no belo animal, repetindo: — Djali! Djali!

Nesse momento, Fleur-de-Lys notou um saquinho de couro bordado, preso ao pescoço da cabra.

— O que é isso? — perguntou.

A cigana ergueu seus olhos grandes e respondeu com gravidade:

— É o meu segredo.

“Bem que gostaria de saber que segredo é esse”, pensou Fleur-de-Lys.

A boa senhora, já irritada, se levantou então.

— Ora, cigana, se você e a sua cabra não vão dançar para nós, o que fazem aqui?

Sem responder, a boêmia se dirigiu lentamente à porta. Mas quanto mais se aproximava, mais lentos iam ficando os seus passos. Um invencível ímã parecia retê-la. De repente, ela virou os olhos úmidos de lágrimas para Phoebus e parou.

— Santo Deus! — exclamou o capitão. — Não pode ir embora assim. Volte, e dance alguma coisa para nós. Aliás, minha bela, como se chama?

— Esmeralda — respondeu a dançarina, sem desviar os olhos.

Ouvindo o nome estranho, um riso geral explodiu entre as moças.

— É um nome terrível! — disse Diane.

— E deixa claro — retomou Amelotte — que é uma fazedora de encantos.

— Minha querida — aparteu solenemente a sra. Aloïse. — Não foi no batistério que seus pais escolheram um nome assim.

Há alguns minutos, porém, sem que ninguém notasse, Bérangère havia atraído a cabra até um canto da sala, com um pedaço de maçapão. Rapidamente as duas fizeram amizade. A criança curiosa tinha soltado e aberto o saquinho preso ao pescoço da cabra, revirando em seguida na esteira o conteúdo. Era um alfabeto com cada letra escrita separadamente numa plaquinha em madeira de buxo. Assim que as peças se espalharam, a criança viu com surpresa a cabra, o que sem dúvida já seria um milagre, com a pata de ouro escolher algumas letras, que foram suavemente sendo dispostas numa ordem particular. Alguns instantes depois, formou-se uma palavra que a cabra parecia treinada a escrever, pois hesitou muito pouco a compor, e Bérangère subitamente exclamou, juntando as mãos com admiração:

— Madrinha Fleur-de-Lys, veja o que a cabra fez!

Fleur-de-Lys correu e estremeceu. As letras dispostas no piso formavam uma palavra:

PHOEBUS.

— A cabra escreveu isso? — ela perguntou, com a voz alterada.

— Foi a cabra, madrinha — respondeu Bérangère.

Não havia como ter dúvida, Bérangère não sabia escrever.

“É esse o segredo!”, pensou Fleur-de-Lys.

Ao chamado da menina, porém, todos tinham se aproximado: a mãe, as jovens, a cigana e o oficial.

A boêmia percebeu a péssima situação em que se encontrava. Ficou vermelha, depois pálida e começou a tremer como culpada, diante do capitão que a olhava com um sorriso de satisfação e espanto.

— *Phoebus!* — cochichavam as moças surpresíssimas. — É o nome do capitão!

— Tem maravilhosa memória! — disse Fleur-de-Lys à boêmia petrificada.

E depois, explodindo em pranto:

— Ah! — balbuciou dolorosamente, escondendo o rosto com as duas bonitas mãos. — É uma feiticeira!

E ouvia uma voz ainda mais amarga dizer, no fundo do seu coração: “É uma rival!”

E caiu desacordada.

— Minha filha! Minha filha! — gritou a mãe assustada. — Vá embora, boêmia do inferno!

Num piscar de olhos, Esmeralda juntou as infelizes letras, fez sinal a Djali e saiu por uma porta, enquanto levavam Fleur-de-Lys por outra.

Ficando só, o capitão Phoebus hesitou por um momento entre as duas portas. Depois seguiu a boêmia.

2. Não são o mesmo um padre e um filósofo

O padre que as moças haviam notado no alto da torre setentrional, debruçado a olhar a praça e tão atento à dança da boêmia era, de fato, o arqui-diácono Claude Frollo.

Nossos leitores não esqueceram a cela misteriosa que o arqui-diácono havia reservado nessa torre. (Não sei, diga-se de passagem, se não é a mesma cujo interior ainda pode ser visto por uma pequena lucarna quadrada que se abre ao levante, à altura de uma pessoa, na plataforma de onde partem as torres: um antro, hoje em dia vazio e em mau estado, com paredes mal emboçadas mas *ornamentadas* com gravuras já amareladas, representando fachadas de catedrais. Imagino que tal covil seja habitado somente por morcegos e aranhas, em disputa por moscas, vítimas dessa reforçada guerra de extermínio.)

Diariamente, uma hora antes do pôr do sol, o arqui-diácono subia a escada da torre e se trancava nessa cela, em que às vezes passava noites inteiras. No dia em questão, chegando diante da portinhola, no momento em que enfiou na fechadura a pequena chave complicada que sempre carregava na escarcela pendurada à cintura, um barulho de pandeiro e castanholas chegou a seus ouvidos. O som vinha da praça em frente. A cela, como foi dito, tinha apenas uma lucarna, e que dava para o corpo da igreja. Claude Frollo então precipitadamente pegou de volta a chave e subiu ao topo da torre, pondo-se na atitude sombria e recolhida em que foi visto pelas mocinhas.

Ali estava ele, grave, imóvel, absorto num só olhar e pensamento. Toda Paris estava a seus pés: as mil flechas dos seus edifícios, o horizonte circular de suaves colinas, o rio que serpenteia por baixo das pontes, o povo a andar em ondas pelas ruas, as nuvens de fumaça, a cadeia montuosa de telhados circundando Notre Dame com cerradas malhas. Mas, no meio de todo esse panorama, o arqui-diácono se concentrava no chão e num ponto único: a praça em frente. E no meio de toda aquela multidão, numa figura apenas: a boêmia.

Seria difícil dizer de que natureza era esse olhar e onde se originava a chama que o alimentava. Era um olhar fixo e, no entanto, perturbado e

tumultuado. Dada a imobilidade profunda do corpo (que mal estremecia, às vezes, por um arrepio maquinal, como uma árvore ao vento), dada a firmeza com que estavam plantados os cotovelos (mais marmóreos do que o parapeito em que se apoiavam) e atentando também ao sorriso petrificado que contraía o rosto, tinha-se a impressão de só restar de vivo, em Claude Frollo, justamente os olhos.

A boêmia dançava. Fazia girar o pandeiro na ponta dos dedos e lançava-o ao céu, dançando sarabandas provençais. Ágil, leve e alegre, não sentia o peso do olhar temível que se fixava nela.

A multidão fervilhava ao redor. De vez em quando um homem, vestindo uma casaca amarela e vermelha, reorganizava o círculo e voltava a se sentar a alguns passos da dançarina, com a cabeça da cabra descansando em seus joelhos. Parecia ser o companheiro da boêmia. Claude Frollo, do ponto muito alto em que estava, não podia distinguir os seus traços.

A partir do momento em que o arquidiácono percebeu o desconhecido, sua atenção ficou dividida entre ele e a dançarina, e seu rosto cada vez mais sombrio. De repente, dom Claude se endireitou e um tremor percorreu todo o seu corpo.

— Quem é esse homem? — disse entredentes. — Sempre a vi sozinha!

Voltou então à abóbada tortuosa da escada em espiral e desceu. Passando diante do local de onde os sinos eram acionados, viu pela porta entreaberta algo que lhe chamou a atenção. Debruçado na abertura de um daqueles guarda-ventos de ardósia que parecem enormes gelosias, Quasímodo também olhava a praça. Estava absorto em contemplação tão profunda que não reparou o pai adotivo que passava. Seu olho selvagem tinha uma expressão singular. Era um olhar encantado e terno.

— Isso é bem estranho! — murmurou Claude. — Será à egípcia que ele olha dessa maneira?

Continuou a descer. Minutos depois, o ensimesmado arquidiácono saiu à praça pela porta sob a torre.

— Onde está a boêmia? — perguntou, misturando-se ao grupo de espectadores que o som do pandeiro havia reunido.

— Não sei dizer — respondeu um deles. — Acaba de sumir. Acho que foi chamada na casa ali em frente, para um fandango.

No lugar da egípcia, no mesmo tapete em que os arabescos pouco antes se

confundiam sob o traçado caprichoso da dança, o arqui-diácono viu apenas o homem de vermelho e amarelo que, para ganhar por sua vez alguns cobres, se exhibia ao círculo de pessoas, de cotovelos nos quadris, cabeça jogada para trás, o rosto vermelho e o pescoço esticado, com uma cadeira entre os dentes. Na cadeira, estava preso um gato que uma mulher havia emprestado e que miava forte, bem assustado.



Debruçado em um dos guarda-ventos, Quasímodo também olhava a praça.

— Nossa Senhora! — exclamou o arqui-diácono, no momento em que o saltimbanco, molhado de suor, passou à sua frente, com aquela pirâmide

armada de cadeira e gato. — O que faz aqui, mestre Pierre Gringoire?

A voz severa do arquidiácono atingiu em cheio o pobre-diabo, fazendo-o perder o equilíbrio com todo o seu edifício. Cadeira e gato desabaram estabranadamente em cima do público, gerando uma vaia inextinguível.

É provável que mestre Pierre Gringoire (pois era ele mesmo) tivesse que prestar contas à dona do gato, assim como a todos aqueles que se machucaram e arranharam em volta, se não aproveitasse o tumulto para se refugiar na igreja, seguindo os acenos de Claude Frollo.

A catedral já se encontrava deserta e na penumbra. Nas laterais da nave, as lamparinas das capelas começavam a brilhar, com as abóbadas mergulhadas em plena escuridão. Somente a grande rosácea da fachada, com seus mil coloridos banhados ainda por um raio horizontal de sol, reluzia na sombra como um punhado de diamantes, projetando no outro extremo da nave seu espectro deslumbrante.

Depois de darem alguns passos, dom Claude se encostou numa coluna e encarou fixamente Gringoire. Mas o olhar não era o que mais incomodava Gringoire, envergonhado por ser flagrado naqueles costumes de bufão por um personagem tão grave e culto. A expressão do padre nada tinha de zombaria nem era irônica. Pelo contrário, parecia séria, tranquila e perscrutadora. O arquidiácono foi o primeiro a romper o silêncio.

— Aproxime-se, mestre Pierre. Precisa explicar muitas coisas. Antes de tudo, como é isso que há quase dois meses desapareceu e agora é visto nas ruas? E de que maneira, realmente! Bipartido em amarelo e vermelho, como uma maçã normanda!

— Dom Claude — explicou-se miseravelmente Gringoire —, são de fato atributos incríveis e me sinto pior do que um gato com a cabeça presa num cesto. Seria péssimo, sei disso, expor os srs. guardas da vigilância à obrigação de vergastar, nessa casaca, o úmero de um filósofo pitagórico. Mas o que fazer, reverendo mestre? A culpa foi do meu anterior gibão, que covardemente me abandonou no início do inverno, a pretexto de se encontrar em frangalhos, querendo ir descansar no amontoado do trapeiro. O que fazer então? A civilização não se encontra no ponto de podermos andar nus, como queria o velho Diógenes. Acrescente-se que soprava um vento bem frio, e não é no mês de janeiro que se pode arriscar a experiência, tentando descobrir se a humanidade já cumpriu algum avanço nesse quesito. Essa casaca se

apresentou. Aceitei-a, deixando no lugar a minha antiga, negra, que para um hermético como eu, fechava-se bem pouco hermeticamente. Ou seja, cá estou, vestido de bufão, como são Genésio. O que fazer? É um eclipse. O próprio Apolo teve que guardar o curral de Admeto.

— Que bela ocupação! — disse o arqui-diácono.

— Concordo, mestre, mais vale filosofar e poetar, soprar a chama sob o cadinho ou recebê-la do céu, do que carregar gatos na ponta do nariz. Tanto que assim que me chamou me comportei de maneira tão estúpida quanto um asno diante de um bife. Mas o que fazer, querido mestre? É preciso viver cada dia e os mais belos alexandrinos nada valem para os dentes, comparados a um pedaço de queijo de Brie. Como sabe, fiz para a sra. Margarida de Flandres aquele famoso epitáfio que a cidade não me pagou, a pretexto de não ser excelente, como se fosse possível apresentar por quatro escudos uma tragédia de Sófocles. Estava fadado então a morrer de fome. Precisei explicar a meu próprio maxilar:

— Faça truques de força e de equilíbrio, trate de se alimentar. *Ale te ipsam*.⁷² Um bando de malfeitores que vive à margem da sociedade e se tornou amigo me ensinou vinte tipos de truques hercúleos, e agora posso toda noite dar a meus dentes o pão que eles ganharam durante o dia, com o suor da minha testa. No final, *concedo*, é um mísero emprego para minhas faculdades intelectuais, não tendo, o homem, sido feito para passar a vida batucando e mordendo cadeiras. Entretanto, reverendo mestre, não basta passar pela vida, é preciso ganhá-la.

Dom Claude ouvia em silêncio. De repente, o seu olho profundo assumiu tal expressão sagaz e penetrante que Gringoire se sentiu, por assim dizer, revirado até o âmago da alma.

— Muito bem, mestre Pierre, mas o que tudo isso tem a ver com o fato de estar agora na companhia daquela dançarina do Egito?

— Com a breca! — disse Gringoire. — É a minha mulher e eu o seu marido.

O olho tenebroso do padre se incendiou.

— Atreveu-se a isso, miserável? — ele gritou, agarrando furiosamente o braço de Gringoire. — Foi a tal ponto abandonado por Deus que chegou a pôr as mãos nessa criatura?

— Por minha parte no paraíso, monsenhor! — respondeu Gringoire, com

o corpo inteiro sendo sacudido. — Juro que nunca toquei nela, se for o que o preocupa.

— E por que fala então de marido e mulher? — quis saber o padre.

Gringoire se apressou a contar o mais sucintamente possível tudo que o leitor já conhece, desde as desventuras no Pátio dos Milagres até o casamento da moringa quebrada. Tudo indicava, aliás, que o matrimônio continuava sem resultado algum, com a boêmia sempre se furtando à noite de núpcias, como no primeiro dia.

— É um aborrecimento — disse ele, para concluir —, foi uma infelicidade ter me casado com uma virgem.

— O que está dizendo? — perguntou o arquidiácono, que se acalmava na medida em que ouvia.

— É difícil explicar — respondeu o poeta. — Trata-se de uma superstição. Minha mulher, segundo me disse um velho patife a quem entre nós chamamos duque do Egito, foi uma criança abandonada, ou encontrada, o que dá no mesmo. Tem no pescoço um amuleto que, acredita-se, a fará um dia reconhecer os pais, mas o talismã perderia suas virtudes caso ela perca a sua. Onde nos mantermos plenamente virtuosos.

— Quer dizer — insistiu Claude, cujo semblante se iluminava cada vez mais —, mestre Pierre, que homem nenhum, segundo o senhor, se aproximou dessa criatura?

— O que pode, dom Claude, fazer um homem contra uma superstição? Ela tem isso na cabeça. Estimo ser provavelmente uma raridade tal pudicícia de freira se conservar tão ferozmente entre moças boêmias, em geral facilmente conquistadas. Mas ela tem para se proteger três coisas: o duque do Egito, que a tomou sob sua proteção, pensando talvez vendê-la para algum ilustre abade; a sua tribo inteira, que tem por ela uma singular veneração, como se fosse uma Nossa Senhora; e certo punhalzinho que a danada guarda sempre com ela em algum lugar, apesar das ordens do preboste, e que aparece nas suas mãos assim que alguém se aproxima muito. É uma tremenda vespa, acredite!

O arquidiácono crivou Gringoire de perguntas.

Esmeralda era, na opinião de Gringoire, uma criatura inofensiva, encantadora e bonita, apesar de um trejeito particular que tinha. Moça ingênua e apaixonada, tudo ignorando e por tudo entusiasmada, não sabendo

ainda o que diferencia uma mulher de um homem, mesmo em sonho. Era a sua natureza. Louca sobretudo por dança, por música, por ar livre. Uma espécie de mulher abelha, com asas invisíveis nos pés e vivendo num turbilhão. Devia tal índole à vida errante que sempre havia levado. Gringoire conseguira saber que, quando criança, tinha percorrido a Espanha e a Catalunha, até a Sicília. Ele inclusive acreditava que fora levada, pela caravana *zingari* de que fazia parte, até o reino da Argélia, país situado na Acaia, Acaia esta que faz fronteira com a pequena Albânia e a Grécia, margeada também pelo mar das Sicílias, que é o caminho de Constantinopla. Os boêmios, contou Gringoire, eram súditos do rei de Argel, enquanto chefe da nação dos Mouros Brancos. Certo era, todavia, que Esmeralda viera à França bem cedo, pela Hungria. De todos aqueles países, a jovem havia trazido fiapos de línguas bizarras, cantos e ideias estranhas, o que tornava seu linguajar algo tão confuso quanto seus trajes meio parisienses, meio africanos. Além disso, a gente que ela frequentava apreciava sua alegria e delicadeza, seus modos vivazes, danças e canções. Ela achava que, na cidade inteira, apenas duas pessoas a odiavam e frequentemente se referia a isso com horror: a *sachette* da torre Roland, uma terrível reclusa que tinha não se sabe qual rancor contra as egípcias e amaldiçoava a pobre dançarina toda vez que ela estava ao alcance da sua voz, e um padre que jamais passava por ela sem lançar olhares e palavras assustadores. Essa última informação perturbou muito o arqui-diácono, sem que Gringoire prestasse atenção, de tanto que haviam bastado dois meses para que a incúria do poeta esquecesse os detalhes singulares daquela noite em que ele havia seguido a egípcia, com a presença do arqui-diácono naquilo tudo. Mas em princípio a pequena dançarina nada tinha a temer, ela não lia a sorte nas mãos das pessoas, escapando assim dos processos por magia que frequentemente eram impetrados contra as ciganas. Além disso, Gringoire a acompanhava como um irmão, já que não podendo ser como marido. E o filósofo, afinal, suportava bem pacientemente aquela espécie de casamento platônico que, no mínimo, já lhe garantia o teto e o pão. Toda manhã, ele partia da terra dos bandidos, em geral com a egípcia, e a ajudava a fazer nas esquinas a colheita de moedas miúdas. Toda noite, voltava com ela ao mesmo abrigo, deixando-a se trancar no seu pequeno cômodo, dormindo em seguida o sono dos justos. Existência bem tranquila, afinal de contas, achava ele, e muito propícia aos devaneios. Além disso, no fundo da alma e em plena consciência, o filósofo

não tinha certeza de estar tão apaixonado pela boêmia. Gostava quase que da mesma maneira da cabra. Era um lindo animalzinho: meigo, inteligente, espiritualizado, uma cabra muito instruída. Nada era mais comum, na Idade Média, do que animais amestrados que encantavam a todos, mas que, frequentemente, levavam seus donos à fogueira. Os feitiços da cabra de patas douradas, entretanto, eram marotices bem inocentes. Gringoire as explicou ao arquidiácono, a quem tais detalhes pareciam muito interessar. Bastava, na maioria dos casos, apresentar o pandeiro à cabra, nessa ou naquela posição, para que ela reagisse como lhe tinham ensinado. Fora assim amestrada pela boêmia, que era dotada de um talento tão raro, para tais sutilezas, que precisara de apenas dois meses para ensinar a cabra a escrever com letras soltas o nome *Phoebus*.

— *Phoebus!* — exclamou o padre. — Por que *Phoebus*?

— Não sei — respondeu Gringoire. — Talvez seja uma palavra que ela acredite ter algum poder mágico e secreto. Ela muitas vezes a repete, quando acha estar sozinha.

— Tem certeza — insistiu Claude, com seu olhar penetrante — de que é apenas uma palavra e não um nome?

— Nome de quem? — perguntou o poeta.

— Como vou saber? — respondeu o padre.

— Deixe-me dizer o que imagino, senhor. Esses boêmios são meio guebros e adoram o sol. Por isso *Phoebus*.

— Isso a mim não parece tão claro assim, mestre Pierre.

— De qualquer forma, não me importo com isso. Que ela sussurre seu *Phoebus* à vontade. Do que tenho certeza é que Djali já gosta de mim quase tanto quanto dela.

— E quem é essa Djali?

— A cabra.

O arquidiácono descansou o queixo na mão e pareceu perdido em pensamentos, por um momento. De repente, virou-se bruscamente para Gringoire.

— Jura que nunca tocou nela?

— Em quem? — perguntou Gringoire. — Na cabra?

— Não! Nessa mulher.

— Na minha mulher! Juro que não.

— E frequentemente está a sós com ela?

— Toda noite, por pelo menos uma hora.

Dom Claude franziu o cenho.

— Oh! Oh! *Solus cum sola non cogitabuntur orare Pater noster.*⁷³

— Por minha alma, posso rezar o *Pater*, a *Ave-Maria* e o *Credo in Deum patrem omnipotentem*, sem que, nem por isso, ela se interesse por mim mais do que uma galinha por uma igreja.

— Jure pelo ventre de sua mãe — repetiu o arqui-diácono com violência — que não tocou nessa criatura nem com a pontinha do dedo.

— Posso jurar também pela cabeça do meu pai, pois as duas coisas têm mais do que uma relação. Porém, reverendo mestre, permita-me também fazer uma pergunta.

— Diga, meu caro.

— Por que isso o interessa tanto?

O pálido semblante do arqui-diácono ficou vermelho como o rosto de uma donzela. Permaneceu mudo por um momento e em seguida disse, com visível embaraço:

— Ouça, mestre Pierre Gringoire. O senhor não caiu ainda em danação, que eu saiba. Interesse-me pelo senhor e quero o seu bem. O menor contato com essa egípcia do demônio o tornaria vassalo de Satanás. Como bem sabe, é sempre o corpo que perde a alma. Pobre do senhor, caso se aproxime dessa mulher! Somente isso.

— Eu tentei uma vez — confessou Gringoire, coçando uma orelha. — Foi no primeiro dia, mas fui rechaçado.

— Teve esse desplante, mestre Pierre?

As feições do padre se assombream.

— De outra feita — continuou o poeta, com um sorriso — olhei-a pelo buraco da fechadura antes que se deitasse e vi a pessoa vestindo camisola mais deliciosa que já fez ranger sob o seu pé descalço a mola de uma cama.

— Que o diabo o carregue! — gritou o padre com um olhar terrível, e empurrando pelos ombros Gringoire, que permanecia ainda encantado com a lembrança, enfiou-se, em seguida, com largas passadas, entre as mais sombrias arcadas da catedral.

72. "Alimente a si mesmo", em latim no original.

73. "Sozinhos, não vamos achar que rezem o Padre-Nosso", em latim no original.

3. Os sinos

Desde aquela manhã do pelourinho, a vizinhança de Notre Dame tinha a nítida impressão de haver arrefecido o ímpeto carrilhador de Quasímodo. Até então, eram sinos que badalavam a qualquer pretexto, longas matinas que duravam de prima a completas, arroubos a rebate para uma grande missa, ricas gamas percorrendo todos os instrumentos menores para um casamento ou batizado, misturando-se no ar como verdadeiro ornamento para todo tipo de encantadores sons. A velha igreja, vibrante e sonora, se mostrava numa perpétua trepidação de sinos. Sentia-se por todo lugar, incessante, a presença de um espírito que unia barulho e capricho, entoados por todas aquelas bocas de cobre. Esse espírito parecia ter desaparecido, deixando a catedral triste e frequentemente silenciosa. Os festejos e os enterros tinham apenas seus toques de praxe, secos e nus, conforme a exigência do ritual e nada mais. Do duplo barulho que as igrejas produzem, com o órgão do lado de dentro e o sino do lado de fora, só restava o órgão. Claramente não havia mais um artista na torre. E Quasímodo, no entanto, continuava lá. O que, então, tinha acontecido com ele? Será que a vergonha e o desespero do pelourinho persistiam no fundo do coração, com as chicotadas do atormentador repercutindo interminavelmente na alma e deixando que a tristeza advinda daquele tratamento apagasse nele até mesmo a antiga paixão? Ou será que Marie tinha uma rival no coração do carrilhador de Notre Dame e, nesse caso, seria então por motivação mais amável e bonita que ele não dava mais tanta atenção ao sino maior e suas quatorze irmãs?

Naquele gracioso ano de 1482, a festa da Anunciação caiu na terça-feira, 25 de março. O dia apresentava um ar tão puro e leve que Quasímodo voltou a se lembrar dos sinos com amor. Subiu então à torre setentrional, enquanto embaixo o sacristão escancarava as portas da igreja, que na época eram enormes pranchas de madeira pesada, revestidas de couro, semeadas de tachas douradas e emolduradas por esculturas “muito artificialmente elaboradas”.

Chegando ao alto cubículo de onde se fazia soar o carrilhão, Quasímodo

balançou tristemente a cabeça, considerando por certo tempo os seis sinos menores, como se lamentasse algo estranho a se interpor entre eles e o seu coração. Mas ao colocá-los em movimento, ao sentir a penca de sinos vibrar em sua mão, ao ver — pois não ouvia — a oitava palpitante subir e descer na escala sonora como um pássaro salta de galho em galho, quando o demônio música, esse diabo que sacode um molho brilhante de *strettos*, de trinados, de arpejos, se apossou do pobre surdo, ele voltou então a se sentir feliz, esqueceu tudo e o seu coração, se dilatando, fez todo o rosto brilhar.

Quasímodo ia e vinha, batia as mãos, corria de uma corda para outra, animava seus seis cantores com voz e gesto, como um maestro que fustiga virtuosos inteligentes.

— Vá, Gabrielle, vá! — dizia. — Despeje todo o seu barulho na praça. Hoje é dia de festa. Nada de preguiça, Thibauld. Está diminuindo o ritmo. Vá, estou dizendo, vá! Será que ficou enferrujado, seu preguiçoso? Muito bem! Rápido! Rápido! Que não se possa ver o badalo. Deixe todos surdos, como deixou a mim. Isso mesmo, Thibauld, coragem! Guillaume! Guillaume! É você o maior e Pasquier o menor. Mas Pasquier está melhor. Posso apostar que quem está ouvindo o percebe melhor do que a você. Ótimo! Ótimo! Gabrielle, força! Mais força! Ei! O que estão fazendo aí em cima os dois pardais? Não os vejo fazer o menor barulho. Que bicos de cobre são esses que parecem bocejar, em vez de cantar? Vamos lá, trabalhem! É a Anunciação. Faz sol. Precisamos de um bom carrilhão. Pobre Guillaume! Vejo que não tem mais fôlego, meu amigo!

Estava ocupado a atizar seus sinos, que saltavam, cada um com mais entusiasmo do que os outros cinco, e balançavam seus costados reluzentes, como uma barulhenta parelha de mulas espanholas espicaçadas pelo carroceiro.

De repente, deixando que o olhar caísse entre as largas escamas de ardósia que, a certa altura, cobrem a parede vertical da torre, ele viu na praça uma jovem estranhamente vestida que parou, estendeu no chão um tapete e em cima dele uma pequena cabra se acomodou, com um grupo de espectadores se organizando em volta. A visão bruscamente mudou o curso dos seus pensamentos e paralisou todo aquele entusiasmo musical como uma brisa paralisa a resina em fusão. Ele parou, virou as costas ao que estava fazendo e se encolheu atrás do guarda-vento de ardósia, fitando a dançarina com o

mesmo olhar sonhador, terno e meigo que já havia antes espantado o arquidiácono. Com isso, os sinos esquecidos silenciaram subitamente, todos ao mesmo tempo, para grande desapontamento dos seus apreciadores, que ouviam contentes o carrilhão de cima da ponte au-Change e se foram, frustrados como o cachorro ao qual se mostra um osso e se joga uma pedra.

4. 'ANÁΓKH

Numa bela manhã desse mesmo mês de março, acho que no sábado, 29, dia de santo Eustáquio, nosso jovem amigo, o estudante Jehan Frollo du Moulin, percebeu ao se vestir que os calções, onde se encontrava sua bolsa, não produziam som metálico algum.

— Pobre bolsa! — disse, pegando-a. — Como assim? Nem vestígio de um mínimo parisis! Como os dados, os canecos de cerveja e Vênus cruelmente te esfaquearam! Aí estás vazia, enrugada e murcha! Como a garganta de uma fúria! Aos senhores pergunto, mestres Cícero e Sêneca, de quem vejo os escritos encoscorados espalhados sobre a laje, de que me serve saber, melhor do que um oficial da moeda ou do que um judeu da ponte dos cambistas que um escudo de ouro da coroa vale, cada um, trinta e cinco unzains de vinte e cinco sous e oito deniers parisis e que um escudo do crescente vale trinta e cinco unzains de vinte e seis sous e seis deniers tournois, cada um, se não tenho um miserável tostão a apostar no duplo-seis! Ah! Cônsul Cícero! Não é esse o tipo de calamidade da qual se escapa com perífrases, com *quemadmodum* e com *verum enim vero*!⁷⁴

Vestiu-se com tristeza. Um pensamento veio a sua mente enquanto amarrava as botinas, mas, de início, foi afastado. Entretanto, voltou, e o estudante enfiou o colete pelo avesso, sinal evidente de que um violento combate interior estava sendo travado. Ele afinal atirou rudemente o gorro ao chão e exclamou:

— Que assim seja! Ele fará o que tiver que fazer. Vou procurar meu irmão. Não evitarei um sermão, mas ganharei um escudo.

Vestiu então às pressas a casaca a *mahoîtres* com peles, pegou no chão o gorro e saiu atabalhado.

Desceu a rua de la Harpe, na direção da Cité. Passando pela rua de la Huchette, o perfume daqueles admiráveis espetos que sem parar rodam sobre as brasas fez cócegas no seu aparelho olfativo e Jehan lançou um olhar amoroso aos ciclópicos assados que um dia arrancaram do sapateiro Calatagirone essa patética exclamação: *Veramente, queste rotisserie sono*

*cosa stupenda!*⁷⁵ Mas ele não tinha com que comer e se enfiou, suspirando profundamente, sob o pórtico do Pequeno Châtelet, enorme trevo de torres maciças que guardavam a entrada da Cité.

Ao passar, o estudante nem se deu ao trabalho de jogar uma pedra, como era hábito, na miserável estátua de Périnet Leclerc, que havia entregado a Paris de Carlos VI aos ingleses, crime que a sua efígie, com a cabeça esmagada por pedras e suja de lama, expiou por três séculos na esquina das ruas de la Harpe e de Bussy, como se estivesse num perpétuo pelourinho.

Atravessada a Petit-Pont e, a largas passadas, a rua Neuve-Sainte-Geneviève, Jehan de Molendino se viu diante de Notre Dame. A indecisão voltou e ele andou por uns momentos ao redor da estátua do sr. Legris, repetindo aflito:

— Do sermão tenho certeza, do escudo não!

Interpelou um sacristão que saía do claustro.

— Onde se encontra o sr. arquidiácono de Josas?

— Acho que no esconderijo dele na torre — respondeu o homem. — E não aconselho que o incomode, a menos que venha da parte de alguém como o papa ou o sr. nosso rei.

Jehan deu com o punho na palma da outra mão.

— Com os diabos! Ótima oportunidade para ir ver o famoso cubículo das feitiçarias!

Entusiasmado, adentrou pela portinha escura e começou a subir o caracol de Saint-Gilles, que leva aos andares superiores da torre.

— Vou ver! — dizia a si mesmo no caminho. — Pelas madeixas da Santa Virgem! Deve ser bem curiosa essa cela que meu reverendo irmão esconde como se fossem suas partes pudendas! Dizem que arde ali o fogo do inferno, cozinhando em chamas vivas a pedra filosofal. Bom Deus! Para mim, filosofal ou não, é só uma pedra, e prefiro ter no meu fogareiro uma omelete de ovos da Páscoa com tocinho do que a maior pedra filosofal do mundo!

Chegando à galeria das colunetas, Jehan respirou um pouco, praguejou por não sei quantos milhões de diabos contra a escadaria interminável e retomou a subida pela estreita porta da torre setentrional, hoje proibida ao público. Pouco depois de passar pelo cubículo dos cabos que acionam os sinos, encontrou um pequeno patamar num vão lateral e, sob a abóbada, uma portinhola em ogiva. A seteira aberta na parede arredondada da escada

permitiu que visse a enorme fechadura que comandava uma poderosa tranca de ferro. Quem, hoje em dia, tiver a curiosidade de visitar essa porta poderá reconhecê-la por uma inscrição, gravada com letras brancas na parede escura: J'ADORE CORALIE, 1829. SIGNÉ UGÈNE. “Signé” faz parte da inscrição.

— Ufa! — bufou o estudante. — Provavelmente é aqui.

A chave estava na fechadura, a porta apenas encostada. Ele a empurrou devagar e passou a cabeça pela abertura.

O leitor certamente já correu os olhos pela obra admirável de Rembrandt, esse Shakespeare da pintura. Dentre tantas maravilhosas gravuras, encontra-se uma água-forte em particular, que se supõe representar o doutor Fausto. É impossível contemplar sem deslumbre essa imagem. Trata-se de uma cela sombria. No centro há uma mesa cheia de objetos terríveis, crânios, esferas, alambiques, compassos, pergaminhos hieroglíficos. O doutor está diante dessa mesa, vestindo um manto de pano grosso, com um gorro forrado de pele na cabeça, enfiado até as sobrancelhas. Só vemos meio corpo dele, que está se levantando de sua imensa poltrona, com os punhos crispados apoiados sobre a mesa. Ele considera com curiosidade e pavor um grande círculo luminoso, formado por letras mágicas, que brilha na parede do fundo, como o espectro solar numa câmara escura. Esse sol cabalístico parece reluzir e preenche a descorada cela com seu raio misterioso. É horrível e belo.

Algo bem semelhante à cela de Fausto se descortinou à frente de Jehan quando ele timidamente passou a cabeça pela porta entreaberta. Era igualmente um lugar sombrio, mal iluminado. Tinha também uma poltrona grande e mesa, assim como compassos, alambiques, esqueletos de animais pendurados no teto, uma esfera rolando no chão, hipocéfalos misturados a frascos de vidro em que tremiam folhas de ouro, crânios em cima de velinos com figuras e caracteres rabiscados, volumosos manuscritos empilhados e abertos sem muito cuidado para com as beiradas quebradiças do pergaminho, ou seja, todos os detritos da ciência e, por todo lugar, naquela miscelânea, muita poeira e teias de aranha. Só não havia círculo de letras luminosas nenhum nem doutor em êxtase, admirando a deslumbrante visão, como a águia contempla o sol.

Mas o aposento não estava deserto. Sentado na poltrona, debruçado junto à mesa, havia um homem. Jehan o via de costas, apenas os ombros e a parte posterior do crânio, mas não teve dificuldade em reconhecer naquela cabeça

calva a tonsura definitiva ali aberta pela natureza, que parecia ter querido marcar, com esse símbolo externo, a irresistível vocação clerical do arqui-diácono.

Jehan reconheceu o irmão. Mas a porta se abriu tão sorrateiramente que nada havia prevenido dom Claude da presença de um intruso. O curioso estudante aproveitou para examinar por um momento o cômodo. Havia um forno grande, que ele não tinha notado no primeiro instante, à esquerda da poltrona, sob a lucarna. Um raio de luz incidia sobre uma teia redonda de aranha, que inscrevia com bom gosto sua delicada rosácea na ogiva da abertura. No centro da teia, o inseto arquiteto se mantinha imóvel como se fosse o cubo de eixo daquela roda rendada. Em cima do forno, se acumulava em desordem todo tipo de vasilhame, garrafinhas de arenito, retortas de vidro, matrizes para carvão. Com um suspiro, Jehan notou não haver nenhum fogareiro.



Jehan reconheceu o irmão.

— Escassa bateria de cozinha! — deduziu em silêncio.

Aliás, também não havia fogo no forno, que parecia inclusive não fazer fumaça há muito tempo. Uma máscara de vidro, que Jehan notou entre os utensílios de alquimia e provavelmente servia para proteger o rosto do arquidiácono, ao elaborar alguma substância mais perigosa, parecia abandonada num canto, coberta de poeira. Ao lado, via-se um fole, não menos empoeirado, com a parte de cima apresentando essa inscrição em letras de cobre: *spira, spera*.⁷⁶

Outras palavras estavam escritas, como era costume entre os herméticos, em grande quantidade nas paredes; umas a tinta, outras gravadas com ponta de metal. Aliás, eram letras góticas, hebraicas, gregas e romanas misturadas, com as inscrições se atropelando ao acaso, umas por cima das outras, com as mais recentes apagando as mais antigas e todas se emaranhando como ramagem do mato ou como lanças numa batalha. E, é verdade, travava-se ali uma batalha de filosofias, de devaneios, de sabedorias humanas. Num ou noutro ponto, porém, alguma breve divisa latina ou grega, daquelas que a Idade Média tão bem sabia formular, se realçava como uma bandeira numa ponta de lança: *Unde? inde?, Homo homini monstrum. Astra, castra, nomen, numen.* Μέγα βιβλίον, μέγα χαχού. *Sapere aude. Fiat ubi vult* etc.⁷⁷ Mas notava-se também uma palavra sem sentido algum aparente: Ἀυαρχωαγία,⁷⁸ que talvez se referisse amargamente ao regime do claustro. Ou ainda uma simples máxima de disciplina clerical, formulada num hexâmetro regular: *Coelestem dominum, terrestrem dicito domnum.*⁷⁹ Por todo lugar, garranchos hebraicos que Jehan, já nem em grego tão brilhante, estava longe de compreender. A troco de nada, as inscrições se apresentavam ainda sobrecarregadas de estrelas, figuras de homens ou de animais, triângulos em interseção, tudo isso contribuindo bastante a fazer a muralha rabiscada parecer uma folha de papel em que um macaco houvesse brincado com uma pena molhada de tinta.

O restante do cubículo, aliás, tinha um aspecto geral de abandono e descuido. O mau estado dos utensílios levava a crer que há bastante tempo outras preocupações desviavam o mestre das suas tarefas.

Esse mesmo mestre, no entanto, debruçado sobre um vasto manuscrito ornado com pinturas estranhas, parecia atormentado por uma ideia que insistentemente lhe invadia a meditação. Foi pelo menos o que achou Jehan, ouvindo-o exclamar, com as intermitências pensativas de um sonhador que medita em voz alta:

— Disse Manu, e Zoroastro ensinou, o sol nasce do fogo e a lua do sol. O fogo é a alma do grande todo. Seus átomos elementares se espalham e gotejam incessantemente sobre o mundo, por infinitas correntes. Nos pontos em que tais correntes se cruzam no céu, se produz luz, e nos pontos de interseção na Terra, se produz ouro. Luz e ouro são o mesmo. Fogo em estado concreto. É a mesma diferença entre o visível e o palpável, entre o

fluido e o sólido numa mesma substância, entre o vapor da água e o gelo, nada mais. Não são sonhos, é a lei geral da natureza. Mas o que fazer para levar à ciência o segredo dessa lei geral? Como? Essa luz que inunda minha mão é ouro! Trata-se apenas de condensar, segundo certa lei, esses mesmos átomos dilatados segundo outra lei. O que fazer? Alguns imaginaram esconder um raio de sol. Averróis, exatamente, foi Averróis. Averróis enterrou um desses raios sob o primeiro pilar à esquerda do santuário do corão, na grande maomeria de Córdoba, mas só se poderá abrir o subsolo para ver se a operação deu certo daqui a oito mil anos.

— Diabos! — resmungou Jehan sem querer. — É tempo demais à espera de um escudo!

— Outros imaginaram — continuava o arquidiácono, como num delírio — ser melhor operar a partir de um raio de Sírío. Mas é muito difícil obter esse raio puro, por causa da presença simultânea das demais estrelas. Flamel estima ser mais simples usar o fogo terrestre. Flamel! Que nome predestinado, *Flamma!* Sim, o fogo. É isso. O diamante está no carvão, o ouro no fogo. Mas como extraí-lo? Magistri afirma que certos nomes de mulher têm encanto tão suave e misterioso que basta pronunciá-los durante a operação... Vejamos o que diz Manu: “Onde as mulheres são homenageadas, as divindades sorriem; onde são menosprezadas é inútil fazer pedidos a Deus. A boca da mulher é constantemente pura; é água corrente, é raio de sol. O nome da mulher deve ser agradável, suave, imaginário; terminar com vogais longas, se assemelhar a palavras de bênção.” O sábio tem toda razão, é verdade, Maria, Sofia, Esmeral... Maldição! Ainda esse pensamento!

E fechou o livro com violência.

Dom Claude passou a mão na testa como se quisesse afastar o pensamento que o obcecava. Em seguida, pegou na mesa um prego e um pequeno martelo com curiosas letras cabalísticas pintadas no cabo.

— Já há algum tempo — disse com um sorriso amargo — fracasso em todas as minhas experiências! Estou tomado pela ideia fixa que fere meu cérebro como um trevo de fogo. Sequer fui capaz de desvendar o segredo de Cassiodoro, cuja lamparina queimava sem pavio nem óleo. Coisa, no entanto, simples!

— Droga! — disse Jehan para si mesmo.

— ...Basta então — continuava o padre — um único mísero pensamento

para enlouquecer e enfraquecer um homem! Ah! Como Claude Pernelle ria de mim, ela que nunca conseguiu desviar por um só momento Nicolas Flamel da corrida rumo à grande obra! E então? Tenho nas mãos o martelo mágico do temível rabino Zéchiélé. Toda vez que, do fundo do seu quarto, o doutor judaico batia nesse prego com esse martelo, aqueles que ele condenava, mesmo que estivessem a duas mil léguas, afundavam um côvado na terra. O próprio rei da França, por ter certa noite batido sem consideração à porta do taumaturgo, afundou no chão de Paris até os joelhos. E isso se passou não tem nem três séculos. Nas minhas mãos, porém, o poder que têm esse martelo e prego em nada é mais formidável do que o da ferragem nas mãos de um serralheiro. E não se trata de encontrar a palavra mágica que Zéchiélé dizia, martelando o prego.

— Quanta bobagem! — pensou Jehan.

— Vejamos, vamos tentar — continuou vivamente o arqui-diácono. — Se tiver sucesso, verei a faísca azul brilhar na cabeça do prego. *Emen-hétan! Emenhétan!* Não é isso. *Sigéani! Sigéani!* Que esse prego abra a tumba a quem quer que se chame Phoebus!... Maldição, ainda e sempre, eternamente a mesma ideia!

Com raiva, lançou longe o martelo. Em seguida, afundou de tal modo na poltrona em frente à mesa que Jehan o perdeu de vista, por trás do enorme espaldar. Por alguns segundos, via apenas o punho convulsivo crispado em cima de um livro. Dom Claude de repente se levantou, pegou um compasso e gravou em silêncio na parede, em letras capitais, essa palavra grega:

‘ANÁΓKH



Dom Claude gravou na parede a palavra grega.

— Meu irmão enlouqueceu — disse Jehan para si mesmo. — Seria mais simples escrever *Fatum*. As pessoas não são obrigadas a saber grego.

O arquidiácono voltou a se sentar na cadeira e descansou a cabeça nas duas mãos, como faria um doente, sentindo a fronte pesada e ardente.

O estudante observava o irmão, surpreso. Ele que deixava o coração às soltas, considerando como única lei no mundo a boa lei da natureza, ele que livremente extravasava os sentimentos, mantendo a seco o lago dos grandes tumultos emocionais, pois a cada manhã abria novos escapes, não sabia com

que fúria o mar das paixões humanas fermenta e ferve, quando lhe recusam qualquer vasão. Ignorava como podem refluir, crescer, invadir, escavar o coração, explodir em pranto interior e em surdas convulsões, até arrebentar os diques e transbordar de seu leito. O invólucro austero e gélido de Claude Frollo, a fria superfície de virtude escarpada e inacessível sempre haviam enganado Jehan. O alegre estudante nunca imaginara a existência de lava fervente, furiosa e profunda, sob a fronte nevada do Etna.

Não sabemos se ele subitamente se deu conta disso tudo. Em todo caso, por mais superficial que fosse sua natureza, compreendeu ter visto o que não devia ver, e que acabava de surpreender a alma do irmão mais velho numa das suas mais secretas atitudes, não podendo deixar que Claude percebesse isso. Vendo o arqui-diácono voltar a cair na imobilidade inicial, Jehan recuou a cabeça bem devagar e fez alguns barulhos de passos atrás da porta, como alguém que chegasse, avisando a sua chegada.

— Entre! — gritou o arqui-diácono de dentro da cela. — Estava esperando. Deixei por isso a chave na porta. Entre, mestre Jacques.

O estudante entrou com ímpeto. O arqui-diácono, a quem tal visita, naquele lugar, incomodava muito, estremeceu na poltrona.

— Como? É você, Jehan?

— De qualquer forma, um J — respondeu o estudante, com o rosto vermelho, impudente e galhofeiro.

O rosto de dom Claude havia voltado à expressão severa.

— O que faz aqui?

— Meu irmão — respondeu o estudante, tentando conseguir uma expressão decente, lastimosa e modesta, girando o gorro nas mãos com ar inocente —, vim pedir...

— O quê?

— Uma pequena lição de moral, de que preciso muito — disse, sem se atrever a acrescentar em voz audível: — e algum dinheiro, de que preciso ainda mais.

Essa última parte da frase não chegou a ser pronunciada.

— Irmão — disse o arqui-diácono com um tom frio. — Estou muito descontente com o senhor.

— Arre! — suspirou o estudante.

Dom Claude moveu sua cadeira, pondo-se de viés, e olhou Jehan fixamente.

— Folgo em vê-lo.

Era mau exórdio. O caçula se preparou para um choque dos mais duros.

— Jehan, diariamente trazem-me dolências a seu respeito. Que confusão foi essa em que cobriu de bastonadas o pequeno visconde Albert de Ramonchamp?

— Ah! Grandes coisas — disse Jehan. — Um mau sujeito que emporcalhava os estudantes, passando a galope pela lama!

— E Mahiet Fargel, cujas roupas rasgou? *Tunicam dechiraverunt*,⁸⁰ relatou o queixoso.

— Ora! Um mau *cappette* de Montaigu! Um a menos!

— A queixa diz *tunicam* e não *cappettam*. Não sabe latim?

Jehan não respondeu.

— É isso! — continuou o padre, balançando a cabeça. — Aonde chegaram os estudos e as letras. Mal se ouve a língua latina, desconhece-se o siríaco, odeia-se a tal ponto o grego que não parece ignorância dos estudiosos saltar uma palavra sem lê-la e que se diga: *Graecum est, non legitur*.⁸¹

O estudante se animou a levantar os olhos.

— Sr. meu irmão, aceita que lhe explique em bom francês essa palavra grega, escrita ali na parede?

— Qual palavra?

— ‘ΑΝΑΓΚΗ.

Um leve rubor tingiu as maçãs do rosto do arqui-diácono, como um resquício de fumaça anunciando externamente a secreta comoção de um vulcão. O estudante mal reparou.

— Pois diga, Jehan — balbuciou o irmão mais velho com um esforço. — O que a palavra quer dizer?

— FATALIDADE.

Dom Claude voltou a empalidecer e o estudante continuou, despreocupado:

— E a palavra logo abaixo, escrita pela mesma mão, ‘Αναγνεία, significa *impureza*. Como pode ver, sabemos grego.

O arqui-diácono se mantinha em silêncio. As explicações do grego o

havam deixado ensimesmado. O pequeno Jehan, que tinha todas as astúcias de um menino mimado, achou ser um momento adequado para arriscar o pedido. Assumiu então voz bem doce e começou:

— Querido irmão, será que me detesta a ponto de estampar tanta ferocidade por umas poucas bofetadas e sacudidelas, legitimamente distribuídas a não sei quais rapazes e pirralhos, *quibusdam marmosetis*? Como pode ver, querido irmão, sabemos latim.

Mas a sedutora hipocrisia não teve sobre o severo irmão mais velho o efeito de sempre. Cérbero não se deixou levar pelo pão de mel e a testa do arquidiácono não perdeu nenhum dos vincos que a enrugavam.

— Aonde quer chegar? — perguntou com um tom seco.

— Ora, justamente! Ao seguinte! — respondeu bravamente Jehan. — Preciso de dinheiro.

Diante de tanto descaramento, a fisionomia do arquidiácono voltou a uma expressão pedagógica e paternal.

— Sr. Jehan. Deve saber que nosso feudo de Tirechappe produz, juntando o censo e as rendas das vinte e uma casas, apenas trinta e nove libras, onze soldos e seis deniers parisis. É bem mais do que no tempo dos irmãos Paclet, mas não chega a ser muito.

— Preciso de dinheiro — disse Jehan, estoicamente.

— Sabe também que o Santo Ofício decidiu que nossas vinte e uma casas se encontram dentro do feudo do bispado e que só podemos recuperar plena posse pagando ao reverendo bispo dois marcos de dinheiro dourado, ao preço de seis libras parisis. E esses dois marcos, deve saber, não consegui ainda juntar.

— Tudo que sei é que preciso de dinheiro — repetiu Jehan pela terceira vez.

— E o que pensa fazer?

A pergunta fez brilhar uma faísca de esperança nos olhos de Jehan, que voltou a uma expressão doce e afetuosa.

— Note bem, querido irmão Claude, eu não me dirigiria a você com qualquer má intenção. Não se trata de ir me exhibir em tabernas com os seus cobres nem de passear pelas ruas de Paris enfeitado em brocado de ouro com meu criado, *cum meo laquasio*. Não, irmão, é para uma boa ação.

— Qual boa ação? — perguntou Claude, meio surpreso.

— Dois amigos meus querem comprar roupinhas para o filho de uma pobre viúva *haudriette*. É uma caridade. Custa ao todo três florins e eu gostaria de participar.

— Como se chamam esses seus dois amigos?

— Pierre l'Assommeur e Baptiste Croque-Oison.

— Hum! — murmurou o arqui-diácono. — São nomes que combinam com boas ações como uma bomba num altar-mor.

É verdade que Jehan havia muito mal escolhido os nomes. Mas só se deu conta tarde demais.

— Além disso — continuou o desconfiado Claude —, que roupinhas são essas que custam três florins? E para o filho de uma *haudriette*? Desde quando viúvas *haudriettes* têm crianças de colo?

Uma vez mais, Jehan rompeu o gelo.

— Então vou dizer! Preciso de dinheiro para ir essa noite ver Isabeau la Thierrye, no Vale do Amor!

— Miserável impuro! — exclamou o padre.

— 'Αναγνεία — respondeu Jehan.

A palavra, que o estudante maldosamente tomava da parede da cela, causou no padre um singular efeito. Ele mordeu os lábios e a raiva se extinguiu num rubor.

— Vá embora — disse então a Jehan. — Espero uma pessoa.

O estudante tentou um derradeiro esforço.

— Irmão Claude, dê-me pelo menos um parisisinho para comer.

— Em que ponto está das decretais de Graciano? — perguntou dom Claude.

— Perdi meus cadernos.

— Em que ponto das humanidades latinas?

— Roubaram meu exemplar de Horácio.

— Em que ponto de Aristóteles?

— Por Deus! Irmão! Um Pai da Igreja não afirmou que os equívocos heréticos sempre se abrigaram no matagal da metafísica de Aristóteles? Quero estar longe de Aristóteles! Não vou sacrificar minha religião por semelhante metafísica.

— Meu jovem — retomou o arqui-diácono. — Na última vinda do rei a Paris, um nobre chamado Philippe de Comines tinha sua divisa bordada no arnês do seu cavalo: *Qui non laborat non manducet*.⁸² Aconselho que medite a respeito.

O estudante permaneceu em silêncio por um momento, tapando o ouvido, de olho fixo no chão e feições fechadas. De repente, se virou para Claude com a vivacidade de um pintassilgo.

— Quer dizer, caro irmão, que me recusa um mísero parisis para comprar o que comer numa casa de pasto?

— *Qui non laborat non manducet*.

Ouvindo a resposta do inflexível arqui-diácono, Jehan escondeu a cabeça entre as mãos, como uma mulher que chora e exclamou em desespero:

— 'Οτοτοτοτοτοί!

— O que vem a ser isso? — perguntou Claude, surpreso com a atitude.

— Ora! — disse o estudante, erguendo para Claude olhos insolentes que ele acabava de esfregar com as mãos para que ficassem vermelhos como se ele chorasse — É grego! Um anapesto de Ésquilo que exprime com perfeição a dor.

E deu uma gargalhada zombeteira, tão ridícula e violenta que tirou um sorriso do arqui-diácono. De fato, era culpa de Claude! Por que havia mimado tanto o irmão?

— Ah! Querido irmão Claude — recomeçou Jehan, animado com o sorriso. — Veja minhas botinas furadas. Há calçado mais trágico no mundo do que este em que a sola mostra a língua?

O arqui-diácono rapidamente voltara à severidade inicial.

— Mandarei botinas novas. Mas nada de dinheiro.

— Apenas um pobre parisis, irmão — continuou o suplicante Jehan. — Haverrei de decorar Graciano, acreditarei plenamente em Deus, serei um verdadeiro Pitágoras da ciência e da virtude. Mas um reles parisis, por favor! Vai querer que a fome, aqui à minha frente, mais negra, fedorenta e profunda do que um tártaro ou o nariz de um monge, me triture com a sua bocarra?

Dom Claude balançou a cabeça enrugada:

— *Qui non laborat...*

Jehan não o deixou terminar:

— Pois bem! — exclamou o irmão. — Que seja! Viva a alegria! Viverei nas tabernas, em brigas, quebrando garrafas, agarrado a mulheres!

Dizendo isso, jogou o gorro contra a parede e estalou os dedos como se fossem castanholas.

O arquidiácono olhou-o sombriamente.

— Jehan, falta-lhe alma.

— Nesse caso, segundo Epicuro, falta-me um não sei o quê, feito de algo que não tem nome.

— Jehan, precisa seriamente pensar em se emendar.

— Ah! — exclamou o estudante, olhando para o irmão e para os alambiques do forno. — Com tantas retortas em volta, as ideias também ficaram tortas!

— Jehan, está numa ladeira bem escorregadia. Ao menos sabe onde está indo?

— Ao cabaré — respondeu Jehan.

— O cabaré leva ao pelourinho.

— É uma lamparina como outra qualquer. E talvez tenha sido com ela que Diógenes encontrou quem procurava.

— O pelourinho leva à forca.

— A forca é uma balança que tem um homem numa ponta e a Terra inteira na outra. E é boa coisa ser um homem.

— A forca leva ao inferno. — É um fogo ardente.

— Jehan, Jehan, o final será ruim.

— O começo foi bom.

Nesse momento, ouviu-se o barulho de passos na escada.

— Silêncio! — disse o arquidiácono, pondo o dedo indicador à frente dos lábios. — É mestre Jacques. Ouça, Jehan — acrescentou em voz baixa. — Jamais conte o que viu e ouviu aqui. Esconda-se rápido debaixo do forno e não faça ruído algum.

O estudante se enfiou sob o forno. Enquanto se escondia, teve uma ideia profícua.

— Aliás, irmão Claude, um florim, para que eu não faça ruído algum.

— Silêncio! Prometo.

— Mas é preciso que dê.

— Pegue! — disse o arquidiácono, jogando com raiva sua escarcela. Jehan se meteu debaixo do forno e a porta foi aberta.

74. Respectivamente “assim como” e “sim, a verdade é que”, em latim no original.

75. “Realmente, essas casas de assados são estupendas!”, em italiano no original.

76. “Sobre, espere”, em latim no original.

77. “De onde? de lá?”, “O homem é para o homem um monstro”, “Os astros, a fortaleza, o nome, o poder divino”, “Grande livro, grande mal” (“*Mega Biblion, mega khakhou*”), “Ouse saber”, “Ele sopra para onde quer”, em latim e grego no original.

78. Em caracteres latinos, *Ayagkhoagia*. Entram na formação da palavra a ideia de “regime por causa definida” (como o dos atletas), “necessidade” e “comer”.

79. “Diga *dominum* para o Senhor celeste e *domnum* para o senhor terrestre”, em latim no original.

80. “Rasgou-se a túnica”, em latim no original.

81. “É grego, não se pode ler”, em latim no original.

82. “Que não coma quem não trabalha”, em latim no original.

5. Os dois homens vestidos de preto

O personagem que entrou usava roupa preta e tinha expressão sombria. O que logo à primeira vista impressionou nosso amigo Jehan (que, como se pode imaginar, conseguiu um jeito de poder tudo ver e ouvir à vontade, no seu esconderijo) foi a perfeita tristeza na maneira de se vestir e na expressão do recém-chegado. Notava-se, entretanto, certa suavidade dominante, mas uma suavidade de gato ou de juiz, uma suavidade afetada. Era grisalho, enrugado, beirava os sessenta anos, piscava muito os olhos, tinha as sobrelanceiras brancas, o lábio caído e mãos grandes. Quando Jehan percebeu não passar disso, ou seja, provavelmente um médico ou um magistrado, e que o sujeito tinha o nariz muito afastado da boca, sinal indiscutível de estupidez, ele se enfiou mais profundamente no esconderijo, acobricado por ter que passar um tempo indeterminado em posição tão desconfortável e em tão má companhia.

O arquidiácono sequer se levantara. Fez sinal para que o personagem se sentasse num banco perto da porta e, após uns instantes de silêncio que pareciam dar continuidade a uma meditação anterior, disse de maneira circunspecta:

— Bom dia, mestre Jacques.

— Saudações, mestre! — respondeu o homem sombrio.

Havia, nas respectivas maneiras como foram pronunciados, de um lado, aquele *mestre Jacques* e, de outro, aquele simples *mestre!*, toda uma diferença sutil de tratamento, semelhante à do *domine* ao *domne*. Com toda evidência, era a relação entre um doutor e seu discípulo.

— Muito bem — retomou o arquidiácono, após novo silêncio, que mestre Jacques de forma alguma ousou quebrar. — Conseguiu?

— Infelizmente nada, mestre — disse o outro com um sorriso triste. — Continuo a soprar. Muita cinza, mas sem a menor faísca de ouro.

Dom Claude teve um gesto de impaciência.

— Não é disso que estou falando, mestre Jacques Charmolue, refiro-me ao

processo do seu mágico. Não se chama Marc Cenaine, o despenseiro do Tribunal de Contas? Confessou ser mágico? A questão teve resultado?

— Infelizmente não — respondeu mestre Jacques, ainda com o mesmo sorriso triste. — Não tivemos tal consolo. O homem é uma pedra. Acabará sendo escaldado no mercado dos porcos, sem que tenhamos conseguido extrair uma confissão. Mas nada deixamos de lado para chegar à verdade. Ele já está bem abalado. Juntamos nisso todas as ervas do dia de são João, como diz o velho cômico Plauto: *Advorsum stimulos, laminas, crucesque, compedesque./ Nervos, catenas, carceres, numellas, pedicas, boias*.⁸³ Sem resultado. O sujeito é terrível. Perco meu latim.

— E na casa dele, nada encontrou de novo?

— Encontrei — disse mestre Jacques, revirando uma escarcela. — Esse pergaminho. Constan palavras que não compreendemos. O sr. advogado criminal Philippe Lheulier sabe um pouco de hebraico, que aprendeu no caso dos judeus da rua Kantersten, em Bruxelas.

Dizendo isso, mestre Jacques desenrolou o pergaminho.

— Deixe-me ver — disse o arqui-diácono e, olhando o escrito: — Pura magia, mestre Jacques! — exclamou. — *Emen-hétan!* É o grito das estriges quando chegam ao sabá. *Per ipsum, et cum ipso, et in ipso!*⁸⁴ É a ordem enviada do inferno pelo diabo. Já *Hax, pax, max!* vem da medicina. É uma fórmula contra mordidas de cães com raiva. Mestre Jacques! O senhor é procurador do rei no tribunal da Igreja, esse pergaminho é abominável.

— Temos então com que confrontar o suspeito. Mas há também isso, que encontramos na casa de Marc Cenaine.

Era um vasilhame do mesmo tipo dos que havia em cima do forno de dom Claude.

— Ah! — disse o arqui-diácono. — Um cadinho de alquimia.

— Confesso — disse mestre Jacques, com seu sorriso tímido e sem graça — que o experimentei no forno, mas sem melhor resultado do que com o meu.

O arqui-diácono examinou o vaso.

— O que temos gravado no cadinho? *Och! Och!* A palavra que afasta pulgas! Esse Marc Cenaine é um ignorante! Posso afirmar que não fará ouro com isso! Tem utilidade se for deixado num cômodo, nos meses de verão, só isso!

— Já que abordamos erros — disse o procurador do rei —, acabo de estudar o pórtico lá de baixo, antes de subir. Sua Reverência tem mesmo certeza de que a abertura da obra de física está configurada nesse pórtico que dá para o Hôtel-Dieu, e que, dentre as sete figuras nuas aos pés de Nossa Senhora, a que tem asas nos pés é Mercúrio?

— Tenho — respondeu o padre. — Foi o que o doutor italiano Augustin Nypho escreveu. Um demônio barbudo explicava a ele todo tipo de coisa. Aliás, vamos descer e darei as explicações no próprio texto.

— Obrigado, mestre — disse Charmolue, se inclinando até o chão. — Aliás, ia esquecendo! Quando quer que eu mande prender a bruxinha?

— Qual bruxinha?

— O senhor sabe, a boêmia que diariamente vem dançar na praça, apesar da proibição do Santo Ofício! Com uma cabra endemoninhada, que tem os chifres do diabo, sendo capaz de ler e escrever, sabendo matemática como Picatrix. Já seria o bastante para levar à força toda a Boêmia. O processo está pronto. Logo será executado, fique tranquilo! Por minha alma, é uma bela criatura, a tal dançarina! Que lindos olhos negros! Dois carbúnculos do Egito. Quando começamos?

O arquidiácono ficou extremamente pálido.

— Direi quando for o momento — balbuciou com voz mal articulada e, em seguida, fazendo um esforço, acrescentou: — Cuide de Marc Cenaine.

— Pode ficar tranquilo — disse sorrindo Charmolue. — Vou afivelá-lo de novo no leito de couro. Mas é um diabo de homem. Leva ao cansaço até mesmo Pierrat Torterue, que tem mãos mais pesadas do que as minhas. Como diz esse bom Plauto, *Nudus vincetus, centum pondo, es quando pendes per pedes*.⁸⁵ A questão passada ao cabrestante! O que temos de melhor. E é o que o espera.

Dom Claude parecia imerso numa sombria divagação. Virou-se para Charmolue.

— Mestre Pierrat... mestre Jacques, quero dizer, cuide de Marc Cenaine!

— Certamente, dom Claude. Pobre sujeito! Sofreu como Mummolus. Mas também, que ideia aquela de ir ao sabá! Um despenseiro do Tribunal de Contas, que deveria ter conhecimento do texto de Carlos Magno, *Stryga vel masca*!⁸⁶ Quanto à pequena, Smelarda, como é chamada, aguardo suas ordens. Ah! Quando formos ao pórtico, explicaria também o que significa o

jardineiro em pintura plana que se vê ao entrar na igreja? Não seria o Semeador? O que acha, mestre?

Ensimesmado, dom Claude não o ouvia mais. Seguindo a direção do seu olhar, Charmolue o viu absorto na grande teia de aranha que cobria a lucarna. Nesse exato momento, uma mosca buscando ingenuamente o sol de março se enredeou ali, ficando presa. Com a vibração da teia, a enorme aranha fez um movimento brusco, saiu da sua alcova central e se precipitou na direção da mosca, dobrando-a ao meio com as antenas anteriores, enquanto a horrorosa trompa atacava a cabeça.

— Pobre mosca! — disse o procurador do rei no tribunal da Igreja, já erguendo a mão para salvá-la.

O arquidiácono, como se de repente despertasse, segurou-lhe o braço, com convulsiva violência.

— Mestre Jacques, deixe que a fatalidade se cumpra!

O procurador voltou imediatamente atrás, como se uma tenaz de ferro o puxasse. O olhar do padre se mantinha fixo, feroz, faiscante, preso ainda à horrível dupla formada pela mosca e pela aranha.

— Exatamente — continuou o padre, com uma voz que parecia vir das entranhas. — Temos aí uma simbologia de tudo. Ela voa, é feliz, acaba de nascer. Quer a primavera, o ar livre, a liberdade. Ah! Basta, porém, que esbarre na rosácea fatal e a aranha aparece, a aranha horrorosa! Pobre dançarina! Pobre mosca predestinada! Mestre Jacques, deixe de lado! É a fatalidade! Claude, infelizmente, você é a aranha. E também a mosca! Voava rumo à ciência, à luz, ao sol, pensando apenas em atingir o ar livre, a plena claridade da verdade eterna. Porém, precipitando-se à lucarna deslumbrante que se abre para o outro mundo, o mundo da luz, da inteligência e da ciência, mosca cega, doutor insensato, não reparou na sutil teia de aranha que o destino estendeu entre a luz e você. Lançou-se inteiro, miserável louco, e agora se debate, com a cabeça arrebatada e as asas partidas, entre as antenas de ferro da fatalidade! Mestre Jacques! Mestre Jacques! Deixe agir a aranha.

— Prometo — respondeu Charmolue que o olhava sem entender. — Nada farei. Mas solte-me o braço, mestre, por favor! Tem mãos de ferro.

O arquidiácono não ouvia.

— Ah! Insensato! — continuava, sem tirar os olhos da lucarna. — E ainda que pudesse romper essa temível teia com suas asas de besouro, acha mesmo

que alcançaria a luz? Não! Esse vidro distante, esse obstáculo transparente... Como transpor essa muralha de cristal, mais duro do que o bronze, a separar todas as filosofias da verdade? Ah, a vaidade da ciência! Quantos sábios não vêm de longe esvoaçando e nela quebram a testa! Quantos sistemas não se atropelam e se chocam contra essa vidraça eterna!

Calou-se. Esses últimos pensamentos, que sutilmente desviaram o foco da sua própria pessoa, passando-o para a ciência como um todo, pareciam ter trazido alguma calma. Jacques Charmolue o fez totalmente voltar à realidade, com uma pergunta:

— Afora isso, mestre, quando virá me ajudar a fazer ouro? Quero muito conseguir.

O arquidiácono balançou a cabeça com um sorriso amargo.

— Mestre Jacques, leia Michel Psellus, *Dialogus de energia et operatione daemonum*.⁸⁷ O que fazemos, nunca é totalmente inocente.

— Fale baixo, mestre! Sei disso — concordou Charmolue. — Mas quem é apenas procurador do rei no tribunal da Igreja, com trinta escudos tournois anuais, precisa de alguma hermética. Falemos baixo.

Nesse momento, um barulho de maxilar e de mastigação, vindo de baixo do forno, chegou ao ouvido inquieto de Charmolue.

— O que foi isso? — ele perguntou.

Era o estudante. Entediado e em posição incômoda no esconderijo, ele havia conseguido um pedaço de pão duro e uma ponta de queijo mofado, pondo-se a comer satisfeito, como consolo pela falta de almoço. Como estava com muita fome, fez muito barulho, acentuando forte cada mastigada, chamando a atenção e assustando o procurador.

— É um gato que tenho — apressou-se a dizer o arquidiácono —, banquetecendo-se ali embaixo com algum camundongo.

A explicação foi suficiente para Charmolue.

— De fato, mestre — respondeu o procurador do rei com um sorriso respeitoso. — Todos os grandes filósofos tiveram seu animal doméstico. Conhece o que disse Servius: *Nullus enim locus sine genio est*.⁸⁸

Mas dom Claude, temendo alguma nova estripulia de Jehan, lembrou ao digno discípulo que tinham algumas figuras do pórtico a estudar e juntos saíram da cela, deixando o estudante soltar um *ufa!* de alívio, já com medo de que o joelho acabasse deixando uma marca impressa do queixo.

83. “Para as más iniciativas, ferro em brasa, cepos e grilhões./ Nervos, correntes, cárceres, jaulas, entraves, garrotes” (Plauto, *Asinaria*, 549-550), em latim no original.

84. “Por ele, com ele e nele”, em latim no original.

85. “Algemado nu e pendurado pelos pés, pesa-se cem vezes mais”, em latim no original.

86. “Estrige ou máscara”, em latim no original.

87. “Diálogo da energia e da operação dos demônios”, em latim no original.

88. “Pois não há lugar que não tenha seu gênio”, em latim no original.

6. Efeito que sete imprecações ao ar livre podem produzir

— *Te Deum laudamus!*⁸⁹ — exclamou mestre Jehan, saindo do esconderijo.
— Duas corujas que se foram. *Och! och! Hax! pax! max!* Pulgas! Cães raivosos! Que diabo! Não aguentava mais aquela conversa! Minha cabeça ressoa como um sino. E queijo mofado, ainda por cima! Rápido! Vamos embora daqui. Peguemos a escarcela do irmãozão e vamos converter todas essas moedas em garrafas!

Deu uma olhada cheia de ternura e admiração ao interior da preciosa bolsinha, arrumou as roupas, tirou a poeira das botinas, bateu nas mangas bufantes sujas de cinza, assobiou, ensaiou um passo de dança com uma pirueta, olhou tentando localizar algo interessante a pegar na cela, achou espalhados no forno uns amuletos de bijuteria que podiam servir de presente para Isabeau la Thierrye e, finalmente, abriu a porta, que o irmão havia deixado sem tranca, como derradeira indulgência, e que ele deixou aberta, como derradeira malícia. Desceu a escada circular a saltitar como um passarinho.

Nas trevas da escada em caracol, esbarrou em alguma coisa que grunhiu e imaginou que fosse Quasímodo. E isso lhe pareceu tão engraçado que desceu o restante da escada a se dobrar de rir. Ainda ria ao chegar à praça.

Bateu com os pés no chão.

— Ah! Bom e glorioso chão de Paris! Maldita torre, que deixaria sem fôlego os anjos da escada de Jacó! O que deu em mim, que fui me meter nessa verruma de pedra a furar o céu, e tudo para comer um queijo ranço e admirar os campanários de Paris por uma lucarna?

Deu alguns passos e viu as duas corujas, isto é, dom Claude e mestre Jacques Charmolue, em contemplação diante de uma escultura do pórtico. Aproximou-se na ponta dos pés e ouviu o arqui-diácono dizendo baixinho a Charmolue:

— Guillaume de Paris foi quem mandou gravar um Jó nessa pedra de lazurita, dourada nas beiradas. Jó figura na pedra filosofal, que igualmente deve passar por provações e ser martirizada, para se tornar perfeita. Como diz

Raymond Lulle: *Sub conservatione formae specificae salva anima*.⁹⁰

— Isso pouco me importa — disse Jehan —, já que tenho a bolsa.

Nesse momento, ouviu uma voz forte e vibrante articular, às suas costas, uma série de imprecações.

— Sangue de Deus! Barriga de Deus! Benzadeus! Corpo de Deus! Umbigo de Belzebu! Filho de um papa! Com todos os chifres e raios!

— Por minha alma — exclamou Jehan. — Só pode ser meu amigo, o capitão Phoebus!

O nome Phoebus chegou aos ouvidos do arqui-diácono, no instante em que ele explicava ao procurador do rei o dragão que esconde a cauda numa tina de que sai fumaça e também uma cabeça de rei. Dom Claude estremeceu, interrompeu-se, deixando estupefato Charmolue, virou-se e viu o irmão Jehan indo falar com um corpulento oficial, à porta da residência Gondelaurier.

Era, de fato, o sr. capitão Phoebus de Châteaupers, encostado na quina da casa de sua noiva, praguejando como um pagão.

— Por minha fé, capitão Phoebus — disse Jehan, tomando-lhe a mão. — Distribui bênçãos ao redor com formidável ânimo.

— Chifres e raios! — respondeu o capitão.

— Chifres e raios, igualmente! — devolveu o estudante. — Afora isso, de onde vem esse extravasamento de belas palavras?

— Que me desculpe o bom camarada Jehan — explicou Phoebus, sacudindo-lhe a mão. — Cavalo que parte bridas soltas não para mais. E os palavrões saíram a galope. Escapuli da casa dessas carolas e, quando é assim, fico sempre com a garganta entalada de maldições. Se não ponho para fora, sufoco, barriga e raios!

— Vamos beber? — perguntou o estudante.

A ideia acalmou o capitão.

— Gostaria, mas não tenho dinheiro.

— Tenho eu!

— Só vendo!

Jehan abriu a escarcela à vista do capitão, com majestosa simplicidade. O arqui-diácono, entretanto, deixando pasmo Charmolue, se aproximara dos dois, parando a poucos passos, observando sem que se dessem conta, de tão absortos que estavam a contemplar o conteúdo da bolsinha.

Phoebus exclamou:

— Uma escarcela nas suas mãos, Jehan, é como a lua numa poça d'água. Pode ser vista, mas não está presente. É apenas sombra. Por Deus! Aposto que são pedras!

Jehan respondeu com frieza:

— São as pedras com que pavimento o meu bolso.

E sem mais acrescentar, esvaziou a sacolinha em cima de uma pedra de demarcação ao lado, com os ares de um romano em vias de salvar a pátria.

— Santo Deus! — espantou-se Phoebus. — Moedas de todo tipo e para todo gosto! É deslumbrante!

Jehan se mantinha digno e impassível. Umas moedas menores haviam rolado e caído na lama. O capitão, em seu entusiasmo, se abaixou para pegar. Jehan o conteve:

— Deixe para lá, capitão Phoebus de Châteaupers!

Phoebus contou o dinheiro e disse, virando-se solenemente para Jehan:

— Saiba, Jehan, que tem aqui vinte e três soldos parisis! A quem assaltou essa noite, foi na rua dos Corta-Goelas?

Jehan lançou para trás a cabeça loura e cacheada e disse, semicerrando os olhos, com desdém:

— Temos um irmão arquidiácono e imbecil.

— Chifre de Deus! — exclamou Phoebus — Que digno personagem!

— Vamos beber — disse Jehan.

— Onde podemos ir? — perguntou Phoebus. — Ao *La Pomme d'Ève*?

— Não, capitão. Vamos ao *La Vieille Science*. A velha que serra uma ansa. Trata-se de um rébus. Gosto disso.

— Aos diabos os rébus, Jehan! O vinho é melhor no *La Pomme d'Ève*. Além do mais, ao lado da porta tem um pé de vinha ao sol, que me deixa alegre enquanto bebo.

— Tudo bem! Aceito Eva e a sua maçã — disse o estudante, ainda segurando Phoebus pelo braço. — Aliás, caro capitão, ainda há pouco referiu-se à rua dos Corta-Goelas. Não fica bem. Ninguém é mais tão bárbaro. Agora se deve dizer rua dos Corta-Gargantas.

Os dois amigos se puseram a caminho do *La Pomme d'Ève*. Inútil dizer que antes recolheram o dinheiro e que o arquidiácono os seguiu.

Seguiu-os sombrio e aturdido. Seria o mesmo Phoebus, cujo nome maldito se intrometia em todos os seus pensamentos, desde a conversa com Gringoire? Não tinha certeza. De qualquer forma, era um Phoebus, e esse nome mágico bastava para que o arquidiácono seguisse, pé ante pé, os dois alegres companheiros, ouvindo o que diziam e observando seus menores gestos, com atenta ansiedade. Na verdade, nada era mais fácil do que ouvir o que diziam, pois falavam muito alto, sem se incomodar de pôr os passantes a par das suas confidências. O assunto em pauta envolvia duelos, mulheres, garrafas, loucuras.

Ao desviarem por uma rua ouviram o barulho de um pandeiro vindo de uma esquina próxima. Dom Claude ouviu o oficial dizer ao estudante:

— Com mil raios! Apertemos o passo.

— Por que, Phoebus?

— Para que a cigana não me veja.

— Que cigana?

— A pequena que tem uma cabra.

— Smeralda?

— Ela mesma, Jehan. Sempre esqueço esse diabo de nome. Vamos rápido ou ela vai me reconhecer. Não quero que fale comigo em plena rua.

— O capitão a conhece?

O arquidiácono viu o oficial rir, se aproximar do ouvido de Jehan e dizer algumas palavras em voz baixa. Depois riu mais alto e sacudiu a cabeça triunfante.

— Verdade? — perguntou Jehan.

— Por minha alma! — respondeu Phoebus.

— Hoje à noite?

— Hoje à noite.

— Tem certeza de que ela irá?

— Está louco, Jehan? Por acaso temos dúvida nesse tipo de coisa?

— Capitão Phoebus, saiba que é um feliz soldado!

O arquidiácono ouviu toda essa parte da conversa. Os dentes se puseram a bater, enquanto um visível tremor percorreu-lhe o corpo inteiro. Ele parou e se apoiou num marco de pedra como um bêbado, mas logo voltou a seguir os dois alegres desavergonhados.

No momento em que se reaproximou, já haviam mudado de conversa. Ouviu-os cantar aos berros:

*Les enfants des Petits-Carreaux
Se font pendre comme des veaux.*⁹¹

89. Em latim no original, “A Ti louvamos, ó Deus”.

90. “Conservada em sua forma singular, a alma permanece intacta”, em latim no original.

91. “As crianças da Petits-Carreaux/ São enforcadas como bezerros.”

7. O monge-papão

O ilustre cabaré *La Pomme d'Ève* se situava na Universidade, à esquina da rua de la Rondelle com a rua du Bâtonnier. Era um salão no andar térreo, amplo e de teto baixo, com uma abóbada cuja base principal se apoiava num grosso pilar de madeira pintado de amarelo. Havia mesas espalhadas, reluzentes canecos de estanho pendurados na parede, sempre muitos beberões, muitas mulheres, uma vidraça dando para a rua e, do lado de fora, um pé de vinha junto à porta. Acima dessa porta, uma berrante placa de lata, com a ilustração de uma maçã e uma mulher, enferrujada pela chuva, balançava presa num espeto de ferro. Para quem estava na rua, essa espécie de cata-vento era um chamariz.

Caía a noite. A esquina estava às escuras. O cabaré cheio de velas resplandia de longe como uma forja na escuridão. Ouvia-se o barulho de copos e comilança, com palavrões e rudes discussões que escapavam pelas janelas quebradas. Através da bruma que o calor da sala espalhava contra a vidraça da frente, viam-se misturadas com figuras confusas e, de vez em quando, uma explosão de vibrantes gargalhadas se destacava. Os passantes que seguiam ocupados continuavam seu caminho sem nem olhar para a vitrine tumultuosa. Somente moleques esfarrapados de vez em quando se punham na ponta dos pés até a maçaneta da porta e lançavam ao cabaré o tradicional deboche que perseguia os bêbados em geral:

*Aux Houls, saouls, saouls, saouls!*⁹²

Um homem, no entanto, andava imperturbavelmente diante da agitada taberna, olhando o tempo todo e só se afastando no máximo uns poucos passos da sua ronda. Usava uma capa que o cobria até o nariz. Acabava de comprá-la de um trapeiro não distante do *La Pomme d'Ève*, provavelmente para se proteger do frio das noites de março, mas talvez também para esconder as roupas que usava. De vez em quando, ele parava à frente da vidraça embaçada com divisórias de chumbo, ouvia, olhava e batia o pé no

chão.

A porta do cabaré finalmente se abriu. Era o que ele aparentemente esperava. Dois bebedores saíram. Um facho de luz os acompanhou pela abertura purpureando por um momento as joviais silhuetas. O homem de capa ficou à espreita sob um alpendre, do outro lado da rua.

— Pelos chifres e pelos raios! — disse um dos bebedores. — Vão soar as sete horas. É a hora do meu encontro.

— Estou dizendo — acompanhou o outro, com a língua arrastada. — Não moro na rua des Mauvaises-Paroles, *indignus qui inter mala verba habitat*.⁹³ Tenho morada na rua Pain-Mollet, *in vico Johannis-Pain-Mollet*.⁹⁴ E tem um chifre maior do que o do unicórnio quem afirmar o contrário. Todo mundo sabe que quem cavalga uma vez um urso nunca mais tem medo, mas o amigo tem o nariz voltado à gulodice, como são Tiago do Hospital...

— Jehan, meu caro, o senhor está bêbado — dizia o outro.

E o primeiro respondeu, cambaleando:

— Pode falar à vontade, Phoebus, mas ficou provado que Platão tinha um perfil de cão de caça.

O leitor sem dúvida já havia reconhecido nossos dois bons amigos, o capitão e o estudante. Tudo indica que o indivíduo que os vigiava à sombra também os reconheceu, pois seguiu a passos lentos todos os zigue-zagues a que o rapaz obrigava o capitão que, mais experiente em bebedeiras, se mantinha em melhor estado. Ouvindo com toda atenção, o homem da capa pôde captar por inteiro a interessante conversa a seguir:

— Chifre de Baco! Trate de andar reto, sr. bacharel. Sabe que preciso ir. Já são sete horas. Tenho encontro com uma mulher.

— Pois pode ir! Vejo estrelas e lanças de fogo. O senhor é como o castelo de Dampmartin, que estoura de risadas.

— Pelas verrugas da minha avó, Jehan! Está insistindo demais em maluquices. Aliás, Jehan, será que ainda lhe resta algum dinheiro?

— Sr. reitor! Não tem erro, o pequeno açougue, *parva boucheria*.

— Jehan, meu amigo Jehan! Bem sabe que marquei encontro com a pequena no final da ponte Saint-Michel. Só posso mesmo levá-la ao covil da Falourdel, e vou precisar pagar o quarto. A velha libertina de bigodes brancos não vai querer me dar crédito. Jehan! Por favor! Será que bebemos toda a bolsa do padre? Não resta nenhum parisis?

— A consciência de ter gastado proveitosamente todas as demais horas é um justo e saboroso condimento à mesa.

— Barrigas e tripas! Chega de doidices! Diga, Jehan dos diabos, resta algum trocado? Emprésteme algum, benzadeus! Ou vou revirá-lo pelo avesso, mesmo que leproso como Jó e sarnento como César!

— Cavalheiro, a rua Galiache é uma rua que tem uma ponta na rua de la Verrerie e a outra na rua de la Tixeranderie.

— Concordo, bom amigo Jehan, meu pobre camarada. Muito bem com a rua Galiache, ótimo, muito bem mesmo. Mas, em nome dos céus, volte a si. Preciso apenas de um soldo parisis, e para as sete horas.

— Silêncio à ronda e atenção para o refrão:

*Quand les rats mangeront les cas.
Le loi sera seigneur d'Arras;
Quand la mer, qui est grande et lée.
Sera à la Saint-Jean gelée.
On verra, par-dessus la glace.
Sortir ceux d'Arras de leur place.*⁹⁵

— Pois bem, estudante do Anticristo, que as tripas da sua mãe o estrangulem! — exclamou Phoebus, empurrando brutalmente o amigo bêbado contra uma parede, junto à qual ele escorregou e frouxamente se estendeu na pavimentação de Filipe Augusto.

Mas a fraterna solidariedade jamais totalmente abandona o coração de um bêbado e Phoebus, então, rolou o companheiro com o pé até um desses travesseiros de pobre que a providência mantém sempre à disposição, junto das pedras de demarcação de Paris, esses mesmos que os mais abastados desdenham, chamando *amontoados de porcarias*.

O capitão ajeitou a cabeça de Jehan sobre uma pequena encosta de restos de repolho e o estudante imediatamente começou a roncar com magnífica sonoridade de baixo-cantante. Mas nem todo rancor se apagara do coração do oficial:

— Azar o seu se a carroça do diabo o apanhar quando passar! — disse ao pobre adormecido, já se afastando.

O homem da capa, que não havia deixado de segui-los, parou um

momento junto do estudante, parecendo indeciso. Em seguida, com um profundo suspiro, partiu no encalço do capitão.

Como eles, deixemos Jehan dormindo aos cuidados das benfazejas estrelas e continuemos também a segui-los, se o leitor assim permitir.

Chegando à rua Saint-André-des-Arcs, o capitão Phoebus percebeu que alguém o seguia. Olhando por acaso, viu uma espécie de sombra se arrastando atrás dele, junto às paredes. Parou e a sombra também parou. Voltou a andar e a sombra fez o mesmo. Ele não se preocupou.

— Para quê? — disse a si mesmo. — Não tenho um tostão.

À frente do colégio de Autun, o capitão parou. Era onde havia cursado seus vagos estudos iniciais e, por hábito antigo de aluno bagunceiro, nunca passava diante da fachada sem impor à estátua do cardeal Pierre Bertrand, esculpida à direita do pórtico, a afronta de que Príapo tão amarguradamente se queixa, na sátira de Horácio, *Olim truncus eram ficulnus*.⁹⁶ E agiu com tanto zelo que a inscrição *Eduensis episcopus*⁹⁷ quase desapareceu. Parou, pois, diante da estátua, como sempre. A rua estava totalmente deserta. No momento em que displicentemente já amarrava de novo os calções, olhando o céu, viu a sombra se aproximar a passos lentos, tão lentos que ele pôde notar que a sombra usava capa e chapéu. Chegando bem perto, o espectro parou, mais imóvel do que a estátua do cardeal Bertrand, mas pregando em Phoebus um olhar fixo e cheio dessa luz estranha que faísca à noite nas pupilas dos gatos.

O capitão era corajoso e muito pouco se preocuparia com um bandido de espada em punho. Mas a estátua ambulante, aquele homem pétreo deixou-o congelado. Corriam pela cidade histórias do monge-papão, que rondava à noite pelas ruas de Paris, e essas fábulas confusamente assaltaram a sua imaginação.

Manteve-se alguns minutos em estado de estupefação, mas afinal foi ele que rompeu o silêncio, fazendo um esforço para rir.

— Cavalheiro, se for um ladrão, como espero, me faz lembrar uma garça que ataca uma casca de noz. Sou filho de família arruinada, meu amigo. Na capela desse colégio há lenho da verdadeira cruz, guardado junto à prataria.

A mão da sombra escapuliu da capa e se abateu sobre o braço de Phoebus, com o peso das garras de uma águia. Ao mesmo tempo, a sombra disse:

— Capitão Phoebus de Châteaupers.

— Diabos! — exclamou Phoebus. — Como sabe meu nome?

— Não é somente o seu nome que sei — continuou o homem de capa e voz sepulcral. — Sei que tem um encontro esta noite.

— Tenho — respondeu Phoebus, cada vez mais surpreso. — Às sete horas.

— Dentro de quinze minutos.

— Na Falourdel.

— Exatamente.

— Um covil na ponte Saint-Michel.

— Do arcanjo são Miguel, como diz a reza.

— Ímpio! — resmungou o espectro. — Com uma mulher?

— *Confiteor*.⁹⁸

— Que se chama...

— Smeralda — disse Phoebus satisfeito, com toda a sua jovialidade pouco a pouco retornada.

Ouvindo o nome, as garras da sombra furiosamente sacudiram o braço de Phoebus.

— Capitão Phoebus de Châteaupers, está mentindo!

Quem pudesse ver naquele momento o rosto inflamado do capitão, o salto que ele deu para trás, tão violento que se livrou do torno que o prendia, a expressão orgulhosa com que levou a mão ao punho de sua espada, e, diante dessa cólera, a impávida imobilidade do homem da capa, quem pudesse ver tudo isso se apavoraria. Tinha algo do combate de dom Juan com a estátua.

— Cristo e Satã! — exclamou o capitão. — Eis uma palavra com que raramente se afronta o ouvido de um Châteaupers! Não se atreva a repeti-la!

— Está mentindo! — repetiu a sombra com toda frieza.

O capitão rangeu os dentes. Monge-papão, fantasma, superstições, tudo foi esquecido naquele momento. Apenas um homem e uma ofensa estavam à sua frente.

— Ah! Prefiro assim! — balbuciou, com a voz abafada pela raiva. Empunhou a espada e disse, gaguejando, pois a ira faz tremer, como o medo: — Já! Agora mesmo! Vamos! Às espadas! Às espadas! Que corra sangue nesse chão!

O outro, no entanto, não se moveu e, vendo o adversário em guarda e

prestes a atacar, disse, com uma voz em que vibrava o amargor:

— Capitão Phoebus! Está se esquecendo do seu encontro.

Os impulsos de homens como Phoebus são como o leite que ferve, bastando uma gota de água fria para arrefecer a fervura. Aquele simples lembrete fez baixar a espada que brilhava à mão do capitão.

— Capitão — continuou o homem. — Amanhã, depois de amanhã, dentro de um mês ou de dez anos, o senhor haverá de me reencontrar, disposto a lhe cortar a garganta, mas agora vá ao seu encontro.

— Pode ser — disse Phoebus, como se negociasse consigo mesmo. — A espada e uma jovem são duas boas expectativas para um encontro marcado, mas não vejo por que perder um deles, quando podemos ter os dois.

Meteu a espada novamente na bainha.

— Vá ao encontro — insistiu o desconhecido.

— Cavalheiro — respondeu Phoebus com certo embaraço —, muito agradeço a sua cortesia. Teremos todo o tempo do mundo, amanhã, para nos retalharmos à vontade. Fico muito reconhecido por me permitir ainda quinze agradáveis minutos. Esperava deixá-lo estendido na sarjeta e chegar a tempo para a donzela. De qualquer forma, é de bom-tom fazer as mulheres esperarem um pouco. Mas o senhor me parece em boa forma e é melhor então deixar o duelo para amanhã. Corro ao meu encontro. É às sete horas, como sabe.

Phoebus coçou a orelha:

— Ah! Chifre de Deus! Já ia esquecendo! Não tenho um tostão para pagar o pedágio à porta do paraíso e a velha cafetina vai querer pagamento adiantado. Não confia em mim.

— Isso deve bastar.

Phoebus sentiu a mão fria do desconhecido passar para a sua uma moeda graúda. Não pôde evitar pegar o dinheiro e apertar a mão generosa.

— Verdadeiro Deus! — exclamou. — Realmente é bom sujeito!

— Sob uma condição — disse o homem. — Prove que estava eu errado e o senhor, certo. Esconda-me em algum canto de onde eu possa ver que a mulher é realmente aquela de quem disse o nome.

— Ah! — respondeu Phoebus. — Isso não é um problema. Vou reservar o quarto santa Marta. Vai poder ver à vontade, de um canil que tem ao lado.

— Então vamos — concluiu a sombra.

— A seu dispor — respondeu o capitão. — Não sei se não é o sr. Diabolus em pessoa. Mas sejamos bons amigos pela noite de hoje. Amanhã lhe pago todas as minhas dívidas, da bolsa e da espada.

Puseram-se a andar rapidamente. Ao fim de alguns minutos, o barulho do rio os fez perceber que já estavam na ponte Saint-Michel, então coberta de casas.

— Primeiro vou levá-lo até o lugar — disse Phoebus ao companheiro. — Em seguida busco a jovem, que me espera junto ao Pequeno Châtelet.

O homem não respondeu. Desde que andavam lado a lado, ele nada mais dissera. Phoebus parou diante de uma porta baixa e bateu com força. Uma luz apareceu pelas frestas da porta.

— Quem é? — perguntou uma voz parecendo vir de uma boca desdentada.

— Corpo de Deus! Cabeça de Deus! Barriga de Deus! — respondeu o capitão.

A porta imediatamente se abriu, deixando que os recém-chegados vissem uma mulher velha, segurando uma lamparina velha, ambas igualmente trêmulas. A velha era encurvada, vestindo farrapos e balançava a cabeça enrolada num pano, com olhinhos miúdos e toda enrugada: mãos, rosto e pescoço. Os beiços eram chupados para dentro das gengivas e ao redor da boca brotavam fiapos de pelos brancos, que faziam pensar no focinho de um gato. O interior da casa era tão deteriorado quanto ela. Tinha paredes de taipa, vigas escuras no teto, uma lareira desmantelada e teias de aranha em todos os cantos. No centro, viam-se algumas mesas e bancos mambembes, com uma criança toda suja de cinzas brincando por ali. Uma escada capenga, nos fundos, levava a um alçapão aberto. Penetrando no antro, o misterioso companheiro de Phoebus levantou a capa até os olhos. O capitão, ao mesmo tempo em que praguejava como um sarraceno, foi logo *fazendo num escudo reluzir o sol*, como disse nosso admirável Régnier.

— O quarto santa Marta — disse ele.

A velha tratou-o de senhor e fechou o escudo numa gaveta. Era a moeda que o homem da capa havia dado a Phoebus. Enquanto ela virava as costas, o menino desgrehado e maltrapilho que brincava nas cinzas se aproximou muito habilmente da gaveta, pegou o escudo e colocou no lugar uma folha

seca que ele tinha arrancado da lenha.

A velha fez sinal aos dois cavalheiros, como passara a chamá-los, para que a seguissem e subiu a escada. Chegando no andar de cima, deixou a lamparina em cima de um baú e Phoebus, como frequentador da casa, abriu uma porta que dava para um antro escuro.

— Entre aqui, meu caro — disse ao companheiro.

O homem da capa obedeceu sem nada dizer. A porta foi fechada. Ele ouviu Phoebus trancá-la e, logo depois, descer novamente a escada com a velha. Toda claridade desapareceu.

92. “Aos Ursos, bêbados, bêbados, bêbados!”

93. “Indigno quem mora entre más palavras”, em latim no original.

94. “Na Via Jean Pain Mollet”, em latim no original.

95. “Quando os ratos comerem os *casos* [gatos],/ O *lei* [rei] será senhor de Arras;/ Quando o mar, que é grande e *lée* [?]./ Ficar gelado no dia de são João./ Veremos, por cima do gelo./ Sair a gente de Arras do seu lugar.”

96. “Outrora fui um tronco de figueira”, em latim no original, *Sátiras*, I, VIII, I.

97. “Bispo de Autum”, em latim no original.

98. “Confesso”, em latim no original.

8. Utilidade das janelas que dão para o rio

Claude Frollo (pois imaginamos que o leitor, mais inteligente do que Phoebus, tenha rapidamente percebido que o monge-papão outro não era senão o arquidiácono) apalpou às cegas, por alguns segundos, o reduto tenebroso em que o capitão o havia trancado. Era um desses cantos, na junção do telhado com a parede de apoio, que os arquitetos às vezes reservam para entulhar objetos de pouca serventia. O corte vertical do canil, como bem havia denominado Phoebus, daria um triângulo. Não tinha janela nem lucarna e a inclinação do telhado impedia que se ficasse de pé. Claude então se manteve agachado, na poeira e na calça esmagada pelo seu peso. A cabeça fervilhava. Vasculhando em volta com as mãos, encontrou um pedaço de vidro quebrado e encostou na testa, para que o frescor o aliviasse um pouco.

O que se passava, naquele momento, na alma obscura do arquidiácono? Apenas Deus e ele mesmo saberiam dizer.

Segundo qual ordem fatal organizavam-se em sua mente Esmeralda, Phoebus, Jacques Charmolue, o irmão mais moço e tão amado (que ele abandonara na lama), mas também a batina eclesiástica e, quem sabe, a própria reputação, arrastada à casa da tal Falourdel? Pessoalmente, não saberia dizer. Eram tantas imagens e ocorrências. Mas certo é que todas essas ideias formavam em seu espírito um conjunto pavoroso.

Já há quinze minutos ele esperava. Tinha a impressão de ter envelhecido um século. De repente, ouviu estalarem os degraus da escada de madeira. Alguém subia. O alçapão foi aberto, uma luz voltou a brilhar. A porta do esconderijo tinha uma fenda bastante larga e ele colou o rosto nela. Podia ver tudo que se passava no quarto vizinho. A velha com cara de gato foi a primeira a surgir, vindo de baixo, com a lamparina na mão. Depois Phoebus, revirando o bigode. Em seguida, mais alguém, a bela e graciosa Esmeralda. O padre viu-a surgir do chão como fulgurante aparição. Claude estremeceu, uma névoa cobriu-lhe os olhos, as artérias pulsaram com força, tudo zumbia e girava ao redor. Não viu nem ouviu mais nada.

Quando voltou a si, Phoebus e Esmeralda estavam a sós, sentados em

cima do baú de madeira, ao lado da lamparina que fazia saltar à vista do arquidiácono as imagens dos dois jovens e um miserável catre no fundo do pardieiro. Ao lado do catre havia uma janela, cuja vidraça, arrebatada como uma teia de aranha respingada de chuva, deixava que se vissem, através das divisões quebradas, um pedaço do céu e a lua deitada ao longe, num edredom de nuvens macias.

A jovem parecia ruborizada, tensa, palpitante. Os longos cílios abaixados faziam sombra às faces púrpura. O oficial, que ela não se atrevia a olhar, estava radiante. Maquinalmente, demonstrando encantadora falta de jeito, ela traçava linhas incoerentes no banco, com a ponta da unha, olhando o dedo. Não se via o seu pé, pois a cabritinha estava deitada em cima.

O capitão se preparara bem galantemente. Tinha bordados pregueados na gola e nos punhos: era de suma elegância, na época.

Dom Claude só com dificuldade entendia o que diziam, distanciado pelo rumor do sangue que fervia em suas têmporas.

(Conversa de namorados é algo muito banal: um perpétuo *eu te amo*. A frase tem musicalidade, mas não faz muito sentido e é perfeitamente insípida para quem não está diretamente concernido, se não for enfeitada com algum *ornamento*. Mas Claude se sentia diretamente concernido.)

— Ah! — disse a jovem, sem erguer os olhos. — Não me menospreze, sr. Phoebus. Sinto ser errado o que estou fazendo.

— Menosprezá-la, querida menina? — respondeu o oficial, com ares de galanteria, superiores e dignos. — Menosprezá-la? Por Deus! Por quê?

— Por ter vindo.

— Quanto a isso, minha bela, não concordamos. Não deveria menosprezar, mas odiar.

A jovem olhou para ele com horror:

— Odiar? O que fiz?

— Obrigou-me a enorme insistência.

— É pena! — ela suspirou. — Com isso quebro uma promessa... Não encontrarei mais meus pais... o amuleto vai perder sua força. Mas que importância? Para que vou precisar agora de pai e mãe?

Dizendo isso, ela fixava no capitão seus olhos grandes e negros, úmidos de alegria e ternura.

— Com os diabos se compreendo o que diz! — exclamou Phoebus.

Esmeralda permaneceu um momento em silêncio. Uma lágrima escapou dos seus olhos, um suspiro dos lábios, e ela disse:

— Ah, como amo o senhor!

Desprendia-se da jovem um tal perfume de castidade, tamanhos encantos de virtude que Phoebus não se sentiu completamente à vontade. A última frase, no entanto, o encorajou.

— Então me ama... — disse ele com arrebatamento, e colocou o braço na cintura da egípcia.

Era a ocasião esperada.

O padre a tudo assistia e provou no dedo a ponta do punhal que escondia junto ao peito.

— Phoebus — continuou a boêmia, afastando com suavidade da cintura as mãos insistentes do capitão —, sei o quanto é bom, generoso e bonito. Salvou esta pobre criança perdida da Boêmia. Há muito tempo sonho com um oficial me salvando a vida. Sonhava com o senhor antes mesmo de conhecê-lo, meu Phoebus. Via um belo uniforme como o seu, uma bela aparência, uma espada. Phoebus é um nome tão bonito. Gosto do seu nome, da sua espada. Desembainhe a espada, Phoebus, para que eu veja.

— Criança! — disse o capitão, e fez o que ela pedia, com um sorriso. A egípcia olhou a empunhadura, a lâmina, examinou com adorável curiosidade o número gravado na guarda, beijou a espada e disse:

— É a espada de um bravo. Amo meu capitão.

Phoebus aproveitou a ocasião e beijou o belo pescoço inclinado à sua frente, fazendo a jovem rapidamente se endireitar, vermelha como uma cereja. O padre rangeu os dentes no escuro.

— Phoebus — voltou a egípcia —, deixe-me falar. Ande um pouco, para que eu o veja inteiro e o ouça bater as esporas. Como é bonito!

O capitão se levantou para atender o desejo, fingindo se zangar, com um sorriso de satisfação:

— Mas como é criança! Aliás, minha bela, já me viu em uniforme de gala?

— Infelizmente não! — ela respondeu.

— Isso sim, é bonito!

Phoebus voltou a se sentar ao lado da moça, bem mais perto do que antes.

— Ouça, querida...

A egípcia bateu com delicadeza na boca do oficial, com um atrevimento infantil cheio de graça e alegria.

— Não, não vou ouvir. Vai me amar? Quero que diga se me ama.

— Como não amá-la, anjo da minha vida! — exclamou o capitão, pondo no chão um joelho. — Meu corpo, meu sangue, minha alma, tudo é seu, tudo para você. Somente a você posso amar.

Tantas vezes o capitão havia repetido essas palavras, em tantas situações semelhantes, que a frase saiu de uma só vez, sem a menor hesitação. Ouvindo a declaração apaixonada, a egípcia ergueu para o teto sujo, que cumpria a função de céu, um olhar repleto de angelical felicidade.

— Ah! — murmurou. — É o momento em que devíamos morrer!

Justamente, Phoebus achou bom “o momento” para um novo beijo, que torturou em seu esconderijo o miserável arquidiácono.

— Morrer! — exclamou o apaixonado capitão. — O que está dizendo, meu anjo? É um caso de vida, ou Júpiter não passaria de um brincalhão! Pelo chifre do boi, que bobagem! Não é do que se trata. Ouça, querida Similar... Esmenarda... Desculpe, tem um nome tão prodigiosamente sarraceno que não consigo guardar. É uma confusão que me complica tudo.

— Por Deus! — disse a pobre moça. — E eu que achava esse nome bonito pela singularidade. Mas se lhe desagrada, prefiro me chamar Goton.

— Não vamos nos lamentar por tão pouco, minha linda! É um nome com que é preciso se acostumar, só isso. Assim que o decorar, virá sozinho. Ouça, então, querida Similar, adoro-a de paixão. Amo-a de um modo que chega a ser miraculoso. Sei de alguém que morre de raiva...

A ciumenta jovem o interrompeu:

— Quem?

— Que importância tem? — respondeu Phoebus. — Não me ama?

— Ah!

— Muito bem! Basta. Verá como também a amo. Quero que o grande diabo Netuno me espete se eu não fizer de você a criatura mais feliz do mundo. Teremos um bonito lugarzinho para nós, em algum canto. Mandarei meus arqueiros desfilar sob a sua janela. Todos a cavalo, e eles deixam

para trás os do capitão Mignon. Tenho lanceiros, balestreiros, arcabuzeiros de mão. Mas vou levá-la até os grandes monstros parisienses da granja de Rully. São magníficos. Oitenta mil cabeças armadas; trinta mil arneses brancos, jaquetas e cotas de malha, as sessenta e sete bandeiras das profissões; os estandartes do Parlamento, da Câmara de Contas, do tesouro dos generais, dos ajudantes da Moeda; uma parafernália dos infernos! Vou levá-la para ver os leões do *hôtel* do Rei, que são feras selvagens. As mulheres adoram essas coisas.

Já há alguns instantes Esmeralda, perdida em seus encantados pensamentos, devaneava ao som da voz, sem atentar ao sentido das palavras.

— Ah! Como será feliz! — continuava o capitão, desprendendo, ao mesmo tempo, o cinto da egípcia.

— O que está fazendo? — assustou-se a jovem.

Aquela “vias de fato” havia quebrado todo o devaneio.

— Nada — respondeu Phoebus. — Achei apenas ser preciso tirar essa roupagem de maluquice e de rua, estando comigo.

— Quando eu estiver com você, meu Phoebus! — disse a jovem com ternura.

Voltou a ficar pensativa e em silêncio.

O capitão, incentivado por tanta suavidade, pegou-a pela cintura sem que houvesse resistência e começou a desamarrar com cuidado o colete da pobre criatura. Com o ímpeto, porém, deslocou o corselete que lhe protegia o colo e o padre, resfolegante, viu pelas frestas da porta surgir, sob o tecido leve, o lindo ombro nu da boêmia, arredondado e moreno, como a lua que desponta sob a bruma no horizonte.

A egípcia permitia o avanço de Phoebus. Parecia não se dar conta. O olhar intrépido do capitão lançava faíscas. De repente, ela disse, com expressão de infinito amor:

— Phoebus, instrua-me na sua religião.

— Minha religião! — exclamou o capitão, com uma risada. — Instruí-la na minha religião? Eu? Por todos os chifres e raios! Para que, diabos, a minha religião?

— Para nos casarmos — ela respondeu.

O rosto do capitão ganhou uma expressão em que se misturavam a

surpresa, o desdém, a leviandade e a paixão libertina.

— Ah! Entendo. Vamos nos casar?

A cigana empalideceu e deixou a cabeça cair tristemente no peito.

— Querida amiga — começou Phoebus, com ternura. — Para que tamanha loucura? Grandes coisas, o casamento! Por acaso é menor o amor quando não se paga para ouvir latim recitado por um padre?

Falando com sua mais doce voz, ele se aproximou ao máximo da egípcia. Suas hábeis mãos voltaram à posição em torno daquela cintura tão fina e flexível, os olhos brilhavam cada vez mais e tudo levava a crer que o sr. Phoebus, com toda evidência, chegava àquele momento em que o próprio Júpiter tantas besteiras fez que o bom Homero era sempre obrigado a improvisar uma nuvem para socorrê-lo.

Dom Claude, no entanto, tudo via. A porta era feita de aduelas já bem podres, fixadas com metal, que deixavam espaços amplos para a visão do pássaro de rapina. O padre de pele morena e ombros largos, até então condenado à austera virgindade do claustro, tremia e fervilhava diante da cena de amor, noturna e voluptuosa. A bela cigana, desordenadamente entregue ao ardente rapaz, fazia correr chumbo fundido nas veias do arquidiácono. Coisas extraordinárias se passavam em seu interior. O olho perseguia com lasciva precisão todos os nós desfeitos. Quem pudesse ter visto, naquele momento, a figura do infeliz, colada às barras enferrujadas, acharia estar diante de um tigre que, do fundo de uma jaula, observa um chacal devorar uma gazela. Suas pupilas flamejavam como uma vela através das fendas da porta.

De repente, Phoebus tirou com um gesto rápido o corselete da egípcia. A pobre menina, que continuava pálida e em devaneios, despertou com um sobressalto. Afastou-se bruscamente do oficial e, vendo seu colo e ombros nus, vermelha e muda de vergonha, cruzou os belos braços sobre os seios, para escondê-los. Sem a chama que abrasava suas faces, vendo-a daquela maneira em silêncio e imóvel, poderia se achar que era uma estátua representando a pudicícia. Os olhos permaneciam baixados.

O gesto do capitão, porém, tinha deixado à mostra o misterioso amuleto que ela usava no pescoço.

— O que é? — perguntou, aproveitando o pretexto para voltar a se aproximar da bela criatura que ele acabava de assustar.

— Não toque nisso! — ela respondeu com vivacidade. — É meu guardião! É o que me fará encontrar minha família, se eu me mantiver digna. Por favor, deixe-me, sr. capitão! Minha mãe! Minha pobre mãe! Minha mãe! Onde está? Socorro! Por favor, sr. Phoebus! Devolva meu corselete!

Phoebus recuou e disse com frieza:

— Senhorita! Vejo então que não me ama!

— Não o amo! — exclamou a pobre infeliz menina, se dependurando ao mesmo tempo no capitão e levando-o a se sentar a seu lado. — Não o amo, meu Phoebus? O que diz, malvado, e me dilacera o coração? Tome-me, então! Tome tudo. Faça o que quiser de mim. Sou sua. Pouco importa o amuleto! Pouco importa minha mãe! É você a minha mãe, já que o amo! Phoebus, bem-amado Phoebus. Está vendo? Sou eu. Olhe para mim. Não rejeite esta moça que vem, que vem por conta própria buscá-lo. Minha alma, minha vida, meu corpo, minha pessoa, tudo isso é uma coisa só e é tudo seu, meu capitão. Pois bem, não precisamos nos casar, se o casamento o incomoda. Além disso, o que sou? Miserável filha da sarjeta, enquanto você, meu Phoebus, é um fidalgo. Que pretensão a minha! Uma dançarina se casar com um oficial! Fui louca. Não, Phoebus, não. Serei sua amante, sua diversão, seu prazer, sempre que quiser, sua. Não me preparei para isso, para ser conspurcada, desprezada, desonrada, mas pouco importa! Amada! Serei a mais orgulhosa e mais feliz das mulheres. E quando for velha ou feia, Phoebus, quando não prestar mais para amá-lo, senhor, aceite ainda que o sirva. Outras lhe bordarão echarpes. Serei eu a servente, que cuidarei. Vai me deixar polir suas esporas, escovar seu uniforme, desempoeirar suas botas de montaria. Não é verdade, meu Phoebus, que terá essa piedade por mim! Por agora, tome-me! Tudo é seu, Phoebus, apenas me ame! Nós, egípcias, só precisamos disso, ar puro e amor.

Com essa declaração, ela lançou os braços em volta do pescoço do oficial, olhando-o de baixo para cima, suplicante e com um belo sorriso banhado de lágrimas. Seu pescoço delicado se arranhava no gibão de lona e nas rudes bordaduras. Contorcia-se em cima dos joelhos o belo corpo semidespido. Embriagado de luxúria, o capitão colou os lábios ardentes nos belos ombros africanos. A jovem, com os olhos perdidos no teto e o corpo caído para trás, tremia palpitante sob os beijos.

De repente, acima da cabeça de Phoebus, ela viu outra cabeça, uma figura

lívida, verde, convulsiva, com um olhar de quem sofre danação. Junto dessa figura havia uma mão, com um punhal. Eram a figura e a mão do padre. Ele havia arrebentado a porta e estava ali. Phoebus não podia vê-lo. A moça permaneceu imóvel, gelada, muda diante da assustadora aparição, como uma pomba que erguesse a cabeça, no momento em que a águia olha o seu ninho com os olhos redondos.



De repente, acima da cabeça de Phoebus, ela viu outra cabeça.

Sequer pôde gritar. Viu o punhal se abater sobre Phoebus e se erguer escaldante.

— Maldição — disse o capitão, antes de cair.
Ela desmaiou.

No momento em que seus olhos se fechavam e toda sensação se dispersava, ela achou sentir ainda nos lábios um toque de fogo, um beijo mais ardente do que o ferro em brasa do carrasco.

Ao recuperar os sentidos, estava cercada de soldados da vigilância e o capitão, banhado no próprio sangue, estava sendo carregado. O padre havia desaparecido, a janela do fundo do quarto, que dava para o rio, estava escancarada. Uma capa, que pensaram pertencer ao oficial, foi recolhida e ela ouviu dizerem em volta:

— É uma feiticeira, apunhalou um capitão.

LIVRO OITO

1. O escudo que virou folha seca

Gringoire e todo o Pátio dos Milagres estavam mortalmente preocupados. Há um mês não se tinha notícia de Esmeralda, o que muito acabrunhava o duque do Egito e os amigos bandidos. Da cabra também ninguém sabia, o que ainda mais aumentava a dor de Gringoire. Certo fim de tarde, a egípcia havia desaparecido e, desde então, não dava mais sinal de vida. Todas as buscas foram vãs. Alguns miseráveis, para provocar Gringoire, diziam tê-la visto naquela noite nos arredores da ponte Saint-Michel, na companhia de um oficial, mas aquele marido à moda da Boêmia era um filósofo céptico e, aliás, mais do que ninguém sabia o quanto a esposa era virgem. Pudera comprovar o pudor inexpugnável resultante das virtudes combinadas do amuleto e da egípcia, tendo calculado matematicamente a resistência daquela castidade elevada à segunda potência. Sentia-se, então, tranquilo quanto a isso.

Mas não podia entender o desaparecimento. Era uma profunda infelicidade. Teria emagrecido, se tal fosse possível. Deixara tudo de lado, inclusive o gosto literário, inclusive sua obra *De figuris regularibus et irregularibus*,⁹⁹ que ele contava mandar imprimir com o primeiro dinheiro que conseguisse (pois se apaixonara pela impressão desde que havia visto o *Didascalon*, de Hugues de Saint-Victor, impresso com os célebres caracteres de Vindelin de Spire).

Certo dia, passando diante da torre criminal, o filósofo percebeu um agrupamento de gente numa das portas do Palácio da Justiça.

— O que está havendo? — perguntou a um jovem que saía de lá.

— Não sei muito bem — ele respondeu. — Dizem que está sendo julgada uma mulher que assassinou um militar. Como parece haver feitiçaria envolvida, o bispo e o Santo Ofício intervieram no caso. Meu irmão, que é arquidiácono de Josas, está o tempo todo lá dentro e estou querendo falar com ele. Mas não consegui por causa da multidão; o que me prejudica muito, pois preciso de dinheiro.

— É pena — disse Gringoire. — Gostaria de poder emprestar algum, mas, como vê, meus calções estão furados, e não foi por carregar moedas.

Não se atreveu a dizer que conhecia o irmão arqui-diácono, a quem não tinha mais procurado desde a cena na igreja, desatenção que o deixava constrangido.

O estudante se foi e Gringoire seguiu a multidão que subia a escadaria da Grande Câmara. Estimava nada haver de melhor para dissipar a melancolia do que o espetáculo de um processo criminal, de tal forma os juizes, em geral, patenteiam uma reconfortante estupidez. As pessoas em volta avançavam de forma solidária e silenciosa. Após um lento e aborrecido empurra-empurra num corredor escuro, que serpenteava pelo palácio como se fosse o canal intestinal do velho edifício, chegaram todos a uma porta baixa que desembocava numa sala cujo aspecto ele pôde explorar por cima das cabeças ondulantes da plateia, graças à sua estatura acima da média.

A sala era ampla e sombria, o que a fazia parecer ainda maior. A luz do dia já diminuía e as compridas janelas ogivais só deixavam entrar um pálido raio que se diluía antes de chegar à abóbada, enorme entrelaçamento de vigas esculpidas, em que as mil figuras entalhadas pareciam confusamente se mover na penumbra. Várias velas já estavam acesas, espalhadas por cima das mesas e realçando cabeças de escrivães atarefados na papelada. A parte anterior da sala era ocupada pela multidão. À direita e à esquerda viam-se homens vestindo togas, junto a mesas. No fundo, sobre um estrado, muitos juizes de rostos imóveis e sinistros, com os que estavam mais atrás desaparecendo nas trevas. As paredes eram semeadas de flores de lis inumeráveis. Vagamente se distinguia, acima dos juizes, um Cristo de bom tamanho e, por todo lugar, lanças e alabardas, nas extremidades das quais a luz das velas fazia brilhar pontas de fogo.

— Cavalheiro — perguntou Gringoire a alguém ao lado. — O que são todas aquelas pessoas enfileiradas ali, como prelados em concílio?

— À direita, são os conselheiros da Grande Câmara — respondeu o homem —, à esquerda os conselheiros das investigações. Os de toga negra são religiosos e os de toga vermelha, leigos.

— E ali, mais acima — continuou Gringoire —, aquele gordo avermelhado que transpira?

— É o sr. presidente do tribunal.

— E os carneiros, mais atrás? — quis ainda saber Gringoire que, já dissemos, não apreciava a magistratura (mas talvez isso viesse do rancor que

guardara do dramático episódio no Palácio da Justiça).

— São os senhores mestres de demandas da residência real.

— E à frente dele, aquele javali?

— É o sr. escrivão do tribunal do Parlamento.

— E à direita, o crocodilo?

— Mestre Philippe Lheulier, advogado extraordinário do rei.

— E à esquerda, o gato gordo e negro?

— Mestre Jacques Charmolue, procurador do rei no tribunal da Igreja, com os senhores do Santo Ofício.

— E o que faz toda essa boa gente? — quis saber Gringoire.

— Julga.

— E julga quem? Não vejo réu.

— É uma mulher. Não pode vê-la. Está de costas para nós e atrás da multidão. Olhe, está ali, cercada de alabardas de infantaria.

— Quem é a mulher? — perguntou ainda Gringoire. — Sabe como se chama?

— Não sei, cavalheiro. Cheguei agora. Mas creio que o processo envolve feitiçaria, já que o Santo Ofício está presente.

— Ótimo! — disse nosso filósofo. — Assistiremos a toda essa gente de toga comer carne humana. Vale como espetáculo!

— Senhor — observou o vizinho —, não acha que mestre Jacques Charmolue tem aparência afável?

— Hum! — respondeu Gringoire. — Desconfio dessa afabilidade de nariz empinado e lábios finos.

Nesse momento, pessoas em volta pediram silêncio aos dois que tanto conversavam. Ouvia-se um depoimento importante.

— Meus senhores — dizia no meio da sala uma velha, cujo rosto desaparecia por inteiro sob as roupas, de forma que dava a impressão de um monte de trapos ambulante. — Meus senhores, a coisa é tão verdadeira quanto verdade é que me chamo Falourdel, há quarenta anos estabelecida na ponte Saint-Michel e pagando pontualmente rendas, aluguéis e taxas da casa em frente à de Tassin-Caillart, o tintureiro, no lado nascente do rio. Pobre velha hoje em dia, cavalheiros, mas bela jovem outrora! Já há alguns dias, me diziam: “Falourdel, não rode demais sua roda de fiar à noite, que o diabo

gosta de cardar a roca das velhas com os chifres. Com certeza o monge-papão, que no ano passado andava pelas bandas do Templo, circula agora na Cité. Cuide para que ele não bata à sua porta, Falourdel.” Uma noite, fiava minha roca, bateram à minha porta. Perguntei quem era. Ele praguejou. Abri. Dois homens entraram. Um escuro, com um belo oficial. Do escuro, só se viam os olhos, duas brasas. O resto era só capa e chapéu. Eles disseram: “o quarto santa Marta”. É o quarto em cima, cavalheiros, o melhor que tenho. Deram-me um escudo. Guardei o escudo na gaveta e pensei: “amanhã compro tripas no bucheiro da Gloriette”. Subimos. Chegando ao quarto de cima, enquanto eu estava de costas, o homem escuro desapareceu. Isso me surpreendeu um pouco. O oficial, que era bonito como um grande senhor, desceu comigo. Saiu. Foi o tempo de fiar um quarto de meada e ele voltou com uma bonita mocinha, uma boneca que brilharia como o sol, se estivesse penteada. Tinha com ela um bode, um bode grande, não me lembro mais se preto ou branco. Isso me fez pensar. Com relação à moça, não via problema, mas o bode!... Não gosto desse bicho, tem barba e chifres. Parece um homem. Além do mais, cheira a sábadó. Mesmo assim, nada disse. Tinha o escudo. Era justo, não acha, sr. juiz? Ajudei a moça e o capitão a subirem para o quarto do alto e deixei-os, isto é, com o bode. Desci e voltei a fiar. Preciso dizer que a casa tem um andar térreo e um no alto, dando os fundos para o rio, como as demais casas da ponte. A janela do térreo e a janela de cima se abrem para a água. Estava, então, fiando. Não sei por quê, pensei no monge-papão, porque o bode tinha feito com que eu voltasse a pensar nele. Além disso, a moça bonita estava vestida de forma bem estranha... De repente, ouvi um grito no alto, alguma coisa caiu no chão e a janela se abriu. Corri para a minha, que fica bem embaixo, e vi passar, diante dos meus olhos, uma massa escura que caiu na água. Era um fantasma vestido de padre. Havia luz do luar. Pude ver muito bem. Ele nadou para os lados da Cité. Tremendo, chamei então a vigilância. Os senhores da dúzia chegaram e, como estavam alegres, sem saber do que se tratava começaram por me espancar. Expliquei. Subimos e o que encontramos? Meu pobre quarto coberto de sangue, o capitão estendido no chão, com um punhal no pescoço, a menina se fazendo de morta e o bode todo nervoso. Pensei comigo mesma: “Vou levar mais de quinze dias para lavar esse chão, vou precisar raspar, vai ser terrível.” Levaram o oficial, pobre rapaz! E a moça, toda desarrumada. Mas espere. O pior foi que, no dia seguinte, quando fui pegar o escudo para

comprar as tripas, achei uma folha seca no lugar.

A velha se calou. Um murmúrio de horror circulou pelo público.

— Um fantasma, um bode... tudo isso cheira à feitiçaria — disse um vizinho de Gringoire.

— E essa folha seca! — acrescentou outro.

— Não tem dúvida — retomou um terceiro. — É uma bruxa em combinação com o monge-papão, para atacar oficiais.

O próprio Gringoire não estava longe de achar tudo aquilo assustador e possível.

— Mulher Falourdel — disse o sr. presidente, majestosamente. — Nada mais tem a dizer à justiça?

— Nada mais, excelentíssimo — respondeu a velha. — A não ser que no relatório trataram a minha casa de barracão decrepito e fedorento, o que é um insulto. As casas da ponte podem não ser bonitas, por haver gente demais, mas há açougueiros que moram lá, e são homens ricos, casados com belas mulheres bem asseadas.

O magistrado que Gringoire havia comparado a um crocodilo se levantou.

— Paz! — exclamou ele. — Peço aos senhores que não percam de vista o fato de ter sido encontrado um punhal com a acusada. Mulher Falourdel, trouxe a folha seca em que se transformou o escudo que o demônio lhe deu?

— Trouxe sim, senhor — ela respondeu. — Aqui está.

O escrivão levou a folha morta ao crocodilo, que fez um sinal lúgubre com a cabeça e passou-a ao presidente, que, por sua vez, enviou-a ao procurador do rei no tribunal da Igreja. De modo que a folha deu a volta na sala.

— Trata-se de uma folha de bétula — disse mestre Jacques Charmolue. — Nova comprovação de feitiçaria.

Um conselheiro tomou a palavra:

— Testemunha, dois homens subiram, ao mesmo tempo, ao andar de cima da sua casa. O homem escuro, que a senhora primeiro viu desaparecer e, depois, nadar no Sena, com roupas de padre, e o oficial. Qual dos dois lhe entregou o escudo?

A velha pensou por um momento e respondeu:

— O oficial.

Um rumor percorreu os ouvintes.

— Ah! — pensou Gringoire. — Isso abala um pouco a minha convicção.

No entanto, o advogado extraordinário do rei, mestre Philippe Lheulier, novamente interveio:

— Lembro aos senhores que, no depoimento tomado no leito de morte do oficial assassinado, ele declarou ter vagamente pensado no monge-papão ao ser abordado pelo homem escuro, e que o fantasma vivamente o havia incentivado a ir encontrar a acusada. Quando o capitão disse estar sem dinheiro, recebeu do homem o citado escudo, que ele entregou à Falourdel. Ou seja, o escudo era uma moeda do inferno.

A observação concludente pareceu dissipar todas as dúvidas de Gringoire e dos demais incrédulos do auditório.

— Os senhores têm o dossiê com as devidas peças — acrescentou o advogado do rei, sentando-se —, e podem consultar o depoimento de Phoebus de Châteaupers.

Ouvindo esse nome, a acusada se levantou. Sua cabeça ficou acima da multidão. Horrorizado, Gringoire reconheceu Esmeralda.

Estava pálida. Os cabelos, antes tão graciosamente cacheados e enfeitados com lanjeoulas, caíam desordenados. Os lábios pareciam azulados. Os olhos fundos eram assustadores. Que desgraça!

— Phoebus! — ela repetiu. — Onde está? Senhores, antes de me matar, por favor, digam se ele ainda vive!

— Cale-se, mulher! — respondeu o presidente. — Não é o que nos interessa.

— Por piedade! Digam se ele está vivo ou não — continuou a cigana, juntando as belas mãos emagrecidas, e podiam-se ouvir as correias baterem no vestido.

— Muito bem! — disse com secura o advogado do rei. — Ele está morrendo. Satisfeita?

A infeliz voltou a cair em seu assento, sem voz, sem lágrimas, branca como uma figura de cera.

O presidente se debruçou na direção de um homem colocado mais abaixo, que usava gorro dourado, toga negra, corrente no pescoço e tinha uma vergasta à mão.

— Meirinho, faça entrar a segunda acusada.

Todas as atenções se voltaram para uma portinhola que foi aberta e, para grande emoção de Gringoire, deu passagem a uma bonita cabrita de chifres e patas dourados. O elegante animal parou um momento à entrada da sala, estendendo o pescoço como se, no alto de um rochedo, tivesse diante dos olhos um imenso horizonte. De repente, avistou a boêmia e, saltando por cima da mesa e da cabeça de um escrivão, num instante chegou aos joelhos dela. Em seguida, graciosamente se pôs aos pés da sua dona, esperando uma palavra ou um carinho. Mas a acusada se manteve imóvel e a pobre Djali não recebeu sequer um olhar.

— Ei, é... o horrível animal — disse a velha Falourdel. — Reconheço perfeitamente as duas!

Jacques Charmolue interveio:

— Por favor, senhores, procedamos ao interrogatório da cabra.

De fato, era a segunda acusada. Nada mais comum, naquele tempo, que os processos por feitiçaria impetrados contra animais. Encontra-se, entre muitos outros nas contas do prebostado referentes ao ano de 1466, um curioso detalhe dos custos do processo de Gillet-Soulart e sua porca, *executados por seus desmandos, em Corbeil*. Tudo está ali incluído: o preço do fosso para a porca, as quinhentas achas de lenha retiradas do porto de Morsant, as três pintas de vinho e o pão para a última refeição do condenado, fraternalmente dividida com o carrasco, incluindo os onze dias de guarda e alimentação da porca, a oito deniers parisis cada dia. Mas tais processos não se limitavam apenas aos animais. As capitulares de Carlos Magno e Luís o Piedoso previam pesadas penas contra fantasmas esvoaçantes que ousassem se apresentar nos ares.

O procurador no tribunal da Igreja exclamou:

— Se o demônio que habita essa cabra, tendo resistido a todos os exorcismos, persistir em seus malefícios e assustar o tribunal, previno que seremos forçados a requerer o cepo ou a fogueira.

Gringoire suou frio. Charmolue pegou em cima de uma mesa o pandeiro da cigana e, apresentando-o à cabra numa determinada posição, perguntou:

— Que horas são?

A cabra olhou para ele com uma expressão inteligente, ergueu a pata dourada e bateu sete vezes. De fato, eram sete horas. Uma movimentação de

pavor percorreu a multidão.

Gringoire não se conteve:

— Ela está se perdendo! Podem ver que não sabe o que faz.

— Silêncio no fundo da sala! — ordenou o meirinho.

Manejando o instrumento, Jacques Charmolue fez a cabra executar diversos outros truques, pedindo o dia, o mês etc. em que estavam, da maneira como o leitor já tomou conhecimento anteriormente. Por uma ilusão ótica característica dos debates judiciais, aqueles mesmos espectadores que talvez já tivessem várias vezes aplaudido nas esquinas os inocentes truques de Djali, se horrorizavam sob as abóbadas do Palácio da Justiça. Decididamente, a cabra era o diabo.

A situação piorou quando o procurador do rei revirou no chão certo saquinho de couro que Djali tinha pendurado no pescoço, cheio de letras soltas. Diante de todo o público, a cabra extraiu do alfabeto espalhado, com a pata, as peças formando esse nome fatal: *Phoebus*. Os sortilégios de que o capitão tinha sido vítima pareceram irresistivelmente demonstrados e ficou patenteado que a cigana, a linda dançarina que tantas vezes havia deslumbrado os passantes com a sua graça, não passava de uma horrível estrige.

Que, aliás, não apresentava sinal nenhum de vida. Nem as graciosas movimentações de Djali, nem as ameaças do tribunal, nem as surdas imprecações do auditório pareciam chegar ao seu entendimento.

Para despertá-la, foi preciso que um guarda severamente a sacudisse e que o presidente erguesse a voz solene:

— Filha, a senhorita é de raça boêmia, que é dada a malefícios. Com a cumplicidade da cabra enfeitiçada, implicada no mesmo processo, feriu e apunhalou, na noite de 29 de março último, em combinação com as potências das trevas e ajudada por encantos e gestualidade, um capitão dos arqueiros da ordenança do rei, Phoebus de Châteaupers. Persiste em negar?

— Horror! — gritou a jovem, escondendo o rosto com as mãos. — Meu Phoebus! Ah! É o inferno!

— Persiste em negar? — perguntou friamente o presidente.

— Sim, nego! — ela respondeu, com terrível entonação na voz, de pé e com os olhos faiscantes.

O presidente prosseguiu, decidido:

— Como então explica os fatos de que é acusada?

Ela respondeu, com uma voz entrecortada:

— Já disse. Não sei. Foi um padre. Um padre que não conheço. Um padre infernal que me persegue!

— Exatamente — retomou o juiz. — O monge-papão.

— Senhores! Por favor! Sou apenas uma pobre menina...

— Do Egito — disse o juiz.

Mestre Jacques Charmolue tomou a palavra, com toda suavidade:

— Tendo em vista a obstinação da acusada, peço a aplicação da questão.

— Concedido! — proclamou o presidente.

O corpo inteiro da infeliz estremeceu. Mesmo assim, ela se levantou por ordem dos guardas armados e seguiu, com passo bastante firme, Charmolue e os padres do Santo Ofício, entre fileiras de alabardas, até uma porta estreita, que subitamente se abriu e voltou a se fechar depois que ela passou, fenômeno que causou no entristecido Gringoire o efeito de uma horrível bocarra que acabasse de devorá-la.

Depois disso, ouviu-se um balido lamentoso. Era a cabritinha que chorava.

A audiência foi suspensa. Tendo um conselheiro observado que todos estavam cansados demais para esperar até o final da tortura, o presidente o fez notar que um magistrado deve ser capaz de se sacrificar pelo dever.

— Que inconveniente malfeitora esta — comentou um venerando juiz —, que nos obriga à questão sem termos feito refeição!

99. “Sobre as figuras regulares e irregulares”, em latim no original.

2. Continuação de “O escudo que virou folha seca”

Depois de subirem e descerem degraus por corredores que, de tão sombrios, em pleno dia precisavam da luz de lampiões, Esmeralda, sempre acompanhada pelo lúgubre cortejo, foi empurrada pelos guardas do palácio para um quarto sinistro. Redondo, o quarto ocupava o rés do chão de uma dessas pesadas torres que ainda no nosso século perfuram a camada de edifícios modernos com que a nova Paris cobriu a antiga. Não havia janela nem abertura alguma, além da entrada baixa e trancada por pesada porta de ferro. Mas não faltava claridade: uma fornalha tinha sido aberta na espessura da parede. O fogo vivo ardia, enchendo o lugar com vermelhos fulgores e roubando todo brilho da miserável vela deixada num canto. A grade de ferro que a fechava, naquele momento erguida, só deixava ver, no buraco do chamejante suspiro da tenebrosa parede, a extremidade inferior das barras, como uma fileira de dentes escuros, afiados e espaçados, fazendo a fornalha parecer a boca de um daqueles dragões lendários que cospem chamas. Pela luz ambiente, então, a prisioneira viu, ao redor da câmara, instrumentos horrendos, cuja utilidade ela não compreendeu. No centro havia um leito de couro quase no chão, acima do qual pendia uma correia com fivela, presa a uma argola de cobre que um monstro esculpido no ápice da abóbada mordia. Tenazes, pinças, ferros grandes de charrua se empilhavam no interior do forno, vermelhos em brasa. A sangrenta claridade das chamas só iluminava, do aposento inteiro, uma coleção de coisas horríveis.

Aquele tártaro se chamava, com toda simplicidade, *câmara da questão*.

Em cima do leito, Pierrat Torterue, o atormentador juramentado, estava sentado com toda calma. Seus ajudantes, dois gnomos de rosto quadrado e avental de couro com alças de lona, manejavam os ferros nas brasas.

A pobre moça, por mais que tivesse juntado toda sua coragem, ficou horrorizada.

Os guardas da magistratura do palácio se enfileiraram de um lado, os padres do Santo Ofício de outro. Um escrivão, seus apetrechos e uma mesa estavam num canto. Mestre Jacques Charmolue se aproximou da egípcia com

um sorriso melífluo:

— Querida criança — ele começou. — Persiste em negar?

— Nego — Esmeralda respondeu, quase sem voz.

— Nesse caso — retomou Charmolue —, teremos a dolorosa tarefa de questioná-la com maior instância do que gostaríamos. Queira se sentar nessa cama. Mestre Pierrat, ceda o lugar à senhorita e feche a porta.

Pierrat se levantou resmungando:

— Se eu fechar a porta, meu fogo vai se apagar — reclamou em voz baixa.

— Sendo assim, meu caro — concordou Charmolue —, deixe-a aberta.

Esmeralda, entretanto, continuava de pé. O leito de couro, onde tantos miseráveis tinham se contorcido, era aterrorizante. Um terror a congelava até à medula dos ossos. Manteve-se então de pé, parva e estupidificada. A um sinal de Charmolue, os dois ajudantes sentaram-na no leito. Sem fazer-lhe mal algum, mas ela teve a impressão de que todo o seu sangue refluíu para o coração, ao sentir o contato dos dois homens e do couro do leito. Assustada, olhou em volta. Todos aqueles disformes instrumentos de tortura pareciam representar, no universo das ferramentas que até então ela conhecia, o que representam os morcegos, as centopeias e as aranhas, no universo dos insetos e dos pássaros. E davam a impressão de se mexer e vir de todo lugar, na sua direção, para subir pelo seu corpo, mordendo e beliscando,

— Onde está o médico? — perguntou Charmolue.

— Aqui — respondeu uma toga negra que até então ela não havia percebido.

A jovem estremeceu.

— Senhorita — retomou a voz meiga do procurador no tribunal da Igreja.

— Pela terceira vez, persiste em negar os fatos dos quais é acusada?

Esmeralda conseguiu apenas fazer um movimento com a cabeça, pois faltou-lhe voz.

— Então persiste? — perguntou Jacques Charmolue. — Isso me aflige, mas tenho que cumprir meu ofício.

— Sr. procurador do rei — cortou Pierrat de forma brusca —, por onde começamos?

Charmolue hesitou por um momento, com a expressão ambígua do poeta

que procura uma rima.

— Pelo borzeguim — disse.

A infortunada se sentiu tão abandonada por Deus e pelos seres humanos que a cabeça pendeu no peito como algo inerte, sem força própria.

O atormentador e o médico se aproximaram. Ao mesmo tempo, os dois ajudantes se puseram a procurar algo no pavoroso arsenal de que dispunham.

Ouvindo o ranger das terríveis ferragens, a infeliz criança estremeceu como uma rã morta que se galvaniza.

— Ah! — murmurou tão baixo que ninguém ouviu. — Meu Phoebus!

Em seguida, mergulhou na imobilidade e no marmóreo silêncio. O espetáculo teria dilacerado qualquer coração que não fosse o de um juiz. Parecia uma pobre alma pecadora, questionada por Satã, no rubro postigo do inferno. O miserável corpo em que se fixaria aquele infame conjunto de chaves, rodas e escoras, o ser que as ásperas mãos de carrascos e as tenazes manipulariam, era o de uma doce, branca e frágil criatura. Pobre grão de sorgo que a justiça humana entregava à moedura nos horríveis moinhos do suplício!

Nesse meio-tempo, as mãos calosas dos assistentes de Pierrat Torterue tinham brutalmente desnudado e encantadora perna, o pezinho que tantas vezes havia maravilhado, por sua delicadeza e graça, quem passava pelas esquinas de Paris.

— É pena! — resmungou o atormentador, considerando, justamente, as formas graciosas e delicadas.

Se o arquidiácono estivesse ali presente, ele certamente teria se lembrado, naquele momento, do símbolo da aranha e da mosca.

Logo em seguida, a infeliz viu, por trás da bruma que invadia os seus olhos, se aproximar o borzeguim e, na sequência, viu o seu pé, impressado entre as pranchas com ferragens, desaparecer no assustador aparelho. O terror, nesse momento, devolveu-lhe forças.

— Tirem isso de mim! — gritou exaltada e, endireitando-se toda desgrenhada: — Tenham piedade!

Lançou-se da cama para se jogar aos pés do procurador do rei, mas a perna estava presa no pesado bloco de carvalho e ferro, caindo a vítima sobre o borzeguim, mais despedaçada do que estaria uma abelha com um chumbo na asa.

Charmolue fez um gesto e ela foi posta de volta na cama, com duas pesadas mãos prendendo na fina cintura a correia que pendia da abóbada.

— Pela última vez, confessa os fatos da causa? — questionou Charmolue com imperturbável benignidade.

— Sou inocente.

— Nesse caso, como explicar as circunstâncias que pesam sobre a senhorita?

— Infelizmente, senhor, não sei dizer!

— Então, nega?

— Tudo!

— Prossiga — disse Charmolue a Pierrat.

Pierrat acionou o mecanismo, o borzeguim se estreitou e a infeliz soltou um desses horríveis gritos que em língua humana alguma têm ortografia.

— Pare! — disse Charmolue a Pierrat. — Confessa? — perguntou à egípcia.

— Tudo! — gritou a miserável. — Confesso! Confesso! Piedade!

Ela não havia calculado suas forças ao enfrentar a questão. Pobre criança, cuja vida, até então, fora tão alegre, suave e doce. A primeira dor venceu-a.

— O sentimento humanitário me obriga a dizer — observou o procurador do rei — que, confessando, é à morte que deve esperar.

— Que seja! — disse ela. E voltou a cair no leito de couro, arrasada, dobrada ao meio, se dependurando na correia que tinha afivelada ao peito.



O borzeuim se estreitou e a infeliz soltou um grito horrível.

— Ânimo, minha bela, controle-se — disse mestre Pierrat, erguendo-a. — Está parecendo o carneiro de ouro que se vê no pescoço do senhor de Borgonha.

Jacques Charmolue ergueu a voz.

— Escrivão, registre! Jovem cigana, confessa sua participação em ágapes, sabás e malefícios do inferno, com larvas, máscaras e estriges? Responda.

— Confesso — ela respondeu, tão baixo que a voz se perdia na respiração.

— Confessa ter visto o bode que Belzebu faz surgir nas nuvens,

chamando para o sabá, e que só as feiticeiras veem?

— Confesso.

— Confessa ter adorado as cabeças de Baphomet, aqueles abomináveis ídolos dos templários?

— Confesso.

— E ter tido convívio habitual com o diabo, sob a forma de uma cabra doméstica, incluída no processo?

— Confesso.

— Confessa, finalmente, que com a ajuda do demônio e do fantasma vulgarmente denominado monge-papão, feriu e assassinou, na noite de 29 de março último, um capitão chamado Phoebus de Châteaupers?

Ela ergueu os olhos grandes e imóveis na direção do magistrado e respondeu maquinalmente, sem convulsões nem tremores:

— Confesso.

Era evidente que tudo nela estava espedaçado.

— Registre, escrivão! — disse Charmolue e, dirigindo-se aos torturadores:

— Soltem a prisioneira. Que seja levada à audiência.

Depois de *descalçada* a criminosa, o procurador do rei no tribunal da Igreja examinou o pé ainda entorpecido pela dor.

— Coragem! Não houve grandes danos. Gritou bem a tempo. Ainda poderá dançar, minha bela!

Em seguida, virando-se para seus acólitos do Santo Ofício:

— Esclareceu-se a justiça! Isso nos apazigua! A senhorita há de testemunhar que agimos com toda suavidade possível.

3. Fim de “O escudo que virou folha seca”

Quando ela entrou, pálida e claudicante, na sala de audiência, foi recebida por um murmúrio geral de contentamento. Por parte dos ouvintes, era um sentimento de satisfação da impaciência, como no teatro, no final do último entreto da comédia, quando a cortina se levanta e começa a conclusão. Por parte dos juízes, era pela esperança de logo poderem jantar. Também a cabrita baliu de alegria. Quis correr até a sua dona, mas a haviam amarrado no banco.

A noite tinha caído. As velas, cuja quantidade não aumentara, forneciam tão escassa claridade que não se viam as paredes da sala. As trevas envolviam os objetos numa espécie de bruma. Mal sobressaíam uns poucos rostos apáticos de juízes. Mais adiante, numa extremidade da comprida sala, podia-se ver um ponto de vaga brancura se destacando sobre o fundo escuro. Era a acusada.

Arrastara-se até o seu lugar. Assim que Charmolue magistralmente assumiu o seu posto, sentou-se e voltou a se levantar, dizendo, sem deixar transparecer em demasia a vaidade pelo sucesso:

— A acusada tudo confessou.

— Filha da Boêmia — retomou então o presidente —, a senhorita confessou todo tipo de ações, envolvendo magia, prostituição e assassinato de Phoebus de Châteaupers?

O coração ficou apertado. Percebeu-se que ela chorava no escuro.

— Tudo que quiserem — respondeu com uma voz fraca. — Por favor, matem-me logo!

— Sr. procurador do rei no tribunal da Igreja — disse o presidente. — A câmara está pronta para ouvir suas requisições.

Mestre Charmolue exibiu um horrível caderno e começou a ler, com a ajuda de muita gesticulação e entonação dramática, um discurso em latim, com todas as provas do processo se articulando em perífrases ciceronianas, apoiadas em citações de Plauto, seu autor cômico favorito. Lamentamos não

poder oferecer a nossos leitores essa página memorável. O orador a percorria em maravilhosa atuação. Sequer terminara o exórdio e o suor já brotava da testa, com os olhos que saltavam das órbitas.

Bruscamente, no meio de um período, ele se interrompeu, lançando um olhar — que em geral era ameno e até um pouco idiota — fulminante.

— Senhores — exclamou (dessa vez em francês, pois isso não estava no caderno). — Satã de tal modo está envolvido nesse caso que assiste a nossos debates e zomba da sua magnificência. Vejam!

Dizendo isso, apontou com a mão a cabritinha que, vendo Charmolue gesticular, de fato achara dever imitá-lo, tendo se sentado sobre o traseiro, reproduzindo como podia, com as patas dianteiras e a cabeça barbuda, a mímica patética do procurador do rei no tribunal da Igreja. Era, se nos lembrarmos bem, um dos seus preciosos talentos. O incidente, essa última *prova*, causou enorme efeito. As patas da cabra foram amarradas e o procurador do rei retomou o fio da sua eloquência.

Foi demoradíssima, mas uma peroração admirável. Cito a última frase, à qual se devem acrescentar a voz rouca e o gesto grandiloquo de mestre Charmolue:

— *Ideo, Domni, coram stryga demonstrata, crimine patente, intentione criminis existente, in nomine sanctae ecclesiae Nostrae-Dominae Parisiensis, quae est in saisina habendi omnimodam altam et bassam justitiam in illa hac intemerata Civitatis insula, tenore praesentium declaramus nos requirere, primo, aliquandam pecuniarium indemnitatem; secundo, amendationem honorabilem ante portaliu maximum Nostrae-Dominae, ecclesia cathedralis; tertio, sententiam in virtute cujus ista stryga cum sua capella, seu in trivio vulgariter dicto la Grève, seu in insula exeunte in fluvio Sequanae, juxta pointam jardini regalis, executatae sint!* ¹⁰⁰

Pôs de volta na cabeça o gorro e se sentou.

— *Eheu!* — suspirou Gringoire, lamentando. — *Bassa latinitas!* ¹⁰¹

Outro homem de toga negra se levantou, perto da acusada. Era o seu advogado. Os juízes, em jejum, começaram a resmungar.

— Advogado, seja breve! — disse o presidente.

— Senhor presidente — respondeu o advogado —, uma vez que minha defendida confessou o crime, pouco me resta a acrescentar. Cito um texto da lei sálica: “Se uma estrige comer um homem e reconhecer este fato, deve

pagar multa de oito mil deniers, que perfazem duzentos soldos de ouro.” Queira a câmara condenar minha cliente à multa.

— Texto ab-rogado — cortou o advogado extraordinário do rei.

— *Nego* — replicou o advogado.

— Votação! — apartou um conselheiro. — O crime é patente, e já é tarde. Resolveu-se a votação sem que se deixasse a sala. Os juízes *opinaram com o gorro*, pois tinham pressa. As cabeças cobertas sucessivamente se descobriram à sombra da lúgubre questão colocada em voz baixa pelo presidente. A pobre acusada parecia olhá-los, mas sua visão tumultuada nada mais discernia.

O escrivão passou ao registro e fez chegar às mãos do presidente um longo pergaminho.

A infeliz ouviu o público se agitar, as lanças se entrechocarem e uma voz glacial pronunciar:

— Filha da Boêmia, no dia que decidir o rei, nosso senhor, ao meio-dia, será levada numa carroça aberta, de bata, descalça, com a corda no pescoço, diante do grande pórtico de Notre Dame e lá fará confissão de honra, com uma tocha de cera pesando duas libras na mão. Dali será levada à praça da Grève, onde será enforcada e estrangulada, no patíbulo da cidade. De mesmo a sua cabra. Deverá pagar ao Santo Ofício três leões de ouro, como reparação pelos crimes cometidos e confessados de feitiçaria, magia, luxúria e morte, contra a pessoa do sr. Phoebus de Châteaupers, que Deus tenha a sua alma!

— Ah! Devo estar sonhando! — ela murmurou, sentindo-se carregada por mãos rudes e decididas.

100. “Por esse motivo, senhores, na presença de uma estrige confessa, sendo patente o crime e existente a intenção criminosa, em nome da santa igreja Notre Dame de Paris, idônea para justiças de todo tipo, seja alta ou baixa, em nossa ilha sem mácula de la Cité, declaramos, pelo conteúdo do que dispomos, requerer, primeiramente, alguma indenização pecuniária, secundamente, arrependimento de honra, diante do grande pórtico de Notre Dame, igreja catedral, terceiroamente, sentença, em virtude da qual essa estrige com a sua cabra, na praça vulgarmente chamada da *Grève*, ou na saída da ilha para o rio Sena, perto da ponta do jardim real, sejam executadas!”, em latim no original.

101. “Que pena! Latim deplorável!”, em latim no original.

4. *Lasciate ogni speranza*¹⁰²

Na Idade Média, quando um edifício ficava pronto, havia no subsolo quase a mesma massa que na superfície. A menos que construídos sobre pilotis, como Notre Dame, palácios, fortalezas e igrejas tinham sempre um fundo falso. Nas catedrais, de certa forma era outra catedral que se estendia subterrânea, baixa, obscura, misteriosa, cega e muda, sob a nave superior, resplandecente de luz e onde ressoavam o órgão e os sinos, dia e noite. Podia, eventualmente, ser um sepulcro. Nos palácios, nas bastilhas, era uma prisão, ou às vezes também um sepulcro — ou os dois. Essas poderosas construções, das quais explicamos já o modo de formação e de *vegetação*, não apresentavam simples fundações e sim, de certa forma, raízes a se ramificarem pelo subsolo com quartos, galerias e escadas, imitando a construção do alto. Assim sendo, igrejas, palácios e bastilhas tinham terra até a metade do corpo. As caves de um edifício formavam outro edifício, ao qual se descia, em vez de subir, com andares inferiores sob o amontoado de andares externos do monumento, como florestas e montanhas que margeiam um lago e têm suas imagens invertidas no espelho d'água abaixo delas.

Na bastilha Saint-Antoine, no Palácio da Justiça de Paris e no Louvre, tais edifícios subterrâneos eram prisões. Os andares dessas prisões, enfiando-se chão adentro, progressivamente se estreitavam e ensombreciam. Eram zonas em que se graduavam as nuances do horror. Dante nada encontrou de melhor para o seu inferno. Esses calabouços afunilados chegavam, em geral, a um fundo de fosso. Nele o poeta colocou Satã e a sociedade colocava o condenado à morte. Uma vez enterrada ali uma miserável existência, dava-se adeus à luz, ao ar, à vida, à *ogni speranza*. Dali só se saía para o cadafalso ou para a fogueira. Mas podia-se também lá apodrecer. A justiça humana chamava isso *esquecer*. Entre os homens e o condenado, este último sentia pesar sobre a sua cabeça um empilhamento de pedras e de carcereiros; tornando-se a prisão inteira, a maciça bastilha, apenas a enorme e complicada fechadura que o isolava do mundo vivo.

Foi num fundo assim, num daqueles esquecimentos escavados por são

Luís, no *in-pace* da Tournelle, que se deixou — provavelmente por temer que se evadisse — Esmeralda, condenada ao patíbulo, com o colossal Palácio da Justiça em cima da cabeça. Pobre mosca que não teria como mover a menor das suas pedras!

Tanto a providência quanto a sociedade foram igualmente injustas, pois semelhante luxo de misérias e torturas não era necessário para quebrar tão frágil criatura.

Ali estava ela, perdida nas trevas, enterrada, aterrorizada, amuralhada. Quem a visse nesse estado, tendo-a conhecido a rir e dançar ao sol, estremeceria. Fria como a noite, fria como a morte, sem mais sopro algum de ar nos cabelos nem ruído humano ao ouvido, claridade alguma do dia nos olhos, quebrada, esmagada por cadeias, agachada junto a uma bilha e um pão, em cima de um pouco de palha no piso em que a ressumação do calabouço formava uma poça d'água. Sem se mover, quase sem respirar, ela sequer sofria. Phoebus, o sol, o meio-dia, o ar livre, as ruas de Paris, os aplausos das danças, as doces palavras de amor do oficial, e depois o padre, a velha albergueira, o punhal, o sangue, a tortura, o patíbulo, tudo isso desfilava em seu espírito, ora como visão cantante e dourada, ora como pesadelo disforme. Mas tratava-se apenas de uma luta horrível e vaga, que se perdia nas trevas, ou de música distante, tocada lá no alto, na terra, e que não era ouvida nas profundezas em que a infeliz havia caído.

Desde que ali estava, não se imaginava desperta nem dormindo. No infortúnio do calabouço, não se distingue a vigília do sono, o sonho da realidade, como não se distingue o dia da noite. Tudo se mistura despedaçado, flutuante, confusamente espalhado no pensamento. Ela não sentia mais, não sabia mais, não pensava mais. No máximo devaneava. Nunca uma criatura viva se engajou tanto no vazio.

Assim entorpecida, gélida, petrificada, ela mal notou, duas ou três vezes, o barulho de uma portinhola que se abria em algum lugar mais acima, sem nem mesmo deixar passar alguma claridade, e pela qual haviam deixado um naco de pão preto. No entanto, era a única comunicação que restava com os seres humanos, essa visita periódica do carcereiro.

Uma única coisa maquinalmente ocupava ainda o seu ouvido: acima da cabeça, a umidade se infiltrava pelas pedras mofadas da abóbada e, intermitentemente, fazia cair uma gota d'água. Estupidificada, ela ouvia o

barulho feito pela gota d'água na poça.

Essa gota d'água caindo na poça era o único movimento a ainda se produzir em volta, o único relógio a marcar o tempo, o único barulho que chegava até ela, de todo o barulho que se fazia na superfície da Terra.

Na verdade, de vez em quando ela sentia também algo frio que às vezes passava pelos seus pés ou braços, fazendo-a estremecer, naquela cloaca de lama e trevas.

Não sabia há quanto tempo estava ali. Lembrava-se de uma condenação à morte contra alguém, em algum momento, e de ter sido levada, acordando com frio, no escuro e no silêncio. Arrastou-se com as mãos e as argolas de ferro cortaram seu tornozelo, fazendo barulho com as correntes. Descobriu paredões ao redor e uma laje coberta d'água, em cima da qual ela se encontrava, numa braçada de palha. Nem lamparina nem respiradouro. Sentou-se então na palha e, de vez em quando, para mudar de posição, ia até o último degrau de uma escada de pedra que havia na cela.

Em determinado momento, tentou contar os negros minutos medidos pela gota d'água, mas rapidamente esse triste esforço de um cérebro doente se rompeu por conta própria, deixando-a no estupor.

Certo dia, finalmente, ou noite (naquele sepulcro, meio-dia e meia-noite tinham a mesma cor), ela ouviu acima um barulho mais forte do que o do carcereiro ao trazer pão e água. Ergueu a cabeça e viu um fulgor avermelhado passar pelas fendas da espécie de porta ou alçapão aberto na abóbada do *in-pace*. Ao mesmo tempo, uma pesada fechadura rangeu nos gonzos enferrujados e ela viu uma lamparina, uma mão e a parte inferior do corpo de dois homens, pois a porta que se abrira era baixa demais para que pudesse ver as cabeças. A luz feriu de maneira tão forte os olhos que ela os fechou.

Quando voltou a abri-los, a porta já se fechara, a lamparina estava num degrau da escada e um homem sozinho postava-se de pé à sua frente. Uma batina preta o cobria até os pés e um capuz da mesma cor lhe escondia o rosto. Nada se via de sua figura, nem o rosto nem as mãos. Era um longo sudário negro a se manter de pé e debaixo do qual se pressentia alguma coisa se mover. Ela fixamente olhou por alguns minutos aquela espécie de espectro. Nenhum dos dois falou. Eram como duas estátuas a se confrontar. Apenas duas coisas pareciam ter vida naquela cela: a mecha da lamparina que crepitava por causa da umidade do ar e a gota d'água da abóbada, que

compassava esses estalidos irregulares com o pingar monótono, fazendo tremer a luz com ondulações concêntricas, sobre a água oleosa da poça.

A prisioneira, enfim, rompeu o silêncio:

— Quem é o senhor?

— Um padre.

A palavra, o tom e o som da voz fizeram-na estremecer.

O padre continuou, articulando surdamente:

— Sente-se preparada?

— Para quê?

— Para morrer.

— Ah! — ela exclamou. — Será agora?

— Amanhã.

A cabeça, que tinha se erguido satisfeita, voltou a cair no peito.

— Ainda está longe! — ela sussurrou. — Por que não fazem logo?

— Sente-se assim tão infeliz? — perguntou o padre, após um silêncio.

— Com muito frio — ela respondeu.

Pegou os pés com as mãos, gesto comum entre os infelizes que sentem frio e que já havíamos visto fazer a reclusa da torre Roland. Os dentes bateram.

Sob o capuz, o padre parecia examinar a cela.

— Sem luz, sem fogo, sem água! É horrível!

— Bem sei — ela concordou, com a entonação que a infelicidade lhe dera.

— A luz do dia é para todos. Eu, no entanto, só tenho a noite.

— Sabe por que se encontra aqui? — perguntou o padre, após novo silêncio.

— Acho que soube — ela respondeu, passando os dedos magros pelas sobancelhas, como se quisesse ajudar a memória. — Mas não me lembro mais.

Ela subitamente começou a chorar como criança:

— Quero sair daqui, padre. Estou com frio, tenho medo e bichos sobem pelo meu corpo.

— Pois venha comigo.

Dizendo isso, o padre pegou-a pelo braço. A infeliz estava gelada até as entranhas e, mesmo assim, aquela mão causou ainda maior impressão de frio.

— Ai! — ela murmurou. — É a mão gelada da morte. Quem é o senhor?

O padre ergueu o capuz. Ela olhou. Era o rosto sinistro que há tanto tempo a perseguia, a cabeça de demônio que aparecera na casa da Falourdel, acima da cabeça adorada do seu Phoebus, o olho que, na sua última lembrança, brilhava junto de um punhal.

A aparição, sempre tão fatal e que a tinha levado de desgraça em desgraça até o suplício, tirou-a do torpor, desfazendo a espécie de véu que cobria a sua memória. Todos os detalhes da lúgubre aventura, desde a cena noturna na Falourdel até a condenação na Tournelle, voltaram juntos ao espírito, não de forma vaga e confusa, como até então, mas distintos, crus, em minúcias palpitantes e terríveis. Essas recordações, quase apagadas e obliteradas pelos excessos do sofrimento, foram reavivadas pela sombria figura à sua frente, como a proximidade do fogo faz surgir, frescas, no papel branco, as letras invisíveis traçadas com tinta simpática. Todas as feridas do coração voltaram a se abrir e a sangrar.

— Ah! — ela exclamou, tapando os olhos e com um tremor convulsivo. — É o padre!

Seus braços caíram, num movimento de desânimo, e ela permaneceu sentada, de cabeça baixa, de olhos pregados no chão, muda, ainda a tremer.

O padre olhou-a como um falcão que por muito tempo plana nas alturas do céu, rondando uma pobre cotovia aninhada num trigal, estreitando em silêncio os círculos formidáveis do voo para, de repente, se abater sobre a presa como a flecha do raio, segurando-a inerte nas garras.

Ela murmurou:

— Termine! Termine! Dê o golpe fatal! — E encolheu a cabeça entre os ombros, como o bezerro na expectativa da marreta do açougueiro.

— Causo-lhe horror?

Não houve resposta.

— É só horror o que lhe causo? — ele insistiu.

Os lábios se contraíram como se ela sorrisse.

— Sim — disse ela —, o carrasco zomba do condenado. Há meses me persegue, me ameaça, me apavora! Sem isso, por Deus, como eu era feliz! Foi quem me lançou nesse abismo! Céus! Foi quem matou... foi quem o matou, meu Phoebus!

Nesse momento, explodindo em pranto e erguendo os olhos para o padre:

— Ah, maldito! Quem é o senhor? Que mal lhe fiz?! Odeia-me a tal ponto? Miséria! O que tem contra mim?

— Amo-a! — exclamou o padre.

As lágrimas subitamente pararam. Ela pareceu aparvalhada. O homem se pôs de joelhos, com os olhos em chamas.

— Você ouviu, amo-a! — ele gritou.

— Que forma de amar! — disse a infeliz, com um tremor.

Ele insistiu:

— É o amor de quem cai em danação.

Ambos permaneceram em silêncio por alguns minutos, esmagados sob o peso das emoções, ele enlouquecido e ela imbecilizada.

— Ouça — disse o padre com estranha calma, subitamente recuperada. — Vai saber de tudo. Vou contar coisas que, até o momento, mal confessei a mim mesmo, interrogando furtivamente minha consciência, em horas profundas da noite e dentro de trevas nas quais nem Deus podia mais me iluminar. Ouça. Antes de encontrá-la, eu era feliz...

— E eu! — ela suspirou, sem forças.

— Não me interrompa. É verdade, eu era feliz. Pelo menos acreditava nisso. Era puro, tinha a alma repleta de límpida claridade. Cabeça alguma se erguia com maior orgulho ou mais radiante do que a minha. Sacerdotes me consultavam sobre a castidade e doutores sobre a doutrina. Sim, a ciência representava tudo para mim. Era uma irmã, e isso me bastava. E não que, com a idade, não viessem outras ideias. Algumas vezes a carne se inflamou, ao sentir a proximidade de uma forma feminina. A força do sexo e do sangue viril que o louco adolescente que fui achou poder sufocar para sempre mais de uma vez sacudiu, de maneira convulsiva, a cadeia dos férreos votos que me prendem, miserável, às frias pedras do altar. Mas o jejum, a reza, o estudo, as macerações do claustro sempre devolviam à alma o domínio do corpo. Além disso, eu evitava as mulheres. Bastava-me, aliás, abrir um livro para que todas as impuras névoas do cérebro se desfizessem, diante dos esplendores da ciência. Em poucos minutos, as coisas grosseiras da terra desapareciam, voltando eu a ficar calmo, deslumbrado e sereno, na presença do fulgor tranquilo da verdade eterna. Venci com facilidade as vagas sombras femininas com que o demônio me atacava: passavam avulsas sob meus olhos

na igreja, nas ruas, no campo, voltando poucas vezes, também, em pensamento. Infelizmente, se a vitória não perdurou, foi por culpa de Deus, que não deu forças semelhantes ao homem e ao demônio. Ouça, um dia...

Nesse momento, o padre parou e a prisioneira ouviu escapar do seu peito suspiros, parecendo estertores que duramente se extraíam.

Ele retomou:

— Um dia, eu estava na janela da minha cela. Com qual livro nas mãos? Ah! Tudo me turbilhona na cabeça. Eu lia. A janela dava para uma praça. Ouvi o barulho de pandeiro e música. Irritado com o transtorno, olhei. O que vi, outros além de mim viam e, no entanto, não era um espetáculo feito para os olhos humanos. Ali, em plena praça (era meio-dia, com muito sol), uma criatura dançava. Uma tão bela criatura que Deus a teria preferido no lugar da Virgem, escolhendo-a como mãe e querendo dela nascer, caso essa criatura existisse quando ele se fez homem! Os olhos eram negros e esplêndidos. Em meio aos cabelos escuros, alguns fios banhados de sol brilhavam como se fossem de ouro. Os pés desapareciam em movimentos rápidos como os raios de uma roda que gira em velocidade. Em torno da cabeça, entre tranças negras, placas de metal crepitavam ao sol, como uma coroa de estrelas. Lantejoulas espalhadas no vestido brilhavam azuladas, com mil faíscas, lembrando uma noite de verão. Os braços ágeis e morenos se atavam e desatavam em torno da cintura, como duas echarpes. A forma do corpo tinha surpreendente beleza. Ah! A resplandecente figura se destacava como algo luminoso, mesmo à luz do sol! Desgraçadamente, menina, era você! Surpreso, embriagado, encantado, fui vê-la. Com tanto ardor que, de repente, estremeci de horror e percebi que o destino me atropelava.

Alvorçado, o padre parou ainda e depois continuou:

— Quase totalmente preso ao fascínio, tentei me agarrar a alguma coisa que impedisse a queda. Recordei-me das armadilhas que Satã já havia armado antes. A criatura à minha frente tinha a beleza sobre-humana que só pode vir do céu ou do inferno. Não era uma simples pessoa, feita com um pouco da nossa terra e escassamente iluminada por dentro, com o vacilante raio de uma alma de mulher. Era um anjo! Mas das trevas, da chama, e não da luz. No momento em que tive esse pensamento, vi perto de você uma cabra, um animal do sabá, que me olhava rindo. O sol do meio-dia tornava os chifres de fogo. Percebi então a armadilha do demônio. Não tive mais dúvida quanto à

sua origem infernal e que viera para a minha perdição. Foi no que acreditei.

O padre olhou de frente a prisioneira e acrescentou com frieza:

— Ainda acredito. Mas o encanto pouco a pouco surtiu efeito, sua dança girou em meu cérebro, senti o misterioso malefício se completar, adormecendo em minha alma tudo que devia estar vigilante. Como quem morre na neve, fui descobrindo prazer em deixar crescer esse sono. De repente, você começou a cantar. O que podia fazer este miserável? O canto era ainda mais sedutor do que a dança. Eu quis então fugir. Foi impossível. Estava pregado no chão, enraizado. Como se o mármore da laje houvesse subido até os meus joelhos. Fui obrigado a ficar até o fim. Meus pés viraram gelo, mas a cabeça fervia. Finalmente, você talvez tenha tido pena de mim, parou de cantar e desapareceu. O reflexo da deslumbrante visão e o eco da música encantadora se esvaeceram pouco a pouco dos meus olhos e ouvidos. Caí junto à janela, rijo e fraco como uma estátua que se desmonta. O toque de vésperas me despertou. Levantei-me, fugi, mas, hélas!, algo em mim decaíra e não mais se ergueria. Algo havia acontecido, algo de que eu não poderia fugir.

Fez mais uma pausa e continuou:

— Sim, a partir daquele dia, houve em mim um homem que eu desconhecia. Apelei para todo tipo de remédio à minha disposição: o claustro, o altar, o trabalho, os livros. Loucura! Como parece oca a ciência quando nela se choca com desespero uma cabeça prenhe de paixão! Pode imaginar, jovem, o que passei a sempre enxergar entre o livro e eu? Você, a sua sombra, a imagem da aparição luminosa que um dia atravessou o espaço à minha frente. Mas essa imagem não tinha mais a mesma cor; era escura, fúnebre, tenebrosa como o círculo escuro que por muito tempo se mantém na vista do imprudente que fixamente olha o sol.

“Sem poder me livrar de você, ouvindo ainda a sua canção zumbir na minha cabeça, vendo ainda os seus pés a dançar no meu breviário, sentindo ainda, à noite, em pensamento, a sua lembrança tocar na minha carne, quis voltar a vê-la, me aproximar, saber quem era, confirmar se a encontraria igual à imagem ideal que ficara em mim. Talvez, quem sabe, conseguisse quebrar o sonho com a realidade. Esperava, em todo caso, que alguma impressão nova apagasse a primeira, pois a primeira se tornara insuportável. Procurei-a e encontrei. Maldição! Tendo-a visto duas vezes, quis vê-la mil vezes, vê-la

sempre. Como interromper essa descida ao inferno? Perdi todo controle. A outra ponta do fio que o demônio me prendeu nas asas, ele amarrou no seu pé. Tornei-me vago e errante como você. Esperei-a debaixo de marquises, espiei-a nas esquinas, vigiei-a do alto da minha torre. Toda noite voltava mais enfeitiçado, mais desesperado, mais encantado, mais perdido!

“Sabia perfeitamente quem era você, egípcia, boêmia, cigana, zingara; como estranhar a magia? Ouça. Esperei que um processo me livrasse do feitiço. Uma bruxa encantou Bruno d’Ast; ele mandou queimá-la e isso o curou. Eu sabia. Quis provar o remédio. Tentei primeiro que a impedissem de vir ao adro de Notre Dame, esperando esquecê-la se não a visse mais. Você não levou isso em consideração. Voltou. Imaginei então um sequestro. Certa noite, passei à ação. Éramos dois. Já a havíamos dominado, quando aquele miserável oficial surgiu. Libertou-a. Foi como começou a sua desgraça, a minha e a dele. Finalmente, sem saber mais o que fazer, denunciei-a ao Santo Ofício.

“Achei que isso me curaria, como curou Bruno d’Ast. Ao mesmo tempo, achei também que, de alguma forma, o processo a traria a mim, que na prisão eu a teria, sem que pudesse escapar. Poderia possuí-la, já que há tanto tempo me possuía. Quando se faz o mal, deve-se ir a fundo. É demência parar no meio do caminho da monstruosidade! O crime extremo proporciona delírios de alegria. Um padre e uma bruxa podem se desmanchar em delícias, no feixe de palha de um calabouço!

“Então, denunciei-a. Foi quando a minha presença a assustou. O complô que tramava contra você, a tempestade armada sobre a sua cabeça escapava de mim com ameaças e relâmpagos. Mas eu hesitava ainda. Meu projeto tinha aspectos horríveis, que me faziam recuar.

“Talvez eu desistisse, talvez minha pavorosa intenção murchasse no cérebro, sem frutificar. Achei que só dependia de mim o prosseguimento ou a interrupção do processo. Mas todo mau pensamento é inexorável e procura se concretizar. Ali onde achei ser todo-poderoso, a fatalidade foi ainda mais. Hélas! Hélas! A fatalidade tomou a frente e entregou-a à terrível engrenagem da máquina que tão tenebrosamente construí! Ouça ainda. Estou quase acabando. Um dia, outro belo dia de sol, vi passar à minha frente um homem que pronunciava o seu nome entre risos e com os olhos carregados de luxúria. Danação! Segui-o. O resto, você conhece.”

Dom Claude se calou. A jovem apenas suspirou:

— Ah, meu Phoebus!

— Não, esse nome não! — disse o padre, segurando-a pelo braço com violência. — Nem em voz baixa pronuncie esse nome! Coitados de nós, foi esse nome que nos perdeu! Ou melhor, todos nos perdemos, uns aos outros, pelo inexplicável jogo da fatalidade! Você sofre, não é? Sente frio, a escuridão a cega, tem somente o calabouço em volta, mas talvez ainda reste alguma luz no fundo, nem que seja a desse amor infantil por um homem frívolo que brincava com o seu coração! Em contrapartida, tenho o calabouço em mim. No meu interior é sempre inverno, gelo, desespero. Tenho a noite na alma. Pode imaginar tudo que sofri? Assisti ao seu processo, sentado no banco do Santo Ofício. Isso mesmo, sob um dos capuzes de padre, contorcia-se alguém em danação. Quando foi levada, eu estava lá. Quando interrogada, eu estava lá. Na caverna dos lobos! Era o meu crime e foi o meu cadafalso que vi lentamente se erguer no seu rosto. A cada testemunho, a cada prova, a cada discurso, estive presente. Pude contar cada um dos seus passos na via dolorosa. Igualmente estava presente quando aquela besta feroz... Ah! Não havia previsto a tortura! Ouça. Segui-a na câmara da dor. Vi as mãos infames do atormentador despirem-na e tocarem-na seminua. Vi o seu pé, o pé pelo qual daria um império para beijar e depois morrer, o pé sob o qual eu me deliciaria se tivesse a cabeça esmagada. Vi-o encerrado no horrível borzeguim, que torna lama sangrenta os membros de um ser vivo. Ah! Miserável! Enquanto assistia a tudo isso, um punhal sob a batina me dilacerava o peito. Quando gritou, enfiei-o na carne; houvesse um segundo grito, perfuraria o coração! Veja, ainda sangro.

Ele abriu a batina. De fato, o peito estava riscado como se fosse por uma garra de tigre e apresentava na lateral uma ferida grande e mal fechada.

A prisioneira recuou, horrorizada.

— Ah, jovem, tenha piedade de mim! — suplicou o padre. — Acha-se infeliz, hélas! hélas!, não sabe o que é infelicidade. Amar uma mulher, sendo padre! Ser odiado! Amá-la com todo furor da alma, sentir que por um mínimo sorriso se daria o sangue, se sacrificaria a reputação, a salvação, a imortalidade e a eternidade; esta e a outra vida. Lamentar não ser rei nem gênio, imperador, arcanjo ou Deus para se entregar com ainda maior sentimento de escravidão a seus pés. Ter, noite e dia, sonhos e pensamentos

assombrados por sua presença... Tudo isso para vê-la se deslumbrar por um uniforme de soldado! E só tendo a oferecer a suja batina de padre, que a amedronta e enoja! Presenciar, louco de ciúme e raiva, a entrega de tesouros de amor e beleza a um mísero imbecil fanfarrão! Ver o corpo cuja forma nos incendeia, o seio tão suave, a carne palpitante arder sob os beijos de um rival! Ah, céus! Amar o seu pé, o seu braço, o seu ombro, imaginar suas veias azuis, sua pele morena, a ponto de se revirar por noites inteiras no chão de uma cela, e perceber que todas as carícias sonhadas desaguardam no martírio! Ter conseguido deitá-la apenas no leito da tortura! Ah! São tenazes avermelhadas no fogo do inferno. Feliz quem é imprensado entre duas tábuas e esquartejado por quatro cavalos! Pode imaginar o suplício que, por longas noites, causam as artérias que fervem, o coração que estoura, a cabeça que se rompe, os dentes que mordem as próprias mãos? São atormentadores encarniçados que nos reviram sem trégua, como numa grelha ardente, por um pensamento de amor, de ciúme, de desespero! Tenha piedade! Paz, por um instante! Jogue um pouco de cinza sobre tamanho braseiro! Enxugue, por favor, o suor que escorre com pesadas gotas da minha testa! Criança, torture com uma mão, mas faça um afago com a outra! Tenha piedade! Tenha piedade de mim!

O padre rolou pela água empoçada na laje e martelou a cabeça nas quinas dos degraus de pedra. A jovem ouvia, olhava.

Quando ele se calou, exausto e resfolegante, ela repetiu a meia-voz:

— Ah, meu Phoebus!

O padre se arrastou de joelhos.

— Suplico — gritou. — Por suas entranhas, não me rejeite! Amo-a tanto! Sou um miserável! Quando pronuncia esse nome, é como se triturasse com os dentes todas as fibras do meu coração! Tenha dó! Se for do inferno que você vem, eu a acompanho. Estou pronto. O inferno em que estiver será para mim o paraíso. Sua visão é mais encantadora que a de Deus! Por favor! Diga! Não me quer nem um pouco? No dia em que uma mulher rejeitar semelhante amor, as montanhas se moverão. Ah! Se soubesse!... Podemos ser felizes! Fugir. Posso fazê-la fugir. Fugiremos juntos, procurarei o ponto da Terra em que haja mais sol, mais árvores, mais céu azul. Vamos nos amar, derramar uma na outra as nossas almas, com recíproca e inextinguível sede, que satisfaremos juntos, sem que nada possa impedir, numa taça de imperecível

amor!

Ela o interrompeu com um riso terrível e brusco.

— Olhe, padre! Tem sangue nas suas unhas!

Por um momento, ele pareceu petrificado, com os olhos fixos na própria mão.

— É verdade! — disse com estranha doçura. — Aceito o ultraje, zombe de mim, mas venha, venha. É preciso se apressar. Será amanhã, estou dizendo. O patíbulo da Grève, entende? Está sempre pronto. É horrível! Vê-la seguir naquela carroça! Por Deus, piedade! Não havia percebido até agora o quanto posso amá-la. Por favor, venha. Acabará me amando, depois que a tiver salvado. Pode me odiar por quanto tempo quiser, mas venha. Amanhã! Amanhã! O patíbulo! O suplício! Salve-se! Poupe-me!

Tomou-a pelo braço, perdido, quis arrastá-la.

Ela se soltou, com o olhar imóvel.

— O que aconteceu a meu Phoebus?

— Ah! — exclamou o padre, largando-a. — Não tem mesmo piedade!

— O que aconteceu a Phoebus? — ela repetiu com frieza.

— Morreu! — gritou o padre.

— Morreu! — ela repetiu ainda, glacial e sem se mover. — E como pode me falar em viver?

Ele não a ouvia.

— Exatamente — disse, como se falasse a si mesmo. — Deve estar bem morto. A lâmina penetrou profundamente. Creio que cheguei ao coração, com a ponta do punhal!

A jovem lançou-se em cima dele como uma tigresa em fúria, empurrando-o nos degraus com força sobrenatural.

— Vá embora, monstro! Assassino! Deixe-me morrer! Que o sangue de nós dois provoque no seu rosto uma eterna mancha! Ser sua, padre! Nunca! Nunca! Nunca estaremos juntos, nem o inferno! Vá, maldito! Nunca!

O padre havia tropeçado no degrau. Soltou em silêncio os pés enredados na batina, pegou de volta a lamparina e subiu lentamente os degraus até a porta. Abriu-a e saiu.

De repente, a jovem viu ressurgir a sua cabeça, com expressão assustadora, e ele gritou, como num estertor de raiva e desespero:

— Já disse, ele morreu!

A prisioneira caiu de rosto virado para o chão e nada mais se ouviu no calabouço, além do suspiro da gota d'água nas trevas, fazendo estremecer a poça.

102. “Abandone toda esperança”, em italiano no original.

5. A mãe

Creio nada haver no mundo de mais risonho do que os pensamentos que brotam no coração de uma mãe, vendo o sapatinho do seu bebê. Sobretudo se for o sapatinho de festa, dos domingos, do batizado, o sapatinho bordado até na sola e com o qual a criança sequer deu um passo. Um sapatinho assim sugere tanta graça e delicadeza, não tendo sido feito para caminhar, que vê-lo, para a mãe, é como se já visse o filho. Ela sorri, beija-o, fala com ele. Será possível, com efeito, um pé ser tão pequenininho? Ausente a criança, basta à mãe o sapatinho para trazer à sua frente a doce e frágil criatura. Ela acredita vê-la e vê: inteira, viva, alegre, com mãozinhas delicadas, cabecinha redonda, lábios puros, olhos serenos em que a parte branca é azulada. No inverno, a criança engatinha no tapete, escala laboriosamente um banco e a mãe treme de medo que se aproxime do fogo. No verão, é no quintal que ela perambula, no jardim, arrancando a relva que cresce entre as pedras, olhando com curiosidade os cães enormes, os cavalos imensos. Sem medo, brinca com pedrinhas, com flores, fazendo o jardineiro reclamar, porque o tempo todo encontra areia nos canteiros e terra no passeio das alamedas. Tudo ri, tudo brilha, tudo se mexe ao redor da criança, como ela própria, inclusive a brisa e o raio de sol, que se agitam nos cachos desarrumados dos seus cabelos. O sapatinho mostra tudo isso à mãe e desmancha o seu coração como o fogo derrete o círio.

Mas quando se perde a criança, essas mil imagens de alegria, de encanto, de ternura, representadas pelo sapatinho, se tornam coisas horríveis. O lindo sapatinho bordado passa a ser um instrumento de tortura que eternamente estraçalha o coração da mãe. É sempre a mesma fibra que treme, a mais profunda e mais sensível fibra, mas em vez de ser um anjo que a acaricia, é um demônio que a belisca.

Certa manhã, com o sol de maio se erguendo num desses céus azul-escuros que Garofalo gostava de usar como fundo para suas descidas-da-cruz, a reclusa da torre Roland ouviu um barulho de rodas, de cavalos e de ferragens, na praça da Grève. Despertou um pouco, prendeu os cabelos por

cima das orelhas para diminuir o barulho e se pôs a contemplar de joelhos o objeto inanimado que ela há quinze anos adorava. O sapatinho, já dissemos, era para ela o universo. O pensamento tinha se concentrado ali e dali só sairia por ocasião da morte. Somente o sombrio retiro da torre Roland tinha conhecimento das amargas imprecações, dos comoventes lamentos, das súplicas ao céu e de todo o pranto derramado diante dos lindos guizinhos presos no cetim cor-de-rosa. Nunca tanto desespero se condensou em objeto mais gentil e gracioso.

Naquela manhã, sua dor parecia mais intensa ainda do que de costume, e de fora se ouvia seu lamento, em voz alta e monótona, de desolar o coração.

— Ah, minha filha, minha filha! Pobre querida criancinha! Então não te verei mais. Tudo terminou! Continuo achando que foi ontem! Deus, meu Deus. Para tê-la tão rapidamente tirado de mim, melhor seria não tê-la dado. Então não sabe que as crianças são o nosso ventre e uma criança que se perde faz a mãe não crer mais em Deus? Ah, miserável que sou de ter saído naquele dia! Senhor! Senhor! Para tirá-la de mim daquela maneira, nunca olhou para nós quando eu a aquecia toda feliz com meu calor, quando ela ria mamando em mim, quando, apoiados sobre meu peito, seus pezinhos caminhavam em direção a meus lábios. Ah, se houvesse visto, meu Deus, se apiedaria da minha alegria, não teria levado embora o único amor que me restava no coração! Terei sido tão miserável criatura, Senhor, que não pudesse me olhar, antes de me condenar? Desgraça! Desgraça! Aqui tenho o sapatinho, mas o pezinho, onde está? E todo o resto? A criança? Minha filha, minha filha! O que fizeram de ti? Senhor, devolva-a! Meus joelhos se gastaram por quinze anos de preces, meu Deus. Não bastam? Devolva-a. Por um dia, uma hora, um minuto, um minuto, Senhor! E lance-me em seguida ao demônio, por toda a eternidade. Ah, se eu soubesse por onde se arrasta a barra de Sua roupa, Senhor, me agarraria a ela com as duas mãos e O faria me devolver minha criança! O lindo sapatinho! Não tem piedade, Senhor? Consegue condenar uma pobre mãe a esse suplício por quinze anos? Boa Virgem! Boa Virgem do céu! O menino Jesus que era meu! Arrancaram-no de mim, roubaram-no, comeram-no numa fogueira, beberam seu sangue, mastigaram seus ossos! Boa Virgem, tenha piedade de mim! Minha filha! Preciso da minha filha! Que diferença faz, para mim, que ela esteja no paraíso? Não quero um anjo, quero minha criança! Sou uma leoa, quero o meu filhote. Ah! Vou me

contorcer no chão e quebrar a pedra com a testa, cairei em danação e vou amaldiçoá-lo, Senhor, se retiver minha criança! Pode muito bem ver como tenho os braços mordidos, Senhor! Será que nem Deus tem piedade? Ah! Dê-me somente sal e pão preto, contanto que eu tenha minha filha e ela me aqueça como um sol! É pena, Senhor meu Deus, não passo de vil pecadora, mas minha filha me tornava piedosa. Estava imbuída de religião, de tanto amor que tinha por ela; e O via no sorriso dela como se fosse uma nesga de azul do céu. Ah! Possa eu apenas uma vez, ainda uma vez, uma só vez, calçar esse sapatinho no lindo pezinho cor-de-rosa e morrerei agradecendo, boa Virgem! Ah, quinze anos, ela estaria crescida agora! Infeliz criança! Será então verdade? Não a verei mais, nem no céu! Pois para lá não irei. Miséria! E pensar que aqui tenho o sapatinho e só isso!

A infeliz se lançou sobre o objeto que era o seu consolo e desespero há tantos anos, e suas entranhas se dilaceraram em pranto, como no primeiro dia. Pois eterniza-se o primeiro dia, para a mãe que perde o seu filho. É uma dor que não envelhece. Por mais que as roupas do luto se gastem e percam a cor, o coração permanece em negro.

Nesse momento, alegres e brincalhonas vozes infantis passaram diante da cela. Sempre que crianças chegavam ao alcance dos seus olhos ou ouvidos, a pobre mãe se precipitava para o canto mais escuro do sepulcro, e era como se tentasse mergulhar a cabeça na pedra, para não ouvir. Dessa vez, porém, ela se ergueu num sobressalto e sofregamente escutou. Um dos meninos acabava de dizer:

— Vão enforcar uma egípcia, hoje.

Como o brusco salto daquela aranha que vimos se lançar sobre a mosca, ao sentir estremecer a sua teia, ela correu à lucarna que, como se sabe, dava para a praça da Grève. De fato, uma escada tinha sido colocada ao lado do patíbulo permanente e um operário reajustava as cadeias enferrujadas pela chuva. Já havia algumas pessoas ao redor.

O grupo de risonhas crianças já ia longe. A *sachette* procurou avistar alguém por perto a quem pudesse perguntar. Percebeu, bem junto à sua cela, um padre que fingia ler o breviário público, mas bem menos interessado parecia com o *letreiro de ferro treliçado* do que com o patíbulo, ao qual esporadicamente lançava um olhar sombrio e feroz. Ela reconheceu o sr. arquidiácono de Josas, um santo homem.

— Meu pai — ela chamou. — A quem vão enforcar hoje?

O padre olhou-a sem responder. Ela repetiu a pergunta e o religioso então disse:

— Não sei.

— Ainda há pouco, crianças mencionaram uma egípcia — insistiu a reclusa.

— Pode ser — disse o padre.

Paquette la Chantefleurie deixou então escapar um riso de hiena.

— Irmã — quis saber o padre —, odeia tanto assim as egípcias?

— Se as odeio? — exclamou a reclusa. — São estriges! Ladras de crianças! Devoraram minha filhinha! Minha criança, minha única criança! Não tenho mais coração, elas o comeram!

Era assustador. O padre olhou-a com frieza. Ela continuou:

— A uma delas, sobretudo, odeio e amaldiçoo. Uma jovem, com a idade que teria a minha filha, se sua mãe não tivesse devorado minha filha. Toda vez que essa pequena víbora passa diante da minha cela, faz ferver o meu sangue!

— Pois bem, irmã! Alegre-se — disse o padre, gélido como uma estátua de sepulcro. — É essa mesma que poderá ver morrer.

A cabeça pendeu no peito e ele se afastou com lentidão.

A reclusa esfregou as mãos de satisfação.

— Eu bem que disse que ela subiria ali! Obrigada, padre! — e começou a caminhar, desgrenhada, com passos amplos diante das grades da lucarna, os olhos flamejantes, esbarrando nas paredes com o ombro, igual à loba faminta, enjaulada há muito tempo e que sente chegar a hora da refeição.

6. Três corações de homem diferentemente feitos

Phoebus, no entanto, não havia morrido. Homens desse tipo têm a vida pertinaz. Quando mestre Philippe Lheulier, advogado extraordinário do rei, disse à pobre Esmeralda: *Ele está morrendo*, foi por engano ou brincadeira. Quando o arquidiácono repetiu para a condenada: *Ele morreu*, de nada sabia, mas acreditava, contava com isso, não tinha dúvida e era o que desejava. Teria sido, de fato, muito difícil para ele dar à mulher amada boas notícias do rival. Qualquer um, no seu lugar, faria o mesmo.

Não que o ferimento de Phoebus não tivesse sido grave, mas foi menos do que o arquidiácono, com certo orgulho, acreditou ter causado. O mestre esculápio a quem os soldados da vigilância o haviam levado no primeiro momento, por oito dias temeu por sua vida e inclusive chegou a confirmar isso, em latim. Mas o vigor juvenil conseguiu se impor e — como frequentemente acontece —, apesar dos prognósticos e diagnósticos, a natureza se deu ao luxo de salvar o doente, apesar do médico. Ele ainda jazia no leito da enfermidade quando foi obrigado a passar pelos primeiros interrogatórios de Philippe Lheulier e dos investigadores do Santo Ofício, para seu desagrado. Sentindo-se melhor, porém, certa bela manhã ele deixou as esporas de ouro como pagamento ao boticário e se foi. Sua ausência, aliás, não acarretou prejuízo algum à investigação do caso. A justiça de então muito pouco se preocupava com a clareza e lisura de um processo criminal; o importante era ter um acusado a enforcar, e isso bastava. Além do quê, os juízes tinham suficientes provas contra Esmeralda. Consideraram Phoebus morto e tudo correu da melhor maneira.

Phoebus, por sua vez, não foi obrigado a nenhuma grande fuga. Simplesmente voltou à sua companhia, aquartelada em Queue-en-Brie, na região mesmo de Île-de-France, não muito longe de Paris.

Verdade é que, de forma alguma, ele pretendia comparecer pessoalmente ao processo. Tinha a vaga impressão de ser ridículo o seu papel ali. No fundo, não sabia muito bem o que pensar de tudo aquilo. Ímpio e supersticioso, como todo soldado que não passa de soldado, quando se interrogava sobre a

estranha aventura, não se sentia tranquilo a respeito da cabra nem da maneira esquisita como havia conhecido Esmeralda, sem falar da não menos estranha forma com que ela havia revelado o seu amor. Acrescente-se o fato de ela ser egípcia e, ainda por cima, a presença do monge-papão. Entrevia em toda aquela história muito mais magia do que amor, sendo a moça, provavelmente, uma feiticeira, quiçá o próprio diabo. Uma verdadeira comédia, para resumir; ou, falando a linguagem de então, um *mistério* bem incômodo, em que o seu papel não era dos melhores, era o papel de quem recebe as bordoadas e causa risadas. O capitão se sentia bem embaraçado, com a espécie de constrangimento que o nosso La Fontaine tão admiravelmente definiu:

Envergonhado como uma raposa caçada por uma galinha.

Esperava, aliás, que o caso não fosse muito comentado e que o seu nome, estando ele ausente, pouco fosse pronunciado ou, pelo menos, não fora do âmbito do tribunal da Tournelle. E, nesse ponto, não estava enganado, pois não havia então *A Gazeta dos Tribunais* e como nunca se passava uma semana sem que um moedeiro falso fosse escaldado, uma feiticeira enforcada, um herético queimado numa das numerosas *justiças* de Paris, estavam todos tão habituados a ver, nas encruzilhadas da cidade, a velha Themis feudal, de braços nus e mangas arregaçadas, cumprir seu trabalho com instrumentos de tortura, patíbulo e pelourinhos, que um processo como o seu quase nem chamava a atenção. A boa gente daquele tempo mal sabia o nome da vítima supliciada na esquina e o populacho se banqueteara com essa iguaria grosseira. Execuções eram acontecimentos habituais na via pública, como o forno do padeiro ou o matadouro do curtumeiro. O carrasco era apenas uma espécie de açougueiro, um pouco mais sinistro do que os colegas.

Phoebus, então, rapidamente deixou de lado a lembrança da feiticeira Esmeralda, ou Similar, como dizia ele, pouco se importando em saber se a punhalada viera da cigana ou do monge-papão, e sem se interessar também pela conclusão do processo. Assim que se viu liberado com relação a tudo isso, a imagem de Fleur-de-Lys voltou. O coração do capitão Phoebus, como a física de então, tinha horror ao vazio.

A temporada em Queue-en-Brie, além do mais, anunciava-se bem insípida, tratando-se de um vilarejo de ferreiros e de guardadoras de vacas

com mãos grosseiras, beirando por meia légua os dois lados da estrada, com uma longa fila de casebres e choças. Um fim de mundo, resumindo.

Fleur-de-Lys era sua penúltima paixão, uma bela jovem, com um bom dote. De modo que, certa bela manhã, totalmente recuperado e achando que, passados dois meses, o caso da cigana devia ter terminado e caíra no esquecimento, o enamorado cavaleiro chegou indócil à porta da residência Gondelaurier.

Não prestou atenção ao tumulto de gente que se formava na praça, diante do pórtico de Notre Dame. Lembrou-se de que estavam no mês de maio e imaginou alguma procissão, algum Pentecostes, algum festejo. Amarrou o cavalo na argola do alpendre e subiu, feliz da vida, à casa da querida noiva.

Ela estava sozinha com a mãe.

Fleur-de-Lys tinha ainda no coração a cena da feiticeira com a cabra e o alfabeto maldito. Lembrava-se também das longas ausências de Phoebus. Mesmo assim, vendo entrar o capitão, achou que apresentava tão boa aparência, um gibão tão novo, um boldrié tão reluzente e ares tão apaixonados que ela enrubesceu de contentamento. A nobre senhorita mostrava-se também mais encantadora do que nunca. Os magníficos cabelos louros estavam maravilhosamente trançados e ela trajava esse tom de azul-céu que tão bem combina com a pele clara, astúcia que lhe havia ensinado a amiga Colombe. Os olhos pareciam mergulhados em languidez amorosa, o que, mais do que tudo, completava o quadro.

Phoebus, que beldade alguma havia visto nos últimos meses, além das caipiras de Queue-en-Brie, encantou-se com Fleur-de-Lys, o que emprestou a nosso oficial maneiras tão atenciosas e galantes que a paz imediatamente se instaurou. A própria sra. de Gondelaurier, sempre maternalmente sentada em sua grande poltrona, não se animou a reclamar. Já as censuras de Fleur-de-Lys, rapidamente se transformaram em doces arrulhos. A jovem estava junto à janela, ainda bordando a sua gruta de Netuno. O capitão se mantinha apoiado no espaldar da sua cadeira e ela fazia meigas reclamações a meia-voz.

— Por onde então andou por dois meses, seu malvado?

— Posso jurar — respondeu o capitão, atrapalhado com a pergunta — que está bonita a ponto de fazer um arcebispo sonhar.

Ela não pôde deixar de sorrir.

— Muito bem, muito bem. Deixemos de lado minha beleza e responda. Bela beleza, realmente!

— Ora, querida prima! Fui chamado ao regimento.

— E onde, por favor? E por que não veio se despedir?

— Em Queue-en-Brie.

Phoebus apreciou o fato de a primeira pergunta ajudar a se safar da segunda.

— Fica bem perto, meu amigo. Como não veio me ver uma vez sequer?

Nesse momento, Phoebus viu sua estratégia seriamente se complicar.

— O trabalho... e, adorável prima, estive doente.

— Doente? — ela repetiu, espantada.

— Exato... ferido.

— Ferido?

A pobre criança estava muito assustada.

— Ah, não se preocupe — disse displicentemente Phoebus. — Não foi nada. Uma briga, um ferimento de espada; nada grave.

— Como, nada grave? — exclamou Fleur-de-Lys, erguendo os belos olhos cheios de lágrimas. — Não está dizendo o que realmente pensa! Que ferimento de espada foi esse? Quero saber tudo.

— Ora, minha bela! Uma altercação com Mahé Fédy, sabe? O tenente de Saint-Germain-en-Laye, e perdemos cada um umas polegadas de pele, só isso.

O mentiroso capitão muito bem sabia que uma disputa de honra sempre realça um homem aos olhos de uma mulher. E, de fato, Fleur-de-Lys olhou para ele de frente, com um misto de medo, orgulho e admiração. Mas não se sentia ainda totalmente tranquila.

— Contanto que esteja bem recuperado, meu Phoebus! Não conheço esse seu Mahé Fédy, mas é um mau sujeito. E o que causou a discussão?

Nesse momento, Phoebus, em quem a criatividade da imaginação não era um ponto forte, começou a não saber mais como escapar da proeza.

— Ah, nem sei... nada, um cavalo, algo que foi dito! Bela prima — tentou ele mudar o assunto da conversa —, o que vem a ser todo esse barulho na praça?

Aproximou-se da janela.

— Por Deus, bela prima, temos boa multidão, ali em frente!

— Não sei o que é — disse Fleur-de-Lys. — Ouvi dizer que uma feiticeira fará confissão de honra diante da igreja, essa manhã, para depois ser enforcada.

Tão seguro se sentia o capitão da conclusão do caso Esmeralda, que pouco se interessou pelo que disse Fleur-de-Lys. Fez, mesmo assim, uma ou duas perguntas.

— Como se chama a feiticeira?

— Não sei.

— E o que dizem que fez?

Mais uma vez, a noiva balançou os brancos ombros.

— Não sei.

— Meu santo Jesus! — interveio a mãe. — Há tantos feiticeiros agora que eles são queimados, tenho a impressão, sem que nem se saibam os seus nomes. É o mesmo que procurar saber como se chama cada nuvem do céu. Mas fiquem tranquilos, Deus mantém o registro.

Nesse momento, a venerável dama se levantou e foi à janela.

— Por Deus, Phoebus! Tem toda razão! É verdadeira multidão popular. Tem gente, louvado seja Deus, até nos telhados! Sabe, Phoebus? Isso me lembra a minha boa época. À entrada do rei Carlos VII, tinha muita gente também. Não sei mais em que ano foi. Quando me refiro a essas lembranças, não é?, isso lhe causa o efeito de velharias, mas, para mim, é o contrário. Ah! Era gente mais bonita do que essa de agora. Comprimiam-se até no alto das torres da porta Saint-Antoine. O rei levava a rainha na garupa e, após suas altezas, vinham todas as damas, também na garupa dos senhores. Lembro que rimos forte, porque ao lado de d'Amanyon de Garlande, que era de pequena estatura, estava o sr. Matefelon, um cavaleiro de estatura gigantesca, que havia matado ingleses aos montes. Foi muito bonito. Uma procissão de todos os fidalgos da França, com suas auriflamas que tremulavam vermelhas à nossa frente. Alguns com o estandarte da cavalaria, outros com o da chamada ao combate. Como vou saber? O sr. de Calan, com o de cavalaria; Jean de Châteaumorant, o de chamada; o sr. de Coucy, de cavalaria e mais flamejante do que qualquer outro, exceto o do duque de Bourbon... Como dói pensar que tudo isso existiu e não existe mais!

Os dois enamorados não ouviam a respeitável viúva. Phoebus tinha

voltado a se apoiar no encosto da cadeira da noiva, lugar privilegiado, de onde seu olhar libertino mergulhava por todas as aberturas do decote de Fleur-de-Lys. O corpete se afrouxava tão a propósito, deixando que se vissem coisas tão maravilhosas e fazendo imaginar outras, que Phoebus, embevecido com a pele de reflexos acetinados, se perguntava em suas profundezas: “Como gostar de outra pele, que não seja tão branca?”

Ambos se mantinham em silêncio. A jovem de vez em quando erguia os olhos deslumbrados e meigos até ele, e os cabelos dos dois se misturavam num raio do sol primaveril.

— Phoebus — disse de repente Fleur-de-Lys em voz baixa. — Devemos nos casar dentro de três meses, jure que nunca amou outra mulher, além de mim.

— Juro, meu anjo! — respondeu Phoebus, e o olhar apaixonado se acrescentava para totalmente convencer Fleur-de-Lys da sinceridade do tom. Naquele momento, ele próprio talvez acreditasse.

A boa mãe, no entanto, encantada de ver os noivos em tão perfeito entendimento, acabava de se retirar da sala, para algum afazer doméstico. Phoebus percebeu e tal intimidade encorajou o aventureiro capitão, que deu livre curso a ideias estranhas que lhe vieram à cabeça. Fleur-de-Lys o amava, era ele o seu noivo, estavam a sós e a sua antiga atração por ela despertou, não com todo frescor, mas com todo ardor. Afinal de contas, não é tão grande crime comer ainda na espiga um pouco do trigo de que se dispõe. Não sei dizer se esses exatos pensamentos passaram por sua mente, mas certo é que Fleur-de-Lys bruscamente se assustou com a expressão do seu olhar. Olhou em volta e não viu a mãe.

— Meu Deus! — disse ela, vermelha e alarmada. — Estou com muito calor!

— É normal — respondeu Phoebus —, não estamos longe do meio-dia. O sol incomoda. Basta fechar as cortinas.

— Não, não! — gritou a pobre moça. — Pelo contrário, preciso de ar.

Como a gazela que sente o alvoroço da matilha, ela se levantou, correu à porta, abriu-a e passou ao balcão.

Contrariado, Phoebus foi atrás.

A praça de Notre Dame, para a qual dava o balcão, como se sabe, naquele momento apresentava um espetáculo sinistro e singular, que bruscamente

mudou o tipo de medo da tímida Fleur-de-Lys.

Imensa multidão, que se espalhava por todas as ruas adjacentes, se concentrava na praça propriamente dita. A pequena mureta que cercava o adro de nada serviria para mantê-lo livre, não estivesse ela reforçada por sólida fileira de guardas da cidade e arcabuzeiros, de colubrina em punho. Graças a esse alinhamento de lanças e arcabuzes, o adro se mantinha vazio. A entrada estava sendo guardada por um corpulento alabardeiro com as insígnias do bispo. As amplas portas da igreja estavam fechadas, o que contrastava com as inúmeras janelas da praça que, completamente abertas, deixavam que se vissem milhares de cabeças amontoadas mais ou menos como as pilhas de bolas de canhão, num parque de artilharia.

A superfície dessa multidão era cinzenta, suja e terrosa. O espetáculo aguardado era evidentemente desses que têm o privilégio de remeter ao que de mais sórdido há na população. Nada é tão horrível quanto o barulho que escapa dessa efervescência de toucas amarelas e cabeleiras imundas. Naquela multidão, havia mais risos do que gritos, mais mulheres do que homens. De vez em quando, uma voz ácida e vibrante se impunha sobre o rumor generalizado.

— Ei! Mahiet Baliffre! É ali que vão enforcá-la?

— Imbecil! Aqui é a confissão de honra, já vestida com a túnica! Deus vai tossir latim bem no nariz dela! É sempre aqui, ao meio-dia. Se é a força que está querendo, tem que ir à Grève.

— Vou depois.

— Diga uma coisa, Boucandry. É verdade que ela recusou um confessor?

— Parece que sim, Bechaigne.

— Está vendo? É pagã!

— Cavaleiro, é a tradição. O bailio do palácio deve entregar o malfeitor perfeitamente julgado, para a execução. Se for um leigo, é entregue ao preboste de Paris, se for religioso, à inquisição do bispado.

— Agradeço, cavaleiro.

— Ah! Meu Deus! — dizia Fleur-de-Lys. — A pobre criatura!

Tal pensamento enchia de dor o olhar com que ela observava o populacho.

O capitão, muito mais interessado na noiva do que no povo, alisava amorosamente a sua cintura pelas costas. Ela se virou súplice e sorrindo:

— Por favor, Phoebus, não faça isso! Se minha mãe voltar verá a sua mão!

Meio-dia soou lentamente no relógio de Notre Dame. Um murmúrio de satisfação explodiu na multidão. A reverberação da última pancada mal se desfazia e todas as cabeças se encrespavam como ondas sob uma borrasca. Um imenso clamor se ergueu pelas janelas e telhados:

— É ela!

Fleur-de-Lys colocou as mãos nos olhos, para não ver.

— Querida — disse Phoebus. — Prefere entrar?

— Não — ela respondeu; e os olhos que tinham sido fechados por medo se abriram por curiosidade.

Uma carroça puxada por um cavalo normando robusto coberto por uma manta violeta com cruzeiras brancas acabava de entrar na praça, pela rua Saint-Pierre-aux-Boeufs. Os guardas da vigilância abriam passagem a vergastadas. Ao lado da carroça, seguiam alguns oficiais da justiça e da polícia, que podiam ser reconhecidos pelas roupas pretas e pela maneira desajeitada de se manterem na sela. Mestre Jacques Charmolue se exibia à frente.

Na fatal viatura, uma jovem estava sentada, com os braços amarrados atrás das costas, sem um padre ao lado. Vestia apenas a túnica e seus longos cabelos negros (a moda da época era só cortá-los já ao pé do cadafalso) se espalhavam pelo pescoço e ombros seminus.

Através da ondulante cabeleira, que brilhava mais do que a plumagem do corvo, via-se balançar atada uma grosseira corda cinzenta e rugosa que arranhava as frágeis clavículas, ao redor do encantador pescoço da pobre moça, como uma minhoca numa flor. Sob essa corda brilhava um pequeno amuleto enfeitado com miçangas verdes, que haviam permitido que guardasse, provavelmente porque nada se deve recusar a quem vai morrer. Os espectadores às janelas podiam perceber, no fundo da carroça, as pernas nuas que ela tentava esconder, num derradeiro instinto de mulher. A seus pés, estava uma pequena cabra, também amarrada. A condenada prendia com os dentes a túnica solta. Mesmo em sua miséria, ela sofria por ser exposta quase nua ao olhar de todos. Não é com relação a tais expectativas, infelizmente, que se imagina o pudor.

— Jesus! — disse de repente Fleur-de-Lys ao capitão. — Olhe, primo! É aquela horrível cigana da cabra!

Dizendo isso, virou-se para Phoebus, que tinha os olhos pregados na carroça. Estava extremamente pálido.

— Qual cigana da cabra? — balbuciou ele.

— Como? Não se lembra?

Phoebus interrompeu-a:

— Não sei a que se refere.

Deu um passo para entrar, mas Fleur-de-Lys, em quem o ciúme tanto tinha se alvoroçado por causa daquela mesma egípcia, insistiu. Lançou ao noivo um olhar penetrante e desconfiado. Lembrou-se, então, de vagamente ter ouvido falar de um capitão envolvido no processo da feiticeira.

— O que está havendo? Tenho a impressão de que essa mulher o perturbou.

Phoebus tentou zombar.

— Eu? De forma alguma! Ora...

— Então fique! — disse ela com firmeza. — E vamos assistir até o fim.

Foi obrigado, o infeliz capitão, a aceitar. Tranquilizava-o um pouco o fato de a condenada não desviar os olhos do chão da carroça. Mas realmente era Esmeralda. Naquele último grau do opróbio e da desgraça, continuava bela, com os grandes olhos negros parecendo ainda maiores, dado o emagrecimento das faces. O perfil lívido era puro e sublime. Remetia-se ao que tinha sido como uma Virgem de Masaccio a uma Virgem de Rafael: mais frágil, mais delgada e mais magra.

Além disso, nada havia nela que, de certa maneira, não estivesse sacudido. À exceção do pudor, nada mais parecia ter importância, de tanto que fora profundamente abalada pelo estupor e desespero. O corpo acompanhava o sacolejo da carroça como coisa morta ou disforme. O olhar era triste e louco. Via-se ainda uma lágrima na pupila, mas imóvel, parecendo ter congelado.

Mas a lúgubre cavalgada atravessou a multidão, entre gritos de alegria e atitudes de curiosidade. Devemos todavia acrescentar, como fiéis historiadores, que ao vê-la tão bela e arrasada muitos se emocionaram apiedados, mesmo entre os mais duros. A carroça penetrou no adro.

Parou diante do pórtico central. A escolta se enfileirou dos dois lados. A

multidão silenciou e, no meio desse silêncio cheio de solenidade e ansiedade, os dois batentes da porta principal se abriram como que por vontade própria nos gonzos, que rangeram com um barulho de píforo. Viu-se então, em toda sua dimensão, a igreja sombria, enlutada, mal iluminada por uns poucos círios brilhando distantes no altar-mor, aberta como a bocarra de uma taberna, no meio da praça resplandecente de luz. Ao fundo, na sombra da abside, entrevia-se uma gigantesca cruz de prata, erguida sobre o fundo de um pano negro que descia da abóbada ao piso. A nave inteira estava deserta. Viam-se, no entanto, algumas cabeças de padres confusamente se movimentarem nas estalas distantes do coro e, no momento em que a grande porta foi aberta, escapou da igreja um canto grave, alto e monótono que lançou em rajadas, à cara da condenada, fragmentos de salmos lúgubres:

...Non timebo millia populi circumdantis me. Exsurge, Domine; salvum me fac, Deus!

...Salvum me fac, Deus, quoniam intraverunt aquae usque ad animam meam.

*...Infixus sum in limo profundis; et non est substantia.*¹⁰³

Ao mesmo tempo, outra voz, isolada do coro, entoou ao pé do altar-mor esse melancólico ofertório:

*Qui verbum meum audit, et credit ei qui misit me, habet vitam aeternam et in judicium non venit; sed transit a morte in vitam.*¹⁰⁴

Esse cântico que aqueles velhos perdidos em suas próprias trevas cantavam de longe para a bela criatura, cheia de juventude e de vida, acariciada pela brisa morna, primaveril e inundada de sol, era a missa dos mortos.

O povo ouvia com recolhimento.

Desnorteada, a infeliz parecia perder o olhar e o pensamento nas obscuras entranhas da igreja. Seus lábios brancos se moviam como se rezasse, mas quando o ajudante do carrasco se aproximou para ajudá-la a descer da carroça, ouviu que ela repetia em voz baixa essa palavra: *Phoebus*.

Desamarraram-lhe as mãos e ela desceu, acompanhada pela cabra, que

também foi desatada e balia de felicidade por se sentir livre. Fizeram-na andar de pés nus no chão duro, até o primeiro dos degraus do pórtico. A corda presa a seu pescoço se arrastava atrás, como uma serpente que a seguisse.

O cântico então foi interrompido na igreja. Uma grande cruz de ouro e uma fileira de círios se puseram em movimento no escuro. Ouviu-se bater a alabarda da colorida guarda suíça e, momentos depois, uma longa procissão de padres em casula e diáconos em dalmática gravemente se encaminhou em direção à condenada, salmodiando e surgindo pouco a pouco aos olhos de todos. Mas a atenção de Esmeralda se fixou em quem avançava à frente, imediatamente após o guarda que portava a cruz.

— Ah! — exclamou baixinho, com um tremor. — De novo ele, o padre!

De fato, era o arqui-diácono. À esquerda vinha o chantre e, à direita, o regente, armado com o bastão do seu ofício. Dom Claude caminhava com a cabeça inclinada para trás, de olhos abertos e fixos, cantando com voz forte:

*De ventre inferi clamavi, et exaudisti vocem meam,
Et projecisti me in profundum in corde maris, et flumen circumdedit
me.*¹⁰⁵

No momento em que ele apareceu à luz do dia, sob o alto pórtico em ogiva, envolto em ampla capa prateada ornamentada com uma cruz negra, estava tão pálido que muitos na multidão acharam ser um dos bispos de mármore, daqueles ajoelhados nas pedras sepulcrais do coro, que tinha se levantado e vinha receber à entrada da tumba quem ia morrer.

Não menos pálida e menos estática, a prisioneira nem percebeu que tinham posto em sua mão um pesado círio aceso, de cera amarela. Não ouviu a voz esganiçada do escrivão, lendo o fatal conteúdo da confissão de honra. Quando lhe disseram que respondesse *Amen*, ela respondeu *Amen*. Foi preciso, para que recuperasse alguma vida e força, que visse o padre fazer sinal aos guardas para que se afastassem, vindo sozinho em sua direção.

Somente nesse momento, ela sentiu o sangue ferver na cabeça e um resto de indignação voltou a se acender em sua alma entorpecida e fria.

O arqui-diácono lentamente se aproximou. Mesmo naquela situação extrema, ela percebeu que em seus olhos brilhavam luxúria, ciúme e desejo,

passando em revista a sua quase nudez. Ele disse em voz alta:

— Jovem, pediu perdão a Deus por seus pecados e erros?

Debruçou-se a seu ouvido e acrescentou (quem assistia achou que recebia a última confissão da condenada):

— Não me quer? Posso ainda salvá-la!

Ela o olhou fixamente:

— Vá embora, demônio; ou o denuncio!

Ele sorriu, um sorriso horrível.

— Não acreditarão, apenas acrescentará escândalo ao crime. Responda rápido: não me quer?

— O que fez do meu Phoebus?

— Ele morreu — disse o padre.

Nesse momento, o miserável arqui-diácono ergueu instintivamente a cabeça e viu, do outro lado da praça, na varanda da residência dos Gondelaurier, o capitão, de pé, ao lado de Fleur-de-Lys. Ele vacilou, passou a mão pela testa, olhou mais uma vez, murmurou uma maldição e todos os seus traços se contraíram violentamente.

— Pois, então, morra! — disse entredentes. — Ninguém a terá.

Erguendo a mão sobre a egípcia, recitou com voz fúnebre:

— *I nunc, anima anceps, et sit tibi Deus misericors!*¹⁰⁶

Era a terrível frase com que tradicionalmente se fechavam essas tristes cerimônias. E também o sinal combinado entre o padre e o carrasco.

O povo se ajoelhou.



— *Jovem, pediu perdão a Deus por seus pecados e erros?*

— *Kyrie Eleïson*¹⁰⁷ — exclamaram os padres que estavam sob a ogiva do pórtico.

— *Kyrie Eleïson* — repetiu a multidão, com esse murmúrio que corre por cima das cabeças como o rumor de um mar agitado.

— *Amen* — disse o arquidiácono.

Virou as costas à condenada. Sua cabeça caiu sobre o peito, as mãos se cruzaram, ele se juntou ao cortejo de padres e, logo a seguir, desapareceu com a cruz, os círios e as capas sob os arcos brumosos da catedral, com sua voz se apagando gradativamente no coral, cantando um verseto de desespero:

Omnes gurgites tui et fluctus tui super me transierunt! 108

Ao mesmo tempo, a ressonância intermitente do cabo de ferro das alabardas dos suíços, morrendo pouco a pouco nos intercolúnios da nave, produzia o efeito de um martelo de relógio, batendo a última hora da condenada.

As portas de Notre Dame tinham, no entanto, ficado abertas, deixando que se visse a igreja vazia, desolada, enlutada, sem círios e sem vozes.

A pobre coitada continuava imóvel no mesmo lugar, esperando que se ocupassem dela. Foi preciso que um dos guardas de vergasta chamasse a atenção de mestre Charmolue, pois o estudioso, durante toda essa última cena, examinava o baixo-relevo do grande pórtico, representando, segundo alguns, o sacrifício de Abraão e, segundo outros, a operação filosofal, em que o sol é o anjo, o fogo o molho de lenha, e Abraão o artesão.

Foi difícil arrancá-lo da contemplação, mas finalmente ele se virou e fez sinal para que dois homens vestidos de amarelo, ajudantes do carrasco, se aproximassem da egípcia e novamente lhe amarrassem as mãos.

A infeliz, no momento de voltar à carroça fatal e se dirigir à sua última estação, talvez tenha sido tomada por algum dilacerante lamento da vida que se terminaria. Ergueu os olhos vermelhos e secos ao céu, ao sol, às nuvens prateadas e recortadas, aqui e ali, por trapézios e triângulos azuis, para em seguida abaixá-los ao entorno, à terra, à multidão e às casas. De repente, enquanto o homem amarelo prendia os seus cotovelos, ela deu um grito terrível, um grito de alegria. Numa varanda, logo ali, na esquina da praça, Esmeralda acabava de perceber o venerado Phoebus em pessoa, seu amo, a aparição da sua vida!

O juiz havia mentido! O padre havia mentido! Era ele mesmo, sem dúvida possível: bonito, vivo, no seu brilhante uniforme, de penacho na cabeça e espada na cinta!

— Phoebus! — gritou. — Meu Phoebus!

Quis estender para ele os braços trêmulos de amor e de deslumbre, mas estavam amarrados. Viu então o capitão fechar o semblante, uma bela jovem ao lado olhá-lo com lábios de desdém e olhos irritados. Em seguida Phoebus pronunciou algumas palavras que não chegaram até ela e os dois precipitadamente desapareceram atrás do vidro da porta do balcão, que foi

fechada.

— Phoebus! — ela gritou, transtornada. — Como acreditar?

Um pensamento monstruoso acabava de se impor. Lembrou-se de ter sido condenada pela morte de Phoebus de Châteaupers.

Ela tudo havia suportado até então, mas esse último golpe era rude demais. Caiu desacordada no chão.

— Vamos — disse Charmolue. — Levem-na para a carroça e acabemos com isso!

Ninguém ainda havia notado, na galeria das estátuas dos reis, esculpidas imediatamente acima das ogivas do pórtico, um espectador estranho que a tudo havia assistido, até então, com tamanha impassibilidade, com o pescoço tão tenso, o rosto tão disforme que, sem a roupa que vestia, bipartida em vermelho e violeta, poderia ser confundido com um dos monstros de pedra, pela bocarra dos quais há seiscentos anos escorrem as águas das compridas gárgulas da catedral. Esse espectador nada havia perdido do que, desde meio-dia, se passava diante do pórtico de Notre Dame. E logo nos primeiros instantes, sem que ninguém sequer notasse, ele fortemente amarrara, numa das colunetas da galeria, uma sólida corda de nós, cuja ponta chegava ao alpendre. Depois disso, passara a olhar tranquilamente, assobiando de vez em quando, se um melro voava por perto. De repente, no momento em que os assistentes do carrasco se dispunham a executar a ordem fleumática de Charmolue, ele saltou a balaustrada da galeria, prendeu a corda com os pés, os joelhos e as mãos e desceu pela fachada, como uma gota de chuva escorre ao longo de um vidro. Correu até os carrascos com a velocidade de um gato que cai do telhado, derrubou-os com seus punhos enormes, ergueu a egípcia com uma mão, como uma criança ergue sua boneca, e com um só salto entrou na igreja, mantendo a jovem acima da cabeça e gritando com uma voz formidável:

— Asilo!

Tudo se passou com tal rapidez que, se fosse à noite, poderia ter sido visto à luz de um só relâmpago.

— Asilo! Asilo! — repetiu a multidão, e dez mil mãos batendo fizeram brilhar de alegria e orgulho o olho único de Quasímodo.

A confusão trouxe de volta a si a condenada. Ela ergueu a pálpebra, viu Quasímodo e voltou a fechá-la rápido, como se o salvador a assustasse ainda

mais.

Charmolue estava estupefato, assim como os carrascos e toda a escolta. De fato, dentro do recinto de Notre Dame, a condenada não podia ser presa. A catedral era um lugar de refúgio. Toda justiça humana expirava à sua entrada.

Quasímodo tinha parado sob o grande pórtico. Seus amplos pés pareciam tão solidamente fixados no chão da igreja quanto os pesados pilares românicos. A cabeçorra cabeluda afundava nos ombros como a dos leões que, também eles, têm uma crina em vez de pescoço. Mantinha a jovem ainda palpitante suspensa em suas mãos calosas, como uma trouxa de panos brancos, mas fazia isso com tanto cuidado que parecia temer quebrá-la ou fazer-lhe mal. Era como se ele sentisse ser uma coisa delicada, extraordinária e preciosa, feita para outras mãos e não as suas. Às vezes, dava a impressão de não se atrever a tocá-la, nem com um sopro. Depois, subitamente apertou-a nos braços, no seu peito anguloso, como um bem pessoal, um tesouro, como faria a mãe daquela criança. O olho de gnomo, baixado para ela, a inundava de ternura, dor e piedade, mas bruscamente se alçava, relampejante. Mulheres riam e choravam, a multidão fervilhava de entusiasmo, pois, naquele momento, Quasímodo realmente mostrava uma beleza própria. Era belo o órfão, a criança abandonada, o rebotalho. Sentiu-se augusto e forte, olhando de frente aquela sociedade que o banira e junto a qual ele acabava de intervir de forma tão poderosa, aquela justiça humana da qual havia arrancado a presa, obrigando todos aqueles tigres a mastigar no vazio, aqueles esbirros, juízes, carrascos, toda a força do rei que ele acabava de quebrar, ele que era ínfimo, com a força de Deus.

Além disso, era comovente aquela proteção, vinda de um ser tão disforme, aplicada a um ser tão infeliz, uma condenada à morte salva por Quasímodo. Duas misérias extremas da natureza e da sociedade que se descobriam e se entreajudavam.



Quasímodo reapareceu, ainda com a egípcia nos braços e gritando:
— *Asilo!*

No entanto, após alguns minutos de triunfo, Quasímodo bruscamente entrou na igreja com seu fardo. O povo, que adora proezas, o procurava na escura nave, lamentando que tão rapidamente ele houvesse dado as costas às aclamações. De repente, porém, ele ressurgiu numa das extremidades da galeria dos reis da França, atravessou-a correndo como um demente, erguendo sua conquista nos braços e ainda gritando:

— *Asilo!*

A multidão explodiu em novos aplausos. Atravessada a galeria, ele voltou ao interior da igreja. Um momento depois, reapareceu na plataforma superior, ainda com a egípcia nos braços, ainda correndo loucamente e ainda gritando:

— Asilo!

E a multidão aplaudia. Uma terceira aparição ainda ocorreu, no alto da torre do sino maior. O corcunda parecia mostrar com orgulho a toda a cidade aquela que ele havia salvado, e sua voz trovejante, a voz que tão raramente se ouvia, e ele próprio nunca, repetiu por três vezes, freneticamente e alcançando as nuvens:

— Asilo! Asilo! Asilo!

— Aleluia! Aleluia! — acompanhava por sua vez o povo, aos gritos.

A imensa aclamação chegou a espantar, até na outra margem, a multidão da Grève e a reclusa, que continuava a esperar, com os olhos presos no patíbulo.

103. “...Não temerei as milhares de pessoas que me cercam. Apareça, ó Senhor; salve-me, ó Deus!/ ...Salve-me, ó Deus, pois minha alma está imersa./ ...Estou preso na espessa lama do fundo”, em latim no original.

104. “Aquele que ouve minha palavra e crê naquele que me enviou, tem vida eterna e não cai em condenação, mas já passou da morte à vida”, em latim no original.

105. “Gritei no fundo do túmulo e minha voz foi ouvida./ Fui jogado em pleno mar, até o fundo das águas, e encharquei-me todo”, em latim no original.

106. “Agora vá, alma dúbia, que Deus lhe seja misericordioso!”, em latim no original.

107. “Senhor, tende piedade de nós”, em grego.

108. “Todas as suas vagas e marés passaram por mim”, em latim no original.

LIVRO NOVE

1. Febre

Claude Frollo não se encontrava mais na Notre Dame no momento em que o filho adotivo tão bruscamente rompeu o nó fatal com que o infeliz arquidiácono atou o seu destino e o da egípcia. Chegando à sacristia, despira a alva, a capa e a estola, jogando tudo nas mãos do atônito sacristão e saía por uma portinhola anexa do claustro. Chamou um barqueiro do Terreno para que o transportasse à margem esquerda do Sena e meteu-se pelas ruas acidentadas da Universidade, sem saber aonde ia, esbarrando a cada passo em bandos de homens e mulheres que alegremente acorriam à ponte Saint-Michel, na esperança de *chegar ainda a tempo* para assistir ao enforcamento da feiticeira. Seguia pálido, desnorreado, mais cego e arisco do que um pássaro da noite perdido em pleno dia e perseguido por um bando de crianças. Não sabia mais onde estava, o que pensava ou se apenas sonhava. Seguia em frente, andava, corria, tomava qualquer rua ao acaso, sem escolher, sempre empurrado apenas pela Grève, a horrível Grève que ele confusamente sentia logo atrás.

Atravessou dessa maneira o monte Sainte-Geneviève e, por fim, saiu da cidade pela porta Saint-Victor. Continuou a fuga enquanto podia ver, olhando para trás, as torres da Universidade e as raras casas do subúrbio; mas quando um acidente do terreno enfim lhe tirou por inteiro a visão da odiosa Paris, quando se acreditou a cem léguas no campo, num deserto, ele parou e pareceu-lhe poder então respirar.

Ideias medonhas lhe vieram ao espírito. Com clareza viu a sua própria alma e tremeu. Pensou na infeliz jovem a quem havia perdido e que perdera. Lançou um olhar feroz à dupla via tortuosa a que a fatalidade forçara os destinos de ambos até o ponto de intersecção em que, impiedosamente, chocou um contra outro, quebrando-os. Pensou na loucura dos votos eternos, na vaidade da castidade, da ciência, da religião, da virtude, na inutilidade de Deus. Entregou-se plenamente aos maus pensamentos e, quanto mais fundo mergulhava, mais sentia explodir nele o riso de Satã.

Vasculhando sua alma, ao ver o amplo espaço que a natureza havia

reservado para as paixões, escarneceu ainda mais amargamente. Remoeu no fundo do coração todo o ódio, toda a maldade e reconheceu, com a fria atenção do médico ao examinar um doente, que esse ódio e essa maldade eram apenas amor vicioso, que o amor, essa fonte de todas as virtudes humanas, se transformara em coisas terríveis num coração de padre, e que um homem de constituição normal como ele, ao se tornar padre, torna-se demônio. Riu então de forma pavorosa e voltou a subitamente empalidecer, considerando o lado mais sinistro da sua paixão fatal, daquele amor corrosivo, venenoso, odiento e implacável que tinha levado uma ao patíbulo e outro ao inferno: ela condenada, ele desgraçado.

E o riso voltou, com a lembrança de que Phoebus estava vivo. No final de tudo, o capitão vivia, alegre e satisfeito, com mais belos gibões do que nunca e uma nova amante, com quem assistia ao enforcamento da antiga. O sarcasmo redobrou quando pensou que, de todos os seres vivos de que desejara a morte, a egípcia, a única criatura que ele não detestava, era também o único alvo que acertara.

Do capitão, seu pensamento passou ao povo, invadindo-o um ciúme de espécie inusitada. Achou que também o povo, o povo inteiro, pudera ver a mulher amada vestindo apenas uma túnica, quase nua. Afligiou-se ainda mais, pensando que a pessoa cuja simples forma, obscuramente percebida a sós, já seria para ele a felicidade suprema, tinha sido mostrada em plena luz, em pleno meio-dia a uma multidão, vestida como se fosse para uma noite de volúpia. Chorou de raiva sobre todos esses mistérios de amor profanado, maculado, desnudado, aviltado para sempre. Chorou de raiva imaginando quantos olhares imundos teriam encontrado satisfação naquela túnica mal presa e que a bela criatura, aquele lírio virgem, taça de pudor e de delícias da qual ele somente trêmulo ousaria aproximar os lábios, acabava de ser transformada numa espécie de vaso público em que a mais vil ralé de Paris, com ladrões, mendigos e lacaios, pôde beber em comum o prazer desavergonhado, impuro e depravado.

Tentando ter uma ideia da felicidade que se abriria, não fosse ela cigana e ele padre, se Phoebus não existisse e ela o amasse; imaginando a vida serena e amorosa que também a ele seria possível e que, naquele momento mesmo, em diferentes pontos da Terra, casais viviam felizes, perdidos em longas conversas sob laranjais, à beira de rios, diante do sol poente ou de uma noite

estrelada; se Deus houvesse permitido, ele e ela poderiam também formar um desses casais abençoados; e o seu coração, pensando nisso tudo, se desmanchava de ternura e desespero!

Ela! Apenas ela! A ideia fixa voltava incessantemente e o torturava, mordida o cérebro e dilacerava-lhe as vísceras. O padre nada lamentava e não se arrependia. Tudo que havia feito, faria de novo. Preferia vê-la nas mãos do carrasco a nos braços do capitão. Mesmo assim, sofria. Sofria tanto que, às vezes, arrancava-se tufo de cabelos, para ver se não tinham embranquecido.

Em determinado momento veio-lhe ao espírito ser naquele minuto que a infame corda, vista pela manhã, estreitava seu nó de ferro no pescoço tão frágil e gracioso. O pensamento fez-lhe brotar suor por todos os poros.

Noutro momento, rindo ainda diabolicamente de si mesmo, imaginou Esmeralda tal como a havia visto no primeiro dia, viva, despreocupada, alegre, enfeitada, dançando, esvoaçante e harmoniosa, para compará-la à do último dia, com a túnica e a corda no pescoço, subindo lentamente, de pés descalços, a escada angulosa do cadafalso. E esse quadro surgiu com cores tão fortes que ele deu um grito de terror.

Enquanto o furacão de desespero revirava, quebrava, arrancava, curvava e tudo desenraizava na sua alma, Claude olhou a natureza ao redor. A seus pés, galinhas ciscavam no descampado e escaravelhos esmaltados cintilavam ao sol; acima da cabeça, tufo de nuvens cinza-metálico corriam no céu azul; no horizonte, o pináculo da abadia Saint-Victor ultrapassava a curva da colina com seu obelisco de ardósia, e o moleiro do monte Copeaux olhava, assobiando, girarem as pás laboriosas do seu moinho. Toda essa vida ativa, organizada, tranquila, reproduzida de mil formas ao redor, lhe fez mal. Ele voltou a fugir.

Correu assim, pelos campos, até o fim da tarde. Essa fuga da natureza, da vida, de si mesmo, do homem, de Deus e de tudo durou o dia inteiro. Algumas vezes ele se lançou de cara no chão e arrancou com as unhas brotos de trigo. De outras, parou em determinada rua deserta de vilarejo, mas os pensamentos eram tão insuportáveis que ele segurava a cabeça entre as mãos, tentando arrancá-la dos ombros, para explodi-la no chão.

À hora em que o sol se punha, o padre mais uma vez se examinou e julgou estar quase louco. A tempestade que se prolongava desde o instante em que perdera a esperança e a vontade de salvar a egípcia não havia deixado na

consciência qualquer ideia sã, pensamento algum que se sustentasse. A razão ali jazia, quase totalmente destruída. Duas imagens apenas se distinguiam no espírito: Esmeralda e a forca. Tudo mais era escuridão. Juntas, as duas imagens apresentavam um conjunto assustador e quanto mais ele aí fixava o que restava de atenção e raciocínio, mais as via crescer, numa progressão fantástica, uma por graça, encanto, beleza e luz, e a outra pelo horror. Em pouco tempo, Esmeralda passou a aparecer como estrela e o patíbulo como enorme braço descarnado.

Coisa notável foi que durante toda essa tortura não lhe viesse seriamente a ideia de morrer. Pois assim era aquele miserável. Agarrado à vida. Quem sabe realmente não visse o inferno por trás da sua temporada na Terra.

No entanto, o dia continuava a terminar. O ser vivo que ainda existia nele confusamente pensou em voltar. Achou que estava longe de Paris, mas, procurando se orientar, se deu conta de apenas ter percorrido os limites da Universidade. A flecha de Saint-Sulpice e as três altas agulhas de Saint-Germain-des-Prés ultrapassavam o horizonte à sua direita. Dirigiu-se para lá. Ao ouvir o vozerio dos soldados do abade, em volta da circunvalação ameaçada de Saint-Germain, desviou-se, tomou uma trilha que se oferecia entre o moinho e o leprosário da abadia, chegando, ao final de alguns instantes, às cercanias do Pré-aux-Clercs. O local era célebre pelos frequentes tumultos, dia e noite. Era a *hidra* dos pobres monges de Saint-Germain, *quod monachis Sancti-Germani pratensis hydra fuit, clericis nova semper dissidiorum capita suscitantibus*.¹⁰⁹ O arqui-diácono temeu encontrar alguém, qualquer rosto humano o apavoraria. Evitara a Universidade, a área de Saint-Germain e queria se arriscar nas ruas o mais tardiamente possível. Passou ao largo do Pré-aux-Clercs, tomou a trilha deserta que o separava do Dieu-Neuf e chegou, finalmente, à beira d'água. Ali, dom Claude encontrou um barqueiro que, por alguns deniers parisis, o fez subir o Sena até a ponta da Cité, desembarcando-o na língua de terra abandonada em que o leitor já assistiu aos devaneios de Gringoire, se estendendo para além dos jardins do rei, paralelamente à ilhota do Atravessador de Vacas.

O balanço monótono da barca e o marulho da água de certa forma entorpeceram o infeliz Claude. Depois que o barqueiro se afastou, ele permaneceu estupidamente de pé na beira-rio, olhando à frente sem nada perceber dos objetos, senão através de oscilações que a tudo ampliavam, a

tudo transformavam em fantasmagoria. Não raramente o cansaço que vem após uma grande dor produz no espírito esse efeito.

O sol se pusera por trás da alta torre de Nesle. Era o momento do crepúsculo. O céu estava branco, a água do rio também branca. Entre essas duas brancuras, estendia-se a margem esquerda do Sena, projetando sua massa escura, onde ele fixava os olhos, afinando-se cada vez mais, por força da perspectiva, e se perdendo nas brumas do horizonte como uma flecha preta. Era salpicada de casas, das quais só se reconheciam as silhuetas obscuras, fortemente realçadas sobre o fundo claro do céu e da água. Aqui e ali, janelas começavam a cintilar como pontos em brasa. Esse imenso obelisco negro, assim isolado entre as duas camadas brancas do céu e do rio, bem largo no ponto em que estava dom Claude, deu a ele uma singular sensação, comparável à que se tem deitado de costas no chão, ao pé do campanário de Strasbourg, olhando o enorme ponteiro mergulhar, acima da cabeça, nas penumbras do crepúsculo. Só que, no caso, era Claude que estava de pé e o obelisco deitado, mas como o rio, refletindo o céu, prolongava o abismo abaixo dele, o imenso promontório parecia lançar-se tão audaciosamente no vazio quanto qualquer flecha de catedral. A impressão era a mesma. E inclusive tinha isso de estranho e mais profundo, pois se tratava exatamente do campanário de Strasbourg, mas de um campanário de Strasbourg com duas léguas de altura. Algo incrível, gigantesco, incomensurável. Um edifício como olho humano algum jamais havia visto, uma torre de Babel. As chaminés das casas, as ameias das muralhas, as empenas dos telhados, o pináculo de Augustins, a torre de Nesle, todas essas saliências que quebravam o perfil do colossal obelisco se somavam à ilusão, brincando estranhamente com a vista, movendo os recortes de uma escultura plena e fantástica.

No estado de alucinação em que se encontrava, Claude acreditou ver, ver com os próprios olhos, o campanário do inferno. Mil luzes espalhadas por toda a altura da apavorante torre lhe pareceram pórticos da imensa fornalha interior. As vozes e rumores que dela escapavam eram gritos e estertores. Então, teve medo, pôs as mãos nas orelhas para não mais ouvir, virou as costas para não mais ver e se afastou rapidamente da assustadora visão.

Mas a visão estava dentro dele.

Ao entrar pelas ruas, os transeuntes que passavam pela claridade das lojas

causavam o efeito de um eterno ir e vir de espectros a seu redor. Barulhos estranhos soavam a seus ouvidos. Fantasias extravagantes perturbavam seu espírito. Não via as casas, nem o calçamento, nem as carroças, nem os homens e as mulheres, somente um caos de objetos indeterminados que se fundiam uns nos outros. Na esquina da rua de la Barillerie, havia uma mercearia de cujo letreiro com envoltura de lata, segundo hábitos imemoriais, pendiam aros com tocos de madeira que faziam o barulho de castanholas, se entrechocando ao vento. Ele achou estar ouvindo bater no escuro o amontoado de esqueletos de Montfaucon.

—Ah! — exclamou. — O vento da noite faz com que se choquem uns nos outros e mistura o barulho das correias ao barulho dos ossos! Talvez ela já esteja aí, no meio deles!

Desnortado, não soube para onde ir. Dados alguns passos, viu-se na ponte Saint-Michel. Havia luz em certa janela do térreo. Ele se aproximou. Pela vidraça arrebatada, viu uma sala sórdida, que ressuscitou uma lembrança confusa em sua mente. Na sala mal-iluminada por uma lamparina fraca, um jovem louro e sadio, de alegre figura, beijava e abraçava, com grandes risadas, uma jovem bem desavergonhadamente vestida. Junto à lamparina, uma velha fiava e cantava, com uma voz tremulante. Como o rapaz não ria o tempo todo, alguns fragmentos da canção da velha chegaram aos ouvidos do padre. Era algo ininteligível e horrível.

Grève, aboie, Grève, grouille!

File, file, ma quenouille,

File sa corde au bourreau,

Qui siffle dans le préau.

Grève, aboie, Grève, grouille!

La belle corde de chanvre!

Semez d'Issy jusqu'à Vanvre

Du chanvre et non pas du blé.

Le voleur n'a pas volé

La belle corde de chanvre!

Grève, grouille, Grève, aboie!

Pour voir la fille de joie,

Pendre au gibet chassieux,

Les fenêtres sont des yeux.
*Grève, grouille, Grève, aboie!*¹¹⁰

Enquanto isso, o rapaz ria e bolinava a moça. A velha era a Falourdel; a moça, moça da vida; e o rapaz, seu irmão mais moço, Jehan.

Dom Claude continuou a olhar. Naquele momento, era um espetáculo como outro qualquer.

Viu Jehan ir até uma janela no fundo da sala, abri-la, dar uma olhada no cais onde brilhavam distantes mil vidraças iluminadas, e ouviu-o dizer, fechando de volta a janela:

— Por minha alma! Já é noite. Os burgueses acendem suas velas e o bom Deus, suas estrelas.

Em seguida, Jehan voltou para onde estava a companheira de farra. No caminho, quebrou uma garrafa que se encontrava em cima da mesa, gritando:

— Já vazia, que diabo! E não tenho mais dinheiro! Isabeau, minha amiga, só vou estar contente com Júpiter quando ele transformar seus dois peitos brancos em duas escuras garrafas, em que vou poder mamar vinho de Beaune dia e noite.

Essa fina tirada fez rir a moça de vida alegre e Jehan saiu.

Dom Claude mal teve tempo de se jogar no chão para não ser visto e reconhecido pelo irmão. Felizmente a rua estava escura e o estudante, bêbado. Percebeu, mesmo assim, o arquidiácono deitado no calçamento enlameado.

— Ei! Ei! Temos aqui alguém que fez a festa hoje.

Catucou com o pé dom Claude, que nem respirava.

— Completamente bêbado — concluiu Jehan. — Fartou-se. Verdadeira sanguessuga que caiu de um barril. É careca — notou, se abaixando. — Um velho! *Fortunate senex!*¹¹¹

E dom Claude ouviu-o ainda dizer, se afastando:

— Tudo o mesmo, a razão é bela coisa. E meu irmão arquidiácono é bem feliz, pois tem juízo e tem dinheiro.

O arquidiácono então se levantou e correu, sem diminuir o ritmo, na direção de Notre Dame, podendo já ver as enormes torres surgirem na sombra, acima das casas.

No momento em que chegou resfolegante à praça do adro, parou, sem ousar erguer os olhos para o funesto edifício.

— Ah! — exclamou em voz baixa. — Será mesmo possível que tal coisa tenha se passado aqui, hoje, nessa mesma manhã?

Mas afinal olhou a igreja. A fachada estava escura. No céu, mais atrás, piscavam estrelas. O crescente da lua, que acabava de escapar do horizonte, estacionava, naquele momento, no alto da torre da direita e parecia alcandorado, como um pássaro luminoso, à beira da balaustrada com seus trevos negros recortados.

A porta do claustro estava fechada. Mas o arquidiácono tinha sempre com ele a chave da torre em que ficava o seu laboratório. Usou-a para entrar na igreja.

Dentro encontrou a escuridão e o silêncio de uma caverna. Pelas sombras que desciam de todos os lugares por grandes extensões, percebeu que não haviam ainda retirado os ornamentos da cerimônia da manhã. A grande cruz de prata cintilava no fundo das trevas, salpicada de pontos faiscantes, como a Via Láctea daquela noite sepulcral. As compridas janelas do coro mostravam, acima do pano negro dependurado, a extremidade superior das ogivas, cujos vitrais, atravessados por um raio de lua, tinham apenas as cores dúbias da noite, em alternância entre o violeta, o branco e o azul, tons que só se encontra na face dos mortos. Distinguindo em volta do coro essas tênues pontas de ogiva, o arquidiácono acreditou estar vendo mitras de bispos decaídos em danação. Fechou os olhos e, ao reabrir, acreditou ver um círculo de rostos pálidos a fitá-lo.

Fugiu correndo pela nave. Mas teve a impressão de que a igreja também se movia, tremia, se animava, vivia, que cada grossa coluna se tornara uma pata enorme que batia no chão com sua larga base de pedra, e que a gigantesca catedral era algo como um elefante prodigioso que bramia e andava, com os pilares servindo de pés, as duas torres de trombas e o imenso pano preto de jaez.

A febre e a loucura tinham chegado a tal grau de intensidade que o mundo externo não passava, para o infortunado, de uma espécie de apocalipse visível, palpável, apavorante.

Houve um alívio momentâneo. Entrando por uma das laterais, ele viu, por trás do maciço de pilares, uma claridade avermelhada. Correu como se fosse

alcançar uma estrela, mas era a pobre lamparina que dia e noite alumiaava o breviário público de Notre Dame, dentro de uma grade de ferro. Lançou-se com avidez ao santo livro, na esperança de encontrar algum consolo ou encorajamento. Estava aberto na seguinte passagem de Jó, lida pelo olho imóvel do arqui-diácono: “E um espírito passou à minha frente. Ouvi um pequeno sopro e o pelo em minha carne se arrepiou.”

Com essa lúgubre leitura, Claude sentiu o que sente o cego ao se machucar num graveto que quis pegar no chão. Os joelhos vacilaram e o arqui-diácono tombou, pensando na vítima que morrerá naquele mesmo dia. Por seu cérebro passavam e se propagavam tantas fumaças monstruosas que era como se a própria cabeça fosse uma das chaminés do inferno.

Tudo indica que permaneceu nessa posição por muito tempo, sem pensar, pasmo e passivo nas mãos do demônio. Mas algum ânimo finalmente voltou e ele achou melhor se refugiar na torre, perto do fiel Quasímodo. Levantou-se e, como estava com medo, pegou a lamparina do breviário para iluminar o caminho. Era um sacrilégio, mas certamente mínimo àquela altura dos acontecimentos.

Subiu lentamente a escada das torres, cheio de secreto pavor. O mesmo, provavelmente, a invadir os raros passantes que porventura vissem, do adro em frente, a misteriosa luz da lamparina que subia, de seteira em seteira, até o alto do campanário, em hora tão tardia.

De repente, dom Claude sentiu no rosto um frescor e se viu diante da porta da mais alta galeria. O ar estava frio. O céu carregava nuvens cujas largas lâminas brancas transbordavam umas das outras, se achatando nas pontas, figurando uma corredeira de rio no inverno. O crescente da lua, encalhado no meio das nuvens, parecia um navio celeste preso naqueles pedaços de gelo atmosférico.

Ele baixou os olhos e contemplou por um instante, entre a grade de colunetas que une as duas torres, distante, através de um véu de bruma e fumaça, a confusão silenciosa dos telhados de Paris. Agudos, inúmeros, encarreirados e pequenos como ondas de um mar tranquilo, numa noite de verão.

O fraco luar emprestava ao céu e à terra um tom cinzento.

Nesse momento, o relógio ergueu sua voz fina e fendida. Soou meia-noite. O padre se lembrou do meio-dia. Eram as doze horas que voltavam.

— Ah! — disse baixinho. — Ela já deve estar fria, agora!

Um vento brusco apagou a lamparina e, quase ao mesmo tempo, ele viu surgir, no ângulo oposto da torre, uma sombra, uma brancura, uma forma, uma mulher. Estremeceu. Ao lado dessa mulher, havia uma pequena cabra, que misturou seu balido ao último balido do relógio.

Dom Claude teve força suficiente para olhar. Era ela.

Estava pálida, estava sombria. Os cabelos caíam sobre os ombros, como pela manhã. Mas não tinha mais a corda no pescoço nem as mãos amarradas. Estava livre, estava morta.

Vestida de branco, com um véu branco na cabeça.

Caminhava de encontro a ele, lentamente, olhando o céu. A cabra sobrenatural vinha atrás. O padre se sentiu feito de pedra, pesado demais para poder fugir. A cada passo que a aparição dava à frente, ele recuava outro, só isso. Nesse ritmo, entrou pela abóbada escura da escada. Sentia-se congelar, com medo que ela o seguisse até ali. Se o fizesse, ele morreria de terror.

De fato o vulto chegou à porta da escada, parou por uns instantes, olhou fixamente o escuro, mas sem aparentemente ver, e se foi. Pareceu-lhe maior do que quando estava viva. Ele pôde ver a lua através do vestido branco, ouviu sua respiração.

Depois que ela se foi, o arqui-diácono voltou a descer a escada, com a mesma lentidão do espectro, achando-se também espectro ele próprio, perdido, com os cabelos eriçados e a lamparina apagada ainda na mão. Descendo os degraus espiralados, distintamente ele escutava em seu ouvido uma voz que ria e repetia: “Um espírito passou à minha frente. Ouvi um pequeno sopro e o pelo em minha carne se arrepiou.”

109. “Que para os monges do campo Saint-Germain foi uma hidra, com os clérigos sempre suscitando novos motivos de brigas”, em latim no original.

110. Literalmente: “Grève, uiva, Grève, fervilha!/ Fia, minha roca, fia,/ Fia a sua corda para o carrasco,/ Que assobia no campo./ Grève, uiva, Grève, fervilha!// A bela corda de cânhamo!/ Semeiem de Issy a Vanvre/ Cânhamo em vez de trigo./ O ladrão não roubou/ A bela corda de cânhamo!// Grève, fervilha, Grève, uiva!/ Para ver a moça vadia/ Pendurada no patíbulo remelento,/ As janelas são olhos./ Grève, fervilha, Grève, uiva!” (*A balada dos enforcados*, de François Villon.)

111. “Feliz velho!” (Virgílio, primeira Bucólica, verso 46), em latim no original.

2. Corcunda, zarolho, manco

Toda cidade na Idade Média e, até Luís XII, toda cidade da França, tinha seus locais de asilo. Esses locais, no dilúvio de leis penais e jurisdições bárbaras que inundava a sociedade, eram como ilhas a se erguerem acima da justiça humana. Todo criminoso que num desses asilos chegasse estava salvo. Havia, nos subúrbios, quase tantos locais de asilo quanto patíbulo. Criava-se o abuso da impunidade, ao lado do abuso dos suplícios: duas tendências nefastas que se empenhavam em corrigir uma à outra. Os palácios do rei, as residências dos príncipes e as igrejas, principalmente, davam direito de asilo. Eventualmente, uma cidade inteira, com a intenção de se repovoar, podia temporariamente se tornar local de asilo. Luís XI tornou Paris asilo em 1467.

Com o pé num desses abrigos, o criminoso estava garantido. Mas dali não podia sair. Um passo que desse fora do santuário, voltava a correr risco. A roda, o cadafalso, a estrapada permaneciam de guarda em volta do refúgio, vigiando incessantemente a presa, como tubarões em volta do navio. Muitos condenados foram vistos, então, envelhecer num claustro, numa escada de palácio, numa plantação de abadia, sob o pórtico de uma igreja. Ou seja, o asilo se tornava uma prisão como outra qualquer. Um decreto solene do Parlamento podia eventualmente violar o refúgio, devolvendo o condenado ao carrasco, mas era coisa rara. Os parlamentos se assustavam com os bispos, e quando a batina e a toga chegavam a se enfrentar, esta última não se saía lá muito bem. Às vezes, no entanto, como no caso dos assassinos de Petit-Jean, carrasco de Paris, e no de Émery Rousseau, assassino de Jean Valleret, a Justiça pulava por cima da Igreja e executava suas sentenças. Porém, sem ordem explícita do Parlamento, caía em desgraça quem violasse à mão armada um local de asilo! São conhecidas as mortes de Robert de Clermont, marechal da França, e de Jean de Châlons, marechal da Champagne. E, no caso, tratava-se apenas de certo Perrin Marc, cambista e miserável assassino, mas os dois marechais arrebentaram as portas de Saint-Méry para prendê-lo, donde toda a enormidade do ato.

Havia, com relação a tais refúgios, tamanho respeito que, pelo que diz a

tradição, podiam-se beneficiar inclusive animais. Aymoin conta que um cervo, caçado por Dagoberto, se refugiou perto do túmulo de São Dênis e a matilha imediatamente se imobilizou, aos uivos.

Em geral, as igrejas tinham uma pequena cela preparada para receber os suplicantes. Em 1407, Nicolas Flamel mandou construir com esse intuito, sob as abóbadas de Saint-Jacques-de-la-Boucherie, um quarto que custou quatro libras, seis soldos e dezesseis deniers parisis.

Em Notre Dame, era uma cela situada nas águas-furtadas sob os arcobotantes, em frente ao claustro, exatamente no lugar em que a mulher do atual encarregado das torres organizou uma horta doméstica, que está para os Jardins Suspensos da Babilônia como um pé de alface para uma palmeira, ou como essa esposa de porteiro para Semíramis.

Foi onde, após a louca e triunfal correria pelas torres e galerias, Quasímodo havia deixado Esmeralda. Enquanto durou a corrida, a jovem não tinha conseguido recuperar plenamente os sentidos, meio adormecida e meio desperta, de nada mais se dando conta, senão de estar sendo carregada no ar, flutuando, voando, pois algo a elevava acima do chão. De vez em quando, ouvia o riso explosivo e a voz ruidosa de Quasímodo a seu ouvido. Entreabria os olhos e, confusamente, via mais abaixo os mil telhados de ardósia e telha de Paris, como um mosaico vermelho e azul. Acima da cabeça, o rosto assustador e feliz de Quasímodo. Suas pálpebras, então, voltavam a cair: acreditava que tudo estava terminado, que tinha sido executada durante o desmaio. Na sequência da morte, o espírito disforme que rege o seu destino se apossara dela e agora a carregava. Não se atrevia a olhar e se deixava levar.

Mas quando o sineiro desgrehado e resfolegante deixou-a na cela do refúgio, quando sentiu suas mãos grosseiras delicadamente desamarrar a corda que lhe feria os braços, sentiu essa espécie de sobressalto que desperta de repente os passageiros de um navio que encalha, no meio de uma noite escura. Os pensamentos também despertaram e voltaram, um a um. Viu que estava em Notre Dame, lembrou-se de ter sido arrancada das mãos do carrasco, que Phoebus estava vivo, que Phoebus não a amava mais. Com essas duas ideias se apresentando juntas à pobre condenada, uma despejando tanta amargura na outra, ela perguntou a Quasímodo, que estava de pé à sua frente e lhe dava medo:

— Por que me salvou?

Ele olhou-a cheio de ansiedade, como se buscasse entender o que estava sendo dito. A pergunta foi repetida. O corcunda então lançou um olhar profundamente triste e foi-se embora.

Para a cigana, continuava o assombro.

Momentos depois ele voltou, trazendo um pacote que deixou a seus pés. Eram roupas que mulheres caridosas haviam deixado para ela à porta da igreja. Só então se olhou e viu que estava quase nua. Ficou vermelha; era a vida que voltava.

Quasímodo pareceu se contagiar com tanto pudor. Ocultou o próprio olhar com a mão enorme e se afastou de novo, mas a passos lentos.

Ela rapidamente se vestiu. Era um vestido branco, com um véu branco. Uma roupa de noviça do Hôtel-Dieu.

Mal terminara, viu voltar Quasímodo. Carregava um cesto num braço e um colchão no outro. Dentro do cesto havia uma garrafa, pão e algumas provisões. Colocou o cesto no chão e disse:

— Coma.

Estendeu o colchão em cima do piso e disse:

— Durma.

Eram a sua própria refeição e sua própria cama que o sineiro tinha ido buscar.

A egípcia ergueu os olhos para agradecer, mas não pôde articular palavra alguma. O pobre-diabo era realmente horrível. Baixou a cabeça com um estremecimento de horror.

Ele então disse:

— Causo-lhe medo. Sou muito feio, não é? Não me olhe. Apenas ouça. Durante o dia, fique aqui. À noite pode andar por toda a igreja, mas não vá lá fora de dia nem de noite. Estaria perdida. Seria morta e eu também morreria.

Comovida, ela ergueu a cabeça para responder. Ele já desaparecera. Viu-se sozinha, pensando nas palavras singulares daquele ser quase monstruoso, impressionada com o som da sua voz tão rouca e, no entanto, tão suave.

Examinou a cela. Era um quarto de mais ou menos seis pés quadrados, com uma pequena lucarna e uma porta, no plano ligeiramente inclinado do telhado de pedras chatas. Várias gárgulas pareciam se debruçar ao seu redor,

estendendo o pescoço para vê-la pela lucarna. À beira do telhado estendiam-se mil chaminés, que expeliam, diante de seus olhos, a fumaça de toda a lenha que se queimava em Paris. Triste espetáculo para a pobre egípcia, criança abandonada, condenada à morte, infeliz criatura, sem pátria, sem família, sem lar.

Quando a ideia de tal isolamento mostrou-se mais dolorosa do que nunca, ela sentiu uma cabeça felpuda roçar suas mãos e seus joelhos. Estremeceu (tudo agora a assustava) e olhou. Era a pobre cabra, a ágil Djali, que tinha escapado atrás dela no momento em que Quasímodo dispersou a brigada de Charmolue, e se derramava em carinhos a seus pés há quase uma hora, sem obter sequer um olhar. A egípcia cobriu-a de beijos.

— Ah, Djali! Como foi abandonada! E continua a pensar em mim! Não é como eu, ingrata!

Ao mesmo tempo, como se uma mão invisível tirasse o peso que há muito comprimia suas lágrimas no coração, começou a chorar. À medida que as lágrimas escorriam, ela sentia partir com elas o que havia de mais duro e amargo na sua dor.

Quando escureceu, ela achou a noite tão bela, a lua tão suave, que deu uma volta pela galeria alta que circunda a igreja. Sentiu algum alívio, de tanto que a Terra parecia calma, vista daquela altura.

3. Surdo

Na manhã do dia seguinte, ao acordar, percebeu que havia dormido. Esse fato singular a espantou. Há tanto tempo tinha perdido o hábito do sono. Um alegre raio de sol nascente entrava pela lucarna, batendo no seu rosto. Junto com o sol, a cigana viu pela mesma lucarna algo assustador, a infeliz figura de Quasímodo. Instintivamente, fechou de novo os olhos, mas em vão; continuava vendo, através da pálpebra rosada, a máscara de gnomo, zarolha e desdentada. Ainda com os olhos fechados, ouviu a voz rude dizer com suavidade:

— Não tenha medo. Sou seu amigo. Vim vê-la dormir. Não a incomoda, não é, que a veja dormir? Não faço mal nenhum estando aqui, enquanto tem os olhos fechados. Já vou embora. Pronto, pode abrir os olhos, não me verá.

Mais doloroso do que as palavras propriamente, era o tom com que foram pronunciadas. Comovida, a egípcia abriu os olhos. De fato, Quasímodo não estava mais à vista. Ela foi até a lucarna e viu o pobre corcunda encolhido junto à parede, numa atitude lastimosa e resignada. Fez um esforço para superar a repugnância:

— Pode vir — disse a egípcia com brandura.

Vendo o movimento dos lábios, o sineiro achou estar sendo expulso. Ergueu-se então e se afastou devagar, capengando de cabeça baixa, sem nem se atrever a deixar que se visse seu olhar carregado de desespero.

— Volte! — ela gritou, mas o infeliz continuou seu caminho.

Ela se lançou fora do cubículo e correu até ele, segurando-lhe o braço. Ao sentir o contato, Quasímodo tremeu da cabeça aos pés. Ergueu o olho suplicante e, vendo que não era afastado, todo seu rosto brilhou de alegria e ternura. A jovem puxou-o de volta à cela, mas ele fincou o pé, sem entrar:

— Não, não — explicou. — O mocho não entra no ninho da cotovia.

A cigana então sentou-se com graça sobre o colchão, ao lado da cabra, que ainda dormia. Permaneceram ambos alguns instantes parados, admirando em silêncio, ele tanta graça e ela tanta feiura. A cada instante, a jovem descobria

em Quasímodo uma deformidade nova. Seu olhar percorria dos joelhos tortos às costas encalombadas, das costas encalombadas ao olho único. Não conseguia entender como podia existir um ser tão desastrosamente constituído. Mas sobrepunham-se nele tanta tristeza e doçura, que ela começava a se acostumar.

Foi ele o primeiro a romper o silêncio:

— Então o que dizia era que eu voltasse?

Ela confirmou, com um gesto da cabeça:

— Foi.

Ele entendeu.

— Que pena... — explicou, hesitante. — Sou surdo.

— Pobre homem! — exclamou a boêmia, com uma expressão de afetuosa piedade.

Quasímodo sorriu dolorosamente.

— Só faltava isso, não é? Mas sou surdo. Faz parte de mim. Horrível, não acha? E você, tão bonita!

Havia, no tom do miserável, tal consciência da própria miséria que ela não teve coragem de acrescentar uma palavra. Quasímodo, aliás, não teria ouvido.

— Nunca me dei conta, como agora, da minha feiura. Quando me comparo a você, tenho realmente pena de mim, pobre infeliz monstro que sou! Devo lhe parecer um bicho. Enquanto você é um raio de sol, uma gota de orvalho, um canto de passarinho, sou uma coisa horrível, nem homem nem animal, um não-sei-o-quê mais duro, mais chutado e mais disforme do que uma pedra!

E começou a rir, o riso mais aflito que se pode conceber no mundo. Mas continuou:

— Pois é, sou surdo. No entanto, pode vir a me dizer coisas por gestos, por sinais. Tenho um amo que assim conversa comigo. Além disso, logo saberei o que quer pelo movimento dos seus lábios, pelo olhar.

— Então, diga por que me salvou — falou ela, com um sorriso.

Enquanto ela falava, ele observava atentamente.

— Entendi — respondeu. — Pergunta por que a salvei. Esqueceu-se de um miserável que tentou raptá-la uma noite, um miserável a quem, no dia seguinte, você socorreu, no infame pelourinho. Uma gota d'água e alguma

piedade é algo pelo que eu pagaria com a vida. Esqueceu-se desse miserável, mas ele não.

Ela o ouvia com profunda ternura. Uma lágrima brilhou no olho do sineiro, mas sem escorrer. Pareceu ser ponto de honra, para ele, engoli-la.

— Ouça — continuou, ao se sentir seguro de que a lágrima não escaparia —, temos duas torres altas o suficiente e alguém que caia lá de cima morre antes de chegar ao chão; se quiser que eu me jogue, não precisa nem dizer, um simples olhar basta.

Dito isso, se levantou. Aquele ser estranho, por mais infeliz que se sentisse a boêmia, despertava compaixão. Fez sinal para que ficasse.

— Não — disse ele. — Não posso ficar muito tempo. Não me sinto bem quando me olha. Só por piedade não desvia o rosto. Vou a um lugar de onde posso vê-la sem que me veja. É melhor.

Tirou do bolso um pequeno apito de metal.

— Fique com isso — disse. — Quando precisar de mim, quando quiser que eu venha, quando não sentir horror demais com a minha presença, apite. É um som que posso ouvir.

Deixou o apito no chão e saiu.

4. Arenito e cristal

Passaram-se os dias.

A calma pouco a pouco voltou à alma de Esmeralda. A dor excessiva, como a alegria excessiva, é algo violento, que dura pouco. O coração humano não permanece por muito tempo nos extremos. A boêmia tanto havia sofrido que só lhe restava o assombro.

Sentindo-se segura, voltou-lhe também a esperança. Estava apartada da sociedade, da vida, mas vagamente sentia não ser impossível retornar. Era como uma morta que guardasse a chave do próprio túmulo.

Sentia se afastarem pouco a pouco as imagens terríveis que tanto a haviam obcecado. Todos aqueles fantasmas horrendos, como Pierrat Torterue e Jacques Charmolue, se apagavam do seu espírito. Todos, inclusive o padre.

Além disso, Phoebus estava vivo, tinha certeza, tinha-o visto. A vida de Phoebus era o mais importante. Depois da série de abalos fatais que fez tudo desabar a seu redor, a única coisa a se manter de pé em sua alma era um sentimento, o do amor que tinha pelo capitão. Isso porque o amor é como uma árvore, cresce por si só, lança profundas raízes por todo o nosso ser e muitas vezes continua a verdejar, mesmo num coração em ruínas.

E o inexplicável é que quanto mais cega a paixão, mais tenaz. É sem se apoiar em razão alguma que ela é mais firme.

Decerto algum amargor brotava em Esmeralda ao pensar no capitão. Era igualmente horrível que também ele se enganasse e acreditasse na versão impossível, imaginando uma punhalada por parte de quem mil vezes se disporia a se sacrificar por ele. De qualquer forma, não devia querer-lhe mal por isso, pois não havia ela *confessado o crime*? Não tinha cedido, como fraca mulher, diante da tortura? A culpa era toda sua. Deveria ter deixado que lhe arrancassem as unhas, sem aceitar dizer aquilo. Caso voltasse a ver Phoebus uma só vez, um único minuto, precisaria de apenas uma palavra, um olhar para certificá-lo e trazê-lo de volta. Não tinha a menor dúvida quanto a isso. Confundia-se também com relação a muitas coisas singulares, como sobre o acaso da presença de Phoebus no dia da confissão de honra e a jovem

com quem ele estava. Eram provavelmente irmãos. Explicação pouco razoável, mas suficiente, pois precisava acreditar que Phoebus a amava ainda e apenas a ela. Não havia jurado? Mais não precisava, ingênua e crédula que era. Além disso, em todo aquele caso, as aparências não se concentravam mais contra ela do que contra ele? Então, aguardaria. E esperaria.

Acrescente-se que a igreja, aquela vasta igreja que a envolvia por todos os lados, que a guardava e salvava, era um soberano calmante. As linhas solenes da arquitetura, a atitude religiosa de todos os objetos ao redor, os pensamentos piedosos e serenos que dali ressudavam, por assim dizer, por todos os poros, agiam espontaneamente. O edifício tinha, ao mesmo tempo, ruídos tão sacrossantos e majestosos que tranquilizavam aquela alma doente. O canto monótono dos ofícios, a resposta dos fiéis aos sacerdotes, às vezes inarticulada, outras vezes trovejante, o harmonioso brilho dos vitrais, o órgão explodindo como cem trompas, os três campanários zumbindo como colmeias de imensas abelhas, toda essa orquestração sobre a qual corria uma escala gigantesca, subindo e descendo sem parar, da multidão à torre, ensurdeciam-lhe a memória, a imaginação, a dor. Os sinos, sobretudo, a embalavam. Era como um poderoso magnetismo que aqueles vastos instrumentos copiosamente espalhassem por todo seu ser.

De modo que cada sol nascente a encontrava mais calma, respirando melhor, menos pálida. À medida que as feridas se fechavam, a graça e a beleza voltavam a seu rosto, mas de forma mais recolhida e tranquila. Também as antigas características retornaram, algo inclusive da antiga alegria, como o encantador trejeito da boca, o amor pela cabra, o gosto pelo canto, o pudor. Tinha o cuidado de se vestir, pela manhã, no ângulo morto do seu quarto, com medo que alguém dos sótãos vizinhos a espiasse pela lucarna.

Se a recordação de Phoebus deixasse algum tempo livre, a egípcia pensava às vezes em Quasímodo. Era o único laço, a única relação, a única comunicação que lhe restava com os seres humanos, com os seres vivos. A infeliz estava mais fora do mundo do que o corcunda! Nada entendia do estranho amigo que o acaso lhe havia concedido. Muitas vezes se censurava por não ser grata a ponto de fechar os olhos, mas, definitivamente, não conseguia se acostumar com o pobre tocador de sinos. Era feio demais.

Tinha deixado no chão o apito que lhe fora dado, mas isso não impedia

que Quasímodo aparecesse de vez em quando, nos primeiros dias. Ela fazia então o possível para não se desviar com demasiada repugnância, quando seu salvador trazia o cesto de provisões ou a bilha d'água, mas ele imediatamente percebia qualquer reação desse tipo e ia embora com tristeza.

Uma vez, veio num momento em que ela brincava com Djali. Permaneceu pensativo por alguns instantes, diante do quadro gracioso da cabra com a egípcia. Sacudindo afinal a cabeçorra pesada e malfeita, ele disse:

— A desgraça é que pareço ainda demais um homem. Gostaria de ser totalmente animal, como essa cabra.

A cigana ergueu um olhar de espanto, ao qual ele respondeu:

— Ah, sei muito bem por quê! — e se foi.

Em outra ocasião, surgiu à porta da cela (em que nunca entrava) no momento em que Esmeralda cantava uma antiga balada espanhola da qual não entendia a letra, mas que ficara na lembrança por ter sido com ela ninada pelas ciganas, quando era criança. Vendo a feia figura que bruscamente aparecia no meio da canção, a moça se interrompeu, com um gesto involuntário de horror. O infeliz sineiro caiu de joelhos à porta e juntou, suplicante, as mãos desmedidas:

— Por favor, imploro, continue, não me mande embora — disse, cheio de dor.

Trêmula, mas sem querer afligi-lo, ela continuou a canção. Gradativamente, porém, o susto se dissipou, com a jovem se entregando inteira à sensação que a melancólica melodia lhe causava. Enquanto isso, Quasímodo permanecia de joelhos, atento e de mãos juntas como se rezasse, quase sem respirar e com o olhar fixo nas pupilas brilhantes da boêmia. Podia-se achar que ouvia a canção com os olhos.

Outra vez ainda, ele apareceu sem graça e tímido:

— Ouça — disse com algum esforço —, tenho algo a dizer.

Ela fez sinal, mostrando que ouvia. O amigo suspirou, entreabriu os lábios, pareceu prestes a falar, mas apenas olhou-a, fez um movimento negativo com a cabeça e se retirou devagar, com a testa apoiada na mão, deixando a egípcia sem saber o que pensar.

Dentre os personagens grotescos esculpidos na parede, havia um de que ele gostava em particular e com o qual parecia trocar olhares fraternos. Uma vez Esmeralda o ouviu dizer à figura:

— Mas eu não sou de pedra, como você!

Em outra ocasião, enfim, a cigana foi até a beirada da plataforma e olhou a praça, por cima do telheiro agudo de Saint-Jean-le-Rond. Quasímodo estava atrás dela. Por conta própria tomava a iniciativa de assim se colocar, querendo poupá-la ao máximo do desprazer de vê-lo. De repente, ela estremeceu. Uma lágrima e um brilho de alegria brotaram ao mesmo tempo dos seus olhos. Ela se ajoelhou à beira do telhado e estendeu aflitivamente os braços na direção da praça, gritando:

— Phoebus! Estou aqui! Diga alguma coisa, pelo amor do céu! Phoebus! Phoebus!

Sua voz, o rosto, o gesto, o corpo inteiro tinha a expressão dilacerante de um naufrago que acena em desespero à feliz embarcação que passa distante, num raio de sol do horizonte.

Quasímodo se debruçou sobre a praça e viu que o objeto daquele terno e delirante chamado era um moço, um capitão, um belo cavaleiro com reluzentes armas e adereços, que passava vaidoso na outra ponta da praça e cumprimentava com o barrete de penacho uma bela senhora que sorria num balcão. De qualquer forma, o oficial não ouvia a infeliz que chamava. Estava muito longe.

Mas o pobre surdo, sim. Um suspiro profundo se ergueu em seu peito. Ele se virou. O coração transbordava de tantas lágrimas engolidas. Os dois punhos convulsivos foram à cabeça e, ao descerem, havia em cada mão um punhado de cabelos ruivos.

A egípcia sequer o olhara e ele então reclamou baixinho, rangendo os dentes:

— Miséria! É só o que conta, ser bonito por fora!

Ela, no entanto, continuava de joelhos e gritava, extremamente agitada:

— Está descendo do cavalo! Vai entrar naquela casa! Phoebus! Não me ouve! Phoebus! Por causa daquela mulher horrível, que fala ao mesmo tempo que eu! Phoebus! Phoebus!

O surdo olhava. Compreendia toda aquela mímica. Seu olho se encheu de lágrimas, sem que nenhuma escorresse. De repente, puxou-a com delicadeza pela ponta da manga. Ela se virou. O pobre sineiro já recuperara o ar tranquilo e disse:

— Quer que eu vá chamá-lo?

Ela soltou um grito de alegria.

— Sim, por favor! Rápido! Aquele capitão, traga-o aqui. Gosto muito de você! — e beijou os joelhos dele, que não pôde deixar de balançar a cabeça dolorosamente.

— Vou trazê-lo — disse com uma voz fraca.

Virou-se e correu quase aos saltos pela escada, abafando o pranto.

Chegando à praça, viu apenas o belo cavalo preso à porta da residência Gondelaurier. O capitão acabava de entrar.

Ergueu então o olhar para o alto da igreja. Esmeralda estava ainda no mesmo lugar, na mesma posição. Ele fez um sinal com a cabeça, cheio de tristeza. Encostou-se a uma das pedras de demarcação da entrada dos Gondelaurier, decidido a esperar que o capitão saísse.

Lá dentro, era um desses dias de comemoração que antecedem as núpcias. Quasímodo viu muita gente entrar e ninguém sair. De vez em quando olhava para o alto das torres. A egípcia se movia tão pouco quanto ele. Um cavaliço veio desatar o cavalo, levando-o para a cocheira da residência.

O dia inteiro se passou assim, com Quasímodo na pedra, Esmeralda no telhado e Phoebus, provavelmente, aos pés de Fleur-de-Lys.

Finalmente veio a noite. Uma noite sem lua, noite escura. Por mais que Quasímodo fixasse o olhar na direção de Esmeralda, logo pôde distinguir apenas uma mancha branca no crepúsculo e, pouco depois, mais nada. Tudo se apagou, tudo estava escuro.

Quasímodo viu se iluminar, de cima para baixo, a fachada de janelas da residência Gondelaurier. Viu sucessivamente se acenderem as demais casas da praça. Viu também mais tarde se apagarem, até a última. Pois passou todo esse tempo a seu posto. O capitão não saía. Quando os últimos passantes se foram da praça, quando todas as salas das demais casas se apagaram, Quasímodo ficou totalmente só, totalmente no escuro. Não havia ainda lampiões no adro de Notre Dame.

Mas as janelas da residência Gondelaurier continuavam iluminadas, mesmo depois de meia-noite. Imóvel e atento, Quasímodo via passar pelos vitrais de mil coloridos uma multidão de sombras vivas e dançantes. Não fosse surdo, à medida que o rumor de Paris adormecida diminuía, teria ouvido, cada vez mais distintamente, o barulho de festa, de risos e de música, no interior da residência.

Por volta de uma hora da manhã, os convidados começaram a ir embora. Envolto em trevas, Quasímodo os olhava sob o alpendre iluminado por tochas. Nenhum deles era o capitão.

Estava tomado por pensamentos tristes. Às vezes, olhava para o alto, como quem se entedia. Nuvens grandes e escuras, pesadas, dilaceradas e arrebatadas se dependuravam como redes de dormir, enganchadas nas estrelas da noite. Eram como teias de aranha na abóbada celeste.

Num desses momentos, viu se abrir misteriosamente a porta do balcão, cuja balaustrada de pedra se recortava acima da sua cabeça. A frágil porta de vidro deixou que passassem duas pessoas, fechando-se em seguida sem fazer barulho. Um homem e uma mulher. Com certa dificuldade, Quasímodo conseguiu reconhecer o homem, que era o belo capitão, e a mulher, a jovem que, naquela manhã, do alto da mesma varanda, ele havia visto dar as boas-vindas ao oficial. A praça estava perfeitamente às escuras e uma cortina vermelha com forro fora puxada por trás da porta, no momento em que ela se fechou, sem deixar passar à varanda claridade nenhuma da sala.

O rapaz e a moça, pelo que podia deduzir nosso surdo que nada ouvia do que diziam, pareciam entregues a um caloroso tête-à-tête. A jovem visivelmente tinha permitido que o oficial a abraçasse pela cintura e resistia frouxamente a um beijo.

Quasímodo assistia de baixo à cena, ainda mais graciosa de ser vista por não imaginarem que estivesse sendo vista. Contemplava tanta felicidade e beleza com amargor. Afinal de contas, a natureza não era muda no pobre coitado e sua coluna vertebral, por mais horivelmente torta que fosse, não se agitava menos do que qualquer outra. Pensou na miserável cota que a providência dispusera para ele e que a mulher, o amor e a volúpia eternamente passariam sob o seu nariz, sem que ele próprio algum dia pudesse ser mais do que mero espectador da felicidade alheia. Mas o que mais o dilacerava no espetáculo, trazendo indignação à tristeza, era pensar o quanto sofreria a egípcia, se visse aquilo. É verdade que a noite era das mais escuras e Esmeralda, caso houvesse permanecido no mesmo lugar (não tinha dúvida quanto a isso), estava longe demais. Ele próprio mal conseguia distinguir os enamorados na varanda. Isso o consolava.

Mas a conversa apaixonada se tornava cada vez mais animada. A jovem parecia suplicar que o oficial nada mais lhe pedisse. Quasímodo, de tudo isso,

distinguia apenas as belas mãos juntas, os sorrisos molhados de lágrimas, os olhares da jovem indo às estrelas e os do capitão ardentemente fixos nela.

Felizmente, pois a moça começava a resistir muito debilmente, a porta da varanda foi aberta, uma velha senhora apareceu, a jovem ficou toda confusa, o oficial acabrunhado, e os três entraram.

Pouco depois, um cavalo pateava sob o alpendre e o brilhante oficial, abrigado numa capa noturna, passou rapidamente à frente de Quasímodo.

O sineiro deixou que ele chegasse à esquina e correu atrás, com a agilidade de um macaco, gritando:

— Ei, capitão!

O capitão parou.

— O que quer comigo esse vadio? — perguntou-se, percebendo na sombra a espécie de figura capenga que corria aos saltos na sua direção.

Mas Quasímodo já estava bem ao seu lado e afoitamente segurou as rédeas do cavalo.

— Venha comigo, capitão, alguém quer lhe falar.

— Chifres de Maomé! — exclamou Phoebus. — Um pássaro bem desgrenhado, que tenho a impressão de já ter visto em algum lugar! Ei, você! Faça o favor de largar as rédeas do meu cavalo!

— Capitão — respondeu o surdo. — Não vai perguntar quem?

— Estou dizendo que solte meu cavalo — insistiu Phoebus, já impaciente. — O que está querendo, imbecil, agarrado ao freio do cavalo? Confunde o meu corcel com a força?

Em vez de soltar a rédea do animal, Quasímodo queria fazê-lo voltar atrás. Sem entender a hesitação do capitão, achou melhor dizer:

— Venha, capitão, é uma mulher que o espera. — E acrescentou, fazendo enorme esforço: — Uma mulher que o ama.

— Patife! — exclamou o capitão. — Acha que sou obrigado a ir ver toda fêmea que diz me amar? E se for parecida com você, cara de coruja? Diga a quem o enviou que vou me casar, e que ela pode ir aos diabos!

— Ouça — continuou Quasímodo, achando com isso acabar com tanta demora. — Venha, capitão! É a egípcia, o senhor sabe qual!

A explicação, de fato, causou grande efeito em Phoebus, mas não o que o surdo esperava. Lembremos que nosso galante oficial tinha se retirado com

Fleur-de-Lys momentos antes de Quasímodo salvar a condenada das mãos de Charmolue. Desde então, sempre que visitara a residência Gondelaurier, evitava falar daquela mulher cuja lembrança, afinal, era desagradável. Fleur-de-Lys, por sua vez, achara não ser boa política contar que a egípcia estava viva. Phoebus acreditava, então, que a pobre Similar tinha morrido, há um ou dois meses. Acrescente-se que, naqueles últimos minutos, o capitão se dera conta da escuridão profunda da noite, da feiura sobrenatural e voz sepulcral do estranho mensageiro. Já era mais de meia-noite e, aliás, a rua estava deserta como quando o monge-papão o havia abordado. Além disso, seu cavalo parecia se assustar com Quasímodo.

— A egípcia? — disse ele, quase apavorado. — Vem, então, do outro mundo?

E colocou a mão no cabo da adaga.

— Rápido, rápido — disse o surdo, tentando puxar o cavalo. — Por aqui!

Phoebus deu-lhe um violento chute com a bota, em pleno peito.

O olho de Quasímodo faiscou. Esboçou um movimento para se jogar sobre o capitão. Em vez disso, se endireitou:

— Feliz que é por ter alguém que o ama! — Frisou bem a palavra *alguém* e, soltando a rédea do cavalo: — Vá embora!

Phoebus saiu em disparada, praguejando. Quasímodo olhou-o desaparecer na bruma da rua.

— Como pode — perguntava-se baixinho o pobre surdo — recusar tudo isso?

Voltou a Notre Dame. Pegou sua lâmpada e subiu à torre. Como havia imaginado, a boêmia continuava no mesmo lugar.

Assim que o percebeu, ela se aproximou correndo.

— Veio sozinho! — exclamou cheia de sofrimento, juntando as belas mãos.

— Não o encontrei — explicou Quasímodo com frieza.

— Devia esperar a noite inteira!

Pelos gestos, ficava clara a censura.

— Da próxima vez, vigiarei melhor — disse, baixando a cabeça.

— Vá embora!

Ele se foi. Havia decepcionado-a. Mas era melhor ser maltratado do que

ter causado aquela aflição. A dor seria sua, somente.

A partir daquele dia, a egípcia não o viu mais, pois o sineiro não voltou à sua cela. No máximo entrevia, às vezes, no alto da torre, seu vulto a olhar melancolicamente na sua direção. Mas assim que o percebia, ele desaparecia.

Diga-se que ela pouco se afligiu com a ausência voluntária do pobre corcunda. No fundo do coração, preferia assim. E Quasímodo, na verdade, não tinha muitas ilusões quanto a isso.

Não o via mais, porém sentia a presença de um gênio benigno nas proximidades. Enquanto dormia, suas provisões eram renovadas por uma mão invisível. Certa manhã, encontrou na janela uma gaiola de passarinho. Havia, logo acima da cela, uma escultura que Quasímodo tinha percebido que lhe causava medo. Um dia, ao acordar (todas essas coisas se passavam sempre à noite), não a viu mais. Fora arrancada, com risco de vida para quem se atrevera a ir até lá.

Às vezes, na hora de dormir, podia ouvir uma voz oculta pelos contraventos do campanário cantar como se a quisesse ninar, uma canção triste e estranha. Eram versos sem rima, como pode um surdo compor.

*Ne regarde pas la figure,
Jeune fille, regarde le cœur.
Le cœur d'un beau jeune homme est souvent difforme.
Il y a des cœurs où l'amour ne se conserve pas.*

*Jeune fille, le sapin n'est pas beau,
N'est pas beau comme le peuplier,
Mais il garde son feuillage l'hiver.*

*Hélas! à quoi bon dire cela?
Ce qui n'est pas beau a tort d'être;
La beauté n'aime que la beauté,
Avril tourne le dos à janvier.*

*La beauté est parfaite,
La beauté peut tout,
La beauté est la seule chose qui n'existe pas à demi.*

*Le corbeau ne vole que le jour,
Le hibou ne vole que la nuit,
Le cygne vole la nuit et le jour.*¹¹²

Certa manhã, ao acordar, havia na janela dois vasos com flores. Um era de cristal, muito bonito e brilhante, mas com uma rachadura. Deixara escapar a água com que tinha sido enchido, e suas flores murcharam. O outro era um vaso grosseiro e comum de arenito, mas que conservara a água, tendo suas flores continuado viçosas e coloridas.

Não sei se intencionalmente, Esmeralda pegou o buquê murcho e, o dia inteiro, carregou-o no peito.

Não ouviu, naquele dia, a voz da torre cantar.

Mas isso pouco a preocupou. Passava os dias a fazer carinhos em Djali, a espiar a porta da residência Gondelaurier, a falar baixinho o nome de Phoebus e a preparar migalhas, com o pão, para as andorinhas.

Aliás, deixou completamente de ver e ouvir Quasímodo. O pobre sineiro parecia ter desaparecido da igreja. Certa noite, entretanto, sem dormir e pensando no belo capitão, ela ouviu alguém suspirar, perto da sua cela. Assustada, levantou-se e viu, à luz do luar, uma massa informe deitada de través diante da sua porta. Era Quasímodo que dormia em cima da pedra.

112. Literalmente: “Não olhe a imagem,/ Moça, veja o coração./ O coração de uma bela pessoa é muitas vezes disforme./ Há corações em que o amor não se conserva.// Moça, o abeto não é bonito,/ Não é bonito como o salgueiro,/ Mas guarda sua folhagem no inverno.// Pena! Para que dizer tudo isso?/ O que não é belo erra em querer ser;/ A beleza só aprecia a beleza,/ Abril vira as costas a janeiro.// A beleza é perfeita,/ A beleza tudo pode/ A beleza é a única coisa a não existir pela metade.// O corvo só voa à noite,/ O mocho só voa à noite,/ O cisne pode voar de noite e de dia.”

5. A chave da porta Vermelha

Os comentários em volta, no entanto, fizeram chegar aos ouvidos do arquidiácono a notícia da miraculosa salvação da egípcia. Ao tomar conhecimento, não soube dizer exatamente o que sentia. Já havia assimilado a morte de Esmeralda. Sentia-se tranquilo. Chegara ao fundo da dor possível. O coração humano (dom Claude tinha meditado sobre a matéria) não pode conter senão certa quantidade de desespero. Quando a esponja está encharcada, pode o mar passar por cima sem que uma lágrima a mais entre.

Com Esmeralda morta, a esponja se encontrava saturada, e tudo aqui na terra estava resolvido para dom Claude. Mas sabê-la viva — e a Phoebus também — significava a retomada das torturas, dos abalos, das alternativas, da vida. E Claude estava cansado de tudo isso.

Ao ser informado, trancou-se na cela do claustro. Não compareceu às conferências capitulares nem aos ofícios. Fechou a porta para todos, inclusive ao bispo. Permaneceu assim isolado por várias semanas. Acharam que estava doente. De fato, estava.

O que fazia, trancafiado? Com quais pensamentos se debatia o infortunado? Travava uma derradeira luta contra a temível paixão? Engendrava um derradeiro plano de morte para a cigana e de perdição para si mesmo?

Jehan, o irmão querido, a criança mimada, veio uma vez bater à porta. Insistiu, praguejou, implorou, disse dez vezes ser ele. Claude não abriu.

Passava dias e mais dias com o rosto colado no vidro da janela. Dessa janela do claustro, podia ver o cubículo de Esmeralda. Frequentemente a via, com a cabra e, às vezes, Quasímodo. Notou os cuidados que tinha com ela o miserável surdo, como a obedecia, com maneiras delicadas e submissas. Lembrou-se, pois tinha boa memória — e a memória é um suplício para os ciumentos —, lembrou-se do singular olhar do sineiro para a dançarina, certo fim de tarde. Perguntava-se o que tinha levado Quasímodo a salvá-la. Assistiu a mil pequenas cenas entre a boêmia e o surdo, cuja mímica, vista de longe e comentada pela própria paixão, parecia excessivamente afetuosa.



Dessa janela do claustro, podia ver o cubículo de Esmeralda.

Desconfiava da singularidade das mulheres. Confusamente, sentiu despertar um ciúme para o qual não tinha se preparado, um ciúme que o fazia enrubescer de vergonha e indignação.

— Entende-se ainda com relação ao oficial, mas isso...

Tal pensamento o transtornava.

As noites eram horríveis. Desde que soubera que a cigana estava viva, as frias ideias de espectros e tumbas que o haviam obcecado por um dia inteiro esmoreceram e a carne voltou a se impor. Contorcia-se na cama, sabendo que a jovem morena estava tão perto dali.

A cada noite, a imaginação delirante fornecia imagens de Esmeralda em todas as situações que mais haviam feito ferver as suas veias. Via-a estendida

por cima do capitão apunhalado, de olhos fechados e a bela garganta nua suja com o sangue dele. Fora de delícia o momento em que o arquidiácono deitara nos seus lábios pálidos aquele beijo que a infeliz, apesar de quase morta, sentiu queimar. Revia-a nas mãos selvagens dos torturadores, que despiam e prendiam, no borzeguim com engrenagens de ferro, o pezinho, a perna fina e roliça, o joelho flexível e branco. Voltava a rever aquele joelho de marfim, pouco acima da infame aparelhagem de Torterue. Imaginava, enfim, a jovem de túnica, com a corda no pescoço, ombros nus, pés nus, quase nua, como a tinha visto no último dia. Tais imagens de volúpia faziam seus punhos se crisparem, e um arrepio lhe percorria as vértebras.

Certa noite, porém, essas imagens queimaram tão cruelmente nas artérias aquele sangue de padre virgem que ele mordeu o travesseiro, saltou da cama, jogou a sobrepeliz por cima da camisola e deixou a cela, de lamparina na mão, seminu, alucinado, com os olhos em chamas.

Sabia onde encontrar a chave da porta Vermelha, que fazia a comunicação entre o claustro e a igreja, e tinha sempre com ele, como sabemos, uma chave da escada das torres.

6. Continuação de “A chave da porta Vermelha”

Naquela noite, Esmeralda havia adormecido em seu cubículo inundada de esquecimento, esperança e doces pensamentos. Dormia há algum tempo, sonhando com Phoebus, como sempre, quando teve a impressão de ouvir um ruído próximo. Seu sono era leve e inquieto como o de um passarinho. Qualquer coisa a despertava. Abriu os olhos: noite escura. Mesmo assim, viu pela lucarna uma figura que a olhava. Uma lamparina a iluminava. No momento em que a aparição percebeu ter sido vista, a lamparina foi apagada. Mas a jovem teve tempo de reconhecer. Suas pálpebras voltaram a se fechar, com terror.

— Ah, o padre! — ela exclamou, quase sem voz.

Todas as suas misérias passadas voltaram num relâmpago. Desabou na cama, gelada.

Logo em seguida, sentiu ao longo do corpo um contato que a fez estremecer de tal forma que ela se endireitou bem desperta, cobrindo-se.

O padre acabava de se deitar a seu lado e a abraçava.

Quis gritar, não conseguiu.

— Saia daqui, monstro! Saia, assassino! — disse com voz trêmula e baixa, de tanta raiva e horror.

— Por favor, por favor! — murmurou o padre, encostando os lábios nos seus ombros.

Ela segurou a cabeça calva, agarrando o que restava de cabelo com as duas mãos, tentando afastar aqueles beijos como se fossem picadas venenosas.

— Por favor! — repetia o infortunado. — Se soubesse o quanto a amo! É um fogo imenso, como chumbo derretido no coração!

Ele imobilizou os dois braços da cigana, com força sobre-humana.

Enlouquecida, ela ameaçou:

— Solte-me, ou cuspo no seu rosto!

Ele soltou-a.

— Pode me insultar, agredir, ser cruel! Faça o que quiser, mas, por favor, me ame!

Ela bateu nele, com o furor de uma criança. Estendeu as belas mãos para atingir o rosto do padre.

— Saia daqui, demônio!

— Me ame! Me ame! Tenha pena! — gritava o pobre louco, se jogando em cima dela e respondendo com beijos aos tapas.

Ele era o mais forte.

— Vai ser preciso! — disse o arqui-diácono, rangendo os dentes.

Subjugada, palpitante, prostrada, estava nos braços dele, à sua mercê. Sentia a mão lasciva passar por seu corpo. Num último esforço, conseguiu gritar:

— Socorro! Ajudem! Um vampiro! Um vampiro!

Nada acontecia. Apenas Djali tinha acordado e balia aflita.

— Cale a boca! — dizia o padre resfolegante.

Debatendo-se, arrastando-se no chão, a mão da egípcia de repente encontrou algo frio e metálico: o apito de Quasímodo. Pegou-o numa convulsão de esperança, levou-o à boca e soprou com toda a força que lhe restava. O apito emitiu um som claro, agudo, penetrante.

— O que é isso? — perguntou o padre.

Quase no mesmo instante, ele sentiu estar sendo erguido por um braço vigoroso. A cela era escura, não era possível distinguir claramente quem o segurava daquela maneira, mas ouviu dentes que batiam de raiva e a claridade difusa naquela escuridão bastou para que visse brilhar, acima da sua cabeça, uma larga lâmina de facão.

O padre acreditou reconhecer a forma de Quasímodo. Julgou que só poderia ser ele. Lembrou-se de ter tropeçado, ao entrar, num pacote deixado diante da porta, do lado de fora. Mesmo assim, como o estranho nada dizia, não se sentia tão seguro. Investiu contra o braço que segurava o facão e gritou:

— Quasímodo!

Esquecia-se, naquele momento, da surdez de Quasímodo.

Num piscar de olhos, o padre foi derrubado e sentiu uma perna de chumbo pesar em seu peito. Pela forma angulosa do joelho, viu ser, de fato,

Quasímodo. Mas fazer o quê? Como ser também reconhecido? A escuridão tornava o surdo também cego.

Era o fim. A cigana, sem piedade como uma tigresa irritada, nada fazia para ajudar. Era um momento crítico. De repente, o adversário pareceu hesitar.

— Não quero sangue nela! — disse, com uma voz gutural.

Era mesmo a voz de Quasímodo.

O padre sentiu a pesada mão arrastá-lo por um pé para fora da cela. Para o lugar onde morreria. Sua sorte foi que a lua acabava de despontar no céu.

Ao ultrapassarem a porta do cubículo, seu pálido raio clareou o vulto do padre. Quasímodo olhou-o de frente, foi tomado por um tremor, soltou-o e recuou.

A egípcia, que também se adiantara até a porta, com surpresa viu os papéis bruscamente se inverterem. Era agora o padre que ameaçava e Quasímodo suplicava.

Dom Claude, torturando o surdo com gestos de raiva e censura, fez violentos sinais para que se retirasse.

O surdo baixou a cabeça e se pôs de joelhos diante da porta da egípcia.

— Meu amo — disse com voz grave e resignada. — Faça em seguida o que bem entender; antes, porém, me mate.

Dizendo isso, estendeu o facão ao padre. Fora de si, este último se precipitou para pegá-lo, mas a jovem foi mais rápida. Arrancou a arma das mãos de Quasímodo e desafiou com fúria:

— Atreva-se! — disse ao padre.

Mantinha a lâmina alta. O homem ficou indeciso. Ela com certeza se defenderia.

— Perdeu a coragem, covarde!

Em seguida, com expressão raivosa e sabendo perfeitamente que aplicava mil ferros em brasa no coração do padre, acrescentou:

— E sei que Phoebus não morreu!

O arqui-diácono derrubou Quasímodo com um chute e se lançou, espumando de raiva, escada abaixo.

O corcunda pegou o apito que acabava de salvar a egípcia.

— Ele está enferrujado — disse, devolvendo-o.

E deixou-a.

Transtornada com toda aquela violência, a jovem se jogou exausta na cama e começou a chorar, soluçando. Suas perspectivas voltavam a ser sinistras.

O religioso, por sua vez, foi se refugiar no escuro da sua cela.

Não havia dúvida, dom Claude tinha ciúme de Quasímodo! E repetiu, pesando bem, as palavras fatais:

— Ninguém a terá!

LIVRO DEZ

1. Gringoire tem uma série de boas ideias, andando pela rua des Bernardins

Tendo percebido que o andamento de todo aquele caso irremediavelmente levaria à corda, à força e a outros contratempos os personagens principais daquela comédia, Pierre Gringoire procurou não mais se envolver. Os bandidos, entre os quais preferira continuar — achou que, afinal, formavam a melhor vizinhança de Paris, por mais bandidos que fossem —, se interessavam ainda pela egípcia. O poeta considerou normal essa atitude, pois eram pessoas que, como ela própria, tinham apenas Charmolue e Torterue como perspectiva, e não cavalgavam, como ele, nas asas de Pégaso. Pelos companheiros, soubera que sua esposa da moringa quebrada se asilara em Notre Dame e isso o tranquilizava. Mas sequer ficara tentado a ir vê-la. Às vezes pensava na cabritinha, mas não mais do que isso. Além do quê, durante o dia ele fazia exhibições de força para seu sustento e, à noite, lucubrava um texto contra o bispo de Paris, recordando-se, com rancor, de ter sido encharcado pelas rodas dos seus moinhos. Dedicava-se também ao comentário da bela obra de Baudry le Rouge, bispo de Noyon e de Tournay, *De cupa Petrarum*,¹¹³ que lhe havia aberto um violento gosto pela arquitetura, inclinação que substituiu, no seu coração, a paixão pelo hermetismo, sendo uma, aliás, corolário natural da outra, pois há uma ligação íntima entre o hermetismo e a alvenaria. Gringoire havia passado do amor por uma ideia ao amor pela forma dessa mesma ideia.

Um dia, ele parou perto de Saint-Germain-l'Auxerrois, à esquina de um prédio conhecido como *For-l'Évêque*, que ficava de frente a outro, conhecido como *For-le-Roi*.¹¹⁴ Havia, no primeiro, uma graciosa capela do século XIV, cujo altar dava para a rua. Gringoire devotamente examinava suas esculturas externas. Tratava-se de um desses momentos de prazer egoísta, exclusivo e supremo, em que o artista só vê, em todo o mundo, a arte, e vê na arte o mundo inteiro. De repente, sentiu uma mão gravemente descer sobre o seu ombro. Virou-se. Era o antigo amigo e antigo mestre, o sr. arqui-diácono.

Ficou estupefato. Há muito tempo não via dom Claude e o arqui-diácono

era uma dessas pessoas solenes e intensas, cujo encontro sempre perturba o equilíbrio de um filósofo cético.

O religioso se manteve em silêncio por certo tempo, durante o qual Gringoire pôde, à vontade, observá-lo. Achou-o bem mudado, pálido como uma manhã de inverno, olhos cavos, cabelos quase brancos. Dom Claude foi o primeiro a finalmente romper o silêncio, dizendo com um tom tranquilo, mas glacial:

— Como tem passado, mestre Pierre?

— De saúde? — respondeu Gringoire. — Ora, ora! Pode-se dizer isso ou aquilo, mas, de modo geral, o conjunto vai bem. Sabe, mestre? Nada faço em exagero. O segredo para se estar bem, segundo Hipócrates, *id est: cibi, potus, somni, Venus, omnia moderata sint*.

— Não tem, então, preocupação alguma, mestre Pierre? — insistiu o arquidiácono, olhando fixamente Gringoire.

— Por Deus, acho que não.

— E o que faz agora?

— Como pode ver, mestre, examino o talhe dessas pedras e a maneira como foi incrustado o baixo-relevo.

O padre sorriu, um tipo de sorriso amargo que move apenas uma das extremidades da boca.

— E isso o satisfaz?

— É o paraíso! — exclamou Gringoire que, debruçando-se sobre as esculturas, com a expressão deslumbrada de um demonstrador de fenômenos vivos, acrescentou: — Não acha, por exemplo, que essa metamorfose de baixo-relevo foi executada com muita habilidade, delicadeza e paciência? Olhe só essa coluneta. Em torno de qual capitel já se viram folhas mais tenras e mais acarinhadas pelo cinzel? Veja essa três relevos de Jean Maillevin. Não chegam a ser as melhores obras desse grande gênio; mesmo assim, a ingenuidade, a suavidade dos rostos, a alegria das atitudes e dos drapeados, assim como o adorno inexplicável que se inclui nos defeitos, tornam as pequenas figuras alegres e delicadas, quem sabe até demais. Não acha formidável?

— Com certeza! — disse o padre.

— Principalmente se vir o interior da capela! — retomou o poeta, num falatório entusiasmado. — Esculturas por todo lugar. Como o miolo de um

repolho, de tão denso! A abside tem uma maneira devota e particular, como nunca vi igual em outro lugar!

Dom Claude o interrompeu:

— Sente-se, então, feliz?

Gringoire respondeu com entusiasmo:

— Por Deus, sinto-me! Comecei amando mulheres, depois bichos. Agora amo pedras. É tão satisfatório quanto os bichos e as mulheres, e menos pérfido.

O padre levou a mão à testa. Era o seu gesto habitual:

— De fato!

— Venha ver! — disse Gringoire. — É algo que proporciona muito prazer!

Tomou o braço do padre que se dispunha a ir embora e o fez entrar na torrezinha da escada de For-l'Évêque.

— Isso sim é uma escada! Cada vez que a vejo, fico feliz. Tem os degraus mais simples e mais raros de Paris. Todos são obliquamente talhados por baixo. A beleza e a simplicidade estão nessas pontas, de cerca de mais ou menos um pé, entrelaçadas, incrustadas, encaixadas, encadeadas, engastadas, entrecortadas uma na outra, se entredevorando de maneira realmente clara e bonita!

— E não deseja mais nada?

— Nada.

— Nada lamenta?

— Nem lamento nem desejo. Dei um jeito na vida.

— O que os homens ajeitam — disse Claude — as coisas desajeitam.

— Sou um filósofo pirrônico — respondeu Gringoire — e mantenho tudo em equilíbrio.

— E como ganha a vida?

— Faço ainda, aqui e ali, epopeias e tragédias; mas o que melhor me sustenta é a indústria de que foi testemunho, meu mestre. Erguer pirâmides de cadeiras com os dentes.

— A profissão é bem grosseira, para um filósofo.

— Baseia-se ainda no equilíbrio — disse Gringoire. — Quando temos um pensamento, o encontramos em tudo.

— Bem sei — respondeu o arqui-diácono.

Após um silêncio, o padre retomou:

— Mas continua ainda miserável?

— Miserável sim; infeliz não.

Nesse momento, ouviu-se um barulho de cavalos e nossos dois interlocutores viram desfilar, na ponta da rua, uma companhia de arqueiros da ordenança do rei, de lanças em riste e seu oficial à frente. A brilhante cavalgada ressoava na pavimentação.

— Como olha para aquele oficial! — disse Gringoire ao arqui-diácono.

— Acho que o conheço.

— Como se chama?

— Creio que Phoebus de Châteaupers — disse Claude.

— Phoebus! Curioso, como nome! Há também um Phoebus, conde de Foix. Lembro-me de uma jovem para quem era um nome santificado.

— Venha comigo — disse o padre. — Tenho algo a lhe dizer.

Desde a passagem da tropa, certa agitação se revelava sob a aparência glacial do arqui-diácono. Ele começou a andar. Gringoire o seguia, acostumado a obedecê-lo, como todos que alguma vez tivessem se aproximado daquela forte personalidade. Chegaram em silêncio à rua dos Bernardins, que estava bastante deserta. Dom Claude parou.

— O que tem a me dizer, mestre? — perguntou Gringoire.

— Não acha — foi a vez do arqui-diácono perguntar, parecendo em profunda reflexão — que os trajes daqueles cavaleiros que acabamos de ver são mais bonitos do que o seu e o meu?

Gringoire balançou a cabeça.

— Por Deus! Prefiro minha túnica amarela e vermelha a essas escamas de ferro e aço. Grande prazer, esse de fazer tanto barulho andando quanto faria o cais das Ferragens durante um terremoto!

— Quer dizer, Gringoire, que nunca sentiu inveja desses belos rapazes com gibões de guerra?

— Inveja de quê, sr. arqui-diácono? Da força, da armadura, da disciplina? Mais valem a filosofia e a independência esfarrapada. Melhor ser cabeça de mosca do que rabo de leão.

— Acho bem singular — disse o padre, pensativo. — Um belo uniforme,

no entanto, impressiona.

Vendo-o divagar, Gringoire deixou-o para admirar o pórtico de uma casa ali perto. Voltou batendo palmas.

— Se deixar um pouco de lado os belos trajes dessa gente da guerra, sr. arquidiácono, pediria que visse essa porta. Eu sempre disse, a casa do sr. Aubry tem a entrada mais admirável do mundo.

— Pierre Gringoire — disse o arquidiácono. — O que fez daquela pequena dançarina egípcia?

— Esmeralda? Que mudança brusca de assunto.

— Não era sua mulher?

— Exato, graças a uma moringa quebrada. Devia durar quatro anos. Aliás — disse Gringoire, olhando para o arquidiácono com ares quase que de zombaria —, ainda se lembra disso?

— E o senhor, não se lembra?

— Pouco. Tenho tantas outras coisas... Mas como era bonita a cabritinha!

— A boêmia não lhe tinha salvado a vida?

— Isso é bem verdade.

— Muito bem! E que fim levou? O que fez dela?

— Não sei dizer. Acho que foi enforcada.

— Acha?

— Não tenho tanta certeza. Quando vi que tinham intenção de enforcar pessoas, me afastei.

— É só o que sabe?

— Espere um pouco. Disseram-me que se asilou em Notre Dame e que lá se encontra em segurança. Fiquei contente, mas não pude descobrir se a cabra também tinha sido salva. É tudo que sei.

— Pois posso lhe contar mais do que isso — gritou dom Claude, com uma voz, que até então era baixa, lenta e quase surda, bruscamente estrondante.

— Ela de fato se refugiou em Notre Dame. Mas dentro de três dias a justiça a terá de volta e vai enforcá-la na Grève. Há um decreto do Parlamento.

— É pena — disse Gringoire.

Num piscar de olhos, o padre voltara a estar frio e calmo.

— E quem, diabos — continuou o poeta —, resolveu solicitar a reintegração? Não podiam deixar o Parlamento em paz? Que diferença faz

que uma pobre moça se abrigue sob os arcobotantes de Notre Dame, ao lado dos ninhos de andorinha?

— Há satãs no mundo — respondeu o arquidiácono.

— É coisa realmente horrível — observou Gringoire.

O arquidiácono voltou à carga, após um silêncio:

— Então, ela salvou a sua vida?

— Lá na terra dos meus bons amigos bandidos. Por um triz não fui enforcado. Hoje em dia, estão contentes.

— E não quer fazer alguma coisa por ela?

— Gostaria muito, dom Claude. Mas e se, com isso, eu me meter em algum negócio que traga consequências ruins?

— Que importância tem?

— Como, que importância? Muito simpático da sua parte, mestre! Tenho duas grandes obras começadas.

O padre bateu na testa. Apesar da calma que procurava demonstrar, de vez em quando algum gesto violento revelava seus tumultos interiores.

— Como salvá-la?

Gringoire sugeriu:

— Mestre, posso responder: *Il padelt*, o que significa, em turco: *Deus é nossa esperança*.

— Como salvá-la? — repetiu Claude, num devaneio.

Gringoire, por sua vez, bateu na testa.

— Ouça, mestre. Tenho muita imaginação. Vou encontrar soluções. Se pedíssemos ao rei uma graça?

— A Luís XI? Uma graça?

— Por que não?

— É como tirar um osso da boca de um tigre!

Gringoire se pôs a procurar novas soluções.

— Pois bem! Veja! Não quer que eu encaminhe às matronas um pedido, declarando que a jovem está grávida?

A proposta fez faiscar a cava pupila do padre.

— Grávida! Estranho! Está sabendo de alguma coisa?

Gringoire se assustou com a reação do prelado e se apressou a dizer:

— Ah! Não de mim! Nosso casamento foi um verdadeiro *foris-maritagium*.¹¹⁵ Fiquei de fora. Mas ganharíamos uma prorrogação.

— Maluquice! Infâmia! Cale-se!

— Não devia se irritar — resmungou Gringoire. — Um adiamento não faria mal a ninguém e daria às matronas um ganho de quarenta deniers parisis; são mulheres pobres!

O padre não ouvia.

— Ela precisa, em todo caso, sair de lá — murmurou. — O decreto deve se executar em três dias. Mas Quasímodo continuaria por perto! As mulheres têm gostos bem depravados!

Aumentou o tom da voz:

— Mestre Pierre, pensei bem. Só tem um meio de salvação para ela.

— Qual? Pessoalmente, não vejo qual.

— Ouça, mestre Pierre, lembre-se de que lhe deve a vida. Vou contar com toda franqueza minha ideia. A igreja fica sob vigilância noite e dia. Só deixam sair quem foi visto entrar. Nada impede que o senhor venha e eu o levarei, então, até ela. Trocarão suas roupas. Sua esposa ficará com o seu gibão e o senhor com a saia dela.

— Até aí, tudo bem — observou o filósofo. — E depois?

— E depois? Depois ela sairá com as suas roupas e o senhor ficará com as dela. Pode ser que o enforcem, mas ela será salva.

Gringoire coçou uma orelha, parecendo muito sério.

— Realmente, é uma ideia que não me passaria pela cabeça sem a sua ajuda.

A inesperada proposta de dom Claude fez o semblante normalmente aberto e tranquilo do poeta bruscamente se fechar, como a sorridente paisagem da Itália quando sopra um vento indesejado, empurrando uma nuvem contra o sol.

— E então, Gringoire? O que acha do plano?

— Não acho, meu mestre, que pode ser que me enforcem, mas que indubitavelmente me enforcarão.

— Isso não importa.

— Como assim?! — espantou-se Gringoire.

— Ela salvou a sua vida. É uma dívida que estará pagando.

— Tenho muitas outras que nem por isso pago!

— Mestre Pierre, é absolutamente necessário.

O arquidiácono falava com toda segurança.

— Ouça, dom Claude — respondeu o poeta consternado. — O senhor gosta dessa ideia, mas ela não é boa. Não vejo por que aceitaria ser enforcado no lugar de outra pessoa.

— O que tem o senhor, para se sentir tão ligado à vida?

— Ah! Mil razões!

— Por favor, quais?

— Quais? O ar, o céu, a manhã, o fim de tarde, meus bons amigos bandidos, as farras com as mulheres fáceis, as belas arquiteturas de Paris a estudar, três livros volumosos a escrever, sendo um deles contra o bispo e seus moinhos; não faltam coisas. Anaxágoras dizia estar no mundo para admirar o sol. Além do mais, tenho a felicidade de passar meus dias, da manhã à noite, com alguém de gênio, que sou eu. E isso é bem agradável.

— Que bufão! — resmungou o arquidiácono. — E essa vida que você torna tão interessante, quem lhe proporcionou? A quem deve o fato de estar respirando esse ar, vendo esse céu e poder ainda distrair esse seu espírito de andorinha com risadas e loucuras? Sem ela, onde estaria? Quer deixar que morra aquela graças a quem está vivo? Que morra uma criatura bonita, doce, adorável, necessária para a luz do mundo, mais divina do que Deus! Enquanto você, meio sábio e meio idiota, esboço malfeito de não se sabe o quê, espécie de vegetal que acha ser capaz de andar e pensar, vai continuar a viver com a vida que roubou, tão inútil quanto uma vela à luz do meio-dia? Vamos, piedade, Gringoire! Seja por sua vez generoso, como ela foi.

O padre estava sendo veemente. Gringoire ouviu, primeiro com ares indeterminados, depois amoleceu e acabou esboçando um gesto trágico que fez sua pálida figura parecer a de um recém-nascido com dor de barriga.

— O senhor é patético — concluiu o padre, enxugando uma lágrima.

— Bom! Pensarei nisso. É uma ideia esquisita essa, mas, afinal — continuou ele, após um silêncio —, quem sabe? Talvez não me enforcuem. Nem sempre acontece o esperado. Quando me encontrarem naquele cubículo, tão grotescamente vestido, de saia e touca na cabeça, talvez caiam na gargalhada. Além disso, se me enforcarem, ora! A corda é uma morte como outra qualquer. Na verdade, nem mesmo. É uma morte digna para o sábio que

oscilou a vida inteira, uma morte mais ou menos, como o espírito do verdadeiro cético, uma morte impregnada de pirronismo e hesitação, a meio caminho entre o céu e a terra, que nos deixa em suspensão. Uma morte de filósofo, à qual eu talvez estivesse predestinado. É magnífico, para alguém, morrer como viveu.

O padre o interrompeu:

— Estamos combinados?

— O que, afinal, é a morte? — continuou Gringoire com exaltação. — Um mau momento, um pedágio, passagem do pouco para o nada. Perguntaram a Cercidas de Megalópoles se ele morria com prazer. “Por que não?”, ele respondeu. “Morto encontrarei grandes homens: Pitágoras, entre os filósofos, Hecateu, entre os historiadores, Homero, entre os poetas, Olimpo, entre os músicos.”

O arquidiácono estendeu-lhe a mão.

— Temos um trato? Venha amanhã de manhã.

O gesto levou Gringoire de volta à realidade.

— Ah, por Deus, não! — exclamou ele, como alguém que desperta. — Ser enforcado! É absurdo. Não quero não.

— Então, adeus! — e o arquidiácono acrescentou entredentes: — Ainda volto a encontrá-lo!

“Não quero que esse diabo de homem me encontre”, pensou Gringoire, que correu atrás de dom Claude:

— Note bem, sr. arquidiácono, velhos amigos não devem guardar rancores entre si! O senhor se interessa por essa moça, minha mulher, quero dizer, e isso é ótimo. Imaginou um estratagema para que ela saia salva de Notre Dame, mas o meio que encontrou é extremamente desagradável para mim, Gringoire. Se eu achar outro... Avisarei assim que me vier alguma inspiração luminosa. Se tiver uma ideia expediente para tirá-la da má situação sem comprometer meu pescoço com qualquer nó de força, o que me diz? Já se daria por satisfeito? Ou acha absolutamente necessário o meu enforcamento?

De impaciência, o padre arrancou os botões da batina.

— Avalanche de palavras! Qual outro meio vê?

— Perfeitamente — continuou Gringoire, falando a si mesmo e tocando o nariz com o dedo indicador, em sinal de meditação. — Achei! Os bandidos

são boas pessoas. E a tribo do Egito gosta muito dela. Podem agir imediatamente. Nada mais fácil. Uma ação qualquer e, no tumulto, podem sequestrá-la. Amanhã à tarde... eles vão gostar.

— Por qual meio? — questionou o padre, sacudindo Gringoire, que ativamente se virou para ele:

— Solte-me, que coisa! Estou pensando — refletiu ainda por alguns instantes e começou a bater palmas para o pensamento que teve, gritando: — Admirável! Sucesso garantido!

— Por qual meio? — insistiu Claude, com raiva.

Gringoire estava radiante.

— Chegue perto, para que eu conte em segredo. Será uma contramina realmente boa e nos servirá a todos. Por Deus! Deve-se concordar que não sou nenhum imbecil.

Interrompeu-se:

— É verdade! A cabritinha está com ela?

— Está! E que o diabo a carregue!

— Eles a teriam também enforcado, não é?

— Que diferença faz?

— Isso mesmo, teria sido enforcada. Bem que enforcaram uma porca, mês passado. O carrasco gosta disso. Ele depois come o bicho. Enforcar minha linda Djali! Pobre cordeirinha!

— Maldição! — exclamou dom Claude. — O carrasco é você. Qual meio para salvá-la encontrou, idiota? Vou precisar arrancá-lo a fórceps?

— Muito simples, mestre! Ouça.

Gringoire se debruçou ao ouvido do arquidiácono e falou baixinho, lançando olhares preocupados para os dois lados da rua, na qual, entretanto, ninguém passava. Quando terminou, dom Claude pegou a mão dele e disse, com frieza:

— Está bem. Até amanhã.

— Até amanhã — repetiu Gringoire.

Enquanto o arquidiácono se afastava para um lado, ele foi para o outro, dizendo para si mesmo a meia-voz:

— Que belo negócio, sr. Pierre Gringoire. Pouco importa. Não é por sermos pequenos que vamos nos assustar com uma grande empreitada. Bitão

carregou um touro enorme nos ombros; as lavandiscas, as toutinegras e os cartaxos atravessam o oceano.

113. Literalmente: *Do talhe das pedras*.

114. Ou seja, “Tribunal do bispo” e “Tribunal do rei”.

115. Em latim no original, “casamento feito com pessoa de fora do feudo”, segundo anotação do próprio Victor Hugo.

2. Torne-se bandido

Voltando ao claustro, o arqui-diácono encontrou à porta da sua cela o irmão, Jehan du Moulin, que o esperava e havia distraído o tédio desenhando com um carvão o perfil do arqui-diácono na parede, com um nariz descomunal.

Dom Claude mal olhou para o irmão. Tinha outros pensamentos. A alegre aparência de desocupado, que tantas vezes conseguira asserenar o sombrio semblante do padre, não dissipava mais a bruma que a cada dia se espessava sobre aquela alma corrompida, mefítica e estagnante.

— Meu irmão — disse timidamente Jehan —, vim vê-lo.

O arqui-diácono sequer ergueu os olhos para ele.

— E...?

— Meu irmão — continuou o hipócrita —, é sempre tão bom comigo e dá tão bons conselhos, que constantemente tenho necessidade de voltar.

— E além disso...?

— Infelizmente, irmão, bem tinha razão quando dizia: Jehan! Jehan! *Cessat doctorum doctrina, discipulorum disciplina.*¹¹⁶ Jehan tenha juízo, Jehan estude, Jehan não pernoite fora do colégio sem que seja por motivo legítimo e com a permissão dos mestres. Não brigue com os picardos, *noli, Joannes, verberare picardos*. Não apodreça como um asno iletrado, *quasi asinus illitteratus*, na palha da escola. Jehan, aceite a punição do mestre. Jehan, vá todo fim de tarde à capela e cante uma antífona com versículo e oração à senhora gloriosa Virgem Maria. Foram muitos excelentes conselhos!

— E em seguida?

— Meu irmão, aqui está vendo um culpado, um criminoso, um miserável, um libertino, uma enormidade! Querido irmão, Jehan fez pouco dos seus dadivosos conselhos, como bosta que se afasta com o pé. Tenho sido castigado, pois Deus é extraordinariamente justo. Enquanto tive dinheiro, farreei, fiz loucuras e levei vida alegre. Mas como a orgia, tão sedutora de frente, é feia e rabugenta de costas! Não tenho mais um níquel, vendi meu lençol, minha camisa, minha toalha de rosto; fim da vida festeira! A boa vela

se apagou e só me resta um mau pavio de sebo que incomoda o nariz. As moças zombam de mim. Só bebo água. Estou atolado em remorsos e dívidas.

— E o que mais? — continuou o arqui-diácono.

— É pena, queridíssimo irmão, pois gostaria de trilhar melhor caminho. Venho ao senhor, cheio de contrição. Como penitente. Confesso. Dou socos no peito. Tem toda razão em querer que eu me licencie um dia e me torne submonitor do colégio Torchi. Sinto agora uma vocação magnífica por tal situação. Mas não tenho mais tinta, preciso comprar; não tenho mais penas, preciso comprar; não tenho mais papel, não tenho mais livros, preciso comprar. E necessito para tanto de alguma finança. Por isso venho ao senhor, meu irmão, de coração contrito.



— *É o último dinheiro que receberá de mim.*

— Só isso?

— Só — disse o estudante. — Um pouco de dinheiro.

— Não tenho.

Então o estudante respondeu, de forma ao mesmo tempo grave e decidida:

— Isso muito me chateia, irmão, mas devo dizer que me propõem, por outro lado, belas alternativas. Não vai me dar dinheiro? Não? Nesse caso, tornar-me-ei bandido.

Pronunciando essa palavra monstruosa, Jehan assumiu ares de um Ajax, esperando que caísse na sua cabeça o raio.

O arqui-diácono disse friamente:

— Pois torne-se bandido.

Jehan fez profunda reverência e desceu a escada do claustro, assobiando.

No momento em que passava pelo pátio embaixo, sob a janela da cela do irmão, ouviu a referida janela se abrir. Ergueu o nariz e viu passar pela abertura a cabeça severa do arqui-diácono.

— Vá ao diabo! — disse dom Claude. — É o último dinheiro que receberá de mim.

Ao mesmo tempo, jogou uma bolsa que provocou em Jehan um bom calo na testa. Foi-se então embora o estudante, ao mesmo tempo zangado e contente, como um cachorro que fosse lapidado com ossos ainda cheios de gordo tutano.

116. “Está deixando a doutrina dos sábios, a disciplina dos discípulos”, em latim no original.

3. Viva a alegria!

O leitor talvez não tenha esquecido que uma parte do Pátio dos Milagres era fechada pela antiga muralha da cidade, da qual um bom número de torres começava, já àquela época, a cair em ruínas. Uma dessas torres tinha sido transformada em local de prazeres pelos bandidos. Havia um cabaré na sala de baixo e aposentos nos andares de cima. A torre em questão era o ponto mais vivo e, conseqüentemente, o mais horrível da bandidagem. Uma espécie de colmeia monstruosa ali zumbia noite e dia. À noite, quando boa parte da canalha dormia, quando não havia mais janela clareada nas fachadas terrosas da praça, quando não se ouvia mais grito algum vindo das inúmeras casas, que formavam um formigueiro de ladrões, de meninas e meninos raptados ou bastardos, podia-se ainda reconhecer a alegre torre pela barulheira ambiente, pela luz escarlate que, resplandecendo dos respiros, janelas e rachaduras das paredes escapava, por assim dizer, por todos os poros.

No subsolo, então, encontrava-se o cabaré. Descia-se por uma porta baixa e por uma escada tão dura quanto um alexandrino clássico. A título de letreiro, via-se na porta um maravilhoso emaranhado de rabiscos, representando soldos novos e galinhas mortas, com esse trocadilho embaixo: *Aux sonneurs pour les trépassés*.

Nesta noite que descrevemos, no momento em que o toque de recolher se fazia ouvir em todas as torres militares de Paris, os guardas da vigilância, caso pudessem penetrar no temível Pátio dos Milagres, poderiam notar que na taberna dos bandidos havia um tumulto ainda maior do que o normal, e que se bebia e também praguejava mais do que de hábito. Do lado de fora, muitos grupos conversavam na praça, como quando se trama um grande projeto e, num ou noutro ponto, havia quem afiasse na pedra uma mal-intencionada lâmina de ferro.

Dentro da taberna, no entanto, o vinho e a jogatina eram tão forte distração para as ideias em que a bandidagem se concentrava naquela noite, que seria difícil adivinhar, pelo que diziam os bebedores, qual o foco principal. Apenas pareciam mais alegres do que habitualmente e todos

deixavam que se visse alguma arma reluzir junto às pernas, uma foice, uma machadinha, um espadão ou o pé de apoio de um velho arcabuz.

A sala, de forma redonda, era bem ampla, mas igualmente eram tantas as mesas e os que nelas bebiam que tudo que havia na taberna — homens, mulheres, bancos, potes de cerveja, gente que comia, que dormia, que jogava, corpos íntegros e outros aleijados — parecia amontoados de qualquer jeito, com tanta ordem e harmonia quanto a que se vê numa pilha de cascas de ostras. Uns pedaços de sebo ardiam nas mesas, mas a verdadeira fonte de luz, o que preenchia no cabaré a função que tem o lustre numa sala de ópera, era o fogo. O subsolo era tão úmido que nunca deixavam que se apagasse a lareira, mesmo no verão, e era uma lareira imensa, de lintel esculpido, equipada com cachorros de ferro e aparelhagem de cozinha, onde ardia um fogaréu de lenha e turfa, desses que, à noite, em ruas de vilarejos, projetam em vermelho nas paredes em frente o espectro das janelas das forjas. Um maltrapilho grandalhão, gravemente encostado junto às cinzas, girava nas brasas um espeto cheio de carnes.

Por maior que fosse a confusão à primeira vista, podia-se em seguida distinguir na multidão três grupos principais, que se reuniam em torno de três personagens que o leitor já conhece. Um deles, estranhamente enfeitado com objetos brilhosos à moda oriental, era Mathias Hungadi Spicali, duque do Egito e da Boêmia. O velhaco estava em cima de uma mesa, de pernas cruzadas e dedo em riste, distribuindo em voz alta toda sua ciência em magias branca e negra aos basbaques em volta. Outro bando se concentrava ao redor de nosso velho amigo, o valoroso rei de Thunes, armado até os dentes. Clopin Trouillefou, com ar muito sério e voz baixa, organizava o saque de um enorme barril cheio de armas escancarado à frente dele, deixando à mostra uma quantidade de machados, espadas, espingardas de pederneira, cotas de malha, pedaços de armadura, pontas de lança e de dardos, flechas e setas de besta, como se fossem maçãs e uvas numa cornucópia. Cada um se abastecia ali, podia ser um morrião, um estoque, uma adaga com cabo em cruz. Até crianças se armavam e inclusive homens-tronco que, encouraçados num carrinho, passavam entre as pernas dos que bebiam, como gigantescos escaravelhos.

O terceiro grupo, enfim, o mais barulhento, jovial e numeroso, abarrotava bancos e mesas no centro das quais discursava e praguejava uma voz

aflautada que saía de dentro de uma pesada armadura completa, do capacete às esporas. O indivíduo que havia conseguido aparafusar tal panóplia no corpo desaparecia de tal forma na roupagem de guerra que só se via dele o nariz desaforado, vermelho, amassado, uma mecha de cabelos louros, a boca rosada e os olhos temerários. Tinha a cintura cheia de adagas e punhais, uma espada grande dependurada, uma balestra enferrujada à esquerda e um bom cântaro de vinho à frente, sem contar, à direita, uma volumosa mulher descabelada. Todas as bocas ao seu redor riam, xingavam e bebiam.

Acrescentem-se vinte outros grupos secundários, com serventes de ambos os sexos correndo com potes na cabeça, apostadores concentrados nos jogos de bilhas, xadrez chinês, dados, jogo da vaca e no apaixonante tabuleiro de damas a dados, com as brigas num canto, as trocas de beijos em outro e pode-se ter uma vaga ideia do conjunto, iluminado pela claridade vacilante das labaredas chamejantes que faziam dançar, nas paredes do cabaré, mil sombras gigantescas e grotescas.

Quanto à barulheira, era como o interior de um sino a dobrar o repique anunciando a morte de alguém.

A pingadeira de gordura, onde borbulhava uma chuva de banha, preenchia com seu chiado contínuo os intervalos dos mil diálogos que se atropelavam de ponta a ponta do salão. Dentro de toda essa balbúrdia, no fundo da taberna, num ressaltado no interior da lareira, meditava um filósofo, com os pés nas cinzas e de olho nas brasas. Era Pierre Gringoire.

— Vamos, rápido com isso! Armem-se! Partimos dentro de uma hora! — dizia Clopin Trouillefou a seus súditos.

Uma jovem cantarolava:

*Boa noite, papai e mamãe!
Os últimos cobrem o fogo.*

Dois homens que jogavam cartas começaram uma briga:

— Valete! — gritou o mais vermelho dos dois, mostrando o punho. — Vou te marcar a cara com um pau. Vai poder colocá-lo no lugar do valete de paus do jogo do sr. rei.

— Ufa! — bufava um normando, cuja origem se reconhecia pelo sotaque nasalado. — Estamos aqui como os santos de Caillouville!

— Filhos — conclamava seus seguidores o duque do Egito, com a voz em falsete. — As bruxas da França vão ao sabá sem vassouras, sem víveres nem cavalgadura, vão com apenas algumas palavras mágicas. As bruxas da Itália têm sempre um bode que as espera à porta. Todas devem sair pela chaminé.

A voz do jovem malandro armado dos pés à cabeça dominava o tumulto.

— Aleluia! Aleluia! — gritava ele. — É o meu batismo de fogo! Bandido! Sou bandido, pela barriga do Cristo! Deem-me de beber! Meus amigos, meu nome é Jehan Frollo du Moulin e sou fidalgo. Minha opinião é a de que Deus, se fosse dado às armas, se dedicaria às pilhagens. Irmãos, vai ser uma bela expedição. Somos uns valentes. Sitiar a igreja, arrombar as portas, salvar a donzela, arrancá-la das mãos dos juízes, das mãos dos padres, dismantelar o claustro, queimar o bispo no bispado, faremos isso em menos tempo do que precisa um burgomestre para tomar uma colherada de sopa. A causa é justa, vamos pilhar Notre Dame e é isso aí. Vamos enforcar Quasímodo. Conhecem Quasímodo, mocinhas? Já o viram suar no sino principal, num dia de grande Pentecostes? Chifre do pai! É algo bonito! Parece o diabo cavalgando uma carranca. Meus amigos, ouçam, sou bandido no fundo do coração, tenho uma alma *thuneira*, nasci ladrão independente. Já fui rico e devorei meu patrimônio. Minha mãe queria que eu fosse oficial, meu pai, subdiácono, minha tia, conselheiro nas perquisições, minha avó, protonotário do rei, minha tia-avó, tesoureiro da magistratura. Mas me tornei bandido. Disse isso a meu pai, que cuspiu sua maldição na minha cara, e a minha mãe, que começou, a pobre senhora, a chorar e a babar como essa acha de lenha nos cachorros da lareira. Viva a alegria! Sou um verdadeiro quebra-tudo! Taberneira amiga, outro vinho! Ainda tenho com que pagar. Não quero mais vinho de Suresnes. Ele entristece a garganta. É a mesma coisa, chifre-boi, que gargarejar com palha!

A gentalha aplaudia ao redor, com grandes risadas e, vendo o tumulto aumentar a sua volta, o estudante exclamou:

— Ah! Belo barulho! *Populi debacchantis populosa debacchatio!*¹¹⁷

E começou a cantar, com o olho perdido em êxtase, como um cônego entoaria as vésperas:

Quae cantica! quae organa! quae cantilenae! quae melodiae hic sine fine decantantur! sonant melliflua hymnorum organa, suavissima angelorum

*melodia, cantica canticorum mira!*¹¹⁸

Interrompeu:

— Baiuqueira dos diabos, quero comer!

Houve um momento de quase silêncio, durante o qual se ouvia a voz aguda do duque do Egito, ensinando a seus boêmios:

— A doninha se chama Aduína; a raposa, Pé-Azul ou Corre-Bosques; o lobo, Pé-Cinzento ou Pé-Dourado; o urso, Velho ou Vovô. O gorro do gnomo dá invisibilidade e permite que se vejam as coisas invisíveis. Todo sapo que se batiza deve ser vestido de veludo vermelho ou preto, com um guizo no pescoço e outro nos pés. O padrinho vai à frente, a madrinha atrás. O demônio Sidragasum tem o poder de fazer dançar mulheres nuas.

— Pela santa missa! — interrompeu Jehan. — Bem que queria ser o demônio Sidragasum.

Os bandidos continuavam, entretanto, a se armar, aos cochichos, do outro lado do cabaré.

— Pobre Esmeralda! — dizia um boêmio. — É nossa irmã. Precisamos tirá-la de lá.

— Será que ainda está em Notre Dame? — indagou um contrabandista com ares de judeu.

— Com certeza!

— Muito bem, camaradas! — exclamou o contrabandista. — Vamos a Notre Dame! Boa coisa, pois tem, na capela dos santos Féréol e Ferrution duas estátuas, uma de são João Batista e outra de santo Antônio, todas de ouro, pesando juntas dezessete marcos e cinco onças. Estou informado, sou ourives.

Serviram a Jehan, nesse momento, o jantar. Ele exclamou, de olho no colo de uma jovem ao lado:

— Pelo Volto Santo de Lucca, que o povo chama são Goguelu, nunca fui tão feliz. Tenho, ali em frente, um imbecil que me olha com as feições glabras de um arquiduque. Outro, à esquerda, com dentes tão compridos que escondem o queixo. Afora isso, sinto-me como o marechal de Gié, no cerco de Pontoise, com meu flanco direito encostado numa colina. Pelo ventre de Maomé, camarada! Mais parece um vendedor de bolas para jogo de pela e vem se sentar perto de mim! Sou um nobre, companheiro. E mercadoria é

incompatível com nobreza! Saia daqui. Eieiei! Vocês aí! Não briguem! O que é isso, Baptiste Croque-Oison, logo você que tem um nariz tão bonito, vai arriscá-lo contra os punhos desse truculento? Imbecil! *Non cuiquam datum est habere nasum.*¹¹⁹ Está realmente maravilhosa, Jacqueline Ronge-Oreille! Pena não ter cabelos. Ei! Chamo-me Jehan Frollo e meu irmão é arquidiácono. Que o diabo o carregue! Tudo que conto aqui é verdade. Tornando-me bandido, deixei de lado, feliz da vida, a metade de uma casa situada no paraíso, que meu irmão prometeu. *Dimidiam domum in paradiso.* Cito o texto. Tenho um feudo na rua Tirechappe e todas as mulheres se apaixonam por mim. Isso é verdade como é verdade que santo Elígio foi excelente ourives, que as cinco profissões da boa cidade de Paris são todas ligadas ao trato do couro e que são Lourenço foi queimado com cascas de ovo. Posso jurar, camaradas,

*Que je ne beuvrai de piment
Devant un an, si je cy ment!*

Minha querida! Temos lua, olhe ali pelo respiro como o vento maltrata as nuvens! É o que eu faria com a sua blusa. Moças, assoem as crianças e soprem as velas. Cristo e Maomé! O que estou comendo? Por Júpiter! Olá! Madama! Os cabelos que faltam na cabeça das vadias estão nessa omelete. Velha! Prefiro omeletes carecas. Que o diabo cuide de você! Bela hospedaria de Belzebu, essa, onde as vadias se penteiam com os garfos!

Dito isso, ele quebrou o prato no chão e começou a cantar, soltando a voz:

*Et je n'ai, moi.
Par la sang-Dieu!
Ni foi, ni loi.
Ni feu, ni lieu.
Ni roi,
Ni Dieu!*¹²⁰

Enquanto isso, Clopin Trouillefou terminou a distribuição de armas e se aproximou de Gringoire, que parecia imerso em profundo devaneio, com os pés num dos apoios para a lenha, na lareira.

— Amigo Pierre — disse o rei de Thunes —, em que, diabo, tanto pensa?
Gringoire se virou para ele com melancólico sorriso:

— Gosto do fogo, querido senhor. Não pelo trivial motivo de ele nos aquecer os pés ou cozinhar a sopa, mas pelas faíscas. Às vezes passo horas a olhar as faíscas. Descubro mil coisas nessas estrelas que salpicam no fundo escuro da lareira. Também essas estrelas são mundos.

— Com mil raios se o entendo! — disse o bandido. — Sabe que horas são?

— Não faço ideia — respondeu Gringoire.

Clopin se aproximou do duque do Egito.

— Camarada Mathias, o quarto de hora não é bom. Dizem que o rei Luís é 11º em Paris.

— Razão a mais para tirar nossa irmã das suas garras — respondeu o velho boêmio.

— Está falando como um homem de verdade, Mathias — disse o rei de Thunes. — Aliás, tudo vai se passar tranquilamente. Não temos resistência a temer dentro da igreja. Os padres são uns coelhos e ganhamos em número. A gente do Parlamento vai se ver mal, amanhã, quando for buscá-la! Tripas do papa! Não quero que enforcem a mocinha bonita!

Clopin se retirou do cabaré.

Jehan, enquanto isso, exclamava com a voz rouca:

— Bebo, como, estou bêbado, sou Júpiter! Ei! Pierre l'Assommeur, se me olhar outra vez dessa maneira vou te lustrar o nariz com uns piparotes.

Gringoire, por sua vez, arrancado de suas meditações, se pôs a considerar a cena agitada e barulhenta em volta, murmurando entredentes:

— *Luxuriosa res vinum et tumultuosa ebrietas*. Miséria! Tenho mesmo razão em não beber. E são Bento excelentemente diz: *Vinum apostatare facit etiam sapientes*.¹²¹

Nesse momento, Clopin voltou e gritou com voz de trovão:

— Meia-noite!

O aviso causou o efeito do toque de montar num regimento estacionado. Todos os bandidos, fossem homens, mulheres ou crianças, se precipitaram em tumulto para fora da taberna, numa barulheira de armas e ferragens.

A lua se escondia.

No Pátio dos Milagres reinava completa escuridão. Luz alguma. Longe estava, entretanto, de se encontrar deserto. Percebia-se uma multidão de homens e mulheres falando baixo. Cochichavam e podia-se distinguir, nas trevas, todo tipo de arma. Clopin subiu numa pedra grande.

— Em formação, Gíria! — comandou. — Em formação, Egito! Em formação, Galileu!

Ouviu-se uma movimentação no escuro. O imenso povaréu parecia se alinhar em colunas. Após alguns minutos, o rei de Thunes ergueu de novo a voz:

— E agora, silêncio para atravessar Paris! A senha é: “navalha vadia”. Só acenderemos as tochas em Notre Dame! Em frente!

Dez minutos depois, os cavaleiros da vigilância fugiam apavorados diante da longa procissão de homens de preto e silenciosos que descia na direção da ponte au-Change, percorrendo as ruas tortuosas que atravessam em todos os sentidos o maciço bairro do Halles.

117. “De um povo sem peias, popular desprendimento!”, em latim no original.

118. “Que cânticos! Que instrumentos! Que canções! Que melodias sem fim são entoadas! Ressoam os instrumentos dos hinos, doces como mel, a suavíssima melodia dos anjos, os cânticos admiráveis entre os cânticos”, em latim no original.

119. “Não é dado a todo mundo, ter um nariz”, em latim no original, do epigrama XLI, de Marcial.

120. “E eu mesmo não tenho,/ Pelo sangue de Deus!/ Nem fé nem lei/ Nem fogo nem lar/ Nem rei/ Nem Deus!”

121. Respectivamente, “O vinho é fonte de intemperança e tumultuosa é a bebedeira” e “O vinho faz apostatar até mesmo os sábios”, em latim no original.

4. Um amigo desastrado

Naquela noite, Quasímodo não dormia. Acabava de dar sua última ronda pela igreja. Não havia reparado, no momento em que fechava as portas, no mau humor do arqui-diácono, que, ao passar, o viu aferrolhar e, com todo cuidado, trancar o cadeado da enorme armação de ferro que garantia aos amplos batentes a solidez de uma muralha. Dom Claude parecia ainda mais preocupado do que de hábito. Além disso, desde o episódio noturno da cela, ele constantemente maltratava Quasímodo. Mas por mais que fosse ríspido ou até, às vezes, o espancasse, nada abalava a submissão, a paciência e a dedicada resignação do fiel sineiro. Vindo do arqui-diácono, ele podia tudo suportar, injúrias, ameaças e pancadas, sem murmurar qualquer reclamação nem o menor lamento. No máximo seguia-o com o olhar, atento, quando dom Claude subia a escada da torre, mas o arqui-diácono, por conta própria, evitava ver a egípcia.

Naquela noite, então, depois de dar uma olhada nos seus pobres sinos — Jacqueline, Marie e Thibault —, tão abandonados ultimamente, Quasímodo subiu ao topo da torre setentrional e lá, deixando na cobertura de chumbo do telhado o lampião bem fechado contra o vento, ficou admirando Paris. A noite, já foi dito, estava bem escura. Paris, àquela época, praticamente não tinha iluminação e apresentava à visão um amontoado confuso de massas sombrias, cortado num ou noutro ponto pela curva esbranquiçada do Sena. Quasímodo só via luz à janela de um edifício afastado, cujo perfil escuro se desenhava bem acima dos telhados, para os lados da porta Saint-Antoine. Também ali, alguém estava acordado.

Deixando flutuar pelo noturno horizonte de brumas o seu olho único, o sineiro sentia dentro de si uma inexprimível inquietação. Há vários dias observava e via, o tempo todo, passar em volta da igreja homens de aspecto sinistro, a vigiar o asilo da sua jovem protegida. Imaginou que talvez se tramasse algum complô contra a pobre refugiada. Parecia haver um ódio popular contra ela, como havia contra ele, podendo, a qualquer momento, acontecer alguma coisa. De forma que permanecia no campanário, à espreita,

rêvant dans son rêvoir,¹²² como disse Rabelais, com a atenção indo, sucessivamente, da cela de Esmeralda a Paris, vigilante, como bom cão de guarda, sobressaltado por mil desconfiças em seu espírito.

De repente, perscrutando a grande cidade com aquele olho que a natureza, como forma de compensação, fizera tão agudo que quase podia suprir a falta de outros órgãos, Quasímodo teve a impressão de que a orla do cais da Vieille-Pelleterie apresentava algo fora do comum, um movimento singular: a amurada, realçada em escuro sobre a brancura da água, não seguia reta e tranquila como a dos outros cais, mas ondulava como ondas de um rio ou cabeças de uma multidão em marcha.

Isso lhe pareceu estranho. Ele redobrou a atenção. O movimento parecia vir na direção da Cité e se fazia às escuras. Durou algum tempo no cais e pouco a pouco fluuiu, como se avançasse pelo interior da ilha. Depois parou por completo e a amurada voltou a se apresentar reta e imóvel.

No momento em que Quasímodo se exauria em conjecturas, achou que o movimento ressurgia na rua du Parvis, que atravessava a Cité, perpendicular à fachada de Notre Dame. Finalmente, por mais espessa que fosse a escuridão, viu uma frente de coluna chegar por essa rua e toda uma multidão, da qual nada se podia distinguir nas trevas a não ser que era grande, rapidamente se espalhar pela praça.

O espetáculo tinha com que aterrorizar. A singular procissão, que parecia tão interessada em se ocultar por baixo de profunda escuridão, guardava não menor silêncio. Algum barulho certamente devia haver, nem que fosse o dos passos, mas, de qualquer forma, não chegava ao nosso surdo. Aquele poveréu, do qual ele mal discernia alguma coisa e nada ouvia, apesar de se mover e caminhar tão perto, causava o efeito de uma tropa de mortos, impalpável e muda, perdida na bruma. Ele tinha a impressão de ver avançar em sua direção uma neblina carregada de homens, sombras que se moviam na sombra.

Os temores, então, se reavivaram e o receio de alguma má intenção contra a egípcia voltou a seu espírito. Ele vagamente sentiu se aproximar uma situação de violência. Nesse momento crítico, buscou conselho em seu interior, com melhor e mais rápido raciocínio do que se podia esperar de um cérebro tão mal organizado. Devia acordar a egípcia? Fazê-la fugir? Por onde? As ruas estavam ocupadas, a igreja encurralada no rio. Sem um barco,

não havia saída! Vislumbrava uma só possibilidade, morrer à entrada de Notre Dame, resistindo pelo menos até a chegada de algum socorro — caso chegasse — sem perturbar o sono de Esmeralda. A infeliz de qualquer forma seria acordada para morrer. Tomada essa resolução, ele passou a examinar o *inimigo* com mais tranquilidade.

A multidão em frente parecia aumentar a cada instante. Quasímodo presumia que aquela gente devia, de qualquer forma, fazer pouco barulho, pois as janelas das ruas e da praça continuavam fechadas. De repente, uma luz brilhou e, rapidamente, sete ou oito tochas acesas circularam por cima das cabeças, sacudindo na sombra suas línguas de fogo. O corcunda viu então, distintamente, se juntar no adro um assustador rebanho de homens e mulheres em farrapos, armados de foices, piques, podões e alabardas com mil pontas a brilhar. Aqui e ali, forçados pareciam acrescentar chifres a rostos horríveis. Ele vagamente reconheceu o populacho, achando serem as mesmas caras que, meses antes, o haviam elegido papa dos bufos. Um homem que tinha uma tocha numa mão e um chicote na outra subiu numa pedra de demarcação e parecia discursar. Ao mesmo tempo, o estranho exército cumpriu certas evoluções, como se se preparasse para um cerco da igreja. Quasímodo pegou sua lamparina e desceu à plataforma entre as duas torres, procurando enxergar mais de perto e pensar nos meios de defesa.

Ao chegar diante do alto pórtico de Notre Dame, Clopin Trouillefou havia, de fato, organizado a sua tropa em posição de batalha. Apesar de não esperar resistência, queria, como bom e precavido general, manter uma ordem que lhe permitisse enfrentar, se necessário, um ataque repentino da milícia policial. Tinha então organizado seu regimento de tal maneira que, visto de cima e de longe, ele mais parecia o triângulo romano da batalha de Ecnomo, a cabeça de porco de Alexandre ou o famoso ângulo de Gustavo Adolfo. A base do triângulo se apoiava no fundo da praça, de forma a impedir a entrada pela rua du Parvis. Um dos lados dava para o Hôtel-Dieu e o outro para a rua Saint-Pierre-aux-Boeufs. Clopin Trouillefou se posicionou no topo, com o duque do Egito, nosso amigo Jehan e alguns dos mais audaciosos miseráveis.

Não era tão raro assim, nas cidades da Idade Média, façanhas como essa que os bandidos naquele momento empreendiam contra Notre Dame. O que hoje em dia chamamos *polícia* ainda não existia. Mesmo as cidades

populosas e inclusive as capitais não dispunham de um poder centralizado, uno e regulador. O feudalismo construiu suas grandes comunas de maneira estranha. A cidade era um conjunto de mil domínios senhoriais, que a dividiam em áreas de diferentes formas e tamanhos. Donde haver mil polícias contraditórias, ou seja, polícia alguma. Em Paris, por exemplo, cento e quarenta e um feudos senhoriais tinham pretensões legais e vinte e cinco deles se declaravam com direitos de justiça, desde o bispo de Paris, que tinha sob sua jurisdição cento e cinco ruas, ao prior de Notre Dame des Champs, que tinha apenas quatro. Todos esses donos feudais da justiça apenas nominalmente reconheciam a autoridade soberana do rei. Eram responsáveis pela ordem e limpeza pública e se sentiam à vontade nos seus feudos. Luís XI foi um incansável trabalhador e amplamente deu início à demolição do edifício feudal, que depois Richelieu e Luís XIV continuaram, fortalecendo a realeza, e Mirabeau em seguida aprofundou, fortalecendo o povo.

Luís XI, então, já havia tentado explodir essa rede de domínios senhoriais que cobria Paris, abalando-os violentamente com duas ou três ordenações de polícia geral. Por exemplo, em 1465, deu ordem para que os habitantes, caída a noite, iluminassem com velas as suas casas e trancassem os cães, sob risco de força. No mesmo ano, estipulou que as ruas deviam ser fechadas com correntes de ferro, sendo proibido também o porte de adagas ou armas ofensivas nas ruas, nas horas noturnas. Em pouco tempo, porém, todas essas tentativas de legislação comunal caíram em desuso. Os burgueses deixaram o vento apagar as velas na janela e os cachorros vadiarem, as correntes de ferro só eram usadas em época de estado de sítio e a proibição do uso de adagas teve como consequência apenas a mudança de nome da rua dos Corta-goelas para rua dos Corta-gargantas, o que já significa um evidente progresso.

O velho andaime das jurisdições feudais se manteve de pé, imenso acúmulo de magistraturas e de domínios senhoriais se entrecruzando na cidade, se atrapalhando, se acavando, se enredando de través, se chocando um ao outro. Inútil amontoado de vigilância, de subvigilância e de contravigilância, através do qual passavam, de mão armada, os bandidos, a rapina e a sedição. Dentro de tal desordem, não era então acontecimento extraordinário um ataque por parte de bandos da própria população contra algum palácio, residência ou rica moradia, nos bairros mais povoados. Na maioria dos casos, a vizinhança só interferia se a pilhagem chegasse às suas

propriedades. Tapavam-se os ouvidos ao tumulto, as janelas eram fechadas, as portas reforçadas e as coisas se resolviam com ou sem as forças da vigilância. No dia seguinte, comentava-se na cidade: “Na noite passada, foi assaltada a casa de Étienne Barbette; o marechal de Clermont sofreu agressão” etc.

De forma que não somente as habitações reais, como o Louvre, o palácio, a Bastilha e Tournelles, mas também residências simplesmente senhoriais, como o Petit-Bourbon, o *hôtel* de Sens, o *hôtel* d’Angoulême etc. tinham seus muros ameaçados e machicólis de proteção acima das portas. As igrejas eram guardadas pela própria santidade. Algumas, no entanto — mas não Notre Dame —, eram fortificadas. O abade de Saint-Germain-des-Prés se protegia com ameias como um barão e contava com mais cobre nas bombardas do que nos sinos. Via-se ainda a fortaleza em 1610, mas hoje nos resta apenas a igreja.

Voltemos a Notre Dame.

Terminadas as primeiras disposições — e devemos reconhecer, elogiando a disciplina bandida, que as ordens de Clopin foram executadas em silêncio e com admirável precisão —, o digno comandante subiu ao parapeito do adro e falou, com sua voz rouca e brutal, voltado para Notre Dame e agitando uma tocha, cuja claridade, atormentada pelo vento e pela própria fumaça, ora deixava, ora não, que se visse a avermelhada fachada da igreja.

— A ti, Louis de Beaumont, bispo de Paris, conselheiro do Tribunal do Parlamento, eu, Clopin Trouillefou, rei de Thunes, grande líder, príncipe da Gíria, bispo dos bufos, te digo: nossa irmã, erradamente condenada por magia, se refugiou na tua igreja. Deves direito de asilo e proteção. No entanto, o Tribunal do Parlamento quer capturá-la e tu consentes. Bem sabes que amanhã ela seria enforcada na Grève, se Deus e os bandidos aqui não estivessem. Viemos então a ti, bispo. Se tua igreja é sagrada, nossa irmã igualmente. Se nossa irmã deixa de ser sagrada, tua igreja também perde a santidade. Por esse motivo exigimos que nos devolva a moça, se quiseres salvar tua igreja. Se não, pegaremos nossa companheira e saquearemos a igreja. E isso não nos desagrada. Como prova do que digo, planto aqui minha bandeira e que Deus te guarde, bispo de Paris!

Infelizmente, Quasímodo não pôde ouvir tais palavras, pronunciadas com uma espécie de imponência sombria e selvagem. Um bandido passou a

bandeira a Clopin, que a plantou solenemente entre dois paralelepípedos. Era um garfo de feno, nos dentes do qual havia um bom pedaço de carne estragada, sanguinolenta.

Feito isso, o rei de Thunes se virou e passou em revista seu exército, uma feroz multidão em que os olhares brilhavam quase tanto quanto as lanças. Após uma curta pausa, ele exclamou:

— Em frente, filhos! Ao trabalho, grupo da vanguarda!

Trinta homens retangulares como armários, com ares de serralheiros, saíram das fileiras, tendo nos ombros martelos, pés de cabra e barras de ferro. Dirigiram-se à porta principal da igreja, subiram os degraus e se agacharam sob a ogiva, trabalhando com suas ferramentas. Um bando de bandidos foi atrás, para ajudar ou apenas olhar. Os onze degraus do pórtico ficaram completamente tomados.

Mas a porta resistia.

— Diabos! Ela é dura e teimosa! — dizia um.

— É velha e tem as juntas emperradas — dizia outro.

— Coragem, camaradas! — incentivava Clopin. — Aposto meu pescoço contra um pé de chinelo que vocês abrem essa porta, salvam a mocinha e limpam o altar-mor sem acordar o sacristão. Vejam só! Acho que a tranca cedeu.

Clopin foi interrompido, naquele momento, por um terrível estrondo, bem atrás dele. Virou-se. Uma enorme viga acabava de cair do céu, esmagando uma dúzia de bandidos que se encontrava nos degraus da igreja, saltando repetidas vezes pelo adro, com o estrondo de um canhão, atropelando e quebrando mais algumas pernas entre os esfarrapados, que se afastavam com gritos de horror. Num piscar de olhos, a área em frente se esvaziou. O grupo de arrombadores, apesar de protegido pela profunda arqueadura do pórtico, abandonou a porta e o próprio Clopin se retirou a respeitosa distância da igreja.

— Escapei de boa! — exclamou Jehan. — Cheguei a sentir o vento, cabeça de boi! Mas Pierre l'Assommeur foi nocauteado!

É impossível descrever o espanto, misturado ao pavor, que se abateu sobre os bandidos junto com a viga. Permaneceram todos por alguns minutos olhando para o alto, mais impressionados pelo pedaço de pau do que estariam diante de vinte mil arqueiros do rei.

— Satã! — resmungou o duque do Egito. — Isso cheira a magia!

— Foi a lua que jogou esse toco em cima de nós — disse Andry le Rouge.

— Por isso dizem que a lua é amiga da Virgem! — concordou François Chanteprune.

— Por mil papas! — irritou-se Clopin. — São todos uns imbecis!

Mas não sabia como explicar a queda do madeiro.

E nada se distinguia na fachada, já que a claridade das tochas não ia até o alto. O pesado lenho se imobilizara no meio do adro e ouviam-se os gemidos dos miseráveis que haviam recebido a primeira pancada, quebrados ao meio nos degraus de pedra.

Passado o primeiro susto, o rei de Thunes finalmente sugeriu uma explicação, que pareceu plausível aos companheiros.

— Carranca de Deus! Será que os carolas se defendem? Nesse caso, ao saque! Ao saque!

— Ao saque! — repetiu a massa, numa aclamação furiosa.

Seguiu-se uma descarga de setas de bestas e de arcabuzes contra a fachada da igreja.

Com isso, os pacíficos habitantes das casas vizinhas acordaram. Várias janelas se abriram, deixando ver toucas de dormir e mãos segurando castiçais.

— Atirem nas janelas! — gritou Clopin.

Rapidamente elas foram fechadas e os pobres burgueses, que mal tinham tido tempo de dar uma olhada medrosa no cenário de clarões e tumultos, voltaram transpirando de medo para junto das esposas, achando que o sabá se organizava agora à frente de Notre Dame, se não fosse um assalto dos borguinhões, como em 64. Todos tremiam, os maridos por temerem o roubo e as mulheres, o estupro.

— Ao saque! — repetia o povo de Thunes.

Gritavam, mas não ousavam se aproximar, temerosos. Olhavam a igreja, olhavam o madeiro. O madeiro não se mexia. O edifício mantinha a aparência calma e deserta, mas algo paralisava os bandidos.

— Ao trabalho, arrombadores! — gritou Trouillefou. — Arrombem essa porta.

Ninguém deu um passo.

— Pela barba e pelo ventre! — praguejou Clopin. — Homens com medo

de uma trave.

Um velho arrombador tomou a palavra.

— Capitão, não é a trave que incomoda, é a porta que é toda reforçada com barras de ferro. Os pés de cabra não dão conta.

— E do que precisam para pô-la abaixo? — perguntou Clopin.

— Ah! Seria bom um aríete.

O rei de Thunes correu bravamente até o formidável madeiro e pôs o pé em cima.

— Aqui temos um! — exclamou. — Os padres nos enviaram.

E, fazendo uma reverência debochada na direção da igreja:

— Obrigado, reverendos!

A bravata produziu efeito e quebrou o encanto do madeiro. Os bandidos se armaram de coragem e em pouco tempo a pesada viga, erguida como uma pena por duzentos braços vigorosos, se arremessou com fúria contra a grande porta que já se tinha tentado arrombar. Vendo daquela maneira, na penumbra das poucas tochas que os bandidos mantinham acesas na praça, o comprido madeiro, carregado pelo grupo de homens que o projetava correndo contra a igreja, podia-se pensar num monstruoso bicho de mil patas, atacando de cabeça o gigante de pedra.

Com o choque da viga, a porta semimetálica ressoou como um imenso tambor. Não foi arrombada, mas a catedral inteira estremeceu e ouviu-se o rumorejar das profundas cavidades do edifício. No mesmo momento, uma chuva de enormes pedras começou a cair do alto da fachada, sobre os assaltantes.

— Que diabos! — gritou Jehan. — As torres estão nos jogando as balaustradas na cabeça?

Mas os ânimos estavam refeitos, com o rei de Thunes dando o exemplo. Provavelmente era o bispo que se defendia e a porta foi atacada com mais violência, apesar das pedras que eventualmente estouravam alguns crânios.

Podia-se notar que elas caíam uma de cada vez e não em sequência rápida. Os bandidos tinham sempre a impressão de serem dois golpes, um nas pernas que tremiam, e o outro na cabeça. Não eram poucos os atingidos, e já uma boa camada de mortos e feridos sangrava e estrebuchava aos pés dos assaltantes que, agora enfurecidos, continuamente se revezavam. Como o

badalo de um sino, a comprida viga continuava a bater na porta com regularidade, assim como as pedras a chover e a porta a mugir.

O leitor provavelmente não deixou de adivinhar que a inesperada resistência, que tanto irritava os bandidos, vinha de Quasímodo.

Por infelicidade, o acaso havia ajudado o corajoso surdo.

Ao descer à plataforma entre as torres, seus pensamentos se apresentavam confusos. Por alguns minutos, ele correu de um lado para outro na galeria, indo e vindo como um doido, vendo do alto a massa compacta dos bandidos pronta para atacar a igreja e pedindo ao diabo ou a Deus que salvasse a egípcia. Pensou, por exemplo, em subir ao campanário meridional e tocar o rebate, mas antes que pudesse movimentar um sino, antes que a voz grossa de Marie conseguisse lançar o primeiro clamor, a porta da igreja já teria sido derrubada. E isso foi exatamente no momento em que os arrombadores já partiam contra ela com suas ferramentas. O que fazer?

Bruscamente, Quasímodo se lembrou de pedreiros que haviam trabalhado durante o dia, fazendo reparos na parede, na viga mestra e no telhado da torre meridional. Foi como um clarão de luz: a parede era de pedra, o telhado de chumbo e a viga de madeira. Uma viga prodigiosa e tão forte que era conhecida como *floresta*.

Correu até essa torre. Os cômodos de baixo, de fato, estavam cheios de material da obra. Havia pilhas de pedras, rolos de folhas de chumbo, quantidade de ripas, fortes barrotes já entalhados pela serra, montes de cascalho. Um arsenal completo.

O tempo urgia. Os pés de cabra e martelos estavam em ação. Com uma força decuplicada pela iminência do perigo, Quasímodo ergueu uma das vigas, a mais pesada e mais comprida, fazendo-a passar por uma lucarna, pegou-a do lado de fora e empurrou-a em seguida por cima da balaustrada que cerca a plataforma. Lançou-a no abismo. O enorme madeiro, naquela queda de cento e sessenta pés, rente à muralha, quebrando esculturas, girou várias vezes no próprio eixo como uma aba de moinho que partisse sozinha pelos ares. E chegou ao solo, a horrível gritaria se ergueu e a negra tora, quicando no chão, parecia uma serpente dando pulos.

Quasímodo viu os bandidos se espalharem, diante da queda do madeiro, como cinza soprada por uma criança. Aproveitou-se do susto e, enquanto se assombravam, supersticiosos, em torno da massa caída do céu, e estropiavam

os santos de pedra do pórtico com uma saraivada de setas e balaços, em silêncio ele amontoou o cascalho, as pedras, os paralelepípedos e até os sacos de ferramentas dos pedreiros à beira da balaustrada da qual a viga já havia sido lançada.

Por isso, assim que os invasores voltaram a agredir a grande porta, a chuva de cascalho começou a cair, dando a impressão de que a igreja se desfazia sozinha na cabeça deles.

Morreria de medo quem visse Quasímodo naquele momento. Além de ter empilhado seus projéteis na balaustrada, um monte de pedras também foi deixado na plataforma. Assim que se esgotou o cascalho disposto no parapeito, ele partiu para as pedras. Abaixava-se, erguia-se, voltava a se abaixar e a se erguer, em incrível atividade. Sua cabeça avantajada de gnomo se debruçava por cima da balaustrada e uma enorme pedra caía, depois outra e mais outra. De vez em quando, ele seguia com o olhar alguma delas, mais bonita, e, quando fazia um bom estrago, se congratulava: bom tiro!

Os esfarrapados, no entanto, não desanimavam. Já mais de vinte vezes a grossa porta sobre a qual insistiam havia tremido sob o impacto do aríete de carvalho, movido pela força de cem homens. As laterais cediam, os ornatos voavam em pedaços, os gonzos a cada pancada davam pulos nos seus encaixes, as tábuas vergavam, pó de madeira caía nas junções de ferro. Felizmente, para Quasímodo, havia mais ferro do que madeira.

Ele sentia no entanto que a grande porta vacilava. Mesmo sem ouvir, cada pancada do aríete repercutia nas cavernas da igreja, nas suas entranhas. Do alto, ele via os bandidos triunfantes e enraivecidos, mostrando os punhos cerrados contra a fachada escura e invejava, pela egípcia e por ele próprio, as corujas que fugiam batendo asas por cima da sua cabeça, aos bandos.

A chuva de material de construção não bastava para afastar o assalto.

Nesse momento de aflição, Quasímodo notou, um pouco abaixo da balaustrada de onde partiam os seus ataques, duas compridas goteiras de pedra que desaguavam bem à frente da porta principal. O acesso interno delas partia do piso da plataforma. Ele correu em busca de lenha acesa no cubículo de onde tocava os sinos, colocou sobre o lume quantidade de ripas e rolos de chumbo, munição que não havia ainda sido usada, e organizou a fogueira diante da canaleta da gárgula. Ateou fogo com a lanterna.

Enquanto isso, as pedras tinham parado de cair e os bandidos deixaram de

olhar para o alto. Ansiosos como uma matilha que força o javali na sua toca, todos se juntavam em desordem em torno da porta principal, deformada pelo aríete, mas ainda de pé. Esperavam, atentos, o golpe que a poria abaixo e queriam se colocar o mais perto possível, para estar entre os primeiros quando se abrisse a opulenta catedral, vasta reserva onde se juntavam riquezas de três séculos. Com entusiasmo e cobiça, teciam-se comentários sobre as belas cruzes de prata, as belas capas de brocado, as belas tumbas de cobre, as magnificências do coro, as festas deslumbrantes, os natais resplandecentes, as páscoas brilhantes. Eram solenidades esplêndidas, em que cofres, castiçais, cibórios, tabernáculos e relicários realçavam os altares com uma camada de ouro e diamantes. Diga-se de passagem, naquele momento, fossem simples salafrários ou estropiados, doutores em malandragem ou falsos atingidos por raio, os assaltantes pensavam muito menos em libertar a egípcia do que em pilhar Notre Dame. Acreditamos, inclusive, que para muitos deles Esmeralda fosse mero pretexto, se é que ladrões precisam de pretextos.

Porém, no momento em que todos se juntavam num último esforço em torno do aríete, cada qual contendo a respiração, de músculos tensos, para imprimir toda força ao golpe decisivo, um urro se ergueu, mais apavorante ainda do que o anterior, que rebentara e se extinguiu sob a viga. Os que não gritaram, mas ainda viviam, olharam. Dois jorros de chumbo derretido caíam do alto do edifício sobre a turba. O mar de homens afundava sob o metal escaldante e, nos dois pontos em que ele caía, enormes buracos negros e fumegantes se abriram na multidão, como água quente na neve. Viam-se os moribundos semicalcinados, uivando de dor e ainda a se mexer. Ao redor dos dois jatos principais, gotas da chuva horrível respingavam nos assediados, queimando os corpos como agulhões de fogo. Era uma chama pesada que lambia os miseráveis com seus mil salpicos.

O clamor foi dilacerante. Todos queriam fugir de qualquer maneira, tanto os corajosos quanto os mais tímidos, e o madeiro foi jogado sobre os cadáveres. Pela segunda vez, o adro se esvaziou.

Os olhares buscaram o topo da igreja. Era extraordinário o que viam. Do alto da galeria mais elevada, acima da rosácea central, uma grande chama subia entre os dois campanários, lançando turbilhões de faíscas. Era um fogaréu desordenado e furioso, do qual o vento às vezes carregava uma

língua, que se perdia nos ares. Abaixo dessa chama, abaixo da escura balaustrada de trevos em brasa, duas gárgulas monstruosas vomitavam a incessante cascata ardente, que destacava seu fluxo prateado sobre o fundo de trevas da fachada inferior. À medida que se aproximavam do chão, os dois jatos de chumbo líquido se alastravam, como a água que escapa dos mil buracos de um regador. As duas enormes torres, acima do fogo, apresentavam suas faces duras e recortadas, uma totalmente negra e a outra vermelha, parecendo ainda maiores, pela imensidão da sombra que projetavam até o céu. As inúmeras esculturas de diabos e dragões ganhavam um aspecto lúgubre. A claridade inquieta da chama fazia com que parecessem se mover. Pítons davam a impressão de rir, carrancas ganiam, salamandras sopravam fogo, tarascas tossiam fumaça. Entre todos aqueles monstros arrancados do sono de pedra pelas chamas e pelo barulho, havia um que andava e era visto de vez em quando passar diante da ardente fogueira, como um morcego à frente de uma vela.

Aquele estranho farol provavelmente acordaria o lenhador das colinas de Bicêtre, assustado ao ver tremular acima das suas urzes a sombra gigantesca das torres de Notre Dame.

Um silêncio de terror tomou conta dos bandidos, durante o qual se ouviam os gritos de alarme dos cônegos fechados no claustro, mais agitados do que cavalos num estábulo que se incendia. Ouvia-se também o barulho furtivo das janelas rapidamente abertas e mais rapidamente ainda fechadas, a confusão no interior das casas e do Hôtel-Dieu, o vento nas labaredas, o último estertor dos que morriam e o borbulhar contínuo da chuva de chumbo no calçamento.

Os chefes dos bandidos tinham se retirado sob o alpendre da residência Gondelaurier e discutiam a situação. O duque do Egito, sentado na pedra de demarcação, contemplava com temor religioso a fogueira fantasmagórica, resplendendo a duzentos pés de altura. Clopin Trouillefou mordia os punhos de raiva.

— É impossível entrar! — murmurava entredentes.

— Uma velha igreja mágica! — concluiu o experiente boêmio Mathias Hungadi Spicali.

— Pelos bigodes do papa! — acrescentou um ex-soldado, já grisalho. — Temos gárgulas de igreja que cospem chumbo fundido, e fazem isso melhor

do que os balestreiros de Lectoure.

— Estão vendo o demônio que vai e volta diante do fogo? — exclamou o duque do Egito.

— Por Deus! — disse Clopin. — É o danado do sineiro, Quasímodo.

O boêmio balançou a cabeça.

— Pois garanto que é o espírito Sabnac, o grande marquês, o demônio das fortificações. Tem a forma de um soldado armado e cabeça de leão. Às vezes pode surgir num cavalo pavoroso. Transforma homens em pedras, com as quais constrói torres. Tem o comando de cinquenta legiões. É ele mesmo, estou reconhecendo. Pode também se vestir com um bonito manto de ouro, à maneira dos turcos.

— Quem viu Bellevigne de l'Étoile? — perguntou Clopin.

— Morreu — respondeu uma bandida.

Andry le Rouge ria estupidamente:

— Notre Dame dá trabalho ao Hôtel-Dieu — ele observou.

— Não tem mesmo como forçar a porta? — desesperava-se o rei de Thunes, batendo com o pé no chão.

O duque do Egito apontou com desânimo as duas cascatas de chumbo ardente que não paravam de cortar a escura fachada, como duas compridas rocas fosfóreas.

— Já se viram igrejas que se defendiam assim, por conta própria — suspirou ele. — Santa Sofia, de Constantinopla, há quarenta anos, por três vezes derrubou no chão o crescente de Maomé, sacudindo suas cúpulas, que são as suas cabeças. E Guillaume de Paris, que construiu essa aí, era mago.

— Vamos ter que miseravelmente ir embora, então, como vagabundos de estrada? — perguntou Clopin. — Deixar para trás nossa irmã, que esses lobos enchapelados vão enforcar amanhã?

— Além da sacristia, com carroças de ouro! — lembrou um bandido que lamentamos não saber o nome.

— Barba de Maomé! — exclamou Trouillefou.

— Vamos tentar mais uma vez — sugeriu o bandido.

Mathias Hungadi balançou a cabeça:

— Não vamos conseguir entrar pela porta da frente. Encontremos o defeito na armadura dessa velha encantada. Um buraco, uma falsa poterna,

um desvão qualquer.

— Quem me acompanha? — exclamou Clopin. — Vou insistir. Aliás, por onde anda aquele estudante Jehan, tão bem armado?

— Provavelmente morto — respondeu alguém. — Não se ouve mais ele rir.

O rei de Thunes fechou a cara.

— Não faz mal. Tinha um bom coração, por baixo de toda aquela ferragem. E mestre Pierre Gringoire?

— Capitão Clopin — disse Andry le Rouge —, ele fugiu enquanto ainda estávamos na ponte dos cambistas.

Clopin bateu com o pé no chão:

— Cara de Deus! Foi quem inventou tudo isso e nos abandonou no meio do trabalho! Falastrão covarde, tem um chinelo na cabeça!

— Capitão Clopin — exclamou Andry le Rouge, que olhava para a rua du Parvis. — Lá está o estudante.

— Louvado seja Plutão! — disse Clopin. — Mas que diabo ele carrega junto?

Era mesmo Jehan, seguindo tão rápido quanto permitiam sua pesada armadura de paladino e uma comprida escada que ele arrastava pelo chão, mais sem fôlego do que uma formiga carregando um graveto vinte vezes mais pesado do que ela.

— Vitória! *Te Deum!* — gritava o estudante. — Aqui temos a escada de estiva do porto Saint-Landry.

Clopin foi até ele.

— Filho! O que está fazendo, chifre de Deus, com essa escada?

— Consegui-a — respondeu Jehan sem fôlego. — Sabia onde encontrar. No hangar da casa do Tenente. Tem uma jovem ali que me acha bonito como o Cupido. Usei-a para chegar à escada e tenho a escada, por Maomé! A pobrezinha veio de camisola abrir a porta.

— Tudo bem — disse Clopin. — Mas o que pretende fazer com isso?

Jehan olhou para ele com um ar esperto e satisfeito, estalando os dedos como castanholas. Estava sublime, naquele momento. Tinha na cabeça um daqueles capacetes bem ornamentados do século XV, que apavoravam o inimigo com um cimo quimérico. O dele apresentava dez bicos de ferro, de

forma que Jehan poderia concorrer ao disputado epíteto de δεκάμολος,¹²³ ostentado pelo navio homérico de Nestor.

— O que penso fazer com isso, augusto rei de Thunes? Está vendo essa fila de estátuas com caras de imbecis, logo ali, acima dos três pórticos?

— Vejo. E daí?

— É a galeria dos reis da França!

— E eu com isso? — perguntou Clopin.

— Espere e saberá! No final dessa galeria, há uma porta que nunca se tranca. Com essa escada, posso subir e chego dentro da igreja.

— Filho, deixe-me ser o primeiro.

— Nada disso, camarada. A escada é minha. Não fique chateado, pode ser o segundo.

— Que Belzebu o estrangule! — exclamou o intratável Clopin. — Nunca sou o segundo.

— Então, Clopin, trate de conseguir uma escada!

Jehan começou a correr pela praça, puxando a escada e gritando:

— Venham comigo, meninos!

Num instante a escada foi posta de pé, apoiada na balaustrada da galeria inferior, acima de um dos pórticos laterais. Entre brados e aclamações, os bandidos se colocaram em volta para também subir. Mas Jehan insistiu no seu direito e foi o primeiro a pôr os pés num degrau. O trajeto era longo. A galeria dos reis da França se encontra cerca de sessenta pés acima do nível do chão, hoje em dia. Os onze degraus da entrada ainda mais aumentavam a altura. Jehan subia lentamente, com uma mão no degrau acima e a outra na besta que carregava à cintura. No meio do caminho, lançou um olhar melancólico aos pobres companheiros mortos, que enchiam a frente da catedral.

— É pena! — considerou. — Temos um monte de cadáveres digno do canto quinto da *Ilíada*!

E voltou a escalar. Os bandidos vinham atrás. Havia um a cada degrau. Vendo aquela ascensão ondulante no escuro, aquela linha de costas encouraçadas, podia-se pensar numa serpente com escamas de aço, avançando pelo paredão da igreja. Ajudando a completar a ilusão, Jehan, que seria a cabeça do réptil, assobiava.

O estudante chegou, enfim, ao terraço da galeria e dele se assenhorou bem agilmente, sob os aplausos de toda a bandidagem. Dono da fortaleza, deu um grito de alegria e, de repente, parou petrificado. Acabava de perceber, atrás da estátua de um rei, Quasímodo escondido no escuro, com o olho brilhando.

Antes que um segundo invasor pudesse se firmar na galeria, o formidável corcunda saltou à ponta da escada e, sem dizer uma palavra, agarrou os dois paus paralelos com as mãos poderosas e os ergueu. Em seguida os afastou da parede e sacudiu a escada comprida, lotada de cima a baixo de bandidos que urravam aflitos. Bruscamente, então, com força sobre-humana, lançou aquela penca de homens na praça. Por um instante, os mais audazes ainda esboçaram alguma reação. A escada, lançada para trás, se manteve por um momento reta e firme, traçando um assustador arco de círculo de oitenta pés de raio, e se abateu sobre o calçamento com sua carga de bandidos, em tempo mais curto do que levaria para cair uma ponte levadiça com as correntes de sustentação partidas. Ouviu-se uma imensa imprecação e depois tudo se apagou, com alguns infelizes mutilados se arrastando para escapar do amontoado de mortos.

Entre os sitiante, um rumor de dor e cólera substituiu os gritos anteriores de triunfo. Impassível, com os dois cotovelos plantados na balaustrada, Quasímodo olhava. Mais parecia um rei velho e cabeludo à janela.

Jehan Frollo, por sua vez, se via numa situação crítica. Encontrava-se na galeria, sozinho com o temível sineiro, separado dos companheiros por um paredão vertical de oitenta pés. Enquanto Quasímodo dava cabo da escada, o estudante havia corrido à poterna que ele supunha aberta. Não estava. Depois de entrar na galeria, o surdo a havia trancado. Jehan então se escondeu atrás de um rei de pedra, sem se atrever a respirar, e olhava o monstruoso corcunda com expressão assustada, como aquele homem que, cortejando a mulher de um guarda de jardim zoológico, foi um dia a um encontro amoroso, pulou o muro errado e se viu cara a cara com um urso branco.

Nos primeiros instantes, o surdo não se preocupou com ele, mas finalmente virou a cabeça e se apurou. Acabava de localizar o estudante.

Jehan se preparou para um choque dos mais brutais, mas o surdo permaneceu imóvel. Apenas se virou para ele, a olhar.

— Ô, ô! — exclamou Jehan. — Por que me olha com esse olho zarolho e melancólico?

Dizendo isso, disfarçadamente foi preparando a balestra.

— Quasímodo! Vou mudar seu apelido. Será chamado *cegueta*.

O tiro partiu. O dardo empenado assobiou e atingiu o braço esquerdo do corcunda, que reagiu com se fosse um arranhão no rei Faramundo. Arrancou com a mão direita a seta e quebrou-a tranquilamente no joelho maciço. Depois deixou cair — mais do que propriamente jogou no chão — os dois pedaços. E Jehan não teve tempo de dar o segundo tiro. Quebrada a flecha, Quasímodo bufou, deu um salto de gafanhoto e caiu em cima do estudante, fazendo sua armadura se achatar no piso.

Naquela penumbra banhada pela luz das tochas, viu-se então algo terrível.

Com a mão esquerda, Quasímodo prendeu os dois braços de Jehan, que nem se debatia, de tanto que se sentia perdido. Com a direita, arrancou sucessivamente, em silêncio e sinistra lentidão, todas as peças da armadura: espada, punhais, capacete, couraça, braços. Como um macaco que descascasse um coco, Quasímodo jogava a seus pés a casca de ferro do estudante.

Vendo-se desarmado, despido, fraco e nu, entre as assustadoras mãos, Jehan nem tentou falar com o surdo, mas começou a rir desaforadamente na sua cara e a cantar, com sua intrepidez irresponsável de menino de dezesseis anos, uma canção que na época era popular:

*Elle est bien habillée,
La ville de Cambrai.
Marafin l'a pillée...*¹²⁴

Não chegou ao fim. Todos viram Quasímodo de pé em cima do parapeito da galeria, segurando pelo pé o estudante, com uma só mão, fazendo-o girar sobre o abismo como uma funda. Em seguida, ouviu-se um barulho como o de uma caixa óssea explodindo contra uma parede e viu-se cair alguma coisa, que parou a um terço da altura, numa saliência da fachada. O corpo que ali ficou pendurado estava morto, dobrado ao meio, com a coluna quebrada e o crânio vazio.



Todos viram Quasímodo segurando o estudante pelo pé, fazendo-o girar sobre o abismo como uma funda.

Um grito de horror se ergueu entre os bandidos.

— Vingança! — gritou Clopin.

— Ao saque! — responderam todos.

— Ao assalto, ao assalto!

Foi então um berreiro prodigioso, em que se misturavam todas as línguas, todos os sotaques, todos os regionalismos. A morte do pobre estudante acendeu um ímpeto furioso na multidão, tomada de vergonha e raiva, depois

de, por tanto tempo, ser contrariada por um corcunda. A ira encontrou escadas, multiplicou tochas e, em apenas alguns minutos, Quasímodo viu o pavoroso formigueiro subir por todo lado ao assalto de Notre Dame. Os que não tinham escadas tinham cordas com nós, os que não tinham cordas escalavam pelos relevos das esculturas. Içavam-se uns aos outros pelos farrapos. Não havia meio algum para resistir àquela maré crescente de faces horríveis. O furor fazia brilhar seus rostos ferozes; das testas terrosas gotejava suor; os olhos eram como faróis. Quasímodo tornou-se o alvo de todas aquelas caras assustadoras, de toda aquela feiura. Era como se outra igreja houvesse enviado, ao assalto de Notre Dame, seus cães, górgones, anomalias, demônios e mais fantásticas esculturas. Davam a impressão de uma camada de monstros vivos sobre os monstros de pedra da fachada.

Mil tochas brilhavam agora na praça. A cena desordenada, até então escondida no escuro, subitamente se abrasara de luz. A praça du Parvis resplandecia e lançava seu brilho ao céu. A fogueira acesa na plataforma continuava a queimar e iluminava à distância a cidade. A enorme silhueta das duas torres, que de longe se via a dominar os telhados de Paris, traçava em toda aquela claridade um vasto recorte de sombra. A cidade parecia ter despertado. Rebates de sinos distantes se juntavam ao rumor generalizado. Os bandidos urravam, resfolegavam, praguejavam, escalavam e Quasímodo, impotente diante de tantos inimigos, tremendo pela egípcia, vendo os rostos furiosos se aproximarem cada vez mais da sua galeria, pedia um milagre ao céu e contorcia as mãos em desespero.

122. “Sonhando em seu sonhadouro”, citação de Rabelais, *Tiers Livre*, XV.

123. *Dekemolos* em caracteres latinos. “Armado de dez esporas”, em grego no original.

124. “Veste-se bem/ a cidade de Cambrai/ Marafin a saqueou...”.

5. O retiro em que o sr. Luís da França reza seu livro de horas

Oleitor talvez não tenha se esquecido, mas pouco antes de perceber o bando noturno dos bandidos e inspecionando Paris do alto do seu campanário, Quasímodo via apenas uma estrela brilhar, mas que resplandia de uma vidraça no andar mais elevado de um alto e sombrio edifício, para os lados da porta Saint-Antoine. Esse edifício era a Bastilha. E o que brilhava não era uma estrela, mas o castiçal de Luís XI.

O rei Luís XI estava, de fato, há dois dias em Paris. E dois dias depois seguiria ainda para a cidadela de Montilz-lès-Tours. Suas estadias na boa cidade de Paris eram raras e curtas, pois o rei não dispunha, na capital, de suficientes passagens secretas, cadafalsos e arqueiros escoceses.

Naquele dia, ele resolvera ir dormir na Bastilha. Pouco o agradava o amplo quarto de cinco toesas quadradas que tinha à sua disposição no Louvre, com doze feras selvagens e treze grandes profetas ornamentando a lareira, além de uma cama de onze por doze pés. Ele se sentia perdido dentro de tanta grandiosidade. Como bom burguês, o rei preferia a Bastilha, com um quartinho e um pequeno leito. Acrescente-se o fato de a Bastilha ser mais segura do que o Louvre.

O *quartinho* que o rei reservara para si na famosa prisão de Estado também era amplo e ocupava o andar mais elevado de uma pequena torre que, por sua vez, partia do torreão. Era um recinto circular, atapetado de esteiras de palha brilhosa, vigas do teto enfeitadas com flores de lis de estanho dourado, os vãos coloridos, lambris de madeiras raras, pintados num bonito verde-claro — mistura de *orpin* e fina *florée* — e ornamentados com pequenas rosas de estanho branco.

Havia apenas uma janela, uma comprida ogiva treliçada por fios de latão e barras de ferro, obscurecida por belos vidros coloridos com as armas do rei e da rainha, e que haviam custado vinte e dois soldos.

Uma única porta servia de entrada, em estilo moderno, de arco rebaixado, forrada de tapeçaria pelo lado de dentro e, por fora, abrigada por um desses pórticos irlandeses de madeira, delicadas construções em marcenaria

curiosamente trabalhada que frequentemente se via ainda, há cento e cinquenta anos, em antigas residências: “Apesar de desfigurar e atravancar, seus velhos proprietários de jeito nenhum querem desmontá-los e os conservam”, escreveu Sauval, criticando.

Não se encontrava ali nada do que normalmente mobília um quarto: bancos, estrados, assentos estofados, escabelos comuns em forma de baú, nem outros, mais bonitos, apoiados em pilastras e contrapilastras, e que custam quatro soldos cada. Via-se apenas uma magnífica cadeira dobrável, de braços: a madeira era pintada com rosas sobre fundo vermelho, o assento de cordovão escarlata tinha longas franjas de seda, fixado por um número enorme de tachas de ouro. A solidão da cadeira deixava claro que uma só pessoa tinha o direito de se sentar naquele quarto. Ao lado da cadeira e bem perto da janela, havia uma mesa, coberta por tapeçaria com desenhos de pássaros. Em cima, repousavam um estojo de penas com manchas de tinta, alguns pergaminhos e uma taça de prata cinzelada. Mais adiante, um aquecedor e um genuflexório de veludo carmesim, enfeitado com placas de ouro. Para terminar, um leito modesto, em adamascado amarelo e encarnado, sem brilhos nem passamanes, com franjas simples. Essa cama, famosa por ter acalentado o sono ou a insônia de Luís XI, podia ainda ser vista há duzentos anos na casa de um conselheiro do Estado, onde a admirou a velha sra. Pilou, celebrada em *Cyrus* com o nome de Arricidie, mas também denominada “Moral viva”.

Assim era o quarto chamado “retiro em que o sr. Luís da França reza seu livro de horas”.

No momento em que introduzimos o leitor, esse retiro era ainda bem pouco conhecido. O toque de recolher havia soado uma hora antes, fazia noite escura e apenas uma vacilante vela de cera em cima da mesa iluminava cinco personagens diversamente dispostos no cômodo. O primeiro que se via à claridade era um cavalheiro esplendidamente vestido, trajando calções, gibão escarlata com riscas de prata e uma casaca em *mahoîtres* de tecido bordado a ouro e desenhos pretos. O esplêndido traje, em que se refletia a luz, parecia glaciado de chamas em todas as dobras. O homem que o envergava ostentava no peito seu brasão bordado em cores vivas: uma asna acompanhada, numa ponta, de um gamo. O escudete tinha à direita um ramo de oliveira e, à esquerda, um chifre de gamo. O personagem portava à cintura

uma rica adaga, cujo cabo de prata dourada era cinzelado em forma de cimeira, com uma coroa condal. Tinha aparência má, expressão orgulhosa e fronte empinada. À primeira vista, se destacava no seu rosto a arrogância, em seguida, a maliciosidade.

Tinha a cabeça descoberta, um caderno à mão, postado atrás da cadeira de braço em que estava sentado com o corpo em postura curvada e pouco elegante, com os joelhos um por cima do outro e o cotovelo apoiado à mesa, um personagem bem malvestido. Que se imaginem, sobre o opulento couro de Córdoba do assento, duas rótulas ossudas, duas coxas magras pobremente vestidas com uma malha de lã negra, um torso abrigado no casaco de fustão, com pele em que se via menos pelo do que couro, e finalmente, coroando esse quadro, um chapéu velho e sebento, feito de pano preto vagabundo, cercado por um cordão com medalhinhas de chumbo. Por baixo desse chapéu, um sujo solidéu mal deixava de fora um fio de cabelo. Era tudo que se via do personagem sentado. Estava com a cabeça tão curvada sobre o peito que nada se percebia do rosto, coberto pela sombra, a não ser a ponta do nariz avantajado, em que batia um raio de luz. Pela magreza da mão enrugada, adivinhava-se um homem velho. Era Luís XI.

A pouca distância mais atrás, conversavam em voz baixa dois homens vestidos à flamenga e não suficientemente à sombra para que alguém, tendo assistido à apresentação do mistério de Gringoire, deixasse de reconhecer dois dos principais emissários flamengos, Guillaume Rym, o sagaz pensionista de Gante, e Jacques Coppenole, o popular fabricante de meias. Lembremos que os dois homens tinham muito envolvimento com a política secreta de Luís XI.

Enfim, bem ao fundo e perto da porta, estava de pé no escuro, imóvel como uma estátua, um vigoroso indivíduo de membros atarracados, vestindo arnês militar e casaca armoriada. Tinha o rosto quadrado, olhos esbugalhados, uma boca imensa e orelhas escondidas por boa cobertura de cabelos lisos, que não deixavam também que se visse a testa. O indivíduo tinha algo que o situava mais ou menos entre o cão de guarda e o tigre.

Todos, exceto Luís XI, estavam de cabeça descoberta.

O personagem junto ao rei lia para ele uma espécie de longo relatório, que Sua Majestade parecia ouvir com atenção. Os dois flamengos cochichavam.

— Cruz de Deus! — reclamava Coppenole. — Estou cansado de estar de

pé. Não tem cadeiras por aqui?

Rym respondeu fazendo um gesto negativo, com um discreto sorriso.

— Cruz de Deus! — retomou Coppenole, chateado por ter que falar tão baixo. — Minha vontade, então, é a de me sentar no chão, de pernas cruzadas, como um bom fabricante de meias, como faço em minha loja.

— Não faça isso, mestre Jacques!

— Bem sei, mestre Guillaume! Aqui só se pode então estar de pé?

— Ou de joelhos — disse Rym.

Nesse momento, ouviu-se, alta, a voz do rei. Eles se calaram.

— Cinquenta soldos para a roupa dos nossos criados e doze libras para os mantos dos clérigos da coroa! É o que está dizendo? Desperdiçam-se toneladas de ouro! Está louco, Olivier?

O velho, com isso, havia levantado a cabeça. Viam-se reluzir no pescoço as conchinhas de ouro do colar de Saint-Michel. A vela iluminou o seu perfil descarnado e triste. Ele arrancou o papel das mãos de quem lia.

— Está nos arruinando! — gritou, passando os olhos cavos pelo papel. — O que é isso? Para que aparato tão prodigioso? Dois capelães, recebendo dez libras por mês cada um, e um clérigo de capela a cem soldos! Um criado de quarto a noventa libras por ano, assim como quatro escudeiros de cozinha a cento e vinte libras cada um! Um responsável pelos assados, outro pelos legumes, outro pelos molhos, um cozinheiro, um encarregado das armas do rei, dois criados para os animais de carga a dez libras por mês cada um! Dois moços de recado para a cozinha, a oito libras! Um palafrenero e dois ajudantes a vinte e quatro libras mensais! Um mensageiro, um pasteleiro, um padeiro, dois carroceiros, e para cada um sessenta libras por ano! E o ferreiro, cento e vinte libras! E o encarregado do nosso tesouro, mil e duzentas libras! O controlador, quinhentas! O que mais? É um furor! O pagamento do funcionalismo saqueia a França! Todos os tesouros do Louvre vão fundir nesse incêndio financeiro! Vamos ter que vender a louça! E ano que vem, se Deus e Nossa Senhora (nesse momento ele ergueu o chapéu) nos permitirem viver, beberemos nossa infusão num vaso de estanho!

Dizendo isso, olhou para a taça de prata que brilhava em cima da mesa. Tossiu e continuou:

— Mestre Olivier, os príncipes que reinam em grandes domínios senhoriais como reis e imperadores não devem deixar que a suntuosidade

tome conta das suas casas, pois é um fogo que se alastra pela província. Então, mestre Olivier, considere o seguinte. Nossa despesa aumenta a cada ano. Isso não nos agrada. Como? Páscoa de Deus! Até 79, ela não passava de trinta e seis mil libras. Em 80, chegou a quarenta e três mil seiscentas e dezenove libras, tenho os números na cabeça. Em 81, sessenta e seis mil seiscentas e oitenta libras e, esse ano, pela fé do meu corpo, vamos chegar a oitenta mil libras! Dobrou, em quatro anos! É monstruoso!

Ele parou, sem fôlego, para voltar com ímpeto:

— Vejo a meu redor somente gente que engorda com minha magreza! Arrancam-me escudos por todos os poros!

O grupo se mantinha em silêncio. Era uma dessas raivas que é melhor esperar que passem. Ele continuou:

— Veja esse requerimento em latim, do senhorio da França, para que restabeleçamos o que dizem ser os grandes encargos da coroa! Encargos, efetivamente! Encargos que esmagam! Ah, senhores! Açam que não somos um rei para reinar *dapifero nullo, buticulario nullo*!¹²⁵ Serão obrigados a ver, Páscoa de Deus, se não somos esse rei!

E sorriu, consciente de todo o poder que tinha. O mau humor se amenizou e ele se voltou para os flamengos:

— Está vendo, amigo Guillaume? Os grandes encarregados da distribuição do pão e das bebidas, assim como o da intendência não valem um mísero criado de quarto. Guarde isso, amigo Coppenole, para nada servem. Assim inúteis a meu redor, me fazem lembrar os quatro evangelistas junto do relógio do palácio, que Philippe Brille acaba de reformar. São dourados, mas não marcam a hora e o ponteiro não precisa absolutamente deles.

Permaneceu pensativo por um momento e acrescentou, balançando a velha cabeça:

— Nada disso! Por Nossa Senhora, não sou Philippe Brille e não vou redourar os grandes vassalos. Concorde com o rei Eduardo: salvem o povo e matem o senhorio. Continue, Olivier.

O personagem assim designado pegou de volta o caderno e continuou a ler em voz alta:

— Para Adam Tenon, comissionado da chancelaria do prebostado de Paris, pela prata, feitio e cunhagem das referidas chancelas, que foram

renovadas, uma vez que as anteriores, pela antiguidade e caducidade, não podiam mais servir utilmente, doze libras parisis. Para Guillaume Frère, a soma de quatro libras e quatro soldos parisis, por alimentar as pombas dos dois pombais do palácio de Tournelles, nos meses de janeiro, fevereiro e março desse ano, gastando sete pesos de cevada. A um frade franciscano, pela confissão de um criminoso, quatro soldos parisis.

O rei ouvia em silêncio. De vez em quando, tossia. Levava então a taça à boca e bebia um gole, com uma careta.

— No ano em curso já foram feitos nas esquinas de Paris, por ordenança de justiça e ao som de trompa, cinquenta e seis anúncios a serem pagos. Quarenta e cinco libras parisis, para uma busca, em Paris e outros lugares, de um dinheiro que se acreditava escondido, mas não foi encontrado.

— Enterrar um escudo para desenterrar um soldo! — comentou o rei.

— Por ter instalado, no palácio de Tournelles, seis faces de vidro branco, no lugar em que está a grade de ferro, treze soldos. Por ter preparado e entregado, no dia de feira, quatro brasões com as armas do rei, ornados com rosas ao redor, seis libras. Por duas mangas novas no velho gibão acolchoado do rei, vinte soldos. Por uma lata de graxa para engraxar as botas do rei, quinze deniers. Pela reforma de um estábulo para guardar os porcos negros do rei, trinta libras parisis. Por várias divisórias, tábuas e alçapões para isolar os leões de Saint-Paul, vinte e duas libras.

— São bichos que saem bem caro — disse Luís XI. — Mas não me importo! É uma bela magnificência de rei. Há um grande leão ruço que é o meu preferido. Já os visitou, mestre Guillaume? Os príncipes devem possuir animais assim, miríficos. Para nós, reis, nossos cães são leões e nossos gatos tigres. A coroa deve se cercar de grandezas. No tempo dos pagãos de Júpiter, enquanto o povo oferecia às igrejas cem bois e cem ovelhas, os imperadores ofertavam cem leões e cem águias. Era algo feroz e muito bonito. Os reis da França sempre contaram com rugidos junto ao trono. Mas justiça seja feita, gasto menos dinheiro do que meus antecessores e é maior a minha modéstia com relação a leões, ursos, elefantes e leopardos. Continue, mestre Olivier, apenas quisemos dizer isso a nossos amigos flamengos.

Guillaume Rym fez profunda reverência, enquanto Coppenole, taciturno, mais parecia um dos tais ursos a que se referia Sua Majestade. O rei não prestou atenção. Acabava de molhar os lábios na taça e cuspiu o que bebia,

dizendo:

— Ah, que horrível infusão!

O encarregado da leitura continuou:

— Pela alimentação de um peão salafrário, encarcerado há seis meses no cubículo do matadouro, esperando que se saiba o que fazer com ele, seis libras e quatro soldos.

— Mas o que é isso? — interrompeu o rei. — Alimentar a quem se deve enforcar? Páscoa de Deus! Não pago mais um soldo por isso. Olivier, entenda-se nesse sentido com o senhor de Estouteville e hoje mesmo preparem as núpcias do galanteador com a força. Continue.

Olivier fez uma marca com o polegar no item *peão salafrário* e prosseguiu.

— Para Henriet Cousin, mestre executor das altas obras da justiça de Paris, a soma de sessenta soldos parisis, a ele fixada e ordenada pelo sr. preboste de Paris, pela compra, por ordem do citado preboste, de um espadão, com sua bainha e demais afins, para a execução e decapitação de pessoas que, pela justiça, forem condenadas por seus malefícios. Ao mesmo tempo mandou-se recuperar e preparar o antigo espadão, danificado ao se fazer justiça ao sr. Louis de Luxembourg, como se pôde ver...

O rei o interrompeu.

— Está bem. Libero a soma, satisfeito. São despesas que não regateio. Nunca lamentei esse tipo de investimento. Prossiga.

— Por ter renovado uma grande jaula...

— Ah! — disse o rei, segurando com as duas mãos os braços da cadeira. — Sabia ter vindo à Bastilha por um motivo. Espere, mestre Olivier. Quero ver pessoalmente a jaula. O senhor me lerá o custo enquanto a examino. Srs. flamengos, venham ver. É curioso.

Ele se levantou, tomando apoio no braço de mestre Olivier, fez sinal ao mudo postado diante da porta para que fosse à frente e aos dois flamengos para que o seguissem, e saiu do quarto.

O real grupo recrutou, à porta do retiro, soldados que carregavam bom peso de ferro e esbeltos pajens portadores de tochas. Caminharam todos pelo interior do torreão, atravancado de escadas e corredores. O capitão da Bastilha marchava à frente, mandando abrir as diferentes seções intermediárias para o velho rei doente e arqueado, que tossia enquanto

andava.

A cada seção atravessada, todas as cabeças eram obrigadas a se abaixar, exceto a do velho rei, já dobrada pela idade.

— Hum! — resmungou ele entre as gengivas, pois não tinha mais dentes.
— Estamos na medida certa para a porta do sepulcro. Para porta baixa, peregrino curvado.

Finalmente, depois de atravessarem a última daquelas defesas, tão cheia de trancas que foi necessário um quarto de hora para abri-la, entraram todos num alto e vasto salão em ogiva, no centro do qual se via, à luz das tochas, um grande e maciço cubo em alvenaria, ferro e madeira, oco por dentro. Era uma das famosas caixas para prisioneiros, chamadas *filhinhas do rei*. Tinha duas ou três pequenas janelas, tão cerradamente gradeadas com grossas barras de ferro que não se via o vidro. A porta era uma grande laje de pedra chata, como nas tumbas. Portas que só servem para entrar. Só que, no presente caso, o morto era alguém vivo.

O rei se pôs a caminhar lentamente em torno do pequeno edifício, examinando com atenção, enquanto mestre Olivier, que o seguia, lia em voz alta:

— Por ter renovado uma grande jaula de madeira com fortes barrotes, coiceiras e frechais, de nove pés de comprimento, oito de largo e sete pés de altura entre os dois pisos, barras transversais e travessas de ferro, assentada num quarto de uma das torres da bastilha Saint-Antoine. Na referida jaula fica detido, por ordem do rei, nosso senhor, o prisioneiro que habitava a jaula anterior, caduca e decrépita. Foram empregados, na referida renovação, noventa e seis barrotes deitados e cinquenta e dois barrotes de pé, dez frechais de três toesas de comprimento, tendo nela trabalhado dezenove carpinteiros para esquadrear e cortar a referida madeira, no pátio da Bastilha, por vinte dias...

— Belos miolos de carvalho — disse o rei, batendo com o punho na caixa.

— Foram empregadas nessa jaula — continuou o leitor — duzentas e vinte grandes travessas de ferro, de nove ou oito pés, além de outras de tamanho médio, com rodela diversas e fixadores servindo às referidas travessas, pesando o conjunto três mil setecentas e trinta e cinco libras, além de oito grandes esquadrias metálicas, para prender a citada jaula, com grampos e pregos pesando mais duzentas e dezoito libras, sem contar o ferro

do gradeado das janelas do quarto em que a jaula foi deixada, as barras da porta do quarto e outras coisas...

— É muito ferro para conter a leviandade de um espírito! — observou o rei.

— Tudo isso somou trezentas e dezessete libras, cinco soldos e sete deniers.

— Páscoa de Deus! — exclamou o rei.

A exclamação, que era a favorita de Luís XI, pareceu despertar o prisioneiro da caixa. Ouviram-se cadeias sendo ruidosamente arrastadas no piso e uma voz fraca que pareceu sair do túmulo:

— *Sire! Sire! Piedade!*

Não se podia ver quem falava.

— Trezentas e dezessete libras, cinco soldos e sete deniers! — repetiu Luís XI.

A voz cavernosa que escapara da caixa havia congelado todos os presentes, inclusive mestre Olivier. Apenas o rei parecia não ter ouvido. Por ordem sua, mestre Olivier retomou a leitura e Sua Majestade continuou a friamente inspecionar a jaula.

— Além disso, pagou-se vinte e sete libras e quatorze soldos parisis ao pedreiro que fez buracos para a colocação das grades nas janelas e fortaleceu o piso do quarto em que está a jaula, pois não suportaria o peso.

A voz voltou a gemer:

— Piedade, *sire!* Juro que foi o sr. cardeal d'Angers que cometeu traição, e não eu.

— É um pedreiro caro! Continue, Olivier.

Olivier continuou:

— A um marceneiro, pelas janelas, vernizes, buraco para excrementos e outras coisas, vinte libras e dois soldos parisis.

A voz também continuava:

— Por favor, *sire!* Não me ouve? Juro que não escrevi aquilo ao sr. de Guyenne, foi o sr. cardeal La Balue!

— Marceneiro caro — observou o rei. — Só isso?

— Não, *sire.* A um vidraceiro, pelos vidros do cubículo em questão, quarenta e seis soldos e oito deniers parisis.

— Clemência, *sire*! Já não basta que tenham distribuído todos os meus bens entre os juízes, minha louça ao sr. de Torcy, minha biblioteca a mestre Pierre Doriolle, minhas tapeçarias ao governador do Roussillon? Sou inocente. Há quatorze anos tremo de frio numa jaula de ferro. Piedade, majestade! Receberá isso de volta no céu.

— Mestre Olivier — disse o rei. — O total?

— Trezentos e sessenta e sete libras, oito soldos e três deniers parisis.

— Por Nossa Senhora! — exclamou o rei. — É uma caixa escandalosa!

Arrancou das mãos de mestre Olivier o caderno e começou a contar pessoalmente nos dedos, examinando sucessivamente o papel e a caixa. Ouvia-se, lá dentro, o prisioneiro chorar. Naquela penumbra, era algo bem lúgubre e todos se entreolhavam, lívidos.

— Quatorze anos, *sire*! São quatorze anos! Desde abril de 1469. Em nome da santa mãe de Deus, majestade, ouça! Por todo esse tempo Sua Majestade gozou do calor do sol; nunca mais verei a luz do dia? Graça, *sire*! Misericórdia! A clemência é uma bela virtude real, que rompe as correntes do ódio. Sua Majestade acredita que, à hora da morte, seja uma grande alegria para um rei não ter deixado ofensa alguma impune? E aliás, *sire*, de forma alguma traí Sua Majestade, foi o sr. d'Angers. E tenho no pé uma cadeia bem dolorosa, com grande bola de ferro na ponta, muito mais pesada do que manda a razão. Por favor, *sire*, apiede-se!

— Olivier — disse o rei, meneando a cabeça. — Vejo que me cobraram o moio de gesso vinte soldos e o preço é doze. Refaça essas contas.

E virou as costas para a caixa. O miserável prisioneiro, pelo afastamento das chamas e do barulho, percebeu que o rei ia embora.

— *Sire*! — ele gritou em desespero.

A porta se fechou. Nada mais se viu e nada mais se ouviu, além da voz rouca do carcereiro, que cantou essa canção:

*Maître Jean Balue
A perdu la vue
De ses évêchés;
Monsieur de Verdun
N'en a plus pas un,
Tous sont dépêchés.*¹²⁶

O rei voltou em silêncio a seu retiro e o cortejo o acompanhava, aterrorizado com os últimos lamentos do condenado. Subitamente, Sua Majestade se virou para o administrador da Bastilha:

— Aliás — disse. — Havia alguém na caixa?

— Por Deus, *sire*! — respondeu o administrador, estarrecido com a pergunta.

— E quem era?

— O sr. bispo de Verdun.

Melhor do que ninguém, o rei sabia disso. Mas era uma das suas manias.

— Ah! — disse com ar ingênuo, como se pensasse nisso pela primeira vez. — Guillaume de Harancourt, amigo do sr. cardeal La Balue. Um bom diabo de bispo.

Ao fim de alguns minutos, a porta do retiro foi aberta e deu passagem aos cinco personagens que foram descritos ao leitor no início deste capítulo. Depois se fechou e todos retomaram os mesmos lugares, as conversas a meia-voz e as mesmas posturas.

Durante a ausência do rei, haviam deixado sobre a mesa algumas mensagens, das quais ele mesmo abriu o lacre. Prontamente pôs-se a ler e fez sinal a *mestre Olivier*, que parecia representar o papel de ministro, para que pegasse uma pena. Sem comentar o conteúdo das cartas, começou a ditar em voz baixa as respostas, bem desconfortavelmente escritas pelo ajudante, de joelhos à frente da mesa.

Guillaume Rym observava.

O rei falava tão baixo que os flamengos nada ouviam do que era ditado, a não ser, num ponto ou outro, trechos isolados e pouco inteligíveis como: “... Manter os lugares férteis para o comércio, os estéreis para as manufaturas... Mostrar aos senhores ingleses nossas quatro bombardas: Londres, Brabant, Bourg-en-Bresse e Saint-Omer... A artilharia tornou as guerras mais judiciosas... Para o sr. Bressuire, nosso amigo... Não se sustentam exércitos sem taxações... etc.”

Em certo momento, ergueu a voz:

— Páscoa de Deus! O sr. rei da Sicília lacra suas cartas com cera amarela, como um rei da França. Provavelmente cometemos erro, aceitando isso. Meu primo da Borgonha não concedia brasões com a cor vermelha. A grandeza das linhagens tem apoio na integridade das prerrogativas. Note isso, amigo

Olivier.

E, noutro momento:

— Ô, ô! Mensagem importante! O que quer nosso irmão imperador?

Percorrendo com os olhos a missiva, intercalava a leitura com interjeições:

— Claro! Os alemães são tão grandes e fortes que mal se pode acreditar. Mas não devemos esquecer o velho provérbio: o mais belo condado é o de Flandres; o mais belo ducado, o de Milão; e o mais belo reino, a França. Não acham, srs. flamengos?

Dessa vez, Coppenole se inclinou, acompanhando Guillaume Rym. Mas o patriotismo do fabricante de meias ficou melindrado.

A última carta fez Luís XI fechar a cara.

— O que é isso? — exclamou. — Queixas e reclamações contra nossos regimentos da Picardia! Olivier, escreva agora mesmo ao sr. marechal de Rouault. A disciplina se relaxa. Os militares das ordenanças, os nobres em serviço, os arqueiros, os suíços, estão causando males infinitos aos campônios. Os homens de guerra não estão se limitando aos bens que encontram na casa dos lavradores e ainda os obrigam, às bordoadas, a irem pedir vinho na cidade, peixe, alimentos e demais coisas excessivas. E imaginar que tenha sido necessário informar o rei! Queremos manter nosso povo livre de inconvenientes, como roubos e saques. É a nossa vontade, por Nossa Senhora! Além disso, não nos agrada que menestrelis, barbeiros ou serventes militares se vistam como príncipes, com veludo, seda e anéis de ouro. São vaidades odiosas a Deus. Nós que somos fidalgos nos contentamos com um gibão de pano de dezesseis soldos a aune de Paris. Que a arraia-miúda também se rebaixe a isso. Notifique e ordene. Para o sr. de Rouault, nosso amigo. Que assim seja.

Havia ditado a carta em voz alta, com um tom firme e aos arrancos. No momento em que terminava, a porta se abriu e deu passagem a um novo personagem, que se precipitou em tumulto no quarto, gritando:

— *Sire! sire!* Há uma sedição popular em Paris.

A grave figura de Luís XI se contraiu, mas o que se pôde ver da sua irritação passou como um relâmpago. Ele se conteve e disse, com severa tranquilidade:

— Amigo Jacques, entrou bem bruscamente!

— *Sire! sire!* Há uma revolta! — insistiu o amigo Jacques, sem fôlego.

O rei, que tinha se levantado, tomou-lhe rudemente o braço e disse a seu ouvido, de maneira que somente ele ouviu, com raiva concentrada e olhando obliquamente para os flamengos:

— Cale-se ou fale baixo!

O recém-chegado entendeu e passou a contar aos sussurros uma história bem confusa que o rei ouviu com calma, enquanto Guillaume Rym chamava a atenção de Coppenole para o rosto e as roupas do personagem, de capuz forrado, *caputia fourrata*, epítoga curta, *epitogia curta*, além da toga de veludo negro, que indicava se tratar de um presidente do Tribunal de Contas. Assim que o personagem deu ao rei algumas explicações, Luís XI exclamou, com uma gargalhada:

— É mesmo? Conte em voz alta, amigo Coictier! Por que fala tão baixo! Nossa Senhora sabe que nada temos a esconder dos nossos bons amigos flamengos.

— Mas, *sire*...

— Fale alto!

O “amigo Coictier” estava mudo de surpresa.

— E então — continuou o rei —, fale! Há uma agitação no populacho de nossa boa cidade de Paris?

— Exatamente, *sire*.

— E que se dirige, pelo que disse, contra o sr. bailio do Palácio da Justiça?

— Aparentemente — respondeu o *amigo*, que balbuciava, ainda confuso com a brusca e inexplicável mudança a que acabava de assistir nos pensamentos do rei.

Luís XI perguntou:

— E onde a vigilância encontrou o tumulto?

— Caminhando da Grande-Truanderie para a ponte dos Cambistas. Eu mesmo passei por eles, vindo aqui cumprir as ordens de Sua Majestade. Ouvi alguns gritarem: Abaixo o bailio do palácio!

— E quais são as queixas contra o bailio?

— Bem... — disse o amigo Jacques. — É quem tem poder direto sobre eles.

— É verdade!

— Exatamente, *sire*. São bandidos do Pátio dos Milagres. Há muito tempo se queixam do bailio, do qual dependem. Não o querem reconhecer como juiz nem como *voyer*.

— Ora, ora! — continuou o rei, com um sorriso de satisfação que ele em vão tentava disfarçar.

— Em todas as requerições ao Parlamento — confirmou o amigo Jacques — eles pretendem ter apenas dois senhores, Vossa Majestade e Deus, que, no caso, creio ser o diabo.

— Ora, ora! — respondeu o rei, esfregando-se as mãos, com esse riso interno que faz todo o rosto brilhar e sem conseguir esconder a alegria, mesmo tentando sempre se recompor.

Ninguém entendia o que se passava, sequer “mestre Olivier”. O rei permaneceu um momento em silêncio, pensativo, mas satisfeito.

— Estão em grande número? — perguntou, de repente.

— Certamente, *sire* — respondeu o amigo Jacques.

— Quantos?

— No mínimo seis mil.

O rei não pôde deixar de rir:

— Bom! — continuou. — Armados?

— Foices, lanças, arcabuzes, enxadas. Todo tipo de arma violenta.

O rei não pareceu absolutamente se preocupar com isso. O amigo Jacques então acrescentou:

— Se Vossa Majestade não enviar prontamente socorro ao bailio, ele está perdido.

— Faremos isso — disse o rei, com ar falsamente sério. — Concordo. Certamente enviaremos. O sr. bailio é nosso amigo. Seis mil! São uns velhacos bem determinados. A ousadia é enorme e muito nos irrita. Mas temos pouca gente conosco, essa noite. Faremos isso amanhã de manhã.

O amigo Jacques se agitou.

— Imediatamente, *sire*! Até amanhã de manhã o bailio terá sido vinte vezes saqueado, o domínio senhorial violentado e o bailio enforcado. Por Deus, *sire*! Envie a tropa já.

O rei o olhou de frente.

— Eu disse amanhã de manhã.

Era um desses olhares que não admitem réplica. Após um silêncio, Luís XI ergueu de novo a voz.

— Meu amigo Jacques provavelmente deve saber. Qual era... — corrigiu: — Qual é a jurisdição feudal do bailio?

— *Sire*, o bailio do palácio tem a rua de la Calandre até a rua de l'Herberie, a praça Saint-Michel e os locais vulgarmente denominados Mureaux, situados junto à igreja Notre Dame des Champs.

Nesse momento, Luís XI ergueu a aba do chapéu.

— Nessa área se situam treze *hôtels*, mais o Pátio dos Milagres, mais a *Maladerie* chamada *Banlieue*, mais todo o baixio que começa nessa *Maladerie* e termina na porta Saint-Jacques. Desses diversos locais ele é o *voyer*, o alto, médio e baixo juiz, o pleno senhor.

— Ótimo! — concordou o rei, coçando a orelha esquerda com a mão direita. — É um bom pedaço da minha cidade! Ah! O sr. bailio era o rei de tudo isso!

Dessa vez ele não se corrigiu. Continuou, pensativo e como se falasse consigo mesmo:

— É bem verdade... O senhor tinha entre os dentes um lindo pedaço da nossa Paris.

De repente, explodiu:

— Páscoa de Deus! Que gente é essa a se pretender *voyers*, juízes, senhores e donos em nossa casa? Que tem pedágios por todo lugar, justiça e carrasco em todo cruzamento, contra o nosso povo? Como os gregos achavam ter tantos deuses quanto tinham fontes e os persas tantos quanto as estrelas que viam no céu, os franceses contam o número de reis pelo número de patíbulos! Por Deus! Isso não é bom e tal confusão me desagrada. Bem gostaria de saber se é por graça de Deus que há em Paris outro *voyer* além do rei, outra justiça além do nosso parlamento, outro imperador além de nós! Pela fé da minha alma! É preciso vir o dia em que na França haja um único rei, um senhor, um juiz, um cortador de cabeças, da mesma maneira que, no Paraíso, há um só Deus!

Ele mais uma vez levantou o chapéu e, saindo do devaneio, assumindo o tom e o aspecto de um caçador que se irrita e solta os cachorros, continuou:

— Muito bem! Povo meu! Coragem! Derrube esses falsos senhores! Faça o seu trabalho. Rápido! Rápido! Saqueie, enforque, roube!... Ah! Os

senhores querem ser reis? Em frente, povo! Em frente!

Ele bruscamente parou, mordeu o lábio como querendo recolher o pensamento que escapava pela metade e lançou um olhar escrutador a cada um dos cinco personagens a seu redor. De repente, pegando o chapéu com as duas mãos e olhando-o de frente, disse:

— Eu te queimaria se soubesses o que tenho na cabeça!

Em seguida, olhando de novo em volta, como a raposa atenta e inquieta que entra sorrateiramente na sua toca:

— Pouco importa! Socorreremos o sr. bailio. Por infelicidade, temos pouca tropa nesse momento, contra tal quantidade de revoltosos. Será preciso esperar. Restabeleceremos a ordem e seremos duros com todos que forem pegos.

— Aliás, *sire*! — disse o amigo Coictier. — Estava tão perturbado que esqueci, mas a vigilância capturou dois meliantes do bando. Se a Vossa Majestade aprovar interrogar esses homens, eles estão aqui.

— Se me aprovar? — exclamou o rei. — Com certeza! Páscoa de Deus! E esqueceu-se de dizer? Vá você, Olivier! Vá buscá-los!

Mestre Olivier saiu e voltou pouco depois com os dois prisioneiros, cercados de arqueiros da ordenança. O primeiro tinha uma cara grande e surpresa de idiota e bêbado. Apresentava-se em farrapos e andava dobrando o joelho e arrastando o pé. O segundo era uma figura pálida e sorridente, já conhecida do leitor.

O rei os examinou por um instante, sem nada dizer, e depois se dirigiu bruscamente ao primeiro:

— Como se chama?

— Gieffroy Pincebourde.

— Profissão?

— Bandido.

— O que estava indo fazer na tal sedição?

O vigarista olhou o rei, balançando os braços, parecendo abestalhado. Tinha uma dessas cabeças malconformadas, em que a inteligência se sente tão à vontade quanto a luz num abafador de velas.

— Não sei — ele respondeu. — Todos iam, segui junto.

— Não estavam indo ultrajosamente atacar o sr. bailio do palácio?

— Sei que íamos pegar alguma coisa em algum lugar. Só isso.

Um soldado mostrou ao rei um podão, que estava com o bandido.

— Reconhece essa arma? — perguntou o rei.

— Claro que sim, é o meu podão. Sou viticultor.

— E reconhece esse homem como companheiro? — acrescentou Luís XI, indicando o outro prisioneiro.

— Não, não conheço.

— Basta — disse o rei.

Fazendo um gesto com a mão para o personagem silencioso e imóvel junto à porta — para o qual já havíamos chamado a atenção do leitor — ele disse:

— Amigo Tristan, o homem é seu.

Tristan l’Hermite se inclinou. Deu uma ordem em voz baixa a dois arqueiros, que carregaram o pobre vigarista.

O rei, enquanto isso, se aproximou do segundo prisioneiro, que suava em bica.

— Seu nome?

— Pierre Gringoire, *sire*.

— Profissão?

— Filósofo, *sire*.

— Como se atreve, velhaco, a atacar nosso amigo bailio do palácio e o que tem a dizer da sublevação popular?

— *Sire*, eu não estava presente.

— Ora essa, folgazão! Não foi preso pela vigilância com aquela má companhia?

— Não, *sire*, há um engano. É uma fatalidade. Escrevo tragédias. *Sire*, suplico a Vossa Majestade que me ouça. Sou poeta. Faz parte da melancolia das pessoas de minha profissão deambular à noite pelas ruas. Passava por ali. Foi um grande acaso. Prenderam-me erradamente. Sou inocente com relação a toda essa tempestade civil. Vossa Majestade bem viu que o bandido não me conhecia. Conjuro a Vossa Majestade...

— Cale-se! — disse o rei entre dois goles de infusão. — Está nos enchendo a paciência.

Tristan l’Hermite avançou, indicando Gringoire:

— *Sire*, podemos enforcar esse também?

Era a primeira coisa que ele dizia.

— Pfff! — respondeu displicentemente o rei. — Nada tenho contra.

— Pois eu sim! — atalhou Gringoire.

Nosso filósofo, nesse momento, estava mais verde do que uma azeitona. Viu, pela expressão fria e indiferente do rei, não haver solução fora de alguma iniciativa extremamente patética e se precipitou aos pés de Luís XI, exclamando com desesperada gesticulação:

— *Sire!* Aceite Vossa Majestade me ouvir! *Sire!* Não exploda em trovões por coisa tão insignificante quanto eu. O poderoso raio de Deus não bombardeia um pé de alface. *Sire*, sois um augusto monarca poderosíssimo, tende piedade de um pobre coitado honesto, mais incapaz, porém, de atizar uma revolta do que um pedaço de gelo de produzir uma faísca! Graciosíssimo *sire*, a indulgência é virtude de leão e de rei. *Hélas!* o rigor só faz tornar ferozes os espíritos, e os sopros impetuosos do vento seco não nos levam a deixar de lado o casaco, mas o sol, com seus raios, pouco a pouco nos permite ficar só de camisa. *Sire*, sois o sol. Confirmo, meu soberano amo e senhor, não passo de um companheiro da bandidagem, ladrão e desordenado. A revolta e as confusões não se encaixam nos projetos de Apolo. Não iria eu me precipitar em tais brumas que estouram em algazaras de sedições. Sou fiel vassalo de Vossa Majestade. O mesmo zelo que tem o marido pela honradez da esposa, a viva expectativa que tem o filho com relação ao amor paterno, deve ter o vassalo pela glória de seu rei. Ele deve ansiar pelo sucesso da sua casa, pelo crescimento do seu serviço. Qualquer outra paixão que o motivasse seria loucura. São essas, *sire*, minhas máximas para o Estado. Não me julgueis, então, sedicioso e saqueador, por influência de minhas roupas gastas nos cotovelos. Se puder contar com vossa graça, *sire*, será nos joelhos que elas ficarão esgarçadas, de tanto que rezarei dia e noite a Deus por Vossa Majestade. Infelizmente, não sou muito rico, é verdade. Sou, inclusive, um tanto pobre. Mas nem por isso desonesto. Não é culpa minha. Todos sabem que grandes riquezas não saem das belas-letras e que os que mais consomem bons livros nem sempre têm calor no inverno. O advocatício fica com todo o grão e deixa apenas a palha para as demais profissões científicas. Há pelo menos quarenta excelentes provérbios sobre o casaco furado dos filósofos. Ah, *sire!* A clemência é a única luz a poder iluminar o interior de uma grande

alma. A clemência conduz a flama à frente de todas as demais virtudes. Sem ela, são cegas que procuram Deus às cegas. A misericórdia, que é igual à clemência, cimenta o amor dos vassalos, que é o mais poderoso guardião da pessoa do príncipe. Que diferença pode fazer a Vossa Majestade, cujas faces deslumbram, que haja um pobre homem a mais na Terra? Um pobre inocente filósofo, chafurdando nas trevas da calamidade, com o bolso vazio que faz eco à barriga igualmente cava? Aliás, *sire*, sou letrado. Os grandes reis consideram uma pérola à sua coroa a proteção das Letras. Hércules não desprezava o título de *musageta*.¹²⁷ Matias Corvino apoiou Jean de Monroyal, o príncipe dos matemáticos. Posso, porém, afirmar ser péssima maneira de proteger as Letras mandar que se enforcem os letrados. O que seria de Alexandre se houvesse mandado enforcar Aristóteles? Essa marca não seria um simples sinal na fachada da sua reputação, a embelezar a aparência, e sim uma ferida maligna a desfigurá-la. *Sire!* Compus um expediente epitálamo para a srta. de Flandres e o augustíssimo sr. delfim. Gente que ateia fogo em rebeliões não é dada a coisas assim. Vossa Majestade bem vê que não sou nenhum parvo, estudei excelentemente e tenho muita eloquência natural. Concedei-me graça, *sire*. Estareis com isso fazendo ação agradável a Nossa Senhora e juro que me apavora muito essa ideia de ser enforcado!

Depois dessa longa arenga, o desolado Gringoire passou a beijar as chinelas do rei. Guillaume Rym dizia baixinho a Coppenole:

— É preciso se arrastar bem no chão. Os reis são como o Júpiter de Creta, são só orelhas, da cabeça aos pés.

Sem se preocupar com o Júpiter de Creta, o fabricante de meias respondeu com um sorriso pesado, de olho preso em Gringoire:

— É bem verdade! Tenho a impressão de ouvir o chanceler Hugonet me pedir clemência.

Quando, finalmente sem fôlego, Gringoire parou, ergueu, trêmulo, a cabeça para o rei, que raspava com a unha uma mancha descoberta no joelho das suas meias. Em seguida Sua Majestade bebeu ainda um gole na taça de infusão. E nada dizia; um silêncio torturante para Gringoire. Mas o rei, enfim, olhou para ele.

— Temos aqui alguém que, realmente, fala muito! — Virando-se para Tristan l'Hermite, sentenciou: — Pfff! Solte-o!

Gringoire caiu sentado, assustado de tão alegre.

— Livre? — resmungou Tristan. — Vossa Majestade não quer que o guardemos um pouco numa jaula?

— Amigo — explicou Luís XI. — Acha então que foi para pássaros assim que mandamos construir jaulas de trezentas e setenta e sete libras, oito soldos e três deniers? Solte-me logo o folgazão (Luís XI gostava da palavra que, junto com *Páscoa de Deus*, formava a base da sua jovialidade) e ponha-o para fora com algumas sacudidas!

— Ufa! — suspirou Gringoire. — Temos um grande rei!

Temendo alguma contraordem, ele se precipitou à porta, que Tristan abriu, bastante contrariado. Os soldados saíram com ele, empurrando-o com bons safanões, que Gringoire suportou como verdadeiro filósofo estoico.

O bom humor do rei, desde que a revolta contra o bailio fora anunciada, transparecia em tudo. Aquela clemência inusitada era um significativo sinal. Tristan l'Hermite, no seu canto, tinha ares acabrunhados de um dogue que viu passar o osso e não ficou com ele.

Todo feliz, o rei tamborilava no braço da cadeira o hino guerreiro composto para a batalha de Pont-Audemer. Era um príncipe dissimulado, mas que sabia disfarçar melhor as contrariedades do que as alegrias. As manifestações externas de contentamento diante de qualquer boa notícia podiam às vezes ir longe; por exemplo, à morte de Carlos o Temerário, doou balaustradas de prata a Saint-Martin de Tours e, quando subiu ao trono, chegou a esquecer de mandar organizar os funerais do pai.

— Por favor, *sire*! — exclamou de repente Jacques Coictier. — O que aconteceu com o sintoma de doença pelo qual Vossa Majestade mandou me chamar?

— Ah! — disse o rei. — Realmente sofro muito, amigo. Tenho um zumbido no ouvido e lâminas de fogo que me dilaceram o peito.

Coictier tomou a mão do rei e consultou o pulso com atitude profissional.

— Observe, Coppenole — disse Rym em voz baixa. — O rei entre Coictier e Tristan. É tudo de que ele precisa. Um médico para si mesmo e um carrasco para os outros.

Medindo os batimentos do rei, Coictier assumia ares cada vez mais preocupados. Luís XI o olhava com ansiedade. A expressão do médico visivelmente se ensombrecia. O bom homem tinha como melhor garantia a

má saúde do rei. E a explorava da melhor maneira.

— Ô, ô! — murmurou, enfim. — Parece realmente grave.

— Não é? — perguntou o rei, inquieto.

— *Pulsus creber, anhelans, crepitans, irregularis*¹²⁸ — continuou o médico.

— Páscoa de Deus!

— Algo assim pode levar a pessoa em três dias.

— Nossa Senhora! — assustou-se o rei. — E o remédio?

— Estou pensando, *sire*.

Ele fez Luís XI mostrar a língua, balançou a cabeça, fez uma careta e, no meio de toda essa encenação, disse, de repente:

— Aliás, preciso lhe dizer que há uma recebedoria das regalias vaga, e tenho um sobrinho...

— Dou a recebedoria a seu sobrinho, amigo Jacques, mas livre-me desse fogo no peito.

— Já que Vossa Majestade é tão clemente — continuou o médico —, não haverá de recusar uma pequena ajuda para a construção da minha casa, na rua Saint-André-des-Arcs.

— Hum... — hesitou o rei.

— Cheguei ao fim das minhas finanças — continuou o doutor — e, realmente, seria pena a casa não ter telhado. Não por ela propriamente, que é simples e bem burguesa, mas pelas pinturas de Jehan Fourbault, que dão alguma vida aos lambris. Há uma Diana voando nos ares, tão excelente, tão doce, tão delicada, dentro de uma cena tão inventiva, com a cabeça tão bem-feita e coroada por um crescente, de pele tão clara que deixa tentado quem dela se aproxima com muita curiosidade. E também uma Ceres. Outra bela divindade. Sentada em montes de trigo, tendo na cabeça uma guirlanda galante de espigas de cereal, entrelaçadas com cercefi e outras flores. Seus olhos são o que de mais meigo pode haver, as pernas são o que há de mais roliço, a expressão é nobre, a túnica lindamente drapeada. Uma das belezas mais inocentes e perfeitas que um pincel já produziu.

— Carrasco! — resmungou Luís XI. — Aonde quer chegar?

— Preciso de um telhado em cima dessas pinturas, *sire*. E, apesar de ser tão pouco, não tenho mais dinheiro.

— E quanto custa esse seu telhado?

— Bem... um telhado de cobre com enfeites e dourado, duas mil libras, no máximo.

— Assassino! — gritou o rei. — Não me arranca um dente que não seja um diamante.

— Posso contar com meu telhado?

— Pode, e vá para o inferno, mas me cure.

Jacques Coictier se debruçou bem e disse:

— *Sire*, um repercussivo o salvará. Aplicaremos nos rins o grande defensivo, composto de cerato, argila da Armênia, clara de ovo, óleo e vinagre. Continue com a infusão e garanto a boa saúde de Vossa Majestade.

Uma vela que brilha não atrai apenas uma mosca. Mestre Olivier, vendo o rei com disposições tão liberais, achou o momento adequado e, por sua vez, se aproximou:

— *Sire*...

— O que mais, agora?

— *Sire*, Vossa Majestade soube da morte de mestre Simon Radin?

— E o que tem isso?

— Ele era conselheiro do rei em assuntos da justiça do tesouro.

— E o que tem isso?

— *Sire*, o lugar está vago.

Naquele momento, a figura altiva de mestre Olivier havia trocado a arrogância pela humildade. É a única mudança de que é capaz uma figura de cortesão. O rei o olhou bem de frente e disse, com um tom seco:

— Entendo — e continuou. — Mestre Olivier, o marechal Boucicaut dizia: “Não há doação que não venha do rei e não há pesca senão no mar.” Vejo que tem a opinião do sr. de Boucicaut. Temos boa memória. Em 68, fizemos dele nosso camareiro; em 69, guarda do castelo de Pont de Saint-Cloud, com pensão de cem libras tournois (que o senhor queria parisis). Em novembro de 73, por cartas dadas a Gergeole, nós o instituímos na guarda do bosque de Vincennes, no lugar de Gilbert Aclé, escudeiro. Em 75, encarregado da exploração, fiscalidade, justiça e controles da floresta de Rouvray-lez-Saint-Cloud, no lugar de Jacques Le Maire. Em 78, graciosamente lhe concedemos, por cartas patentes seladas com duplo lacre

de cera verde, uma renda de dez libras parisis, para o senhor e sua mulher, da sede dos feirantes, na escola Saint-Germain. Em 79, o tornamos encarregado de exploração, fiscalidade, justiça e controles da floresta de Senart, no lugar daquele pobre Jehan Daiz. Depois, capitão do castelo de Loches. Depois, governador de Saint-Quentin. Depois, capitão da ponte de Meulan, com o que passou a se denominar conde. De cada cinco soldos de multa que paga todo barbeiro que executa seu ofício em dia feriado, três soldos são do senhor. E por aí em diante. Aceitamos mudar o seu nome de família, *Le Mauvais*, que refletia muito bem as suas feições. Em 74, outorgamos, para grande descontentamento de nossa nobreza, um brasão multicolorido que lhe permite exhibir esse peito de pavão. Páscoa de Deus! Está bêbado? A pescaria já não foi boa e miraculosa? Não teme que um salmão a mais faça virar o barco? O orgulho o perderá, meu amigo. O orgulho vem sempre seguido de perto pela ruína e pelo opróbrio. Leve isso em consideração e cale-se.

Ditas com severidade, tais palavras fizeram a insolência voltar à fisionomia frustrada de mestre Olivier.

— Bom — murmurou ele, quase em voz alta. — Vemos que o rei se encontra doente. Cede tudo ao médico.

Sem se irritar com a afronta, Luís XI retomou, em tom suave:

— Ah, esqueci que o tornei também meu embaixador em Gante, à corte da sra. Maria. Isso mesmo, meus senhores — acrescentou o rei, se dirigindo aos flamengos. — Pronto, meu caro — continuou, voltando a se dirigir a mestre Olivier. — Não vamos nos indispor, somos velhos amigos. Já se faz tarde. Terminamos o trabalho. Barbeie-me!

Nossos leitores provavelmente não esperaram até o presente momento para reconhecer em *mestre Olivier* o terrível fígaro que a providência, essa grande autora de dramas, tão artisticamente emaranhou na longa e sangrenta comédia de Luís XI. Não será aqui que desenvolveremos esse singular personagem. O barbeiro do rei tinha três nomes. Na corte, era polidamente chamado Olivier le Daim; entre o povo, Olivier le Diable. O verdadeiro nome era Olivier le Mauvais.

Olivier le Mauvais, então, se manteve parado, magoado com o rei e olhando Jacques Coictier de través.

— É, sei! O médico! — disse, entredentes.

— Pois é! O médico — repetiu Luís XI com singular bom humor. — O

médico tem ainda mais crédito do que o senhor. É coisa simples, ele tem acesso a nosso corpo inteiro e o senhor ao nosso queixo. Não queira tanto, meu bom barbeiro, já tem o bastante. O que diria, e o que seria dos seus ganhos se eu fosse um rei como o rei Chilperico, que tinha como gesto típico segurar a barba com uma mão? Vamos, meu amigo, cumpra a sua função, barbeie-me. Vá buscar o necessário.

Olivier, vendo que o rei tinha preferido levar a coisa na brincadeira e que não havia como contrariá-lo, saiu, resmungando, para seguir as ordens.

O rei se levantou e se aproximou da janela. De repente, abrindo-a com extraordinária agitação, bateu palmas:

— É verdade! Vejo clarões vermelhos no céu, à altura da Cité. É o bailio que pega fogo. Só pode ser isso. Que bom povo, o meu! Finalmente resolveu me ajudar a derrubar o poder feudal!

Virou-se para os flamengos:

— Senhores, venham ver. Não é um fogo que avermelha o céu?

Os dois homens de Gante se aproximaram.

— Um grande incêndio — disse Guillaume Rym.

— Isso me lembra o incêndio da casa do sr. d’Hymbercourt — acrescentou Coppenole, com olhos que repentinamente brilharam. — Deve haver uma revolta das grandes, ali.

— Acha mesmo, mestre Coppenole? — e o olhar de Luís XI estava quase tão contente quanto o do fabricante de meias. — Será difícil resistir, não acha?

— Cruz de Deus, *sire*! Vossa Majestade vai sacrificar nisso muitas companhias de gente de guerra!

— Ah! Comigo é diferente — continuou o rei. — Se eu quiser...

O fabricante de meias não se conteve:

— Se essa revolta for como imagino, *sire*, por mais que queira...

— Amigo — disse Luís XI. — Com duas companhias da minha ordenança e uma rajada de arcabuzes, liquida-se a bom preço um motim de caipiras.

O fabricante de meias, apesar dos sinais que lhe fazia Guillaume Rym, parecia determinado a continuar a discussão.

— *Sire*, os suíços também eram uns caipiras. E o sr. duque de Borgonha,

um grande fidalgo que desprezava aquela ralé. Na Batalha de Grandson, *sire*, ele gritava: “Linha dos canhões! Fogo na gentilha!” E vociferava por são Jorge. Mas Scharnachtal, o magistrado do cantão, partiu para cima do belo duque com sua maça e com o povo. Na batalha contra os camponeses vestidos com peles de búfalo, o esplendoroso exército borguinhão se partiu como uma vidraça diante de um calhau. Muitos cavaleiros foram mortos por caipiras. O sr. de Château-Guyon, da mais alta fidalguia da Borgonha, foi encontrado morto, com seu belo cavalo cinza, num pequeno campo pantanoso.

— O amigo — voltou o rei — se refere a uma batalha. Trata-se aqui de um motim. E para terminar com algo assim, basta que eu me dê ao trabalho de franzir o cenho.

O outro respondeu, com indiferença:

— Pode ser, *sire*. Nesse caso, é porque a hora do povo ainda não chegou.

Guillaume Rym achou que devia intervir:

— Mestre Coppenole, está se dirigindo a um rei poderoso.

— Bem sei — respondeu gravemente o fabricante de meias.

— Deixe-o se exprimir, senhor Rym, meu amigo — disse o rei. — Aprecio essa franqueza. Meu pai Carlos VII dizia que a verdade estava doente. E eu mesmo a acreditava defunta e sem ter podido se confessar. Mestre Coppenole me tira essa má impressão.

E, colocando familiarmente a mão no ombro de Coppenole:

— Mestre Jacques, o senhor dizia?...

— Digo, *sire*, que talvez a hora do povo não tenha ainda chegado, aqui.

Luís XI o olhou, com sua maneira penetrante.

— E quando virá essa hora, mestre?

— Vossa Majestade a ouvirá soar.

— Em qual relógio?

Com sua tranquila e rústica contenção, Coppenole fez o rei se aproximar da janela.

— Ouça, *sire*! Temos aqui um torreão, um campanário, canhões, burgueses e soldados. Quando o dobre soar, quando os canhões rugirem, quando o campanário tumultuosamente desabar, quando os soldados e os burgueses gritarem e se entrematarem, é porque chegou a hora.

O rosto de Luís XI ficou sombrio e pensativo. Permaneceu um momento em silêncio e passou com doçura a mão na grossa muralha do torreão, como se alisa o dorso de um bom cavalo de guerra.

— Não, não ouça isso — disse ele. — Você não vai desabar tão facilmente assim, não é, minha boa Bastilha?

E virando-se bruscamente para o arrojado flamengo:

— Já viu de perto uma revolta, mestre Jacques?

— Já provoquei uma — disse o fabricante de meias.

— E como se faz — perguntou o rei — para provocar uma revolta?

— Ah! — respondeu Coppenole. — Não é tão difícil. Há muitas maneiras. Primeiro, é preciso haver descontentamento na cidade. Não é coisa rara. Depois, há a maneira de ser dos habitantes. Os de Gante têm bom feitio para a revolta. Gostam do filho do príncipe, mas nunca do príncipe. Pois bem! Digamos que, certa manhã, pessoas entram na minha loja e dizem: Pai Coppenole, está acontecendo isso, aquilo etc., e a srta. de Flandres quer salvar seus ministros. Ou algo semelhante, como o grande bailio que quer dobrar os tributos sobre as ervas e os legumes amargos, por exemplo. Qualquer coisa. Deixo de lado o que estou fazendo, saio da minha loja de meias, vou à rua e grito: Vamos saquear! Sempre vai ter por perto algum barril velho. Subo nele e digo alto o que me vier à cabeça, o que pesa no coração. E quem é do povo, *sire*, tem sempre alguma coisa que lhe pese no coração. As pessoas então se juntam, gritam, tocam sino, arma-se gente do povo com o desarmamento dos soldados, o pessoal da feira se junta e vamos em frente! E é o que sempre vai acontecer, enquanto houver senhores nos senhorios, burgueses nos burgos e camponeses nos campos.

— E contra quem se rebelam assim? — perguntou o rei. — Contra os bailios? Contra os senhores de feudo?

— Pode ser, depende. Contra o duque também, às vezes.

Luís XI foi se sentar e disse, com um sorriso:

— Ah! Por aqui eles ainda estão nos bailios!

Nesse momento, Olivier le Daim voltou. Atrás dele, vinham dois pajens, trazendo objetos de toalete do rei, mas o que surpreendeu Luís XI foi a presença do preboste de Paris e do cavaleiro da vigilância, parecendo, ambos, consternados. O rancoroso barbeiro também, mas estava visivelmente aliviado. Foi quem tomou a palavra:

— *Sire*, peço desculpas pela calamitosa notícia que trago.

Virando-se bruscamente, o rei rasgou a esteira que cobria o piso, com os pés da cadeira:

— Como assim?

— *Sire* — retomou Olivier le Daim, com a expressão má de alguém que se alegra desferindo um golpe violento. — Não é contra o bailio do palácio que se dirige a sedição popular.

— E contra quem, nesse caso?

— Contra Vossa Majestade.

O velho rei se pôs de pé, empertigado como um jovem.

— Explique-se, Olivier! Explique-se! E pense na sua cabeça, meu amigo, pois posso garantir, pela cruz de Saint-Lô, que, se estiver mentindo, a espada que cortou o pescoço do senhor de Luxembourg não está tão estragada que não corte também o seu!

A ameaça era formidável. Luís XI apenas duas vezes na vida havia jurado em nome da cruz de Saint-Lô.

Olivier abriu a boca para responder:

— *Sire...*

— Ponha-se de joelhos! — interrompeu com violência o rei. — Tristan, vigie esse homem!

Olivier se pôs de joelhos e disse com frieza:

— *Sire*, uma feiticeira foi condenada à morte pelo tribunal do Parlamento, mas se refugiou em Notre Dame. O povo quer pegá-la à força. O sr. preboste e o sr. cavaleiro da vigilância, que vêm de lá, podem me desmentir, se não digo a verdade. É a Notre Dame que o povo sitia.

— Sei, entendo! — disse o rei em voz baixa, pálido e tremendo de raiva. — Pela Virgem! Eles sítiam em sua catedral minha boa senhora! Levante-se, Olivier. Tem razão. Dou-lhe o cargo de Simon Radin. Tem razão. É a mim que atacam. A feiticeira está sob a guarda da igreja e a igreja está sob a minha guarda. E eu que achava ser contra o bailio! É contra mim!

Rejuvenescido pela raiva, ele se pôs a dar grandes passadas de um lado para o outro. Não ria mais, estava terrível, ia e vinha, como raposa transformada em hiena, parecendo sufocar por não poder falar. Os lábios tremiam, os punhos descarnados se crispavam. De repente, ergueu a cabeça, o

olho fundo pareceu se encher de luz e a voz vibrou como um clarim.

— Mão firme, Tristan! Mão firme contra esses atrevidos! Vá, Tristan, meu amigo! Mate! Mate!

Depois dessa erupção, ele voltou a se sentar e disse, com voz fria e concentrada:

— Aqui, Tristan. Perto de nós, nessa Bastilha, temos as cinquenta lanças do visconde de Gif, o que nos perfaz um número de trezentos cavalos, pegue-as. Há também a companhia dos arqueiros da nossa ordenança comandada pelo sr. de Châteaupers, pegue-a. Você é administrador da casa real, tem o seu pessoal próprio, pegue-o. No palácio Saint-Pol, vai encontrar quarenta arqueiros da nova guarda do sr. delfim, pegue-os. Junte tudo isso e corra a Notre Dame. Ah!, senhores da ralé de Paris, querem se pôr de través à coroa da França, à santidade de Notre Dame e à paz dessa república? Extermine, Tristan! Extermine e que ninguém escape, a não ser para Montfaucon.

Tristan se inclinou.

— Entendido, *sire*! — acrescentou, após um silêncio: — E com relação à feiticeira?

A pergunta fez o rei pensar.

— Ah, a feiticeira! Sr. d'Estouteville, o que o povo queria fazer com ela?

— *Sire* — respondeu o preboste de Paris. — Já que procuram arrancá-la do asilo de Notre Dame, imagino que se sintam ofendidos com tal impunidade e queiram enforcá-la.

O rei pareceu refletir profundamente e, em seguida, se dirigindo a Tristan l'Hermite:

— Pois bem, amigo! Extermine o povo e enforque a feiticeira.

— Aí está! — disse baixinho Rym a Coppenole. — Punir o povo por querer, e fazer o que ele quer.

— Entendido, *sire* — respondeu Tristan. — Se a feiticeira ainda se encontrar em Notre Dame, devo pegá-la, apesar do asilo?

— Páscoa de Deus, o asilo! — disse o rei, coçando a orelha. — É preciso, de qualquer forma, que a mulher seja enforcada.

Nesse momento, como se assaltado por uma inspiração, ele se jogou de joelhos diante da cadeira, tirou o chapéu, colocou-o no assento, olhando fixamente um dos amuletos de chumbo que o enfeitavam:

— Ó! — disse, de mãos juntas. — Nossa Senhora de Paris, minha graciosa protetora, me perdoe. Será apenas dessa vez. É preciso punir essa criminosa. Posso garantir, senhora Virgem, minha boa senhora, tratar-se de uma feiticeira que não é digna de sua amável proteção. Como sabe, senhora, muitos príncipes devotos passaram por cima do privilégio das igrejas, pela glória de Deus e necessidade do Estado. São Hugo, bispo da Inglaterra, permitiu que o rei Eduardo pegasse um mágico na sua igreja. São Luís da França, meu mestre, transgrediu com o mesmo propósito a igreja do senhor são Paulo; e o sr. Afonso, filho do rei de Jerusalém, a própria igreja do Santo Sepulcro. Perdoe-me, então, por essa vez, Nossa Senhora de Paris. Não farei mais isso e lhe ofereço uma bela estátua de prata, igual à que dei ano passado a Notre Dame d’Ecouys. Que assim seja.

Fez o sinal da cruz, se levantou, colocou o chapéu de volta na cabeça e disse a Tristan:

— Seja rápido, amigo. Leve junto o sr. de Châteaupers. Faça soarem os sinos. Esmague o popular. Enforce a feiticeira. Está dito. E quero que acompanhe a execução. Mantenha-me ao corrente. Vamos, Olivier, não vou dormir essa noite. Barbeie-me.

Tristan l’Hermite se inclinou e saiu. O rei, então, dispensando com um gesto Rym e Coppenole, acrescentou:

— Deus os guarde, meus bons amigos flamengos. Descansem um pouco. A noite avança e estamos mais perto da alvorada do que do crepúsculo.

Os dois se retiraram e se dirigiram a seus respectivos aposentos, levados pelo capitão da Bastilha. Coppenole comentou com Guillaume Rym:

— Hum! Para mim, chega desse rei que tosse! Vi Carlos de Borgonha bêbado e ele era menos desumano do que Luís XI doente.

— Mestre Jacques — respondeu Rym. — Entre os reis, o vinho é menos cruel do que a infusão.

125. Em latim no original: “Sem dapífero [aquele que serve à mesa] nenhum, sem um consultor para bebidas”.

126. Literalmente: “Mestre Jean Balue/ Perdeu a vista/ Dos seus bispados/ O senhor de Verdun/ Não tem mais nenhum,/ Foram todos despachados.”

127. “Condutor das Musas”, em latim.

128. “Pulsção rápida, sem fôlego, crepitante, irregular”, em latim no original.

6. Navalha vadia

Saindo da Bastilha, Gringoire desceu a rua Saint-Antoine rápido como um cavalo fujão. Chegando à porta Baudoyer, se dirigiu diretamente à cruz de pedra que se erguia no meio da praça, como se pudesse distinguir na obscuridade o vulto vestido e encapuzado de negro, sentado num degrau da cruz.

— É o senhor, mestre? — perguntou Gringoire.

O personagem de negro se levantou.

— Morte e paixão! Estou em ebulição, Gringoire. O homem no alto da torre de Saint-Gervais acaba de gritar 1h30 da manhã.

— Ah! — respondeu Gringoire. — Não foi culpa minha e sim da vigilância e do rei. Acabo de escapar por um triz. Mais uma vez, quase fui enforcado. É a minha predestinação.

— Nem isso você faz direito. Mas apressemo-nos. Sabe a senha?

— Imagine, mestre, que estive com o rei. Estou vindo de lá. Usa calções de fustão. Que aventura!

— Falastrão! Por que essa sua aventura me interessaria? Tem a senha dos bandidos?

— Tenho, fique tranquilo. “Navalha vadia”.

— Bom. Sem isso não chegamos à igreja. Os bandidos bloqueiam o caminho. Felizmente parece que tiveram que enfrentar alguma resistência. Talvez ainda cheguemos a tempo.

— Está bem, mestre. Mas como vamos entrar em Notre Dame?

— Tenho a chave das torres.

— E como sairemos?

— Há uma portinhola, atrás do claustro, dando para o Terreno. A partir de lá chegamos ao rio. Peguei a chave e deixei um barco amarrado, desde cedo.

— Escapei por um triz de ser enforcado! — ainda se impressionava Gringoire.

— Rápido! Vamos! — disse o outro.

Os dois desceram quase a correr, rumo à Cité.

7. Châteaupers em socorro!

Oleitor deve se lembrar da situação crítica em que deixamos Quasímodo. O bravo surdo, atacado por todos os lados, de forma alguma perdera a coragem, mas já não tinha a menor esperança de poder salvar a egípcia. Corria então erraticamente pela galeria. Notre Dame ia ser tomada pelos bandidos. De repente, porém, uma correria de cavalos invadiu as ruas vizinhas, com uma comprida fileira de tochas e ostentosa coluna de cavaleiros de lanças em riste e rédeas soltas. Brados inflamados se espalharam pela praça como um furacão: “França! França! Rechaçando os vadios! Châteaupers em socorro! Pelo prebostado! Pelo prebostado!”

Assustados, os bandidos recuaram.

Quasímodo, que nada ouvia, viu as espadas desembainhadas, as tochas, os ferros das lanças, a cavalaria em peso, à frente da qual reconheceu o capitão Phoebus. Viu também a confusão que tomou conta dos bandidos, com alguns aterrorizados e, mesmo os mais corajosos, caindo em total desordem. Com o socorro inesperado, recuperou tanta força que lançou para fora da igreja os primeiros assediadores, que já transpunham a balaustrada da galeria.

De fato, eram as tropas do rei que chegavam. Os bandidos foram bravos. Defenderam-se de forma desesperada. Atacados lateralmente pela rua Saint-Pierre-aux-Boeufs, e à retaguarda pela rua du Parvis, estavam encurralados em Notre Dame, que pretendiam assaltar, defendida por Quasímodo. Ou seja, ao mesmo tempo, eram assaltantes e assaltados, uma singular situação, a mesma em que posteriormente, em 1640, se encontrou o conde Henri d’Harcourt, *Taurinum obsessor idem et obsessus*,¹²⁹ como reza o seu epitáfio, no famoso cerco de Turim, preso entre o príncipe Thomas de Savoie, a quem ele sitiava, e o marquês de Leganez, que o bloqueava.

A batalha foi terrível. “Para carne de lobo, dente de cão”, como diz P. Mathieu. Os cavaleiros do rei, entre os quais Phoebus de Châteaupers se comportava com brio, não deram trégua e a espada se abatia sobre os que escapavam da lança. Os bandidos, mal armados, espumavam de raiva e mordiam. Homens, mulheres e crianças se jogavam nas garupas ou nos

pescoços dos cavalos, se agarrando como gatos, com os dentes e as unhas dos quatro membros. Outros carimbavam com as tochas os rostos dos arqueiros. Ou enfiavam ganchos de ferro no pescoço dos cavaleiros e puxavam, dilacerando os que tombavam.

Chamou a atenção um deles, que empunhava uma foice grande e reluzente, tendo ceifado as patas de muitos cavalos. Tinha aparência terrível e cantava com voz anasalada uma canção. A cada golpe, ia traçando a seu redor um grande círculo de membros decepados. Avançava desse modo contra o miolo da cavalaria, com tranquila lentidão, balançando a cabeça e mantendo respiração regular, como um ceifador que trabalhasse num campo de trigo. Era Clopin Trouillefou. Um tiro de arcabuz acabou com ele.

As janelas tinham voltado a se abrir. A vizinhança, ouvindo os gritos de guerra dos homens do rei, aderiu à batalha e de todos os andares choviam balaços contra os bandidos. A praça du Parvis estava cheia de espessa fumaceira, riscada de fogo pelos mosquetões. Confusamente se distinguíam as fachadas de Notre Dame e do Hôtel-Dieu; maltratada esta última, e com alguns macilentos doentes a olhar das lucarnas, do alto do telhado.

Os bandidos, finalmente, cederam. O cansaço, a falta de boas armas, o susto com o fator surpresa, a fuzilaria das janelas, o bravo choque da gente do rei, tudo contribuiu para que desanimassem. Forçaram então o cerco e fugiram em todas as direções, deixando no adro um amontoado de mortos.

Quando Quasímodo, que em momento algum havia parado de lutar, se deu conta da debandada, caiu de joelhos e ergueu as mãos ao céu. Depois, louco de alegria, correu, subiu com a rapidez de um pássaro à cela da qual tão intrepidamente havia impedido qualquer aproximação. Naquele instante, um único pensamento se impunha: se colocar aos pés daquela a quem acabava, pela segunda vez, de salvar.

Quando entrou na cela, encontrou-a vazia.

LIVRO ONZE

1. O sapatinho

No momento em que os bandidos atacaram a igreja, Esmeralda dormia.

Mas logo o rumor crescente em volta do edifício e o balido ansioso da cabra, que havia acordado, tiraram-na do sono. Sentou-se na cama, ouviu, foi olhar e, em seguida, assustada com os clarões e o barulho, saiu da cela para ver. O aspecto da praça, a visão do que acontecia, a desordem daquele assalto noturno, a pavorosa multidão que ela mal distinguia nas trevas, agitada como um enxame de rãs, o coaxar de toda aquela rouca afluência, as tochas vermelhas correndo e se cruzando no escuro, como fogos-fátuos que riscam a superfície dos pântanos, o cenário inteiro causou-lhe a impressão de uma misteriosa batalha, travada entre os fantasmas do sabá e os monstros de pedra da igreja. Imbuída desde a infância das superstições da tribo boêmia, seu primeiro pensamento foi de que havia, sem querer, flagrado em atividade maligna os estranhos seres da noite. Correu, então, apavorada para se refugiar na cela, pedindo ao colchão algum pesadelo menos medonho.

Pouco a pouco, no entanto, as primeiras névoas do medo se dissiparam, com o barulho sempre aumentando, assim como vários outros sinais da realidade. Ela percebeu estar sendo atacada não por espectros, mas por seres humanos. Seu pavor, então, sem diminuir, se transformou. Pensou na possibilidade de um motim popular para arrancá-la do asilo. A ideia de tornar a correr o risco de perder a vida, a esperança, Phoebus — que ela continuava a considerar seu destino —, junto ao profundo vazio da sua fragilidade, tendo todas as saídas bloqueadas e sem apoio algum, no mais completo abandono e isolamento, todos esses pensamentos, enfim, e mil outros, a exauriram. Ela caiu de joelhos, com a cabeça encostada na cama, as mãos juntas em cima da cabeça, cheia de ansiedade e trêmula. Apesar de egípcia, idólatra e pagã, começou a pedir, em pranto, ajuda ao Deus cristão e a rezar para Nossa Senhora, sua anfitriã. Pois há momentos em que mesmo incrédulos declarados assumem a religião do templo mais próximo.

Permaneceu assim prosternada por muito tempo, na verdade tremendo mais do que rezando, paralisada pelo sopro cada vez mais próximo da

multidão furiosa, sem nada compreender daquela balbúrdia, ignorando o que se tramava, o que acontecia, o que queriam, mas pressentindo resultados terríveis.

No meio de tanta aflição, ouviu passos se aproximando. Olhou. Dois homens, um deles segurando uma lanterna, acabavam de entrar em sua cela. Ela deu um grito quase inaudível.

— Não tenha medo — disse uma voz que não era desconhecida. — Sou eu.

— Eu quem?

— Pierre Gringoire.

O nome a tranquilizou. Ela ergueu os olhos e reconheceu o poeta. Mas estava ao seu lado um vulto escuro e ocultado da cabeça aos pés, que a inquietava pelo silêncio.

— Ah! — constatou Gringoire, pesaroso. — Djali me reconheceu mais rapidamente!

A cabritinha, de fato, não havia esperado que o poeta dissesse o seu nome. Mal ele entrou, ela carinhosamente foi se esfregar em seus joelhos, cobrindo-o de afagos e de pelos brancos, pois estava em época de muda. Gringoire retribuía os carinhos.

— E quem está com você? — perguntou a egípcia, em voz baixa.

— Não se preocupe — ele respondeu. — Um amigo.

Colocando então a lanterna no chão, o filósofo se agachou na laje e exclamou com entusiasmo, estreitando Djali nos braços:

— Ah, linda cabritinha! Mais considerável por seu asseio que por sua grandeza, mas tão engenhosa, sutil e letrada quanto um gramático! Diga, minha Djali, não esqueceu aqueles seus lindos truques? Como faz mestre Jacques Charmolue?...

O homem que o acompanhava não deixou que terminasse. Aproximou-se e brutalmente o empurrou pelo ombro. Gringoire se levantou.

— É mesmo — ele concordou. — Já esquecia que temos pressa. Mas não chega a ser motivo, mestre, para tratar as pessoas dessa maneira. Querida amiga, sua vida está em perigo e também a de Djali. Querem pegar as duas. Somos amigos e viemos salvá-las. Venha conosco.

— É verdade? — ela perguntou, transtornada.

— Pura verdade. Venha rápido!

— Então vamos — ela balbuciou. — Mas por que o seu amigo não fala?

— Ah, o pai e a mãe dele eram gente esquisita e ele ficou com esse temperamento taciturno! — explicou Gringoire.

A moça teve que se contentar com esse esclarecimento. Gringoire tomou-a pela mão. O acompanhante pegou a lanterna foi caminhando à frente. O medo a atordoava e ela apenas seguia. A cabra também, saltitando, e tão feliz de reencontrar Gringoire que o fazia tropeçar o tempo todo, querendo esfregar os chifres nas suas pernas.

— Assim é a vida — cogitava o filósofo, toda vez que por pouco não caía. — Frequentemente são os amigos que nos fazem tropeçar!

Desceram com rapidez as escadas das torres. A igreja estava mergulhada em trevas e solidão, mas ressoando o tumulto externo, e isso provocava um contraste assustador. Saíram pela porta Vermelha e chegaram ao pátio do claustro, vazio, abandonado pelos clérigos que tinham se refugiado no bispado ao lado para rezarem juntos. Não havia ninguém, à exceção de alguns criados apavorados encolhendo-se nos cantos escuros. Os três tomaram a direção da portinhola que dava do pátio para o Terreno. O desconhecido de negro a abriu com uma chave. Nossos leitores sabem que o Terreno é uma área fechada por muros, na Cité, pertencente ao cabido de Notre Dame, limitando a ilha a leste, por trás da igreja. O lugar estava inteiramente deserto. O ar ali já parecia menos tumultuado. A barulheira dos bandidos lhes chegava mais distinta e menos alta. A brisa que sempre acompanha o fio da água movia as folhas da única árvore plantada à ponta do Terreno, com um rumorejar constante. Estavam ainda próximos demais do perigo. Os edifícios mais imediatos eram o do bispado e a própria igreja. Havia uma visível e flagrante desordem no primeiro. Luzes passavam de uma janela a outra, atravessando a sua massa tenebrosa, como quando se queima papel e resta um escuro amontoado de cinzas, em que as faíscas vivas riscam mil percursos estranhos. Ao lado, as enormes torres de Notre Dame, com a comprida nave sobre a qual elas se erguem, se recortavam escuras contra a vermelha e forte claridade que enchia a praça du Parvis e mais pareciam, vistas ali de trás, dois gigantescos apoios de achas, numa fogueira de ciclopes.

Por todos os lados, o que se via de Paris parecia oscilar numa sombra

misturada com luz. Fundos de telas de Rembrandt reproduzem essa exata impressão.

O homem que conduzia a lanterna andou em linha reta até a ponta do Terreno. Havia ali, no limite extremo da água, os destroços carcomidos de uma cerca de estacas para uma treliça em que algumas videiras trançavam seus magros galhos, como os dedos de uma mão aberta. Mais atrás, à sombra desse gradeado, estava escondida uma canoa. O homem fez sinal para que Gringoire e sua companheira embarcassem. A cabra os seguiu. Ele próprio foi o último. Solto a amarra, afastou a embarcação da terra com uma haste comprida e, pegando dois remos, se sentou à proa, conduzindo vigorosamente a embarcação ao largo. O Sena corre rápido nesse ponto, e foi difícil deixar a ponta da ilha.

O primeiro cuidado de Gringoire ao entrar no barco tinha sido o de colocar a cabra entre os seus joelhos. Tomou assento à popa e a moça, estranhamente intranquila com a presença do desconhecido, se sentou bem perto do poeta. Assim que sentiu o barco se movimentar, nosso filósofo fez um gesto de alegria e beijou Djali entre os chifres.

— Ah! — suspirou. — Finalmente estamos a salvo, todos os quatro!

E acrescentou, com ares de profundo pensador:

— O sucesso das grandes realizações deve-se às vezes à sorte, outras vezes à astúcia.

O barco lentamente se dirigiu à margem direita. A jovem observava com secreto pavor o desconhecido, que havia tido o cuidado de abaixar bem a chama da lanterna. Podia-se percebê-lo no escuro, à frente do barco, como um espectro. Sempre caído no rosto, o capuz criava uma espécie de máscara, e as amplas mangas negras, que pendiam dos braços abertos pela movimentação dos remos, faziam pensar em enormes asas de morcego. Ele não havia dito ainda uma palavra e mal se o ouvia respirar. Na embarcação, percebia-se apenas o vai e vem dos remos e os mil rumores da água ao redor.

— Por minha alma! — exclamou de repente Gringoire. — Estamos alegres e contentes como um *ascalaphus*, e num silêncio de pitagóricos. Ou de peixes! Páscoa de Deus, meus amigos! Quero que alguém fale comigo. A voz humana é música para o ouvido humano. Não sou eu a dizer isso, e sim Dídimos de Alexandria. São ilustres palavras, pois Dídimos de Alexandria é um filósofo nada medíocre. Uma palavra, minha criança! Uma palavra, por

favor. Aliás, você tinha sempre um tique engraçado, ainda tem? Saiba, minha amiga, que a jurisdição do Parlamento cobre também os locais de asilo. Corria enorme perigo naquela cela de Notre Dame. O beija-flor *trochilus* faz ninho na goela do crocodilo. Mestre, a lua está surgindo, espero que não nos vejam! Salvar a jovem foi sem dúvida uma boa ação; mesmo assim, seremos enforcados pelo rei se formos presos. As ações humanas, como uma jarra, devem ser pegas pelas duas asas. Pode ser malvisto numa pessoa o que elogiam em outra. Há quem admire César e desaprove Catilina. Não acha, meu mestre? O que tem a dizer de tal filosofia? Pessoalmente, tenho a filosofia por instinto, por natureza, *ut apes geometriam*.¹³⁰ Ninguém me responde? Que humor horrível, esse de vocês! Sou obrigado a falar sozinho. Em tragédia denominamos isso um monólogo. Páscoa de Deus! Aviso que acabo de estar com o rei Luís XI e guardei a expressão. Páscoa de Deus, então! Continuam fazendo uma barulheira danada na Cité. É um rei velho e mau, o tempo todo enfiado em peles. Ainda me deve o dinheiro do meu epitáfio e por pouco não mandou me enforcar, mas fui absolutamente contra a ideia. É um avaro com relação aos homens de mérito. Devia ler os quatro livros de Salviano de Colônia, *Adversus avaritiam*. Juro! É um rei muito limitado em suas relações com os homens de letras, cometendo crueldades bem bárbaras. Uma esponja em cima do povo, a chupar dinheiro. Seu tesouro é como a doença do baço que incha com a magreza de todos os outros membros. De forma que até considerações contra o tempo ruim se tornam queixas contra o príncipe. Com esse *sire* devoto e maneiroso, os patíbulos não aguentam o peso de tantos enforcados, os cepos se empapuçam de sangue e as prisões estouram como barrigas empanturradas. Das duas mãos que tem, uma prende e a outra enforca. É o procurador da sra. Gabela e do sr. Cadafalso. Os grandes são despojados das suas honrarias e os pequenos esmagados sob novas taxas. É um príncipe exorbitante. Não gosto nada desse monarca. E o senhor, mestre?

O homem de negro deixava o falante poeta glosar à vontade. Continuava a lutar contra a correnteza violenta que separa a proa da Cité da popa da ilha Notre Dame, essa mesma a que, hoje em dia, chamamos ilha Saint-Louis.

— Aliás, mestre! — começou subitamente Gringoire. — No momento em que chegávamos ao adro, passando pelos bandidos em fúria, o seu surdo estava esmigalhando a cabeça de um pobre coitado na rampa da galeria dos

reis, sua reverência chegou a ver quem era? Enxergo mal e não pude identificar. Tem ideia de quem poderia ser?

O desconhecido nada respondeu, mas parou bruscamente de remar, seus braços tombaram como se tivessem sido quebrados, a cabeça se pendurou sobre o peito e Esmeralda o ouviu suspirar convulsivamente. Ela estremeceu, pois já ouvira suspiros parecidos.

Abandonada ao léu, a barca derivou por alguns instantes ao sabor do rio. Mas o homem de negro finalmente se recuperou, pegou os remos e voltou a enfrentar a correnteza. Contornou a ponta da ilha Notre Dame e se dirigiu para o desembarcadouro de Port-au-Foin.

— Ah! — exclamou Gringoire. — Lá está a residência Barbeau. Veja, mestre, o grupo de telhados escuros que formam ângulos singulares, logo ali, abaixo daquele monte de nuvens baixas, fibrosas e sujas, com a lua pressionada e espalhada como uma gema de ovo de que se quebrou a casca. É uma bela residência. Tem uma capela coroada por pequena cúpula, cheia de belos adornos. Mais acima, pode-se ver o campanário, aberto com muita delicadeza. O jardim também é agradável, com um laguinho, um viveiro de pássaros, um muro de eco, um terreno para o jogo do malho, um labirinto, um abrigo para animais selvagens e uma quantidade de aleias com boa vegetação, muito agradáveis a Vênus. Tem ainda uma árvore lasciva que ganhou o apelido de *luxuriosa*, por ter abrigado os amores de uma princesa famosa e um condestável francês, galante e belo espírito. Por desgracia, nós filósofos estamos para um condestável como uma plantação de repolhos e rabanetes está para o jardim do Louvre. Mas qual importância? Para os grandes e para nós, a vida humana tem coisas boas e ruins. A dor sempre está ao lado da alegria, o espondeu junto do dáctilo. Mestre, preciso lhe contar essa história sobre a residência Barbeau. Termina de maneira trágica. Passou-se em 1319, sob o reino de Filipe V, o mais alto rei da França. A moral da história mostra o quanto as tentações da carne são perniciosas e malignas. Não devemos cobiçar demais a mulher do próximo, mesmo que nos sintamos muito atraídos por sua beleza. A fornicção é um pensamento libertino. O adultério, uma curiosidade da volúpia... Ei! O barulho está aumentando ali!

De fato, o tumulto crescia em volta de Notre Dame, podia-se ouvir. Claramente se distinguiam gritos de vitória. De repente, cem tochas que faziam brilhar capacetes militares se espalharam por todas as alturas da

igreja: nas torres, nas galerias, sob os arcobotantes. Pareciam procurar alguma coisa e, em pouco tempo, os clamores distantes chegaram distintamente até os fugitivos:

— A egípcia! A feiticeira! Morte à egípcia!

A infeliz deixou a cabeça cair nas mãos e o desconhecido começou a remar furiosamente para a margem. Nosso filósofo, no entanto, refletia. Apertava a cabra nos braços e pouco a pouco se afastava da cigana que, pelo contrário, se aproximava cada vez mais dele, como único asilo que lhe restasse. Gringoire se encontrava em cruel dilaceração, pois se dera conta de que também a cabra, *pela legislação em vigor*, seria enforcada, caso fosse pega, o que seria muito lamentável, pobre Djali! Dois condenados sob a sua responsabilidade era coisa demais e, afinal, o companheiro que remava aceitaria, de bom grado, se encarregar da egípcia. Dividido entre tais pensamentos, um violento combate se travava, tal o de Júpiter na *Ilíada*, pesando a egípcia e a cabrita, uma de cada vez. Olhou para uma e para a outra, com os olhos rasos d'água, constatando entredentes:

— Não tenho como salvar as duas.

Uma sacudida avisou que enfim o barco aportava. O tumulto sinistro continuava a vir maciço da Cité. O desconhecido se levantou, foi até a egípcia e quis pegar-lhe o braço, para ajudar a descer. Ela o afastou, agarrando-se à manga de Gringoire que, por sua vez, preocupado com a cabrita, quase a empurrou. Ela então desceu sozinha do barco. Estava tão desorientada que não sabia o que fazia, para onde ia. Assim ficou por um momento, perplexa, olhando a água correr. Quando voltou um pouco a si, estava sozinha no porto, com o desconhecido. Visivelmente Gringoire tinha aproveitado o momento do desembarque para escapar com a cabra, pela esquina da rua Grenier-sur-l'eau.

A pobre egípcia estremeceu, vendo-se sozinha com o vulto sinistro. Quis falar, gritar, chamar Gringoire, mas a língua estava inerte dentro da boca e sem algum atravessou os lábios. De repente, sentiu a mão do desconhecido na sua. Era uma mão fria e forte. Seus dentes bateram e ela ficou mais pálida do que o raio de lua que a iluminava. O homem não pronunciou palavra alguma. Começou a andar a passadas largas, na direção da praça da Grève, levando-a pela mão. Naquele momento, ela vagamente pressentiu o quanto o destino é uma força irresistível. Parou de reagir, deixando-se simplesmente

conduzir, correndo enquanto ele andava. O cais, naquele ponto, subia; para ela, no entanto, a impressão era a de descer uma ladeira.

Olhava para todos os lados. Ninguém por perto. O cais estava absolutamente deserto. Não ouvia som algum, movimentação humana nenhuma, senão na Cité tumultuada e vermelha, de onde estava separada apenas por um braço do Sena e onde gritavam o seu nome, com ameaças de morte. O resto de Paris se espalhava ao redor, em grandes blocos de sombra.

Enquanto isso, o desconhecido a arrastava, mantendo o mesmo silêncio e a mesma rapidez. De memória, ela não identificava nenhum daqueles lugares por onde seguiam. Passando à frente de uma janela iluminada, fez um esforço, se empertigou bruscamente e gritou:

— Socorro!

O burguês que estava à janela a abriu e apareceu de camisolão com uma lâmpada, olhou para o cais assustado, disse algumas palavras que ela não entendeu e fechou a persiana. Era o último clarão de esperança que se apagava.

O homem de negro não pronunciou uma só sílaba, segurou-a firme e voltou a andar ainda mais rápido. Ela não ofereceu mais resistência e o seguiu, prostrada.

De vez em quando, juntava um pouco de força e dizia, com a voz entrecortada pela trepidação do calçamento e pela falta de fôlego, de tanto correr:

— Quem é o senhor? Quem é o senhor?

Ele não respondia. Sempre seguindo o cais, acabaram chegando a uma praça bastante grande. Havia alguma claridade da lua. Era a Grève. Distinguia-se no centro uma espécie de cruz negra, de pé. Era o patíbulo. Ela reconheceu tudo aquilo e soube onde estava. O homem parou, se virou para ela e ergueu o capuz.

— Ah! — ela gaguejou, petrificada. — Sabia que era ainda o senhor!

Era o padre. Parecia o seu fantasma. Provavelmente por efeito da lua, pois dizem que à sua claridade enxergamos os espectros das coisas.

— Ouça — disse ele, e a cigana estremeceu ouvindo a voz funesta que há tempos não ouvia.

Ele continuou, falando com essas paradas breves e resfolegantes que revelam uma profunda agitação interior:

— Ouça, aqui estamos. Preste atenção. Esta é a Grève. É um ponto extremo. O destino nos trouxe aqui. Vou decidir quanto à sua vida e você quanto à minha alma. Temos uma praça e uma noite, além das quais nada se vê. Então, ouça bem. Vou lhe dizer... Antes de tudo, não me fale do seu Phoebus — ele dizia isso indo e vindo, como alguém que não pode ficar parado, mas sempre carregando-a junto. — Não fale, entende? Se pronunciar esse nome, não sei o que farei, mas será algo terrível.

Dito isso, como um corpo que recupera o seu centro de gravidade, ele ficou imóvel. Mas suas palavras revelavam a mesma agitação. A voz estava cada vez mais baixa.

— Não desvie o rosto assim. Ouça. É algo sério. Primeiramente, eis o que aconteceu. Ninguém rirá de tudo isso, juro. Onde mesmo eu estava? Sabe me dizer? Ah! Um decreto do Parlamento exige a sua volta à força. Acabo de tirá-la das mãos dos que querem executá-la. Mas ainda a perseguem. Veja.

O homem estendeu o braço na direção da Cité. As buscas efetivamente pareciam continuar. Os rumores se aproximavam. A torre da casa do Tenente, situada de frente para a Grève, estava cheia de sons e clarões. Viam-se também soldados correrem pelo cais do outro lado, carregando tochas, aos gritos:

— A egípcia! Onde está a egípcia? Morte! Morte!

— Bem pode ver que a procuram e não estou mentindo. Amo-a. Não diga nada, de preferência não abra a boca para dizer que me odeia. Estou resolvido a não ouvir mais isso. Acabo de salvá-la. Deixe-me terminar. Posso salvá-la em definitivo. Preparei tudo. Será como quiser. O que disser, farei.

Ele se interrompeu com violência:

— Não, não é o que eu devia dizer.

Correndo, ele a fazia também correr, pois não a soltava, indo diretamente ao patíbulo. Apontou-o com a mão:

— Escolha um de nós — disse com frieza.

Ela se soltou e caiu de joelhos ao pé da força, abraçando sua base fúnebre. Depois virou pela metade a bela cabeça, olhando o padre por cima do ombro. Lembrava a Virgem ao pé da cruz. O homem de batina estava paralisado, com o dedo ainda indicando o patíbulo, no mesmo gesto, como uma estátua.

A egípcia finalmente disse:

— Isso me causa ainda menos horror do que o senhor.

Ele então deixou lentamente cair o braço e olhou o chão, em profundo desalento.

— Se essas pedras pudessem se expressar — murmurou —, diriam que sim, que viram um homem muito infeliz.

Desandou a falar e a jovem, ajoelhada ao pé da forca e imersa em sua longa cabeleira, o deixou discorrer sem interromper. Ele tinha agora um tom lamentoso e suave, que contrastava dolorosamente com a amarga altivez dos seus traços.

— Amo-a. Infelizmente, é verdade! Nada mais sai de mim, além dessa chama que, noite e dia, me queima o coração! Foi o que ouviu, minha jovem, noite e dia! Isso não me faz merecer alguma piedade? É um amor da noite e do dia, juro, uma tortura. Ah, pobre criança, como sofro! É algo digno de compaixão, tenha certeza. Pode ver que estou me mantendo calmo, para dizer isso. Gostaria que não tivesse mais tanto horror de mim. Um homem que ama uma mulher não pode ser tão culpado! Por Deus! Nunca vai me perdoar? Sempre me odiará? Tudo, então, está terminado? É o que me torna mau, veja, sou horrível até para mim! Nem mesmo me olha! Talvez pense em outra coisa, enquanto lhe falo de pé e trêmulo, no limite das nossas ambas eternidades! Mas, sobretudo, não mencione o oficial! Não vê? Eu me jogaria a seus joelhos; beijaria não os seus pés, pois você não aceitaria, mas a terra sob os seus pés! Não vê? Choraria como criança, arrancaria do peito não palavras, mas meu coração e as entranhas, para dizer que a amo, e tudo isso seria inútil? No entanto, a sua alma é toda feita de ternura e clemência, resplandece a mais bela meiguice; você inteira é suavidade, bondade, misericórdia e encanto. Infelizmente, toda a sua maldade se dirige a mim! É uma fatalidade!

Ele escondeu o rosto nas mãos. A jovem o ouviu chorar. Era a primeira vez. Daquela maneira, de pé e sacudido por soluços, ele parecia mais miserável e suplicante do que de joelhos. Ele chorou por certo tempo.

— Não sei mais o que dizer — continuou, passadas as primeiras lágrimas. — Tinha, no entanto, preparado tudo o que lhe diria. Agora tremo e tenho frio, fraquejo no momento decisivo, sinto que algo supremo nos envolve e apenas balbucio. Ah! Cairei sobre essas pedras se não se apiedar de mim. Estará condenando a nós dois. Se pudesse saber o quanto a amo! Que coração

tenho! Ah, quanta deserção da virtude, quanto abandono desesperado! Era estudioso e joguei fora a ciência; enlameei meu nome de fidalgo; fiz do missal de padre um travesseiro de luxúria e cuspo no rosto de meu próprio Deus! Tudo por você, feiticeira! Para me tornar digno do seu inferno! E você rejeita a quem lançou em danação! Quero que saiba mais! Tudo! Algo ainda mais horrível, isso mesmo, mais horrível!

Pronunciando essas últimas palavras, a aparência do padre pareceu totalmente desvairada. Ele se calou por um instante e retomou, falando a si mesmo, com voz firme:

— Caim, o que fez do seu irmão?

Novo silêncio e ele continuou:

— O que fiz, Senhor? Eu o recebi, criei, alimentei, amei, idolatrei e matei! Isso mesmo, Senhor, esmigalharam a sua cabeça à minha frente, na pedra da Sua casa e por culpa minha, por causa dessa mulher, por causa dela...

Seu olho estava distante, a voz se apagava, ele repetiu ainda várias vezes, maquinalmente, com longos intervalos, como um sino que prolonga sua última vibração:

— Por causa dela... Por causa dela...

Depois a língua parou de articular qualquer som perceptível, mas os lábios continuavam a se mover. E ele de repente desabou, como algo que se desmancha, caindo no chão estático, com a cabeça entre os joelhos.

O movimento da moça puxando o pé que ficara debaixo dele o fez voltar a si. Lentamente, então, o padre passou a mão no rosto encovado e olhou por alguns instantes, com surpresa, os dedos molhados.

— Como? Eu chorei!

Virando-se subitamente para a egípcia, com inexprimível aflição:

— E você, sem nada fazer, me viu chorar! Não sabe que essas lágrimas são como a lava de um vulcão? Então é verdade? Nada que venha da pessoa que odiamos nos comove. Se me visse morrer, acharia graça. Eu, porém, não quero vê-la morrer! Uma palavra! Uma única palavra de perdão! Não precisa dizer que me ama, diga apenas que aceita e isso basta, eu a salvarei. Senão... Ah! O tempo passa, por favor, por tudo que é sagrado, não espere que eu volte a ser de pedra como esse patíbulo que também a espera! Lembre que tenho nossos dois destinos nas mãos. Perdi toda sensatez e isso é terrível, pois posso deixar que tudo prossiga, abrindo-se a nossos pés um abismo sem

fundo, infeliz, no qual minha queda seguirá a sua, por toda a eternidade! Uma palavra de bondade! Uma só, nada mais!

Ela abriu a boca para responder. Ele se precipitou de joelhos à sua frente, para recolher em adoração a palavra, provavelmente ainda mais terna, que sairia dos seus lábios. Ela disse:

— Assassino!

O padre tomou-a nos braços com fúria e começou a rir, um riso abominável.

— Que seja! Assassino! E vou tê-la! Não me quer como escravo, me terá como dono. Vou tê-la. Sei de um lugar para onde a levarei. Virá comigo, será obrigada, ou a denunciarei! Terá que morrer, minha bela, ou ser minha! Ser do padre! Do apóstata! Do assassino! Essa noite mesmo, ouviu bem? Vamos! Alegria! Vamos! Beije-me, louca! O túmulo ou a minha cama!

Os olhos faiscavam de impureza e raiva. A boca lasciva avermelhava o pescoço da jovem. Ela se debateu. Ele a cobria de beijos ardentes.

— Não me morda, monstro! — ela gritou. — Odioso, nojento! Largue-me! Vou arrancar seus horríveis cabelos brancos e jogá-los aos tufos na sua cara!

Ele ficou vermelho, empalideceu e soltou-a, com um ar sombrio. A cigana achou ter vencido e continuou:

— Já disse que pertenço a Phoebus. É a Phoebus que amo. Phoebus é bonito e você, padre, é velho! É feio! Saia daqui!

Ele deu um grito violento, como o miserável em quem se aplica o ferro em brasa.

— Então, morra! — disse, rangendo os dentes.

Ela percebeu o olhar terrível e quis fugir. O padre pegou-a e a sacudiu. Jogou-a no chão e andou a passos rápidos na direção da torre Roland, arrastando-a pelo chão, segurando suas belas mãos.

Lá chegando, virou-se para a egípcia:

— Pela última vez, quer ser minha?

Ela respondeu com força:

— Não.

Ele então gritou alto:

— Gudule! Gudule! Trago alguém para você! Vingue-se!

A jovem sentiu que a seguravam bruscamente na altura do cotovelo. Olhou. Era um braço descarnado que saía da lucarna na parede e a retinha com mão de ferro.

— Segure bem! — disse o padre. — É a egípcia fujona. Não a solte. Vou chamar a vigilância. Poderá vê-la ser enforcada.

Um riso gutural respondeu, do interior do antro, às sangrentas palavras.

— Ha-ha-ha!

A egípcia viu o padre se afastar correndo, na direção da ponte Notre Dame. Ouvia-se uma cavalgada vindo dali.

Ela havia reconhecido a horrível reclusa. Resfolegante de terror, tentou se soltar. Contorceu-se, teve vários sobressaltos de agonia e de desespero, mas a outra a controlava com uma força inaudita. Os dedos ossudos e magros que a machucavam se crispavam em sua carne, dando a volta completa no braço. Era como se aquela mão estivesse pregada nela. Pior do que uma corrente, pior do que uma canga, pior do que um anel de ferro: era uma garra inteligente e viva que saía da parede.

Exausta, ela se sentiu desfalecer e só então o medo da morte a invadiu. Pensou na beleza da vida, na juventude, na visão do céu, nos aspectos da natureza, no amor, em Phoebus, em tudo que se ia e tudo que se aproximava, no padre que a denunciava, no carrasco que viria, no patíbulo que já estava ali. Sentiu então o pavor subir até a raiz dos cabelos e ouviu o riso lúgubre da reclusa, que ria baixinho:

— Ha-ha-ha! Vai ser enforcada!

Virou-se quase morta para a lucarna e viu a figura selvagem da *sachette*, através das grades.

— O que foi que lhe fiz? — perguntou, quase inanimada.

A reclusa não respondeu, pôs-se a tartamudear com entonação cantante, irritada e zombeteira:

— Filha do Egito! Filha do Egito! Filha do Egito!

A infeliz Esmeralda deixou a cabeça cair, escondida pelos cabelos, compreendendo não ter diante de si um ser humano.

De repente, a reclusa exclamou, como se a pergunta da egípcia tivesse levado todo aquele tempo para chegar até o seu entendimento:

— O que fez? Foi o que perguntou? Vou lhe dizer, egípcia, o que você

fez. Ouça! Eu tinha uma filha! Uma filha, uma linda filhinha! Minha Agnès — continuou, desvairada e beijando alguma coisa nas trevas. — Pois bem! Está ouvindo, filha do Egito? Pegaram minha criança, roubaram-na de mim, devoraram-na. Foi isso que você fez.

A menina respondeu como o cordeiro:

— Não tenho culpa, provavelmente nem havia nascido!

— Com certeza sim, já devia ter nascido. Já estava aqui. Ela teria a sua idade! E há quinze anos estou aqui, há quinze anos sofro, há quinze anos rezo, há quinze anos bato a cabeça nas quatro paredes. E estou dizendo que foram egípcias que a roubaram, está ouvindo? E a comeram com os próprios dentes. Você tem um coração? Imagine uma criança que brinca, uma criança que mama, uma criança que dorme. É tão inocente! Pois bem, foi o que me roubaram e mataram! O bom Deus sabe disso! Hoje, é a minha vez. Vou comer uma egípcia. Ah! E a morderia até, se essa grade não impedisse. Minha cabeça não passa através! Pobre criança, enquanto ela dormia! E se a tivessem acordado, por mais que gritasse, eu não estava lá! Ah, mães egípcias, comeram a minha filha! Venham ver a de vocês.

Ela começou a rir e a ranger os dentes, as duas coisas eram uma só, naquele rosto enfurecido. O dia começava a raiar. Um reflexo cinzento vagamente iluminava a cena e o patíbulo ficava cada vez mais distinto na praça. A pobre condenada tinha a impressão de ouvir, do outro lado, na direção da ponte Notre Dame, a cavalaria se aproximar.

— Senhora! — ela exclamou, juntando as mãos e caindo de joelhos, descabelada, enlouquecida de medo. — Senhora, tenha piedade! Eles estão vindo. Nada lhe fiz. Quer me ver morrer de maneira horrível, à sua frente? Tenho certeza de que terá pena. É horrível demais. Deixe-me ir embora. Solte-me! Piedade! Não quero morrer assim!

— Devolva minha filha! — disse a reclusa.

— Piedade! Piedade!

— Devolva minha filha!

— Solte-me, em nome do céu!

— Devolva minha filha!

Mais uma vez, a jovem caiu esgotada, prostrada, com o olhar vidrado de quem já se encontra no fosso.

— Infelizmente — ela gaguejou —, a senhora procura a sua filha e eu os

meus pais.

— Devolva a minha pequena Agnès! — continuou Gudule. — Não sabe onde ela se encontra? Então morra! Vou contar. Fui moça de vida livre, tinha uma criança, ela foi raptada. Pelas egípcias. Está vendo, você tem que morrer. Quando sua mãe egípcia vier procurá-la, eu direi: “Mãe, olhe aquela forca!” Ou devolva minha filha. Sabe onde se encontra minha filha? Olhe, posso mostrar. É o sapato dela, é tudo que me resta. Sabe onde se encontra o outro? Se souber, diga, e se não for do outro lado da Terra, irei buscar, caminhando de joelhos.

Enquanto dizia isso, com o outro braço, esticado fora da lucarna, ela mostrou à egípcia o sapatinho bordado. Já estava desbotado demais para que se pudessem distinguir a forma e as cores.

— Deixe-me ver — disse a egípcia, tremendo. — Meu Deus! Meu Deus!

Ao mesmo tempo, com a mão que estava livre, ela abriu abruptamente o saquinho enfeitado com miçangas verdes que tinha no pescoço.

— Vá, pode buscar o seu amuleto do demônio! — esbravejou Gudule.

De repente, porém, ela parou. Seu corpo inteiro tremeu e uma voz saindo das profundezas das entranhas gritou:

— Minha filha!

A egípcia acabava de tirar do amuleto um sapatinho absolutamente idêntico ao outro. Nele havia um pergaminho, com esse encantamento escrito:

“Quando o semelhante encontrar, sua mãe lhe estenderá os braços.”

Mais rápida do que um relâmpago, a reclusa havia comparado os dois pés tricotados, lido a inscrição do pergaminho e colado às barras da lucarna o rosto resplandecente de celestial alegria, gritando:

— Minha filha! Minha filha!

— Minha mãe!

Não temos como descrever o restante.

A parede e as barras de ferro estavam entre as duas.

— Ah, a parede! — gritou a reclusa. — Meu Deus! Vê-la e não poder abraçá-la! Sua mão, me dê a sua mão!

A jovem passou o braço pela lucarna e a reclusa o segurou sofregamente, colando nele os lábios e ali ficou, perdida naquele beijo, sem dar outro sinal

de vida além de um soluço que, de vez em quando, sacudia seu corpo. No entanto, chorava copiosamente, silenciosa como uma chuva noturna. Eram torrentes de lágrimas que a pobre mãe derramava sobre a mão adorada, vindas de um profundo e escuro poço interior, em que toda a sua dor há quinze anos gotejava.

De repente, ela se ergueu, afastou da testa os compridos cabelos grisalhos e, sem nada dizer, começou a sacudir com as duas mãos a grade da cela, mais furiosamente do que faria uma leoa. As barras não se moveram. Ela foi então buscar, num canto da cela, o pesado paralelepípedo que lhe servia de travesseiro e o lançou contra a grade com tanta violência que uma das barras se partiu, lançando mil faíscas. Um segundo golpe arrebentou de vez a velha cruz de ferro que lacrava a lucarna. Com as duas mãos, a mulher acabou de quebrar e afastar os restos enferrujados das barras. Em certas horas, mãos femininas podem ter uma força sobre-humana.

Aberta a passagem — e foi preciso menos de um minuto para isso —, ela pegou a filha pelo meio do corpo e puxou-a para a cela.

— Venha! Que eu a traga do abismo! — murmurou.

Colocou com todo cuidado a filha no chão e depois voltou a pegá-la nos braços, como se fosse ainda a sua pequena Agnès. Ia e vinha no cubículo, louca, agitada, feliz, gritando, cantando, beijando a filha, falando com ela, explodindo de rir, se desmanchando em lágrimas, tudo ao mesmo tempo, freneticamente.

— Minha filha! Minha filha! — dizia. — Tenho minha filha! Está aqui. O bom Deus mandou-a de volta. Ei! Venham todos! Tem alguém por perto para ver que tenho minha filha? Senhor Jesus, como é bonita! Deus meu, tive que esperar quinze anos, mas entregou-a tão bonita! As egípcias então não a comeram! Quem disse isso? Minha menina! Minha menininha! Me beije. Boas egípcias! Adoráveis egípcias. É você mesma. Por isso meu coração dava saltos a cada vez que passava. E eu imaginava ser ódio! Perdoe, minha Agnès, perdoe-me. Deve ter me achado horrível, não é? Amo-a. O sinalzinho que tinha no pescoço, ainda tem? Deixe-me ver. Ainda tem. Ah, como é bonita! Fui eu mesma, senhorita, que lhe dei esses olhos tão grandes. Beije-me. Não me importo mais que outras mães tenham filhos, não me importo mais. Poderão passar à vontade. Tenho a minha. Aqui estão os olhos, o pescoço, os cabelos, a mão. Que me mostrem algo mais bonito! Posso

garantir que vai ter apaixonados em quantidade! Chorei por quinze anos. Toda minha beleza se foi, mas voltou com você. Beije-me!



— *Minha filha! Minha filha!*

A reclusa dizia mil outras coisas excêntricas, em que o tom era o que mais comovia. Desmanchava as roupas da pobre menina até deixá-la sem graça, alisava os cabelos de seda com a mão, beijava-lhe os pés, os joelhos, a testa, os olhos, se extasiava com tudo. A filha assistia, repetindo às vezes, baixinho e com infinita doçura:

— Minha mãe!

— Está vendo, filhinha — continuava a reclusa, intercalando com beijos suas palavras —, está vendo? Vou amá-la muito. Iremos embora daqui. Seremos felizes. Herdei algum bem em Reims, na nossa região. Sabe, Reims? Não, você não sabe; era muito pequena! Se soubesse como era bonitinha com quatro meses! Pezinhos que pessoas vinham de Épernay, a sete léguas, para ver, por pura curiosidade! Teremos um campo a plantar, uma casa. Você vai dormir na minha cama. Meu Deus! Meu Deus! Quem pode acreditar nisso? Tenho minha filha!

— Ah, mamãe! — disse a menina, encontrando enfim força para falar, apesar da emoção. — A egípcia havia previsto perfeitamente. Uma boa egípcia, que morreu ano passado, mas sempre cuidou de mim como uma ama de leite. Foi quem pôs esse saquinho no meu pescoço e repetia: “Filha, guarde essa joia. É um tesouro. Com ela você vai poder encontrar a sua mãe. É a sua mãe que você tem no pescoço.” A egípcia previu!

A *sachette* apertou novamente a filha nos braços:

— Venha, que eu lhe dê um beijo. Diz isso de forma tão carinhosa. Quando estivermos em casa, poremos num Menino-Jesus de igreja os sapatinhos. Devemos isso à boa santa Virgem. Por Deus! Que voz bonita você tem! Falando, ainda agora, era música o que eu ouvia! Meu Deus Senhor! Encontrei minha filha! Pode-se imaginar história assim? Nada pode nos matar, pois não morri de alegria.

Em seguida, ela começou a bater palmas, a rir e a gritar:

— Vamos ser felizes!

Nesse momento, ouviu-se na cela o som de armas e um tropel de cavalos que pareciam vir da ponte Notre Dame e avançar cada vez mais pelo cais. Aflita, a egípcia se jogou nos braços da *sachette*.

— Salve-me, minha mãe, me salve! Eles estão chegando.

A reclusa empalideceu.

— Céus! O que está dizendo? Havia esquecido, está sendo perseguida! O que você fez?

— Não sei — respondeu a pobre criança —, mas fui condenada a morrer.

— Morrer! — disse Gudule, vacilando como se um raio a tivesse atingido.
— Morrer! — repetiu lentamente, sem desviar os olhos da filha.

— Sim, minha mãe — confirmou a jovem, angustiada. — Querem me matar. Vêm para me enforcar. Essa força é para mim! Salve-me! Salve-me!

Eles estão chegando! Salve-me!

A reclusa permaneceu algum tempo imóvel, parecendo ter sido petrificada. Depois balançou a cabeça num sinal de dúvida e começou a rir, mas era o mesmo riso assustador que tinha voltado:

— Ô, ô! Não! É um sonho o que está contando. Está dizendo, então, que a perdi por quinze anos e encontrei-a por um minuto! Querem tirá-la de mim, agora que é bonita, grande, fala comigo e me ama. Querem só agora comê-la, à minha frente, diante dos meus olhos de mãe! Não, coisas assim não são possíveis. Deus não permite coisas assim.

A cavalgada pareceu parar e ouviu-se uma voz afastada dizer:

— Por aqui, sr. Tristan! O padre disse que a encontraríamos no Buraco dos Ratos.

O barulho dos cavalos voltou. A reclusa se pôs de pé, com um grito desesperado.

— Salve-se! Salve-se, minha filha! Lembrei de tudo, você está certa. É a sua morte! Horror! Maldição! Salve-se!

Pôs a cabeça fora da lucarna, retirou-a rapidamente e acrescentou:

— Fique! — disse em voz baixa, breve e lúgubre, apertando convulsivamente a mão da egípcia, mais morta do que viva. — Fique! Não se mova! Tem soldados por todo lugar. Não pode mais sair, já está claro demais.

Tinha os olhos secos e ardentes. Manteve-se sem falar por algum tempo. Andava de um lado para outro na cela, parando às vezes para arrancar punhados de cabelos grisalhos, que ela em seguida destruía com os dentes. De repente, disse:

— Estão chegando. Vou falar com eles. Esconda-se naquele canto, não a verão. Direi que escapou, que a soltei, qualquer coisa!

Deixou a filha no chão (pois a carregava esse tempo todo), num canto da cela que não se via de fora. Agachou-a, arrumou tudo com cuidado, de maneira a que nem o pé nem a mão aparecessem fora da sombra. Soltou os cabelos escuros e os espalhou sobre o vestido branco, para disfarçá-lo. Colocou à frente a bilha d'água e o paralelepípedo, os únicos móveis que tinha, imaginando que essa bilha e paralelepípedo a esconderiam. Tendo terminado, mais tranquila, pôs-se a rezar de joelhos. O dia, que mal começara, deixava ainda na penumbra o Buraco dos Ratos.

Nesse momento, a voz do padre, aquela voz infernal, passou bem perto da

cela, gritando:

— Por aqui, capitão Phoebus de Châteaupers!

Ao ouvir esse nome, dito por aquela voz, Esmeralda, escondida no seu canto, se agitou.

— Não se mexa! — disse Gudule.

Assim que disse isso, um tumulto de homens, espadas e cavalos se formou em volta da cela. A mãe rapidamente se levantou e foi para a lucarna, querendo impedir que se visse o interior. Havia, diante dela, um grande agrupamento de homens armados, a pé e a cavalo, em formação na Grève. Quem os comandava desceu da sela e foi até ela.

— Velha — disse o homem, que tinha aparência terrível. — Procuramos uma feiticeira para enforcá-la, disseram que estava aqui.

A pobre mãe tomou o ar mais indiferente que pôde e respondeu:

— Não sei do que está falando.

O outro reagiu:

— Cabeça de Deus! Que história foi aquela que contou o tal arquidiácono? Cadê ele?

— Foi embora — disse um soldado.

— De qualquer maneira, velha maluca — voltou a falar com ela o comandante —, não minta. Deram-lhe uma feiticeira para guardar. O que fez dela?

A reclusa não quis tudo negar, com medo de despertar suspeitas, e respondeu em tom sincero e rude:

— Se estiver falando de uma moça grande, que deixaram comigo ainda há pouco, ela me mordeu e se soltou. Agora, me deixem em paz.

O comandante fez uma careta desapontada.

— Não minta para mim, espectro velho — insistiu ele. — Meu nome é Tristan l'Hermite e sou amigo do rei. Tristan l'Hermite, está ouvindo? — acrescentou, olhando a praça da Grève em volta. — É um nome muito conhecido por aqui.

— Pode ser até Satã l'Hermite — retrucou Gudule, que voltava a ter esperança — e nem por isso tenho mais a lhe dizer. E saiba que não me assusta.

— Cabeça de Deus! — praguejou Tristan. — Que velha rabugenta! Então

a moça feiticeira fugiu! E para que lado foi?

Gudule respondeu, desinteressada:

— Por ali pela rua du Mouton, acho.

Tristan se virou e fez sinal à tropa para que se preparasse a se pôr em marcha. A reclusa respirou aliviada.

— Senhor — disse de repente um arqueiro —, pergunte à velha bruxa por que as barras da cela estão quebradas dessa maneira.

A sugestão fez a angústia voltar ao coração da miserável mãe. Ela nem por isso perdeu a presença de espírito.

— Sempre estiveram dessa maneira — ela respondeu, já não tão segura.

— Não é bem assim — contradisse o arqueiro. — Ainda ontem formavam uma boa cruz negra que inspirava devoção.

Tristan lançou um olhar oblíquo à reclusa.

— Acho que a megera se complica!

A infortunada sentiu que tudo dependia de uma boa atuação e, de coração partido, começou a rir. Mães são capazes de encontrar força para coisas assim.

— Pfff! Esse homem está bêbado. Há mais de um ano a traseira de uma carroça de pedras bateu na lucarna e derrubou a grade. Xinguei muito o carroceiro!

— Isso é verdade, eu estava aqui.

Em todo lugar tem sempre alguém que viu tudo. O testemunho inesperado de um arqueiro devolveu ânimo à reclusa, a quem o interrogatório fazia atravessar um abismo no fio de uma lâmina. Mas ela estava condenada a continuamente passar da esperança ao susto.

— Se foi uma carroça que causou esse estrago — insistiu o primeiro soldado —, os pedaços de ferro deviam estar para dentro, e eles estão para fora.

— Veja só! — disse Tristan ao soldado. — Você tem um faro de investigador do Châtelet. Responda ao que ele disse, velha!

— Por Deus! — ela exclamou, sentindo-se perdida e com uma voz em que transparecia a aflição. — Juro, meu senhor, que uma carroça quebrou as barras, como o outro homem confirmou. E o que, aliás, isso tem a ver com a egípcia?

— Hum! — refletiu Tristan.

— Diabos! — voltou a falar o primeiro soldado, satisfeito com o elogio do preboste. — Pelas marcas que se veem, esse ferro foi arreventado há muito pouco tempo.

Tristan meneou a cabeça. Ela empalideceu.

— Essa história da carroça, quando aconteceu?

— Um mês, quinze dias, quem sabe? Não me lembro mais.

— Ela tinha dito um ano — observou o soldado.

— Parece estranho — disse o preboste.

— Senhor — gritou a reclusa, ainda colada à lucarna, temendo que a suspeita os levasse a passar a cabeça e olhar o interior da cela. — Senhor, juro que uma carroça derrubou a grade. Juro pelos santos anjos do paraíso. Se não foi uma carroça, que eu caia em danação e renegue Deus!

— Está colocando muito ardor nessas juras! — disse Tristan, com olhar inquisidor.

A pobre mulher sentia toda sua segurança ir embora. Estava cometendo erros e, aterrorizada, viu ter dado respostas ruins.

Nesse momento, outro soldado gritou:

— Comandante, a bruxa velha está mentindo. A feiticeira não pode ter escapado pela rua du Mouton. A noite toda a corrente ficou esticada à entrada e o guardador não viu ninguém passar.

A fisionomia de Tristan ficava cada vez mais sinistra e ele se dirigiu à reclusa:

— O que tem a dizer?

Mais uma vez, ela tentou escapar da dificuldade:

— Nada, senhor. Posso muito bem ter me enganado. Talvez a moça tenha atravessado o rio.

— É para o lado contrário — lembrou o preboste. — E não teria muito por que voltar à Cité, onde estava sendo caçada. Está mentindo, velha!

— Além disso — acrescentou o primeiro soldado —, não tem barco nessa margem nem na outra.

— Pode ter ido a nado — tentou a reclusa, para não se desdizer.

— Mulheres sabem nadar? — perguntou o soldado.

— Cabeça de Deus! Está mentindo, velha! Está mentindo! — esbravejou

Tristan. — Já tenho vontade de deixar de lado a tal feiticeira e enforcá-la no seu lugar. Quinze minutos de questão talvez lhe arranquem a verdade da garganta. Vamos! Terá que vir conosco.

Ela rapidamente aproveitou a oportunidade.

— Se é o que quer, senhor, levem-me. Agora mesmo, vamos! À questão! — dizia, imaginando que a filha assim poderia fugir.

— Morte de Deus! — exclamou o preboste. — Que apetite para o cavalete! Não entendo o que se passa com essa doida.

Um velho guarda da vigilância, de cabeça grisalha, saiu das fileiras e se dirigiu ao preboste:

— É doida mesmo, senhor! E não foi por vontade própria que soltou a egípcia, pois não gosta delas. Há quinze anos faço a guarda e toda noite ouço-a praguejar contra as mulheres boêmias, com xingamentos intermináveis. Se a moça que procuramos for mesmo, como imagino, a pequena dançarina da cabra, é a quem ela mais detesta.

Fazendo enorme esforço, Gudule admitiu:

— Ela mesma, sobretudo ela.

Os demais soldados da vigilância unanimemente confirmaram o que dizia o colega. Tristan l'Hermite, perdendo a esperança de extrair qualquer informação da reclusa, virou as costas e ela, com inexprimível ansiedade, o viu se dirigir lentamente para o cavalo.

— Vamos — comandou o preboste entredentes. — Em sela! Voltamos às buscas. Não durmo enquanto essa egípcia não for enforcada.

Mas ainda hesitava. Gudule se dilacerava entre a vida e a morte, vendo-o percorrer a praça com o olhar agitado do cão de caça que sente por perto a toca do animal procurado e não quer se afastar. Ele finalmente balançou a cabeça e montou. O coração terrivelmente comprimido da reclusa se relaxou e ela disse, se atrevendo a olhar para a filha pela primeira vez, desde a chegada dos militares:

— Salva!

A pobre criança tinha permanecido aquele tempo todo no seu canto, quase sem respirar, sem se mexer, vendo a morte de pé à sua frente. Nada havia perdido da cena entre Gudule e Tristan, com cada uma das angústias da mãe repercutindo nela própria. Ouvira todos os sucessivos estalidos do fio que a mantinha suspensa sobre o abismo e vinte vezes achou que esse fio se partia.

Mas começava enfim a respirar e a sentir o pé em terra firme. Ouviu, nesse momento, uma voz dizer ao comandante:

— Corpo de boi, sr. preboste! Não é função minha, militar que sou, enforçar feiticeiras. Minha tarefa é ir contra a canalha que se mistura à população. Deixo-o trabalhar sozinho. Aceite que eu vá encontrar a minha companhia, que se encontra sem capitão.

Era a voz de Phoebus de Châteaupers. É indizível o que se passou em Esmeralda. Estava ali o seu amigo, o seu protetor, o seu apoio, o seu asilo, o seu Phoebus! Ela se levantou e, antes que a mãe pudesse impedir, se lançou à lucarna, gritando:

— Phoebus! Estou aqui, meu Phoebus!

Mas Phoebus já não podia ouvir. Acabava de passar a galope pela esquina da rua de la Coutellerie. Tristan, porém, não tinha ido embora.

Com um urro, a reclusa se precipitou na direção da filha. Puxou-a violentamente para trás, afundando as unhas no seu pescoço. Num momento assim, uma tigresa acaba não tendo muito cuidado com os filhotes. Mas era tarde demais. Tristan a havia visto.

— Ora, ora! — ele exclamou, com um riso que mostrava todos os dentes, fazendo seu rosto parecer o focinho de um lobo. — Dois camundongos numa só ratoeira!

— Foi o que imaginei — disse o soldado.

Tristan o cumprimentou:

— É um bom gato! — E acrescentou: — Onde está Henriet Cousin?

Um homem que não tinha as roupas nem a aparência de um soldado saiu das fileiras. Usava um traje bipartido cinza e marrom, tinha os cabelos bem lisos, mangas de couro e um rolo de corda na mão. Era alguém que sempre acompanhava Tristan, que por sua vez sempre acompanhava Luís XI.

— Amigo — disse Tristan l’Hermite —, presumo que seja a feiticeira que procuramos. Enforque-a. Tem a sua escada?

— Tem uma no hangar da casa dos Pilares — respondeu o homem. — Nessa justiça mesmo que faremos a coisa? — ele perguntou, apontando para o patíbulo de pedra.

— Nela mesmo.

— He, he! — aprovou o homem, com um riso mais bestial ainda do que o

do preboste. — Não teremos que andar muito.

— Seja rápido! — disse Tristan. — Você ri depois.

A reclusa, no entanto, não havia dito uma palavra, desde que a filha fora descoberta e que toda esperança estava perdida. Depois de empurrar a pobre egípcia semimorta para um canto da cela, ela se colocou à lucarna, com as duas mãos enfincadas no parapeito, como duas garras. Nessa atitude, acintosamente encarava os soldados, com expressão que voltara a ser feroz e alucinada. No momento em que Henriet Cousin se aproximou, ela o enfrentou de forma tão selvagem que ele recuou.

— Senhor — perguntou, voltando até o preboste —, qual das duas vamos enforcar?

— A moça.

— Melhor assim. A velha parece difícil.

— Pobre dançarina da cabra! — disse o velho miliciano da vigilância.

Henriet Cousin se aproximou da lucarna. O olhar da mãe o fez abaixar o seu. Timidamente, ele pediu:

— Senhora...

Ela o interrompeu, com voz baixa e furiosa:

— O que está querendo?

— Não é a senhora — ele explicou. — É a outra.

— Qual outra?

— A moça.

Ela começou a balançar a cabeça, gritando:

— Não tem ninguém! Não tem ninguém! Não tem ninguém!

— Tem sim! — disse o carrasco. — E a senhora sabe. Deixe-me pegar a moça. Não farei mal à senhora.

— Ah, a mim você não quer fazer mal?

— Entregue a outra, senhora. É o sr. preboste que assim exige.

Ela repetiu, com ares de loucura:

— Não tem ninguém.

— Estou dizendo que sim! — replicou o carrasco. — Todos nós vimos que são duas.

— Olhe você mesmo! — riu a reclusa. — Enfie a cabeça pela lucarna.

O carrasco examinou as unhas da mãe e não se atreveu.

— Rápido com isso! — gritou Tristan, que acabava de colocar a tropa em círculo ao redor do Buraco dos Ratos e estava a cavalo, ao lado do patíbulo.

Henriet voltou a se aproximar do preboste, embaraçado. Deixou a corda no chão e girava, sem graça, de chapéu na mão.

— Comandante — ele perguntou. — Por onde entrar?

— Pela porta.

— Não tem porta.

— Pela janela.

— É muito estreita.

— Pois alargue-a — disse Tristan com raiva. — Não tem uma picareta?

Do fundo da cela, a mãe espiava, sempre alerta. Não esperava mais nada, não sabia mais o que queria, mas, em todo caso, não aceitava que lhe tirassem a filha.

Henriet Cousin foi buscar sua caixa de ferramentas para coisas daquele tipo, no hangar da casa dos Pilares. Pegou também a escada dupla e deixou-a logo no patíbulo. Cinco ou seis homens do prebostado se armaram de picaretas e alavancas e Tristan os acompanhou à lucarna.

— Velha — disse o preboste, em tom severo. — Entregue a moça por vontade própria.

Ela o olhou como se não compreendesse.

— Cabeça de Deus! — explodiu Tristan. — Por que não nos deixa enforcar a feiticeira, como quer o rei?

A miserável começou a rir com o seu riso feroz.

— Por quê? Porque é minha filha.

O tom com que ela pronunciou essas palavras fez até mesmo Henriet Cousin tremer.

— Sinto muito — disse então o preboste. — Mas é a vontade do rei.

Ela gritou, redobrando o riso terrível:

— E o que me importa o seu rei? Estou dizendo que é a minha filha!

— Quebrem a parede — ordenou Tristan.

Bastava, para abrir uma boa passagem, retirar uma base de pedra abaixo da lucarna. Quando a mãe ouviu as picaretas e as alavancas minarem sua fortaleza, soltou um grito assustador e começou a se mover de um lado para o outro da cela, um hábito de fera selvagem que a prisão havia dado. Nada mais

dizia, mas os olhos chamejavam. Os soldados estavam apavorados.

De repente, ela pegou o paralelepípedo de que já tinha se servido, riu e atirou-o com as duas mãos nos homens que trabalhavam. O projétil, lançado às cegas, pois ela inteira tremia, não machucou ninguém e foi parar junto às patas do cavalo de Tristan. Ela rangeu os dentes.

Enquanto isso, mesmo sem o sol ter despontado, já fazia dia claro e uma bela coloração rosada dava alguma vida às velhas chaminés maltratadas da casa dos Pilares. É a hora em que as janelas mais madrugadoras da grande cidade alegremente se abrem nos telhados. Alguns passantes, alguns fruteiros indo ao mercado central nos seus asnos, começavam a atravessar a Grève e paravam por um momento diante daquele grupo de soldados amontoados ao redor do Buraco dos Ratos. Olhavam admirados e seguiam em frente.

A reclusa fora se sentar à frente da filha, querendo escondê-la com o próprio corpo, com o olhar fixo, ouvindo a pobre criança que não se mexia e apenas murmurava em voz baixa:

— Phoebus! Phoebus!

À medida que o trabalho de demolição avançava, a mãe automaticamente recuava e apertava cada vez mais a filha contra a parede. De repente, viu a pedra (pois estava de sentinela e não despregava os olhos) se mover e ouviu a voz de Tristan incentivar os trabalhadores. Saiu então do estado de prostração em que havia caído nos últimos instantes e se pôs a falar. A sua voz ora agredia os ouvidos como uma serra, ora balbuciava. Era como se todas as maldições se atropelassem nos seus lábios, para explodir ao mesmo tempo.

— Ô, ô, ô! Mas isso é horrível! São uns criminosos! Querem mesmo enforcar minha filha? Estou dizendo que é minha filha! Covardes! Lacaio de carrascos! Pulhas miseráveis, assassinos! Socorro! Socorro! Fogo! Açam que vão tirar minha filha dessa maneira? E Deus, onde está?

Dirigindo-se a Tristan, espumando, com o olhar desvairado, de quatro como uma pantera de pelo eriçado, ela continuou:

— Venha você pegar minha filha! Não compreende que esta mulher aqui está dizendo que é sua filha que querem enforcar? Tem ideia do que é ter um filho? Ei! Lobo devorador de gazela, nunca dormiu com a sua loba? Nunca teve lobinhos filhotes? E se tiver, quando ele chora, alguma coisa nas suas entranhas não se revira?

— Derrubem a pedra — disse Tristan. — Já está solta.

As alavancas suspenderam a pesada base. Como dissemos, era o último bastião da mãe. Ela se lançou em cima, quis impedir a derrubada, arranhou com as unhas a pedra, mas o bloco maciço, acionado por seis homens, escapou e suavemente deslizou ao longo das alavancas de ferro até o chão.

A mãe, vendo a brecha aberta, deitou-se à frente de través, torcendo-se as mãos, batendo com a cabeça no chão e gritando com uma voz rouca de cansaço, que mal se ouvia:

— Socorro! Fogo! Fogo!

— Peguem a moça — disse Tristan, ainda impassível.

A mãe olhou os soldados de maneira tão impressionante que eles tinham mais vontade de recuar do que de avançar.

— Vamos com isso — insistiu o preboste. — Henriët Cousin, você!

Ninguém deu um passo. O preboste praguejou:

— Cabeça de Cristo! Meus homens de guerra! Com medo de uma mulher!

— O senhor chama isso de mulher? — perguntou Henriët.

— Tem juba de leão! — disse um outro.

— Vamos! — insistiu o preboste. — A abertura é suficiente. Entrem três, como na brecha de Pontoise. Acabemos com isso, morte de Maomé! O primeiro que recuar corto ao meio!

Entre o preboste e a mãe, ambos igualmente ameaçadores, os soldados hesitaram um pouco e depois, se decidindo, avançaram contra o Buraco dos Ratos.

Diante disso, a reclusa bruscamente se ergueu para ficar de joelhos, afastou os cabelos do rosto e depois deixou as mãos magras e feridas caírem ao longo das pernas. Pesadas lágrimas gotejaram dos seus olhos e foram descendo por uma ruga ao longo das faces, como uma torrente pelo sulco que ela mesma abre. Ao mesmo tempo, pôs-se a falar, mas com voz tão suplicante, meiga, submissa e comovente que em volta de Tristan mais de um daqueles homens duros, capazes de comer carne humana, teve que enxugar os olhos.

— Senhores! Srs. milicianos, deixem-me dizer! Uma coisa que preciso que saibam. É minha filha, entendem? Minha querida filhinha que eu havia perdido! Ouçam. É uma história. Saibam que conheço muito bem os srs. milicianos, que sempre foram bons comigo, desde o tempo em que os

meninos jogavam pedras em mim porque eu levava a vida do amor. Entendem? Haverão de me deixar minha criança, quando souberem! Fui uma pobre moça de vida alegre. As ciganas a raptaram. Guardei seu sapatinho. Vejam, aqui está. Tinha um pezinho assim. Em Reims! Eu era a Chantefleurie! Da rua Folle-Peine! Quem sabe me conheceram. Era eu. Vocês também eram jovens, foi uma boa época. Passávamos bons momentos, bons quinze minutos. Vão ter pena de mim, não vão? As egípcias a raptaram e a esconderam por quinze anos. Achei que tinha morrido. Imaginem, meus bons amigos, achei que estava morta e passei quinze anos aqui, nesse buraco, sem fogo no inverno. É uma coisa dura. O pobre sapatinho! Tanto gritei que Deus bondoso me ouviu. Devolveu minha filha essa noite. Um milagre de Deus. Não tinha morrido. Não vão tirá-la de mim, tenho certeza. Se fosse a mim, eu nada diria, mas ela! Uma criança de dezesseis anos! Deixem-na ver o sol! O que ela fez contra os senhores? Nada. Nem eu. Se soubessem que é tudo que tenho; estou velha e foi uma bênção enviada pela santa Virgem. Além disso, os senhores são bons! Não sabiam que é a minha filha, mas agora sabem. Ah, como a amo! Grande sr. preboste, prefiro um buraco nas minhas vísceras ao menor arranhão num dedo da minha filha! O senhor parece ser alguém bondoso! O que acabo de dizer explica tudo, não é verdade? Ah, se porventura tiver mãe! É o senhor o capitão, deixe minha filha comigo! Considere que suplico de joelhos, como se suplica a Jesus Cristo! Nada peço a ninguém, sou de Reims, meus senhores, tenho um pequeno terreno que me deixou meu tio Mahiet Pradon. Não sou mendiga. Nada quero, mas quero minha criança! Ah, quero guardar minha criança! O gracioso Deus, nosso senhor, não a devolveu à toa! O sr. preboste falou da vontade do rei. Já não agradará tanto a ele que matem minha filha! O rei é bom! É minha filha! Minha filha! Não do rei! Nem dos senhores! Quero ir embora. Queremos ir embora! Duas mulheres que passam, sendo uma mãe e a outra filha, todo mundo deixa que passem! Deixem-nos passar! Somos de Reims. Ah, os srs. milicianos são bons, amo-os muito. Não tomem minha criança querida, é impossível! Não concordam que seja impossível? Minha criança, minha criança!

Não vamos tentar dar uma ideia da gesticulação, do tom, das lágrimas que ela bebia ao falar nem das mãos que juntava e depois retorcia, dos sorrisos dilacerantes, dos olhares alagados e dos gemidos, suspiros, gritos miseráveis

e tocantes que vinham misturados a essas palavras desordenadas, loucas e descosidas. Quando se calou, Tristan l’Hermite franziu as sobrancelhas, mas era para disfarçar uma lágrima que rolava em seu olho de tigre. No entanto, superou a fraqueza e disse, com brevidade:

— É a vontade do rei.

Em seguida, se inclinou ao ouvido de Henriët Cousin e ordenou baixinho:

— Termine rápido!

É possível que o temível preboste talvez também se sentisse muito mal com tudo aquilo.

O carrasco e os soldados entraram no cubículo. A mãe não opôs resistência alguma, apenas se arrastou até a filha e se jogou de corpo inteiro contra ela. A egípcia viu os homens se aproximarem. O horror da morte a reanimou.

— Minha mãe! — ela gritou com inexprimível desespero. — Minha mãe! Eles estão vindo! Proteja-me!

— Vou protegê-la, meu amor! — respondeu a mãe, com uma voz sumida e cobrindo-a de beijos, num forte abraço. Juntas, a mãe e a filha eram um espetáculo digno de pena.

Henriët Cousin se apoderou da jovem, segurando-a pelos delicados ombros. Perdendo toda esperança, ela deu um suspiro e desmaiou. O carrasco, que derramava lágrimas sobre a condenada, quis erguê-la. Para isso, precisava se desvencilhar da mãe, que tinha, por assim dizer, amarrado as duas mãos ao redor da cintura da filha e estava tão fortemente agarrada que foi impossível separá-las. Henriët Cousin arrastou então a jovem para fora da cela, e com ela a mãe, também de olhos fechados.

O sol surgia nesse momento e já havia na praça uma boa quantidade de gente que olhava à distância o que estava sendo arrastado pelo calçamento, até o patíbulo. Pois era a maneira própria do preboste Tristan em matéria de execuções; tinha a mania de impedir que os curiosos se aproximassem.

Não havia ninguém nas janelas. Viam-se apenas de longe, no topo da torre de Notre Dame que dá para a Grève, dois homens que se destacavam em preto no céu claro da manhã e pareciam olhar.

Henriët Cousin parou junto da fatal escada com o seu fardo e, quase sem conseguir respirar, de tanto que lhe doía aquela obrigação, passou a corda em torno do adorável pescoço de Esmeralda. A infeliz sentiu o horrível contato

do cânhamo. Ergueu as pálpebras e viu o braço descarnado do patíbulo de pedra, estendido acima da sua cabeça. Ela então se sacudiu e gritou em voz alta e dilacerante:

— Não, não, não quero!

A mãe, com a cabeça perdida nas roupas da filha, nada disse. Mas pôde-se ver que todo seu corpo tremia e ela redobrou os beijos na sua criança. O carrasco aproveitou o momento para desatar vivamente os braços que ainda se agarravam à condenada. Fosse por exaustão, fosse por desespero, ela aceitou. O verdugo colocou então a encantadora criatura num dos seus ombros, graciosamente dobrada ao meio, junto à rude cabeça. Pôs o pé no primeiro degrau, para subir.

Agachada no chão, a mãe nesse momento abriu os olhos. Sem nada dizer, endireitou-se com uma expressão terrível e, como um animal sobre a presa, se jogou contra a mão do carrasco e mordeu. Foi um relâmpago. O homem urrou de dor. Pessoas acorreram. Com dificuldade retiraram a mão sangrenta de entre os dentes da mãe. Ela se mantinha em profundo silêncio. Foi brutalmente empurrada, e notou-se que sua cabeça bateu pesadamente no chão. Ergueram-na. Ela tornou a cair. Estava morta.

O carrasco, que não havia soltado a moça, voltou a subir a escada.

130. “Como a geometria para as abelhas”, em latim no original.

2. La creatura bella bianco vestita¹³¹

Quando Quasímodo viu a cela vazia e constatou que a egípcia não se encontrava mais ali, tendo sido raptada enquanto ele a defendia, agarrou os cabelos com as duas mãos e bateu os pés no chão, com surpresa e dor. Depois correu por toda a igreja, procurando a boêmia, urrando sons estranhos por todos os cantos e largando tufo de cabelos ruivos no chão. Isso foi precisamente no momento em que os arqueiros do rei entraram vitoriosamente em Notre Dame, também procurando a egípcia. Quasímodo os ajudou sem se dar conta, o pobre surdo, das fatais intenções dos soldados. Achava serem os bandidos os inimigos da egípcia. Ele próprio conduziu Tristan l'Hermite a todos os esconderijos possíveis, abrindo as portas secretas, as falsas laterais do altar, os fundos das sacristias. Se a infeliz ali ainda se encontrasse, ele é que, sem querer, a teria entregue.

Quando a frustração da busca desanimou Tristan, que em geral não se desanimava tão facilmente, Quasímodo continuou sozinho. Correu vinte vezes, cem vezes a igreja, de um lado para outro, de cima a baixo, subindo e descendo, correndo, chamando, gritando, farejando, fuçando, rebuscando, enfiando a cabeça em cada buraco, clareando cada abóbada com uma tocha, desesperado e enlouquecido. Um macho tendo perdido a fêmea não rugiria tanto nem de forma tão feroz.

Quando afinal teve certeza de que ela não se encontrava mais ali, que esta era a realidade, que a haviam sequestrado, ele subiu lentamente a escada das torres, a mesma escada que havia escalado com tanta euforia e triunfo no dia em que a havia salvado. Cabisbaixo, passou pelos mesmos lugares. Sem voz, sem lágrimas, quase sem respiração. A igreja estava novamente deserta e em silêncio. Os arqueiros haviam ido embora para dar caça à feiticeira na Cité. Sozinho na vasta Notre Dame, tão violentada e tumultuosa no momento anterior, Quasímodo retomou o caminho da cela em que a egípcia havia dormido por tantas semanas, sob a sua guarda.

Aproximando-se, imaginou que talvez a encontrasse lá. Quando, desembocando da galeria que dá para o telhado das naves laterais, percebeu a

estreita cela com sua pequena janela e pequena porta, ajeitada sob um arcobotante como um ninho de passarinho debaixo de um galho, o coração do pobre homem falseou e ele se apoiou contra um pilar para não cair. Imaginou que a cigana talvez estivesse de volta, quem sabe algum gênio do bem a houvesse trazido, pois a cela parecia tranquila, segura e bonita demais para que ela ali não se encontrasse. Não se atreveu a dar um passo a mais, temendo desmanchar a ilusão.

— Talvez esteja dormindo ou quem sabe rezando — disse para si mesmo. — É melhor não incomodá-la.

Mas afinal juntou toda coragem, avançou na ponta dos pés, olhou e entrou. Ninguém! A cela continuava vazia. O infeliz surdo percorreu-a com passos lentos, ergueu a cama e olhou embaixo, como se Esmeralda pudesse estar escondida entre a laje e o colchão. Depois, balançou a cabeça e permaneceu estupidamente a olhar. De repente, esmagou a tocha com o pé e, sem nada dizer, sem o menor suspiro, correu a toda velocidade e se lançou de cabeça contra a parede, tombando desacordado no chão.

Quando voltou a si, jogou-se na cama, estendeu-se, beijou impetuosamente o lugar ainda morno em que a jovem havia dormido. Ficou alguns minutos imóvel, como se fosse morrer, e depois se levantou, banhado de suor, ofegante, enlouquecido, pondo-se a bater nas paredes com a cabeça, na assustadora regularidade do badalo dos sinos e com a firme vontade de quem decide dar um fim ao sofrimento. Caiu pela segunda vez, finalmente esgotado. Arrastou-se para fora da cela e se encolheu em frente à porta, numa atitude de espanto. Assim ficou por mais de uma hora, sem o menor movimento, com o olho pregado na cela deserta, mais sombrio e pensativo do que uma mãe sentada entre um berço vazio e um caixão cheio. Não pronunciava palavra alguma, apenas, de vez em quando, um soluço sacudia violentamente o seu corpo inteiro, mas um soluço sem lágrimas, como esses relâmpagos do verão, que não fazem barulho.

Foi nesse momento que ele, procurando no fundo do seu devaneio desolado quem podia ter tão inesperadamente sequestrado a egípcia, pensou no arquidiácono. Ele sabia que dom Claude tinha a chave da escada que levava à cela e lembrou-se das tentativas noturnas do padre contra a jovem, tendo ele, Quasímodo, ajudado a primeira e impedido a segunda. Outros mil detalhes vieram à sua mente e ele não teve mais dúvida de que o

arquidiácono houvesse raptado a egípcia. No entanto, tinha tanto respeito pelo padre, tão grande sentimento de gratidão, devoção e carinho, profundamente enraizado no coração que, mesmo nesse momento, ele resistiu às investidas do ciúme e do desespero.

Imaginava culpado o arquidiácono, e o ímpeto de sangue e morte que o teria dominado contra qualquer outra pessoa, em se tratando de Claude Frollo, se transformava, no pobre surdo, em ainda maior sensação de dor.

No momento em que o seu pensamento se fixou no padre, com a aurora clareando os arcobotantes, ele viu, no andar superior de Notre Dame, na quina da balaustrada que segue externamente ao redor da abside, um vulto caminhando. O vulto vinha em sua direção e Quasímodo o reconheceu. Era o arquidiácono.

Claude caminhava com passadas graves e lentas. Não olhava para onde ia, pois se dirigia à torre setentrional e o rosto estava de lado, voltado para a margem direita do Sena. Mantinha a cabeça bem levantada, como se tentasse enxergar por cima dos telhados. Frequentemente os mochos têm essa atitude oblíqua: voam num sentido e olham para outro. O padre, desse modo, passou pouco acima de Quasímodo, sem vê-lo.

O surdo, a quem a brusca aparição deixara petrificado, o viu desaparecer pela porta da escada da torre setentrional. O leitor sabe que essa torre é aquela da qual se vê o Hôtel de Ville. Quasímodo se levantou e seguiu o arquidiácono.

Subiu a escada da torre sem saber muito bem por quê. Ou apenas para saber por que o padre havia subido. Aliás, o pobre sineiro não sabia o que faria exatamente, o que diria, o que queria. Estava cheio de fúria e receio. O arquidiácono e a egípcia se chocavam em seu coração. Chegando ao topo da torre, antes de sair do escuro da escada e entrar na plataforma, procurou com atenção descobrir onde se encontrava o padre. Viu-o de costas, junto à balaustrada vazada que cerca a plataforma do campanário. Com os olhos perdidos na cidade, apoiava-se no parapeito no ponto que dá para a ponte Notre Dame.

Caminhando com cuidado, Quasímodo foi por trás para ver o que o padre tanto olhava, tão atento alhures que não o ouviu se aproximar.

Paris é um magnífico e encantador espetáculo, e mais ainda a Paris de então, sobretudo vista do alto das torres de Notre Dame, sob a fresca

claridade de um amanhecer de verão. Naquele dia, devíamos estar no mês de julho. O céu se apresentava perfeitamente sereno. Algumas estrelas mais atrasadas sumiam acima das diversas pontes e uma delas brilhava forte no levante, que era a parte mais clara do céu. O sol estava prestes a despontar. Paris começava a se mover. Uma luz muito clara e pura realçava todo o relevo que as suas mil edificações apresentavam a leste. A sombra gigantesca dos campanários ia de telhado em telhado, de um lado a outro da grande cidade. Em alguns bairros já se falava forte, com muito barulho. Ora ouvia-se um sino, ora um martelo, quando não o chacoalhar arrastado de alguma carroça em movimento. Rolos de fumaça já apareciam em alguns pontos de toda aquela superfície de telhados, como fendas de uma imensa *sofatare*.¹³² O rio, que estreita suas águas sob os arcos de tantas pontes e na ponta de tantas ilhas, fulgurava com brilhos de prata. Ao redor da cidade, do lado de fora dos muros, a visão se perdia num grande círculo de vapores quase granulares, através dos quais confusamente se distinguia a linha indefinida das planícies e a graciosa curvatura dos morros. Todo tipo de rumores oscilantes se propagava pela cidade ainda semiadormecida. Na direção leste, o vento da manhã empurrava no céu filamentos de algodão, arrancados da penugem de bruma das colinas.

Na praça du Parvis, mulheres tendo à mão o pote de leite comentavam espantadas o estrago feito na porta principal de Notre Dame e os dois rios de chumbo solidificado entre as fendas de arenito. Era tudo que havia restado do tumulto noturno. A fogueira acesa por Quasímodo entre as torres tinha se extinguido. Tristan já limpava a praça, mandando lançar os mortos no Sena. Reis como Luís XI têm o cuidado de rapidamente mandar lavar o chão depois de um massacre.

Por fora da balaustrada da torre, exatamente abaixo de onde se encontrava o padre, havia uma dessas gárgulas fantasmagoricamente talhadas que atormentam os edifícios góticos e, nela, dois belos alelis floresciam, balançados e vivificados pela brisa, como se alegremente se cumprimentassem. Acima das torres, no alto, bem longe no fundo do firmamento, ouviam-se os pios distantes dos pássaros.

Mas o padre não ouvia e nada via de tudo isso. Era um desses homens para os quais não existem manhãs nem pássaros nem flores. Apesar do imenso horizonte com aspectos tão variados ao redor, sua contemplação se

concentrava num ponto único.

Quasímodo queria ardentemente perguntar o que ele havia feito da egípcia, mas o arqui-diácono parecia, naquele momento, estar fora do mundo. Visivelmente se encontrava num desses minutos violentos da vida em que nem se sentiria a terra desabar. Com os olhos invariavelmente presos a determinado ponto, permanecia imóvel e silencioso, em imobilidade e silêncio que transmitiam algo tão intimidante que o selvagem sineiro ficou paralisado, sem ousar ir além. Apenas seguiu a direção do seu raio de visão — pois era como interrogar o arqui-diácono — e, ao fazê-lo, o olhar do infeliz surdo encontrou a praça da Grève.

Viu, então, o que o padre via. A escada estava presa ao patíbulo permanente. Algumas pessoas e muitos soldados se encontravam na praça. Um homem arrastava pelo chão alguma coisa branca, com outra coisa, escura, agarrada nela. O homem parou ao pé do patíbulo.

Nesse momento algo se passou que Quasímodo não viu bem. Não que o seu olho único houvesse perdido o longo alcance, mas um soldado corpulento impedia a visão. Aliás, nesse instante também o sol apareceu e tamanho fulgor de luz inundou todo o horizonte, como se todas as pontas de Paris, as flechas, chaminés e empenas pegassem fogo ao mesmo tempo.

Mas o homem começou a subir a escada e Quasímodo pôde então distintamente vê-lo. Carregava uma mulher no ombro, uma jovem vestida de branco, com uma corda no pescoço. Quasímodo a reconheceu.

Era ela.

O homem chegou ao alto da escada. Arrumou a corda. Para ver melhor, o padre se pôs de joelhos em cima da balaustrada.

O homem bruscamente empurrou a escada com o calcanhar e Quasímodo, que há alguns instantes não respirava mais, viu balançar na ponta da corda, a duas toesas do chão, a pobre criança, com o homem agachado em cima dos ombros dela. A corda girou várias vezes, e Quasímodo viu horríveis convulsões percorrerem o corpo da egípcia. O padre, por sua vez, com o pescoço estendido e olhos esbugalhados, acompanhava o casal infame, formado pelo homem e a jovem, a aranha e a mosca.



Era ela.

No momento mais horrível, um riso de demônio, um riso que só quem deixa de ser humano pode dar, estourou no rosto lívido do padre. Quasímodo não escutou o riso, mas viu. O sineiro recuou alguns passos por trás do arquidiácono e, de súbito, partindo em fúria na sua direção, com as pesadas mãos o empurrou pelas costas no abismo em cuja beirada dom Claude estava debruçado.

— Danação! — gritou o padre. E caiu.

A calha acima da qual ele se encontrava interrompeu a queda. Dom Claude se agarrou desesperadamente e, no momento em que abriu a boca

para dar um segundo grito, viu passar por cima da balaustrada, logo acima da sua cabeça, a figura formidável e vingadora de Quasímodo. Ele, então, se calou.

O abismo se abria abaixo. Uma queda de mais de duzentos pés e o chão duro. Mesmo nessa situação terrível, o arquidiácono não disse uma palavra, não deu um gemido. Apenas se contorceu em cima da calha, com esforços tremendos para subir. Mas as mãos nada conseguiam no granito e os pés riscavam a parede enegrecida, sem encontrar apoio. Quem já subiu nas torres de Notre Dame sabe que há uma saliência na pedra, imediatamente abaixo da balaustrada. Nessa angulação negativa é que se debatia o miserável arquidiácono. Não era um paredão reto que enfrentava, e sim um que lhe escapava ainda mais.

Quasímodo, para tirá-lo do abismo, tinha apenas que estender a mão, mas sequer o olhava. Olhava a Grève. Olhava o patíbulo. Olhava a egípcia. O surdo se acotovelara à balaustrada no lugar em que estava o arquidiácono no momento anterior e ali, sem desviar a atenção do único objeto a ter importância, naquele momento, permanecia imóvel e mudo como um homem fulminado. Um longo fluxo de lágrimas desceu em silêncio do olho que, até então, jamais conhecera o pranto.

Enquanto isso, o arquidiácono estava ali. O topo da cabeça, calvo, gotejava suor. As unhas sangravam contra a pedra e os joelhos se arranhavam na parede. Ele ouvia a batina se rasgar, presa à goteira, e descosturar a cada esforço que fazia. Para cúmulo da desgraça, a calha partia de um ducto de chumbo que cedia com o peso do seu corpo. O arquidiácono sentia a tubulação lentamente vergar. O miserável imaginava que quando suas mãos se arrebatassem de cansaço, quando a batina rompesse em definitivo, quando o chumbo acabasse lentamente de ceder, ele cairia. E o terror lhe tolhia as entranhas. Via com desespero uma espécie de estreita plataforma, formada por coincidências das esculturas, cerca de dez pés mais abaixo, e do fundo da sua alma aflita ele pedia ao céu a dádiva de acabar a vida naquele espaço de dois pés quadrados, mesmo que esse fim de vida durasse cem anos. Uma só vez ele olhou mais abaixo ainda, a praça, o abismo, e a cabeça que depois voltou a se erguer tinha os olhos fechados e os cabelos eriçados.



Partindo em fúria na sua direção, empurrou-o no abismo.

Era algo assustador o silêncio dos dois homens. Enquanto dom Claude, a poucos pés dele, agonizava, Quasímodo chorava e olhava a Grève.

O arquidiácono, vendo que todas as suas tentativas serviam apenas para fragilizar ainda mais o ponto de apoio que lhe restava, tomou a decisão de não mais se mover. Ali estava ele, agarrado à calha, no máximo respirando, sem mais se mexer, sem outra movimentação além dessa convulsão involuntária na barriga que se tem quando se sonha com quedas de grandes alturas. Os olhos também não se moviam, mas se mantinham bem abertos, com olhar doentio e espantado. Dom Claude, porém, perdia terreno: os dedos

escorregavam pela calha, crescia a fraqueza dos seus braços e ele via que, com o peso do corpo, aumentava a curvatura do chumbo que o sustentava, inclinando-o cada vez mais na direção do abismo.

Mais abaixo, era horrível de se ver, o telhado de Saint-Jean-le-Rond parecia um pequeno cartão dobrado ao meio. O arqui-diácono examinava também, uma após a outra, as impassíveis esculturas da torre, igualmente suspensas no precipício, mas sem parecerem assustadas nem demonstrarem qualquer solidariedade. Em volta, tudo era de pedra: os monstros de bocarras escancaradas, à frente; o chão duro da praça, abaixo; e Quasímodo que chorava, acima.

Na praça du Parvis, alguns bons curiosos tranquilamente procuravam adivinhar quem poderia ser o louco que brincava de maneira tão estranha. O padre os ouvia dizer, pois as vozes chegavam até ele, claras e finas:

— Vai acabar quebrando o pescoço!

Quasímodo chorava.

Espumando de raiva e de pavor, o arqui-diácono enfim compreendeu que tudo era inútil. Juntou, mesmo assim, o que lhe restava de força para uma última tentativa. Endireitou-se em cima da calha, apoiou os dois joelhos contra a parede, colocou uma das mãos numa fenda entre as pedras e conseguiu subir uma altura de no máximo um pé, mas tudo isso fez ceder a base de chumbo sobre a qual ele se sustentava. Ao mesmo tempo, a batina acabou de se rasgar. Sentindo nada mais haver sob os pés, tendo apenas as mãos cansadas e dormentes ainda a segurá-lo, o infeliz fechou os olhos e largou a calha. Caiu.

Quasímodo o viu cair.

Uma queda de tal altura raramente é perpendicular. Lançado no espaço, o arqui-diácono primeiro caiu de cabeça, com as duas mãos esticadas. Depois, deu várias voltas no próprio eixo. O vento o levou para o telhado de uma casa, contra o qual o infeliz se chocou. Mas não estava ainda morto. O sineiro o viu tentar se agarrar com as unhas. A inclinação era forte demais e ele não tinha mais força. Rapidamente escorregou como uma telha que se desprende, e se estatelou no calçamento da rua. Não se mexeu mais.

Quasímodo então voltou o seu olho para a egípcia, cujo corpo via pendurado no patíbulo, com os últimos tremores da agonia sob o vestido branco. Em seguida, voltou-se para o arqui-diácono estendido sob a torre, já

sem qualquer forma humana. Com um soluço que ergueu seu peito profundo, ele suspirou:

— Ah, tudo que amei!

131. “A bela criatura vestida de branco”, em italiano no original, citação da *Divina comédia* de Dante (Purgatório, XII, 88-89).

132. “Terra de enxofre”, em italiano no original.

3. Casamento de Phoebus

Na tarde desse longo dia, quando os oficiais judiciários do bispado foram retirar do adro o cadáver desconjuntado do arcebispo, Quasímodo havia desaparecido de Notre Dame.

Muitos boatos circularam sobre toda essa aventura. Ninguém duvidou que houvesse chegado o dia e, pelo pacto feito, Quasímodo — isto é, o diabo — tinha levado embora Claude Frollo — ou seja, o bruxo. Presumiu-se que o corpo fora destroçado ao se retirar a alma, mais ou menos como os macacos quebram a casca para comer o coco.

Por essa razão, o arqui-diácono não foi enterrado em terra santa.

Luís XI morreu no ano seguinte, no mês de agosto de 1483. Já Pierre Gringoire conseguiu salvar a cabra e obteve posteriormente algum sucesso com tragédias. Parece que, depois de tentar a astrologia, a filosofia, a arquitetura, a hermenêutica e demais loucuras, ele voltou à tragédia, que é a atividade mais louca dessas todas. Era o que ele próprio denominava *um final trágico*. Cito, a respeito dos seus triunfos dramáticos, o que se podia ler, já em 1483, na contabilidade do prebostado: “Para Jehan Marchand e Pierre Gringoire, carpinteiro e compositor, que montaram e encenaram o mistério apresentado no Châtelet de Paris, de boas-vindas ao sr. legado, com a organização dos personagens, devidamente vestidos e ornados à maneira exigida pelo referido mistério, tendo também preparado os cenários necessários. Total pago: cem libras.”

Phoebus de Châteaupers teve igualmente um fim trágico: casou-se.

4. Casamento de Quasímodo

Acabamos de dizer que Quasímodo havia desaparecido de Notre Dame no dia da morte da egípcia e do arquidiácono. De fato, não foi mais visto nem se soube o que fez.

Na noite seguinte ao suplício de Esmeralda, os encarregados dessas tarefas mais árduas tiraram o seu corpo do patíbulo e o carregaram, como de costume, para o repositório de Montfaucon.

Segundo Sauval, Montfaucon era “o mais antigo e esplêndido patíbulo do reino”. Entre os *faubourgs* do Temple e de Saint-Martin, a cerca de cento e sessenta toesas das muralhas de Paris e ao alcance de um tiro de balestra da Courtille, via-se, no topo de uma elevação suave, quase imperceptível, mas alta o suficiente para ser vista a algumas léguas de distância, um edifício de forma estranha, bastante parecido com um *cromlech* céltico, em que também se executavam sacrifícios.

Que se imagine, no alto de uma colina de gipsita, um grande paralelepípedo de alvenaria, com quinze pés de altura, trinta de largura e quarenta de comprimento, com portal, rampa externa e plataforma. Nessa plataforma, erguiam-se dezesseis enormes pilastras de pedra bruta, retas, com altura de trinta pés, dispostas em colunata por três dos quatro lados do maciço bloco que as suportava, ligadas entre si no alto por fortes vigas, das quais pendiam correntes a intervalos regulares. Dependurados nessas correntes, viam-se esqueletos. Embaixo, na parte plana do terreno, acrescentem uma cruz de pedra e dois patíbulos acessórios, que pareciam ter crescido como excrescência do corpo principal. Acima de tudo isso, no céu, um perpétuo voo de corvos completava o quadro. Assim era Montfaucon.

Em fins do século XV, o formidável cadafalso, que datava de 1328, já se encontrava em mau estado. As vigas estavam carcomidas, as correntes enferrujadas, as pilastras esverdeadas de limo. As bases de pedra talhada apresentavam fendas nas juntas e o mato crescia nas áreas da plataforma que não eram pisadas. O monumento produzia uma horrível silhueta contra o céu, sobretudo à noite, com o luar batendo nos crânios brancos, ou quando a

brisa noturna balançava as correntes e os esqueletos na penumbra. A presença do patíbulo era suficiente para tornar sinistros os arredores.

O maciço de pedra que servia de base ao infame edifício era oco por dentro. Reservava-se, com isso, um amplo espaço, fechado por uma velha grade de ferro estragada, em que eram jogados não só restos humanos que se despregavam das correntes de Montfaucon, mas também os corpos de todos os infelizes executados nos demais patíbulos permanentes de Paris. Alguns poderosos e muitos inocentes acrescentaram seus ossos a essa profunda carniçaria, em que tanta poeira humana e tantos crimes apodreceram juntos, desde Enguerrand de Marigni — que inaugurou Montfaucon e era um justo — até o almirante de Coligni — que o encerrou e era, igualmente, um homem íntegro.

Com relação ao misterioso desaparecimento de Quasímodo, eis o que se pôde descobrir.

Cerca de dois anos, ou uns dezoito meses, depois daqueles acontecimentos finais da nossa história, quando foram procurar no espaço interno de Montfaucon o cadáver de Olivier le Daim, enforcado dois dias antes e a quem Carlos VIII concedeu postumamente a graça de ser enterrado em Saint-Laurent, em melhor companhia, encontraram, entre tantas carcaças horríveis, dois esqueletos que chamavam a atenção, pois um curiosamente abraçava o outro. Num dos esqueletos, o de mulher, restavam ainda alguns farrapos de um vestido que um dia foi branco e no pescoço havia um colar de grãos de falso-plátano com um saquinho de seda, enfeitado com miçangas verdes, aberto e vazio. Eram objetos de tão pouco valor que o carrasco provavelmente não os quis. O outro, que estreitava o primeiro nos braços, era um esqueleto de homem. Podia-se ver que tinha a coluna vertebral com forte desvio, a cabeça enfiada entre as omoplatas e uma perna mais curta do que a outra. Não apresentava, além disso, ruptura de vértebra na nuca, evidenciando que não fora enforcado. O homem a quem aqueles ossos haviam pertencido, então, viera até ali, e ali morrera. Quando quiseram separá-lo do esqueleto que ele enlaçava, ele se reduziu a pó.

CLÁSSICOS ZAHAR
em EDIÇÃO COMENTADA E ILUSTRADA

Persuasão

seguido de duas novelas inéditas em português
Jane Austen

Peter Pan

J.M. Barrie

O Mágico de Oz*

L. Frank Baum

Tarzan**

Edgar Rice Burroughs

Alice*

Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do espelho
Lewis Carroll

Sherlock Holmes*

contos e romances em 9 vols.
Arthur Conan Doyle

O conde de Monte Cristo

A mulher da gargantilha de veludo e outras histórias de terror

Os três mosqueteiros*

Alexandre Dumas

O melhor do teatro grego

Ésquilo, Sófocles, Eurípides e Aristófanes

O corcunda de Notre Dame

Victor Hugo

O lobo do mar**

Jack London

Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda

Howard Pyle

Contos de fadas*

Maria Tatar (org.)

20 mil léguas submarinas

Jules Verne

* Disponível também em Edição Bolso de Luxo

** Em preparação

Copyright da tradução © 2015, Jorge Bastos

Copyright desta edição © 2015:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo

ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo

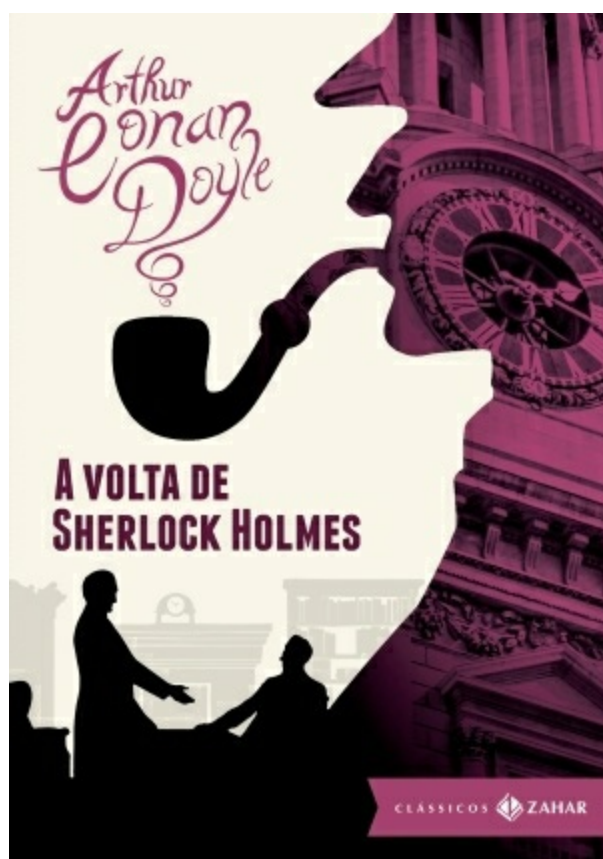
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Capa: Rafael Nobre/Babilonia Cultura Editorial

Produção do arquivo ePub: Simplíssimo Livros

Edição digital: novembro 2014

ISBN: 978-85-378-1398-0



A volta de Sherlock Holmes

Conan Doyle, Arthur

9788537815502

456 páginas

[Compre agora e leia](#)

O retorno triunfante do detetive mais amado da literatura policial após sua suposta morte nas mãos do professor Moriarty, nas cataratas de Reichenbach.

A volta de Sherlock Holmes reúne os 13 contos originalmente publicados na Strand Magazine, entre outubro de 1903 e dezembro de 1904:

* A casa vazia * O construtor de Norwood * Os dançarinos * O ciclista solitário * A Escola do Priorado * Black Peter * Charles Augustus Milverton * Os seis Napoleões * Os três estudantes * O pincenê de ouro * O atleta desaparecido * A Granja da Abadia * A segunda mancha *

Essa edição, ricamente ilustrada com 50 ilustrações originais, traz texto integral e breve apresentação. A versão impressa apresenta ainda capa dura e acabamento de luxo.

[Compre agora e leia](#)



O corcunda de Notre Dame

Hugo, Victor

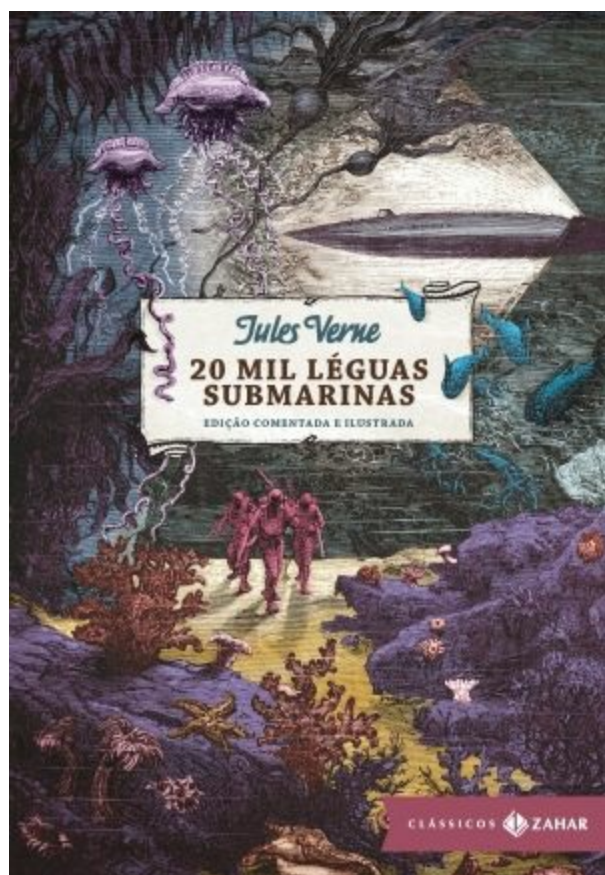
9788537811047

495 páginas

[Compre agora e leia](#)

Na Paris do século XV, a cigana Esmeralda dança em frente à catedral de Notre Dame. Ao redor da jovem e da igreja, dançam outros personagens inesquecíveis - como o cruel arquidiácono Claude Frollo, o capitão Phoebus, a velha reclusa Gudule e, claro, o disforme Quasímodo, o corcunda que cuida dos sinos da catedral. Com uma trama arrebatadora, que tem a cidade de Paris como bem mais do que um mero pano de fundo, Victor Hugo criou um dos grandes clássicos do romantismo francês, de leitura irresistível. Essa Edição Comentada e Ilustrada inclui tradução, apresentação e notas de Jorge Bastos Cruz e mais de 50 ilustrações originais.

[Compre agora e leia](#)



20 mil léguas submarinas

Verne, Jules

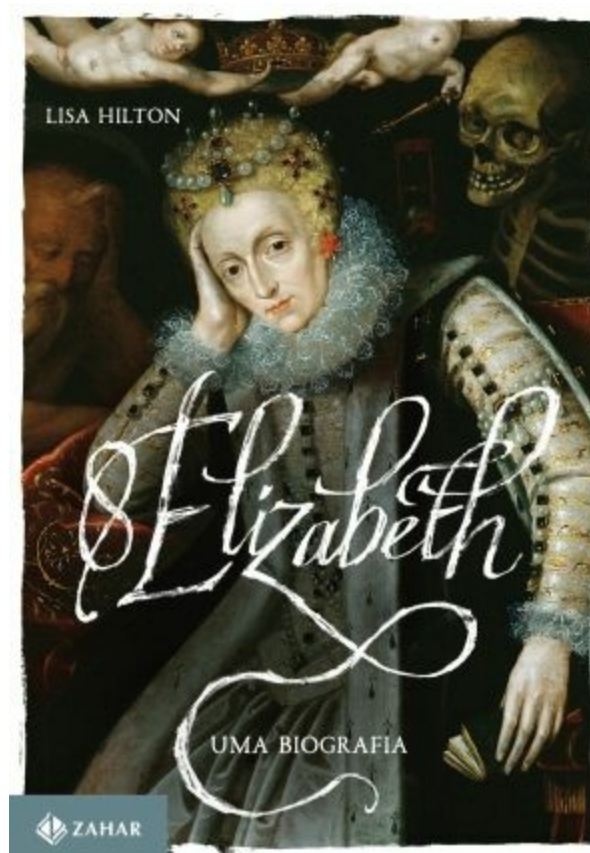
9788537806661

455 páginas

[Compre agora e leia](#)

Há mais de 150 anos, a obra mais famosa de Jules Verne encanta leitores de todas as idades. O escritor ajudou a criar um novo gênero literário, a ficção científica, e seus livros tinham um traço premonitório. Muitas das invenções humanas posteriores foram antecipadas em suas páginas. "20 mil léguas submarinas" é um exemplo. A aventura é das mais emocionantes. O leitor é transportado para 1866, ano em que navios de diferentes nacionalidades começam a naufragar e sofrer misteriosas avarias. As descrições revelam que um ser "comprido, fusiforme, fosforescente em certas ocasiões, infinitamente maior e mais veloz que uma baleia" seria o responsável. Imediatamente, governantes e homens da ciência mobilizam-se para deter o misterioso monstro marinho. A missão, porém, não sai como esperado. Os responsáveis pela expedição são capturados pelo capitão Nemo, enigmático e problemático, criador do moderno submarino Náutilus, confundido com o tal monstro misterioso. A aventura só começou. A trupe vai viajar pelo fundo do mar, enfrentando águas remotas, criaturas das profundezas e uma fauna e flora exuberantes. Um clássico da literatura mundial que merecia uma edição brasileira à altura. Esta chega agora com tradução cuidadosa, mais de 70 gravuras de época e notas explicativas.

[Compre agora e leia](#)



Elizabeth I

Hilton, Lisa

9788537815687

412 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um retrato original e definitivo da Rainha Virgem narrado com todos os elementos de um impressionante romance

Filha de Henrique VIII e Ana Bolena, Elizabeth I foi a quinta e última monarca da dinastia Tudor e a maior governante da história da Inglaterra, que sob seu comando se tornou a grande potência política, econômica e cultural do Ocidente no século XVI. Seu reinado durou 45 anos e sua trajetória, lendária, está envolta em drama, escândalos e intrigas.

Escrita pela jornalista e romancista inglesa Lisa Hilton, essa biografia apresenta um novo olhar sobre a Rainha Virgem e é uma das mais relevantes contribuições ao estudo do tema nos últimos dez anos. Apoiada em novas pesquisas, oferece uma perspectiva inédita e original da vida pessoal da monarca e de como ela governou para transformar a Inglaterra de reino em "Estado".

Aliando prosa envolvente e rigor acadêmico, a autora recria com vivacidade não só o cenário da era elisabetana como também o complexo caráter da soberana, mapeando sua jornada desde suas origens e infância - rebaixada de bebê real à filha ilegítima após a decapitação da mãe até seus últimos dias.

Inclui caderno de imagens coloridas com os principais retratos de Elizabeth I e de outras figuras protagonistas em sua biografia, como Ana Bolena e Maria Stuart.

"Inovador... Como a história deve ser escrita." Andrew Roberts, historiador britânico, autor de Hitler & Churchill

"... uma nova abordagem de Elizabeth I, posicionando-a com solidez no contexto da Europa renascentista e além." HistoryToday

"Ao mesmo tempo que analisa com erudição os ideais renascentistas e a política elisabetana, Lisa Hilton concede à história toda a sensualidade esperada de um livro sobre os Tudor." The Independent

[Compre agora e leia](#)

Inclui posfácio do autor sobre o Brasil

REDES Manuel Castells DE INDIGNAÇÃO E ESPERANÇA



Movimentos sociais
na era da internet

 ZAHAR

Redes de indignação e esperança

Castells, Manuel

9788537811153

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Principal pensador das sociedades conectadas em rede, Manuel Castells examina os movimentos sociais que eclodiram em 2011 - como a Primavera Árabe, os Indignados na Espanha, os movimentos Occupy nos Estados Unidos - e oferece uma análise pioneira de suas características sociais inovadoras: conexão e comunicação horizontais; ocupação do espaço público urbano; criação de tempo e de espaço próprios; ausência de lideranças e de programas; aspecto ao mesmo tempo local e global. Tudo isso, observa o autor, propiciado pelo modelo da internet.

O sociólogo espanhol faz um relato dos eventos-chave dos movimentos e divulga informações importantes sobre o contexto específico das lutas. Mapeando as atividades e práticas das diversas rebeliões, Castells sugere duas questões fundamentais: o que detonou as mobilizações de massa de 2011 pelo mundo? Como compreender essas novas formas de ação e participação política? Para ele, a resposta é simples: os movimentos começaram na internet e se disseminaram por contágio, via comunicação sem fio, mídias móveis e troca viral de imagens e conteúdos. Segundo ele, a internet criou um "espaço de autonomia" para a troca de informações e para a partilha de sentimentos coletivos de indignação e esperança - um novo modelo de participação cidadã.

[Compre agora e leia](#)